



968 TEXTOS SELECIONADOS DA OBRA DE
JOHN STOTT

CRISTIANISMO

AUTÊNTICO

COMPILAÇÃO TIMOTHY DUDLEY-SMITH



“Esta obra apresenta condensações do pensamento de Stott sobre questões diversas. O livro será extremamente útil para expositores bíblicos que levam a sério seu ministério, ainda mais em um tempo em que, no Brasil, a saudável exposição do ensino bíblico por vezes tem sido lamentavelmente substituída por lições de psicologia popular e auto-ajuda.”

CARLOS CALDAS, professor na Escola Superior de Teologia e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie em São Paulo.

“Sinto-me honrado pela oportunidade de escrever algo sobre esta obra com escritos de John Stott. Afinal, trata-se de um cristão que é uma composição rara de pastor, pensador, expositor bíblico e autor consagrado. Trata-se de um presente para a literatura evangélica esta coletânea de textos de um autor que recomendo há 20 anos a meus alunos.”

JOSÉ HUMBERTO, pastor e professor no Centro de Estudos Teológicos do Vale do Paraíba em São José dos Campos (SP). Mestrando no Seminário Bíblico Palavra da Vida em Atibaia (SP).

Digitalizado e
editado
por
Emanuence digital





Cristianismo autêntico

Textos selecionados das obras de
JOHN STOTT

Apresentados por
TIMOTHY DUDLEY-SMITH

Cristianismo autêntico

968 textos selecionados da obra de John Stott

Tradução
Lena Aranha





©1995, John R. W. Stott
Título original: *Authentic Christianity*
Edição publicada por
INTERVARSITY PRESS
(Leicester, Inglaterra)



*Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
Editora Vida*

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS,
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da
Nova Versão Internacional (NVI),
©2001, publicada por Editora Vida,
salvo indicação em contrário.



EDITORA VIDA
Rua Júlio de Castilhos, 280
CEP 03059-000 São Paulo, SP
Tel.: 0 xx 11 6618 7000
Fax: 0 xx 11 6618 7050
www.editoravida.com.br
www.vidaacademica.net

Coordenação editorial: Solange Monaco
Edição: Noemi Lucília Ferreira
Revisão: João Guimarães e Josemar de Souza Pinto
Consultoria: Luiz Sayão
Diagramação: Efanet Design
Capa: Douglas Lucas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dudley, Timothy

Cristianismo autêntico : 968 textos selecionados das obras de John Stott /
Timothy Dupley ; tradução Lena Aranha — São Paulo : Editora Vida, 2006.

Título original: *Authentic Christianity*
ISBN 85-7367-858-5

1. Bíblia N.T. Atos dos Apóstolos I-III - Sermões 2. Sermões I. Título.

06-2427

CDD 252.058

Índice para catálogo sistemático:

1. Bíblia : Atos dos Apóstolos : Sermões : Cristianismo 252.058

Cristianismo autêntico — o cristianismo de Cristo e de seus apóstolos — é o cristianismo sobrenatural. Não é uma ética domesticada e inofensiva; não consiste em alguns chavões morais, temperados com uma pitada de religião. Antes, é a religião da ressurreição, o viver pelo poder de Deus.

Veja n. 731

Sumário

<i>Prefácio</i>	11
-----------------------	----

I. O Deus vivo

1. O Deus único e eterno	20
2. Criador e Pai	27
3. Justiça e amor	33

II. O Senhor Jesus Cristo

4. A Palavra tornou-se carne	40
5. Mestre e Senhor	48
6. O Reino dos céus	53
7. A singularidade de Cristo	59
8. A cruz de Jesus	64
9. Ressurreição e ascensão	77
10. O retorno em glória	85
11. Cristo, nosso contemporâneo	88

III. O Espírito Santo

12. A vinda do Espírito	94
13. O Espírito e o Filho	98
14. A obra do Espírito Santo	101
15. Batismo e plenitude	105
16. O cristão cheio do Espírito	108

IV. Revelação e Escrituras

17. A auto-revelação divina	114
18. "Deus tem falado..."	121
19. Autoridade bíblica	127
20. Ouvir e interpretar	139
21. Escrituras, razão e tradição	151
22. O estudo da teologia	157
23. Verdade e erro	164
24. A Palavra viva	174

V. O que significa ser humano

25. Quem sou eu?	182
26. Valor e dignidade do homem	186
27. Nossa natureza decaída	194
28. Amor-próprio	206
29. Mera religião	210

VI. Tão grande salvação

30. O evangelho cristão	214
31. Salvação plena	221
32. Justificação	226
33. Fé	233
34. Graça, misericórdia e paz	240
35. Lei e julgamento	245

VII. Tornar-se cristão

36. Escolhido e chamado	252
37. Conversão a Cristo	262
38. O novo nascimento	270

VIII. Vida cristã

39. Certeza cristã	280
40. Crescer e prosseguir	284
41. Vida no Espírito	291
42. Oração e Bíblia	300
43. Moralidade e santidade	306
44. Humildade e obediência	317
45. Vocação e serviço	327
46. Liberdade e autoridade	339
47. A mente cristã	343

IX. A Igreja de Deus

48. A nova comunidade de Deus	350
49. Palavra, adoração e sacramento	361
50. Ministros e ministério	377
51. A unidade da Igreja	396
52. Reforma da Igreja	403
53. A tradição evangélica	413

X. A todo o mundo

54. A missão cristã	422
55. A igreja serve	430
56. O chamado para evangelizar	435
57. A proclamação do evangelho	448

XI. O pensamento cristão quanto às questões sociais

58. Evangelismo e ação social	458
59. Cristianismo, religião e cultura	464

60. Política e Estado	473
61. Guerra, violência e pacificação	481
62. Trabalho, saúde, pobreza e direitos humanos	487
63. Gênero, sexualidade, casamento e divórcio	497

XII. O temporal e o eterno

64. Tempo, História e profecia	508
65. Milagres, cura e sofrimento	518
66. A realidade do mal	527
67. A esperança de glória	534

<i>Índice de fontes</i>	545
-------------------------------	-----

<i>Índice de assuntos</i>	559
---------------------------------	-----

Prefácio

Por mais de 50 anos, aquilo que John Stott vem escrevendo é publicado — o primeiro artigo apareceu em janeiro de 1954, quando ele era ainda estudante. Antes disso, suas únicas contribuições foram para revistas acadêmicas — desde essa época, seus escritos multiplicaram-se e em nossos dias chegam a mais de 30 livros, algumas centenas de folhetos, artigos e capítulos contendo material usado em simpósios. Seria uma tarefa descomunal rastrear por completo o histórico das traduções de suas obras: *Cristianismo básico* foi publicado em 50 idiomas, com outras 22 traduções em preparação.

Não é difícil perceber por que seus livros são tão procurados. Na verdade, com apenas uma simples mudança da quarta palavra da citação a seguir — “cartas” para “escritos” — é possível aplicar a si mesmo e aos leitores as descrições de John Stott no *Tyndale Commentary* [Comentário de Tyndale], feitas pelo autor e por estudiosos das cartas joaninas:

Os estudiosos das cartas de João provavelmente serão os que mais se beneficiarão delas; são aqueles que compartilham suas

preocupações com este autor, que englobam tanto os aspectos teológicos quanto os éticos. Para João, um pastor responsável por um grupo de igrejas locais mostra-se, acima de tudo, desejoso de ajudar os membros de sua comunidade a aprender a pensar e a viver de modo cristão. O fundamento do pensamento cristão deve ser a correta compreensão da pessoa de Jesus, o único ser divino-humano, e do fundamento da vida cristã, a evidente integridade da justiça e do amor.

A necessidade do “pensamento cristão” é um tema recorrente no ministério de ensino de John Stott, quer no London Institute, quer em suas viagens, quer em seus livros. *Pensamento cristão* seria um título possível para esta antologia, um empréstimo da obra seminal de Harry Blamires — *The Christian Mind* [A mente cristã]. O título realmente escolhido é uma combinação dos títulos de dois dos livros de John Stott — *The Authentic Jesus* [O Jesus autêntico] e *Cristianismo básico* —, para afirmar a proposta de que o cristianismo só é autêntico quando verdadeiramente bíblico. Não é preciso ler muitos dos escritos de John Stott para perceber que sua preocupação principal é ensinar e expor a fé revelada, como também interpretar a autoridade e a atemporalidade das Escrituras para o mundo contemporâneo; e uma coletânea como esta permite que o leitor chegue a essa conclusão.

A idéia para a elaboração deste livro fundamentou-se na antologia de C. S. Lewis — *A Mind Awake* [O despertar da mente], de Clyde Kilby. De modo semelhante a Kilby, reuni citações, de forma metódica, e organizei-as por títulos, a melhor maneira para revelar a mente de meu autor. É importante, no entanto, deixar claro que este livro não é uma teologia sistemática nem uma exposição completa e balanceada do pensamento e ensino de John Stott. Os textos selecionados, aqui citados, foram retirados de uma grande variedade de períodos e circunstâncias distintas, direcionados, com frequência, a diferentes públicos-alvo; não me

preocupe, de forma alguma, em verificar se algo incluído em cada um dos tópicos poderia, de forma razoável, aparecer, particularmente, em determinado capítulo. Tampouco senti ser necessário sempre incluir toda a classificação, ou mesmo todo o argumento correspondente. Para alcançar esses objetivos, como também para uma compreensão apropriada do autor, indico ao leitor as publicações originais de seus escritos. Meu único critério — sem dúvida, com exceções não relevantes — para ler ou reler tudo o que John Stott escreveu foi selecionar as citações reveladoras, as instrutivas, ou ainda e acima de tudo as que *estimulam à reflexão*. Gostaria, no entanto, que, se algo nestas páginas provocar divergência, o leitor não considere John Stott o responsável por isso, enquanto a passagem não for lida, em sua totalidade e em seu contexto, no original do qual foi extraída.

C. S. Lewis, ele mesmo um antologista (dos escritos de George Macdonald, por exemplo), tinha coisas pertinentes a dizer sobre o assunto, quando, em 1941, escreveu para a revista *Review of English Studies* a respeito do então recém-publicado *Oxford Book of Christian Verse*:

Com exceção da crítica textual, talvez não haja nenhuma atividade acadêmica em que o trabalho seja tão desproporcionado para a recompensa quanto a compilação de uma antologia. O trabalho colossal de ler tudo, ou quase tudo, de nossos sagrados poetas, desde Rolle até Ruth Pitter; de estimular uma atividade crítica que, antes do fim da tarefa, já terá fatigado tanto quanto o trabalho de um examinador; de buscar — o que jamais se alcança — exatidão na transcrição e leitura das provas; e cuja recompensa, em geral, é ver a escolha final ser criticada por aqueles que preparam as *reviews*, os quais não dedicaram um centésimo do tempo que o editor usou para analisar suas escolhas e os quais, talvez, pressuponham considerações que ele teve de abandonar após sérias reflexões. Descobri que sou um desses que elaboram essas *reviews*.

Acho possível que você descubra que é um desses leitores. Contudo, este livro terá atingido seu propósito se o remeter aos originais de John Stott, que podem estar em sua estante — ou para que algum deles seja a ela acrescentado.

Há ainda outras explicações necessárias. Por exemplo, a importância de uma verdade ou doutrina específica no espectro da compreensão teológica pode ter pouca relação com o espaço que a ela aqui é dedicado. John Stott escreveu uma obra fenomenal, provavelmente a melhor de suas obras — *A cruz de Cristo* — e esta foi bem representada. Seu escrito sobre a encarnação, ou sobre a ressurreição, é mais diverso. Mais uma vez, alguns desses textos podem parecer um tanto mais extensos do que aquilo que um leitor com tendência à brevidade possa desejar. Isso acontece porque os dons (e o interesse) de John Stott estão voltados mais para a exposição e análise contínuas e bem fundamentadas do que para as epigramas — embora haja epigramas memoráveis nestas páginas. Até certo ponto, o conteúdo não é determinado apenas pelos temas sobre os quais o autor escreveu de forma freqüente e minuciosa — as Escrituras, a pregação, o evangelho e a responsabilidade social, entre outros. Assim, alguns de seus mais valiosos e permanentes escritos podem apenas ser vislumbrados aqui (por exemplo, na série *The Bible Speaks Today* [A Bíblia fala hoje]), pois a maior parte desses escritos precisa ser lida minuciosamente, em seu contexto integral, com a passagem que expõe. Uma característica a mais de John Stott está bastante ausente nestas páginas: a habilidade em citar de forma persuasiva e envolvente uma variedade de escritores e, particularmente, de comentaristas seculares com suas percepções sobre o mundo contemporâneo. Ao fazer esta seleção, no entanto, tentei apresentar o escrito original do autor, em vez de sua capacidade de citar outros, por mais aptidão que ele tenha para isso. Quando Walter de la Mare escreveu *Winged Chariot* [Carruagem alada], sua reflexão a respeito da natureza do tempo, ele adornou o livro, conforme parecia o caso, com citações das

mais diversas fontes, embora, na verdade, muitas delas tenham sido elaboradas por ele mesmo, para que servissem particularmente a seus propósitos. Espero que o *Índice de fontes* seja garantia suficiente de que, embora não haja muitos exemplos do uso que John Stott faz das citações contidas nesta antologia, todas as passagens aqui incluídas sejam de seu próprio punho!

Sem dúvida, também, a classificação adotada nestas 12 seções pode parecer um tanto arbitrária: vários dos textos que nelas figuram poderiam muito bem ser incluídos sob determinado número de títulos. Algumas vezes, quando o ponto é relevante e importante e ocorre mais de uma vez nos escritos de John Stott, ele será encontrado com palavras levemente distintas em capítulos diferentes deste livro. Para o leitor que prefere fazer sua leitura na hora de dormir, creio que isso não signifique nenhuma perda; e para alguém que faça referência a este livro para um propósito específico, será um ganho. Na verdade, é difícil descrever exatamente o tipo de leitor para o qual esta antologia é direcionada. Procurei selecionar itens que pudessem ser menos que autoesclarecedores para os leitores em geral — mas, obviamente, todos nós começamos com níveis distintos de formação e conhecimento, e, inevitavelmente, há um número específico de tópicos relacionados mais com os estudos da teologia do que com o discipulado do dia-a-dia. Se alguns deles parecem tão autoesclarecedores a ponto de valer a pena repeti-los, não posso fazer nada, a não ser uma vez mais lançar mão de C. S. Lewis. Quando escreveu para Dom Bede Griffiths, em 1939, ele ressaltou este ponto, que seria repetido dois anos mais tarde em *Cartas de um diabo a seu aprendiz*:¹

O processo de viver parece consistir em perceber verdades tão antigas e simples que, se fossem expressadas, soariam como

¹C. S. LEWIS. *Cartas de um diabo a seu aprendiz*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

chavões enfadonhos. Elas não podem soar de outra maneira para aqueles que não tiveram a experiência relevante: essa é a razão pela qual não existe ensinamento verdadeiro de tais verdades possíveis, e toda geração começa do zero...

Contudo, ousar esperar que este livro desempenhe para alguém um papel eficaz no aprendizado dessas verdades. Todos nós, de tempos em tempos, precisamos recordar os princípios básicos da vida espiritual, os quais, de maneira ingênua, pensamos ter superado há muito tempo. No entanto, se determinado texto nada tem a dizer-lhe, prossiga na leitura!

As citações são retiradas das edições originais dos livros, exceto nos casos em que uma nova edição tenha suplantado a original. O estilo, em relação ao uso de maiúsculas em pronomes referentes à divindade, foi padronizado; mas as citações bíblicas são da NVI, salvo indicação em contrário. De modo similar, como esses textos estendem-se por mais de 50 anos de publicações, eles demonstram uma considerável diferença de uso em questões como linguagem inclusiva das pessoas; e essas diferenças foram preservadas em fidelidade aos originais. A fonte de cada texto é dada de forma abreviada, conforme o ano da publicação, e está vinculada à sua referência no *Índice de fontes*, na página 557 e seguintes. Por exemplo, no caso do texto 1, a fonte fornecida é “1971a:11”. Reporta-se, desse modo, o leitor ao subtítulo “1971” no *Índice de fontes* e ao título “a” daquele subtítulo, a saber, *Cristianismo básico*. O número final, 11, refere-se à página do original.

Procurei apresentar o mínimo possível de notas de rodapé e em geral omiti as referências bíblicas, exceto quando necessárias para a compreensão de uma passagem. Na verdade, a maior razão para remeter o leitor interessado aos originais é que o pensamento de John Stott, em seus livros, parece depender de um formidável peso dado às referências das Escrituras, como também nelas apoiar-se.

Como este é um livro que busca atingir um público bastante abrangente, tomei a liberdade de fazer pequenos ajustes para o formato preciso do texto, sem a inclusão de colchetes *etc.*, para indicar a alteração. Na maioria dos casos, essas alterações consistem na remoção de referências desnecessárias a argumentos precedentes ou ao contexto específico do qual o texto foi extraído. Mas creio que fui meticuloso nesse tipo de edição, cujo objetivo é assegurar a facilidade da leitura, a fim de não interpretar equivocadamente o original. Referências mais completas aos escritos de John Stott podem ser encontradas em meu livro *John R. W. Stott: A Comprehensive Bibliography* [John R. W. Stott: uma bibliografia abrangente].

Agradeço especialmente a John Stott, aos vários editores que deram sua respectiva permissão e ao editor deste livro — Jo Bramwell, da Inter-Varsity Press, que fez o cuidadoso trabalho de editoração — tornar possível a publicação desta antologia. Espero que ela sirva para apresentar alguns novos leitores aos livros e artigos aqui citados.

Ford, 1994

TIMOTHY DUDLEY-SMITH

I. O Deus vivo

- 1. O Deus único e eterno**
- 2. Criador e Pai**
- 3. Justiça e amor**

1

O Deus único e eterno

1. No princípio

Você jamais pode pegar Deus de surpresa. Jamais pode antecipar-se a ele. O primeiro movimento é sempre feito por ele. Ele está sempre lá “no princípio”. Antes de o homem existir, Deus agia. Antes de o homem se mover para buscar a Deus, Deus já buscou o homem. Na Bíblia, não vemos o homem procurando alcançar a Deus, mas vemos Deus alcançando o homem.

(1971a:11)

2. A visão divina

A visão que precisamos ter é a de Deus, o Deus de toda a revelação bíblica; o Deus da Criação, que fez todas as coisas agradáveis e boas e que fez o homem e a mulher à sua imagem para subjugar o mundo; o Deus da aliança da graça, que, apesar da rebelião humana, está chamando as pessoas para si mesmo; o Deus de compaixão e justiça, que odeia a opressão e ama o oprimido; o Deus da encarnação, que se fez fraco, pequeno, limitado

e vulnerável e que participou de nossa dor e alienação; o Deus da ressurreição, ascensão e Pentecoste, e, portanto, do poder e autoridade universais; o Deus da Igreja ou da comunidade do Reino, com a qual ele se comprometeu para sempre; o Deus da História, que trabalha de acordo com um plano em direção à conclusão; o Deus do *eschaton*, que um dia fará novas todas as coisas.

Aqui não há espaço para o pessimismo, tampouco para a apatia. Há lugar apenas para a adoração, para a fé que permanece na expectativa e para a obediência prática em testemunho e serviço. Pois, uma vez que tenhamos visto a glória de nosso Deus e a grandeza de sua comissão, podemos apenas responder: “Não fui desobediente à visão celestial”.

(1978c:182)

3. Atividade soberana, incessante e com propósito

Talvez o tema dominante em toda a Bíblia seja a atividade soberana, incessante e com propósito do Deus todo-poderoso. Em contraste com os ídolos, que têm olhos, ouvidos, boca e mãos, mas não podem ver, falar e agir, nosso Deus é um Deus vivo e muito ocupado.

De forma dramática e figurativa, a Bíblia não deixa a menor sombra de dúvida sobre isso. A respiração de todas as criaturas está em suas mãos. O trovão é sua voz, e o raio, seu fogo. Ele faz o sol brilhar e a chuva cair. Alimenta os pássaros e veste os lírios do campo. Faz das nuvens sua carruagem, e dos ventos, seu mensageiro. Faz a grama crescer. Suas árvores são bem regadas. Ele acalma a fúria do mar. Guia os negócios das pessoas e das nações. Os poderosos impérios da Assíria e da Babilônia, do Egito e da Pérsia, da Grécia e de Roma estavam sob seu domínio. Ele chamou Abraão em Ur. Libertou os israelitas no Egito, guiou-os pelo deserto e estabeleceu-os na terra prometida. Ele deu a seu povo juízes e reis, sacerdotes e profetas. Por fim, enviou seu único filho ao mundo para aqui viver, ensinar, morrer e ressuscitar.

(1991e:59)

4. Deus da racionalidade

Toda pesquisa científica fundamenta-se na convicção de que o Universo é um sistema inteligível e cheio de sentido. Há uma correspondência fundamental entre a mente do investigador e os dados investigados; e essa correspondência é a racionalidade. Por conseguinte, quando “um cientista se depara com uma aparente irracionalidade, ele não a aceita como final... Ele continua lutando para buscar alguma forma racional por meio da qual os fatos possam se relacionar uns com os outros... Sem essa fé apaixonada na racionalidade suprema do mundo, a ciência hesitaria, estagnaria e morreria...”¹ Não é por acaso, portanto, que os pioneiros da revolução científica eram cristãos. Eles acreditavam que o Deus racional estampara a sua racionalidade tanto no mundo quanto neles.

(1992b:115)

5. Soberania imperturbável

“Do seu trono nos céus o Senhor põe-se a rir e caçoa deles” (Sl 2.4). Não precisamos ficar ofendidos com esse antropomorfismo. O “riso” e o “desdém” de Deus são imagens extremamente dramáticas de sua soberania imperturbável contra a qual o violento antagonismo do homem, em sua impotência, parece ridículo.

(1966b:65)

6. Deus é muito religioso?

Nosso Deus, com freqüência, é muito pequeno, porque é muito religioso. Imaginamos que o seu principal interesse seja a religião — prédios religiosos (igrejas e capelas), atividades religiosas (adoração e ritual) e livros religiosos (Bíblia e livros de oração). Obviamente, ele se preocupa com essas coisas, mas apenas

¹Leslie NEWBIGIN. *Foolishness to the Greeks*. SPCK, 1986, p. 70.

se estiverem relacionadas com a vida integral. De acordo com os profetas do Antigo Testamento (AT) e com os ensinamentos de Jesus, Deus é muito crítico em relação à “religião”, se ela significar serviços religiosos separados da vida real, do serviço amoroso e da obediência moral proveniente do coração.

(1990a:15)

7. Deus em sua plenitude

O discurso no Areópago revela a abrangência da mensagem de Paulo. Ele proclamou Deus em sua plenitude, como Criador, Sustentador, Governante, Pai e Juiz. Ele utilizou toda a natureza e toda a História. Fez uma revisão sobre todas as épocas, desde a Criação até a consumação dos tempos. Enfatizou a grandeza de Deus, não apenas como o princípio e fim de todas as coisas, mas também como aquele a quem devemos nossa existência e a quem devemos prestar contas. Argumentou que os seres humanos já sabem dessas coisas pela revelação natural ou geral e que a ignorância e a idolatria são, portanto, indesculpáveis. Assim, ele os chamou, com grande veemência, ao arrependimento, antes que fosse muito tarde para eles.

(1990b:290)

8. Unidade e Trindade

Deus é, ao mesmo tempo, um e três. Ele é o *Deus único...*, *Pai, Filho e Espírito Santo*. Não há dúvida quanto à sua unidade. Os cristãos afirmam isso de forma tão veemente quanto os judeus ou os muçulmanos. “ ‘... O SENHOR, o nosso Deus, é o único SENHOR’ ” (Dt 6.4). Ele diz: “Eu sou o SENHOR, e não há nenhum outro; além de mim não há Deus...” (Is 45.5). A unidade da Trindade é fundamental para todo o evangelismo. É porque há um “único SENHOR” que ele exige e merece a submissão total de toda a humanidade. Não obstante, esse Deus único

revelou-se em três estágios (primeiro, como o Deus de Israel; depois, como o Senhor encarnado; e, a seguir, como o Espírito Santo), a fim de demonstrar que ele existe eternamente nesses três modos pessoais do ser. Assim, o Jesus ressurreto ordenou que batizássemos os convertidos “... em nome [observe o singular] do Pai e do Filho e do Espírito Santo...” (Mt 28.19).

(1975d:5)

9. A Bíblia trinitária

A compreensão cristã da Bíblia é essencialmente uma compreensão trinitária. A Bíblia vem de Deus, centra-se em Cristo e é inspirada pelo Espírito Santo. A melhor definição da Bíblia, portanto, é também trinitária: “A Bíblia é o testemunho do Pai para o Filho, por intermédio do Espírito Santo”.

(1982a:36)

10. Fé centrada em Cristo

É verdade que a fé cristã é uma fé trinitária. Cremos em Deus como Criador, Sustentador e Pai. Cremos, também, no Espírito Santo como Espírito da verdade que falou por intermédio dos profetas e apóstolos e que santifica o povo de Deus. Entretanto, acima de tudo, nosso testemunho é direcionado a Jesus Cristo, Filho do Pai e doador do Espírito, que foi concebido, nasceu, viveu e foi crucificado, morto e sepultado, desceu ao mundo dos mortos, ressuscitou, ascendeu aos céus, reina e voltará para julgar. A desproporção das orações no Credo Apostólico exibe claramente a natureza da fé cristã centrada em Cristo; apenas três delas relacionam-se à obra do Espírito, mas 13 falam do Filho.

(1985:9)

11. Deus é luz

De todas as afirmações sobre a essência de Deus, nenhuma é mais abrangente que esta: *Deus é luz*. Revelar-se faz parte da

natureza divina, como brilhar é propriedade da luz; e a revelação é de pureza perfeita e majestade inexprimível. Temos de conceber Deus como um ser pessoal, infinito em toda sua perfeição e transcendência — “... o Alto e Sublime, que vive para sempre, e cujo nome é santo...” (Is 57.15) — que, no entanto, deseja ser conhecido e, portanto, revelou-se.

(1988g:75)

12. Por que Deus não é sempre conhecido

Podemos dizer, portanto, que assim como brilhar é da natureza da luz, também é da natureza de Deus revelar-se. É verdade dizer que ele se oculta dos altamente sábios e cultos, mas isso somente porque são orgulhosos e não querem conhecê-lo; ele se revela aos “pequeninos”, isto é, às pessoas suficientemente humildes para acolher a revelação que ele fez de si mesmo (Mt 11.25,26). A razão principal por que as pessoas não conhecem Deus não é porque ele se oculta delas, mas sim porque elas se escondem dele.

(2003:99)

13. A constância de Deus

As Escrituras têm vários modos de chamar a atenção para a constância divina, e em especial de acentuar que, quando Deus é obrigado a julgar os pecadores, ele o faz porque deve, se deseja permanecer fiel a si mesmo.

(1991a:112)

14. Buscar a Deus

Precisamos deixar de lado a apatia, o orgulho, o preconceito e o pecado para buscar a Deus, sem levar em conta as conseqüências. De todos esses impedimentos para a busca de Deus, os últimos dois são os mais difíceis de ser superados — o preconceito intelectual e o autodesejo, isto é, o pecado. Tanto um quanto

o outro são expressões do medo, e o medo é o maior inimigo da verdade. O medo faz paralisar a nossa busca. Sabemos que encontrar a Deus e aceitar a Jesus Cristo seria uma experiência inconveniente. Isso envolveria o repensar de toda a nossa perspectiva de vida e o reajustar de toda a nossa maneira de viver. E é a combinação da covardia intelectual e moral que nos faz hesitar. Não encontramos porque não buscamos; não buscamos porque não queremos encontrar; e sabemos que, para ter a certeza de que não encontraremos, não devemos buscar.

(1971a:18)

2

2

Criador e Pai

15. Deus, o Criador

Deus, o Criador, é o Senhor de sua Criação. Ele não abdicou de seu trono. Ele governa aquilo que criou. Nenhum cristão pode ter uma visão mecanicista da natureza. O Universo não é uma máquina que opera por meio de leis inflexíveis, e, tampouco, Deus fez leis às quais ele se encontra agora escravizado... Ele está vivo e age em seu Universo...

(1988e:101)

16. A constância divina

A lei natural não é uma alternativa para a ação divina, mas uma forma útil de referir-se a ela. As assim chamadas leis naturais simplesmente descrevem a uniformidade que os cientistas observaram. E os cristãos atribuem essa uniformidade à constância de Deus. Além disso, ser capaz de explicar um processo cientificamente é, sem dúvida, explicar Deus; antes (nas famosas palavras do astrônomo Kepler), é “pensar os pensamentos de Deus da

forma que ele os concebeu” e começar a compreender sua maneira de trabalhar.

(1970b:59)

17. A palavra criativa

Deus criou todas as coisas por meio de *seu desejo soberano*. Isso é tudo o que eu me importaria de dizer de forma dogmática sobre *o modo* de Deus na Criação, os meios empregados por ele para trazer as coisas à existência.

Os cristãos ainda diferem uns dos outros em seus pontos de vista sobre a Criação e a evolução. Mas todos os cristãos devem concordar que, qualquer que seja o modo preciso empregado por Deus, todas as coisas passam a existir pelo poder de seu desejo. Um dos mais significantes refrãos do primeiro capítulo de Gênesis é *Disse Deus...*; “Disse Deus: ‘Haja luz’, e houve luz”; “Depois disse Deus: ‘Haja entre as águas um firmamento’... E assim foi”. Bem, essa palavra criativa de Deus foi uma expressão de sua vontade, a fim de que as hostes celestiais sejam representadas na revelação como adorando a Deus, em parte por esta razão: “... porque criaste [o Senhor e Deus] todas as coisas, e *por tua vontade* elas existem e foram criadas”.

(1962a:9)

18. Criação e mordomia

O Deus vivo da Bíblia é o Deus da Criação e da redenção, e ele se preocupa com o nosso bem-estar total. Para dizer isso de outra forma, os teólogos mais antigos costumavam dizer que Deus escreveu dois livros: um chamado “natureza”, e o outro, “Escrituras”, por meio dos quais ele se revelou. Além do mais, ele nos deu esses dois livros para que os estudássemos. O estudo da ordem natural é “ciência”, e o da revelação bíblica, “teologia”...

O povo cristão certamente deveria estar na vanguarda dos movimentos ligados à responsabilidade ambiental, graças às doutrinas

da Criação e da mordomia. Deus fez o mundo? Ele o sustenta? Ele confiou os recursos do mundo aos nossos cuidados? A preocupação pessoal do Senhor com sua Criação deveria ser suficiente para nos inspirar a estar igualmente preocupados.

(1993b:ix)

19. O Deus das lacunas

O Deus do cristão bíblico já foi algumas vezes denominado de “o Deus das lacunas”, pois se supõe que recorremos a ele apenas quando não conseguimos preencher a *lacunae* em nosso conhecimento. Agora que a descoberta científica está reduzindo paulatinamente o número dessas lacunas, conforme prossegue o argumento, Deus está sendo colocado de lado. Um dia, não haverá lacunas, e, então, seremos capazes de dispensá-lo totalmente. Muito antes de a teologia a respeito “da morte de Deus”, atualmente em voga, ter sido concebida, essa noção já havia sido expressada. Em um manifesto adotado pela Liga Secularista, em Liège, em 1865, afirmou-se que “a ciência tornou Deus desnecessário”.

O supremo desvirtuamento dessa ousada afirmação, a saber, de que as lacunas foram preenchidas e, portanto, foi possível dispensar Deus, é que há, pelo menos, duas lacunas tão profundas que jamais serão preenchidas pela engenhosidade humana. A primeira é o abismo existente entre Deus e o homem, causado pelo pecado do homem e o julgamento desse pecado por Deus; a segunda é o abismo existente entre o que o homem é e o homem ideal, como Deus o concebeu. Tecnicamente, não é possível transpor essas lacunas, e tampouco a educação secular pode nos ensinar a construir as nossas próprias pontes. Só Deus pode atravessar esse grande abismo. E ele, em Cristo, tomou a iniciativa de fazer isso.

(1967e:44)

20. Criador, Rei e Pai

A doutrina de Deus como Pai universal não foi ensinada por Cristo nem pelos apóstolos. Deus realmente é o Criador universal, pois trouxe à existência todas as coisas; ele é o Rei universal que governa e sustenta tudo o que fez. Contudo, ele é apenas o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo e daqueles que ele adotou em sua família por intermédio de Cristo. Se desejamos ser filhos de Deus, precisamos nos tornar seus filhos “... mediante a fé em Cristo Jesus” (Gl 3.26). Esse texto parece ser mais bem traduzido na versão menos familiar: “... pela fé em Cristo Jesus” (ARC). É por meio da fé que estamos em Cristo, e é pelo estar em Cristo que somos filhos de Deus.

(1968c:99)

21. A potencial paternidade

A paternidade universal de Deus e a irmandade universal dos homens, de que muito ouvimos falar, são potenciais, e não reais. Elas não podem existir antes que todo homem e toda mulher se submetam a Jesus Cristo e nasçam de novo.

(1991e:60)

22. O Deus das alianças

A compreensão da Bíblia é impossível sem a compreensão das duas alianças. Afinal, a Bíblia é dividida em duas partes — o AT e o NT — que dizem respeito às alianças, a antiga e a nova, respectivamente. A aliança é um acordo solene entre Deus e os homens, por meio do qual ele faz dos homens o seu povo e promete a eles ser o seu Deus. O Senhor estabeleceu a antiga aliança por intermédio de Moisés, e a nova, por intermédio de Cristo, cujo sangue ratificou-a. A antiga aliança, a mosaica, estava fundamentada na Lei; mas a nova, a cristã, prefigurada por Abraão e profetizada por Jeremias, fundamenta-se em promessas. Na Lei, Deus

confiou a responsabilidade ao homem, quando disse: “ ‘Não farás...’ ”; na promessa, Deus assume a responsabilidade, e diz: “Eu farei”.

(1968c:124)

23. Um Deus zeloso!

Está escrito que o Senhor, “... cujo nome é Zeloso, é de fato Deus zeloso” (Êx 34.14). Bem, zelo, ou ciúme, é o ressentimento de rivais; se o zelo é bom ou mau, depende de o rival exercer alguma influência sobre a pessoa com quem eventualmente compete. Ser zeloso em relação a alguém que ameaça nos sobrepujar em beleza, inteligência e habilidade física é pecaminoso, pois não podemos pretender ter o monopólio do talento nessas áreas. De outro lado, se uma terceira pessoa se envolve em um casamento, o zelo da pessoa injuriada, aquela que está sendo desprezada, é compreensível, pois o intruso não tem direito de estar ali. O mesmo acontece com Deus, que diz: “ ‘Eu sou o SENHOR; este é o meu nome! Não darei a outro a minha glória nem a imagens o meu louvor’ ” (Is 42.8). Nosso Criador e redentor tem direito a nossa lealdade exclusiva, e é “zeloso”, quando transferimos a glória e o louvor para outra pessoa ou outra coisa.

(1990b:278)

24. Deus e a difícil situação humana

“O homem atingir a maturidade”, em um mundo tecnológico, significa que esse homem ainda está em pecado e sob julgamento; que esse homem é escravo de suas paixões e incapaz de salvar a si mesmo.

Ao contrário do que, com frequência, afirma-se hoje em dia, muitas pessoas ainda têm consciência de sua difícil situação humana. Deixe-me dar um exemplo. Um amigo meu, na Segunda Guerra Mundial, era subtenente e servia como navegador no

destróier *Eclipse*, da Marinha britânica. Ele me contou que não havia possibilidade de escapar de quatro realidades. A primeira era a realidade de que ele tomara grandes resoluções para livrar-se do pecado, apenas para ser humilhado pelas repetidas falhas. A segunda era que ele sabia haver quebrado as leis de Deus. Costumava ser surpreendido com o pensamento de que, se “os regulamentos do rei e as instruções do Ministério da Marinha” eram considerados grande honra, com várias penalidades imutáveis, Deus tinha de ser, pelo menos, tão justo quanto o rei e os lordes do Ministério da Marinha. A terceira realidade era que seu senso de responsabilidade para com Deus aumentava quando ele ficava de sentinela, sozinho, e se lembrava do desagradável fato de que a morte estava, possivelmente, muito próxima. A quarta era a realidade de que sua consciência de pecado e necessidade aumentava pelos cenários que inspiravam admiração em relação à Criação: “Se o Deus a quem tenho de prestar contas criou as vastas ondas do Atlântico que nos carregavam para cima e para baixo com força tão irresistível, quão maior era aquele contra quem eu sabia que pecara. De sentinela, à noite, a serenidade e eternidade das estrelas também falavam desse mesmo Deus poderoso e indescritível”.

(1967e:45)

28

3

Justiça e amor

25. A justiça de Deus

“A justiça de Deus” pode ser concebida como um atributo divino — nosso Deus é um Deus justo —, ou uma atividade — ele vem em nosso resgate —, ou uma realização — ele nos confere a posição de justos. Esses três aspectos são verdadeiros e foram sustentados por diferentes estudiosos; algumas vezes, sustentou-se a relação desses aspectos entre si. Jamais fui capaz de compreender por que temos de escolher e por que não é possível combinar esses três aspectos... já que todos eles, simultaneamente, são uma qualidade, uma atividade e um dom.

(1994:63)

26. A santidade de Deus e a pecaminosidade humana

A santidade de Deus é o fundamento da religião bíblica. Também é o corolário de que o pecado é incompatível com a santidade de Deus. Os olhos dele são puros demais para contemplar o mal, e ele não pode tolerar o erro. Os nossos pecados efetivamente, portanto, nos separam dele, de modo que o seu rosto

está escondido de nós, e ele se recusa a ouvir as nossas orações (Hc 1.13; Is 59.1ss).

(1991a:92)

27. Comunhão com Deus

A auto-revelação de Deus é ética, e não pode haver comunhão com ele sem justiça.

(1988g:47)

28. Onipotência coerente

A idéia de que pode haver algo que Deus “não possa” fazer é totalmente estranha para algumas pessoas. Ele não pode fazer qualquer coisa e tudo? Não são todas as coisas possíveis para ele? Ele não é onipotente? Sim, mas a onipotência de Deus precisa ser compreendida. Deus não é um tirano totalitário que exercita seu poder arbitrariamente e faz de maneira absoluta qualquer coisa. A onipotência de Deus é a liberdade e o poder para fazer absolutamente aquilo que ele escolha fazer. Mas ele escolhe apenas fazer o bem, trabalhar apenas de acordo com a perfeição de seu caráter e desejo. Deus pode fazer tudo que seja coerente com ele mesmo. A única coisa que ele não pode fazer, porque ele jamais fará isso, é negar a si mesmo ou agir de forma contrária a si mesmo. Deus, portanto, permanece para sempre ele mesmo, o mesmo Deus de misericórdia e justiça, cumprindo suas promessas (quer de bênçãos quer de julgamento), dando-nos vida, se morrermos com Cristo, e um Reino, se perseverarmos, mas ele nos negará se o negarmos, conforme nos advertiu, pois não pode negar-se a si mesmo.

(1973b:64)

29. A prova do amor

O fundamento objetivo para crer que Deus nos ama é histórico. Diz respeito à morte de seu Filho na cruz: “Mas Deus

demonstra seu amor por nós: Cristo morreu a nosso favor quando ainda éramos pecadores” (Rm 5.8). O fundamento subjetivo para crer que Deus nos ama é experimental. Não é na História, mas na experiência. Não diz respeito à morte de Cristo, mas ao dom do Espírito Santo em nós.

(1966c:22)

30. Amor e ira

Na verdade, o homem é, ao mesmo tempo, objeto do amor e da ira de Deus. O Deus que condena o homem por sua desobediência já planejou a maneira para justificá-lo. Três versículos no primeiro capítulo de Romanos resumem essa verdade. O apóstolo Paulo escreve: “[O] evangelho... é o poder de Deus para a salvação... Porque no evangelho é revelada a justiça de Deus [isto é, a maneira de Deus fazer que os pecadores se ajustem a ele]... Portanto, a ira de Deus é revelada dos céus contra toda impiedade e injustiça dos homens...” (Rm 1.16-18). Não se explica exatamente como a ira de Deus está sendo revelada do céu contra o pecado; provavelmente, Paulo se refere ao processo amedrontador da deterioração moral que trabalha em pecadores obstinados a quem Deus abandonou à própria obstinação, algo que ele descreve no fim do capítulo. Mas, se a ira de Deus é vista na corrupção do homem e da sociedade, seu remédio para o pecado é visto no evangelho. Há, portanto, duas revelações de Deus. Sua justiça (ou o caminho para a salvação) é revelada no evangelho, porque sua ira é revelada do céu contra toda injustiça. O Deus da Bíblia, assim, é um Deus de amor e de ira, de misericórdia e de julgamento. E toda a inquietude, busca de prazer e escapismo que marcam a vida do homem em todas as épocas e no mundo todo são sintomas da alienação que decorre do castigo divino.

(1967e:42)

31. O caráter de Deus

A ira de Deus não é incompatível com o seu amor. O contraste entre os versículos 3 e 4 de Efésios 2 é notável: “... éramos por natureza merecedores da ira... Todavia, Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou...”. Assim, Paulo passa da ira de Deus para a misericórdia e o amor de Deus sem qualquer senso de embaraço, sem qualquer tropeço. Ele é capaz de manter, juntos, em sua mente esses dois conceitos; acreditava que ambos faziam parte do caráter de Deus.

(1979e:75)

32. O juiz e o amigo

Pois Deus não está dividido, por mais que se nos pareça que sim. Ele é “Deus de paz”, de tranquilidade interior, e não de agitação. É verdade que achamos difícil conter em nossa mente, simultaneamente, as imagens de Deus como juiz que deve punir os malfeitores e como o amigo que deve encontrar um modo de perdá-los. Contudo, ele é tanto um quanto o outro, ao mesmo tempo.

(1991a:118)

33. A natureza da ira

A ira de Deus não é arbitrária nem mantida por capricho. Ela não se assemelha às paixões imprevisíveis e às revanches pessoais dos deuses pagãos. Ao contrário, representa seu antagonismo bem estabelecido, controlado e santo contra todo mal.

(1988g:88)

34. Libertação do julgamento

A ira de Deus não é nem um processo de causa e efeito (conforme alguns estudiosos argumentam) nem uma explosão de temperamento apaixonado, arbitrário e vingativo; mas seu santo e intransigente antagonismo diante do mal, com o qual ele se

recusa a negociar. Um dia, seu julgamento virá. E Jesus é o nosso libertador desse terrível acontecimento.

(1991d:42)

35. Propiciação cristã

Obviamente, a ira de Deus não é como a ira humana, nem a propiciação de Cristo é semelhante às propiciações pagãs. Mas assim que todos os elementos indignos forem eliminados, a saber, o conceito da ira arbitrária de uma divindade vingativa que deve ser aplacada por torpes ofertas humanas, recebemos a propiciação cristã na qual o amor de Deus enviou seu Filho querido para acalmar sua própria ira santa contra o pecado (1Jo 2.2; 4.10).

(1975c:103)

36. A propiciação e a cruz

Não devemos evitar o uso da palavra “propiciação” em relação à cruz; tampouco devemos deixar de utilizar a palavra “ira” em relação a Deus. Ao contrário, devemos lutar para reclamar e reintegrar essa linguagem ao mostrar que a doutrina cristã da propiciação é totalmente diferente das superstições pagãs ou animistas. A necessidade, o autor e a natureza da propiciação cristã são distintos.

Primeiro, a necessidade. Por que a propiciação é necessária? A resposta pagã é que os deuses são mal-humorados, sujeitos às disposições de humor e aos acessos, além de serem caprichosos. A resposta cristã é que a ira santa de Deus repousa sobre o mal. Não há nada inescrupuloso, imprevisível e descontrolado em relação à ira de Deus. Ela se manifesta apenas em relação ao mal.

Segundo, o autor. Quem se encarrega de fazer a propiciação? A resposta pagã é que somos nós que devemos realizá-la. Ofendemos os deuses; portanto, devemos acalmá-los. Em contraste, a resposta cristã é que não podemos aplacar a ira justa de Deus.

Não temos quaisquer condições para fazer isso. Deus, porém, em seu amor, do qual não somos dignos, fez por nós aquilo que jamais poderíamos fazer por nós mesmos. “*Deus o ofereceu* [Cristo] como sacrifício para propiciação...” (Rm 3.25; grifos do autor). João escreveu algo similar: “... Deus... nos amou e enviou seu Filho como propiciação (*hilasmos*) pelos nossos pecados” (1Jo 4.10). O amor, a idéia, o propósito, a iniciativa, a ação e o dom são todos provenientes de Deus.

Terceiro, a natureza. Como a propiciação foi realizada? O que é o sacrifício propiciatório? A resposta pagã é que devemos adular os deuses com ofertas de doces e vegetais, sacrifícios animais e até mesmo sacrifícios humanos. O sistema sacrificial do AT era totalmente diferente, uma vez que reconhecia que Deus mesmo “dava” o sacrifício para que seu povo fizesse expiação (e.g., Lv 17.11). E isso fica claro, sem a menor sombra de dúvida, na propiciação cristã, pois Deus entregou seu próprio Filho para morrer em nosso lugar, e, ao dar seu Filho, ele se deu a si mesmo (Rm 5.8; 8.32).

Em suma, seria difícil exagerar nas diferenças entre as concepções pagãs e cristãs de propiciação. Na perspectiva pagã, os seres humanos tentam aplacar suas mal-humoradas divindades com suas torpes ofertas. De acordo com a revelação cristã, o grande amor de Deus tornou propícia sua santa ira por meio da dádiva de seu Filho amado, que tomou nosso lugar, suportou nosso pecado e morreu nossa morte. Portanto, Deus mesmo se deu a si mesmo para nos salvar dele mesmo.

(1994:114)

II. O Senhor Jesus Cristo

- 4. A Palavra tornou-se carne**
 - 5. Mestre e Senhor**
 - 6. O Reino dos céus**
 - 7. A singularidade de Cristo**
 - 8. A cruz de Jesus**
 - 9. Ressurreição e ascensão**
 - 10. O retorno em glória**
- 11. Cristo, nosso contemporâneo**

4

A Palavra tornou-se carne

37. Jesus de Nazaré

Se você acha difícil acreditar em Deus, recomendo veementemente que não comece sua busca com questões filosóficas sobre a existência e natureza de Deus, mas que inicie essa busca com Jesus de Nazaré. A maioria das pessoas, como eu, sente-se em solo mais seguro quando pensa e fala de Jesus Cristo. O conceito de Deus, como ele é em si mesmo, está além de nossa compreensão. Contudo, com Jesus de Nazaré lidamos com uma personagem histórica. Além disso, acreditamos que esse era o propósito de Deus. Deus mesmo é infinito em seu ser e está totalmente além de nosso alcance e percepção. Essa é a razão pela qual ele tomou a iniciativa de revelar-se — pois, de outra forma, jamais poderíamos conhecê-lo. O ápice de sua auto-revelação foi a encarnação de seu Filho. Deus quer que nos aproximemos dele por intermédio de Jesus Cristo, e não por outro qualquer caminho. Portanto, se você não pode acreditar em Deus, deixe-me persuadi-lo a ler os quatro Evangelhos que narram a história de Jesus. Surpreende-me a quantidade de pessoas inteligentes que, desde que

eram crianças e freqüentavam a escola, não lêem o Evangelho. Entretanto, se você ler novamente a história de Jesus como alguém que busca de forma sincera e humilde, Jesus Cristo é capaz de revelar-se a você e, dessa forma, fazer que Deus se torne o Pai real para você.

(1962c)

38. A sabedoria divina

Em nossa busca por sabedoria, não podemos nos limitar ao AT ou à literatura de sabedoria. Devemos voltar-nos também para seu cumprimento em Jesus Cristo. Ele se fez sabedoria para nós, e nele encontram-se todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento. Especialmente a cruz, a sabedoria e o poder de Deus, que é loucura para o orgulhoso. As duas principais bênçãos da morte e ressurreição de Jesus são o conhecimento de Deus e a libertação do mal. Assim, voltamos ao ponto onde iniciamos: o temor ao Senhor, que é sabedoria; e o desviar-se do mal, que é entendimento.

(1988c:26)

39. O mediador de Deus

Instintivamente, sabemos que não podemos enquadrar Deus em nenhuma estrutura conceitual concebida por nós mesmos. Se achamos que fomos bem-sucedidos nessa tarefa, o que temos em nosso enquadramento não é Deus. Nossa mente não pode concebê-lo e, muito menos, contê-lo. “ ‘Pois os meus pensamentos não são os pensamentos de vocês, nem os seus caminhos são os meus caminhos’, declara o SENHOR. ‘Assim como os céus são mais altos do que a terra, também os meus caminhos são mais altos do que os seus caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os seus pensamentos’ ” (Is 55.8,9).

Até mesmo os rápidos lampejos que temos dele, quando ele passa por nós nos momentos de êxtase ou de dor, de beleza ou de maravilhamento, de bondade ou de amor, deixam-nos totalmente atordoados pela completude dessa realidade que está além de nós. Ainda assim, esses lampejos são em si mesmos uma forma de “mediação”. Pois eles são declarações de Deus por intermédio das glórias do céu e da terra, dos intrincados mecanismos da natureza, das complexidades da situação humana em sua mescla de nobreza e degradação, e de toda abrangência de nossas respostas a isso. Essas “mediações”, no entanto, nos deixam insatisfeitos. Elas apontam para alturas que não podemos alcançar, profundidades que não podemos sondar. Precisamos de uma mediação que seja, de imediato, mais palpável, mais pessoal e mais genuinamente humana. Em uma palavra: precisamos de Jesus Cristo. Pois, por mais rica que seja a realidade que já tenhamos visto, sentido, concebido ou suspeitado, separada de Jesus Cristo, Deus permanece infinitamente distante. Apenas uma vez essa vida veio pessoalmente estar em nosso meio, quando a Palavra eterna de Deus realmente tornou-se um ser humano e viveu entre nós. Só naquele momento os olhos humanos puderam contemplar a “glória” verdadeira em forma humana, o esplendor da realidade pessoal suprema, “... glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade” (Jo 1.14).

(1991c:10)

40. A auto-revelação de Deus

É impossível distinguir entre Jesus e o Cristo, o histórico e o eterno. Eles são a mesma pessoa: Deus e homem. Essa ênfase na revelação histórica do invisível e do intangível é ainda, atualmente, necessária; até pelo cientista treinado no método empírico, o radical que acha que muito do que existe no evangelho é “mito” — você não pode demitologizar a encarnação sem, por meio disso, contradizê-la — e pelo místico que se preocupa apenas com

sua experiência religiosa subjetiva e negligencia a auto-revelação objetiva de Deus em Cristo.

(1988g:66)

41. O Jesus autêntico

De que Jesus estamos falando? Até mesmo Paulo, em sua época, reconheceu a possibilidade de os mestres proclamarem "... um Jesus que não é aquele que pregamos..." (2Co 11.4). E há, hoje em dia, muitos "Jesuses" em circulação. Há o Jesus do mito bultmaniano e o Jesus revolucionário dos ativistas políticos; há o Jesus superastro fracassado e o Jesus palhaço de circo. Para opor-nos a essas reinterpretações humanas é que precisamos com urgência recobrar e restaurar o Jesus autêntico, o Jesus histórico que é o Jesus das Escrituras.

(1975c:48)

42. Um hino de Natal

Cantar um hino de Páscoa em vez do *Venite* é uma introdução magnífica para o culto congregacional, na manhã de adoração, no dia de Páscoa, particularmente quando entoado com a dignidade triunfante do canto de Pelham Humfrey, do século XVII. Pode ser que alguém deseje que nossos livros de orações ofereçam outras variações sazonais, ao menos nas celebrações mais importantes. Aventuro-me a sugerir uma para o dia de Natal...

Um hino de Natal

... a virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e o chamará Emanuel.

Isaías 7.14

2. ... e... deverá dar-lhe o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados.

Mateus 1.21

3. Mas, quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido debaixo da Lei,

4. a fim de redimir os que estavam sob a Lei, para que recebêssemos a adoção de filhos.

Gálatas 4.4,5

5. Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade...

6. Ninguém jamais viu a Deus, mas o Deus Unigênito, que está junto do Pai, o tornou conhecido.

João 1.14,18

7. Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, e o governo está sobre os seus ombros.

8. E ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz.

9. Ele estenderá o seu domínio, e haverá paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino,

10. estabelecido e mantido com justiça e retidão, desde agora e para sempre.

Isaías 9.6,7

(1966b:25)

43. A suprema questão

A questão real não é lingüística (se a Palavra encarnada é mística, metafórica ou literal), nem cultural (quanto as formulações bíblicas ou calcedônias refletem os conceitos da época). A questão suprema é absolutamente simples, até mesmo para o homem comum, para quem a semântica, a cultura e a teologia são desconhecidas. A questão é esta: Jesus deve ser adorado ou apenas admirado? Se ele é Deus, é digno de nossa adoração, fé e obediência; se não é Deus, dedicar a ele essa devoção é idolatria.

(1978a)

44. Totalmente além do nosso alcance

Jesus renunciou às alegrias do céu pelas tristezas da terra, trocando uma imunidade eterna pela proximidade do pecado e pelo contato doloroso com o mal deste mundo. Ele nasceu de uma humilde mãe hebréia, em um estábulo sujo em Belém, um vilarejo comum. Ainda bebê, com sua família, refugiou-se no Egito. Ele foi criado na pequena aldeia de Nazaré e trabalhou como carpinteiro para sustentar sua mãe e as outras crianças da casa. No tempo devido, tornou-se um pregador itinerante, com poucas posses, quase nenhum conforto e sem residência fixa. Fez amizade com modestos pescadores e publicanos. Pôs as mãos em leprosos e permitiu que as meretrizes o tocassem. Entregou-se ao ministério de cura, ajuda, ensino e pregação.

Ele foi mal compreendido e mal interpretado; tornou-se vítima dos preconceitos dos homens e dos interesses vigentes. Foi desprezado e rejeitado por seu próprio povo, e seus amigos o desampararam. Deu as costas para serem açoitadas, a face para ser cuspidas, a cabeça para ser coroada com espinhos, as mãos e os pés para serem pregados no madeiro romano. E, à medida que os pregos furavam sua carne, ele continuou orando por seus torturadores: "... 'Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que estão fazendo'..." (Lc 23.34).

Um homem como ele está totalmente além do nosso alcance. Ele foi bem-sucedido onde, inevitavelmente, falhamos. Tinha total domínio próprio. Jamais fazia retaliações. Nunca se mostrou ressentido nem irritado. Tinha tamanho controle de si mesmo que, o que quer que os homens pudessem pensar, dizer ou fazer, ele negava-se a si mesmo e abandonava-se ao desejo de Deus e ao bem-estar da humanidade. " 'Pois desci dos céus, não para fazer a minha vontade...' " (Jo 6.38), disse ele; e declarou ainda: " 'Não estou buscando glória para mim mesmo...' " (Jo 8.50). Pois, conforme Paulo escreveu, "... também Cristo não agradou a si próprio..." (Rm 15.3).

Esta entrega absoluta do ser no serviço a Deus e ao homem é o que a Bíblia chama de amor.

(1971a:44)

45. Amor vigilante

O verdadeiro amor é sempre vigilante, e os olhos de Jesus jamais perderam de vista o necessitado. Ninguém jamais poderia acusá-lo de ser igual ao sacerdote e o levita, personagens de sua parábola do bom samaritano. Sobre esses dois indivíduos, está escrito na parábola: “Quando viu o homem”. Contudo, cada um deles o viu sem o enxergar, pois eles desviaram o olhar e, portanto, passaram “pelo outro lado”. Jesus, contudo, verdadeiramente “viu”. Ele não tinha medo de encarar a necessidade humana em toda a sua repugnante realidade. E o que ele via invariavelmente o levava a ter compaixão e, portanto, ao serviço compassivo. Algumas vezes, ele falou. Sua compaixão, porém, jamais se dissipou com palavras; encontrava expressão em suas ações. Ele via, sentia, agia. O movimento era dos olhos para o coração, e do coração para as mãos. Sua compaixão sempre emergia diante da visão do necessitado e sempre levava à ação construtiva.

(1975f:6)

46. Divindade incontestável

As cartas do NT não fazem alusão alguma a que as honras divinas oferecidas a Jesus fossem motivo de controvérsias na Igreja, como acontecia, por exemplo, com a doutrina da justificação. Para isso, pode haver apenas uma explicação: a divindade de Jesus, já em meados do século I, fazia parte da fé desenvolvida entre os membros da Igreja.

(1981f)

47. A humanidade imaculada de Cristo

O envio do Filho de Deus envolvia sua encarnação, tornar-se humano, o que é manifesto nas palavras “... à semelhança do homem pecador...”, ou melhor, “... em semelhança de carne pecaminosa...” (Rm 8.3, ARA). Essa frase um tanto perifrástica, ou

explicativa, que intrigou comentaristas bíblicos, principalmente em razão do uso da palavra “semelhança”, teve, sem dúvida, a intenção de combater as falsas visões da encarnação. Isto é, o Filho não veio nem “em semelhança de carne”, em que apenas aparentava ser humano, como os docetistas ensinavam, pois sua humanidade era real; nem em “carne pecaminosa”, assumindo a natureza decaída, pois sua humanidade era imaculada. Antes, veio “em semelhança de carne pecaminosa”, pois sua humanidade era, ao mesmo tempo, real e imaculada.

(1994:219)

48. “E tornou-se homem...”

Não resta a menor sombra de dúvida de que havia uma “identificação” do Filho com o mundo para o qual ele foi enviado. Ele não permaneceu no céu; veio para o mundo. A Palavra não foi proferida do céu; “... a Palavra tornou-se carne...”. E a seguir ele “... viveu entre nós...”. Ele não veio para uma visita rápida nem se apressou em voltar para o seu lar. Ficou no mundo para o qual veio. Ele deu aos homens a chance de ver sua glória. Tampouco permitiu que eles o vissem somente a distância. Ele scandalizou os líderes religiosos de sua época ao misturar-se com a camada da população que eles evitavam. Os líderes religiosos o apelidaram de “amigo de publicanos e pecadores”. Para eles, isso era um termo de opróbrio. Para nós, é um título de honra. Ele colocou as mãos nos intocáveis leprosos. Não se encolhia diante das manifestações de carinho das meretrizes. E, depois, ele, que em seu nascimento “tornara-se carne”, em sua morte “tornou-se pecado e opróbrio”. Ele assumira a nossa natureza. E, agora, assumia as nossas transgressões, a nossa condenação, a nossa morte. Sua auto-identificação com o homem foi total e completa.

Quando, portanto, ele nos diz “Vão”, é isso mesmo que quer dizer.

(1967e:65)

5

Mestre e Senhor

49. Sob o domínio

Todo cristão é um aprendiz na escola de Jesus Cristo. Sentamo-nos aos pés de nosso Mestre. Queremos trazer nossa mente e nossos desejos, nossas crenças e nossos padrões sob o domínio de Cristo. No cenáculo, ele disse aos apóstolos: “ ‘Vocês me chamam ‘Mestre’ e ‘Senhor’, e com razão, pois eu o sou’ ” (Jo 13.13). Isto é, “Mestre” e “Senhor” não eram simples títulos de cortesia, pois davam testemunho de uma realidade. Jesus Cristo é nosso Mestre para nos instruir, e nosso Senhor, para nos comandar. Todos os cristãos estão sob a instrução e a disciplina de Jesus Cristo. Deveria ser inconcebível para um cristão discordar dele ou desobedecer a ele. Sempre que assim fazemos, a credibilidade de nossa declaração — de sermos cristãos convertidos — é colocada em dúvida. Pois não somos verdadeiramente convertidos, se não formos convertidos intelectual e moralmente; e não somos convertidos intelectual e moralmente, se não tivermos sujeitado nossa mente e nossos desejos ao domínio de Jesus Cristo.

(1991c:57)

50. “ ‘... pois eu o sou’ ”

Jesus, ao olhar ao redor para seus discípulos, disse: “ ‘Vocês me chamam ‘Mestre’ e ‘Senhor’, e com razão, pois eu o sou’ ” (Jo 13.13).

O cristão está sob a instrução e a autoridade de Jesus. Ele olha para Jesus como seu Mestre, para instruí-lo, e como seu Senhor, para comandá-lo. Ele crê no que crê porque assim Jesus ensina. E ele faz o que faz porque Jesus lhe diz que assim o faça.

Ele é nosso Mestre para nos instruir, e nós aprendemos a submeter e subordinar nossa mente à dele. Não aceitamos ter pontos de vista, idéias ou opiniões que estejam em contradição com os pontos de vista e as idéias de Jesus Cristo. Nossa visão das Escrituras origina-se da visão que Cristo tinha delas, assim como nossa visão de discipulado, de céu e inferno, de vida cristã, e de outras coisas origina-se em Jesus Cristo. Qualquer questão sobre a inspiração das Escrituras e de sua autoridade, portanto, resolve-se com esta pergunta: O que Jesus Cristo ensinou sobre esses pontos?

Poderíamos dizer, sem sombra de dúvida, que ele mostrou respeitosa aquiescência à autoridade e inspiração do AT. Em nenhum de seus ensinamentos há indicação de que ele discordasse dos autores do AT. Ele considerava as palavras dos livros do AT como palavras de Deus. Ele submeteu-se às Escrituras em sua vida, acreditava nelas, aceitava o que declaravam e buscava aplicar os princípios nelas contidos. Ele considerava as Escrituras o maior árbitro em qualquer disputa. Ele disse a seus contemporâneos: “ ‘Vocês estão enganados porque não conhecem as Escrituras...’ ” (Mt 22.29).

Vemos no NT que ele deu autoridade aos apóstolos para que ensinassem em seu nome. Ele disse que o Espírito Santo os guiaria em toda a verdade e os faria lembrar de tudo que ele lhes dissesse e lhes mostraria as coisas que ainda aconteceriam. Evidentemente, ele esperava que na providência de Deus houvesse

outros para interpretar, expor e dar testemunho da revelação dada em si mesmo, assim como havia profetas levantados e inspirados por Deus para dar testemunho do que ele fez na época do AT.

Em suma, a autoridade das Escrituras deve-se à inspiração das Escrituras. O AT e o NT são autoridades em nossa vida, pois eles são realmente inspirados.

Portanto, visto que Jesus Cristo é nosso Mestre e Senhor, a autoridade de Cristo e a autoridade das Escrituras sustentam-se juntas ou caem juntas.

(1965)

51. Cristo, o controversista

A imagem popular de Cristo, como o meigo Jesus, “manso e humilde”, simplesmente não pode ser aplicada. Essa é uma falsa imagem. Ele era, com certeza, a expressão do amor, da compaixão e da brandura. Mas não se amedrontava diante da necessidade de expor o erro e denunciar o pecado, especialmente a hipocrisia... Os evangelistas o retratam em constante debate com os líderes religiosos de sua época... Cristo era um controversista.

(1970b:49)

52. Escrituras e tradição

Os fariseus vieram a Jesus e perguntaram: “... ‘Por que os seus discípulos não vivem de acordo com a tradição dos líderes religiosos, em vez de comerem o alimento com as mãos ‘impuras?’ ” (Mc 7.5). Em resposta, Jesus disse algo sobre a concepção deles quanto à purificação e, a seguir, prosseguiu para falar sobre a concepção deles quanto à tradição. Em oposição às opiniões dos fariseus, ele proferiu estes três importantes princípios. Primeiro, as Escrituras são divinas, enquanto a tradição é humana. Segundo, as Escrituras são obrigatórias, enquanto a tradição é opcional. Terceiro, as Escrituras são supremas, enquanto a tradição é subordinada.

(1970b:69)

53. Radical e conservador

Não se compreende plenamente que Jesus seja, ao mesmo tempo, um conservador e um radical, embora em esferas de atuação distintas. Não resta a menor dúvida de que ele era conservador em sua atitude para com as Escrituras. Ele disse: “ ‘Não pensem que vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir’ ”. E, depois, complementou: “ ‘... Enquanto existirem céus e terra, de forma alguma desaparecerá da Lei a menor letra ou o menor traço, até que tudo se cumpra’ ” (Mt 5.17,18). Uma das principais reclamações de Jesus em relação aos líderes judeus dizia respeito à forma pela qual desrespeitavam o AT e também ao fato de que, verdadeiramente, não se submetiam à autoridade divina das Escrituras.

No entanto, Jesus pode também ser realmente descrito como um radical. Ele foi um crítico mordaz e destemido das autoridades judaicas estabelecidas, não apenas por não serem suficientemente leais à Palavra de Deus, mas também em virtude de sua excessiva lealdade às suas próprias tradições humanas. Jesus teve a temeridade de descartar séculos de tradições herdadas (“a tradição dos líderes religiosos”) para que a Palavra de Deus pudesse novamente ser vista e obedecida. Ele também era muito ousado na forma em que quebrava as convenções sociais. Insistia em cuidar daqueles segmentos da sociedade que, normalmente, eram desprezados. Conversava com as mulheres em público, algo que não se fazia em sua época. Convidava as crianças a virem a ele, embora, na sociedade romana, as indesejáveis crianças fossem “enjeitadas” ou dispensadas; seus discípulos supuseram que ele não gostaria de ser perturbado por elas. Ele permitia que as meretrizes o tocassem (ao passo que os fariseus, horrorizados, se encolhiam na presença delas) e pôs a mão num leproso, algo inimaginável (e os fariseus jogavam pedras neles para que ficassem a distância). Dessa forma e de muitas outras maneiras, Jesus recusou-se a ser ligado ao costume humano; sua mente e sua consciência eram delimitadas apenas pela Palavra de Deus.

Jesus, portanto, era conservador e radical, uma combinação única. Conservador em relação às Escrituras, e radical em seu minucioso exame (seu escrutínio *bíblico*) de tudo o mais.

(1975a:29)

54. Palavras e ações

As palavras de Jesus explicavam suas ações, e suas ações dramatizavam suas palavras. Voz e visão — o ouvir e o ver — atuavam em conjunto. Uma apoiava a outra. Pois as palavras eram abstratas até o momento em que se concretizavam em ações de amor, e as ações pareciam ambíguas até que fossem interpretadas pela proclamação do evangelho. As palavras sem ações não têm credibilidade; as ações sem as palavras não têm clareza. Assim, as ações de Jesus tornaram visíveis suas palavras; e suas palavras tornaram inteligíveis suas ações.

(1992b:345)

55. Três vezes Senhor

Jesus é Senhor três vezes: primeiro, por direito de sua divindade, sua co-participação no trono de Deus; segundo, por direito de seu mistério histórico, a instauração do Reino de Deus; e terceiro, por direito de sua suprema exaltação, o estar sentado à direita do Pai. Jesus é três vezes Senhor e, portanto, merece a nossa mais completa homenagem e adoração.

(1977h:21)

56. Senhor por toda a nossa vida

O compromisso cristão tem uma *dimensão vocacional*. Isso significa que ele inclui nossa vida de trabalho. Ao dizermos: “Jesus é Senhor”, comprometemo-nos a servi-lo para sempre, por toda a nossa vida.

(1992b:93)

6

O Reino dos céus

57. Onde Cristo reina

O Reino só existe onde Cristo reina, concedendo salvação e recebendo homenagem.

(1979c:23)

58. A mensagem do NT

A mensagem do NT é, acima de tudo, uma declaração: as boas-novas acerca de Deus. Essa é a história do que Deus fez em e por intermédio de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador. Ele estabeleceu seu Reino. Contudo, é verdade que a manifestação plena do Reino ainda está por vir. Esperamos a consumação final. Mas o Reino de Deus foi inaugurado. O tempo foi cumprido. Os sonhos de antigos visionários se realizaram. Deus cumpriu as promessas feitas a Abraão. As expectativas encerradas no AT, durante longos séculos, foram, por fim, concretizadas. A nova era manifestou-se. A nova aliança foi ratificada por intermédio do sangue derramado de Jesus. Aqueles que se arrependem de

seus pecados, renunciam a si mesmos e crêem em Cristo ouvem a promessa da aliança... “ ‘... Serei o Deus deles, e eles serão o meu povo... Porque eu lhes perdoarei a maldade e não me lembrarei mais dos seus pecados’ ” (Jr 31.33,34).

(1954c:176)

59. A conquista espiritual

O Reino de Deus, no ensino de Jesus, é uma conquista espiritual de homens e mulheres. Ela também tem benefícios materiais, uma vez que os súditos do Rei são filhos de Deus...

(1954c:9)

60. Bênção total e exigência total

Quando Jesus falou sobre o Reino de Deus, ele não estava se referindo à soberania geral de Deus, seu domínio sobre a natureza e a História. Referia-se àquela regra específica sobre seu povo, a qual ele mesmo inaugurara e a qual se inicia na vida do indivíduo quando este se humilha, arrepende-se, se sujeita a Deus e nasce de novo. O Reino de Deus é Jesus Cristo governando sobre seu povo em bênção total e exigência total. Buscar “em primeiro lugar o Reino de Deus” é desejar, como a aspiração mais importante, a propagação do Reino de Jesus Cristo. Esse desejo começa em nossa vida — em casa, no casamento e família, na moralidade pessoal, na vida profissional, na ética nos negócios, na conta bancária, no estilo de vida, na cidadania —, em que, alegre e livremente, submetemos tudo isso a Cristo. Isso continuará em nosso ambiente imediato, desde que aceitemos nossa responsabilidade evangelística em relação a nossos parentes, aos colegas, aos amigos e aos que nos são próximos. E se estenderá até a preocupação pelo testemunho global da Igreja.

(1978f:170)

61. Presente e futuro

Indubitavelmente, Jesus encarava e descrevia o Reino como um fenômeno presente. Ele ensinou que o tempo do cumprimento havia chegado; que o “homem forte” estava agora aprisionado e desarmado, o que facilitava saquear os bens desse homem, como ficou evidente com a expulsão de demônios; que o Reino já estava ou “dentro” ou “entre” as pessoas; que era possível “entrar” nesse Reino ou recebê-lo; e que, desde a morte de João Batista, seu precursor, que anunciara a chegada iminente desse Reino, os “que usam de força”, na verdade, se apoderaram dele.

A perspectiva de Jesus a respeito do Reino, contudo, era também uma expectativa futura. Ela não se tornaria perfeita até o último dia. Assim, ele olhou para a frente, para o fim, e ensinou seus discípulos a fazer isso também. Eles deveriam orar: “ ‘Venha o teu Reino’ ”, como também deveriam buscá-lo em primeiro lugar, ao dar prioridade à expansão do Reino. Às vezes, ele também se referia ao estado final de seus seguidores em termos de “entrar” no Reino ou “recebê-lo”.

Em particular, as parábolas relacionadas à agricultura (e.g., a da semente que cresce secretamente, a da semente de mostarda, e a do joio e o trigo) reúnem o processo de plantio, crescimento e colheita. Visto que a semente do Reino já fora plantada no mundo, agora ela cresceria, por intermédio da atividade invisível do Senhor, até o fim. Parece que foi isso que Jesus quis dizer sobre o “mistério do Reino dos céus”. Sua presença não apenas era desobstruente; era, também, revolucionária, pois o poder de Deus o levaria a crescer até que, por fim, ele se tornasse manifesto a todos.

(1992b:379)

62. Nenhum momento

Não houve um único momento no progresso triunfante de nosso Salvador, desde o nascimento em Belém até sua glória

final à direita do Pai, a respeito do qual se pudesse dizer: “O Reino já veio ou ainda virá”. O Reino estava vindo o tempo todo. Ele ainda está crescendo. Seu progresso é duplo: primeiro, conforme Deus dá esse crescimento; segundo, conforme os homens o recebem.

(1954c:13)

63. A lei do Reino

Jesus fez milagres que mostravam seu poder sobre a natureza, como acalmar a tormenta, andar sobre as águas e multiplicar pães e peixes. Mas seus milagres mais comuns são os milagres de cura, realizados por um simples toque das mãos e por uma simples palavra de comando. De certo ponto de vista, a melhor explicação de seu ministério de cura é seu amor, pois ele se compadeceu ao ver todas as formas de sofrimento. Contudo, em adição a isso, seus milagres eram “sinais” tanto do Reino de Deus quanto de sua divindade. Eles indicavam que o Reino do Messias havia começado, conforme as Escrituras profetizaram. Foi por meio dessa evidência que Jesus buscou dissipar as dúvidas de João Batista, quando este estava na prisão:

Voltem e anunciem a João o que vocês viram e ouviram: os cegos vêem, os aleijados andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados e as boas novas são pregadas aos pobres (Lc 7.22).

De forma similar, os milagres eram sinais de que as forças do mal estavam em plena retirada diante do avanço do Reino de Deus:

“ ‘Mas se é pelo dedo de Deus que eu expulso demônios, então chegou a vocês o Reino de Deus’ ” (Lc 11.20).

Os milagres também eram sinais de que Jesus era o Filho de Deus, porque cada um deles era uma parábola em ação, dramatizando, assim, uma de suas declarações divinas. A multiplicação

dos pães, quando Jesus alimentou 5 mil pessoas, confirmava visivelmente sua afirmação de que ele era o pão da vida; a cura do homem cego de nascença, sua declaração de que era a luz do mundo; e a ressurreição dos mortos, sua afirmação de que era a ressurreição e a vida.

(1984d:95)

64. A grandeza no Reino

A grandeza no Reino de Deus é medida em termos de obediência.

(1962e:92)

65. Um equívoco tríplice

No monte das Oliveiras, os discípulos perguntaram a Jesus: “ ‘Senhor, é neste tempo que vais restaurar o reino a Israel?’ ” (At 1.6). Conforme Calvino escreveu, existem quase tantos erros quanto palavras nessa pergunta! Elas revelam um equívoco tríplice sobre o Reino. Primeiro, eles estavam equivocados quanto ao *tempo* de sua manifestação. Isso não era para eles ficarem sabendo. O Pai estabelecera os tempos e as datas pela sua própria autoridade (1.7). Segundo, eles estavam equivocados quanto à sua *esfera*. Perguntaram se o Mestre restauraria o reino a Israel. Ele retrucou que eles seriam testemunhas até os confins da terra (1.8). Em terceiro lugar, eles estavam equivocados quanto ao seu *caráter*. Parece que ainda estavam pensando em termos de domínio material. Jesus lhes falara em termos de um domínio espiritual. O Reino se propagaria assim que recebessem poder do Espírito para ser testemunhas de Cristo (1.8). O mesmo Espírito, que expulsava demônios no ministério de Jesus, levaria o Reino a se propagar, à medida que ele desse testemunho, por intermédio dos apóstolos, ao mundo não-cristão.

(1954c:16)

66. Uma comunidade internacional

O Reino de Cristo, embora não seja incompatível com o patriotismo, não tolera os nacionalismos estreitos. Ele governa uma comunidade internacional, na qual raça, nação, posição social e sexo não são barreiras para a comunhão. E quando seu Reino, ao fim, for consumado, uma grande multidão de remidos que ninguém poderá contar será proveniente de “... todas as nações, tribos, povos e línguas...” (Ap 7.9).

(1990b:43)

A singularidade de Cristo

67. Apenas por intermédio de Jesus

Deus é parcialmente revelado na adorável disposição do Universo criado. Ele é parcialmente revelado na História e na experiência, na consciência e na percepção humanas, e, acima de tudo, nas Escrituras, o testemunho do Pai a respeito do Filho. Não obstante, a completa e final auto-revelação de Deus, a sua revelação como Pai que nos salva e adota em sua família, foi dada somente por meio de Jesus. Portanto, Jesus disse: “ ‘Quem me vê, vê aquele que me enviou’ ”. Essa é a razão pela qual todo questionamento sobre a veracidade do cristianismo deve começar com o Jesus histórico, que afirmou, sem fanfarra nem trombetas, e de forma calma e discreta, ser ele o único que conhecia o Pai e o único que poderia torná-lo conhecido.

(1988b:90)

68. Considerado com deferência e honra

Mesmo em outras religiões e ideologias, Jesus é considerado com deferência e ocupa posição de honra. Os hindus, com prazer,

o reconhecem como um “avatar” (descida) de Vixnu, e, portanto, o assimilariam ao hinduísmo se ele renunciasse à sua afirmação de ser único. Os judeus, que rejeitam Jesus como o Messias, jamais deixaram de demonstrar interesse por ele. Os estudiosos do judaísmo escrevem livros a respeito dele, e a hostilidade deles é mais direcionada ao anti-semitismo gentílico que a Jesus. Os muçulmanos o reconhecem como um dos grandes profetas, e o nascimento virginal, o ser imaculado, os milagres, a inspiração e o retorno futuro são todos afirmados no Alcorão. Os marxistas, embora críticos veementes da “religião” — segundo eles, o ópio que entorpece os oprimidos para que tolerem as injustiças do *status quo* —, respeitam Jesus por sua confrontação ao sistema vigente e sua solidariedade compassiva para com o pobre.

(1991c:7)

69. Jesus, o Grande?

Para os cristãos, é intolerável que um livro sobre as religiões do mundo dedique apenas um capítulo ao cristianismo. Jesus Cristo, para nós, não é apenas um dos líderes espirituais da história do mundo. Ele não é apenas um entre os 330 milhões de deuses do hinduísmo. Não é apenas um dos 40 profetas reconhecidos pelo Alcorão. Tampouco, para citar Carnegie Simpson, ele é “Jesus, o Grande”, a mesma forma que você utiliza para referir-se a Napoleão, o Grande, ou a Alexandre, o Grande... Para nós, ele é o inigualável. É simplesmente Jesus. Nada pode ser acrescentado a isso. Ele é único.

(1978g)

70. A singularidade do cristianismo

Se a singularidade do cristianismo é a singularidade de Cristo, em que reside essa singularidade? Historicamente, ela se encontra em seu nascimento, morte e ressurreição. Quanto a seu

nascimento, ele “foi concebido pelo Espírito Santo, nasceu da virgem Maria” e, portanto, é tanto Deus quanto homem. Quanto à sua morte, ele morreu por nossos pecados e em nosso lugar para assegurar nossa salvação. Quanto à sua ressurreição, por meio dela venceu a morte e tem autoridade universal. Ou, para expressar esses fatos históricos de forma teológica, a singularidade de Jesus encontra-se na encarnação, na expiação e na exaltação. Cada um desses fatos é inigualável.

(1985:73)

71. Fonte de toda a bondade

Não hesitaríamos em declarar que, em toda a História e em toda a terra, tudo o que é bom, belo e verdadeiro veio de Jesus Cristo, embora os homens ignorem a origem dessas coisas.

(1975c:68)

72. “Tão-somente a Cristo...”

A singularidade, sobre a qual os cristãos dão testemunho, não se refere a nenhuma das numerosas manifestações empíricas do cristianismo; refere-se tão-somente a Cristo. Ele é inigualável, não tem rivais nem sucessores. Sua singularidade fica mais evidente em relação à encarnação, à expiação e à ressurreição. Ele é o único Deus-homem, que morreu por nossos pecados e, depois, ressuscitou dos mortos para autenticar sua pessoa e missão. E é essa singularidade tríplice, bem como histórica, que o qualifica como Salvador do mundo, o único mediador entre Deus e a humanidade. Ninguém mais tem essas qualificações.

(1988d:323)

73. Inerrante e imaculado

É muito perigoso adotar, de início, esta pressuposição: “Errar é humano”, para depois acrescentar: “portanto, para ser humano,

Jesus tem de ter errado”. Será que não poderíamos igualmente argumentar: “Pecar é humano; portanto Jesus deve ter pecado”? Mas o testemunho unânime das Escrituras, o qual a Igreja sempre aceitou, é de que nosso Senhor era imaculado. Obviamente, o pecado e o erro são características de nossa natureza humana decaída, mas não são necessariamente características da perfeita natureza humana que Deus fez e que Cristo assumiu. A evidência é que o homem Jesus Cristo, por intermédio da perfeita entrega de sua mente à revelação de Deus, foi inerrante e, por intermédio da perfeita entrega de sua vontade à vontade de Deus, foi imaculado.

(1956a:20)

74. Qualificado para redimir

A divindade de Cristo, a humanidade de Cristo e a retidão de Cristo o qualificaram, de forma única, para ser o redentor do homem. Se ele não tivesse sido homem, não poderia redimir os homens. Se não tivesse sido um homem reto, não poderia redimir os homens iníquos. E se não tivesse sido o Filho de Deus, não poderia redimir os homens para Deus nem torná-los filhos de Deus.

(1968c:106)

75. Nenhum outro Salvador

A personagem histórica de Jesus de Nazaré, e nenhuma outra, permitiu que Deus se tornasse homem, vivesse como homem aqui na terra, morresse para receber o castigo por nossos pecados, ressuscitasse dos mortos e fosse exaltado à glória. Não há outro Salvador, pois não há outra pessoa que esteja qualificada para salvar.

(1985:78)

76. A revelação plena de Deus

Temos muito mais para aprender; mas Deus não tem mais nada para revelar além daquilo que foi revelado em Jesus Cristo.
(1991c:20)

77. A suprema questão

A suprema questão em relação a Jesus Cristo não é semântica (o significado das palavras), mas de homenagem (a atitude do coração). Não depende de que nossa língua seja capaz de aceitar uma formulação ortodoxa da pessoa de Jesus, mas depende de os nossos joelhos se dobrarem diante de sua majestade. Além disso, reverência sempre precede a compreensão. Só o conheceremos se estivermos dispostos a obedecer-lhe.

(1985:24)

8

A cruz de Jesus

78. Um símbolo universal

Um emblema cristão universalmente aceito teria, obviamente, de falar de Jesus Cristo, mas as possibilidades eram enormes. Os cristãos podiam ter escolhido a manjedoura em que o menino Jesus foi colocado, ou a banca de carpinteiro em que ele trabalhou em sua juventude em Nazaré, dignificando o trabalho manual, ou o barco do qual ele ensinava as multidões na Galiléia, ou a toalha que ele usou ao lavar os pés dos apóstolos, a qual teria evidenciado o seu espírito de humilde serviço. Também havia a pedra que, tendo sido removida da entrada do túmulo de José, teria proclamado a ressurreição. Outras possibilidades seriam o trono, símbolo de soberania divina, o qual João, em sua visão, viu que Jesus partilhava, ou a pomba, símbolo do Espírito Santo enviado do céu no dia de Pentecoste. Qualquer desses sete símbolos teria sido apropriado para indicar um aspecto do ministério do Senhor. Contudo, ao contrário, o símbolo escolhido foi uma simples cruz. Seus dois braços já simbolizavam, desde a remota antiguidade, os eixos entre o céu e a terra. Mas a escolha dos

cristãos possuía uma explicação mais específica. Desejavam comemorar, como centro da compreensão que tinham de Jesus, não o seu nascimento nem a sua juventude, nem o seu ensino nem o seu serviço, nem a sua ressurreição nem o seu Reino, nem a sua dádiva do Espírito, mas a sua morte, a sua crucificação.

(1991a:14,15)

79. Para os indignos

No Alcorão, as repetidas promessas de perdão, por parte do compassivo e misericordioso Alá, são todas feitas àqueles que merecem, cujos méritos foram pesados nas balanças de Alá; ao passo que no evangelho, elas são as boas-novas da misericórdia para os indignos. O símbolo da religião de Jesus é a cruz, e não a balança.

(1975c:51)

80. Um retrato público

O evangelho é Cristo crucificado, sua obra completada na cruz. E pregar o evangelho é retratar publicamente a Cristo crucificado. O evangelho não são meramente as boas-novas de um bebê na manjedoura, um jovem em uma banca de carpintaria, um pregador nos campos da Galiléia, nem mesmo um túmulo vazio. O evangelho diz respeito a Cristo crucificado. Apenas quando Cristo é abertamente “... exposto como crucificado” (Gl 3.1) é que se prega o evangelho.

(1968c:74)

81. Amor puro

Apenas um ato de amor puro, não manchado por alguma nuance de segundos motivos, foi praticado na história do mundo, a saber, o amor do Deus que se deu a si mesmo em Cristo na

cruz por pecadores que não o mereciam. É por isso que, se estamos procurando uma definição de amor, não devemos ir ao dicionário, mas ao Calvário.

(1991a:191)

82. “Missão cumprida”

Nossa história começa na noite de Quinta-feira Santa. Jesus tinha visto o sol se pôr pela última vez. Dentro de mais ou menos 15 horas, seus membros seriam estendidos na cruz. E em mais 24 horas, ele estaria morto e sepultado. E ele sabia disso. O extraordinário, contudo, é que ele estava pensando a respeito de sua missão como ainda no futuro, e não no passado. Comparativamente, ele era jovem, por certo entre 30 e 35 anos de idade. Ele nem bem tinha vivido metade da vida humana. Ainda estava no auge de seus poderes. Na idade dele, a maioria das pessoas tem seus melhores anos pela frente. Maomé viveu até os 60; Sócrates, até os 70; e Platão e Buda tinham mais de 80 anos quando morreram. Se a morte ameaça encurtar a vida de uma pessoa, o sentimento de frustração lança-a na tristeza. Mas isso não ocorreu com Jesus, por este simples motivo: ele não considerava a morte que estava prestes a sofrer como o fim último de sua missão, mas como necessária à sua realização. Somente alguns segundos antes de ele morrer (e não antes), foi capaz de gritar: “ ‘Está consumado!’ ”. De modo que, então, embora quinta-feira fosse a sua última noite, e tivesse poucas horas de vida, Jesus não olhava *para trás*, para uma missão que havia completado, muito menos pensando ter falha lo; olhava *para a frente*, para uma missão que estava prestes a cumprir. A missão de uma vida de 30 ou 35 anos haveria de ser realizada em suas últimas 24 horas, na realidade suas últimas 6 horas.

(1991a:57)

83. Estávamos lá

Culpar os judeus pela crucificação de Jesus hoje é extremamente fora de moda. Deveras, se a crucificação for usada como uma desculpa para matá-los e persegui-los (como aconteceu no passado), ou para propagar o anti-semitismo, e isso é absolutamente indefensável. O modo de evitar o preconceito anti-semita, contudo, não é fingir que os judeus são inocentes, mas, tendo admitido a sua culpa, acrescentar que outros também partilharam dela. É assim que os apóstolos viram a situação. Herodes e Pilatos, gentios e judeus, disseram eles, tinham juntos “conspirado” contra Jesus (At 4.27). Mais importante ainda: nós também somos culpados. Se estivéssemos no lugar deles, teríamos feito exatamente o que fizeram. E, com certeza, nós o *fizemos*. Pois sempre que nos desviamos de Cristo, estamos “crucificando” para nós mesmos o Filho de Deus e “... sujeitando-o à desonra pública” (Hb 6.6). Nós também sacrificamos Jesus à nossa ganância, de modo igual a Judas, à nossa inveja, como os sacerdotes, à nossa ambição, de maneira semelhante a Pilatos. “Estavas lá quando crucificaram o meu Senhor?”, pergunta o *spiritual*. E devemos responder: “Sim, eu estava lá”. Não apenas como espectador, mas também como participante, participante culpado, tramando, traindo, pechinchando e entregando-o para ser crucificado. Semelhantes a Pilatos, podemos tentar tirar de nossas mãos a responsabilidade por meio da água. Mas nossa tentativa será tão fútil quanto foi a dele, pois há sangue em nossas mãos. Antes que possamos começar a ver a cruz como algo feito *para* nós (que nos leva à fé e à adoração), temos de vê-la como algo feito *por* nós (que nos leva ao arrependimento).

(1991a:51,52)

84. O mistério da cruz

Não posso começar a expor o significado da morte de Cristo sem antes confessar que muito dela permanece um mistério. Os

cristãos crêem que a cruz é o acontecimento central da História. Não é de admirar que nossa mente insignificante não possa, de modo real, compreendê-la totalmente! Um dia o véu será totalmente removido, e todos os mistérios, revelados. Veremos Cristo como ele é e o adoraremos por toda a eternidade pelo que ele fez. “Agora, pois, vemos apenas um reflexo obscuro, como em espelho; mas, então, veremos face a face. Agora conheço em parte; então, conhecerei plenamente, da mesma forma como sou plenamente conhecido.” Isso foi o que o grande apóstolo Paulo, com seu extraordinário intelecto e com suas muitas revelações, disse; e, se ele disse isso, quanto mais nós?

(1971a:88)

85. A raiva do mundo

O que há a respeito da cruz que enraivece o mundo e instiga-o a perseguir aqueles que pregam a respeito dela? Apenas isto: Cristo morreu na cruz por nós, pecadores, e tornou-se abominação por nós (Gl 3.13). A cruz, então, nos fala algumas verdades bastante indigestas, a saber, que somos pecadores sob a maldição da justiça da Lei de Deus e, portanto, não podemos salvar a nós mesmos. Cristo suportou nossos pecados e maldição precisamente porque não poderíamos nos libertar deles de outra forma. Se pudéssemos ser perdoados por nossas próprias boas obras, pela circuncisão e pelo guardar a Lei, podemos ter certeza de que não haveria nenhuma cruz. Toda vez que olhamos para a cruz de Cristo, ela parece nos dizer: “Estou aqui por tua causa. É o teu pecado que carrego, tua maldição que sofro, tua dívida que pago, tua morte que morro”. Não há nada semelhante à cruz, na História ou no Universo, que leve a visão que temos de nós mesmos perder sua importância. Todos temos um alto conceito a respeito de nós mesmos, especialmente quanto à nossa virtude cristã, até o momento em que visitamos um lugar chamado Calvário. É ali,

aos pés da cruz, que diminuimos até alcançar o nosso verdadeiro tamanho.

Obviamente, os homens não gostam disso. Eles se ressentem da humilhação de ver a si mesmos como Deus os vê e como realmente são. Preferem suas confortáveis ilusões. Assim, eles evitam a cruz. Constroem um cristianismo sem a cruz, em que a salvação depende de suas boas obras, e não de Jesus Cristo. Eles não fazem objeção ao cristianismo, desde que este não seja a fé no Cristo crucificado. Mas detestam o Cristo crucificado. E, se os pregadores pregam o Cristo crucificado, surge a oposição, e eles são ridicularizados e perseguidos. Por quê? Graças às feridas que infligem ao orgulho dos homens.

(1968c:179)

86. Cristo morreu a nossa morte

O que Cristo fez? Ele morreu. Dizer isso não é apenas afirmar um fato, mas explicá-lo, porque a morte humana nas Escrituras nunca é um fenômeno sem significado. Ao contrário, a morte é um fato que tem significado teológico: a horrenda pena pelo pecado humano. Do segundo capítulo de Gênesis (“... no dia em que dela comer, certamente você morrerá”) até o penúltimo de Apocalipse (no qual os pecadores impenitentes enfrentam a “segunda morte”), o mesmo tema é enfatizado sistematicamente: “... o salário do pecado é a morte...”. Visto que Jesus não tinha pecados em sua natureza e em sua conduta, ele jamais precisaria morrer, nem física nem espiritualmente. Poderia ter sido arrebatado, como o foram Enoque e Elias. E isso quase aconteceu — na transfiguração. Entretanto, deliberadamente, ele voltou a este mundo para entregar voluntariamente sua vida. Por que fez isso? Qual a lógica de sua morte? Há apenas uma resposta possível, lógica e bíblica: ele morreu pelos *nossos* pecados. A morte que ele morreu era a nossa morte, a punição que nossos pecados realmente mereciam. Ele morreu por esses pecados, não apenas no

corpo, mas também na alma — as terríveis trevas do abandono de Deus. A evidência para isso não se encontra apenas em alguns textos isolados que o comprovam, mas em todo o testemunho das Escrituras acerca da relação entre o pecado e a morte.

(1967e:39)

87. “Salvos por sua morte”

Não há dúvida de que, embora a carreira salvadora de Cristo seja uma, é principalmente por sua *morte* que os homens são salvos. Lemos, em 1Coríntios 15.3 e versículos seguintes, que “... Cristo morreu pelos nossos pecados”, e não que ele *ressuscitou* pelos nossos pecados. Certamente, o apóstolo prossegue nessa afirmação primordial do evangelho e afirma que ele “ressuscitou” e “apareceu” a várias testemunhas escolhidas. Sua ressurreição, por si só, não completou nossa salvação; antes, deu evidência pública de sua consumação pela morte de Cristo, a qual agradou ao Pai. Essa é a razão pela qual Paulo pôde escrever posteriormente nesse mesmo capítulo: “... se Cristo não ressuscitou, é inútil a nossa pregação, como também é inútil a fé que vocês têm... E, se Cristo não ressuscitou, inútil é a fé que vocês têm, e ainda estão em seus pecados” (v. 14,17). Se Jesus não ressuscitou dentre os mortos, os homens ainda são pecadores não-salvos. Isso, não porque a ressurreição os salvaria, mas porque, sem a ressurreição, a morte de Jesus não seria suficiente para a salvação.

(1961:35)

88. Deus em Cristo

Se falarmos somente do sofrimento e da morte de Cristo, menosprezamos a iniciativa do Pai. Se falarmos somente do sofrimento e da morte de Deus, passamos por alto a mediação do Filho. Os autores do NT jamais atribuem a expiação nem a Cristo, de modo que o separe do Pai, nem a Deus, de tal maneira que

Cristo seja dispensado; antes, a Deus e a Cristo, ou a Deus agindo em Cristo e por meio dele com sua concorrência total.

(1991a:141)

89. Finalidade objetiva

Em sua morte, Jesus fez algo objetivo, final, absoluto e decisivo; algo que o capacitou a clamar na cruz: "... 'Está consumado!'..."; algo que foi descrito pelo autor da carta aos Hebreus como "um único sacrifício pelos pecados"; algo que transforma o cristianismo de um conselho piedoso e bom em boas-novas gloriosas; algo que transforma o modo característico do cristianismo do imperativo (faça) para o partícipio (feito); algo que faz do evangelismo não um convite para os homens fazerem alguma coisa, mas uma declaração do que Deus já fez em Cristo.

(1962f:4)

90. Morte para o pecado

Refleta a respeito de Cristo. "Porque morrendo, ele morreu para o pecado uma vez por todas..." (Rm 6.10). O que isso significa? Só pode significar uma coisa: Cristo morreu para o pecado, denotando que ele suportou a punição do pecado. Ele morreu pelo nosso pecado, carregando-o em sua pessoa, inocente e sagrada. Ele levou sobre si os nossos pecados e a justa punição por eles. A morte que Jesus teve de enfrentar foi o salário do pecado — o nosso pecado. Ele satisfaz a exigência, pagou a pena, aceitou o preço e fez isso "uma vez por todas". Em consequência disso, o pecado não tem nenhum direito nem exigência sobre ele. Ele, portanto, ressuscitou dos mortos para provar a completa expiação do pecado que levou sobre si e, agora, vive para sempre com o Pai.

Se este é o sentido da morte de Cristo para o pecado, é igualmente o sentido de que nós, por meio da união com Cristo, morremos para o pecado. Morremos para o pecado, significando

que, em Cristo, pagamos a sua penalidade. Por conseguinte, nossa velha vida acaba; uma nova vida tem início.

(1966c:43)

91. Um substituto divino

Como, pois, podia Deus expressar simultaneamente sua santidade no juízo e seu amor no perdão? Somente providenciando um substituto divino para o pecador, de modo que o substituto recebesse o juízo, e o pecador, o perdão. É claro que nós, pecadores, ainda temos de sofrer algumas das conseqüências pessoais, psicológicas e sociais de nossos pecados, mas a conseqüência penal, a penalidade merecida da alienação de Deus, foi levada por Outro em nosso lugar, de modo que não necessitássemos suportá-la.

(1991a:120,121)

92. Um sacrifício substitutivo

Quando revisamos todo esse material do AT (o derramamento e a aspersão de sangue, a oferta pelo pecado, a Páscoa, o significado de “levar o pecado”, o bode expiatório e Isaías 53), e consideramos a sua aplicação neotestamentária à morte de Cristo, somos obrigados a concluir que a cruz foi um sacrifício substitutivo. Cristo morreu por nós. Cristo morreu em nosso lugar.

(1991a:135)

93. Satisfatoriedade e substituição

Rejeitamos fortemente, portanto, toda explicação da morte de Cristo que não possui no centro o princípio da “satisfação por meio da substituição”, em verdade a auto-satisfação divina por meio da auto-substituição divina. A cruz não foi uma troca comercial feita com o Diabo, muito menos uma transação que o tenha tapeado e apanhado numa armadilha; nem um equivalente exato, um *quid pro quo* que satisfizesse um código de honra ou um ponto técnico

da lei; nem uma submissão compulsória da parte de Deus a uma autoridade moral acima dele da qual ele, de outra forma, não poderia escapar; nem um castigo de um manso Cristo por um Pai severo e punitivo; nem uma procuração de salvação por um Cristo amoroso de um Pai ruim e relutante; nem uma ação do Pai que deixasse de lado a Cristo como Mediador. Em vez disso, o Pai justo e amoroso humilhou-se, tornando-se seu Filho unigênito e por meio dele carne, pecado e maldição por nós, a fim de remir-nos sem comprometer o seu próprio caráter. Necessitamos cuidadosamente definir e salvaguardar os termos teológicos “satisfação” e “substituição”, mas não podemos, em circunstância alguma, abrir mão deles.

(1991a:144)

94. Deus e nós

Toda noção de substituição penal em que três atores independentes desempenham um papel — o partido culpado, o juiz punitivo e a vítima inocente — deve ser repudiada com extrema veemência. Não apenas seria injusta em si mesma, mas também refletiria uma cristologia deficiente. Pois Cristo não é uma terceira pessoa independente, mas o eterno Filho do Pai, que é um com o Pai em seu ser essencial.

O que vemos, portanto, no drama da cruz não são três atores, mas dois, nós mesmos de um lado e Deus, do outro. Não Deus como ele é em si mesmo (o Pai), mas... Deus-feito-homem-em-Cristo (o Filho).

(1991a:143)

95. Expição por nós

Não estou dizendo que a substituição é o único significado da cruz, pois a cruz fala também da vitória sobre o mal, da revelação do amor e da glória por meio do sofrimento. Mas se você estiver falando de expiação, o meio pelo qual nós pecadores podemos

ser reconciliados com o Deus de amor santo, então por que razão, isso mesmo, você também não acha que podemos escapar à verdade da divina substituição?

(1988d:165)

96. “Por meio de Cristo”

Em breve parágrafo — Rm 5.1-11 —, Paulo repete três vezes a locução “por meio”, em relação a Jesus Cristo. É por meio da morte de Cristo que somos reconciliados com Deus. É, portanto, por meio de Cristo que recebemos nossa reconciliação, que obtivemos acesso ao estado de graça, que desfrutamos paz com Deus e que nos regozijamos com ele. Reconciliação, acesso, paz e alegria — essas são todas as bênçãos que se tornaram nossas só por meio do sacrifício consumado e a presente mediação de Jesus Cristo. Não é de admirar que nossas orações sejam levadas a Deus por meio dele, pois não há nenhum outro caminho para o Pai, exceto por meio de seu Filho, nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo (Jo 14.6).

(1991c:18)

97. Para todas as gerações

É altamente relevante que o único ritual, instituído e ordenado por Jesus, realizado regularmente é aquele que anuncia a morte de nosso Salvador. O que o pão e o vinho representam é sua *morte*, na qual entregou seu corpo e seu sangue foi derramado. Ao estabelecer esta ordenança: “ ‘... façam isto em memória de mim’ ”, ele tinha a intenção de que sua morte expiatória fosse apresentada a todas as gerações, na verdade afixada bem diante de seus olhos. Isso, de acordo com Paulo, é a função da pregação. É também uma das funções da ceia. O ministério de ambos, da Palavra e do sacramento, torna a morte de Cristo contemporânea, apresentando-a de novo; não para Deus (pois o sacrifício em

si foi oferecido na cruz de uma vez por todas), mas para os homens (pois seus benefícios estão sempre e de novo disponíveis).
(1970b:119)

98. Deus e a realidade

Quando olhamos para a cruz, vemos a justiça, o amor, a sabedoria e o poder de Deus. Não é fácil determinar qual desses aspectos é mais brilhantemente revelado, se a justiça de Deus ao julgar o pecado, se o amor de Deus ao levar o castigo em nosso lugar, se a sabedoria de Deus em combinar com perfeição as duas coisas, ou se o poder de Deus em salvar aqueles que crêem. Pois a cruz é, de igual forma, um ato e, portanto, uma demonstração da justiça, do amor e da sabedoria de Deus. A cruz nos assegura que esse Deus é a realidade dentro, por trás e além do Universo.
(1991a:204)

99. O poder da cruz

Há um maravilhoso poder na cruz de Cristo. Ela tem poder para despertar a consciência mais embotada e derreter o coração mais duro; limpar o impuro; reconciliar o que está distante e restaurá-lo à comunhão com Deus; redimir o prisioneiro de seu cativeiro e retirar o pobre de sua deplorável privação; quebrar as barreiras que dividem os homens uns dos outros; transformar nosso caráter distorcido à imagem de Cristo e, por fim, tornar-nos aptos a estar, com nossa veste branca, diante do trono de Deus.
(1961:102)

100. Como nosso amor é inflamado

A cruz é o fogo abrasador no qual a chama de nosso amor se acende; mas temos de chegar bem próximo dela para que suas faíscas caiam sobre nós.

(1990c:27)

101. Os inimigos da cruz

Sermos inimigos da cruz é nos opormos aos seus propósitos. A autojustificação (em vez de ir à cruz em busca de justificação), a auto-indulgência (em vez de tomar a cruz e seguir a Cristo), o anúncio próprio (em vez de pregar a Cristo crucificado) e a gloriificação própria (em vez de nos gloriarmos na cruz) — são essas as distorções que nos tornam “inimigos” da cruz de Cristo.

(1991a:324,325)

102. Três lições

Há três lições finais que aprendi com a cruz.

Primeiro, sei que meu pecado é infame, totalmente indescritível. Se não houvesse uma forma para nossos pecados serem limpos e perdoados — a maneira pela qual o Filho de Deus deveria morrer por eles —, então nossos pecados revelariam, realmente, perversão.

Segundo, aprendo que o amor de Deus é grande, além do nosso entendimento. Ele poderia ter nos abandonado ao nosso destino, deixando-nos morrer em nossos pecados. Mas não fez isso. Ele nos amou e nos buscou, até mesmo na agonia da cruz.

Terceiro, aprendi que a salvação é um dom gratuito. Eu não a mereço. Não posso conquistá-la. Não preciso tentar procurá-la mediante meu próprio mérito ou esforço. Jesus Cristo fez na cruz tudo que era necessário para que fôssemos perdoados. Ele suportou nosso pecado e maldição. O que, portanto, devemos fazer? Nada! Nada, a não ser cair de joelhos em penitência e fé e estender a mão aberta e vazia para receber a salvação como um dom totalmente gratuito.

(1962d)

9

Ressurreição e ascensão

103. Da morte para a vida

Nós vivemos e morremos. Cristo morreu e viveu!

(1990c:36)

104. O poder sobrenatural de Deus

O processo *natural* estabelecido por Deus, em parte pela Criação e em parte pelo julgamento, é nascimento, crescimento, declínio, morte e dissolução. Esse é o ciclo da natureza. E nesse ciclo está incluído o homem: “ ‘...você é pó, e ao pó voltará’ ”. O conceito de “ressurreição” é, portanto, *sobrenatural*. Na ressurreição de Cristo, o processo de decomposição física não foi somente interrompido ou revertido; foi, realmente, anulado. Em vez de transformar-se em pó, seu corpo foi transfigurado em um novo e glorioso veículo para sua alma. Na verdade, a ressurreição de Jesus é apresentada no NT como a manifestação suprema do poder sobrenatural de Deus.

(1970b:61)

105. Um acontecimento histórico objetivo

A ressurreição foi *um acontecimento histórico objetivo*. De fato, foi datado; aconteceu “no terceiro dia”. O bispo David Jenkins a denominou “não de um fato, mas de uma série de experiências”. Mas não, ela tornou-se uma série de experiências apenas porque foi primeiro um acontecimento. E, na providência de Deus, as palavras “no terceiro dia” testemunham a historicidade da ressurreição de Jesus, tanto quanto as palavras “sob o poder de Pôncio Pilatos”, no Credo Apostólico, testemunham a historicidade do sofrimento e da morte de Jesus.

(1992b:77)

106. O principal fundamento da certeza

O que temos de perguntar sobre a ressurreição não é apenas se ela ocorreu, mas se realmente é relevante ter ocorrido ou não. Pois, se ela aconteceu, esse fato deu-se aproximadamente 2 mil atrás. Como é possível que um acontecimento tão remoto tenha tanta importância para nós, hoje? Por que os cristãos fazem tanto estardalhaço sobre esse fato? Ele não é irrelevante? Não; meu argumento agora é que a ressurreição repercute em nossa condição humana. Ela fala a nossas necessidades como nenhum acontecimento distante o faz ou poderia fazer. Ela é o principal fundamento de nossa confiança cristã.

(1992b:80)

107. Um veredicto revertido

É difícil para nós compreender, e mais ainda sentir, quanto o veredicto de Jesus parece ter sido tão completamente contra ele, quando ele morreu; e quanto as esperanças passadas dos apóstolos foram destruídas, em consequência de sua morte. Jesus fora condenado por blasfêmia em uma corte judaica, mediante

procedimentos legais devidamente autorizados. Assim, os romanos o sentenciaram e executaram por sedição. Pior: ele fora “pendurado num madeiro” e, portanto (de acordo com Dt 21.21-23) morreria “debaixo da maldição de Deus”. Depois disso, ele foi retirado da cruz e sepultado — o toque final do ver-se livre dele. A rejeição pública de Jesus não poderia ser mais radical. Acabaram com ele em todas as dimensões — jurídica, política, espiritual e física. Religião, Lei, Deus, homem e morte — tudo conspirou para eliminá-lo da face da terra. Agora, tudo estava terminado. O veredicto fora tão decisório quanto poderia ser. Nenhum poder na terra jamais poderia resgatá-lo nem reintegrá-lo.

Os apóstolos deixaram de refletir sobre o poder de Deus para ressuscitar. Não é de admirar que suas primeiras declarações pudessem ser resumidas nestas palavras: “ ‘Vocês mataram o autor da vida, mas Deus o ressuscitou dos mortos...’ ” (At 3.15). E Deus, ao ressuscitá-lo, reverteu o veredicto que lhe fora proferido... Em outras palavras, Deus, ao levantar Jesus, fez uma declaração sobre nosso Salvador e, em especial, colocou por terra todas as concepções humanas sobre ele. Condenado por blasfêmia, agora, por meio da ressurreição, ele fora designado Filho de Deus. Executado por sedição, ao declarar-se rei, “ ‘... Deus o fez Senhor e Cristo’ ” (At 2.36). Pendurado no madeiro, a maldição de Deus, ele foi inocentado como Salvador dos pecadores; maldição que ele suportou por nossa causa, e não por ele.

(1985:45)

108. Vitória endossada

Não devemos ver a cruz como derrota, e a ressurreição como vitória. Antes, a cruz foi a vitória ganha, e a ressurreição, a vitória endossada, proclamada e demonstrada.

(1991a:212)

109. Demonstrações de poder

As Escrituras nos apresentam dois grandes paradigmas do poder de Deus: a criação do Universo e a ressurreição de Jesus. Paulo, em sua carta aos Romanos, apresenta esses dois paradigmas juntos, quando descreve o Deus vivo como “... o Deus que dá vida aos mortos e chama à existência coisas que não existem, como se existissem” (Rm 4.17). Em outras palavras, o poder de Deus foi apresentado, acima de tudo, na Criação, a partir do nada, e na ressurreição, a partir da morte. Ambas são demonstrações objetivas e históricas do poder. Pois a Criação e a ressurreição ocorreram no tempo, e seus resultados são visíveis. De outra forma, elas não podem ser vistas como demonstrações de poder. O poder invisível de Deus é claramente visto naquilo que ele fez. Assim, da mesma forma, embora ninguém tenha visto a ressurreição acontecer (como ninguém viu a Criação), o Cristo ressurreto, no entanto, foi visto, ouvido e tocado, de forma que as testemunhas oculares escolhidas foram capazes de testificar o que elas viram e ouviram.

(1984:48)

110. Uma reversão e uma demonstração

A ressurreição não foi apenas a seqüela da morte de Jesus; ela foi o reverso do veredicto humano que lhe proferiram, bem como a demonstração pública do propósito divino de sua morte.

(1992b:60)

111. Uma variedade estudada

Uma investigação das dez aparições de Jesus revela uma quase estudada variedade nas circunstâncias, quanto às pessoas, aos lugares e às formas em que ocorreram. Ele foi visto por indivíduos sozinhos — Maria Madalena, Pedro e Tiago —, por pequenos grupos e por mais de 500 pessoas juntas. Ele apareceu no jardim

do túmulo, próximo a Jerusalém, no cenáculo, no caminho para Emaús, ao lado do mar da Galiléia, em uma montanha na Galiléia e no monte das Oliveiras.

Se havia variedade quanto às pessoas e aos lugares, havia também variedade quanto à forma. Maria Madalena estava chorando; as mulheres estavam temerosas e surpresas; Pedro estava cheio de remorso, e Tomé, cheio de incredulidade. Os discípulos da estrada de Emaús estavam absortos pelos acontecimentos da semana, e os discípulos na Galiléia, por sua pesca. No entanto, mediante suas dúvidas e medos, mediante sua descrença e preocupação, o Senhor ressurreto apareceu a eles.

(1971a:57)

112. A evidência da História

Talvez a transformação dos discípulos de Jesus seja, de todas, a maior evidência da ressurreição, pois é totalmente natural. Eles não nos convidam a olhar para eles mesmos, mas para o túmulo vazio, para as vestes largadas ali e para o Senhor a quem eles viram. Podemos ver a mudança que neles ocorreu, sem que nos peçam para observar isso. Os homens que figuram nas páginas dos Evangelhos são novas criaturas, totalmente distintas, no livro de Atos dos Apóstolos. A morte do seu Mestre os deixara desapontados e desiludidos, quase os levou ao desespero. Contudo, no livro de Atos dos Apóstolos, eles emergem como homens que põem em risco sua vida em nome do Senhor Jesus Cristo e que viram o mundo de cabeça para baixo.

(1971a:58)

113. O início da nova criação de Deus

Devemos insistir, contrapondo-nos às negações de um ou dois líderes da Igreja, diante de sua afirmativa de que a “ressurreição” significa “ressurreição corporal”. Isto porque: (1) os “evangelistas”

testemunham que o túmulo estava vazio; (2) a tradição apostólica afirma que Jesus “... morreu..., foi sepultado e ressuscitou..., e apareceu...” (1Co 15.3-5), de forma que o que ressuscitou foi o que havia sido sepultado, isto é, seu corpo; e (3) o corpo ressurreto de Jesus foi e é o primeiro bocado do universo material a ser redimido e, portanto, é o início e o penhor da nova criação de Deus.

(1991e:70)

114. Afirmando a ressurreição

Afirmar a presença viva de Jesus por meio de seu Espírito em nosso coração não é o mesmo que afirmar sua ressurreição. Sua presença que habita em nós é uma experiência contínua; sua ressurreição foi um fato histórico. Por meio dela, seu corpo foi transformado, seu túmulo ficou vazio, e o poder da morte foi derrotado.

(1985:37)

115. O “princípio da analogia”

Os milagres não precisam ter precedentes para que os validemos. O argumento clássico dos deístas do século XVIII é de que podemos crer em acontecimentos estranhos fora de nossa experiência somente se pudermos construir, nessa experiência, algo análogo a eles. Esse “princípio de analogia”, se correto, seria suficiente para invalidar muitos dos milagres bíblicos. Não temos, por exemplo, nenhuma experiência de alguém que andou sobre as águas, multiplicou pães e peixes, ressurgiu dos mortos ou ascendeu aos céus. Em particular, uma ascensão desafiaria a lei da gravidade, a qual, de acordo com o que sabemos, opera em todos os momentos e em todos os lugares. O princípio de analogia, contudo, não era relevante no que dizia respeito à ressurreição e à ascensão de Jesus, uma vez que ambos os acontecimentos foram *sui generis*. Não estamos afirmando que as pessoas, com certa

frequência ou até mesmo às vezes, ressuscitem dos mortos e ascendam ao céu. Apenas declaramos que esses dois fatos aconteceram uma vez. O fato de não podermos produzir nenhuma analogia antes nem depois confirma a veracidade desses dois fatos, em vez de solapá-los.

(1990b:47)

116. A exaltação de Jesus

É uma pena que denominemos o fato de “Dia da Ascensão”, pois a Bíblia fala mais da exaltação de Cristo do que de sua ascensão. Esse é um caminho interessante para analisarmos. Os quatro grandes acontecimentos na carreira salvadora de Jesus são descritos na Bíblia tanto ativa quanto passivamente, com ações realizadas tanto por Jesus quanto para Jesus. Assim, as Escrituras, com referência ao seu nascimento, dizem tanto que ele veio quanto que ele foi enviado; com referência à sua morte, tanto que ele entregou-se a si mesmo quanto que ele foi oferecido; com referência à sua ressurreição, tanto que ele ressuscitou quanto que foi ressuscitado; com referência à sua ascensão, tanto que ele ascendeu quanto que foi exaltado. Se observarmos mais atentamente, descobriremos que, nos primeiros dois casos, a frase na voz ativa é mais comum: ele veio e morreu, como uma escolha deliberada, isto é, por livre escolha. Contudo, nos últimos dois casos, a idéia passiva é mais comum: foi ressuscitado do túmulo e foi exaltado ao trono. Essa era a ação do Pai.

(1954a:12)

117. Um sinal de finalidade

Não há necessidade de duvidar da natureza literal da ascensão de Cristo, desde que compreendamos seu propósito. Ela não era necessária como uma forma de partir, pois “ir para o Pai” não envolvia uma jornada no espaço e, presumivelmente, ele poderia

simplesmente ter desaparecido, exatamente como em ocasiões anteriores. A razão pela qual ele ascendeu diante dos olhos daquelas testemunhas foi mostrar-lhes que sua partida era definitiva. Ele havia partido para sempre, ou, pelo menos, até seu retorno em glória. Portanto, eles retornaram para Jerusalém com muita alegria e esperaram — não por outra aparição de Jesus após a ressurreição, mas pelo Espírito Santo e para que este viesse em poder, conforme lhes fora prometido.

(1984d:103)

118. Salvador e Senhor

A afirmação simbólica de que Jesus está “à direita do Deus todo-poderoso” encerra as duas grandes declarações do evangelho, a saber: ele é Salvador — tem autoridade para conceder a salvação — e ele é Senhor — tem autoridade para exigir submissão.

(1975c:50)

10

O retorno em glória

119. O retorno do Senhor

Olhamos confiantemente para a frente, para o retorno pessoal de nosso Senhor Jesus Cristo, com poder e glória; e essa esperança cristã nos motiva intensamente. Não que devamos cometer no ano 2000 o engano ocorrido no ano 1000, predizendo aquela data (ou qualquer outra data) para marcar seu retorno, pois não sabemos quando ele virá. Tampouco, devemos utilizar nossa expectativa de seu retorno como uma desculpa por nossa inércia social. Ao contrário, a visão escatológica de um novo mundo de justiça e paz, no qual Cristo nos introduz, demonstra-nos que tipo de sociedade agrada a Deus e, portanto, nos dá uma intensa motivação para, pelo menos, buscarmos nos aproximar desse padrão social, agora.

(1983e:viii)

120. Pessoal e visível

Dois aspectos do retorno de Jesus estão realmente fora de questão. Seu advento envolverá a presença pessoal daquele que agora

está ausente, a presença visível daquele que agora é invisível. Além dessa certeza, devemos ser sábios e exercitar a cautela. Sem dúvida alguma, a maneira real em que ocorrerá seu retorno pessoal e visível transcenderá tanto as categorias nas quais a profecia foi feita quanto a medida de nosso próprio entendimento. Esse retorno será um fato dramático e cataclísmico em que todo processo da História terá fim. Contudo, embora não queiramos dogmatizar além desse ponto, não podemos ficar aquém dele, se quisermos ser fiéis à revelação do NT. O retorno de Jesus pode realmente ser *mais* glorioso, mas ele não pode ser *menos* que totalmente pessoal e visível.

(1962b)

121. A vinda universal

Não é fácil compreender literalmente a expressão: “... seremos arrebatados com eles nas nuvens...” (1Ts 4.17). Sabemos, pois Jesus mesmo nos disse, que sua vinda será pessoal, visível e gloriosa, mas também sabemos, pois ele também declarou, que ela não será local — “ ‘Lá está ele!’ ou ‘Aqui está!’ ” —, mas universal — “ ‘... como o relâmpago cujo brilho vai de uma extremidade à outra do céu’ ” (Lc 17.23,24). Portanto, presumivelmente, nosso encontro com ele também transcenderá o espaço. Pois a expressão *nas nuvens*, para todo leitor da Bíblia, é um símbolo familiar da presença imediata de Deus facilmente reconhecido — em Êxodo, no monte Sinai, enchendo o tabernáculo, na caminhada no deserto, na transfiguração de Jesus, em sua ascensão e em seu glorioso aparecimento.

(1991d:104)

122. Um acontecimento transcendente

Quanto às Escrituras, um exemplo da importância de se examinar cada uma de suas partes, qualquer que seja o assunto, à

luz do todo, é a segunda vinda de Cristo. Seria fácil (e perigoso) ser seletivo nos textos sobre os quais alicerçamos nossa doutrina. Algumas passagens, no entanto, indicam que o retorno de Cristo será pessoal e visível; na verdade, ele “... voltará da mesma forma” que subiu aos céus (At 1.11). Mas antes que ajustemos a nossa compreensão à idéia de que o retorno do Senhor será um tipo de ascensão ao inverso, como um filme passado de trás para a frente, e que Cristo porá seus pés no monte das Oliveiras, de onde ele ascendeu aos céus, precisamos refletir sobre algo que Jesus disse para objetar aos que queriam limitar seu retorno a um único local: “Pois o Filho do homem no seu dia será como o relâmpago cujo brilho vai de uma extremidade à outra do céu” (Lc 17.24).

O cristão verdadeiramente bíblico, que anseia por ser fiel a toda a Escritura, certamente gostaria de, com igualdade, fazer justiça a essas duas linhas de ensino. A vinda do Senhor realmente será pessoal, histórica e visível; mas também ocorrerá “com poder e grande glória”, de forma tão universal quanto o relâmpago, um fato transcendente do qual toda a população do mundo, dos dois hemisférios, se tornará simultaneamente consciente.

(1984d:179)

123. O Senhor e os seus

A esperança cristã, entretanto, é mais que a expectativa da vinda do Rei; ela é também a crença de que, quando ele vier, os cristãos mortos virão com ele, e os cristãos que estiverem vivos se unirão a eles.

(1991d:97)

11

Cristo, nosso contemporâneo

124. Para todas as culturas e épocas

Jesus Cristo é atemporal. Embora tenha nascido na sociedade palestina do século I, ele pertence a todas as culturas. Ele não é datado. Ele fala a todas as pessoas em sua língua materna. Cristo é nosso contemporâneo.

(1981g:4)

125. “Vivo para sempre”

O Jesus que nasceu em nosso mundo, aquele que viveu e morreu na Palestina do século I, e ressuscitou dos mortos, está agora vivo para sempre, bem como disponível e acessível a seu povo. Jesus Cristo não deve ser relegado à História ou aos livros de História, como acontece com os outros líderes religiosos. Ele não morreu nem desapareceu; não acabou nem foi fossilizado. Ele está vivo e ativo. Chama-nos para segui-lo e se oferece a nós como nosso Salvador que habita em nós e nos transforma.

(1992b:313)

126. O homem Cristo Jesus

A encarnação foi um acontecimento histórico e único com conseqüências permanentes; e hoje, à direita de Deus, o homem Cristo Jesus reina, ainda humano, como também divino, embora agora sua humanidade esteja glorificada. Ao assumir nossa natureza humana, ele nunca se desfez dela, e jamais fará isso.

(1984:74)

127. A pessoa divina

Confiança na pessoa divina e humana de Jesus é uma arma contra a qual nem o erro, nem o mal, nem a força do mundo podem prevalecer.

(1988g:177)

128. Senhor da Criação, Senhor da Igreja

Com freqüência, nosso cristianismo é pobre porque nosso Cristo é pobre. Empobrecemos a nós mesmos por nossas opiniões pequenas e insignificantes a respeito dele. Hoje, algumas pessoas falam de Cristo como se ele fosse um tipo de seringa que pudéssemos carregar em nosso bolso, de forma que, quando estívéssemos deprimidos, pudéssemos dar-nos uma injeção para fazer uma viagem pelo mundo da fantasia. Mas Cristo não pode ser usado nem manipulado dessa forma. A Igreja contemporânea parece ter pouca percepção da grandeza de Jesus Cristo como Senhor da Criação e Senhor da Igreja, diante de quem deveríamos estar com nossa face reclinada no pó. Tampouco parecemos ver sua vitória, conforme retratada no NT, com todas as coisas sob seus pés, de tal maneira que, se nos unirmos a Cristo, todas as coisas estejam também sob nossos pés.

(1984d:iii)

129. Tocar a realidade

Aquele que pregamos não é um Cristo num vácuo, nem um Cristo místico sem relação com o mundo real, nem sequer somente o Jesus da História, da Antiguidade, mas o Cristo contemporâneo que, em tempos passados, viveu e morreu e que hoje vive para atender à necessidade humana em toda a sua variedade atual. Encontrar a Cristo é tocar na realidade e experimentar a transcendência. Ele nos dá um senso de valor próprio e de relevância pessoal, porque nos dá a certeza do amor de Deus por nós. Ele nos liberta da culpa porque morreu por nós, das cadeias do nosso egocentrismo mediante o poder da sua ressurreição, e do medo paralisante porque ele reina, e todos os principados e potestades do mal foram subjugados debaixo dos seus pés. Cristo dá sentido ao casamento e ao lar, ao trabalho e ao lazer, à personalidade e à cidadania. Ele nos introduz na sua nova comunidade, a nova humanidade que está criando. Desafia-nos a sair para algum segmento do mundo que não o reconhece, para ali nos dedicarmos a testemunhar dele e a servi-lo. Ele nos promete que a História nem está destituída de significado nem é interminável, pois virá o dia em que voltará para encerrá-la, destruir a morte e introduzir o novo Universo de justiça e paz.

(2003:164)

130. O teste fundamental

O teste de doutrina fundamental do cristão confesso diz respeito à sua visão da pessoa de Jesus. Se ele for unitarista, ou membro de uma seita que negue a divindade de Jesus, não é cristão. Muitas seitas estranhas, as quais têm um apelo popular, podem hoje ser facilmente julgadas e rapidamente repudiadas por esse teste. A extrema seriedade da mentira é que a segunda negação está implicada na primeira: *nega-se o Pai e o Filho* (1Jo 2.23).

(1988g:116)

131. Amor pelo nome

Os cristãos primitivos, que tinham orgulho de “sofrer indignidades por causa do nome”, tinham o desejo ardente de evangelizar pelo mesmo motivo. De igual modo, o amor pelos mandamentos entregues por Cristo e o amor por suas ovelhas perdidas estão subordinados e dependem do amor pelo nome de Cristo.

Amor por esse nome não é apenas uma ligação sentimental, quer a seu nome pessoal — Jesus —, quer a seu título oficial — Cristo —, quer a qualquer de suas designações nas Escrituras. Ao contrário, esse amor diz respeito à honra que lhe é dada no mundo, um desejo ardente para o cumprimento de nossa oração: “Não a nós, SENHOR, nenhuma glória para nós, mas sim ao teu nome, por teu amor e por tua fidelidade!” (Sl 115.1). Isso é o reconhecimento de que Deus Pai o exaltou “... muito acima... de todo nome que se possa mencionar...” (Ef 1.21); e, na verdade, “... lhe deu o nome que está acima de todo nome...”, com a finalidade de garantir que “... ao nome de Jesus...”, diante de sua suprema posição e dignidade, dobre-se “... todo joelho... e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor...” (Fp 2.9-11).

(1967e:20)

III. O Espírito Santo

12. A vinda do Espírito

13. O Espírito e o Filho

14. A obra do Espírito Santo

15. Batismo e plenitude

16. O cristão cheio do Espírito

12

A vinda do Espírito

132. O dia de Pentecoste

Há pelo menos quatro formas em que podemos pensar sobre o dia de Pentecoste. Primeiro, foi o ato final do ministério salvífico de Jesus, antes da *parúsia*. Cristo nasceu com nossa humanidade, viveu a nossa vida, morreu por nossos pecados, ressuscitou dos mortos e ascendeu aos céus; envia, agora, seu Espírito para fazer de seu povo seu corpo, atuar em seu interior por meio daquilo que para eles alcançara. Nesse sentido, o dia de Pentecoste é único. O Natal, a Sexta-feira Santa, o Domingo de Páscoa, o Dia da Ascensão e o Domingo de Pentecoste são celebrações anuais; mas o nascimento, a morte, a ressurreição, a ascensão e a doação do Espírito, que essas datas celebram, aconteceram de uma vez por todas. Segundo, o Pentecoste trouxe aos apóstolos o equipamento de que precisavam para desempenhar seu papel especial. Cristo os designou para que fossem suas testemunhas primeiras e autorizadas e prometeu a eles o restante, bem como o ministério de ensino do Espírito Santo (Jo 14—16). O Pentecoste foi o cumprimento dessa promessa. Terceiro, o Pentecoste foi a

inauguração de uma nova era do Espírito. Embora sua vinda fosse um fato histórico singular e único, todo o povo de Deus pode hoje, e em todos os lugares, beneficiar-se de seu ministério. Embora a inspiração do Espírito tenha sido dada apenas aos apóstolos, o estar cheio do Espírito é para todos nós. Quarto, o Pentecoste foi chamado — e corretamente — de o primeiro reavivamento, pois essa palavra era usada para denotar uma dessas visitas pouco comuns de Deus, em que toda comunidade fica vividamente consciente de sua presença próxima e poderosa.

(1990b:60)

133. Um povo cheio do Espírito

É incorreto chamar o dia de Pentecoste de “aniversário da Igreja”. A Igreja, como o povo de Deus, retrocede pelo menos 4 mil anos, até Abraão. O que aconteceu no Pentecoste foi que o remanescente do povo de Deus tornou-se o corpo de Cristo, cheio do Espírito.

(1990b:81)

134. Uma bênção universal

A evidência do NT, de modo geral, e em particular do sermão de Pedro em Atos 2 e do ensino de Paulo em 1Coríntios 12.13, indica que o “batismo” com o Espírito é idêntico ao “dom” do Espírito, uma das bênçãos *características* da nova aliança. E, porque é uma bênção *inicial*, é também uma bênção *universal* para os membros da aliança. Isso faz parte do pertencer a esta nova era, bem como é uma parcela desse período de tempo. O Senhor Jesus, o mediador da nova aliança e doador dessas bênçãos, oferece o perdão pelos pecados e o dom do Espírito a todos os que passam a fazer parte de sua aliança. Mais ainda, o batismo com água é tanto o sinal como o selo do batismo com o Espírito, tanto quanto o é do perdão dos pecados. O batismo nas águas é a

cerimônia cristã de iniciação, enquanto o batismo com o Espírito é a experiência cristã de iniciação.

(1975b:43)

135. A era do Espírito

Os autores do NT tinham convicção; foram unânimes em mostrar que acreditavam que Jesus inaugurou os últimos dias, ou a era messiânica, e de que a prova final disso foi o derramamento do Espírito, uma vez que essa era a promessa das promessas do AT para o fim dos tempos. Assim, devemos ser cuidadosos ao não citar mais uma vez a profecia de Joel, como se ainda estivéssemos esperando o seu cumprimento, ou até mesmo como se esse cumprimento tivesse sido apenas parcial e estivéssemos à espera do cumprimento futuro e completo dessa profecia. Não foi dessa maneira que Pedro compreendeu e aplicou o texto. Toda a era messiânica, que se estende entre as duas vindas de Cristo, é a era do Espírito, em que seu ministério é um ministério de abundância. Não é esse o significado do verbo “derramar”? A imagem, provavelmente, é de uma pesada chuva tropical, e parece ilustrar a generosidade do dom do Espírito de Deus (não se fala de garoa nem chuva leve, mas de chuva torrencial), sua finalidade (pois o que foi “derramado” não pode ser reunido de novo) e sua universalidade (amplamente distribuída entre os diferentes agrupamentos de pessoas na humanidade).

(1990b:73)

136. Babel é desfeita

Desde os primeiros pais da Igreja, os comentaristas consideraram a bênção do Pentecoste como o reverso, deliberado e dramático, da maldição de Babel. Na torre de Babel, as línguas dos homens foram confundidas, e as nações foram espalhadas; em Jerusalém, a linguagem da barreira foi suplantada sobrenaturalmente, como um sinal de que as nações seriam novamente reunidas em

Cristo, prefigurando o grande dia em que os remidos serão reunidos “... de todas as nações, tribos, povos e línguas...” (Gn 11.1-9; Ap 7.9). Além disso, no episódio da torre de Babel, a terra tentou altivamente ascender ao céu, ao passo que, em Jerusalém, o céu humildemente desceu à terra.

(1990b:68)

137. Não é preciso esperar

Não é preciso que nós esperemos, como aquelas 120 pessoas tiveram de esperar, a vinda do Espírito. O Espírito Santo veio no dia de Pentecoste e jamais abandonou sua Igreja. Nossa responsabilidade é humilhar-nos diante de sua soberana autoridade, determinados a não sufocá-lo, mas com firme propósito de permitir que ele tenha toda a liberdade. Quando isso acontecer, nossas igrejas novamente manifestarão aquelas marcas da presença do Espírito, as quais muitos jovens estão buscando de forma muito especial, a saber, o ensino bíblico, o amor ao próximo, a adoração e o evangelismo contínuo e expansivo.

(1990b:87)

138. Um Espírito missionário

O Pentecoste foi um acontecimento missionário. Foi o cumprimento da promessa de Deus, feita por meio do profeta Joel, de que derramaria seu Espírito “... sobre todos os povos...” (Jl 2.28; At 2.17), independentemente de raça, sexo, idade ou posição social. E as línguas estranhas que os discípulos falaram (o que claramente parece que era o que chamaram de “línguas”, pelo menos no dia de Pentecoste) foram um sinal dramático da natureza internacional do Reino do Messias, o qual o Espírito Santo viera estabelecer.

O resto do livro de Atos é um desenrolar lógico daquele começo. Observamos, encantados, como o Espírito missionário cria um povo missionário e o envia em uma tarefa missionária.

(1992b:330)

13

O Espírito e o Filho

139. Um ministério melhor

Em sua última noite com os Doze, no cenáculo, Jesus os surpreendeu ao dizer: “ ‘Mas eu lhes afirmo que é para o bem de vocês que eu vou. Se eu não for, o Conselheiro não virá para vocês; mas se eu for, eu o enviarei’ ” (Jo 16.7). De que forma o ministério do Espírito era melhor que o do Filho? De duas formas. Primeiro, o Espírito Santo *universaliza* a presença de Jesus. Na terra, os discípulos não podiam desfrutar a comunhão ininterrupta com seu Mestre, pois, quando eles estavam na Galiléia, ele poderia estar em Jerusalém, ou *vice-versa*. A presença de Jesus estava limitada a um lugar e a um momento. Isso, contudo, já não é mais assim. Agora, Jesus, por meio de seu Espírito, está conosco sempre e em todos os lugares. Segundo, o Espírito Santo *internaliza* a presença de Jesus. Ele disse aos discípulos: “ ‘... Mas vocês o conhecem, pois ele vive com vocês e estará em vocês. Não os deixarei órfãos; voltarei para vocês’ ” (Jo 14.17,18). Na terra, Jesus estava com eles e podia ensiná-los, mas ele não poderia entrar na personalidade deles e transformá-los de dentro para fora. Agora, entretanto,

Cristo, por meio do Espírito Santo, habita em nosso coração pela fé e ali faz sua obra de transformação.

(1991e:78)

140. O testemunho do Espírito

Como as pessoas chegam a reconhecer a pessoa, divina e humana, de Jesus? O testemunho apostólico é necessário, mas ele não compele ao assentimento. É apenas por meio do Espírito de Deus que qualquer pessoa confessa que Jesus é o Cristo que veio em carne (1Jo 4.2).

(1988g:170)

141. Mudança de dentro para fora

Há um sentido em que podemos dizer que o ministério de ensino de Jesus provou ser ineficaz. Muitas vezes, ele recomendou com insistência que seus discípulos se humilhassem como uma criança; mas Simão Pedro continuou orgulhoso e auto-confiante. Com frequência, ele lhes dizia que amassem uns aos outros; mas até mesmo João parece ter realmente merecido seu apelido de “filho do trovão”. Quando você lê, contudo, a primeira carta de Pedro, não pode deixar de notar suas referências à humildade, e as cartas de João são repletas de amor. O que fez a diferença? O Espírito Santo. Jesus os ensinou a ser humildes e amorosos; mas nenhuma dessas qualidades apareceu na vida deles até que o Espírito Santo entrasse na personalidade de cada um e começasse a transformá-los de dentro para fora.

(1971a:100)

142. Posição e experiência

O propósito de Deus não era apenas assegurar nossa filiação por meio de seu Filho, mas de nos certificar disso por meio de seu Espírito. Ele enviou seu Filho para que pudéssemos ocupar a

posição de filhos e enviou seu Espírito para que pudéssemos ter *experiência* disso.

(1968c:107)

143. Glorificando a Cristo

A experiência cristã é experiência de Deus: Pai, Filho e Espírito Santo. Na verdade, não existe isso que chamam de “uma experiência com o Espírito Santo”, da qual o Pai e o Filho são excluídos. De qualquer forma, o Espírito Santo é um Espírito reservado. Ele não chama deliberadamente atenção sobre si mesmo. Ao contrário, nos incita a orar: “ ‘Aba, Pai’ ” e, dessa forma, testemunhar nosso relacionamento filial com Deus. Acima de tudo, ele glorifica a Cristo. Aponta o facho de luz de seu holofote para a face de Jesus Cristo. O que o deixa mais satisfeito é quando o cristão está absorto em Jesus Cristo.

(1975b:69)

14

A obra do Espírito Santo

144. Palavra e Espírito

Jamais devemos separar o que Deus uniu, isto é, sua Palavra e seu Espírito. A Palavra de Deus é a espada do Espírito. O Espírito sem a Palavra fica desarmado; a Palavra sem o Espírito é ineficaz. (1991d:34)

145. O Espírito habita em nós

Romanos 8.9 é de grande importância para a doutrina do Espírito Santo por, pelo menos, duas razões: Primeiro, o texto ensina que a marca do cristão autêntico é estar cheio do Espírito, ou ser habitação do Espírito Santo. O pecado que habita em nós (Rm 7.17,20) é o legado de todos os filhos de Adão; o privilégio dos filhos de Deus é ter o Espírito habitando neles para lutar contra o pecado que neles habita e ser capaz de subjugar-lo. Conforme Jesus prometera: “ ‘... ele vive com vocês e estará em vocês’ ” (Jo 14.17). Agora, em cumprimento a essa promessa, todo verdadeiro cristão recebe o Espírito, para que

seu corpo se torne "... santuário do Espírito Santo" em que ele habita (1Co 6.19). De modo inverso, se não temos o Espírito de Cristo em nós, não pertencemos a Cristo de forma alguma. Isso deixa claro que o dom do Espírito é uma bênção especial e universal, que recebemos assim que nos arrependemos e passamos a crer em Jesus. Obviamente, pode haver muitas experiências posteriores e mais ricas do Espírito para tarefas especiais, mas a habitação pessoal do Espírito é privilégio de todo cristão desde o momento de sua conversão. Conhecer a Cristo é a mesma coisa que ter o Espírito. O bispo Handley Moule foi sábio ao escrever que "não há 'evangelho do Espírito' *independente*. Nem por um momento progrediremos, por assim dizer, do Senhor Jesus Cristo para uma região mais alta ou mais profunda governada pelo Espírito Santo".¹

(1994:224)

146. Diferentes tipos de dons

Paulo afirma especificamente em 1Coríntios 12.4: "Há diferentes tipos de dons...". É importante lembrar isso, porque muitas pessoas hoje têm uma visão restrita de *charismata*. Por exemplo, algumas pessoas escrevem e falam sobre "os nove dons do Espírito", presumivelmente para fazer um paralelo claro, mas artificial, com o nêuplo fruto do Espírito. Outros parecem ficar preocupados, até mesmo obcecados, com apenas três dos mais espetaculares dons: "variedade de línguas", "profecia" e "dons de curar". Na verdade, as cinco listas fornecidas no NT mencionam, entre elas, pelo menos 20 dons distintos, alguns dos quais muito *prosaicos* e nada sensacionalistas (como "... mostrar misericórdia", Rm 12.8). Além disso, essas listas divergem muito

¹H. C. G. MOULE. *The Epistle of St Paul to the Romans*. In: *The Expositor's Bible*. Hodder and Stoughton, 2. ed., 1894, p. 206.

umas das outras, fornecendo sua seleção de dons de uma forma, aparentemente, a esmo. Isso sugere não apenas que nenhuma lista é completa, mas que até mesmo as cinco listas juntas não representam um catálogo completo. Sem dúvida, há muitos outros dons que não foram listados.

(1979e:159)

147. Dons espirituais

A lista dos sete dons espirituais, em Romanos 12, é muito menos conhecida que as duas listas que se sobrepõem em 1Coríntios 12 (nove na primeira lista, e oito na segunda) ou que a lista mais breve dos cinco dons, em Efésios 4.11. É importante observar tanto as similaridades quanto as dissimilaridades entre elas. Primeiro, as listas concordam que a *fonte* dos dons é Deus e sua graça, embora em Romanos esteja escrito Deus; em Efésios, Cristo; e, em 1Coríntios, Espírito Santo. Como são dons da graça trina (*charismata*), tanto a jactância quanto a inveja estão excluídas. Segundo, essas listas concordam que o *propósito* dos dons está relacionado com a edificação do corpo de Cristo, embora Efésios 4.12 seja mais explícito e 1Coríntios 14.12 afirme que devemos avaliar os dons de acordo com o grau em que podem edificar a igreja. Terceiro, as listas enfatizam os *diferentes* dons, cada uma delas parecendo ser uma seleção aleatória deles. Todavia, embora os que estudam as listas de 1Coríntios tendam a focalizar o sobrenatural (variedade de línguas, profecia, dons de curar e poder para operar milagres), nas passagens em Romanos 12 os dons, exceto o de profecia, são ou gerais e práticos (servir, ensinar, dar ânimo e exercer liderança) ou *prosaicos* (mostrar misericórdia e contribuir). É evidente que necessitamos ampliar nossa compreensão a respeito dos dons espirituais.

(1994:328)

148. O Espírito e o pecador

Precisamos retomar nossa crença de que uma das funções do Espírito Santo designada por Deus é fazer que conheçamos, sintamos, pranteemos, desprezemos e abandonemos nossos pecados; e, se tivermos consciência de que temos uma visão superficial do pecado, nossa conduta deve ser clamar ao Espírito Santo, e não fugir à confissão.

(1964:72)

149. Fé no poder do Espírito

Alguns de nós não levamos uma vida santa pela simples razão de termos uma opinião muito boa a respeito de nós mesmos. Nenhum homem clama em voz alta por libertação, a não ser que tenha visto sua própria miséria. Em outras palavras, a única forma de chegar à fé do poder no Espírito Santo é percorrer a estrada do desespero pessoal.

(1966c:74)

150. Frutos e dons

Quais são, hoje, as marcas de uma pessoa cheia do Espírito de Deus? Não pode haver a menor dúvida de que a principal evidência é moral, e não miraculosa, e encontra-se no fruto do Espírito, e não nos dons do Espírito.

(1975b:54)

15

Batismo e plenitude

151. O batismo do Espírito

O ensino das igrejas pentecostais e de muitas pessoas do movimento carismático ou neopentecostal é que recebemos o “dom” do Espírito quando nos convertemos, mas depois é preciso uma segunda e subsequente experiência denominada de “batismo” do Espírito, geralmente evidenciado pelo “falar em línguas”. Entretanto, o que o NT ensina não é um estereótipo de dois estágios; antes, a bênção inicial da regeneração pelo Espírito, seguida por um processo de crescimento até a maturidade, no qual podemos ter muitas experiências realmente mais profundas e ricas com Deus. Essas, com freqüência, trazem consigo uma experiência nova da realidade de Deus e uma consciência mais vívida de seu amor. Contudo, não deveriam ser chamadas de “batismo do Espírito”. A expressão ser “batizado com o Espírito” ocorre apenas sete vezes no NT. Seis delas são citações das palavras de João Batista: “ ‘Eu os batizo com água... Ele os batizará com o Espírito Santo...’ ” (Mt 3.11), uma promessa que foi cumprida no dia de Pentecoste. A sétima vez enfatiza que todos nós

fomos “batizados” com o Espírito e “... a todos nós foi dado beber de um único Espírito” (1Co 12.13) — duas imagens vívidas de que o recebemos.

(1991e:80)

152. Já batizado

Os apóstolos nos incitam à conduta ética com frequência e de forma bem detalhada. Eles apelam para que vivamos as realidades concretas da vida diária daquilo que Deus já fez por nós em Cristo. Eles nos ordenam a crescer na fé, no conhecimento e na santidade. Eles nos avisam sobre o julgamento e nos desafiam com a expectativa do retorno do Senhor. Eles nos rogam, no entanto, que não entristecemos o Espírito, mas que, em lugar disso, andemos no Espírito e continuemos a estar cheios com o Espírito... Mas nunca, nem uma vez sequer, eles nos exortam e nos instruem a “ser batizados com o Espírito”. Pode haver apenas uma explicação para isso, a saber, eles estão escrevendo para cristãos, e os cristãos já foram batizados com o Espírito Santo.

(1975b:45)

153. O um e os muitos

O ensinamento do NT pode ser resumido neste “um só batismo, mas ser cheio do Espírito muitas vezes”.

(1975b:68)

154. Não opcional, mas obrigatório

“... deixem-se encher pelo Espírito...” (Ef 5.18) não é uma sugestão tentadora, uma recomendação suave ou um conselho mínimo e cortês. Essa é uma ordem que veio para nós de Jesus Cristo, com toda a autoridade de um de seus apóstolos. Não temos liberdade para escapar dessa tarefa, como também não temos liberdade para escapar das tarefas éticas que estão no contexto

desse texto; por exemplo, falar a verdade, fazer um trabalho honesto, ser gentil e perdoador uns para com os outros, e levar uma vida de pureza e amor. O estar cheio do Espírito Santo não é uma opção para o cristão; é uma obrigação.

(1975b:60)

155. Recuperando a plenitude

As falhas e o mau desempenho de muitos cristãos não são evidências de *sua necessidade de ser batizado com o Espírito* (pois até mesmo os cristãos de Corinto, que eram orgulhosos, desamorosos, briguentos e indulgentes com os pecados, haviam sido batizados com o Espírito); *mas são evidências da necessidade de recuperar a plenitude do Espírito* que perderam por causa do pecado ou da descrença.

(1975b:66)

16

O cristão cheio do Espírito

156. Selado com o Espírito

O selo é a marca da posse... E o selo de Deus, por meio do qual ele nos marca como pertencentes a ele para sempre, é o Espírito Santo. O Espírito Santo é o crachá de identidade do cristão. Se o Espírito Santo habita em você, você é cristão. Se o Espírito Santo não habita em você, você não é cristão. Pois, se cremos em Jesus, Deus nos sela com o selo do Espírito Santo que habita em nós.

(1972c:207)

157. Nossa posse comum

Toda pessoa tem uma experiência com o Espírito Santo nos primeiros momentos de sua vida cristã. Pois a vida cristã começa com o novo nascimento, e o novo nascimento é o nascimento "... do Espírito" (Jo 3.3-8). Ele é "o Espírito da vida", pois é ele quem concede vida a nossa alma morta. Mais que isso, ele vem habitar em nosso interior, e o habitar do Espírito é a posse comum de todos os filhos de Deus.

(1975b:19)

158. Cheio com o Espírito

Quando Paulo diz: "... deixem-se encher pelo Espírito...", ele usa o imperativo afirmativo, o que significa que somos continuamente cheios do Espírito. Pois estar cheio do Espírito não é uma experiência vivida de uma vez por todas, a qual jamais podemos perder, mas o privilégio de ser renovados continuamente pelo crer contínuo e pela apropriação obediente. Fomos "selados" com o Espírito para sempre; precisamos encher-nos com o Espírito e continuar a nos encher com sua presença a cada dia e a cada momento do dia.

(1979e:209)

159. Domínio próprio

É um grave erro fazer a suposição de que estar cheio com o Espírito de Jesus Cristo é um tipo de embriaguez na qual perdemos o controle de nós mesmos. Ao contrário, o "domínio próprio" (*enkrateia*) é a qualidade final mencionada em Gálatas 5.22,23 como "o fruto do Espírito". Sob a influência do Espírito Santo, não perdemos o controle; ao contrário, o alcançamos.

(1979e:204)

160. O Espírito da verdade

Uma das mais claras evidências do cristão cheio do Espírito é a fome pelas Escrituras e a humilde submissão à autoridade delas como a Palavra escrita de Deus. Mostre-me, no entanto, uma pessoa que afirma ser cristã, mas que não se devota aos ensinamentos dos apóstolos, preferindo negligenciá-los e até mesmo ignorá-los, e você estará me dando uma boa razão para questionar se ela realmente recebeu o Espírito Santo. Pois o Espírito Santo é o Espírito da verdade (conforme Jesus o denominou). Ele nos foi dado para ser nosso Mestre, e aqueles que são cheios com o Espírito têm um vivo apetite por sua instrução.

(1977d:74)

161. O maior dom

Deus dá o Espírito; nós o recebemos. Na verdade, o maior dom que o cristão jamais recebeu, receberá ou poderia receber é o Espírito de Deus. Ele entra em nossa personalidade humana e nos transforma de dentro para fora. Ele nos enche com amor, alegria e paz. Ele subjuga nossa paixão e transforma nosso caráter à imagem de Cristo. Hoje, não há um templo feito pelas mãos humanas no qual Deus habita. Ao contrário, seu templo é seu povo. Ele habita tanto no cristão individual quanto na comunidade cristã. Paulo pergunta: “Acaso não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo que habita em vocês, que lhes foi dado por Deus, e que vocês não são de si mesmos?”. E mais uma vez: “Vocês não sabem [plural corporativo] que são santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vocês?” (1Co 6.19; 3.16).

(1990c:86)

162. O fruto do Espírito

A expressão “o fruto do Espírito” é proveniente da carta aos Gálatas, escrita por Paulo. Estas são suas palavras:

Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio... (Gl 5.22,23).

O simples recitar desses dons cristãos deve ser suficiente para fazer a boca salivar e o coração bater mais forte. Pois esse é o retrato de Jesus Cristo. Nenhum homem ou mulher jamais exibiu essas qualidades com tanto equilíbrio e tanta perfeição quanto o homem Cristo Jesus. Contudo, esse é o tipo de pessoa que todo cristão anseia ser.

Esse, portanto, é o retrato de Cristo, e, pelo menos de forma ideal, do cristão equilibrado, semelhante a Cristo e cheio do Espírito. Não temos liberdade para selecionar ou escolher entre essas

qualidades. Elas vêm juntas — como um cacho de frutas ou a colheita de grãos — e constituem a semelhança de Cristo; cultivar algumas sem as outras é ser um cristão díspar. O Espírito dá aos cristãos dons distintos..., mas ele trabalha para produzir o mesmo fruto em todos. Não sente alegria se demonstramos amor pelos outros, enquanto não temos domínio próprio; ou se temos paz e alegria interiores, sem demonstrar amabilidade para com os outros; ou se temos paciência negativa sem bondade positiva; ou se demonstramos mansidão e docilidade, sem a firmeza da confiança cristã. O cristão díspar é carnal; mas pode haver inteireza, harmonia e completude do caráter cristão, algo que pode apenas ser exibido quando o cristão estiver cheio do Espírito.

(1975b:76)

163. Entrega incondicional

Nossa atitude em relação à natureza decaída deve ser de repúdio incontestado. Pois os “... que pertencem a Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e os seus desejos” (Gl 5.24). Isto é, pegamos essa coisa má, escorregadia e repugnante chamada “carne” e a pregamos na cruz. Esse foi nosso arrependimento inicial. A crucificação é uma imagem dramática para nossa rejeição sem concessões a todo o mal conhecido. A crucificação não leva a uma morte rápida nem fácil; é uma execução em que a dor se prolonga. Contudo, é decisiva; não há possibilidade de escapar dela.

Nossa atitude em relação ao Espírito Santo, de outro lado, é uma rendição incondicional. Paulo usa várias expressões para isso: “Vivam pelo Espírito”, “... se vocês são guiados pelo Espírito” e “... andemos também pelo Espírito” (Gl 5.16,18,25). Isto é, temos de permitir que ele tenha a soberania de direito sobre nós e seguir seu justo incitamento.

Assim, tanto nosso repúdio à carne quanto nossa rendição ao Espírito precisam ser repetidos diariamente, independentemente de quão decisivos nosso repúdio e nossa entrega primeiros possam ter sido. De acordo com as palavras de Jesus, devemos tomar diariamente a cruz e segui-lo (Lc 9.23). Também, à medida que abrimos nossa personalidade para ele diariamente, devemos estar cheios pelo Espírito (Ef 5.18). Tanto nosso repúdio quanto nossa rendição devem ser trabalhados por meio de hábitos que disciplinem nossa vida. São aqueles que semeiam "... para o Espírito" (Gl 6.8) que colhem o fruto do Espírito. E semear para o Espírito significa cultivar as coisas do Espírito. Por exemplo, por meio de nosso sábio uso do dia do Senhor, da nossa disciplina diária de oração e leitura da Bíblia, de nossa constante adoração e participação na ceia do Senhor, de nossas amizades cristãs e de nosso envolvimento no serviço cristão. Há um princípio inflexível, dentre todos os que Deus apresenta, quer na esfera material quer na esfera moral, a saber, aquele que diz que colhemos o que plantamos. Essa regra é infalível. Ela não pode ser mudada, pois "... de Deus não se zomba" (Gl 6.7). Portanto, não devemos nos surpreender se não colhermos o fruto do Espírito quando plantamos o tempo todo na carne. Será que achamos que podemos enganar ou trapacear Deus?

(1992b:154)

IV. Revelação e Escrituras

17. A auto-revelação divina

18. “Deus tem falado...”

19. Autoridade bíblica

20. Ouvir e interpretar

21. Escrituras, razão e tradição

22. O estudo da teologia

23. Verdade e erro

24. A Palavra viva

A auto-revelação divina

164. A mente de Deus

A mente de Deus, por ser infinita, é impenetrável por seres finitos. Seus pensamentos são muito mais altos que os nossos, assim como os céus são muito mais altos que a terra (Is 55.9). Como, portanto, podemos conhecê-los? Não podemos fazer isso por nós mesmos. Eles estão além de nossa capacidade. Não há escada por meio da qual possamos subir às alturas dos céus nem um meio pelo qual possamos sondar a mente de Deus. Contudo, ao falar conosco, o Senhor nos revelou seus pensamentos. A passagem de Isaías 55 continua: “ ‘Assim como a chuva e a neve descem dos céus..., assim também ocorre com a palavra que sai da minha boca’ ” (v. 10,11). Deus revestiu seus pensamentos com palavras. Sua boca declarou o que está em sua mente. Teologicamente, podemos dizer que a revelação veio a nós por meio da inspiração.

(1981g:8)

165. Autoridade inerente

Uma crença fundamental da religião cristã é crermos naquilo que cremos não porque seres humanos o inventaram, mas porque Deus o revelou. Como consequência, existe uma autoridade inerente no cristianismo que nunca poderá ser destruída.

(2003a:59)

166. Revelação e iluminação

A mente humana é tanto finita quanto decaída, bem como jamais compreende nem crê sem a obra graciosa do Espírito Santo. Não é necessário apenas que ele nos dê uma revelação objetiva. Precisamos também de sua iluminação subjetiva. Se levássemos um homem com os olhos vendados a uma cerimônia em que fossem descerradas algumas inscrições em placas de pedra, antes que ele pudesse lê-las, dois processos seriam necessários. Primeiro, as placas teriam de ser descerradas (obviamente, “revelação” significa descerrar, desvelar). Segundo, a venda precisaria ser retirada dos olhos do homem. De modo similar, não é suficiente que Deus, por intermédio de seu Espírito, revele a verdade em Cristo. A venda também tem de ser removida de nossos olhos.

(1956a:26)

167. Revelação geral

Como Romanos 1.19,20 é uma das principais passagens do NT sobre o tema da “revelação geral”, pode ser útil resumir como a revelação “geral” difere da revelação “específica”.

A auto-revelação de Deus por meio do que ele fez tem quatro características principais. Primeiro, ela é “geral” porque foi feita para todos e em todos os lugares, em contraposição à “específica”, pois esta foi feita para pessoas específicas e em lugares específicos por meio de Cristo e dos autores bíblicos. Segundo, ela é “natural” porque foi feita por meio da ordem natural, em contraposição à

“sobrenatural”, envolvendo a encarnação do Filho e a inspiração das Escrituras. Terceiro, ela é “contínua”, pois desde a criação do mundo prossegue, conforme descrito no salmo 19.2: “Um dia fala disso a outro dia; uma noite o revela a outra noite”, em contraposição à “final” e completa em Cristo e nas Escrituras. Quarto, ela é “criacional”, pois revela a glória de Deus por meio da criação, em contraposição à “salvífica”, que revela a graça de Deus em Cristo.

(1994:73)

168. Revelação progressiva

O conceito de revelação progressiva — Deus ensinando seu povo em muitas partes e de muitas formas — é uma noção bastante diferente da evolução religiosa progressiva — os homens se agrupando em trevas que se tornaram gradualmente menos escuras. A compreensão bíblica da revelação escriturística não implica nenhum julgamento adverso do material bíblico envolvido em qualquer estágio do processo. Ela é, em sua totalidade, verdade de Deus; a única diferença é que algumas partes vão mais além que outras.

(1967b:54)

169. A autobiografia divina

A Bíblia é a auto-revelação de Deus, a autobiografia divina. Na Bíblia, o assunto e o objeto são idênticos, pois nela Deus fala a respeito de Deus. Progressivamente, ele torna seu ser conhecido em sua rica diversidade: como o Criador do Universo e dos seres humanos à sua imagem, o apogeu de sua criação; como o Deus vivo que sustenta e anima tudo que fez; como o Deus da aliança que escolheu Abraão, Isaque, Jacó e seus descendentes para serem seu povo escolhido; e como o Deus gracioso que é tardio em irar-se e rápido em perdoar, mas que também é o Deus justo

que pune a idolatria e a injustiça em meio a seu povo, bem como nas nações pagãs. Depois, no NT, ele se revela como o Pai de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, enviado ao mundo para assumir nossa natureza, para nascer e crescer, viver e ensinar, trabalhar e sofrer, morrer e ressuscitar, para ocupar o trono e enviar o Espírito Santo; depois, como o Deus da comunidade da nova aliança, a Igreja, que envia seu povo ao mundo como suas testemunhas e seus servos no poder do Espírito Santo; e, finalmente, como o Deus que um dia enviará Jesus Cristo em poder e glória, para salvar, julgar e reinar, o qual criará um novo Universo e, no fim, será tudo para todos.

(1982a:69)

170. Adoração, fé e obediência

Na Bíblia, Deus nos dá revelações de si mesmo, as quais nos levam à adoração; promessas de salvação, que estimulam nossa fé; e mandamentos que expressam seu desejo, os quais demandam nossa obediência. Esse é o significado do discipulado cristão. Seus três ingredientes essenciais são: adoração, fé e obediência. Os três são inspirados pela Palavra de Deus.

(1982a:74)

171. Verdades reveladas

A Palavra de Deus foi designada para nos tornar cristãos, e não cientistas, e para nos levar à vida eterna por meio da fé em Jesus Cristo. A intenção de Deus não foi revelar nas Escrituras o que os seres humanos poderiam descobrir por meio de suas próprias investigações e experimentos. Portanto, os três primeiros capítulos de Gênesis revelam, em particular, quatro verdades espirituais que jamais poderiam ser descobertas pelo método científico. Primeiro: Deus fez tudo. Segundo: ele fez tudo do nada. Não havia nenhuma matéria-prima original, tão eterna quanto ele mesmo, na qual pudesse trabalhar. Terceiro: ele fez o homem e a mulher à

imagem dele. Quarto: tudo que ele fez era “muito bom”. Quando a Criação saiu de suas mãos, ela era perfeita. O pecado e o sofrimento foram invasões estrangeiras em seu mundo maravilhoso, os quais acabaram destruindo-o.

(1991e:58)

172. Os limites do conhecimento

Embora a revelação de Deus seja final e completa em Cristo, isso não significa que ela seja exaustiva. Em Cristo, Deus revelou tudo de si mesmo que era possível revelar por intermédio do tornar-se carne, bem como tudo que lhe agradou revelar ao homem nesta era. Mas isso não significa que agora sabemos tudo. Ao contrário, há muitas indicações no NT de que nosso conhecimento, embora tenha aumentado de forma imensurável em Cristo, é ainda extremamente limitado. Não foi Cristo quem disse que ele mesmo ignorava o dia de seu retorno (Mc 13.32), para depois acrescentar que isso era algo que não nos competia saber (At 1.7)? Não foi o grande apóstolo Paulo que disse que sua compreensão se assemelhava ao de um menino e que ele via as coisas apenas como “... um reflexo obscuro, como em espelho”, acrescentando que nosso conhecimento agora é imperfeito e parcial (1Co 13.9-12)? Não foi João, santo e filosófico, que disse a respeito da próxima vida que “... ainda não se manifestou o que havemos de ser” (1Jo 3.2)? Deixemos que Moisés tenha a última palavra em relação a este assunto: “As coisas encobertas pertencem ao SENHOR, o nosso Deus, mas as reveladas pertencem a nós e aos nossos filhos para sempre...” (Dt 29.29).

(1956a:12)

173. Certeza cristã

O dogmatismo cristão tem um campo limitado, ou, pelo menos, deveria ter. Não equivale à onisciência. Contudo, quanto

a todas as coisas que são reveladas claramente nas Escrituras, os cristãos não devem ter dúvidas nem fazer apologias. As passagens do NT reverberam com afirmações dogmáticas que se iniciam com: “sabemos”, “temos certeza”, “temos confiança”. Se você questiona isso, leia a primeira carta de João, na qual os verbos cujo significado se assemelha a “saber” ocorrem cerca de 40 vezes. Eles tocam a nota da certeza cheia de alegria que, infelizmente, falta em muitas partes da Igreja hoje e precisa ser recuperada.

(1970b:15)

174. Crianças e loucos

O homem deve submeter-se humildemente à mensagem revelada de Deus. “... Se algum de vocês pensa que é sábio segundo os padrões desta era, deve tornar-se “louco” para que se torne sábio” (1Co 3.18). Creio que essa expressão “tornar-se louco” contém uma das palavras mais duras das Escrituras para o coração e a mente dos homens orgulhosos. Nossos contemporâneos, de maneira semelhante aos brilhantes intelectuais da antiga Grécia, têm confiança ilimitada na razão humana. Eles querem delinear o caminho para Deus por eles mesmos, como também querem ganhar crédito por descobrir Deus mediante seu próprio esforço. Mas Deus resiste a essas expansões do orgulho por parte da criatura finita. Com certeza, os homens receberam a mente para que fosse usada, e jamais devem sufocá-la ou reprimi-la, mas precisam humilhar-se reverentemente diante da revelação de Deus, tornando-se — de acordo com a palavra de Paulo — “loucos” e — conforme a palavra de Cristo — “crianças”. Pois Deus se revela apenas às crianças e torna sábios apenas os loucos.

(1961:99)

175. Mordomos da verdade

Toda verdade revelada é alimentada pela mordomia. É doada para ser compartilhada, e não monopolizada. Se o homem não pode manter suas descobertas científicas para si mesmo, muito menos poderia manter para si mesmo as revelações divinas.

(1979e:120)

176. Revelação e responsabilidade

Deus não revelou sua verdade com o intuito de nos deixar livres para escolher acreditar nela ou não, para obedecer ou não a essa verdade. A revelação carrega consigo a responsabilidade; e quanto mais clara a revelação, maior a responsabilidade; parar crer nela e a ela obedecer.

(1988g:208)

18

“Deus tem falado...”

177. Um Deus que fala

Deus é o comunicador supremo.

(1979d:ix)

178. Pensamentos em palavras

A declaração de que Deus fala (Hb 1.1), de que ele pôs seus pensamentos em palavras, deve ser considerada de forma muito séria. É impossível, para nós, seres humanos, ler os pensamentos uns dos outros se permanecermos em silêncio. Só se eu falar com você é que você poderá saber o que se passa em minha mente. Só se você falar comigo é que eu posso saber o que se passa em sua mente. Se, portanto, homens e mulheres permanecem estranhos uns aos outros até que falem uns com os outros, quanto mais Deus não permaneceria estranho para nós se não falasse ou tivesse falado? Seus pensamentos não são nossos pensamentos, conforme já vimos. É impossível para os seres humanos ler a mente de Deus. Se for para conhecermos a mente do Senhor, ele terá

de falar; cobrir seus pensamentos com palavras. Nisso acreditamos; é precisamente o que ele fez.

(1991c:12)

179. “Inspirada por Deus”

A Bíblia é a Palavra de Deus. Ele falou. Ela saiu de sua boca. O termo *inspiração* não significa que ele inspirou os autores humanos a fim de que aumentassem sua percepção da verdade, nem que inspirou aquilo que escreveram a fim de mudar, de alguma forma, a prosa humana em poesia divina. Ao contrário, significa que as palavras que eles falaram foram realmente sopradas da boca do Senhor. A ênfase não está na transformação das verdades que estavam lá (na mente ou nas palavras dos profetas), mas na origem das verdades que não estavam ali até que Deus as pensasse e as falasse. Não podemos escapar disto. Este é o ensino claro de 2Timóteo 3.16, isto é, que “Toda a Escritura é inspirada por Deus” — *theopneustos* —, soprada por sua boca. Daí as formas proféticas que nos são familiares — “a Palavra do Senhor veio a mim” ou “assim diz o Senhor” — e a afirmação equivalente feita pelos apóstolos, a saber, de que são eles portadores e mensageiros da Palavra de Deus.

(1981g:6)

180. Ações e palavras

As Escrituras afirmam que Deus tem falado tanto por meio das ações históricas quanto por meio das palavras explicativas, e que as duas pertencem indissolivelmente uma à outra. Até mesmo a Palavra que se tornou carne — o auge da revelação progressiva que Deus fez de si mesmo — teria permanecido enigmática se o próprio Jesus não tivesse falado e se os apóstolos não o descrevessem nem o interpretassem.

(2003a:101)

181. Cristãos ou atenienses?

“Revelação” descreve a iniciativa de Deus para desvelar-se ou revelar-se. É uma palavra que transmite humildade. Pressupõe que Deus, em sua infinita perfeição, está totalmente fora do alcance de nossa mente finita. Nossa mente não pode penetrar na mente de Deus. Não temos habilidade para ler seus pensamentos. Na verdade, seus pensamentos são muito mais altos que os nossos, da mesma forma que os céus são muito mais altos que a terra (Is 55.9). Por conseguinte, não saberíamos nada de Deus se ele não tivesse escolhido tornar-se conhecido. Sem a revelação, jamais seríamos cristãos, mas atenienses, e todos os altares do mundo teriam a inscrição: “AO DEUS DESCONHECIDO” (At 17.23). Mas cremos que Deus revelou-se, não apenas na glória e na ordem do Universo criado, mas, de forma suprema, em Jesus Cristo, sua Palavra encarnada, e na Palavra escrita, que dá um amplo e variado testemunho dele.

(1992b:209)

182. A Palavra poderosa de Deus

Não devemos supor que a Palavra possa existir separada de Deus ou que tenha poder separado de Deus. A Palavra é poderosa apenas porque é a Palavra de *Deus*, a Palavra que Deus falou e continua a falar. E a Palavra de Deus, quando ele a profere, tem a autoridade e o poder divinos.

(1968a:6)

183. Escrita para nosso aprendizado

Vivemos em uma época muito subjetiva, na qual o existencialismo faz nítida distinção entre a vida “autêntica”, utilizando critérios puramente subjetivos por meio dos quais avalia o que é “autêntico” e, mais precisamente, se parece autêntico para mim no momento. Mas os cristãos, especialmente os cristãos evangélicos,

estão convencidos de que Deus falou histórica e objetivamente; sua Palavra culminou em Cristo e no testemunho apostólico sobre ele; e as Escrituras são exatamente a Palavra de Deus escrita para nosso aprendizado. Nossas tradições, nossas opiniões e nossas experiências, todas elas devem, portanto, submeter-se ao independente e subjetivo teste da verdade bíblica.

(1975b:9)

184. Uma revelação racional

A doutrina cristã da revelação está longe de tornar a mente humana desnecessária; antes, torna-a indispensável e designa-lhe um local apropriado. Deus revelou-se em *palavras* às *mentes*. Sua revelação é uma revelação racional a criaturas racionais. Nossa tarefa é receber sua mensagem, submeter-nos a ela, buscar compreendê-la e relacioná-la ao mundo em que vivemos.

O fato de que Deus precisa tomar a iniciativa de revelar-se mostra que nossa mente é finita e decaída; o fato de que ele tenha escolhido revelar-se às crianças (Mt 11.25) mostra que devemos nos humilhar para receber sua Palavra; o fato de que ele fez isso demonstra, em palavras, que nossa mente é capaz de compreender essa realidade. Uma das funções mais nobres e sublimes da mente do homem é ouvir a Palavra de Deus e, assim, ler a mente do Senhor e pensar os pensamentos dele, quer na natureza quer nas Escrituras.

(1972d:18)

185. Auto-revelação progressiva e completada

A auto-revelação de Deus, por meio do AT, não foi apenas variada em forma, mas também parcial em conteúdo. Os cristãos acreditam na revelação progressiva, com que Deus revelou-se, pouco a pouco e estágio a estágio, e cada novo estágio acrescentava

algo àquele que o precedia. Todavia, contrastando com “as muitas partes” da revelação do AT, há o Filho de Deus, que, conforme está implícito, é o grande final do drama, pois nele e por meio dele a auto-revelação de Deus chegou à completude.

(1991c:14)

186. Mais que fala

A compreensão bíblica da Palavra de Deus não se reduz apenas ao entendimento de que ele a profere, mas que ele age por meio dela. Suas palavras não são meras falas; também são ações. Isso fica claro na Criação, que foi afetada pelas palavras de ordem dadas por Deus: “... disse Deus... E assim foi”; “Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo surgiu” (Gn 1.6,7; Sl 33.9). O mesmo se dá com respeito à salvação, que, na verdade, é uma nova criação. Pois foi Deus mesmo quem disse: “ ‘Das trevas resplandeça a luz’ ”, e “... ele mesmo brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo” (2Co 4.6). Sua Palavra era criadora. Ela nos trouxe tanto a luz quanto a vida.

(1976b:40)

187. Deus ainda fala

Uma vez que tivermos captado a verdade de que “Deus continua falando por meio daquilo que já falou”, estaremos bem protegidos contra dois erros opostos entre si. O primeiro é a crença de que a voz de Deus, embora fosse ouvida em tempos passados, cessou de falar hoje. O segundo é a declaração de que Deus realmente está falando hoje, mas que a sua Palavra tem pouco ou nada que ver com as Escrituras. O primeiro leva ao antiquarianismo cristão; o segundo, ao existencialismo cristão. A segurança e a verdade se acham nas convicções correlatas de que Deus tem falado, de que ele ainda fala e que essas suas duas mensagens têm

íntima relação entre si, porque é *por meio* daquilo que ele falou que ele ainda fala. Torna a sua Palavra viva, contemporânea e relevante, até nos acharmos de volta no caminho de Emaús, tendo o próprio Cristo expondo a nós as Escrituras e o coração queimando por dentro. Outra maneira de expressar a mesma verdade é dizer que devemos manter juntos a Palavra de Deus e o Espírito de Deus. Isso porque, à parte do Espírito, a Palavra está morta, ao passo que, à parte da Palavra, o Espírito é desconhecido.

(2003a:108)

19

Autoridade bíblica

188. O cetro da autoridade de Cristo

Não pode haver hesitação em afirmar onde reside a suprema autoridade, pois Deus a entregou ao Senhor Jesus, ressurreto e exaltado. Jesus disse: “ ‘Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra’ ” (Mt 28.18)...

Portanto, como, hoje em dia, Jesus Cristo exercita sua autoridade e governa sua Igreja? É aqui que os cristãos e as igrejas se separam. Dizendo isso de forma simples, há três visões principais. A Igreja Católica Romana acredita que Cristo governa por meio do ensino e da autoridade do papa, auxiliado pelos bispos. Os teólogos liberais acreditam que Cristo ensina por intermédio da consciência e da razão individual, bem como por meio da opinião dos estudiosos de acordo com o pensamento contemporâneo vigente. Mas a convicção reformada e evangélica é de que Cristo exerce sua autoridade por meio de seu Espírito, mediante sua Palavra. Embora tanto a tradição quanto a razão sejam importantes, as Escrituras são o cetro por meio do qual Cristo governa a Igreja.

(1992c:5)

189. Jesus e as Escrituras

A primeira e mais importante razão por que os cristãos acreditam na inspiração divina e na autoridade das Escrituras não é o que as igrejas ensinam, ou os autores afirmam, ou ainda os leitores sentem, mas aquilo que Jesus mesmo disse. Visto que ele endossou a autoridade das Escrituras, temos a tendência de concluir que sua autoridade e a autoridade das Escrituras ou se sustentam juntas ou caem juntas... Toda a evidência disponível confirma que Jesus Cristo consentiu em sua mente e submeteu-se em sua vida à autoridade do AT. Seria inconcebível que seus seguidores tivessem das Escrituras uma visão inferior à que ele tinha?

(1984d:145,147)

190. A visão de Cristo deve tornar-se a nossa visão

O discípulo não está acima do mestre. É inconcebível que um cristão que olhe para Jesus como seu Mestre e Senhor tenha uma visão menor que a dele sobre o AT. Que sentido faz chamar Jesus de “Mestre” e “Senhor” para depois discordar dele? Não temos liberdade para discordar dele. Sua visão das Escrituras deve tornar-se a nossa visão.

(1982a:29)

191. Todos os ensinamentos de Cristo

Onde todos os ensinamentos de Cristo devem ser encontrados? A resposta correta não é “em seus discursos nos Evangelhos”, mas “em toda a Bíblia”. Para que isso seja compreendido de forma apropriada, o ensino de Jesus Cristo inclui o AT (pois ele colocou seu selo sobre a verdade e a autoridade nele reveladas), os Evangelhos (nos quais suas próprias palavras foram registradas) e o restante do NT (que contém o ensinamento dos apóstolos por meio de quem, assim acreditamos, ele continuou a falar, a fim de completar sua auto-revelação).

(1967d:48)

192. Jesus e o AT

Jesus ensinou de forma sistemática que o AT era a Palavra de Deus que dava testemunho dele. Por exemplo, ele disse: “Abraão, pai de vocês, regozijou-se porque veria o meu dia...” (Jo 8.56). E em João 5.46, ele diz: “Moisés... escreveu a meu respeito”; e, de novo, “... as Escrituras... testemunham a meu respeito” (v. 39). No início de seu ministério, quando Jesus foi adorar na sinagoga em Nazaré, conforme você se lembra, ele leu a passagem de Isaías 61, que fala sobre a missão do Messias e sua mensagem de libertação. A seguir, acrescentou: “ ‘Hoje se cumpriu a Escritura que vocês acabaram de ouvir’ ” (Lc 4.21). Em outras palavras, ele diria: “Se você quer saber a respeito de quem o profeta estava escrevendo, ele estava escrevendo sobre mim”. Jesus continuou a dizer esse tipo de coisa em todo o seu ministério. Mesmo depois da ressurreição, ele não mudou de idéia e, “... começando por Moisés e todos os profetas, explicou-lhes o que constava a respeito dele em todas as Escrituras” (Lc 24.27). Desde o começo até o fim de seu ministério, portanto, Jesus declarou que todo testemunho profético do AT, em toda sua rica diversidade, converge para este fato: “... as Escrituras... testemunham a meu respeito”.

(1982a:24)

193. Paulo e o AT

A referência de Paulo, em Romanos 15, ao cumprimento em Cristo do salmo 69.9, leva-o a fazer uma breve digressão sobre a natureza e o propósito do AT: “Pois tudo o que foi escrito no passado, foi escrito para nos ensinar, de forma que, por meio da perseverança e do bom ânimo procedentes das Escrituras, mantenhamos a nossa esperança” (v. 4). A partir dessa afirmação cuidadosa, é legítimo deduzir cinco verdades sobre as Escrituras, que faríamos bem em lembrar.

Primeiro, sua *intenção contemporânea*. Os livros das Escrituras foram, obviamente, dirigidos basicamente àqueles homens para

quem elas foram escritas *no passado*. Contudo, o apóstolo estava persuadido de que elas também foram escritas *para nos ensinar*.

Segundo, seu *valor inclusivo*. Ao citar apenas metade de um versículo de um salmo, Paulo declara que *tudo* que foi escrito no passado era para nós, embora, obviamente, nem tudo tenha valor igual. Jesus mesmo falou sobre “... os preceitos mais importantes da lei” (Mt 23.23).

Terceiro, seu *foco cristológico*. A aplicação do salmo 69 a Cristo, conforme Paulo explica, é um belo exemplo de como o Senhor ressurreto poderia explicar a seus discípulos “... o que constava a respeito dele em todas as Escrituras” (Lc 24.27).

Quarto, seu *propósito prático*. Não apenas as Escrituras são capazes de tornar-nos sábios “... para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus” (2Tm 3.15), mas também podem *encorajar-nos* a ter uma visão que *permaneça*, de forma que *possamos ter esperança*, olhando além do tempo para a eternidade, além dos sofrimentos presentes para a glória futura.

Quinto, sua *mensagem divina*. O surpreendente fato de que a “perseverança” e o “bom ânimo”, que no versículo 4 são atribuídos às Escrituras e no versículo 5 são atribuídos a Deus, pode apenas indicar que é Deus mesmo quem nos encoraja por meio da voz viva das Escrituras. Pois Deus continua a falar por intermédio do que ele proferiu.

(1994:370)

194. Não é um manuscrito original

É verdade que nenhum manuscrito original das Escrituras sobreviveu. A pe’da é, presumivelmente, decorrente de uma providência intencional de Deus, cuja finalidade pode ter sido evitar que reverenciássemos, de forma supersticiosa, pedaços de papel. No entanto, sabemos algo a respeito do cuidado escrupuloso com que os escribas copiavam o texto sagrado hebraico; e o mesmo parece ser verdade em relação aos documentos do NT. Além

disso, possuímos muito mais das primeiras cópias do original que qualquer outra literatura da Antiguidade. Ao comparar essas primeiras cópias umas com as outras e com as “versões” primeiras (i.e. traduções) e citações bíblicas nos escritos dos pais da Igreja, os estudiosos (denominados “críticos textuais”) foram capazes de estabelecer o texto autêntico (especialmente o do NT) sem muitas aberturas para dúvidas. As dúvidas que permanecem são quase todas insignificantes; nenhuma doutrina importante paira sobre elas.

(1984d:143)

195. Inspiração bíblica

Inspiração é a palavra tradicionalmente usada para descrever a atividade de Deus ligada à composição da Bíblia. Na verdade, a inspiração divina da Bíblia é o fundamento de sua autoridade divina. Ela tem toda essa autoridade porque — e apenas porque — é inspirada. Entretanto, essa afirmação precisa ser imediatamente qualificada. Dizer que “a Bíblia é a Palavra de Deus” é verdade. Mas é apenas uma meia-verdade. Até mesmo uma perigosa meia-verdade. Pois a Bíblia é, também, a palavra e o testemunho humanos.

Na verdade, esse é o relato que a Bíblia faz a respeito de suas origens. A Lei, por exemplo, é definida por Lucas como “Lei de Moisés” e como “Lei do Senhor”, e isso acontece em versículos consecutivos (Lc 2.22,23). De modo similar, em Hebreus, afirma-se que “Deus falou... por meio dos profetas” (1.1), e em 2Pedro 1.21, que os “... homens falaram da parte de Deus”, portanto Deus falou, e o homem falou. Essas duas afirmações são verdadeiras, e nenhuma contradiz a outra.

(1981g:5)

196. Autoridade de Deus

“Autoridade” é o poder ou peso que as Escrituras possuem graças ao que ela é, a saber, a revelação divina dada por inspiração

divina. Se ela é a Palavra de Deus, tem autoridade sobre os homens. Pois, por trás de cada palavra que uma pessoa fala, está a pessoa que a profere. É o próprio interlocutor (seu caráter, conhecimento e posição) que determina como as pessoas encaram suas palavras. Portanto, a Palavra de Deus traz consigo a autoridade de Deus. É por causa do que ele é que devemos acreditar no que disse.

(1984d:139)

197. A Palavra de poder

Não há poder salvífico nas palavras dos homens. O Demônio não afrouxa suas garras que estão sobre seus prisioneiros se simples mortais assim ordenarem. Nenhuma palavra tem autoridade para ele, exceto a Palavra de Deus.

(1961:100)

198. Inspirada por Deus

Sou muito grato à tradução da Nova Versão Internacional, em especial à do texto de 2Timóteo 3.16: “Toda a Escritura é inspirada por Deus...”. Essa, indubitavelmente, é a tradução correta. A versão encontrada em A Bíblia Viva — “a Bíblia inteira nos foi dada por inspiração de Deus” — pareceu-me sempre uma tradução um pouco desajeitada, porque necessitou de cinco palavras para traduzir um termo grego que significa “inspirada”. E a versão Almeida Revista e Corrigida, assim receio, está equivocada porque diz: “Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa”, como se dissesse que todas as palavras inspiradas são úteis, mas que há outras que não são inspiradas e, portanto, não são úteis. Isso não é apenas uma contradição de termos, pois Escritura significa “escrita inspirada”, mas também omite uma pequena palavra muito importante nessa passagem existente no texto grego: “também”. Paulo diz não apenas uma coisa — toda Escritura inspirada é útil —, mas duas coisas — toda

a Escritura é inspirada e útil. Na verdade, é útil para nós porque foi inspirada por Deus.¹

(1989c:3)

199. Que boca proferiu a Palavra?

“Inspiração” não é apenas o único registro que as Escrituras dão de si mesmas, uma vez que a boca de Deus não foi a única boca envolvida em sua produção. A mesma Bíblia que diz que “... o SENHOR é quem fala” (Is 1.20) também diz que Deus “... falou há muito tempo, por meio dos seus santos profetas” (At 3.18,21). Portanto, que boca proferiu a Palavra? A de Deus ou a do homem? A única resposta bíblica é esta: “ambas”. Na verdade, Deus falou por meio de autores humanos, de forma que suas palavras eram simultaneamente as palavras deles, e as palavras deles eram simultaneamente suas palavras. Essa é a autoria dupla da Bíblia. As Escrituras são igualmente a Palavra de Deus e as palavras dos seres humanos. Melhor dizendo, são a Palavra de Deus por meio das palavras dos seres humanos.

(1992b:168)

200. Inspiração verbal

“Inspiração verbal” significa que o que o Espírito Santo falou e ainda fala por intermédio dos autores humanos, compreendido de acordo com o significado pleno e natural das palavras utilizadas, é verdade e não contém erro. De forma alguma, há necessidade de se ficar constrangido diante da fé cristã, sentir vergonha ou temor em razão dela. Ao contrário, é eminentemente razoável, porque as palavras são unidades das quais as sentenças são formadas. As palavras são blocos estruturais da fala. É, portanto,

¹Trecho adaptado pelo tradutor, fazendo referência a versões bíblicas na língua portuguesa [N. do E.].

impossível enquadrar uma mensagem precisa sem construir sentenças precisas compostas de palavras precisas...

A declaração apostólica é que o mesmo Santo Espírito de Deus que examina as profundezas de Deus e revelou suas descobertas aos apóstolos prosseguiu em sua tarefa e as comunicou por meio desses apóstolos, com palavras que pelo próprio Deus lhes foram supridas. Ele falou suas palavras por meio das palavras deles, de forma que elas são igualmente palavras de Deus e palavras do homem. Essa é a autoria dupla das Escrituras e o significado de “inspiração”. A inspiração das Escrituras não foi um processo mecânico. Foi intensamente pessoal, pois envolveu uma Pessoa (o Espírito Santo), falando por intermédio de pessoas (profetas e apóstolos) de tal forma que, simultaneamente, as palavras do Espírito Santo eram as palavras deles, e as palavras deles eram as do Espírito Santo.

(1982a:44)

201. Dupla autoria

A dupla autoria das Escrituras é uma importante verdade a ser cuidadosamente guardada, pois, de um lado, *Deus* falou, revelando a verdade e preservando os autores humanos do erro; contudo, sem violar a personalidade deles. De outro, *os homens* falaram, usando suas próprias habilidades livremente; contudo, sem distorcer a mensagem divina. As palavras deles eram verdadeiramente suas próprias palavras. Mas eram também (e ainda são) as palavras de Deus, de forma que o que as Escrituras dizem é o mesmo que Deus diz.

(1984d:141)

202. Inspiração e encarnação

Um bom número de escritores, tanto da antiguidade quanto da modernidade, detectou uma analogia entre a autoria dupla de um livro e as duas naturezas de um só Cristo. Todos os argumentos provenientes da analogia são perigosos, e o paralelo entre a inspiração

da Palavra escrita e a encarnação da Palavra viva está longe de ser exata. Por exemplo, a Bíblia não tem divindade inerente como acreditamos que Jesus tinha e tem. No entanto, na mistura do divino com o humano, há claramente alguma similaridade. Dois pontos particulares chamam minha atenção como dignos de comentário: o primeiro é que a ortodoxia confirma os dois sem confundi-los e sem permitir que um diminua o outro. Não podemos falar da divindade de Jesus de forma que neguemos sua humanidade real, nem falar de sua humanidade real de forma que deixemos implícito que ela era imperfeita em consequência do pecado e do erro. Igualmente, não devemos falar da origem divina da Bíblia de forma que neguemos sua autoria humana, nem falar dos autores humanos de forma que deixemos implícito que eles foram desfigurados pelo erro.

O segundo ponto sobre essa analogia que gostaria de destacar é que, em ambos os casos, nós, os cristãos mais conservadores, temos a tendência de enfatizar em demasia o divino à custa do humano. Quando nos referimos à encarnação da Palavra, algumas vezes falamos apenas da divindade de Jesus e esquecemos que ele também foi um homem de carne e osso. Essa é uma heresia do docetismo. Igualmente, quando nos referimos à inspiração das Escrituras, algumas vezes falamos apenas de sua origem divina e esquecemos que elas também foram escritas por autores humanos. Essa é a heresia do fundamentalismo. Isso é tão enganoso quanto dizer: “A Bíblia é a Palavra de Deus”, sem adicionar que ela também é palavra de homens; tanto quanto é enganoso dizer: “Jesus é o Filho de Deus”, sem acrescentar que ele também é o Filho do homem. Esses dois erros são compreensíveis, pois tanto em Cristo quanto na Bíblia é o elemento divino, e não o humano, que em geral está sob o ataque de seus adversários.

(1981g:13)

203. Como lemos

A autoria dupla da Bíblia afeta a forma pela qual você a lê. Por ela ser a palavra de homens, devemos estudá-la como *qualquer*

outro livro: usando nossa mente, investigando as palavras e a sintaxe, examinando as origens históricas e a composição literária. No entanto, por ela também ser a Palavra de Deus, devemos estudá-la de forma *distinta* de qualquer outro livro: de joelhos, humildemente, clamando a Deus por iluminação e pelo ministério do Espírito Santo, pois sem a ajuda deste jamais poderemos compreender sua Palavra.

(1982a:18)

204. A autoridade apostólica

Quando, no século IV, a Igreja veio finalmente estabelecer que livros deveriam ser incluídos no cânon do NT e que livros deveriam ser dele excluídos, o teste aplicado foi a definição de determinado livro ser ou não proveniente dos apóstolos. Isto é, ele foi escrito por um apóstolo? Se não, apesar disso, originou-se do círculo dos apóstolos e trazia o endosso da autoridade deles? É importante acrescentar essa informação, pois nem todo livro do NT foi escrito por um apóstolo. Mas parece que se reconheceu que, se um documento não apostólico trouxesse um tipo de marca da aprovação apostólica, deveria ser reconhecido como “apostólico”. Por exemplo, reconhecidamente, Lucas foi companheiro e colega constante de Paulo, e Marcos foi, conforme descrito pelos primeiros pais da Igreja — Papias e Ireneu —, o “intérprete de Pedro”, que registrou fielmente as memórias que este tinha de Cristo e a essência de sua pregação. Portanto, a Igreja não estava, de forma alguma, conferindo autoridade aos livros canônicos; estava apenas reconhecendo a autoridade que eles já possuíam.

(1984d:152)

205. A finalidade das Escrituras

Assim como o cânon do AT é fechado, pois testemunha profeticamente acerca de Cristo, e Cristo veio; também o cânon do

NT é fechado porque dá testemunho histórico acerca de Cristo, e Cristo veio. A finalidade das Escrituras deve-se, portanto, à finalidade de Jesus Cristo — na verdade, é um aspecto dessa finalidade. (1967b:59)

206. Uma parábola da liberdade

Deixe-me apresentar-lhes uma pequena parábola. Ela usa o vôo como uma imagem de liberdade (lembranças de *Jonathan Livingstone Seagull!* [que, em português, foi publicado com o nome *Fernão Capelo Gaivota*]) e busca caracterizar (assim espero, e não caricaturar) a diferença essencial entre o fundamentalista, o liberal e o evangélico.

O fundamentalista parece-me assemelhar-se à gaivota engaiolada, que possui a capacidade para voar, mas não tem a liberdade para usá-la. Pois a mente do fundamentalista está confinada, ou enjaulada, por uma interpretação extremamente literal da Escritura e pelas tradições e convenções restritas que essa visão o levou a aceitar. Ele não tem liberdade para questioná-las nem para explorar qualquer alternativa, maneiras igualmente fiéis, para aplicar as Escrituras ao mundo moderno, pois ele não consegue escapar de sua gaiola.

O liberal parece-me assemelhar-se (com todo o respeito e sem qualquer ofensa!) ao balão cheio de gás que decola e sobe muito alto, flutuante, livre, dirigido apenas por suas estruturas navegacionais, planejadas para responder ao vento e à pressão atmosférica, mas que está totalmente desvinculado da terra. Pois a mente liberal não tem ancoradouro. Ela presta contas apenas a si mesma.

O evangélico parece-me assemelhar-se à pipa, que também pode levantar vôo, voar grandes distâncias e elevar-se às alturas, embora o tempo todo esteja amarrada à terra. Pois a mente evangélica sustenta-se pela revelação. Sem dúvida, ela, com frequência, precisa de uma linha mais longa, pois não somos renomados por ter o pensamento criativo. No entanto, pelo menos de forma ideal, percebo que os evangélicos encontram a verdade sob a

autoridade da verdade revelada e combinam uma estrutura mental radical e um estilo de vida permeado pelo compromisso conservador com as Escrituras.

(1988d:106)

207. Autoridade e relevância

O mundo moderno detesta autoridade, mas adora relevância. Assim, para agrupar esses dois mundos em relação à Bíblia, é preciso afirmar que esta tem uma qualidade (autoridade) que as pessoas temem que ela tenha, mas desejariam que não tivesse; e outra (relevância) que eles temem que ela não tenha, mas desejariam que tivesse.

Nossa convicção cristã é que a Bíblia tem autoridade e relevância — em um grau razoavelmente extraordinário para um livro tão antigo — e que o segredo dessas duas qualidades é Jesus Cristo. Na verdade, jamais devemos separar Cristo e a Bíblia. Jesus disse: “... E são as Escrituras que testemunham a meu respeito...” (Jo 5.39), e, ao dizer isso, ele também deu seu testemunho diante deles. Esse testemunho recíproco entre a Palavra viva e a Palavra escrita é a chave para a compreensão cristã da Bíblia. Pois o testemunho que Jesus nos apresenta a respeito das Escrituras certifica-nos de sua autoridade, e o testemunho das Escrituras acerca de Jesus assegura-nos de sua relevância. A autoridade e a relevância são dele.

(1981g:3)

208. Submissão às Escrituras

Submissão às Escrituras é para nós, os evangélicos, um sinal de nossa submissão a Cristo; um teste de nossa lealdade a ele. Achamos extremamente impressionante que nosso Senhor encarnado, cuja própria autoridade surpreendeu seus contemporâneos, tenha se subordinado à autoridade do AT da forma pela qual ele se submeteu ao examinar as Escrituras como a Palavra escrita de seu Pai.

(1988d:85)

20

Ouvir e interpretar

209. Obediência e compreensão

Obediência é a precondição da compreensão. Precisamos arrependêr-nos da forma arrogante como, algumas vezes, nos posicionamos em nosso julgamento das Escrituras. Em vez de emitilo, devemos aprender a nos assentar sob o julgamento dela procedente. Se nos aproximarmos das Escrituras com a mente já estruturada, esperando ouvir apenas um eco de nossos próprios pensamentos e nunca o ribombar divino, então, na verdade, o Senhor não falará conosco, e apenas confirmaremos nossos preconceitos. Precisamos permitir que a Palavra de Deus nos confronte, abale nossa segurança, mine nossa complacência e desestruture nossos padrões de pensamento e comportamento.

(1981g:33)

210. Significado de “exposição”

“Exposição” significa retirar das Escrituras o que está ali. É o oposto de “imposição”, que significa ler nas Escrituras o que não

está ali, mas que a pessoa gostaria de ali encontrar se assim fosse possível...

(1978e:168)

211. Os autores humanos da Bíblia

Os historiadores bíblicos não eram historiadores no sentido moderno, escrevendo com imparcialidade científica. Eram também teólogos, escrevendo da perspectiva divina. Eles não tinham neutralidade moral nem espiritual. Estavam profundamente comprometidos com a causa de Deus. Os livros históricos do AT eram considerados como profecia, e os quatro livros sobre a vida de Jesus não são biografias, mas evangelhos escritos por evangelistas, que estavam dando testemunho a respeito de Jesus. Por conseguinte, esses autores selecionaram e organizaram seu material de acordo com o propósito teológico que tinham. Além disso, esse propósito surgiu naturalmente do temperamento deles — embora também graças à providência de Deus —, do pano de fundo da vida deles e das responsabilidades que lhes foram dadas por Deus em relação ao povo de Deus. Homens e mensagens estavam relacionados uns com os outros. Não é por acaso que Amós foi o profeta da justiça de Deus, Isaías, o profeta da sua soberania, Oséias, o profeta do seu amor; ou que Paulo foi o apóstolo da graça, Tiago, o apóstolo das obras, João, o apóstolo do amor, e Pedro, o apóstolo da esperança; ou que Lucas, o único gentio que contribuiu para o NT, tenha enfatizado a abrangência mundial do evangelho. O Espírito Santo comunicou por meio de cada um deles uma ênfase específica e apropriada.

(1981g:10)

212. Revelação e cultura

Não pode haver contradição no fato de que no propósito de Deus sua revelação atingiu o ápice no século I d.C., em Cristo e no testemunho apostólico de Cristo, e, portanto, em uma cultura

da Antiguidade que, para nós, parece uma mistura de ingredientes hebraicos, gregos e romanos. Tampouco, pode haver qualquer dúvida de que, a fim de compreender sua revelação, tenhamos de conceber a nós mesmos dentro dessa cultura. No entanto, o fato de que Deus revelou-se em termos de uma cultura específica não nos dá elementos para rejeitar sua revelação; antes, fornece-nos o princípio correto por meio do qual devemos interpretá-la, bem como a solene responsabilidade de reinterpretá-la em termos relevantes para nossa própria cultura.

(1975c:42)

213. Sem vácuo cultural

Nenhuma palavra da Bíblia foi dita em um vácuo cultural. Todas as partes das Escrituras estavam culturalmente condicionadas. Isso não é o mesmo que dizer que sua mensagem era controlada pela cultura local, de tal forma que pudesse ser distorcida por esse contexto cultural; antes, que a cultura local foi o meio pelo qual Deus expressou-se. Esse é um fato que não podemos nem deveríamos negar. No entanto, devemos ser cuidadosos com as deduções que fazemos a partir daí. Posições extremas são sustentadas pelos dois lados desse debate. Alguns, sempre que encontram um ensino bíblico inserido em termos culturais outros, distintos do seu próprio contexto, declaram que o ensinamento é irrelevante porque a cultura é estrangeira. Outros cometem o engano oposto e conferem ao cerne do ensino e à cobertura cultural igual autoridade normativa. Entretanto, a forma mais judiciosa é preservar a substância interior do que Deus está ensinando ou ordenando e, ao mesmo tempo, declarar liberdade para revestir isso com uma vestimenta cultural moderna.

Por exemplo, Jesus ordenou que lavássemos os pés uns dos outros. Não devemos descartar essa instrução com o fundamento de que o ato de lavar pés não faz parte da nossa cultura contemporânea ocidental. Tampouco devemos ignorar o fator cultural

e, mediante um literalismo sem imaginação e canhestro, sair por aí pedindo que as pessoas tirem os sapatos e as meias para que nós lhes lavemos os pés. Não, a impressão correta é discernir a realidade interna da ordem de nosso Senhor: se amamos uns aos outros, serviremos uns aos outros, até mesmo por meio da execução de tarefas desprezíveis e menores, de uns para com os outros. Assim, se não lavarmos os pés uns dos outros, limparemos com prazer os sapatos uns dos outros. O propósito de tal transposição cultural, como veremos, não é esquivar-se dos mandamentos complicados de Jesus; antes, é fazer que nossa obediência seja contemporânea.

(1981g:28)

214. Transposição cultural

Fazer a transposição de uma partitura musical é transcrevê-la para uma clave distinta daquela na qual foi originariamente escrita. Transpor um texto bíblico é transportá-lo para uma cultura distinta daquela em que ele foi escrito na primeira vez. Na transposição musical, o tom e a harmonização permanecem os mesmos; apenas a clave é diferente. Na transposição bíblica, a verdade da revelação permanece a mesma; apenas a expressão cultural é diferente.

(1992b:196)

215. Nossa parcialidade cultural

É essencial deixar de lado a ilusão de que nos aproximamos do texto bíblico como investigadores inocentes, objetivos, imparciais e isentos de alguma cultura, pois não somos nada disso. Não, os óculos através dos quais examinamos a Bíblia têm lentes culturais. E a mente com a qual pensamos a respeito da Bíblia, por mais aberta que conservemos essa mente, não está vazia. Ao contrário, está cheia de preconceitos culturais. Portanto, embora não

possamos nos livrar totalmente da nossa herança cultural, devemos ter consciência do nosso preconceito cultural.

(2003:197)

216. Escrituras e cultura

Todos nós precisamos discernir mais claramente entre as Escrituras e a cultura. As Escrituras são a Palavra de Deus eterna e imutável. A cultura é um amálgama da tradição eclesiástica, da convenção social e da criatividade artística. Qualquer que seja a “autoridade” que a cultura possa ter, ela é oriunda apenas da igreja e da comunidade. Ela não pode afirmar que está imune à crítica ou à reforma. Ao contrário, a cultura muda de época para época e de lugar para lugar. Além do mais, nós, cristãos, que dizemos que desejamos nos abrigar sob a autoridade da Palavra de Deus, deveríamos sujeitar nossa cultura contemporânea continuamente ao escrutínio bíblico. Longe de ressentir essas mudanças culturais ou resistir a elas, deveríamos estar à frente daqueles que propõem e trabalham para a modificação progressiva, a fim de torná-la mais verdadeiramente uma expressão da dignidade do homem, agradando cada vez mais a Deus, que nos criou.

(1975a:30)

217. As Escrituras através dos olhos do mundo

Ao longo de sua longa e variada carreira, a Igreja raramente cultivou a atitude de escutar, de forma sensível e humilde, a Palavra de Deus. Ao contrário, com frequência, fez o que lhe fora negado fazer: tornou-se conformista. Acomodou-se à cultura prevalente, embarcou em todas as modernidades badaladas e cantarolou todas as canções populares. Sempre que a Igreja faz isso, ela lê as Escrituras através dos olhos do mundo e racionaliza sua própria infidelidade. A história da Igreja está repleta de exemplos trágicos. Como foi possível que a consciência cristã não só tivesse aprovado e atualmente tornado glamourosas as terríveis

Cruzadas, para recuperar lugares santos do Islã — uma estupidez impiedosa que os muçulmanos jamais esqueceram e que continua a obstruir a evangelização do mundo muçulmano? Como pôde a tortura ser empregada em nome de Jesus Cristo para combater a heresia e promover a ortodoxia? Como, por séculos, a Igreja protestante olhou apenas para si mesma e foi tão desobediente em relação à Grande Comissão de Cristo, a ponto de a proposta de William Carey para uma missão à Índia ser recebida com uma resposta tão resistente quanto esta: “Jovem, sente-se. Quando Deus quiser converter os pagãos, ele fará isso sem sua ajuda”? Como pôde a degradação cruel da escravidão e do tráfico de escravos no assim chamado Ocidente cristão não ser abolida até 1.800 anos após Cristo? Como é que só após a Segunda Guerra Mundial a discriminação racial e a poluição ambiental passaram a ser amplamente reconhecidas como extremamente maléficas, se realmente sempre o foram? Esse é o catálogo de algumas das piores cegueiras que mancharam o testemunho da Igreja ao longo das épocas. Nenhum desses fatos pode ser defendido com as Escrituras. Todos eles são consequência da má leitura da Palavra de Deus ou da falta de disposição para obedecer àquilo que, com autoridade, ela ordena.

(1981g:34)

218. Princípios de interpretação

Os princípios de interpretação bíblica não são arbitrários. Podem ser derivados do caráter da Bíblia como a Palavra escrita de Deus e do caráter de Deus, conforme ali revelado.

Procuramos o significado *natural* porque acreditamos que Deus tinha a intenção de que sua revelação fosse uma comunicação clara e facilmente inteligível para os seres humanos comuns.

Procuramos o significado *original* porque acreditamos que Deus proferiu sua Palavra para aqueles que primeiro a ouviram e que é possível que ela seja recebida por gerações futuras apenas se essas a

compreenderem historicamente. Nosso entendimento pode ser mais completo que o dos primeiros ouvintes (por exemplo, em relação às primeiras profecias de Cristo); ele não pode ser substancialmente distinto.

Procuramos o significado *geral* porque acreditamos que Deus é coerente e que sua revelação também é coerente.

Assim, nossos três princípios — simplicidade, historicidade e harmonia — originam-se, em parte, da natureza de Deus e, em parte, da natureza das Escrituras como a comunicação clara, histórica e coerente de Deus para o homem.

(1984d:182)

219. A intenção do autor

Dentre os muitos pontos que os evangélicos gostariam de salientar, em relação às alegadas discrepâncias existentes nos Evangelhos, estão os seguintes: todas essas discrepâncias relacionam-se à intenção do autor e à injustiça para com esse autor, ao criticá-lo por não fazer aquilo que jamais se propôs a fazer. Portanto, é possível condensar falas para parafraseá-las e traduzi-las para um idioma cultural distinto, sem com isso falsificar seu significado; mudar a sequência dos fatos, ao subordinar deliberadamente a cronologia à teologia, sem cometer, mediante essa prática, nenhum erro; dar números exatos e fazer citações livres, de acordo com as convenções literárias da era pré-computador, sem ser acusado de cometer erros (imprecisão não é sinônimo de inexatidão); e, ao citar o AT de tal forma que chame a atenção para um princípio, paralelo ou padrão, em vez de focar o cumprimento detalhado de uma profecia específica, sem se tornar culpado de fazer uma citação errônea.

(1988d:99)

220. O intérprete seguro

O mais seguro de todos os princípios de interpretação bíblica é permitir que as Escrituras expliquem as Escrituras.

(1979e:65)

221. Os quatro Evangelhos

Os Evangelhos não são uma biografia; são um testemunho.
(1971b:43)

222. Problemas ou erros?

Alguns problemas antigos, os quais algumas décadas atrás foram confiantemente declarados como “erros bíblicos”, provaram, subsequente, que não o eram. Eles levaram a estudos perseverantes, os quais trouxeram mais luz a esses tópicos. Darei apenas um exemplo. Em Atos 17.6 e 8, Lucas faz menção aos dirigentes ou magistrados da cidade de Tessalônica, os quais são denominados “politarcas” [BJ], palavra que não ocorre em nenhum lugar no NT e que também não foi encontrada em nenhum texto grego. Portanto, os primeiros estudiosos críticos acusaram Lucas de ignorância ou descuido. Contudo, desde essa época, um bom número de inscrições foi encontrado, muitas delas em Tessalônica, as quais datam dos séculos II e III e comprovam que o uso desse título por Lucas não foi um equívoco. Sabe-se agora que os magistrados da cidade da Macedônia eram formados de um grupo de politarcas e que havia cinco ou seis deles em Tessalônica. Isso, para mim, parece ilustrar a sabedoria de referir-se a “problemas não resolvidos”, em vez de a “erros comprovados”.

(1988d:102)

223. Analogia e metáfora

As Escrituras são ricas no uso da linguagem metafórica, e em toda metáfora é essencial perguntar-se em que ponto a analogia está sendo traçada. Precisamos evitar argumentar com base na analogia, isto é, elaborar a correspondência além dos limites estabelecidos pelas Escrituras. Assim, Deus é nosso Pai, e nós somos seus filhos. Como nosso Pai, ele nos criou. Ele nos ama e se importa conosco. Como seus filhos, dependemos dele e devemos

amá-lo e obedecer-lhe. Mas não temos liberdade para argumentar, por exemplo, que, uma vez que Deus é nosso Pai celestial, também devemos ter uma mãe celestial, fundamentados apenas no fato de que nenhuma criança pode ter um pai sem ter uma mãe. Tampouco podemos argumentar que, por sermos chamados “filhos”, podemos isentar-nos da responsabilidade do pensamento e da ação adulta, pois as mesmas Escrituras, que nos recomendam a humildade de uma criancinha, também condenam em nós a imaturidade da criança.

(1984d:169)

224. Cristo no AT

O AT é um livro de esperança, de expectativa não cumprida. Do começo ao fim, ele olha para Cristo. Suas muitas promessas, por meio de Abraão, de Moisés e dos profetas, encontram cumprimento em Cristo. A Lei, com suas exigências intransigentes, estava sob a custódia dos homens até que Cristo viesse, mantendo-os confinados e limitados por restrições, aprisionados mesmo, até que Cristo os libertasse (Gl 3.23—4.7). Seu sistema sacrificial, que ensinava, dia após dia, que sem derramamento de sangue não poderia haver perdão, prefigurava o derramamento de sangue único do Cordeiro de Deus. Seus reis, apesar de todas suas imperfeições, prenunciavam o perfeito Reino de justiça e paz do Messias. E todas suas profecias focam Jesus. Assim, Jesus Cristo é a semente da mulher que feriria a cabeça da serpente, o descendente de Adão por meio de quem todas as famílias da terra seriam abençoadas, a estrela que surgiria a partir de Jacó, e o cetro que se levantaria a partir de Israel. Jesus Cristo é também o sacerdote da ordem de Melquisedeque, o rei da linhagem de Davi, o servo do Senhor Deus que sofreria e morreria pelos pecados do povo, o Filho de Deus que herdaria as nações, e o Filho do homem que viria nas nuvens do céu e a quem seria dado o reino, a glória e o poder; e a quem todas as “nações, tribos, povos e línguas”

deveriam servir para sempre. Jesus Cristo, direta ou indiretamente, é o grande tema do AT. Por conseguinte, ele foi capaz de interpretar para seus discípulos “... o que constava a respeito dele em todas as Escrituras” (Lc 24.27).

(1970b:98)

225. O jardim do Éden

Hoje em dia, costuma-se pensar a respeito da história bíblica de Adão e Eva como um “mito” (cuja verdade é teológica, mas não histórica), em vez de considerá-la um “acontecimento significativo” (cuja verdade é tanto teológica quanto histórica). Muitas pessoas defendem a idéia de que a evolução invalidou e descartou a história de Gênesis, como se ela não tivesse base histórica. Visto que “Adão” é a palavra hebraica para “homem”, elas consideram que o autor de Gênesis estava fazendo, deliberadamente, um registro mítico das origens do homem, do mal e da morte.

Certamente, deveríamos estar abertos à probabilidade de haver elementos simbólicos nos três primeiros capítulos da Bíblia. Mesmo a narrativa não confere dogmatismo sobre os seis dias da Criação, uma vez que a forma e o estilo sugerem que ela deve ser considerada uma arte literária, e não uma descrição científica. Quanto à identidade da serpente e das árvores no jardim, uma vez que as expressões “a antiga serpente” e “a árvore da vida” reaparecem no livro de Apocalipse, onde evidentemente são termos simbólicos, parece que a intenção era que esses termos fossem também compreendidos simbolicamente em Gênesis.

Entretanto, o caso sobre Adão e Eva é diferente. As Escrituras claramente tencionam que aceitemos sua historicidade como o casal humano inicial, pois as genealogias bíblicas traçam a raça humana até Adão. Jesus mesmo ensinou que “no princípio, o Criador ‘os fez homem e mulher’”, e depois instituiu o casamento (Mt 19.4ss, citando Gn 1.27). Paulo disse aos filósofos atenienses que Deus criara todas as nações de “... um só” (At 17.26);

e Paulo, em particular, apresentou cuidadosamente uma analogia entre Adão e Cristo, a qual, para sua validação, dependia igualmente da historicidade de ambos. Ele afirmou que a desobediência de Adão trouxe a condenação para todos, como a obediência de Cristo trouxe a justificação para todos (Rm 5.18).

De mais a mais, nada na ciência moderna contradiz isso, mas sim acontece o reverso. Todos os seres humanos compartilham da mesma anatomia, fisiologia e química, bem como dos mesmos genes. Embora pertençamos às assim chamadas “raças” diferentes (caucasianos, negros, mongolóides e australóides), cada uma delas ajustou-se a seu próprio ambiente físico; nós, no entanto, constituímos uma única espécie, e as pessoas das diferentes raças podem casar-se entre si. Essa homogeneidade da espécie humana é mais bem explicada ao posicionar nossa descendência a um ancestral comum. O dr. Christopher Stringer, do Museu de História Natural de Londres, afirma: “A evidência genética indica que todas as pessoas vivas são intimamente associadas e compartilham de um ancestral recente e comum”. Ele prossegue e expressa o ponto de vista de que esse ancestral comum “provavelmente morou na África” (embora isso ainda não esteja comprovado) e que esse grupo ancestral “deu origem a todas as pessoas vivas do mundo”.¹

(1994:162)

226. Não obscurantismo, mas fé

Precisamos aprender a enfrentar os problemas relacionados à Bíblia da mesma forma que enfrentamos os problemas que dizem respeito a outras doutrinas cristãs. Se alguém vier até nós com um problema bíblico (por exemplo, uma discrepância entre

¹Extraído de seu artigo “Evolution of Early Humans”. In: Ed. Steve JONES et alii. *The Cambridge Encyclopedia of Human Evolution*. Cambridge: Cambridge University Press 1992, p. 249.

teologia e ciência, ou entre dois registros nos Evangelhos, ou um dilema moral), o que devemos fazer? Não deveríamos (por causa de uma integridade equivocada) suspender nossa crença na verdade das Escrituras até resolvermos o problema. Nem deveríamos pôr o problema em uma prateleira (adiando indefinidamente o desafio) ou empurrar para debaixo do tapete (escondendo-o permanentemente, até de nós mesmos). Ao contrário, deveríamos lutar conscienciosamente com o problema em pensamento, em discussões e em oração. À medida que assim o fizermos, algumas dificuldades serão esclarecidas total ou parcialmente, mas daí, apesar das dúvidas que possam restar, devemos preservar nossa crença nas Escrituras, fundamentados no que Jesus ensinou e apresentou sobre elas.

Se, hoje, um crítico me dissesse: “Se você crê que a Bíblia é a Palavra de Deus em oposição aos problemas, então você é um obscurantista”, eu aceitaria esse elogio e retrucaria: “Tudo bem, se assim você desejar, eu sou um obscurantista. Nesse caso, se você crê no amor de Deus em oposição aos problemas, você é um obscurantista”. Entretanto, crer verdadeiramente na doutrina cristã apesar de seus problemas, graças ao reconhecimento do senhorio de Jesus Cristo, não é obscurantismo (preferir as trevas à luz), mas é fé (crer em quem disse ser a luz do mundo). É mais que fé; isso é sensatez, integridade intelectual de confessar Jesus como Senhor.

(1992b:179)

21

Escrituras, razão e tradição

227. Compreendendo as Escrituras

Ao receber a iluminação do Espírito, ao usar nossa própria razão e ao escutar os ensinamentos dos outros na igreja, é que crescemos em nossa compreensão das Escrituras. Meu desejo é que eu não seja mal-entendido. Não estou dizendo de forma enfática que as Escrituras, a razão e a tradição são autoridade tríplice, de igual importância, e por meio das quais chegamos a conhecer a verdade de Deus. Apenas que as Escrituras são a Palavra de Deus escrita, e o Espírito Santo, seu intérprete supremo. O lugar da razão do indivíduo e da tradição da Igreja repousa na elucidação das Escrituras. Mas ambas estão subordinadas a Deus mesmo, à medida que ele fala conosco por meio de sua Palavra.

(1984d:164)

228. Razão e revelação

O antigo deísta que tentou substituir a revelação pela razão estava errado desde o começo. A razão desempenha papel vital na

compreensão e aplicação da revelação, mas jamais pode substituí-la. Sem a revelação, a razão tateia no escuro, enleia-se nas profundezas.

(1988d:83)

229. Natureza e Escrituras

Natureza e Escrituras são a divina revelação (“geral e especial”, “natural e sobrenatural”, para utilizar os termos tradicionais), uma vez que Deus revelou-se tanto no mundo que ele fez quanto em Cristo e no testemunho bíblico a respeito de Cristo. A ciência é a interpretação humana falível da natureza, enquanto a teologia (ou “tradição”, que é a reflexão teológica) é a interpretação humana falível das Escrituras. Creio que você e eu acreditamos que na natureza e nas Escrituras há certas coisas que nos foram fornecidas — *os dados* (embora eles se relacionem a esferas totalmente diferentes), os quais, se verdadeiramente vêm de Deus, não podem contradizer uns aos outros. As contradições não são entre a natureza e as Escrituras, mas entre a ciência e a teologia, isto é, entre diferentes interpretações humanas da revelação dupla de Deus. Se, portanto, for para nós aprendermos as lições do passado, não é nem para os conservadores negarem a evidência da natureza, nem para os liberais negarem a evidência das Escrituras, mas para todos nós reexaminarmos nossas interpretações de ambas.

(1988d:335)

230. Escrituras e tradição

Os protestantes não negam a importância da tradição. Alguns de nós deveriam ter mais respeito por ela, uma vez que o Espírito Santo ensinou as gerações passadas de cristãos e não iniciou sua instrução apenas conosco! No entanto, quando as Escrituras e a

tradição entram em colisão, precisamos permitir que as Escrituras reformem a tradição, da mesma forma que Jesus lidou com a “tradição dos líderes religiosos” (cf. Mc 7.1-13). Se a Igreja de Roma tivesse coragem para renunciar às tradições não-bíblicas (e.g., os dogmas sobre a concepção imaculada e a assunção corporal da Virgem Maria), um progresso imediato seria feito em relação à concordância sobre a Palavra de Deus.

(1982a:49)

231. Ensino anglicano

Embora nos círculos anglicanos diga-se algumas vezes que as Escrituras, a tradição e a razão formam um “cordão triplo”, que limita e direciona a Igreja, e embora não faltem os que consideram esses três fatores como tendo autoridade igual, os pronunciamentos oficiais continuam a sustentar a autoridade primeira e suprema das Escrituras, enquanto aceitam o importante lugar da tradição e da razão na elucidação dessas Escrituras. Desse modo, o relato sobre a Bíblia publicado em 1958, pela Conferência de Lambeth, continha esta afirmação encorajadora: “A Igreja não está ‘acima’ das Escrituras Sagradas, mas ‘sob’ elas, significando que o processo de canonização não foi aquele por meio do qual a Igreja concedeu autoridade aos livros, mas aquele por meio do qual a Igreja os reconheceu como livros que tinham autoridade. E por quê? Os livros foram reconhecidos como testemunho dos apóstolos em relação à vida, ao ensino, à morte e à ressurreição do Senhor, bem como a interpretação dos apóstolos em relação a esses fatos. A Igreja deve sempre reverenciar essa autoridade apostólica”.¹

(1970b:83)

¹ *The Lambeth Conference 1958*. SPCK, 1958, parte 2, p. 5.

232. A teoria das “duas fontes”

Não podemos confiar na tradição da Igreja, para nossa mensagem, pois não podemos aceitar a teoria das “duas fontes” da divina revelação, a saber, que as Escrituras Sagradas e a santa tradição são fontes de doutrina independentes, iguais e autorizadas. Antes, vemos a tradição caminhando ao longo das Escrituras, como uma interpretação falível de uma revelação infalível. Sentimo-nos obrigados a afirmar a supremacia das Escrituras sobre a tradição, conforme Jesus fez, quando chamou “os líderes religiosos de *homens*” e os subordinou ao julgamento das Escrituras como a Palavra de *Deus* (Mc 7.1-13).

(1981b)

233. “Com todos os santos...”

Ao rejeitar toda tentativa de interpor a Igreja ou outro corpo de ensinamento autorizado entre Deus e seu povo, não devemos negar que a Igreja ocupa um lugar no plano de Deus para dar a seu povo a compreensão correta de sua Palavra. O estudo das Escrituras, pelo cristão, feito individualmente, mas com humildade, com oração, com diligência e com obediência, não é a única forma de o Espírito Santo tornar claro o que ele revelou. Seria difícil ser humilde a ponto de ignorar o que o Espírito possa ter mostrado a outras pessoas. O Espírito Santo é, na verdade, nosso mestre, mas ele nos ensina indiretamente, por meio dos outros, tanto quanto nos ensina diretamente, em nossa mente. Não foi apenas a um homem que ele revelou as verdades agora conservadas como relíquias nas Escrituras, mas ele ensinou a uma multiplicidade de profetas e apóstolos. Sua obra de iluminação também é dada a muitos. Não meramente como indivíduos, mas também como comunidade cristã, “com todos os santos”, é que podemos ter poder para “... compreender a largura,

o comprimento, a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo que excede todo conhecimento...” (Ef 3.18,19).

(1984d:162)

234. Intérpretes falíveis

A Palavra de Deus é infalível, pois o que ele disse é verdade. Mas nenhum cristão individualmente, grupo ou igreja jamais foi nem será o intérprete infalível da Palavra de Deus. As interpretações humanas pertencem à esfera da tradição, e é sempre possível fazer um apelo contra a tradição em favor das Escrituras que essa tradição afirma interpretar.

(1984d:156)

235. Resistindo ao falso ensinamento

As tradições apostólicas são o fundamento da fé e da vida do cristão, ao passo que as tradições eclesásticas subseqüentes são a superestrutura que a Igreja erigiu sobre elas. As tradições primeiras, às quais devemos nos apegar, são aquelas que os apóstolos receberam de Cristo (do Cristo histórico ou do Espírito do Cristo vivo), que eles ensinaram à igreja primitiva por palavra ou carta, e que estão agora preservadas no NT. “Permanecer firmes e apegar-se aos ensinamentos” significa, em nosso caso, ser cristão bíblico ou evangélico; isto é, ser leal aos ensinamentos de Cristo e de seus apóstolos, sem fazer concessões. Esse é o caminho para a estabilidade. O único meio de resistir aos falsos ensinamentos é apegar-se a esse verdadeiro ensinamento.

(1991d:178)

236. O lugar da tradição

Quando buscamos seguir a Cristo, fazendo a distinção entre Escrituras e tradição, devemos ser cuidadosos para não exagerar

na análise. Jesus não rejeitou todas as tradições humanas de imediato, proibindo os discípulos de apreciar ou de seguir qualquer uma delas. Ele apenas pôs a tradição em seu devido lugar — um lugar secundário — e, depois disso, desde que não fosse contrária às Escrituras, ela poderia ser opcional.

(1970b:71)

237. A supremacia das Escrituras

A supremacia das Escrituras leva consigo um chamado radical para se questionarem todas as convenções e tradições humanas, por mais antigas e sagradas que sejam.

(1988d:88)

O estudo da teologia

238. A investigação intelectual

O fato de que Deus revelou-se em Cristo e nas Escrituras não descarta a investigação intelectual. Os teólogos não devem se retrair da pesquisa teológica apenas porque Deus revelou-se nas Escrituras; da mesma forma que os cientistas não devem se retrair da pesquisa científica, porque Deus se revelou na natureza. Ambos estão limitados aos dados — bastante simplificados, são natureza e, de outro lado, Escrituras —, mas, dentro dos limites que esses dados impõem, o Criador encoraja-nos a usar a mente de forma livre e criativa.

Se, portanto, o mito do Deus encarnado tivesse o mesmo significado que o mistério da encarnação, não teríamos de discutir com o conceito. A Igreja sempre reconheceu que a encarnação é um mistério que está além do entendimento da mente humana. Uma investigação humilde e reverente do que Deus revelou de si mesmo em Cristo é a essência do verdadeiro conhecimento cristológico.

(1978a)

239. A doutrina bíblica das Escrituras

Nossa posição parte do pressuposto da origem divina da Bíblia, porque acreditamos que a própria Bíblia exige que assim façamos. Na verdade, é estranho que teólogos que estejam preparados a aceitar a doutrina bíblica de Deus, de Cristo, do Espírito Santo, do homem e da Igreja não estejam, com frequência, dispostos a aceitar a doutrina bíblica das Escrituras. Mas se a Bíblia, quando discorre acerca de outros assuntos, é precisa e tem autoridade para isso, não há razão para não ser igualmente precisa e autorizada quando fala de si mesma.

(1956a:13)

240. Ecos de nosso próprio preconceito?

Precisamos abrir nossa mente suficientemente para arriscar ouvir o que não queremos ouvir. Isso porque fomos ensinados a chegar até a Bíblia buscando consolo. O próprio Paulo não escreve a respeito do “bom ânimo procedente das Escrituras” (Rm 15.4)? Naturalmente, portanto, acalentamos a esperança de que, mediante a leitura bíblica, sejamos consolados; não temos nenhum desejo de ser perturbados. Daí tendemos ir à Bíblia com nossas decisões já tomadas, desejosos de ouvir nada mais do que os ecos consoladores dos nossos preconceitos.

(2003:198,199)

241. Contradição, e não interpretação

Se os apóstolos não usaram deliberadamente uma estrutura mítica, mas, em vez disso, tiveram a intenção de descrever acontecimentos que eles acreditavam ser verdadeiros historicamente e significantes teologicamente (e.g., quando escreveram sobre o nascimento virginal de Jesus ou sua ressurreição dentre os mortos), então não temos o direito de demitologizar o testemunho deles, tentando preservar a teologia enquanto rejeitamos a história. Isso não seria reinterpretá-los, mas contradizê-los.

(1985:39)

242. A origem da Reforma

Pode-se dizer que a Reforma inglesa iniciou-se numa hospedaria — a White Horse Inn —, em Cambridge, onde, a partir de 1519, um grupo encontrava-se secretamente para estudar o Testamento grego que Erasmo publicara três anos antes. Foi esse texto que Tyndale traduziu para o inglês, pois estava determinado (como ele mesmo se expressou a esse respeito) que o jovem do campo deveria conhecer as Escrituras melhor que o papa. E, assim que a Bíblia tornou-se disponível às pessoas em sua língua natal, os líderes da Reforma incitaram o clero a interpretá-la para o povo. Assim, desde a época da publicação do segundo Livro de Oração, de 1552 em diante, o símbolo apresentado ao presbítero recém-ordenado não era mais o cálice, mas a Bíblia.

Não pode haver reforma contínua da Igreja sem um retorno à Bíblia.

(1983c:xii)

243. Teologia como evangelho

De certo modo, toda a Bíblia é evangelho, pois seu propósito fundamental é dar testemunho de Jesus Cristo e proclamar as boas-novas e a nova vida daqueles que vierem a ele. Se, porém, a Bíblia (que é a Palavra de Deus por meio de palavras de homens) é evangelho, então todas as teologias (formulações humanas da verdade bíblica) devem ser consideradas evangelho também. Muitas das teologias contemporâneas falham em relação a esse ponto. Esse tipo de teologia é incomunicável. Mas qualquer teologia que não tenha como objetivo transmitir o evangelho tem muito pouco valor. Primeiro, a tarefa da formulação da verdade é estéril, se assim que for formulada não puder ser mais facilmente comunicada. E se isso não for possível, por que se importar em formulá-la? Em segundo lugar, Jesus ensinou que apenas aqueles que passam para os outros a verdade que receberam receberão mais dela. “ ‘Considerem atentamente o que vocês estão ouvindo’,

continuou ele. ‘Com a medida com que medirem, vocês serão medidos; e ainda mais lhes acrescentarão’ ” (Mc 4.24).

(1981g:38)

244. Escrituras e sistemas

Não creio que a Bíblia apresente “um sistema completo de teologia” ou “um guia abrangente” em relação à ética. A teologia sistemática é certamente uma disciplina acadêmica legítima e, até mesmo, necessária; mas Deus não escolheu revelar-se de forma sistemática, e todos os sistemas estão expostos à mesma tentação, isto é, a de adaptar a revelação de Deus para ajustá-la ao nosso sistema, em vez de adaptar nosso sistema para adequá-lo à sua revelação.

(1988d:37)

245. O que a teologia deveria ser?

Algumas vezes, você ouviu dizer que pode fazer que a Bíblia ensine qualquer coisa que quiser. Concordo plenamente! Você *pode* fazer que a Bíblia ensine qualquer coisa que quiser — se for inescrupuloso o bastante para isso! Mas se formos escrupulosos ao usar os cânones de interpretações apropriados (por exemplo, buscando o significado natural, original e geral), descobriremos que estaremos muito longe de ter a liberdade para manipular as Escrituras, pois, na verdade, as Escrituras é que nos controlam. Assim, a teologia torna-se o que sempre deveria ser: o resultado da aplicação ao texto das Escrituras das regras comuns da gramática e da lógica.

(1967b:61)

246. A “nova teologia”

O debate evangélico, com a moda moderna da teologia radical que declara ser uma “nova reforma”, uma “nova teologia”, uma “nova moralidade” e até mesmo um “novo cristianismo”, é precisamente isso que ele declara que é! Ele é “novo”. Não é uma

reinterpretação legítima do antigo cristianismo do século I, pois desvia-se desse cristianismo em muitos pontos vitais. Essa é uma invenção do século XX.

(1970b:41)

247. Verdade e heresia

Sem sombra de dúvida, há algo espúrio a respeito da heresia, e algo evidentemente verdadeiro sobre a verdade. O erro pode espalhar-se e tornar-se popular por um período de tempo. Mas “não chegará muito longe”. Por fim, com certeza, será revelado, e a verdade certamente prevalecerá. Esta é uma lição clara na história da Igreja. Numerosas heresias surgiram, e parecia que, provavelmente, algumas triunfariam. Mas hoje foram totalmente relegadas e interessam apenas àqueles que se sentem atraídos por antiguidades. Deus preservou a sua verdade na Igreja.

(1973b:91)

248. Heréticos contemporâneos

Que relação tem a Igreja contemporânea com os heréticos? Essa é uma palavra dura? Acho que não. Uma investigação humilde e reverente no mistério da encarnação é a essência do verdadeiro estudo cristológico. Mas tentar reconstruções que realmente destroem aquilo que, conforme se supõe, deve ser reconstruído, é heresia cristológica.

Deixe-me defender minha questão um pouco mais. Ela se fundamenta em três convicções: a heresia, isto é, os desvios da verdade fundamental que nos foi revelada, é algo que existe; a heresia “perturba” a Igreja, ao passo que a verdade a edifica; portanto, se amamos a verdade e a Igreja, não podemos cruzar nossos braços e não fazer nada.

A pureza da Igreja (ética e doutrinária) é uma busca cristã tão apropriada quanto sua unidade. Na verdade, deveríamos buscar simultaneamente a unidade e a pureza.

Não acho que o julgamento da heresia seja a forma correta de abordar o assunto. Os heréticos são pessoas enganosas. Eles têm a tendência de revestir seus pontos de vista heterodoxos com a linguagem ortodoxa. Além disso, em nossa época, quando a tolerância é algo bastante natural, o herético acusado torna-se, na mente do público, primeiro, a vítima inocente de perseguidores fanáticos, e, a seguir, passa a ser um mártir para depois tornar-se um herói ou santo. Mas há outras formas de proceder. Os autores do NT não estão tão preocupados com os falsos irmãos quanto estão com os falsos mestres que agem como lobos para espalhar e dizimar o rebanho de Cristo... Seria muito esperar e orar para que algum bispo em algum momento tenha a coragem de cassar a licença de algum presbítero que negue a encarnação? Fazer isso não seria infringir a liberdade civil ou acadêmica. Um homem pode acreditar, dizer e escrever o que lhe agrada no país e na universidade. Contudo, na Igreja, é razoável e certo esperar que todos os mestres credenciados ensinem a fé que a Igreja confessa em seus documentos oficiais e que, por acaso, eles mesmos prometeram preservar.

(1977b)

249. Reputação e revelação

Precisamos ter a humildade de Maria. Ela aceitou o propósito de Deus ao dizer: “ ‘Sou serva do Senhor; que aconteça comigo conforme a tua palavra...’ ”. Precisamos, também, da coragem de Maria. Ela estava tão completamente desejosa de que Deus cumprisse seus propósitos que se mostrou pronta a arriscar receber o estigma de mãe solteira, ser considerada adúltera e ter um filho ilegítimo. Ela entregou sua reputação ao desejo de Deus. Às vezes, imagino se a causa principal de tanto liberalismo teológico é decorrente do fato de que alguns estudiosos se preocupam mais com sua própria reputação do que com a revelação de Deus. Ao descobrir que é difícil ser ridicularizado por

ser ingênuo e crédulo o suficiente para crer em milagres, eles são tentados a sacrificar a revelação de Deus no altar de sua própria respeitabilidade. Não estou dizendo que fazem sempre isso. Sinto, porém, que é correto apresentar essa questão porque eu mesmo senti a força dessa tentação.

(1985:66)

250. Devoção teológica

É importante observar, fundamentados em Romanos 1—11, que a teologia (o que cremos sobre Deus) e a doxologia (nossa adoração a Deus) nunca devem estar separadas. Por um lado, não pode haver doxologia sem teologia. Não é possível adorar um deus desconhecido. Toda adoração verdadeira é uma resposta à auto-revelação de Deus em Cristo e nas Escrituras, a qual surge de nossa reflexão sobre quem ele é e o que ele fez. Foram as verdades tremendas contidas em Romanos 1—11 que provocaram em Paulo uma irrupção de louvor, conforme observamos nos versículos 33-36 do capítulo 11. A adoração a Deus é evocada, informada e inspirada pela visão de Deus. Adoração sem teologia certamente degenera em idolatria. Daí o lugar indispensável que as Escrituras têm de ocupar tanto na adoração pública quanto na devoção particular. É a Palavra de Deus que inspira a adoração a Deus.

Por outro lado, não deve haver teologia sem doxologia. Existe alguma falha fundamental no interesse puramente acadêmico em Deus. O Senhor não é um objeto apropriado para a avaliação e observação científica imparcial, crítica e impassível. Não! O verdadeiro conhecimento de Deus sempre nos levará à adoração, como aconteceu com Paulo. Nosso lugar é diante dele, em adoração, inclinados sobre nossa face.

Conforme o bispo Handley Moule disse no final do século XIX, creio que devemos “igualmente guardar-nos de uma teologia sem devoção, como de uma devoção sem teologia”.

(1994:311)

23

Verdade e erro

251. Diferenciando as tolerâncias

É muito fácil tolerar as opiniões dos outros se nossas opiniões próprias não forem firmes. Mas não deveríamos aquiescer à tolerância fácil. Precisamos diferenciar entre a mente tolerante e o espírito tolerante. Um cristão que demonstra ser tolerante em espírito deveria, em relação aos outros, sempre ser amoroso, compreensivo, perdoador e paciente, sem levar os outros a mal e oferecer o benefício da dúvida, pois o verdadeiro amor “Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1Co 13.7). Mas como poderemos ser tolerantes na mente a respeito daquilo que Deus revelou claramente como algo mau ou errôneo?

(1970b:17)

252. O mal do erro

O Demônio atrapalha a Igreja tanto por meio do erro quanto por meio do mal. Quando ele não pode levar os cristãos a pecar, ele os engana com a falsa doutrina.

(1968c:24)

253. “As últimas novidades”

Os cristãos devem ser sempre “conservadores” em sua teologia. Os que sentem “coceira nos ouvidos” sempre querem correr atrás de novos mestres, escutar qualquer pessoa “... e jamais conseguem chegar ao conhecimento da verdade”. Essa é uma característica dos “tempos terríveis” que virão “nos últimos dias” (2Tm 3.1,7; 4.3). A contínua obsessão pelas “últimas novidades” é a marca do ateniense, e não do cristão (At 17.21). A teologia cristã está ancorada não apenas em alguns fatos históricos, que culminam na carreira salvadora de Jesus, mas no testemunho apostólico que tem autoridade para esses acontecimentos e interpretação deles. O cristão não pode levantar âncora e lançar-se profundamente em um pensamento especulativo. Tampouco pode substituir o ensino primeiro dos apóstolos pelas tradições humanas subseqüentes. O testemunho apostólico é direcionado essencialmente ao Filho. Essa é a razão pela qual esse testemunho manterá os cristãos fiéis ao Salvador se eles permanecerem fiéis a esse testemunho.

(1988g:117)

254. De verdade em verdade

O princípio da harmonia não nega que houve progressão na revelação que Deus fez de si mesmo e de seus propósitos, mas, ao contrário, enfatiza que a progressão não foi do erro para a verdade, mas da verdade para mais verdade.

(1984d:180)

255. Duas proteções

Há duas proteções contra o erro — a Palavra apostólica e a unção do Espírito (cf. Is 59.21), e ambas são recebidas na conversão...

A Palavra é a proteção objetiva, enquanto a unção do Espírito é a experiência subjetiva; mas tanto o ensino apostólico quanto o mestre celestial são necessários para a permanência na verdade.

Ambos têm de ser compreendidos pessoal e internamente. Esse é o equilíbrio bíblico que é raramente preservado. Alguns honram a Palavra e negligenciam o Espírito, o único que pode interpretá-la; outros honram o Espírito, mas negligenciam a Palavra por meio da qual ele nos ensina. A única proteção contra as mentiras é permanecer tanto na Palavra que ouvimos *desde o princípio* quanto na *unção* que *recebemos* dele. É por intermédio dessas antigas coisas que recebemos que permaneceremos na verdade, e não por meio de novos ensinamentos ou mestres.

(1988g:119)

256. O teste da ideologia

Um bom teste para toda ideologia é provar se ela exalta a Deus e humilha o homem; ou se ela exalta o homem e destrona Deus.

(1975d:31)

257. O cristão equilibrado

Parece que não há divertimento de que o Demônio mais goste do que fazer que os cristãos percam o equilíbrio. Embora eu declare que não tenha nenhuma familiaridade com a pessoa de Satanás nem desfrute informações confidenciais quanto à sua estratégia, creio que esse é um de seus passatempos favoritos. Minha convicção é que devemos amar o equilíbrio tanto quanto o Demônio o odeia e buscar promovê-lo tão veementemente quanto ele busca destruí-lo.

Por “desequilíbrio”, entendo que parece que gostamos de habitar uma das duas regiões polares da verdade. Se pudéssemos alcançar com um passo os dois pólos simultaneamente, teríamos um equilíbrio bíblico saudável. Em vez disso, temos a tendência a “polarizar”. Como Abraão e Ló, separamos um do outro. Empurramos as outras pessoas para o outro pólo, enquanto mantemos o pólo oposto como nossa reserva.

(1975a:13)

258. Prisão à falsidade

Liberdade para discordar da Bíblia é uma liberdade ilusória; na realidade, ela é uma prisão à falsidade.

(1988d:37)

259. Afirmar e negar

É muito ruim ser dogmático, isso é o que nos dizem. Mas nossos críticos não se dão por satisfeitos e prosseguem: “Se você tem de ser dogmático, pelo menos faça o favor de guardar seu dogmatismo para si mesmo. Tenha suas próprias convicções definidas (se você assim insiste), mas deixe que as outras pessoas se sintam livres em ter as delas. Seja tolerante. Cuide de sua própria vida e deixe que as outras pessoas cuidem da delas”.

Outra forma por meio da qual esse ponto de vista é expresso é que podemos ser sempre positivos, se necessário dogmaticamente positivos, desde que nos abstenhamos de ser negativos. Nossos críticos nos incitam: “Fale daquilo que você crê, mas não fale contra o que as outras pessoas crêem”. Aqueles que defendem essa linha não compreendem a tarefa dupla do presbítero-bispo, que é de “... encorajar outros pela sã doutrina e de refutar os que se opõem a ela” (Tt 1.9). Tampouco eles prestaram atenção ao que C. S. Lewis escreveu em uma carta a Dom Bede Griffiths: “Seus hindus certamente parecem adoráveis, mas o que eles *negam*? Esse sempre foi meu problema com os hindus — encontrar qualquer proposição que eles considerem falsa. Mas a verdade certamente tem de envolver exclusões”.¹

(1970b:17)

260. Desfocar as questões

Falsos profetas são adeptos do desfocar a questão da salvação. Alguns distorcem ou confundem o evangelho de tal forma que

¹ *Letters of C. S. Lewis*, editado por W. H. Lewis (Bles, 1966), p. 267.

eles tornam a Palavra difícil para aqueles que buscam encontrar a porta estreita. Outros tentam dizer que a porta estreita, na realidade, é muito mais larga que aquela que Jesus sugeriu e que, para atravessá-la, é preciso apenas poucas, se é que há alguma, restrições na crença ou comportamento do indivíduo. Outros ainda, talvez os mais perniciosos de todos, ousam contradizer Jesus e afirmar que o caminho amplo não leva à destruição, mas que, de fato, todos os caminhos levam a Deus, e que até mesmo o caminho amplo e o apertado, embora levem a direções opostas, no fim ambos terminam na vida. Não é de admirar que Jesus tenha denominado esses falsos mestres de “lobos devoradores”, não tanto porque eles cobiçam o ganho, o prestígio ou o poder (embora habitualmente sejam assim), mas porque são “ferozes”, isto é, extremamente perigosos. Eles são responsáveis por levar algumas pessoas à destruição, algo que, conforme dizem a essas pessoas, não existe.

(1978f:199)

261. Amor pela verdade

“... e sejam condenados todos os que não creram na verdade, mas tiveram prazer na injustiça” (2Ts 2.12). É extremamente importante observar que o oposto de “crer na verdade” é “ter prazer na injustiça”. Isso acontece porque a verdade tem implicações morais e faz exigências morais. O mal, e não o erro, é a raiz do problema. Todo o processo é horivelmente lógico. Primeiro, eles se deleitam na fraqueza ou “escolhem deliberadamente a peca-minosidade”. Segundo, recusam-se a crer e amar a verdade (pois é impossível amar o mal e a verdade simultaneamente). Em terceiro lugar, Satanás se imiscui ali e os ilude. Em quarto lugar, Deus mesmo lhes “envia” uma grande desilusão e os entrega à mentira que escolheram. Em quinto lugar, eles são condenados e perecem. Este é um ensinamento extremamente solene. Ele nos revela que a ladeira escorregadia começa com o amor pelo mal e depois

leva, sucessivamente, à rejeição da verdade, ao logro do Demônio, ao endurecimento judicioso de Deus e à condenação final. A única maneira de estar protegido contra o engano é amar a bondade e a verdade.

(1991d:173)

262. Falsos profetas

Ao dizer às pessoas que tivessem “cuidado com os falsos profetas” (Mt 7.15), Jesus obviamente assumiu que eles existiam. Não faz sentido você pôr um alerta no portão do seu jardim: “Cuidado com o cão!”, se tudo que tiver em casa for um casal de gatos ou um periquito australiano. Não. Jesus alertou seus seguidores sobre os falsos profetas porque eles já existiam. Nós os encontramos, em numerosas ocasiões, no AT, e Jesus parece ter considerado os fariseus e saduceus da mesma forma — “líderes cegos conduzindo outros cegos” —; foi dessa forma que ele os chamou. Jesus também deixou implícito que eles cresceriam e que o período que precederia o fim seria caracterizado não apenas pela expansão do evangelho, mas também pelo surgimento de falsos mestres que levariam muitos a se desviar. Ouvimos falar a respeito deles em quase todas as cartas do NT. São chamados de “falsos profetas” (“profetas”, presumivelmente porque afirmam ter inspiração divina), de “falsos apóstolos” (porque afirmam ter autoridade apostólica), de “falsos mestres”, ou, até mesmo, de “falsos cristos” (porque tem pretensões messiânicas ou negam que Jesus é o Cristo que se tornou carne). Mas cada um deles é “falso” — pseudoprofeta, pseudoapóstolo, pseudomestre ou pseudocristo —; *pseudos* é a palavra grega para mentira. A história da Igreja tem um longo e sombrio histórico de controvérsias com os falsos mestres. O valor dessas controvérsias, na prevalente providência de Deus, é que elas apresentaram à Igreja um desafio para pensar e definir a

verdade, mas causaram muito prejuízo. Infelizmente, ainda hoje há muitas delas nas igrejas.

Ao nos recomendar que tivéssemos cuidado com os falsos profetas, Jesus fez outra conjectura: há um padrão objetivo de verdade que deve ser distinguido do falso profeta. A noção de “falso” profeta seria irrelevante, se isso não fosse verdade.

(1978f:197)

263. Contrastes claros

Os contrastes entre luz e trevas, que o apóstolo João fez, são claramente saudáveis. Visões opostas não são, para ele, percepções complementares, mas verdade e erro (cf. 1Jo 2.21,27). “Se afirmarmos que temos comunhão com ele, mas andamos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade” (1.6). Aquele que diz que conhece a Deus, mas desobedece às suas ordens, “é um mentiroso” (*pseustēs*, 2.4). O mesmo é verdade em relação à pessoa que afirma amar a Deus, mas odeia seu irmão (4.20). Mas o que deve ser dito daquele que nega que Jesus é o Cristo? Devemos dizer que ele é mentiroso... E mentiroso *por excelência*.

(1988g:116)

264. As “pessoas simples”

Um dos aspectos mais lastimáveis de algumas afirmações recentemente feitas por líderes da Igreja é a forma paternalista, até mesmo arrogante, como eles descartam visões opostas como as que são sustentadas apenas pelas “pessoas simples”. A condição essencial para receber luz do céu não é a sofisticação, mas a simplicidade. Pois o Senhor do Universo, conforme Jesus disse, escondeu essas coisas dos sábios e cultos e as revelou aos pequeninos (Mt 11.25).

(1985:17)

265. O testemunho das Escrituras

As Escrituras dão testemunho firme e resolutivo a respeito do poder de corrupção da ignorância e do erro, e do poder de libertação, de enobrecimento e de refinamento da verdade.

(1979e:176)

266. A verdadeira liberdade

Muitos supõem que a liberdade intelectual é idêntica ao “livre pensamento”, isto é, a liberdade para pensar e crer em absolutamente tudo que você quiser pensar e crer. Mas isso não é liberdade.

Crer em nada é ser prisioneiro da mentalidade niilista. Crer em mentiras é ser prisioneiro da falsidade. A verdadeira liberdade intelectual é encontrada ao crer na verdade e viver por ela.

O arcebispo Michael Ramsey, em uma série de sermões que pregou na Quaresma de 1970, na Universidade de Cambridge, publicados agora em um livrete intitulado *Freedom, Faith and the Future* [Liberdade, fé e o futuro], falou a respeito da liberdade intelectual. O credo cristão envolve “certa submissão a crenças específicas”, mas é também, conforme ele disse, “um meio para liberdade intelectual”. “Ele liberta você no amplo cômodo que abriga a família dos seguidores de Cristo ao longo das eras. Há algo atemporal acerca dessa fé. Ela não é a fé do século I, nem a do século XVI e, tampouco, a do século XX. A fé cristã pode libertar você de uma das mais terríveis tiranias: o domínio da contemporaneidade.” Eu acrescentaria que ela pode libertar você de muito mais que isso, até mesmo das areias movediças da subjetividade.

(1972b:14)

267. A profecia hoje

Certamente, deveríamos rejeitar qualquer afirmação de que há profetas hoje comparáveis aos profetas bíblicos. Pois aqueles foram a “boca” de Deus, os órgãos especiais da revelação, cujo ensinamento pertence ao fundamento sobre o qual a Igreja foi

construída. Pode haver, entretanto, um dom profético de um tipo secundário, como quando Deus dá a algumas pessoas uma percepção especial de sua Palavra e de seu desejo. Contudo, não devemos atribuir infalibilidade a essas comunicações. Ao contrário, devemos avaliar tanto o caráter quanto a mensagem daqueles que afirmam falar em nome de Deus.

A principal forma que Deus utiliza para falar conosco hoje é por meio das Escrituras, conforme a Igreja sempre reconheceu ao longo das eras.

(1992b:104)

268. A natureza do erro

Há duas tendências à heresia que são extremamente reveladoras. Seríamos sábios se perguntássemos a nós mesmos, em relação a todo tipo de ensino, tanto qual é a atitude desse ensino em relação a Deus quanto que efeito ele tem sobre os homens. Invariavelmente, há algo acerca do erro que é desonroso para Deus e pernicioso para o homem. A verdade, no entanto, sempre honra a Deus, promovendo a bondade (cf. Tt 1.16), e sempre edifica seus ouvintes.

(1973b:70)

269. Discernimento cristão

Jesus alertou seus discípulos acerca dos falsos profetas. Paulo e Pedro fizeram o mesmo. Ainda hoje há muitas vozes que clamam por nossa atenção, e muitas seitas que recebem vasto apoio popular. Algumas delas afirmam ter uma revelação ou inspiração especial para autenticar a doutrina específica que possuem. Há necessidade de discernimento cristão. Muitos são extremamente crédulos e têm boa vontade ingênua para creditar as mensagens e os ensinamentos que se dizem provenientes do mundo espiritual. Há, entretanto, aquilo que poderíamos chamar de tolerância mal orientada a respeito das falsas doutrinas. A descrença (“... não

creiam em qualquer espírito...” [1Jo 4.1]) pode ser uma marca da maturidade espiritual, tanto quanto a crença o é. Devemos evitar os dois extremos: a superstição que crê em tudo, e a desconfiança que não crê em nada.

(1988g:156)

270. Verdade, o verdadeiro critério

A experiência jamais deve ser o critério da verdade; a verdade tem sempre de ser o critério da experiência.

(1975b:15)

271. Fazer a verdade

Em todo o NT, a verdade de Deus é algo que deve ser *feita*, e não alguma coisa em que apenas devemos crer. Ela carrega consigo exigências, tarefas e obrigações. A fé evangélica transforma radicalmente aqueles que crêem nela e a abraçam.

(1983b:12)

272. Verdade e fogo

É quando refletimos sobre a verdade, que nosso coração arde. Pense nos discípulos de Emaús, naquela tarde do dia de Páscoa. O Senhor ressurreto juntara-se a eles na caminhada e explicava-lhes as Escrituras, a saber, como o Messias tinha de sofrer antes de entrar em sua glória. Mais tarde, após ele desaparecer da vista deles, eles disseram um ao outro: “ ‘Não estava queimando o nosso coração, enquanto ele nos falava no caminho e nos expunha as Escrituras?’ ” (Lc 24.32). Esse queimar interno de nosso coração é uma profunda experiência emocional, mas foi o ensinamento bíblico de Jesus que os levou a isso. Nada faz o coração queimar como a visão revigorada da verdade.

(1992b:126)

24

A Palavra viva

273. A Palavra para os nossos dias

Em resposta ao sentimento comum de que o cristianismo está irremediavelmente ultrapassado, precisamos reafirmar nossa convicção cristã fundamental, a saber, a certeza de que Deus continua a falar por meio do que ele já falou. Sua Palavra não é um fóssil pré-histórico, para ficar exposta em uma vitrina; ela é a mensagem viva para o mundo contemporâneo. Pertence à feira livre, e não ao museu. Por meio de sua antiga Palavra, Deus dirige-se ao mundo moderno, pois, conforme o dr. J. I. Packer disse, “a Bíblia é a pregação de Deus”. Apesar das particularidades históricas da Bíblia e das imensas complexidades do mundo moderno, há ainda uma correspondência fundamental entre essas duas esferas, e a Palavra de Deus continua a ser lâmpada para nossos pés e luz para nosso caminho.

(1992b:11)

274. Mais que um museu

As Escrituras são muito mais que uma coletânea de documentos antigos nos quais são preservadas as palavras de Deus.

Não são um tipo de museu, no qual a Palavra de Deus é exibida numa estante de vidro como uma relíquia ou fóssil. Ao contrário, é uma palavra viva, proveniente do Deus vivo, para pessoas vivas; uma mensagem contemporânea para o mundo contemporâneo.

(2003:106)

275. O povo de Deus e a Palavra de Deus

Podemos reconhecer a Palavra de Deus porque o povo de Deus a escuta, da mesma forma que podemos reconhecer o povo de Deus porque ele escuta a Palavra de Deus.

(1988g:161)

276. Amor pelas Escrituras

O homem que ama sua esposa também ama as cartas e as fotos dela, pois elas lhe falam sobre a esposa. Assim, se amamos o Senhor Jesus, devemos também amar a Bíblia, porque ela nos fala dele. O marido não é tão ignorante a ponto de preferir as cartas da esposa à sua voz, ou preferir suas fotografias à presença dela. Ele simplesmente ama as fotos e as cartas por causa dela. Assim também, amamos a Bíblia por causa de Cristo. Ela é o retrato dele, é sua carta de amor.

(1956a:22)

277. O livro da salvação

A Bíblia é essencialmente um manual da salvação. Seu propósito, do começo ao fim, não é ensinar fatos da ciência (e.g., a natureza da rocha solar) que os homens podem descobrir por meio da investigação empírica, mas os fatos da salvação que nenhuma exploração do espaço pode descobrir, pois apenas a Bíblia pode revelá-los. Ela toda revela o esquema divino da salvação — a criação do homem à imagem de Deus, sua queda por meio da desobediência, ficando ele imerso no pecado, sob o julgamento,

e o contínuo amor de Deus por ele apesar de sua rebelião; o plano eterno de Deus para salvá-lo por meio de sua aliança da graça com o povo escolhido, algo que culminou em Cristo; a vinda de Cristo como Salvador, sua morte para carregar o pecado do homem, sua ressurreição dentre os mortos, sua exaltação ao céu e o envio do Espírito Santo; o resgate do homem, em primeiro lugar, da culpa e da alienação e, depois, da escravidão e, por fim, da mortalidade em sua experiência progressiva da liberdade dos filhos de Deus.

(1973b:102)

278. A linguagem da alma

O livro de Salmos fala sobre a linguagem universal da alma. Assim escreveu Protério: “O livro de Salmos contém toda a música do coração do homem”. Novamente, faço ecoar uma frase usada por Atanásio e depois por Calvino: “Ele é o espelho no qual cada homem vê os movimentos de sua alma”. A teologia de Salmos é rica e plena. Ela revela um Deus que é tanto criador do mundo quanto redentor de um povo. Mais ainda, o salmista sustenta que Deus criou e pastoreia aqueles que redimiu. É atividade de Deus, passada e presente, na natureza e na graça, a qual fornece o tema constante para os louvores dos salmistas. O Senhor não é como os ídolos surdos e mudos; ele é o Deus vivo, o mais alto Deus, eterno e onipresente. Ele é rei. Ele reina sobre os elementos e as nações. Ele também é um refúgio constante, uma fortaleza e uma torre forte em que seu povo pode encontrar segurança. Ele entrou em aliança com eles e é fiel à sua aliança. Deu-lhes sua lei e espera que sejam fiéis a ela. Entretanto, em contraste com a grandeza e a eternidade de Deus, a vida do homem é transitória e seu tamanho diminuto. Além disso, ele é pecador e está sujeito à doença, à perseguição e à morte. Precisa clamar a Deus pelo perdão de seus pecados e por libertação de todo mal. Depois, um dia, Deus enviará seu Messias para cumprir os ideais de realza,

apresentados nos salmos reais, e os do sofrimento inocente, apresentados nos salmos da paixão. Seria necessário Cristo sofrer para entrar em sua glória (Lc 24.26).

(1966b:12)

279. Testemunho acerca de Cristo

“Bíblia” e “evangelho” são termos quase alternativos, pois a maior função da Bíblia em toda sua extensão e amplitude é dar testemunho acerca de Jesus Cristo.

(1975c:43)

280. A Palavra universal

De um lado, *a mensagem da Bíblia* é exatamente a mesma para todos os homens, em todos os lugares e em todos os tempos. Sua relevância não está limitada a nenhuma geração ou cultura em particular. Ao contrário, *dirige-se a toda a humanidade*. Isso acontece porque *a revelação de Deus em Cristo e nas Escrituras é imutável*. Conforme Jesus disse, “... ‘a Escritura não pode ser anulada’ ” (Jo 10.35). Ela nos foi entregue “... de uma vez por todas” (Jd 3). E, por ser a verdade de Deus, possui uma maravilhosa universalidade. E como *por meio de seu Espírito Santo ela ainda fala hoje*, tem uma mensagem para todos, em todos os lugares.

De outro lado, sua imutabilidade não é uma uniformidade morta, insípida e sem vida. Pois o Espírito Santo, da mesma forma que usou a personalidade e a cultura dos autores de sua Palavra a fim de transmitir por meio de cada um deles algo novo e apropriado, também hoje *ilumina a mente do povo de Deus em todas as culturas a fim de perceberem sua verdade vivaz por meio de seus próprios olhos*. É ele quem abre os olhos de nosso coração, e esses olhos e coração pertencem ao jovem e ao velho, aos latinos e aos saxões, aos africanos, asiáticos e americanos, aos homens e às mulheres, ao poético e ao *prosaico*. Ela é “o magnífico e intricado

mosaico da humanidade” (para tomar emprestada uma frase do dr. Donald McGavran), por meio do qual o Espírito Santo utiliza *mais ainda a sabedoria multicolorida de Deus* (tradução literal de Ef 3.10) para fazer revelações a partir das Escrituras. Assim, *a Igreja toda* necessita receber a revelação total de Deus, em toda sua beleza e riqueza (cf. Ef 3.18, “com todos os santos”).

(1975d:8)

281. A espada de dois gumes

Conforme o apóstolo Paulo a descreveu, a Palavra de Deus é a “espada do Espírito”; e o escritor da carta aos Hebreus diz que ela é “viva e eficaz”. Na verdade, “... mais afiada que qualquer espada de dois gumes; ela penetra até o ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e julga os pensamentos e intenções do coração” (Ef 6.17; Hb 4.12). Quer concordemos quer não com Tertuliano e Agostinho que a espada de dois gumes representa o AT e o NT, a Bíblia tem muitas qualidades similares às da espada. Ela aflige a consciência e fere o orgulho dos pecadores. Corta nossa camuflagem e rompe nossas defesas. Desnuda nosso pecado e necessidade e mata toda falsa doutrina por meio de seus golpes afiados e hábeis.

(1990c:54)

282. Nosso planejamento pessoal

Chegamos à nossa leitura da Bíblia com nosso planejamento pessoal, com nossas inclinações, questões, preocupações, inquietações e convicções e, a não ser que sejamos extremamente cuidadosos, impomos tudo isso ao texto bíblico. Podemos orar sinceramente antes de ler: “Abre os meus olhos para que eu veja as maravilhas da tua lei” (Sl 119.18), mas ainda assim a mesma falta de comunicação pode persistir. Pois até mesmo a oração introdutória, apesar de certamente ter sido retirada do livro de

Salmos, é suspeita, pois declara o tipo de mensagem que queremos ouvir.

“Por favor, Senhor, quero ver alguma ‘coisa maravilhosa’ em tua Palavra.”

No entanto, ele pode responder: “O que o leva a pensar que tenho apenas ‘coisas maravilhosas’ para lhe mostrar? Na verdade, tenho ‘algumas coisas um tanto perturbadoras’ para mostrar-lhe hoje. Você está preparado para recebê-las?”.

Podemos responder entrecortadamente: “Oh, não, Senhor; por favor, não. Eu venho às Escrituras apenas para ser confortado. Realmente, não quero ser desafiado nem perturbado”.

(1992b:190)

283. Submissão a Cristo

Nossa autoridade principal e primeira é Jesus Cristo, nosso Mestre e Senhor; nossa submissão às Escrituras é apenas o resultado lógico e a expressão necessária de nossa submissão a ele. Viemos a Cristo; mas Cristo nos conduziu ao livro. Não que esse livro, ao qual nos conduziu, seja uma carta morta e insípida ou um bicho-papão autoritário. Ele ordena que escutemos sua voz à medida que fala sobre nossa situação em particular por meio de seu Espírito e de sua Palavra escrita.

(1976b:64)

V. O que significa ser humano

25. Quem sou eu?

26. Valor e dignidade do homem

27. Nossa natureza decaída

28. Amor-próprio

29. Mera religião

25

Quem sou eu?

284. A questão básica

A natureza do homem (i.e., o que significa ser humano) é discutivelmente a questão política fundamental do século XX. Certamente, esse é um dos principais pontos de conflito entre Marx e Jesus; portanto, entre o Oriente e o Ocidente. Isso quer dizer que, se os seres humanos têm qualquer valor absoluto, por causa dele devem ser respeitados; ou, se o valor dos seres humanos é apenas relativo à comunidade, para o bem dessa comunidade eles podem ser explorados. Dizendo isso de forma mais simples: as pessoas são servas da instituição, ou a instituição é serva das pessoas?

(1990a:39)

285. Jekyll e Hyde

Quem sou eu? O que é o meu “ego”? A resposta é que eu sou Jekyll e Hyde, um ser confuso, possuindo tanto dignidade, porque sou criado e fui recriado à imagem divina, quanto depravação, porque ainda possuo uma natureza decaída e rebelde. Sou ao mesmo tempo nobre e ignóbil, lindo e feio, bom e mau, direito

e retorcido, imagem e filho de Deus, e, contudo, às vezes concedo homenagem ao Diabo de cujas garras Cristo me resgatou. O meu ser verdadeiro é o que sou mediante a Criação, o que Cristo veio a fim de redimir, e pelo chamado. Meu ser falso é o que sou mediante a Queda, o que Cristo veio a fim de destruir.

(1991a:259,260)

286. Autonegação e autodescoberta

De um lado, somos produto da Queda e, de outro, de nossa criação por Deus e recriação em Cristo. Esse arcabouço teológico é indispensável ao desenvolvimento de uma auto-imagem ponderada e de uma atitude equilibrada em relação ao eu. Ela nos levará além da aceitação de nós mesmos para algo melhor ainda, isto é, a nossa auto-afirmação. Precisamos aprender essas duas coisas para afirmar todo o bem em nosso interior, que existe por causa da graça criadora e recriadora de Deus, e, desse modo, seria cruel negar (i.e., repudiar) todo o mal, resultante da Queda, existente em nosso interior.

Assim, quando negamos nosso falso “eu” em Adão e afirmamos nosso verdadeiro “eu” em Cristo, descobrimos que somos livres não apenas para amar a nós mesmos, mas, mais apropriadamente, para amar aquele que nos redimiou e o nosso próximo, por causa dele. Nesse ponto, alcançamos o paradoxo supremo da vida cristã: quando perdemos a nós mesmos no amor altruísta de Deus e no amor ao nosso próximo, nós nos achamos (Mc 8.35). A verdadeira autonegação leva à verdadeira autodescoberta.

(1978b)

287. O paradoxo da humanidade

Penso que faz parte da natureza paradoxal de nossa humanidade sermos tanto o sopro de Deus quanto o pó da terra, divinos e bestiais, criados e decaídos, nobres e ignóbeis. Essa parece ser a razão por que tanto buscamos a Deus quanto fugimos dele,

tanto praticamos a justiça quanto suprimimos a verdade em nossa injustiça, tanto reconhecemos as reclamações das leis morais que estão sobre nós quanto recusamos submeter-nos a ela, tanto erigimos altares para honrar a Deus quanto precisamos nos arrepender de nossa ignorância e pecado.

(1988d:322)

288. Alienação

Foi Karl Marx quem popularizou a palavra “alienação”, que ele tomou emprestada do filósofo alemão Ludwig Feuerbach. Marx compreendeu a condição do proletariado em termos de alienação econômica. Todo trabalhador põe um pouco de si mesmo em sua habilidade profissional. Quando, depois disso, o empregador vende seu produto, ele é culpado, pelo menos em parte, de alienar o trabalhador de si mesmo. De acordo com Marx, essa realidade era o fundamento da luta de classes...

Contudo, a Bíblia, muito antes de Feuerbach e Marx, falou sobre a alienação humana. Ela descreve duas outras alienações, ainda mais radicais que a econômica e a política. Uma é a alienação do homem em relação a Deus, nosso Criador, e a outra é a alienação em relação aos outros, nossos companheiros de jornada nesta vida. Nada é mais desumanizador que o rompimento dos relacionamentos humanos fundamentais. É aí que nos tornamos estrangeiros, em um mundo no qual deveríamos nos sentir em casa, e forasteiros, em vez de cidadãos.

(1979e:89)

289. Uma filosofia niilista

Nossa geração está muito ocupada no desenvolvimento de uma filosofia niilista. Hoje em dia, está na moda crer (ou dizer que você crê) que a vida não tem significado nem propósito. Há muitas pessoas que admitem que não têm nada pelo que viver. Elas não sentem que pertencem a algum lugar; ou, se pertencem, é ao grupo

conhecido como os “desvinculados”. Classificam-se como “estranheiras” e “desajustadas”. Não têm âncora, nem segurança e, tampouco, pátria. Na linguagem bíblica, estão “perdidas”.

Para essas pessoas, há a promessa de que, em Cristo, descobrimos a nós mesmos. O desvinculado passa a ser vinculado. Encontram seu lugar na eternidade (relacionados primeiro e principalmente a Deus, como seus filhos e filhas), na sociedade (relacionados uns com os outros, como irmãos e irmãs da mesma família) e na História (relacionados também à sucessão do povo de Deus ao longo das eras).

(1968c:101)

290. Nossa semelhança com Deus

Aqueles que consideram o ser humano como nada, a não ser uma máquina programada — os behavioristas —, ou uma absurdidade — os existencialistas —, ou um macaco nu — os evolucionistas humanistas — estão, todos eles, depreciando nossa criação à imagem de Deus. É verdade que somos também rebeldes que se levantaram contra Deus e, portanto, não merecemos nada de sua mão, exceto o julgamento; mas nossa queda não destruiu totalmente nossa semelhança com o Criador. Mais importante ainda é que, apesar de nossa revolta contra ele, Deus nos amou, redimiu, adotou e nos recriou em Cristo.

(1978b)

291. Em nosso elemento

Se os peixes foram feitos para a água, para que ambiente os seres humanos foram feitos? Acredito que temos de responder a essa pergunta da seguinte forma: se a água é o elemento no qual o peixe encontra sua essência de peixe, então o elemento em que os seres humanos encontram sua humanidade é o amor, os relacionamentos de amor.

(1992b:54)

26

Valor e dignidade do homem

292. Uma perspectiva cristã

Primeiro, afirmamos nossa dignidade humana. Como os seres humanos foram criados à imagem de Deus para conhecer ao Senhor, para servir uns aos outros e para ser bons mordomos aqui na terra, eles devem ser respeitados. Segundo, afirmamos a igualdade humana. Como os seres humanos foram todos feitos conforme a mesma imagem e pelo mesmo Criador, não devemos ser subservientes em relação a algumas pessoas e desdenhosos em relação a outras. Terceiro, afirmamos nossa responsabilidade humana. Como Deus nos ordenou a ter amor e servir ao nosso próximo, devemos lutar por seus direitos e, ao mesmo tempo, estar prontos a renunciar ao nosso próprio direito para assim fazê-lo.

(1990a:161)

293. As pessoas se importam

Apenas os cristãos acreditam no valor intrínseco dos seres humanos, por causa das doutrinas da Criação e da redenção. Deus fez o homem e a mulher à sua imagem e lhes deu um

domínio responsável sobre a terra e sobre as criaturas que nela se encontram. Ele dotou os seres humanos com faculdades únicas — a racional, a moral e a criativa —, o que os torna parecidos com ele e diferentes dos animais. Os seres humanos são seres divinos! É verdade; eles são seres que caíram de sua origem sublime, e sua semelhança com Deus foi seriamente distorcida. Contudo, essa semelhança não foi destruída. A Bíblia é clara a respeito disso.

O ensino cristão sobre a dignidade, a nobreza e o valor dos seres humanos é de extrema importância hoje em dia; em parte, por causa da própria auto-imagem dos seres humanos e, em parte, para o benefício da sociedade. Quando os seres humanos são desvalorizados, tudo na sociedade se torna amargo. Mulheres e crianças são desprezadas; os doentes, considerados um aborrecimento, e os idosos, um fardo; as minorias étnicas, discriminadas; o capitalismo mostra a sua face mais horrível; a exploração pelo trabalho acontece nas minas e fábricas; os criminosos se embrutecem nas prisões; as opiniões divergentes são sufocadas; Belsen é inventado pela extrema-direita, e Gulag, pela extrema-esquerda; os não-cristãos são abandonados para morrer em sua perdição; não há liberdade, dignidade ou alegria despreocupada; a vida humana parece não ter valor, pois praticamente já não é mais humana.

Quando, porém, os seres humanos são valorizados, por causa de seu valor intrínseco, tudo muda: mulheres e crianças são honradas; os doentes recebem cuidados, e os idosos podem viver e morrer com dignidade; os dissidentes são ouvidos; os prisioneiros, reabilitados; as minorias, protegidas; os trabalhadores recebem um salário digno, condições de trabalho decentes e participação nos lucros da empresa; e o evangelho é levado até “os confins da terra”. Por quê? Porque as pessoas se importam. Porque todo homem, toda mulher, toda criança tem importância como um ser humano criado à imagem de Deus.

(1988a:129)

294. A dignidade de assumir a responsabilidade

As Escrituras reconhecem tanto nossa ignorância — “pois não sabem o que estão fazendo” — quanto nossa fraqueza — “lembra-se de que somos pó”. Mas elas nos dignificam ao fazer que assumamos a responsabilidade por nossos pensamentos e ações.

(1988d:321)

295. Seres humanos e animais

No desenrolar da narrativa de Gênesis 1, fica claro que a imagem de Deus ou a semelhança divina é o que distingue os seres humanos (ápice da criação) dos animais (cuja criação foi registrada antes). A continuidade entre os seres humanos e os animais está implícita. Por exemplo, eles compartilham o sopro “em suas narinas” e a responsabilidade para reproduzir-se. Contudo, há também uma descontinuidade radical entre eles, em que apenas os seres humanos, conforme afirma o relato, são os que foram feitos “como Deus”. A ênfase nessa distinção singular entre seres humanos e animais é recorrente ao longo de toda a Bíblia. O argumento assume duas formas. Devemos envergonhar-nos tanto quando os seres humanos se comportam como animais, descendo ao nível deles, quanto quando os animais se comportam como os seres humanos, fazendo melhor por meio do instinto o que fazemos por meio do arbítrio. Como exemplo do primeiro caso, homens e mulheres não devem ser “insensíveis e ignorantes” e se comportarem como “uma besta-fera”, ou como o cavalo ou a mula que não têm entendimento. Como um exemplo do segundo caso, somos repreendidos pelo fato de que o boi ou os burros reconhecem melhor seu dono que nós; os pássaros migratórios têm mais habilidade para retornar para casa depois de terem partido pelo mundo; e as formigas são mais trabalhadoras e previdentes.

(1992b:36)

296. Domínio dado por Deus

Na pesquisa humana, em todas as descobertas nas áreas da biologia, química, física e outras, bem como em todos os triunfos da tecnologia, os seres humanos estiveram obedecendo a Deus e exercitando o domínio que Deus lhes deu. Pelo menos em princípio, não se questiona se eles se comportaram como Prometeu, que roubou o fogo dos deuses. No controle progressivo que os homens exercem sobre a terra, eles não invadiram a esfera privada de Deus, nem arrancaram poder dele e, muito menos, bloquearam as brechas por meio das quais Deus espreitava, de forma que, agora, podem dispensá-lo. Seria tolo fazer essas deduções. Os seres humanos podem não saber disso, nem humildemente reconhecer isso, mas, em todas suas pesquisas e desenvoltura, estão longe de usurpar as prerrogativas ou o poder de Deus, pois estiveram exercitando o domínio que Deus lhes deu. Desenvolver ferramentas e tecnologia, cultivar a terra, extrair minérios e combustível, represar rios para a energia hidrelétrica, utilizar energia atômica — todas essas atividades são o cumprimento da ordem primeira de Deus. Deus proveu a terra com todos os recursos: alimentos, água, vestuário, habitação, energia e calor — tudo de que precisamos — e nos deu domínio sobre a terra, na qual esses recursos estão armazenados.

(1990a:119)

297. A divina semelhança

Acredito na historicidade de Adão e Eva, como casal original, do qual a raça humana descende... Contudo, minha aceitação de Adão e Eva, como fato histórico, não é incompatível com minha crença de que diversas formas pré-adâmicas de “hominídeos” parecem ter existido milhares de anos antes deles. Esses hominídeos começaram a avançar culturalmente. Eles fizeram desenhos nas cavernas e sepultaram seus mortos. É concebível que Deus tenha criado Adão a partir de um deles. Você pode denominá-los de

homo erectus, e acho que pode até mesmo chamar alguns deles de *homo sapiens*, pois esses são nomes científicos arbitrários. Mas Adão foi o primeiro *homo divinus*, se me derem licença de cunhar este título, o primeiro homem a quem pode ser dada esta designação bíblica específica: “feito à imagem de Deus”. Precisamente o que era essa semelhança divina, que estava estampada sobre ele, nós não sabemos, pois as Escrituras não nos dizem isso de forma alguma. Parece, contudo, que incluía aquelas faculdades — racional, moral, social e espiritual —, as quais tornam os homens distintos de todas as outras criaturas e semelhantes a Deus, o Criador, e que, por causa delas, foi-lhes dado “domínio” sobre a criação inferior.

(1984d:49)

298. À imagem de Deus

Qualquer que tenha sido o modo empregado por Deus na Criação (e o modo é eclipsado em importância pelo fato), Deus fez o homem à sua imagem e semelhança. Embora a Bíblia, em nenhum lugar, explique em muitas palavras o que isso significa, as implicações são claras. Em todos os lugares, as Escrituras assumem as diferenças qualitativas do homem em relação aos animais e reprovam ou ridicularizam o homem, quando, em sua irracionalidade de egoísmo e impiedade, seu comportamento é mais bestial que o comportamento humano.

A imagem divina no homem é um complexo de qualidades, que podem ser resumidas da seguinte forma:

- (a) O homem tem inteligência, capacidade para raciocinar e até para avaliar e criticar a si mesmo.
- (b) O homem tem consciência, capacidade para reconhecer valores morais e fazer escolhas morais.
- (c) O homem vive em sociedade, com capacidade para nutrir amor e ser amado em relacionamentos sociais e pessoais.

- (d) O homem tem domínio, capacidade para exercer seu senhorio sobre a criação, subjugando a terra e sendo criativo.
- (e) O homem tem alma, capacidade para adorar, orar e viver em comunhão com Deus.

Essas capacidades — mental, moral, social, criativa e espiritual — constituem a imagem divina graças à qual o homem é único. (1971c)

299. A lei moral de Deus

A mesma lei moral que Deus revelou nas Escrituras, ele também estampou na natureza humana. Na verdade, ele escreveu sua lei duas vezes: uma, em “tábuas de pedra”, outra, no coração dos homens. Em consequência disso, a lei moral não é um sistema estranho, antinatural, para que os seres humanos lhe obedeam. Acontece exatamente o oposto. A lei moral de Deus ajusta-se perfeitamente a nós, porque é uma lei de nosso ser criado. Há uma correspondência fundamental entre a lei de Deus da Bíblia e a lei de Deus de nosso coração. Por conseguinte, só ao obedecer a essa lei podemos descobrir nossa humanidade autêntica.

(1980a:57)

300. Certo e errado

Em toda comunidade humana, há o reconhecimento básico da diferença entre o certo e o errado, um conjunto de valores aceitos. É verdade que a consciência não é infalível, e os padrões são influenciados pela cultura. No entanto, o substrato do bem e do mal permanece, e o amor é sempre reconhecido como superior ao egoísmo. Isso tem implicações sociais e políticas importantes. Significa que os legisladores e educadores podem assumir que a lei de Deus é boa para a sociedade e que, pelo menos, até certo grau, as pessoas sabem disso. Não é o caso de cristãos tentando forçar seus padrões entre um público renitente, mas de ajudar o público a perceber que a lei de Deus nos foi dada “ ‘... para que

sempre fôssemos bem-sucedidos' ” (Dt 6.24), porque essa é a lei do ser humano e da comunidade humana. Se a democracia é o governo por consentimento, o consentimento depende de consenso, o consenso de um argumento, e o argumento de um apologista ético que desenvolva o caso para o benefício da lei de Deus.

(1994:89)

301. Responsabilidade moral

A Bíblia, invariavelmente, trata-nos como agentes moralmente responsáveis. Coloca sobre nós a necessidade de escolher... Por que é que as pessoas não vão a Cristo? Será que não podem, ou será que não o desejam? Jesus ensinou as duas coisas. E neste “não podem” e “não desejam” está o antinômico último entre a soberania divina e a responsabilidade humana. No entanto, não importa a maneira pela qual a expressemos, não devemos eliminar nenhuma das partes. Nossa responsabilidade perante Deus é um aspecto inalienável de nossa dignidade humana. Sua expressão final será no dia do juízo.

(1991a:85,86)

302. A origem dos direitos humanos

A origem dos direitos humanos é a Criação. O homem nunca “adquiriu” esses direitos humanos, tampouco nenhum governo ou nenhuma outra autoridade os conferiu a ele. Desde o início, nós temos esses direitos. Nós os recebemos com nossa vida das mãos do Criador. Eles são inerentes à nossa criação. Eles nos foram concedidos por nosso Criador.

(1990a:154)

303. Deus e o indivíduo

Incontestavelmente, o salmo 139 é a afirmação mais radical no AT sobre o relacionamento pessoal de Deus com o indivíduo.

Os pronomes pessoais e possessivos na primeira pessoa (eu, me, meu, minha) ocorrem 38 vezes; e na segunda pessoa (tu, ti, teu, tua, contigo), 22 vezes. Além disso, o fundamento de que Deus nos conhece intimamente (v. 1-7) e de que se liga a nós de forma que não podemos escapar dele (v. 7-12) é que ele nos formou no ventre e estabeleceu um relacionamento conosco desde aquele momento (v. 13-16).

(1980d)

304. Homens e mulheres

Visto que os homens e as mulheres são iguais (por sua criação e em Cristo), não pode existir a questão da inferioridade de um ou de outro. Mas porque eles são complementares, não pode existir a questão de identidade de um com o outro. Além disso, essa dupla verdade lança luz no relacionamento e nos papéis do homem e da mulher. Homens e mulheres, como foram criados por Deus com dignidade *igual*, devem respeitar, amar e servir um ao outro, e não desprezar um ao outro. Mas eles foram criados para a *complementação* um do outro; homens e mulheres precisam reconhecer suas diferenças, sem tentar eliminá-las nem usurpar as características um do outro.

(1990a:263)

305. Tornar-se humano

Tornar-se cristão é, em um senso real, tornar-se humano, porque nada desumaniza mais que a rebelião contra Deus, ou nada humaniza mais que a reconciliação com Deus e a comunhão com ele. Mas afirmar alegremente que a salvação inclui humanização não é, de forma alguma, a mesma coisa que dizer que a humanização (recuperação do homem do processo de desumanização existente na sociedade moderna) equivale à salvação.

(1975c:105)

Nossa natureza decaída

306. O ensino de Jesus

É difícil entender aqueles que se apegam à doutrina da bondade intrínseca da natureza humana, e isso em uma geração que testemunhou duas guerras mundiais devastadoras e, em especial, os horrores que ocasionaram e que acompanharam a segunda delas. É ainda mais difícil compreender aqueles que atribuem essa crença a Jesus Cristo. Pois ele não ensinou nada parecido com isso.

Jesus ensinou que no solo do coração de todos os homens estão enterradas as horrendas sementes de todo pecado concebível: “ ‘... os maus pensamentos, as imoralidades sexuais, os roubos, os homicídios, os adultérios, as cobiças, as maldades, o engano, a devassidão, a inveja, a calúnia, a arrogância e a insensatez’ ” (Mc 7.21,22). As 13 faltas são “coisas más”, e elas saem do coração “do homem”, ou “dos homens”, de todos os homens. Isso é o que Jesus Cristo diz sobre a natureza decaída.

(1970b:139,141)

307. O sombrio crepúsculo da natureza

As Escrituras ensinam claramente que o homem, em seu estado natural, não-redimido e não-regenerado, é cego. “O deus desta era cegou o entendimento dos descrentes, para que não vejam a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus” (2Co 4.4). Como qualquer homem pode ver e crer? A fim de responder a essa questão, Paulo faz uma analogia entre a antiga criação e a nova. Ele faz que nossos pensamentos retornem milhões de anos no tempo, ao caos primevo, quando a terra era “sem forma e vazia”, e as “trevas cobriam a face do abismo”. Tudo era sem forma, sem vida, cheio de trevas, triste e vazio, até que a palavra criativa de Deus trouxe a luz e o calor, a forma e a beleza. O mesmo acontece com o coração do homem natural que não tem a Cristo. O sombrio crepúsculo da natureza (sua razão e consciência) apenas alivia as trevas que, de outra forma, são impenetráveis, mas tudo é sombrio, vazio e frio, até que a ordem de Deus faça uma nova criação. “Pois Deus, que disse: ‘Das trevas resplandeça a luz’, ele mesmo brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo” (2Co 4.6).

(1961:95)

308. A origem do mal humano

Jesus ensinou *a origem interna do mal humano*. Sua origem não deve ser considerada um ambiente mau nem uma educação falha (embora ambos possam ter uma influência poderosa e condicionadora em jovens que facilmente cedem a pressões externas); antes, ele origina-se em nosso “coração”, nossa natureza herdada e distorcida. Alguém pode praticamente dizer que Jesus nos apresentou ao freudismo antes de Freud. Pelo menos, o que o Senhor chamou de “coração” é praticamente equivalente ao que Freud chamou de “inconsciente”. O coração assemelha-se a um poço profundo. O depósito espesso de lama no fundo dele

está geralmente fora do alcance da vista e, até mesmo, às vezes, nem suspeitamos que ali esteja. Mas quando as águas do poço são agitadas pelos ventos da emoção violenta, a sujeira mais maléfica, que cheira à maldade, fervilha nas profundezas e vem à tona — raiva, ódio, ganância, crueldade, ciúmes e vingança. Em nossos momentos mais sensíveis, ficamos perplexos com nossa potencialidade para o mal.

(1992b:41)

309. O pressuposto da pecaminosidade humana

Muito do que se assume como líquido e certo na sociedade “civilizada” fundamenta-se na suposição do pecado humano. Praticamente todas as legislações apareceram porque não é possível confiar que os seres humanos sejam capazes de resolver suas contendas com justiça e sem egoísmo. Uma promessa não é suficiente; precisamos de um contrato. Portas não são suficientes; temos de trancá-las e nelas colocar ferrolhos também. O pagamento das taxas não é suficiente; contas têm de ser impressas, inspecionadas e coletadas. Lei e ordem não são suficientes; precisamos da polícia para garanti-las. Tudo isso acontece em razão do pecado do homem. Não podemos confiar uns nos outros. Precisamos de proteção para nos defender uns dos outros. Essa é uma terrível declaração sobre a natureza humana.

(1971a:62)

310. O trabalho da consciência

A consciência do ser humano decaído, com frequência, está equivocada (necessita ser educada pela Palavra de Deus) e adormecida (precisa ser despertada pelo Espírito de Deus). É verdade também que algumas pessoas negam que tenham qualquer senso de pecado, insistindo, ao mesmo tempo, que tudo agora é relativo, pois não há mais absolutos morais. Não acredite nelas. Pois Deus, por meio da Criação, ainda concede a todos os seres humanos um

senso moral, que a natureza decaída que herdamos distorceu, mas não destruiu. A não ser que as pessoas tenham violado e reprimido sua consciência a ponto de cauterizá-la (uma palavra que Paulo utiliza em 1Tm 4.2), ou que se tenha tornado insensível, ela continua a afligi-las. Elas sabem que são pecadoras e culpadas, por mais que protestem contra isso e afirmem o contrário.

(1980a:57)

311. Quando a consciência nos dirige

Uma consciência culpada será uma grande bênção somente se nos forçar a voltar para casa.

(1991a:88)

312. “Depravação total”

A doutrina bíblica da “depravação total” não significa nem que todos os seres humanos são igualmente depravados nem que ninguém seja capaz de qualquer bem; apenas que nenhuma parte do ser humano — mente, emoções, consciência, desejos etc. — permaneceu sem manchas por causa da Queda.

(1979e:79)

313. Cinco aspectos do pecado

O NT emprega cinco palavras gregas principais para pecado, as quais juntas retratam os seus aspectos variados, tanto passivos quanto ativos. A mais comum dessas palavras é *hamartia*, que descreve o pecado como não atingir o alvo, ou fracasso em alcançar um objetivo. *Adikia* é “iniquidade”, e *ponēria* é o mal de um tipo vicioso ou degenerado. Ambos os termos parecem falar de uma corrupção ou perversão de caráter. As palavras mais ativas são *parabasis* (com a qual podemos associar *paraptōma*), uma “transgressão”, ir além de um limite conhecido, e *anomia*, “falta de lei”, o desrespeito ou a violação de uma lei conhecida. Cada

caso subentende um critério objetivo, ou um padrão que falhamos em atingir ou uma linha que deliberadamente cruzamos.

(1991a:79)

314. Prisioneiros de uma natureza corrupta

Só quando nos vemos como somos — de um lado, rebeldes, contra Deus e sob o julgamento dele, e, de outro lado, prisioneiros de uma natureza corrupta — é que chegamos, como Davi no salmo 51, ao desespero de nós mesmos e a clamar a Deus por misericórdia.

(1988e:63)

315. O eu dividido

O que somos (nosso “eu” ou identidade pessoal) é, em parte, o resultado da Criação (a imagem de Deus) e, em parte, o resultado da Queda (a imagem desfigurada). O “eu” que temos de negar, destituir e crucificar é o “eu” decaído, tudo em nós que seja incompatível com Jesus Cristo (daí a ordem de Jesus: “ ‘... negue-se a si mesmo... e siga-me’ ”). O “eu” é para afirmar e valorizar o nosso “eu” criado, tudo em nosso interior que é compatível *com Jesus Cristo* (daí sua afirmação de que, se perdermos a nós mesmos por nos negar a nós mesmos, nós nos acharemos). A verdadeira autonegação (a negação do “eu” falso e decaído) não é o caminho da autodestruição, mas o caminho da autodescoberta.

Portanto, o que quer que sejamos pela Criação, nos deve levar a afirmar: nossa racionalidade, nosso senso de dever moral, nossa masculinidade e feminilidade, nossa apreciação estética e criatividade artística, a administração dos frutos da terra, o anseio por amor e comunhão, nosso senso do mistério transcendente de Deus e nosso ímpeto inato de nos prostrar e adorá-lo. Tudo isso faz parte de nossa humanidade criada. É verdade que ela foi manchada e deformada pelo pecado. Contudo, Cristo veio redimi-la, e não destruí-la. Portanto, precisamos afirmá-la.

Entretanto, o que quer que sejamos pela Queda, precisamos negar ou repudiar: nossa irracionalidade, nossa perversão moral, nossa perda da identidade sexual, nossa fascinação pelo feio, nossa recusa preguiçosa de desenvolver os dons de Deus, nossa poluição e destruição do meio ambiente, nosso egoísmo, malícia, individualismo e vingança, que destroem a comunhão humana. Cristo não veio para redimir essa natureza, mas destruí-la; portanto, precisamos negá-la.

(1984a:316)

316. A gravidade do pecado

Nosso pecado é extremamente horrível. Nada revela a gravidade do pecado como a cruz. Pois, em última instância, o que enviou Cristo para ela não foi nem a ambição de Judas, nem a inveja dos sacerdotes, nem a covardia vacilante de Pilatos, mas a nossa própria ganância, inveja, covardia e outros pecados, e a resolução de Cristo, em amor e misericórdia, de levar a juízo esses pecados e desfazê-los. É impossível que encaremos a cruz de Cristo com integridade e não sintamos vergonha de nós mesmos. Apatia, egoísmo e complacência vicejam em todos os lugares do mundo, exceto junto à cruz. Aí, essas ervas nocivas secam-se e morrem. São vistas como as coisas horríveis e venenosas que realmente são. Pois se não havia outro modo pelo qual o Deus justo pudesse justamente perdoar nossa injustiça, a não ser que a levasse sobre si mesmo em Cristo, deve ela, deveras, ser séria. Só quando vemos essa seriedade é que, desnudados de nossa autojustiça e auto-satisfação, estamos prontos para colocar nossa confiança em Jesus Cristo como o Salvador de quem urgentemente necessitamos.

(1991a:72,73)

317. O pecado e o perdão

A atitude cristã apropriada em relação ao pecado não é negá-lo, mas admiti-lo e, depois, receber o perdão e as promessas que

Deus tornou possíveis a nós. *Se confessarmos os nossos pecados*, reconhecendo diante de Deus que somos pecadores, não apenas em nossa natureza (o *pecado*) mas também pela prática (*nossos pecados*), Deus perdoará *os nossos pecados* como também nos purificará *de toda injustiça* (1Jo 1.9). Na primeira frase, pecado é um débito que ele perdoa; na segunda frase, é uma mancha que ele remove.

(1988g:82)

318. A inacessibilidade dos pecadores a Deus

Só aprendemos a apreciar o acesso a Deus que Cristo ganhou para nós depois de primeiro termos visto a inacessibilidade dos pecadores a Deus. Só podemos gritar: “Aleluia”, com autenticidade, depois que primeiro tivermos clamado: “Ai de mim, estou perdido!”. Nas palavras de Dale: “É, em parte, porque o pecado não provoca nossa própria ira que não cremos que ele provoque a ira de Deus”.¹

(1991a:98)

319. Confessar nossos pecados

O princípio que buscamos estabelecer é que o pecado deve ser confessado apenas à pessoa ou às pessoas que foram ofendidas e de quem, portanto, deseja-se o perdão. Confissão não é jamais para um terceiro grupo de pessoas; elas não foram ofendidas e não estão em uma posição para perdoar o pecado. Esta é a única razão por que a confissão auricular é uma prática a ser deplorada. Não é uma resposta que diz que a confissão auricular não é “a um padre”, mas que é ou uma confissão a Deus por meio do padre, ou na presença deste, ou à igreja representada pelo padre. Tal confissão representativa não é reconhecida nem recomendada nas Escrituras. Se cometermos um pecado contra

¹R. W. DALE. *The Atonement*. Congregational Union, 1894, p. 338-9.

Deus, ele deve ser confessado a Deus, secretamente; se cometermos um pecado contra a igreja, ele deve ser confessado à igreja, publicamente. Confessar tais pecados a um padre não é o caminho certo, uma vez que a confissão deixa de ser secreta, pois inclui outra pessoa, e deixa de ser pública, pois exclui a igreja.

(1964:84)

320. Confessar e renunciar

É importante que, quando apresentamos nossos pecados abertamente diante de Deus, não paremos por aí, mas prossigamos para adotar a atitude correta tanto em relação a Deus quanto ao pecado. Primeiro, confessamos o pecado, humilhando-nos com o coração contrito diante de Deus. Depois, nós o renunciemos, rejeitando-o e repudiando-o. Esta é uma parte vital do que significa “mortificação” no NT. É assumir, em relação ao pecado, uma atitude de total antagonismo. O desvelar do pecado é, em si mesmo, de pouco valor; ele deve levar-nos a uma atitude tanto humilde em relação a Deus quanto hostil em relação ao pecado. “Odeiem o mal, vocês que amam o SENHOR” (Sl 97.10), ou “Iahweh ama quem detesta o mal” (BJ); e é o santo ódio do mal que a confissão de nossos pecados e o desvelar fiel e sistemático deles promovem.

(1964:20)

321. Morte espiritual

As afirmações bíblicas sobre a “morte” dos não-cristãos é um problema para muitas pessoas, pois parece não se enquadrar com os fatos da experiência diária. Muitas pessoas, que não professam a fé cristã e que até mesmo repudiam abertamente Jesus Cristo, aparentam estar muito vivas. Uma dessas pessoas tem o corpo vigoroso de um atleta; outra, a mente vívida de um estudioso; e outra, ainda, a personalidade cheia de vida de uma estrela de cinema. Precisamos dizer que, se Cristo não salvou essas

peessoas, elas estão mortas? Sim, na verdade devemos dizer exatamente isso; e, realmente, é isso que dizemos. Pois na esfera mais relevante (que não é o corpo, nem a mente, nem a personalidade, mas a alma), elas não têm vida. E você pode dizer isso. Elas estão cegas para a glória de Jesus Cristo e surdas à voz do Espírito Santo. Não amam a Deus, não têm consciência sensível diante de sua realidade pessoal, nem exultação do espírito em relação a ele no clamor “ ‘Aba, Pai’ ”, bem como não têm anseio por comunhão com seu povo. Elas são tão impassíveis diante dele quanto um cadáver. Portanto, não devemos hesitar em afirmar que uma vida sem Deus (sem levar em conta quanto a pessoa possa estar fisicamente em forma e mentalmente alerta) é um morto vivo, e aqueles que vivem dessa forma estão mortos, mesmo enquanto estão vivos. Proclamar esse paradoxo é tornar-se consciente da tragédia básica da existência humana decaída. Essa tragédia é que as pessoas que foram criadas por Deus e para Deus devem agora viver sem Deus. Na verdade, essa era a nossa condição até que o Bom Pastor nos encontrou.

(1979e:72)

322. A santidade de Deus e o pecado humano

Todo julgamento divino parece e soa injusto até que, de acordo com as Escrituras, vejamos Deus como ele é e nós mesmos como somos. Em relação a Deus, as Escrituras utilizam as figuras da luz e do fogo para apresentar sua santidade perfeita.

Ele habita na luz inigualável, que, em seu esplendor, é deslumbrante e ofuscante, e ele também é fogo consumidor. Os seres humanos que apenas vislumbraram sua glória foram incapazes de suportar essa visão, ou viraram de costas, ou fugiram, ou desfaleceram. Quanto a nós, gostaria de habitualmente dizer aos meus contemporâneos o que Anselmo disse aos seus: “Vocês ainda não avaliaram a seriedade do pecado”.

(1988d:321)

323. A sociedade imperfeita

Embora seja correto fazer campanhas pela justiça social e ter a expectativa de melhorar ainda mais nossa sociedade, a fim de torná-la mais agradável a Deus, sabemos que jamais a tornaremos perfeita. Os cristãos não são utópicos. Embora conheçamos o poder transformador do evangelho e os efeitos benéficos do sal e da luz cristãos, também sabemos que o mal está entranhado na natureza e na sociedade humanas. Não fomentamos ilusões. Apenas Cristo em sua segunda vinda erradicará o mal e entronizará a justiça para sempre. Esperamos ansiosamente esse dia.

(1992b:390)

324. A única saída

A morte é a única saída para a prisão do pecado. “... pois quem morreu, foi justificado do pecado” [isto é, literalmente] (Rm 6.7). Essa é a morte que Cristo morreu por nós. Ele morreu a nossa morte. Assim, se estamos unidos a Cristo, é tão verdade dizer: “Eu morri em Cristo”, quanto dizer: “Ele morreu por mim”. Como Cristo morreu minha morte, e eu estou nele, Deus considera como se eu mesmo tivesse morrido. Ao morrer e ressuscitar com Cristo, cumprem-se as exigências da Lei, e eu sou liberto.

(1954c:61)

325. A origem da morte

Lemos em Gênesis 5.5 que Adão morreu. Por que ele morreu? Qual foi a origem da morte? Ela existia desde o início? Certamente, a morte dos vegetais já existia. Deus criou plantas, cujos frutos produzem “... sementes de acordo com suas espécies” (Gn 1.1ss). Isto é, o ciclo do florescer do fruto, da semente, da morte e da nova vida foi estabelecido na ordem criada. A morte animal também existia, pois muitos fósseis de predadores foram encontrados com suas presas no estômago. Mas e quanto aos seres humanos?

Paulo escreveu que a morte entrou no mundo por meio do pecado (Rm 5.12). Isso quer dizer que, se Adão não tivesse pecado, ele não teria morrido? Muitos ridicularizam essa idéia. C. H. Dodd, com grande confiança, afirma: “Obviamente, não podemos aceitar esse tipo de especulação como um registro da origem da morte, que é um processo natural e inseparável da existência orgânica no mundo que conhecemos...”.²

Já concordamos que a morte é “um processo natural” nos reinos animal e vegetal. Mas não devemos achar que os seres humanos são meros animais superiores e que, por essa razão, morrem como os animais. Ao contrário, é porque não somos animais que as Escrituras consideram a morte humana como uma intrusão estranha e antinatural, a punição para o pecado, e não a intenção originária de Deus para sua criação humana. Deus avisou Adão, apenas se este desobedecesse, de que ele “certamente” morreria (Gn 2.17). Contudo, como ele não morreu imediatamente, alguns concluem que o texto diz respeito à morte espiritual ou separação de Deus. Mas quando Deus, posteriormente, declarou seu julgamento sobre Adão, ele disse: “... porque você é pó, e ao pó voltará” (Gn 3.19). Assim, a morte física foi incluída na maldição, e Adão tornou-se mortal quando desobedeceu. Certamente, os rabinos compreendiam Gênesis dessa forma. Por exemplo: “Deus criou o homem para ser incorruptível e o fez à imagem da sua própria natureza. Mas, pela inveja do Diabo, entrou no mundo a morte...” (Sb 2.23,24; BS). É por isso que os autores bíblicos lamentam a morte e ficam indignados com ela. Eles a vêem como algo que nos degrada, rebaixando-nos à criação animal, de forma que nós (a criação especial de Deus) nos tornamos “... como os animais, que perecem” (Sl 49.12). O autor de Eclesiastes também fica indignado em relação à morte:

²C. H. DODD. *The Epistle of Paul to the Romans*, The Moffatt New Testament Commentary. Hodder e Stoughton, 11. ed., 1947, p. 81.

“O destino do homem é o mesmo do animal; o mesmo destino os aguarda. Assim como morre um, também morre o outro. Todos têm o mesmo fôlego de vida; o homem não tem vantagem alguma sobre o animal” (Ec 3.19).

Parece, portanto, que por sua singularidade, isto é, porque o homem foi feito à imagem de Deus, o Senhor originariamente tinha algo melhor em mente para os seres humanos; algo menos degradante e aviltante que a morte, a decadência e a decomposição; algo que certificasse que os seres humanos não são animais. Talvez, ele os “trasladasse” como fez com Enoque e Elias, sem a necessidade da morte. Talvez os transformasse “num momento, num abrir e fechar de olhos”, como acontecerá com os cristãos que estarão vivos quando Jesus voltar (1Co 15.52). Talvez, sob essa mesma luz, devamos também pensar sobre a transfiguração de Jesus. “Sua face brilhou como o sol, e suas roupas se tornaram brancas como a luz”, e seu corpo ficou resplandecente como o corpo ressurreto que ele teria posteriormente. Como ele não tinha pecado, não precisava morrer. Ele poderia entrar diretamente no céu, sem morrer. Contudo, deliberadamente, por sua livre e amorosa escolha, retornou para morrer por nós.

(1994:165)

28

Amor-próprio

326. A mente secular

Provavelmente, em nenhum ponto a mente cristã entre tanto em conflito com a mente secular quanto na insistência sobre a humildade e sua hostilidade implacável em relação ao orgulho.

(1990a:37)

327. Inveja, vaidade e orgulho

A inveja é o lado inverso da moeda chamada vaidade. Ninguém sente inveja dos outros sem primeiro ter orgulho de si mesmo.

(1991a:46)

328. O ímpeto do auto-engrandecimento

Seria difícil melhorar a descrição de Lutero sobre o homem decaído: *homo in se incurvatus* — “o homem curvado sobre si mesmo”.

A queda do homem é o egoísmo humano. A maior parte das ambições é egoísta. As pessoas de “sucesso”, que conquistam riqueza, fama ou poder, conseguem isso principalmente porque são guiadas por um ímpeto interno de auto-engrandecimento. Isso não é pessimismo, mas o solene realismo dos cristãos que querem enfrentar os fatos.

(1991c:86)

329. Ambição farisaica

O espírito farisaico, ainda hoje, assombra todos os filhos de Adão. É fácil ser crítico dos contemporâneos de Cristo e deixar de perceber a repetição da vanglória deles em nós mesmos. Ainda profundamente entranhada em nossa natureza decaída está a sede por louvores de homens. Isso parece ser uma perversão demoníaca de nossa necessidade psicológica básica, a saber, ser querido e amado. Ansiamos por aplauso, buscamos os elogios, vicejamos na bajulação. É a aclamação dos homens que queremos; não estamos contentes com a aprovação de Deus agora, nem com esta fala: “ ‘Muito bem, servo bom e fiel!’ ”, dirigida a nós no último dia. Contudo, Calvino bem expressa essa condição desta forma: “O que é mais tolo, ou melhor, o que é mais brutal que preferir a aprovação irrisória dos homens ao julgamento de Deus?”.¹

(1970b:205)

330. Egocentrismo

Por “pecado”, a Bíblia quer dizer egocentrismo. A ordem de Deus é que primeiro amemos ao Senhor, depois o nosso próximo e, por último, a nós mesmos. O pecado é precisamente a reversão dessa ordem. É colocar-nos em primeiro lugar, nosso

¹ *The Gospel According to St. John*. Comentário em João 12.43.

vizinho depois (quando isso se ajusta à nossa conveniência) e Deus em algum lugar bem distante nesse panorama.

(1991e:21)

331. O amor-próprio nas Escrituras

O amor-próprio é a compreensão bíblica do pecado.

(1991a:251)

332. O vocabulário do “eu”

Que o egocentrismo é um fenômeno mundial da experiência humana é algo evidente na grande variedade de palavras em nossa língua compostas com “auto”. Há muitas delas que têm significado pejorativo — palavras como auto-aplauso, auto-absorção, auto-asserção, autopropaganda, autocomplacência, autogratificação, autopiedade, auto-importância, auto-interesse, autodesejo.

(1992b:50)

333. A tentação primeva

Todo pecado é uma rendição à tentação primeva, a saber, a de tornar-se como Deus.

(1970b:207)

334. A verdadeira liberdade

A verdadeira liberdade não é a liberdade de toda responsabilidade em relação a Deus e aos homens, a fim de viver para mim mesmo, mas exatamente o oposto. A verdadeira liberdade é a liberdade de mim mesmo e das presas da tirania do meu egocentrismo, a fim de viver em amor dedicado a Deus e aos outros. Apenas no amor altruísta encontramos uma existência autenticamente livre e humana.

(1977f:28)

335. Auto-endeusamento

O orgulho é mais que apenas o primeiro dos sete pecados capitais; é, em si mesmo, a essência de todo pecado. Pois ele é a obstinada recusa de permitir que Deus seja Deus, em que a ambição correspondente ocupa o lugar do Senhor. Ele é a tentativa de destronar Deus para nos entronizar. O pecado é o auto-endeusamento.

(1992a:111)

336. “... ame o seu próximo como a si mesmo...”

Algumas vezes, afirma-se que a ordem para amar nosso próximo como a nós mesmos é, implicitamente, um pedido para amar a nós mesmos como também o nosso próximo. Mas isso não é bem assim. É possível afirmar isso com segurança porque, em parte, Jesus falou sobre o primeiro e segundo mandamentos, sem mencionar um terceiro; porque, em parte, *agapē* é amor abnegado que não pode ser direcionado para o “eu”; e porque, em parte, de acordo com as Escrituras, amor-próprio é a essência do pecado. Ao contrário, temos de afirmar tudo de nós mesmos que brota da Criação e, ao mesmo tempo, negar tudo de nós mesmos que brota da Queda. O que o segundo mandamento exige é que amemos o nosso próximo tanto quanto realmente (pecadores como somos) amamos a nós mesmos.

(1994:350)

29

Mera religião

337. A experiência religiosa

A experiência mística sem compromisso moral é falsa religião.
(1982b)

338. Religião vazia

Precisamos ouvir novamente a crítica que a Bíblia faz à religião. Nenhum livro, nem mesmo os escritos por Marx e seus seguidores, é mais severo com a religião vazia que a Bíblia. Os profetas dos séculos XVIII e XVII a.C. foram bastante sinceros em sua denúncia do formalismo e da hipocrisia da adoração dos israelitas. Jesus aplicou depois a crítica deles aos fariseus de sua época: “ ‘Esse povo... me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim’ ” (Is 29.13; Mc 7.6). E essa acusação da religião pelos profetas do AT e por Jesus é desconfortavelmente aplicável hoje a nós e nossas igrejas. Muito de nossa adoração é ritual, mas sem realidade; é formal, mas sem poder; é diversão, mas sem temor; é religião sem Deus.

(1992b:228)

339. Religião e moralidade

Na história da humanidade, embora isso seja algo vergonhoso de confessar, religião e moralidade estiveram com mais frequência divorciadas do que casadas.

(1973b:87)

340. O serviço a nós mesmos

Nossa natureza humana decaída é incuravelmente egoísta, e o orgulho, o pecado humano primário, independentemente da forma que ele toma — auto-importância, autoconfiança, auto-asserção e autojustificação. Se nós, seres humanos, fôssemos deixados à nossa própria auto-absorção, até mesmo nossa religião seria pressionada a servir a nós mesmos. Em vez de ser um veículo para a adoração abnegada a Deus, nossa devoção se tornaria a base sobre a qual tomaríamos a liberdade de nos aproximar de Deus para tentar estabelecer nossas reivindicações diante dele. As religiões étnicas, todas elas, parecem degenerar dessa forma, *e o mesmo acontece com o cristianismo*.

(1994:29)

341. Farisaísmo

O farisaísmo assombra as igrejas do Ocidente... Ele arruína a verdadeira religião, pois a realidade é uma condição indispensável à bênção de Deus. Temos de ser mais honestos diante de Deus, mais abertos uns com os outros e mais reais em nós mesmos, se quisermos que Deus nos use.

(1954b:xiii)

342. Pluralismo e sincretismo

Tanto o pluralismo, que busca preservar todas as religiões, em que cada uma delas preserva sua própria integridade, quanto o

sincretismo, que prefere misturá-las, negam a singularidade e a finalidade de Jesus.

(1981f)

343. Um corpo sem fôlego

O cristianismo sem Cristo é uma moldura sem quadro, um porta-jóias sem jóia, um corpo sem fôlego.

(1991e:18)

VI. Tão grande salvação

30. O evangelho cristão

31. Salvação plena

32. Justificação

33. Fé

34. Graça, misericórdia e paz

35. Lei e julgamento

30

O evangelho cristão

344. As questões fundamentais

Em toda religião, as questões fundamentais são as mesmas: em nome de que autoridade cremos e ensinamos aquilo em que acreditamos e ensinamos? Por que meios são os homens e as mulheres pecadores reconciliados com Deus ou “salvos”?

(1988d:332)

345. O evangelho trinitário

No começo da carta de Paulo aos Romanos, onde ele utiliza a expressão “o evangelho de Deus”, fica claro que Deus é o sujeito do genitivo, e não o objeto. Foi Deus quem concebeu, deu origem e publicou o evangelho, ao passo que Cristo é a substância das boas-novas. “Paulo..., separado para o evangelho de Deus..., acerca de seu Filho..., Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 1.1-4). O evangelho de Deus diz respeito ao Filho de Deus; é um anúncio de Cristo. O Espírito Santo dá testemunho “a respeito” de Cristo (Jo 15.26), e a mensagem apostólica pode ser resumida nestas palavras: “... a quem anunciamos” (Cl 1.28, ARC).

A verdade central das boas-novas, portanto, é Jesus Cristo.

(1967e:35)

346. A essência do cristianismo

O cristianismo é, em sua essência, uma religião de resgate.
(1985:75)

347. Revelação inegociável

O evangelho é uma revelação inegociável de Deus. Podemos certamente discutir seu significado e sua interpretação, desde que nosso propósito seja o de nos apegarmos mais firmemente a ele e falarmos sobre ele de forma mais aceitável aos outros. Mas não temos liberdade para nos sentar e julgá-lo, nem para adulterar sua substância. Pois esse é o evangelho de Deus, e não o nosso evangelho; sua verdade é para ser recebida, e não criticada; declarada, e não discutida.

(1975c:59)

348. O mínimo irredutível

Os três principais componentes do evangelho de Deus são: Jesus Cristo, e ele, crucificado; a condição e o perigo do homem em pecado e a subestimação do julgamento; e a resposta necessária, denominada de “obediência de fé”. Ou, em palavras simples e breves, “pecado-graça-fé”. Esse é o mínimo irredutível.

(1967e:54)

349. Não é um bom conselho

O evangelho não é um bom conselho para os homens, mas as boas-novas a respeito de Cristo; não é um convite para fazermos algo, mas uma declaração do que Deus fez; não é uma exigência, mas uma oferta.

(1968c:70)

350. Promessa e condição: oferta e demanda

A oferta do evangelho não é incondicional. Ela não beneficia seus ouvintes indecisos, “quer eles ouçam, quer se recusem

a ouvir”. Fica claro que os pecadores não podem ser perdoados se persistirem em apegar-se a seus pecados. Se eles desejam que Deus os resgate de seus pecados em remissão, precisam se converter em arrependimento. Somos desafiados, portanto, a proclamar a condição tanto quanto a promessa de perdão. Remissão é a oferta do evangelho; arrependimento, a exigência do evangelho.

(1967d:53)

351. Um evangelho, muitas apresentações

Obviamente, há apenas um evangelho apostólico, conforme Paulo salientou, de forma que ele pudesse declarar o julgamento de Deus sobre qualquer pessoa (até sobre ele mesmo) que anunciasse um “evangelho diferente daquele que lhes pregamos”. Os apóstolos, contudo, o apresentaram em uma variedade de formas — sacrificial (o derramamento e a aspersão do sangue de Cristo), messiânico (a irrupção da nova era ou do governo prometido de Deus), místico (o recebimento e o desfrutar da vida eterna ao estar “em Cristo”), legal (o juiz justo que declara o iníquo justo), pessoal (o Pai reconciliando seus filhos desviados), salvífico (o libertador celestial que vem em resgate de seu povo oprimido e o lidera em um novo êxodo) e cósmico (o Senhor universal que declara domínio universal sobre todos os poderes). Esses sete são apenas uma seleção!

(1988d:330)

352. Um novo evangelho?

Alguns teólogos modernos argumentam que precisamos ter um novo evangelho para este mundo. O antigo evangelho não mais nos serve. Ele está fora de moda e é irrelevante. Tem de ser descartado e trocado por um novo. Em contraste com isso, é revigorante ler o ponto de vista expresso em *Towards the Conversion of England* [A caminho da conversão da Inglaterra]. No título do

capítulo 2, encontramos a afirmação de William Temple: “O evangelho é verdadeiro sempre e em todos os lugares; ou ele não é, de forma alguma, o evangelho nem é verdadeiro”.

(1967e:33)

353. “O fragmento irrepreensível e perfeito”

Os jesuítas do século XVII, na China, a fim de não contrariar as suscetibilidades sociais dos chineses, excluíram a crucificação e alguns detalhes do evangelho. Mas o professor Hugh Trevor-Roper escreveu (em uma carta ao *The Times*, em 1º de dezembro de 1959): “Não recebemos notícias de que tenham feito muitos convertidos permanentes por meio da exclusão do fragmento irrepreensível e perfeito da história”.

(1967e:49)

354. O dilema de Deus

Deus não é onipotente no sentido de que possa fazer qualquer coisa. Ele pode apenas fazer aquelas coisas que são coerentes com sua natureza. Ele não pode, portanto, absolver prontamente o pecador, porque é um Deus de justiça infinita. Tampouco, pode punir prontamente o pecador, porque também é um Deus de misericórdia infinita. Aqui, portanto, se pudermos usar a linguagem humana, reside o dilema divino. Como ele poderia perdoar o pecador sem comprometer sua justiça? Como ele poderia julgar o pecador sem frustrar seu amor? Como, em face do pecado humano, ele poderia ser, ao mesmo tempo, um Deus de amor e de ira? Como ele poderia tanto absolver o pecador quanto punir seu pecado? Como um Deus justo poderia perdoar um homem iníquo sem envolver-se com sua iniquidade?

(1967c:50)

355. O evangelho de acordo com Paulo

Conforme lemos nas cartas de Paulo, ele nos faz uma exposição estupenda do evangelho da graça de Deus. Afirma o que Deus fez

pelos pecadores culpados, como nós, que não têm desculpa e não merecem nada de suas mãos, senão o julgamento. Ele declara que Deus enviou seu Filho para morrer por nossos pecados na cruz e ressuscitar dentre os mortos, e que, portanto, se estamos unidos a Cristo pela fé interna e pelo batismo externo, morremos com ele e ressuscitamos com ele, bem como experimentamos uma nova vida nele. Paulo revela um evangelho magnífico.

(1982a:42)

356. A chave para o NT

“Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus” (2Co 5.21). Essa é, certamente, uma das declarações mais admiráveis da Bíblia, da qual, contudo, não devemos fugir. James Denney não estava exagerando ao escrever a esse respeito: “Por mais misterioso e horrível que seja esse pensamento, é ele a chave de todo o Novo Testamento”.¹ Por nossa causa, Deus, de fato, fez que o Cristo sem pecado fosse pecado com os nossos pecados. O Deus que se recusou a imputar os nossos pecados a nós mesmos, imputou-os a Cristo em nosso lugar. De fato, a sua pureza pessoal qualificou-o de maneira singular a levar os nossos pecados em nosso lugar.

(1991a:179)

357. Pecado e salvação

O conceito da substituição está no coração, tanto do pecado quanto da salvação. Pois a essência do pecado é o homem substituindo-se a si mesmo por Deus, ao passo que a essência da salvação é Deus substituindo-se a si mesmo pelo homem.

(1991a:144)

¹James DENNEY. *The Death of Christ*. Tyndale Press, 2. ed., 1951, p. 88.

358. O que precisamos fazer?

O evangelho oferece bênçãos. O que precisamos fazer para recebê-las? A resposta apropriada é: “Nada!”. Não precisamos *fazer* nada. Temos apenas de *crer*. Nossa resposta não é “obediência à Lei”, mas a “fé com a qual receberam a palavra”; isto é, não por obedecer à Lei, mas por crer no evangelho. Pois obedecer é tentar fazer a obra de salvação por nós mesmos, ao passo que crer é descansar na obra consumada de Cristo e permitir que ele seja nosso Salvador.

(1968c:75)

359. A oferta gratuita de Deus

Que Cristo consumou sua obra é ponto pacífico. Mas algumas pessoas, irrefletidamente, supõem que, por meio de sua morte na cruz, o perdão dos pecados é concedido automaticamente a todos os homens. A solução de Deus para os problemas fundamentais do pecado não é, entretanto, mecânica nem impessoal. Ele não impõe a salvação àqueles que não a querem. Ainda respeita seu próprio dom de livre-arbítrio que concedeu à humanidade. Ele me oferece a salvação. Não me obriga a aceitá-la.

(1972a:8)

360. Só por intermédio de Cristo

A auto-salvação é impossível. Sabemos que Jesus Cristo é o único Salvador (pois só ele tem as qualificações necessárias, conforme já vimos) e que a salvação se dá só pela graça de Deus, fundamentada apenas na cruz de Cristo e somente pela fé.

O que não sabemos, entretanto, é exatamente de quanto conhecimento e compreensão do evangelho as pessoas precisam antes que possam clamar a Deus por misericórdia e por ele ser salvas. No AT, as pessoas eram certamente “justificadas pela graça mediante a fé”, embora tivessem pouco conhecimento de Cristo

ou expectativa sobre ele. Talvez, hoje em dia, haja outros em situação um tanto similar. Sabem que são pecadores e culpados diante de Deus e que não podem fazer nada para conquistar seu favor; então, em desespero, clamam ao Deus que mal conhecem para salvá-los. Se Deus salva estes, conforme muitos cristãos evangélicos, de forma tentadora, crêem, a salvação deles ainda é pela graça, apenas por meio de Cristo, e tão-somente pela fé.

(1992b:319)

361. “Recusar-se a deixar Deus ser gracioso”

Há um grande número de pessoas que buscam recomendar a si mesmas a Deus por meio de suas próprias obras. Elas acham nobre tentar conquistar seu caminho para Deus e para o céu. Mas isso não é nobre; ao contrário, é algo tremendamente ignóbil, pois, na verdade, significa negar tanto a natureza de Deus quanto a missão de Cristo. Significa recusar-se a deixar Deus ser gracioso. Isso é dizer a Cristo que ele não precisava ter se dado ao trabalho de morrer. Pois, desse modo, tanto a graça de Deus quanto a morte de Cristo tornam-se redundantes, se for para nós sermos senhores de nosso próprio destino e podermos salvar a nós mesmos.

(1968c:66)

362. Vida e morte redefinidas

Romanos 8.13 sugere que precisamos redefinir tanto a vida quanto a morte. O que o mundo considera vida (uma auto-complacência desejável) leva à nossa alienação de Deus, a qual na verdade é morte; ao passo que fazer morrer todo mal que conhecemos em nosso interior, o que o mundo considera como uma auto-abnegação indesejável, é, na verdade, o caminho para a vida autêntica.

(1944:230)

31

Salvação plena

363. “Você é salvo?”.

Salvação é uma palavra bastante abrangente. Ela abraça a totalidade da obra salvífica de Deus, do início ao fim. Na verdade, a salvação tem três tempos: passado, presente e futuro. Pessoalmente, serei sempre grato ao bom homem que me levou a Cristo há mais de 40 anos; aquele homem que ensinou a mim, o jovem convertido cru e impetuoso, a sempre dizer: “Fui salvo (no passado) da punição do pecado por intermédio do Salvador crucificado. Estou sendo salvo (no presente) do poder do pecado por intermédio do Salvador que ainda vive. E serei salvo (no futuro) da presença do pecado por intermédio da vinda do Salvador)”...

Se, portanto, você me perguntar: “Você é salvo?”, eu lhe poderei dar apenas uma resposta bíblica correta: “Sim e não”. Sim, porque apenas por meio da graça e da misericórdia de Deus, mediante a morte de Jesus Cristo, meu Salvador, ele perdoou meus pecados, justificou-me e reconciliou-me consigo mesmo. Não, porque eu ainda tenho uma natureza decaída, vivo em um mundo

decaído, tenho um corpo corruptível e anseio que minha salvação alcance sua completude triunfante.

(1980a:103)

364. O propósito eterno de Deus

Que todo propósito de Deus, concebido em uma eternidade passada, o qual, na História, foi trabalhado para seu povo e em seu povo, e que será completado na glória por vir, possa ser encapsulado neste único conceito: *Deus quer nos transformar à imagem de Cristo*. Quando pensamos sobre a predestinação eterna, a conversão inicial, a santificação contínua, ou a glorificação final, o mesmo tema sobressai. Em cada estágio, há uma referência à “imagem” de Jesus Cristo ou “semelhança” com ele. A plenitude da salvação é conformidade com ele.

(1991c:101)

365. Salvação consumada

O NT é as boas-novas acerca do que Deus fez em Cristo. É a proclamação de uma conquista. É o mensageiro da salvação consumada.

(1956a:32)

366. A obra consumada de Cristo

Uma das diferenças essenciais entre a religião pré-reformada e a religião reformada é que a primeira era, em muitos aspectos, centrada no homem. Mas os reformadores, ao contrário, estavam determinados a ser centrados em Deus. No que diz respeito à autoridade, eles repudiaram as tradições dos *homens*, porque sustentaram a supremacia e suficiência da Palavra escrita de *Deus*. No que diz respeito à salvação, eles repudiaram os méritos dos *homens*, pois consideraram a suficiente obra consumada de *Cristo*.

(1970b:193)

367. Maior que o perdão

Salvação e perdão não são termos intercambiáveis nem permutáveis. Salvação é maior que perdão... O perdão, a santidade e a imortalidade, todos eles são aspectos de nossa salvação.

Salvação é uma boa palavra. Ela denota o abrangente propósito de Deus, por meio do qual ele justifica, santifica e glorifica seu povo: primeiro, perdando suas ofensas e aceitando-o como justo perante ele; depois, progressivamente, transformando-o por seu Espírito à imagem de Cristo, até que, finalmente, ele se torne como Cristo no céu e, quando esse povo vir o Senhor como ele é, ressuscite em corpo incorruptível exatamente como o corpo de glória de Cristo. Eu anseio resgatar a salvação dos conceitos estreitos aos quais ela é reduzida, até mesmo por alguns cristãos evangélicos.

(1969a:51)

368. As imagens das Escrituras

Acho que o termo “imagens” da salvação (ou da expiação) é melhor que “teorias” da salvação. Pois teorias, em geral, são conceitos abstratos e especulativos, ao passo que as imagens bíblicas da obra da expiação de Cristo são quadros concretos e pertencem aos dados da revelação. Não são explicações alternativas da cruz, que nos provêem uma variação da qual escolhermos, mas são complementares, cada uma contribuindo com uma parte vital para o todo. Quanto às imagens, a “propiciação” introduz-nos aos rituais de um sacrário; a “redenção”, às transações do mercado; a “justificação”, aos procedimentos de um tribunal de lei; e a “reconciliação”, às experiências em casa ou com os familiares. Meu argumento é que a “substituição” não é uma “teoria” ou “imagem” que deva ser colocada ao lado das outras, mas, ao contrário, o fundamento de todas elas, sem a qual perdem a força de convencer. Se Deus, em Cristo, não tivesse morrido em nosso

lugar, não poderia haver propiciação, nem redenção, nem justificação, nem reconciliação.

(1991a:150)

369. Salvação é liberdade

Salvação é liberdade... Ela inclui liberdade do justo julgamento de Deus por nossos pecados, liberdade de nossa culpa e de nossa consciência culpada para que entremos em um novo relacionamento com ele no qual nos tornamos filhos reconciliados, perdoados e o reconhecemos como nosso Pai. É a liberdade da prisão amarga da mente niilista para alcançarmos um novo sentido de propósito na nova sociedade de amor, de Deus, na qual os últimos serão os primeiros; os pobres, ricos; e os humildes, herdeiros. É a liberdade da obscura prisão de nosso egocentrismo para uma nova vida de auto-realização mediante o serviço abnegado. E, um dia, ela incluirá a liberdade da futilidade da dor, da decadência, da morte e da dissolução para conquistarmos um novo mundo de imortalidade, beleza e alegria inimagináveis. Tudo isso — e muito mais! — é “salvação”.

(1992b:310)

370. A salvação diz respeito às pessoas

Chamar a libertação sociopolítica de “salvação” e chamar o ativismo social de “evangelismo” é sinal de uma grave confusão teológica. Isso mistura o que as Escrituras mantêm como coisas distintas — o Deus criador e o Deus redentor; o Deus do cosmo e o Deus da aliança; o mundo e a Igreja; a graça comum e a graça salvífica; a justiça e a justificação; a reforma da sociedade e a regeneração do homem. Pois a salvação oferecida no evangelho de Cristo diz respeito às pessoas, antes que às estruturas. É libertação de outro tipo de jugo, um jugo distinto da opressão política e econômica.

(1975c:95)

371. As pessoas que Deus pretendia que fôssemos

O evangelho são as boas-novas não apenas do que Jesus *fez* (ele morreu por nossos pecados e ressuscitou de acordo com as Escrituras), mas também do que ele *oferece* como resultado disso. Ele promete àqueles que respondem a ele tanto o perdão dos pecados (limpar nosso passado) quanto o dom do Espírito (tornar-nos novas criaturas). Essas duas ações divinas juntas constituem a liberdade que muitos estão buscando, a liberdade da culpa, da corrupção, do julgamento e do egocentrismo, bem como a liberdade para sermos as pessoas que Deus fez e pretendia que fôssemos. O perdão e o Espírito compreendem a “salvação”. E ambos são publicamente representados no batismo, isto é, no lavar nosso pecado e no derramar do Espírito.

(1990b:80)

Justificação

372. Deus amoroso e Deus doador

Justificação é o dom da graça de Deus, e não uma recompensa por qualquer mérito ou obra nossa. Pois “graça” de Deus é sua generosidade espontânea, seu favor livre e imerecido, sua graciosa amabilidade para com os que não merecem. Graça é o Deus amoroso, o Deus que se inclina para nós, o Deus que vem a nós, o Deus doador.

(1980a:69)

373. “Não uma religião, mas um evangelho”

Justificação (fonte de Deus e de sua graça; seu fundamento é Cristo e sua cruz; e seu significado é somente pela fé, totalmente separada das obras) é a essência do evangelho; algo exclusivo do cristianismo. Nenhum outro sistema, ideologia ou religião proclama o livre perdão e uma nova vida para aqueles que não fizeram nada para merecê-la, mas que, ao contrário, fizeram muito para merecer o julgamento. Antes, todos os outros sistemas ensinam alguma forma de salvação por si mesmo mediante as

boas obras da religião, de justiça ou de filantropia. O cristianismo, ao contrário, não é, de forma alguma, em sua essência, uma religião; é um evangelho, o evangelho, as boas-novas de que a graça de Deus desviou a ira do Senhor; de que o Filho de Deus morreu a morte que merecíamos e suportou nosso julgamento; de que Deus tem misericórdia dos que não merecem; e de que não nos foi deixado nada para que fizéssemos ou contribuíssemos para nossa salvação. A única função da fé é receber o que a graça oferece.

(1994:118)

374. A cruz e a justificação

Em que Deus se fundamenta para justificar os pecadores livremente mediante sua graça? Como é possível que um Deus justo declare justos os iníquos, sem fazer concessões à justiça divina ou sem fechar os olhos às injustiças deles? Essa é nossa questão. A resposta de Deus é a cruz.

(1994:112)

375. Aceitação instantânea

Justificação é o pronunciamento legal; esse pronunciamento é instantâneo. Assim que qualquer pecador afasta-se de seu pecado e compromete-se, em absoluta confiança, com Jesus Cristo, que morreu por nós e ressuscitou dentre os mortos, Deus o declara justo. Ele é aceito "... gratuitamente no Amado" (Ef 1.6), ou justificado "... em Cristo" (Gl 2.17).

(1954c:65)

376. Legalmente justo

Quando Deus justifica os pecadores, ele não está declarando que as pessoas ruins são boas, nem dizendo que não são pecadoras, afinal de contas; ele as declara legalmente justas, livres de

qualquer responsabilidade para com a lei violada, porque ele próprio, em seu Filho, levou a penalidade da infração delas da lei.

(1991a:170)

377. Justificação – a penalidade paga

A única forma de ser justificado do pecado é o salário do pecado ser pago, ou pelo pecador ou pelo substituto apontado por Deus. Não há forma de escapar, pois a penalidade tem de ser paga. Como um homem, condenado por um crime e sentenciado a um período de encarceramento, pode ser justificado? Apenas cumprindo a sentença de seu crime, na cadeia. Assim que ele pagar sua pena, poderá deixar a prisão como um homem justificado. Ele não precisará mais temer a polícia nem os magistrados, pois as exigências da lei foram satisfeitas. Ele foi justificado de seu pecado.

O mesmo princípio é válido se a penalidade for a morte. Não há forma de justificação, exceto mediante o pagamento da penalidade. Você pode responder que, nesse caso, pagar a penalidade não é, de forma alguma, um meio de escape. E você estaria certo, se estivesse falando da pena de morte aqui na terra. Uma vez que um assassino é executado (em países em que a pena de morte é ainda aceita), sua vida na terra termina. Ele não pode viver novamente na terra como um homem justificado, da mesma forma que uma pessoa que cumpriu sua pena na prisão poderia. Mas a coisa maravilhosa sobre a justificação cristã é que nossa morte foi seguida pela ressurreição, na qual podemos viver a vida de uma pessoa justificada, por termos pago a pena de morte (em Cristo e por meio dele) por nosso pecado.

Para nós, portanto, é assim. Merecíamos morrer por nossos pecados. E, de fato, morremos, embora não em nossa própria pessoa, mas na pessoa de Jesus Cristo, nosso substituto, que morreu em nosso lugar e com quem fomos unidos pela fé e pelo batismo. E, por meio dessa união com esse mesmo Cristo, ressuscitamos.

Assim, a antiga vida de pecado termina, pois nós morremos para ele, e a nova vida dos pecadores justificados se inicia. Nossa morte e ressurreição com Cristo tornam o voltar atrás inconcebível para nós. É nesse sentido que nosso “eu” pecador foi despojado de poder, e fomos libertos.

(1994:177)

378. Justificação e reconciliação

Justificação e reconciliação não são a mesma coisa, embora Deus jamais justifique pecadores sem reconciliá-los consigo mesmo, bem como jamais reconcilia pecadores consigo mesmo sem justificá-los. Mas justificação é o veredicto de um juiz em um tribunal. Ela não envolve, necessariamente, que o juiz tenha qualquer relacionamento pessoal com o prisioneiro que ele inocentou. Entretanto, a reconciliação acontece quando o pai dá as boas-vindas ao filho pródigo e o restabelece na família. Não há paz igual à paz com Deus. A paz *com* Deus, um fato objetivo, é o fundamento da paz *de* Deus, uma experiência subjetiva. Pois nosso juiz tornou-se nosso Pai, nosso Criador e nosso amigo.

(1980a:92)

379. Justificação e absolvição

Alguns estudiosos sustentam que “justificação” e “absolvição” são sinônimos... No entanto, certamente isso não pode ser. Absolvição é negativa, a remissão de uma punição ou dívida; justificação é positiva, a concessão da posição de justo, o restabelecimento do pecador no favor e na comunhão de Deus.

(1994:110)

380. Justificação e santificação

Justificação descreve a posição de aceitação por Deus, a qual ele nos dá quando confiamos em Cristo como nosso Salvador.

É um termo legal, que foi tomado emprestado dos tribunais, e seu oposto é condenação. Justificar é absolver, declarar uma pessoa acusada como justa, não culpada. Assim, o juiz divino, graças a seu Filho, que suportou a condenação, nos justifica, declarando-nos justos diante dele. “Portanto, agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8.1).

Santificação, de outro lado, descreve o processo por meio do qual os cristãos justificados são transformados na semelhança com Cristo. Quando Deus nos justifica, nos *declara* justos mediante a morte de Cristo por nós; quando ele nos santifica, nos *torna* justos mediante o poder de seu Santo Espírito em nós. Justificação diz respeito à nossa posição externa de aceitação por Deus; santificação diz respeito ao nosso crescimento interno em santidade de caráter. Além disso, enquanto nossa justificação é repentina e completa, de forma que jamais seremos mais justificados do que já fomos no dia de nossa conversão, nossa santificação é gradual e incompleta. É preciso apenas alguns minutos no tribunal para um juiz pronunciar seu veredicto e para o condenado ser absolvido; mas leva uma vida inteira para que possamos nos aproximar da semelhança com Cristo.

(1991e:38)

381. Perdoados todos os dias

Podemos ser justificados apenas uma vez, mas precisamos ser perdoados todos os dias. Quando Jesus lavou os pés dos apóstolos, ele apresentou-lhes uma ilustração disso. Pedro pediu que ele lhe lavasse as mãos e a cabeça, além de lavar-lhe os pés. Mas Jesus respondeu-lhe: “Quem já se banhou precisa apenas lavar os pés; todo o seu corpo está limpo...” (Jo 13.10). Certamente, um convidado para um jantar em Jerusalém tomaria banho antes de sair de casa. Quando chegasse à casa de seu amigo, não lhe ofereceriam outro banho, mas um escravo o encontraria à porta de entrada e lhe lavaria os pés. Assim, quando chegamos

a Cristo pela primeira vez, em arrependimento e fé, recebemos um “banho” (que é a justificação, simbolizada externamente no batismo). Esse banho não precisa ser repetido. Contudo, à medida que caminhamos pelas ruas empoeiradas do mundo, precisamos constantemente “ter nossos pés lavados” — que é o perdão diário.

(1971a:135)

382. Uma doutrina impopular?

A razão real pela qual a doutrina da justificação pela graça unicamente mediante a fé é impopular é ela ferir gravemente nosso orgulho.

(1970b:129)

383. O veredicto, agora

Justificação é um termo legal ou forense, que pertence à lei dos tribunais. Esse termo é o oposto de condenação. Ambos são pronunciamentos de um juiz. Em um contexto cristão, eles são os veredictos escatológicos alternativos, os quais Deus, o juiz, emitirá no dia do julgamento. Assim, quando Deus justifica os pecadores hoje, ele antecipa seu julgamento final, ao trazer para o presente o que pertence particularmente ao último dia.

(1994:110)

384. Moisés e Jesus

Na carta aos Gálatas, Paulo retrata, por meio de um contraste vívido, Moisés e Jesus. Moisés administra a Lei, Jesus exibe a graça. Moisés diz: “obedeça”; Jesus diz: “creia”. Moisés diz que a salvação é “obediência à Lei”; Jesus diz: “Em mim, pela graça, mediante a fé”. Moisés nos mantém prisioneiros como escravos; Jesus nos liberta e nos torna filhos. Esse contraste encontra-se em Gálatas 3.23—4.11 (cf. At 13.38,39). Esse foi o mesmo contraste que Jesus traçou em sua parábola do fariseu e do publicano

(Lc 18.9-14), o qual foi redescoberto pela Reforma e incorporado em nosso Artigo 11 — *Sobre justificação*: “Somos considerados justos diante de Deus apenas pelo mérito de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, pela fé, e não por nossas próprias obras ou mérito, motivo pelo qual somos justificados pela fé somente é a doutrina mais sã e plena de conforto...”. Talvez não haja nenhuma outra mensagem que precise ser mais resgatada e anunciada à nossa geração.

(1954c:63)

385. Paulo e Tiago

Pensou-se que Paulo e Tiago haviam contraditado um ao outro. Abraão não foi justificado pelas obras, mas pela fé, conforme Paulo escreveu em Romanos 4.2,3. Tiago, em 2.21, pergunta: “Não foi Abraão, nosso antepassado, justificado por obras...?”. É fato, e bem conhecido, que Martinho Lutero, que viveu em uma época de controvérsias, quando a grande doutrina da justificação pela fé havia sido redescoberta, repudiou a carta de Tiago, acrescentando, de forma desdenhosa, que ela era feita de “palha”. Entretanto, a contradição entre os dois apóstolos é meramente imaginária. O NT as apresenta de forma que possamos reconhecer o lugar de uma e de outra no propósito de Deus para a Igreja. Tiago recebeu de bom grado a missão de Paulo aos gentios (Gl 2.9), e Paulo respeitou a preocupação de Tiago quanto ao sentimento judeu (At 21.17-26). Os dois homens receberam um ministério diferente, mas não uma mensagem distinta. Eles proclamaram o mesmo evangelho, com diferentes ênfases.

(1954c:104)

33

Fé

386¹. Fé e razão

É surpreendente o número de pessoas que supõem que fé e razão são incompatíveis. Mas estas jamais foram postas em oposição uma à outra nas Escrituras. Fé e visão são contrastadas (2Co 5.7), mas não fé e razão. Pois fé, de acordo com as Escrituras, não é nem credulidade, nem superstição, nem “uma crença ilógica na ocorrência do improvável”, mas uma confiança calma e refletida em Deus que, conforme se sabe, é confiável.

(1992b:116)

387. A escada da fé

A fé vai além da razão, mas fundamenta-se nesta. Conhecimento é a escada por meio da qual a fé sobe mais alto; o trampolim do qual ela pula mais adiante.

(1979e:67)

¹H. L. MENCKEN, que escreveu para o jornal *Baltimore Sun* e foi algumas vezes chamado de o “sábio de Baltimore”.

388. Um salto no escuro?

Há muitos mal-entendidos sobre a fé. Supõe-se, comumente, que seja um salto no escuro, totalmente incompatível com a razão. Isso não é bem assim. A verdadeira fé não é jamais irracional, porque seu objeto é sempre confiável. Quando nós, seres humanos, confiamos uns nos outros, a razoabilidade de nossa confiança depende da relativa confiança da pessoa em questão. Mas a Bíblia dá testemunho de Jesus Cristo como alguém absolutamente confiável. Ela afirma quem ele é e o que fez, e a evidência que ela nos fornece de sua pessoa e obra únicas é extremamente convincente. À medida que nos expomos por meio do testemunho bíblico a esse Cristo e à medida que sentimos seu impacto — profundo mas simples, variado mas unânime —, Deus faz gerar a fé em nosso interior. Recebemos o testemunho. E cremos.

(1984d:22)

389. Crença no testemunho

Assim como o livro de Gênesis inicia-se com esta afirmação: “No princípio Deus”, declarando a existência do Pai, o evangelho de João é apresentado com esta declaração: “No princípio era aquele que é a Palavra”, afirmando a preexistência do Filho. Essas verdades eternas são tópicos talhados para o dogma, e não para a demonstração, porque são produto da divina revelação, e não da especulação humana. Elas têm de ser aceitas ou rejeitadas em seu testemunho, pois a fé não é crença apenas nas evidências, mas também no testemunho.

(1954c:118)

390. Não é mérito nosso

É vital afirmar que nada há de louvável com relação à fé, e que, quando dizemos que a salvação é “pela fé, e não pelas obras”, não estamos substituindo um tipo de mérito — “fé” — por

outro — “obras”. Tampouco a salvação é um tipo de empreendimento comercial entre Deus e nós, no qual ele contribui com a cruz, e nós contribuimos com a fé. Não, a graça é não contributiva, e fé é o oposto de auto-respeito. O valor da fé não é para ser encontrado em si mesma, mas, total e exclusivamente, em seu objeto, a saber, Jesus Cristo, e ele, crucificado. Dizer “justificação só pela fé” é outra forma de dizer “justificação só por meio de Jesus”. Fé é o olhar que se dirige apenas para ele, a mão que recebe o dom gratuito dele, a boca que bebe a água viva.

(1994:117)

391. Fé confiante

A fé é várias vezes descrita e ilustrada no NT. Essa é, essencialmente, uma fé confiante.

(1967e:50)

392. Uma troca misteriosa

Se viermos a Cristo e pusermos nossa confiança nele, acontecerá uma troca misteriosa, mas maravilhosa. Ele retirará nossos pecados e nos revestirá com sua justiça. Em consequência, permaneceremos diante de Deus “sem confiar em nossa própria justiça, mas nas muitas e grandes misericórdias de Deus”; não nas vestes esfarrapadas de nossa própria moralidade, mas nas vestes imaculadas da justiça de Cristo. E Deus nos aceitará, não porque somos justos, mas porque Cristo, que é justo, morreu por nossos pecados e foi ressuscitado dentre os mortos.

(1991e:19)

393. O dom da fé

Jamais devemos pensar na salvação como um tipo de transação entre Deus e nós, no qual ele contribui com a graça, e nós contribuimos com a fé. Pois estávamos mortos e tivemos de ser

vivificados antes que pudéssemos crer. Não, os apóstolos de Cristo ensinam claramente em alguns textos que a fé salvífica também é dom gracioso de Deus.

(1979e:83)

394. As promessas indestrutíveis de Deus

Algumas vezes, imagino se há outra lição mais vital para a vida dos cristãos do que esta: Deus condescendeu às nossas fraquezas ao fazer promessas que ele jamais quebraria, e que a fé leva em consideração sua fidelidade ao se apossar delas. Algumas vezes, sorrimos diante das “caixas de promessas” vitorianas. As promessas bíblicas foram impressas em pequenos pedaços de papel enrolados, como se fossem manuscritos em miniatura, e guardados em uma caixa de madeira para uma seleção randômica em tempos de necessidade. Certamente, essa prática excluía as promessas divinas do contexto nas quais foram originariamente entregues. No entanto, prefiro pensar que até mesmo uma confiança ingênua nas promessas descontextualizadas, como aquela, é melhor que o conhecimento pontual das promessas em seu contexto, mas descrente dos dias de hoje. Assim, muitos de nós reclamam da dúvida espiritual, da cegueira, da depressão e da letargia, dos pecados constantes e das tentações indomadas, do progresso lento em direção à maturidade cristã, da preguiça para adorar e orar e de muitas outras doenças espirituais, enquanto, o tempo todo, não usamos a arma secreta que Deus pôs em nossas mãos.

(1991c:27)

395. Em Cristo pela fé

Todos os homens estão em Adão, desde que estamos em Adão pelo nascimento; mas nem todos os homens estão em Cristo, desde que só podemos estar em Cristo pela fé. Em Adão, pelo nascimento, somos condenados e morremos. Mas se estamos em Cristo, pela fé, somos justificados e vivemos... Paz, graça, glória

— os três privilégios do justificado — não são dados àqueles que estão em Adão, mas apenas àqueles que estão em Cristo.

(1966c:27)

396. O senhorio de Cristo

Ao dizer que a fé salvífica inclui obediência, quero dizer que, na verdadeira fé, há um elemento de submissão. A fé é direcionada a uma pessoa. Na verdade, é um comprometimento total com essa pessoa, o qual envolve não apenas uma aceitação do que nos é oferecido, mas uma rendição total do que é e pode ser exigido. O joelho dobrado é um elemento tão presente na fé salvífica quanto as mãos abertas.

(1959b:17)

397. Como encontrar fé

Não adianta lamentar o fato de que parece que sofremos de uma descrença crônica, bem como não adianta invejar os outros (“Eu queria ter a sua fé.”), como se nossa falta de fé fosse uma característica de nosso temperamento, uma condição congênita que não pode ser mudada. Pois Deus mesmo nos deu os meios para aumentar nossa fé: “Conseqüentemente, a fé vem por se ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo” (Rm 10.17).

Devemos separar um tempo e esforçar-nos para ouvir, a fim de que possamos crer.

(1984d:189)

398. Uma intenção hostil

De maneira ostensiva e fundamentada na teologia, Jerusalém rejeitou a Cristo, e os fariseus, abertamente, condenaram Jesus por blasfêmia. Mas sob essas objeções intelectuais e doutrinárias estava uma intenção hostil. Jesus expusera a hipocrisia

deles e desmascarou os pecados que cometiam. O orgulho deles foi ferido. Sentiram-se humilhados. Eles o odiaram por sua santidade. Estavam enciumados por causa da influência que Jesus exercia sobre o povo comum. Essas coisas estavam na raiz do seu repúdio a Cristo. Mas seria mais respeitável se aceitassem as falhas em sua teologia que admitir seu embaraço moral. Suas dúvidas não passavam de um pretexto para seus pecados.

Isso sempre foi assim. Não estou dizendo que isso é sempre assim, porque, obviamente, muitas pessoas têm problemas teológicos genuínos. Contudo, a necessidade mais profunda do homem não é, com frequência, a intelectual, mas a moral, e sua suposta incapacidade para crer é realmente a relutância em obedecer.

(1956a:29)

399. O pecado da descrença

A descrença não é um infortúnio a ser lamentado; é um pecado a ser pranteado. Sua pecaminosidade reside no fato de que ela contradiz a Palavra do único e verdadeiro Deus, e, portanto, atribui falsidade a ele.

(1988g:185)

400. “Apenas por meio da fé”

Em um só parágrafo, Paulo salienta três vezes a necessidade da fé: “... mediante a fé em Jesus Cristo para todos os que crêem” (Rm 3.22); mediante a fé em seu sangue, ou, mais propriamente, “... para propiciação pela fé no seu sangue” (v. 25, ARC); e Deus é “... justo e justificador daquele que tem fé em Jesus” (v. 26). Na verdade, a justificação acontece apenas por meio da fé, *sola fide*, um dos grandes lemas da Reforma. É verdade que a palavra “apenas” não ocorre no texto de Paulo no versículo 28, mas Lutero a acrescentou a ele. Não é totalmente surpreendente, portanto, que a Igreja Católica Romana tenha acusado Lutero de corromper o

texto das Sagradas Escrituras. No entanto, Lutero estava seguindo Orígenes e outros dos primeiros pais da Igreja, que, de forma similar, acrescentaram a palavra “apenas”. Um impulso verdadeiro os levou a fazer isso. Longe de falsificar ou distorcer o significado dado por Paulo, eles estavam enfatizando e clarificando esse significado. O mesmo aconteceu com João Wesley, que escreveu revelando que sentia que ele “confiava em Cristo, e apenas em Cristo, para salvação”. Justificação ocorre apenas por meio da graça, em Cristo apenas, e apenas por meio da graça.

(1994:117)

34

Graça, misericórdia e paz

401. Graça

O evangelho é o evangelho da graça, do favor gratuito e imerecido de Deus. Dar as costas a ele que nos chamou pela graça de Cristo é dar as costas ao verdadeiro evangelho. Sempre que os mestres começam a exaltar o homem, ao deixar implícito que ele pode contribuir de alguma forma para a salvação por meio de sua moralidade pessoal, religião, filosofia ou respeitabilidade, corrompe-se o evangelho da graça. Esse é o primeiro teste. O verdadeiro evangelho magnifica a graça de Deus.

(1968c:27)

402. Um tipo especial de amor

Ninguém que não conheça o significado da graça pode compreender a mensagem das Escrituras. O Deus da Bíblia é o “Deus de toda a graça” (1Pe 5.10). Graça é amor. Mas amor de um tipo especial. É um amor que se inclina, se sacrifica e serve. O amor que é gentil para com o descortês, e generoso para com o ingrato

e não merecedor. A graça é o favor de Deus gratuito e imerecido, é amar o não-amável, buscar o fugitivo, resgatar o desesperançado e erguer o mendigo das sarjetas para fazê-lo sentar-se com príncipes (Sl 113.7,8).

(1984d:127)

403. “O reino da graça”

Nada pode resumir melhor a bênção de estar em Cristo que a expressão “o reino da graça”. Pois a graça, por meio da cruz, perdoa pecados e concede ao pecador tanto a justiça quanto a vida eterna. A graça satisfaz a sede da alma e alimenta o faminto com boas coisas. A graça santifica os pecadores, moldando-os à imagem de Cristo. A graça persevera até mesmo com o obstinado, determinada a completar o que iniciou. E, um dia, a graça destruirá a morte e consumará o Reino. Portanto, quando nos convenceremos de que “a graça reina”, nos lembraremos de que o trono de Deus é um “trono de graça” e iremos, de forma ousada, até esse trono para receber misericórdia e encontrar graça para os momentos de necessidade (Hb 4.16).

(1994:157)

404. O propósito de Deus é desdobrado

Em 2Timóteo 1.9,10, parece que detectamos cinco estágios por meio dos quais o propósito salvífico de Deus se desdobra. O primeiro é o dom eterno da graça que nos foi dado em Cristo. O segundo é o aparecimento histórico de Cristo para abolir a morte por meio de sua própria morte e ressurreição. O terceiro é o chamado pessoal de Deus aos pecadores, por meio da pregação do evangelho. O quarto é a santificação moral do cristão, por meio do Espírito Santo. E o quinto é a perfeição final e celestial na qual o santo chamado se consuma.

(1973b:40)

405. Graça comum

Os cristãos certamente acreditam que Deus revelou-se, de uma forma única e final, em Jesus Cristo, conforme testemunhado nas Escrituras, de forma que, nesta vida, ele não tem mais nada a revelar, pois tudo já foi revelado, embora, obviamente, tenhamos muito mais a aprender. Não estamos sugerindo, contudo, que fora da igreja consideramos Deus inativo e que a verdade esteja ausente. De forma alguma. Deus sustenta todas as suas criaturas e, portanto, não está “longe de cada um de nós”. Os seres humanos, por criação, são dele, e nele vivem, movem-se e existem (At 17.27,28). Também Jesus Cristo, como o *logos* de Deus e a luz dos homens (Jo 1.1-5), está continuamente ativo no mundo. Mas, visto que ele é descrito como “... a verdadeira luz, que ilumina todos os homens” (Jo 1.9), ousamos afirmar que toda beleza, verdade e bondade, onde quer que sejam manifestadas entre os seres humanos, originam-se nele, quer as pessoas saibam disso quer não. Esse, conforme se convencionou denominar, é um aspecto da “graça comum” de Deus, seu amor demonstrado a toda a humanidade; entretanto, ela não é a “graça salvífica” que ele concede àqueles que clamam humildemente a ele por misericórdia.

(1992b:317)

406. Graça e fé

Graça é o favor imerecido e gratuito de Deus. Essa é a forma que Paulo utiliza para descrever a iniciativa amorosa e imerecida de Deus que ofereceu Cristo para morrer, ressuscitando-o dentre os mortos e revelando-o aos pecadores. Toda a sua mensagem tornou-se “... a mensagem de sua graça” (At 14.3) e o “... testemunhar do evangelho da graça de Deus” (At 20.24). “Porque a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens” (Tt 2.11). Ela foi supremamente manifestada na provisão da salvação e na

oferta dessa salvação. Empregando a palavra “salvação”, Paulo utiliza um termo cujo conceito é o mais amplo possível. Seu significado inclui o passado, o presente e o futuro. Descreve a libertação, que Deus ofereceu ao homem, de toda a destruição que o pecado causou na mente, no coração, nos desejos e no corpo, quer em relação a Deus, quer em relação ao mundo, quer em relação a si mesmo. Utilizando as palavras de Paulo, ela inclui a justificação do cristão (sua aceitação diante de Deus), a santificação (seu crescimento em santidade), a edificação (sua vida na igreja) e a glorificação (sua perfeição na glória eterna). Ou, mais simplesmente, faz dele um filho e um santo, um irmão e um herdeiro. Tal é a graça de Deus recebida pela fé. A única função da fé é responder à graça. A fé acolhe o que a graça oferece.

(1954c:57)

407. A fonte da salvação

Embora “graça” e “paz” sejam palavras breves e comuns, elas são ricas em substância teológica. Na verdade, resumem o evangelho de Paulo sobre a salvação. A natureza da salvação é paz ou reconciliação — paz com Deus, paz com os homens e paz interior. A fonte da salvação é a graça, o favor gratuito de Deus, sem levar em conta qualquer obra ou mérito humano; ela é sua amorosa gentileza para com os que nada merecem. E essa graça e paz fluem, conjuntamente, do Pai e do Filho.

(1968c:16)

408. A provisão de Deus

Graça e misericórdia são expressões do amor de Deus; graça para com o culpado e não merecedor, misericórdia para com o necessitado e o desesperançado. Paz é aquela restauração da harmonia com Deus, com os outros e consigo mesmo, à qual chamamos de “salvação”. Juntando tudo isso, paz indica o caráter

misericordioso da salvação, nossa necessidade desta; e graça, a provisão gratuita dessa graça de Deus em Cristo.

(1988g:206)

409. Seguro na graça

Os crentes justificados desfrutam uma bênção muito maior que uma aproximação periódica de Deus ou de uma audiência ocasional com o rei. Temos o privilégio de viver no templo e no palácio... Nosso relacionamento com Deus, para quem a justificação nos trouxe, não é esporádico, mas contínuo; não é precário, mas seguro. Não caímos da graça nem deixamos de tê-la, como os cortesãos que caem nas graças de seu soberano, mas podem perder tal privilégio, ou como os políticos com o público. Não! *Permanecemos* nela, pois essa é a natureza da graça. Nada pode nos separar do amor de Deus (Rm 8.38s).

(1994:140)

410. “O que somos pela graça...”

A ênfase dominante das cartas do NT não é a incitação dos leitores cristãos a uma bênção totalmente nova e distinta, mas a lembrança de que devemos nos recordar dela e incentivar-nos a viver por ela.

(1975b:44)

35

Lei e julgamento

411. O propósito da Lei

O Sermão do Monte é um tipo de “nova lei” que, como a Lei antiga, tem dois propósitos divinos... Primeiro, mostra ao não-cristão que ele não pode agradar a Deus por si mesmo (porque ele não tem capacidade para obedecer à Lei), buscando direcioná-lo a Cristo para ser justificado. Segundo, mostra ao cristão, que se apresentou diante de Cristo para justificação, como viver de forma agradável a Deus. De forma mais simples, como os reformadores e os puritanos costumavam resumir isso, a Lei nos envia a Cristo, para sermos justificados, e Cristo nos envia de volta à Lei, para sermos santificados.

(1978f:36)

412. A Lei e o evangelho

Depois que Deus fez a promessa a Abraão, ele deu a Lei a Moisés. Por quê? Simplesmente porque ele tinha de fazer as coisas piorarem antes que pudesse melhorá-las. A Lei expôs o pecado, afrontou o pecado e o condenou. O propósito da Lei era, por

assim dizer, tirar a tampa da respeitabilidade do homem e expor o que ele realmente é abaixo da superfície — pecador, rebelde, culpado, sob o julgamento de Deus e sem esperança para salvar-se a si mesmo.

Hoje, deve-se permitir que a Lei faça a tarefa que Deus lhe confiou. Uma das grandes falhas da Igreja contemporânea é a tendência de abrandar o pecado e o julgamento. De maneira semelhante aos falsos profetas, nós tratamos da ferida do povo de Deus “... como se não fosse grave” (Jr 6.14; 8.11). Veja como Dietrich Bonhoeffer expõe essa idéia: “É apenas quando alguém se submete à Lei que ele pode falar da graça... Não acho que seja cristão querer chegar ao NT de forma muito rápida e direta”.¹ Jamais devemos ignorar a Lei e ir direto ao evangelho. Fazer isso é contradizer o plano de Deus na história bíblica.

Essa não é a razão pela qual o evangelho não é apreciado hoje em dia? Alguns o ignoram, outros o ridicularizam. Então, em nosso evangelismo moderno, jogamos pérolas aos porcos (e a pérola mais cara é o evangelho). As pessoas não conseguem ver a beleza da pérola, porque não têm o conceito da imundícia do chiqueiro. Nenhum homem aceita o evangelho antes que a Lei, primeiro, revele a esse homem sua própria natureza e essência. É apenas na escuridão profunda do céu noturno que as estrelas começam a aparecer, bem como também é apenas no pano de fundo escuro do pecado e do julgamento que o evangelho brilha.

Não admitimos nossa necessidade de abraçar o evangelho, para que este cure nossas feridas, antes de a Lei nos ter injuriado e derrotado. Jamais ansiaremos para que Cristo nos liberte antes de a Lei nos prender e aprisionar. Jamais buscaremos Cristo para ser justificados e viver, antes de a Lei nos condenar e matar. Jamais acreditaremos em Jesus, antes de a Lei nos levar ao desespero. Jamais nos

¹Dietrich BONHOEFFER. *Letters and Papers from Prison*. Fontana, 1959, p. 50.

voltaremos para o evangelho, para que este nos leve ao céu, antes de a Lei nos rebaixar até o inferno.

(1968c:93)

413. A atitude de Paulo em relação à Lei

A partir de Romanos 7, podemos resumir três atitudes possíveis em relação à Lei, e Paulo rejeita as duas primeiras e recomenda-nos a terceira. Podemos chamá-las de “legalismo”, “antinomianismo” e “liberdade para cumprir a Lei”. Os *legalistas* estão sob a Lei e presos a ela. Eles imaginam que seu relacionamento com Deus depende da obediência deles à Lei e, assim, procuram ser justificados e santificados por ela. Mas eles são esmagados pela incapacidade da Lei para salvá-los. Os *antinomianos* (ou libertinos) vão para o extremo oposto. Culpam a Lei por seus problemas, rejeitando-a totalmente e declarando estar livres de toda obrigação que ela exige. Eles transformaram a liberdade em licenciosidade. *As pessoas que têm liberdade para cumprir a Lei* preservam o equilíbrio. Regozijam-se tanto em sua liberdade em relação à Lei para justificação e santificação quanto na liberdade para cumpri-la. Deleitam-se na Lei como a revelação do desejo de Deus (v. 22), mas reconhecem que o poder para cumpri-la não está na Lei, mas no Espírito. Assim, os legalistas temem a Lei e estão presos a ela. Os antinomianos odeiam a Lei e a repudiam. Os que estão livres para obedecer à Lei a amam e a cumprem.

(1994:191)

414. Esquivar-se da Lei

Qual é a justiça para a qual os cristãos são chamados? É a justiça interna e profunda do coração em que o Espírito Santo escreveu a lei de Deus. É o novo fruto exibido na nova árvore, a nova vida brotando da nova natureza. Não temos liberdade, portanto, para tentar esquivar-nos às exigências superiores da Lei nem

nos desviar delas. Esquivar-se é um passatempo farisaico. O que caracteriza os cristãos é um desejo ardente pela justiça, em que demonstram, de forma contínua, fome e sede de justiça. E essa justiça, independentemente de como se expressa pela pureza, pela honestidade ou pela caridade, mostrará a quem pertencemos. Nosso chamado cristão não é para imitar o mundo, mas o Pai. E é por imitar o Pai que a contracultura cristã torna-se visível.

(1978f:123)

415. Carta e espírito

A Lei ainda é um compromisso para os cristãos? A resposta a isso é: “Sim e não!”. “Não”, denotando que nossa aceitação diante de Deus não depende dela. Em sua morte, Cristo cumpriu totalmente as exigências da Lei, de forma que estamos libertos dela. Ela não tem mais nenhuma alegação sobre nós. “Sim”, significando que nossa nova vida é ainda uma escravidão. Nós ainda “servimos”. Ainda somos escravos, embora exonerados da Lei. Mas o motivo e os meios de nosso serviço foram alterados.

Por que servimos? Não porque a Lei é nosso amo e devemos obedecer a ela, mas porque Cristo é nosso esposo e ele deseja que assim o façamos. Não porque a obediência à Lei leva à salvação, mas porque a salvação leva à obediência à Lei. A Lei diz: “Faça isso, e você viverá”. O Evangelho diz: “Você vive, portanto faça isso”. O motivo para a obediência foi modificado.

Como servimos? Não de acordo com a antiguidade da letra, mas em novidade de espírito. Isto é, não pela obediência a um código externo, mas pela redenção por meio do Espírito que habita em nós.

(1966c:65)

416. Lei e liberdade

A liberdade cristã não é incoerente com a Lei, como também o amor não o é. É verdade que os cristãos não estão “sob a Lei”,

pois nossa salvação não depende da obediência à Lei. Isso, contudo, não nos libera da obrigação de guardar a Lei. A liberdade com a qual Deus nos fez livres não é a liberdade para quebrar a Lei, mas a liberdade para guardá-la. “Andarei em verdadeira liberdade, pois tenho buscado os teus preceitos” (Sl 119.45).

(1988g:210)

417. Julgado por nossas obras

Todo o NT ensina isso; embora nós, pecadores, só possamos ser “justificados” pela fé em Cristo, seremos, ainda assim, “julgados” por nossas obras. Isso não é uma contradição. A razão para tal é que as boas obras do amor são as únicas evidências externas disponíveis de nossa fé. Nossa fé em Jesus Cristo é secreta, está escondida em nosso coração. Mas, se ela é genuína, se manifestará visivelmente em boas obras. Assim Tiago expressa isso: “... eu lhe mostrarei a minha fé pelas obras... a fé sem obras é inútil” (Tg 2.18,20). Como o dia do julgamento será uma ocasião pública, será necessário que a evidência pública seja produzida, isto é, seja a manifestação de nossa fé por meio da ação cheia de compaixão. Jesus mesmo ensinou isso muitas vezes. Por exemplo: “ ‘Pois o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos, e então recompensará a cada um de acordo com o que tenha feito’ ” (Mt 16.27). Não é nossa salvação, mas nosso julgamento que será de acordo com nossas obras.

(1991c:82)

418. Aqueles que nunca ouviram o evangelho

Creio que o ponto de vista mais cristão é permanecer agnóstico em relação a essa questão. Quando alguém perguntou a Jesus: “ ‘Senhor, serão poucos os salvos?’”, Ele lhes disse: ‘Esforcem-se para entrar pela porta estreita...’ ” (Lc 13.23,24). O fato é que Deus, com os avisos mais solenes sobre nossa responsabilidade

de responder ao evangelho, não revelou como ele lidará com aqueles que jamais o ouviram. Nós temos de deixar isso nas mãos do Deus de misericórdia e de justiça infinitas, aquele que manifestou essas qualidades da forma mais plena na cruz. A pergunta de Abraão — “ ‘Não agirá com justiça o Juiz de toda a terra?’ ” (Gn 18.25) — é nossa garantia também.

(1988d:327)

VII. Tornar-se cristão

36. Escolhido e chamado

37. Conversão a Cristo

38. O novo nascimento

36

Escolhido e chamado

419. O que é ser cristão?

O NT define cristão como a pessoa que está “em Cristo”. É necessário, portanto, insistir que, de acordo com Jesus e seus apóstolos, ser cristão não é apenas ser batizado, pertencer à igreja, receber a ceia, crer nas doutrinas do Credo Apostólico ou tentar seguir os padrões do Sermão do Monte. O batismo e a ceia do Senhor, a membresia da igreja, o credo e a conduta, tudo isto faz parte do viver cristão; são parcelas desse modo de vida, mas podem representar, e algumas vezes representam, um porta-jóias do qual a jóia desapareceu. A jóia é Jesus Cristo. Ser cristão é viver basicamente em união com Jesus Cristo, e o batismo, a crença e o comportamento resultante dessa união ajustam-se naturalmente em seus devidos lugares.

(1991c:37)

420. “O que o atraiu?”

Em um questionário apresentado aos membros da congregação All Souls [Todas as almas], fiz duas perguntas: “O que o atraiu

em primeiro lugar a Cristo e ao evangelho?” e “Qual o fator principal ou final que o trouxe a Cristo?”. Nas respostas dadas, mais da metade dos respondentes fez referência a algo que eles viram por si mesmos no povo cristão, nos pais, nos pastores, nos mestres, nos colegas ou amigos. Um deles expressou-se, revelando que essas pessoas “tinham algo em sua vida que eu não tinha, mas ansiava desesperadamente ter”. Em muitos casos, foi “a alegria externa deles e a paz interior”. Para uma aluna de enfermagem, foi “a amizade genuína e acolhedora” que os cristãos lhe ofereciam; para um estudante de direito, “o profundo entusiasmo deles”; para um chefe de polícia, “o objetivo, o propósito e o idealismo claros que a vida cristã oferece”, conforme observado nos cristãos; para uma secretária da BBC, “a realidade do calor humano e dos dotes internos que ela observou nos cristãos”; e para um cirurgião, “o conhecimento da forma pela qual Cristo trabalha na vida de outra pessoa”.

(1967e:71)

421. A fortaleza no controle

Sempre fiquei impressionado com a descrição de Lucas, em Atos dos Apóstolos, com a maneira que os apóstolos “argumentavam” com as pessoas, fundamentados nas Escrituras, e como muitas pessoas, em razão disso, foram “persuadidas”. Obviamente, Deus nos fez criaturas emocionais e intelectuais. Nossa mente, no entanto, é a fortaleza no controle de nossa personalidade, e o verdadeiro evangelismo jamais ignora a mente. O que o Espírito Santo faz na conversão é trazer as pessoas a Cristo, graças às evidências, e não apesar delas, e abrir a mente para responder ao evangelho. No NT, a conversão, de modo bastante freqüente, é retratada como uma resposta não só a Cristo, mas à “verdade”, até mesmo “... à forma de ensino” (Rm 6.17).

(1991b:9)

422. O chamado eterno de Deus

“... desde o princípio Deus os escolheu para serem salvos... Ele os chamou para isso por meio de nosso evangelho...” (2Ts 2.13,14). De maneira alguma, o apóstolo Paulo denotava ter uma mentalidade estreita! Seus horizontes não são limitados por nada, a não ser a eternidade do passado e a do futuro. Deus, na eternidade do passado, escolheu-nos para sermos salvos. Depois, ele nos chamou no tempo, levando-nos a ouvir o evangelho, crer na verdade e ser santificados pelo Espírito, com o objetivo de que compartilhássemos a glória de Cristo na eternidade do futuro. Em uma única sentença, a mente do apóstolo cobre o período que se estende desde “o princípio” até “a glória”.

(1991d:176)

423. Apenas duas formas

De acordo com Jesus, há apenas duas formas de entrar na eternidade — a difícil e a fácil (não há forma intermediária); através de duas portas — a larga e a estreita (na há nenhuma outra porta); e dois caminhos a ser percorridos por dois tipos de multidões — a grande e a pequena (não há grupo neutro); as quais levam a dois destinos — o da destruição e o da vida (não há uma terceira opção). Praticamente, não é necessário comentar que esse tipo de fala esteja extremamente fora de moda hoje em dia. As pessoas gostam de ser descompromissadas. Toda pesquisa de opinião pública abre espaço não apenas para a resposta “sim” ou “não”, mas também para um conveniente “não sei”. Os homens amam Aristóteles e seu precioso significado. O caminho mais popular é a *via media*. Desviar-se do caminho do meio é arriscar-se a ser considerado um “extremista” ou um “fanático”. Todos se ressentem de ser defrontados com a necessidade de uma escolha. Jesus, no entanto, não permite que escapemos dessa escolha.

(1978f:196)

424. A escolha diante de nós

Se você sofre de anemia moral, siga meu conselho e evite o cristianismo. Se você quer viver uma vida falsa e autocomplacente, independentemente daquilo que você faz, não se torne cristão. Mas se você quer uma vida de autodescoberta, profundamente satisfatória para a natureza que Deus lhe deu; se você quer uma vida de aventura na qual tem o privilégio de servir ao Senhor e aos seus companheiros de jornada nesta terra; se você quer uma vida na qual deseja expressar algo dessa gratidão impressionante, está começando a ter algum sentimento por aquele que morreu por nós. Eu, então, o incentivo a entregar sua vida, sem reserva e sem demora, ao nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

(1971a:119)

425. O preço do discipulado

“O que um homem pode dar em troca de si mesmo?”. Nada é valioso o suficiente até mesmo para fazermos uma oferta. Obviamente, há um preço para ser cristão, mas custa muito mais não ser cristão. Para ser cristão, a pessoa precisa perder-se a si mesma.

(1971a:118)

426. “Apenas o aspecto religioso?”

Toda a nossa vida pertence a Deus e é parte de seu chamado, antes da conversão e fora da religião. Não devemos imaginar que Deus passou a se interessar basicamente por nós apenas quando nos convertemos, ou de que agora ele só se interessa pelo aspecto religioso de nossa vida.

(1992b:139)

427. A verdadeira liberdade

A verdadeira liberdade é ser livre para sermos livres com nós mesmos, conforme Deus nos criou e queria que fôssemos.

(1992b:53)

428. A liberdade do perdoado

Ninguém que não é perdoado é livre.

(1980h:26)

429. Livres para sermos nós mesmos

Jesus Cristo nos chama para sermos diferentes do mundo ao nosso redor e daquilo que já fomos anteriormente. Ele nos dá dons que nos equipam para tarefas distintas e enriquecem nossa vida cotidiana por meio de sua diversidade. Ele provê uma norma autêntica por meio da qual avaliamos expressões alternativas de crença e de comportamento. Acima de tudo, ele nos liberta, não por nos conceder uma liberdade sem limites (liberdade sem limites é uma ilusão), mas ao capacitar-nos para ser a pessoa única que ele criou e queria que fôssemos.

(1984b:8)

430. A graça soberana

Se perguntarmos o que levou Saulo à conversão, apenas uma resposta é possível. O que a narrativa salienta é a graça soberana de Deus por meio de Jesus Cristo. Saulo não se “decidiu por Cristo”, como poderíamos dizer. Ao contrário, ele estava perseguindo a Cristo. Antes, foi Cristo quem se decidiu por ele e interveio em sua vida. A evidência para isso é indiscutível... Mas a graça soberana é a graça gradual e amável. Jesus, gradualmente e sem violência, afligiu a mente e a consciência de Saulo com seu aguilhão. Depois, revelou-se a Saulo pela luz e pela voz, não para oprimi-lo, mas para capacitá-lo a dar uma resposta livre. A graça divina não esmaga a personalidade humana. Acontece exatamente o oposto, pois ela capacita os seres humanos a se tornarem verdadeiramente humanos. É o pecado que aprisiona; a graça liberta. A graça de Deus livra-nos da escravidão de nosso orgulho, preconceito e egocentrismo e capacita-nos a arrepender-nos e crer.

As pessoas não podem fazer nada, a não ser enaltecer a graça de Deus, por ele ter misericórdia de alguém extremamente fanático como Saulo de Tarso e, na verdade, de criaturas orgulhosas, rebeldes e desvirtuadas como nós.

(1990b:168, 173)

431. Um Simão e um Barrabás

Pode-se dizer que todo cristão é tanto um Simão de Cirene quanto um Barrabás. Como Barrabás, escapamos da cruz, pois Cristo morreu em nosso lugar. Como Simão de Cirene, carregamos a cruz, pois ele nos chama a tomá-la e segui-lo (Mc 15.21).

(1991a:254)

432. “Em Cristo”

Se estamos em Cristo, unidos a ele de forma pessoal e orgânica, Deus nos abençoa com bênçãos enormes — uma nova posição (somos alinhados com ele), uma nova vida (somos renovados pelo Espírito Santo) e uma nova comunidade (somos membros da família de Deus).

Entretanto, como isso acontece? Devemos vir, em penitência e pela fé, a Jesus Cristo e nos comprometer com ele. É dessa forma que Deus nos une a Cristo. E essa união é representada publicamente no batismo, pois ser batizado, conforme Paulo escreveu, é ser batizado em Cristo (Gl 3.27).

(1991c:46)

433. A doutrina da eleição

Qualquer que seja a denominação ou tradição à qual pertencemos, a doutrina da eleição causa muitas dificuldades e questionamentos. Certamente, essa é uma verdade que aparece ao longo de toda a Escritura, quando Deus, no início, chama Abraão e, depois, escolhe Israel “dentre todos os povos da face da terra” para

ser seu “tesouro pessoal” e “um reino de sacerdotes e uma nação santa”. No NT, esse vocabulário foi deliberadamente transferido à comunidade cristã. Além disso, o tema da eleição é quase sempre apresentado para um propósito prático, a fim de alimentar a confiança (não a presunção), a santidade (não a apatia moral), a humildade (não o orgulho) e o testemunho (não o egoísmo indolente). No entanto, nenhuma explicação para a eleição de Deus nos foi dada, exceto o amor dele. Isso fica claro em Deuteronômio: “ ‘O SENHOR não se afeioou a vocês nem os escolheu por serem mais numerosos do que os outros povos, pois vocês eram o menor de todos os povos. Mas foi porque o SENHOR os amou...’ ” (Dt 7.7,8). De modo similar, em 1 Tessalonicenses 1.4, Paulo une o amor de Deus e a eleição de Deus. Isto é, ele nos escolheu porque nos ama, e ele nos ama porque nos ama. Ele não nos ama porque somos passíveis de ser amados, mas apenas porque ele é amor. E, com esse mistério, devemos descansar felizes.

(1991d:31)

434. O mistério da eleição

Muitos mistérios cercam a doutrina da eleição, e os teólogos não demonstram sabedoria ao sistematizá-la de forma que não exista mais nenhum enigma, perplexidade ou incompletude. Ao mesmo tempo, em adição aos argumentos desenvolvidos na exposição de Romanos 8.28-30, devemos lembrar-nos de duas verdades. Primeiro, a eleição não é apenas uma doutrina paulina ou apostólica; ela também foi ensinada por Jesus, que disse: “ ‘... conheço os que escolhi’ ” (Jo 13.18). Segundo, a eleição é um fundamento indispensável da adoração cristã no tempo e na eternidade. Ela é a essência da adoração que se expressa desta forma: “Não a nós, SENHOR, nenhuma glória para nós, mas sim ao teu nome...” (Sl 115.1). Se fôssemos responsáveis por nossa própria salvação, quer no todo, quer em parte, seríamos justificados ao cantar nossos próprios

louvores e tocar nossa própria trombeta no céu. Mas tal coisa é inconcebível. O povo redimido de Deus passará a eternidade adorando ao Senhor, humilhando-se diante dele em atitude de agradecimento, atribuindo sua salvação a ele e ao Cordeiro, reconhecendo que apenas ele é digno de receber todo louvor, honra e glória. Por quê? Porque nossa salvação é inteiramente atribuída à sua graça, vontade, iniciativa, sabedoria e ao seu poder.

(1994:268)

435. A maravilha da eleição

A maravilha não é que alguns são salvos e outros não, mas saber que alguém, de qualquer modo, é salvo.

(1994:269)

436. O chamado à liberdade

Nossa vida cristã não começou com nossa decisão de seguir a Cristo, mas com o chamado de Deus para que assim o fizéssemos. Ele tomou a iniciativa por sua graça enquanto ainda éramos rebeldes e vivíamos no pecado. Nesse estado, não gostaríamos de abandonar o pecado a favor de Cristo, nem seríamos capazes de assim fazê-lo. Mas ele veio a nós e nos chamou à liberdade.

(1968c:139)

437. O propósito da graça de Deus

O propósito de Deus com a eleição deve continuar a ser um mistério para os homens, pois não podemos aspirar a uma compreensão dos pensamentos secretos e das decisões da mente de Deus. Entretanto, a doutrina da eleição nunca foi apresentada nas Escrituras, quer para instigar nossa curiosidade carnal quer para frustrá-la, mas sempre em razão de um propósito prático. De um lado, ela produz profunda humildade e gratidão, pois exclui toda jactância. De outro, nos traz tanto paz quanto confiança, pois

nada pode aquietar nossos medos para nossa própria estabilidade como o conhecimento de que nossa segurança depende, no final das contas, não de nós, mas do propósito da graça de Deus.
(1973b:36)

438. Cristianismo nominal

O cenário cristão está coberto com destroços de casas abandonadas e de torres inacabadas — as ruínas daqueles que começaram a construir e foram incapazes de acabar. Pois milhares de pessoas ainda ignoram as advertências de Cristo e entregam-se a segui-lo sem primeiro parar para refletir no custo dessa escolha. O resultado é o grande escândalo do cristianismo atual, o assim chamado “cristianismo nominal”.

(1971a:108)

439. Chamados a ser santos

Santidade é o propósito específico de nossa eleição. No final das contas, portanto, a única evidência da eleição é uma vida santa.
(1979e:38)

440. De quem é a decisão?

A decisão está envolvida no processo de tornar-se cristão; mas ela é decisão de Deus, antes que possa ser nossa. Isso não significa negar que “nos decidimos por Cristo”, e tomamos essa atitude livremente, mas afirmar que assim fizemos porque ele primeiro “decidiu-se por nós”. Essa ênfase na decisão ou escolha soberana e graciosa de Deus é reforçada pelo vocabulário com o qual está associada. De um lado, ela é atribuída ao “prazer”, “desejo”, “plano” e “propósito” de Deus e, de outro, pode ser traçada até “antes da criação do mundo” ou “antes que o tempo se iniciasse”.

(1994:249)

441. “Seu claro chamado”

Aceito por eras, teu claro chamado,
Pegar minha cruz foi-me ordenado.
Perder-me todos os dias, meu “eu” negar,
Tu, severo, clamas a mim: “Crucificar”.
Meu caráter, em rebeldias colossais
Contra ti. Orgulhosos coros infernais
Unem-se para meu ódio regar.
Ó servidão, a mim, urge capitular.
O mundo, ao ver minha cruz, ri e “malha”.
Só perseverar, essa é a escolha;
Segui-lo até o fim e salvar-me;
Não como magos, sem astro a guiar-me.
E ainda me chamas. A cruz do Senhor
Eclipsa a minha. Muda a dura dor.
Oh! pensei no sofrer, se viesse a ti,
Mas valor imensurável só em ti.
Prostro-me ao ver Jesus crucificado;
Minha cruz nos ombros e meu “eu” negado,
Seguir, de perto, sem pensar em recusar,
Por amor a ti, a minha vida dar.

(1971a:120)

Conversão a Cristo

442. Nossa necessidade de Cristo

A incapacidade de ver nossa necessidade de Cristo ou relutância para admitir isso é o que nos mantém distantes dele. Conforme Jesus expõe essa situação: “ ‘Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Eu não vim para chamar justos, mas pecadores’ ” (Mc 2.17). Contrapondo-se aos fariseus, ele defendia sua política de confraternização com os cobradores de impostos e pecadores. Com essa referência ao médico, não quis dizer que algumas pessoas *são* justas, de forma que não precisem de salvação, mas que algumas pessoas *acham* que são justas. Naquela condição de autojustificação, elas jamais viriam a Cristo. Pois assim como nós só vamos ao médico quando admitimos que estamos doentes e não podemos curar-nos sozinhos, também só vamos a Cristo quando admitimos que somos pecadores, culpados e não podemos salvar-nos a nós mesmos. O mesmo princípio aplica-se a todas as nossas dificuldades. Negue o problema, e nada poderá ser feito em relação a ele; admita o problema, e, de imediato, haverá possibilidade de solução. Não é de

admirar que o primeiro dos “doze passos” dos Alcoólicos Anônimos seja: “Admitimos que somos impotentes diante do álcool e que nossa vida tornou-se ingovernável”.

Certamente, algumas pessoas insistem, com grande presunção, que não são nem pecadoras nem culpadas e que não precisam de Cristo. Seria muito errado induzir artificialmente o sentimento de culpa nessas pessoas. Mas se o pecado e a culpa são universais (como o são), não podemos deixar as pessoas sozinhas em seu falso paraíso da suposta inocência. A atitude mais irresponsável de um médico seria aquiescer a um autodiagnóstico impreciso de um paciente. Nossa tarefa cristã, por meio da oração e do ensino, é trazer as pessoas a aceitar o diagnóstico verdadeiro da condição em que se encontram diante de Deus. De outra forma, elas jamais responderão ao evangelho.

(1994:67)

443. Uma oferta irresistível

“Irresistível” é a própria palavra que um estudante iraniano usou ao relatar-me a sua conversão a Cristo. Criado lendo o Alcorão, fazendo suas orações e levando uma boa vida, ele, contudo, sabia estar separado de Deus, pelos seus pecados. Quando amigos cristãos o levaram à igreja e o incentivaram a ler a Bíblia, ele aprendeu que Jesus Cristo havia morrido para que recebesse o perdão. “Para mim, a oferta era irresistível e enviada do céu”, disse ele. E, portanto, ele clamou pedindo que Deus tivesse misericórdia dele por meio de Cristo. Conforme seu relato: “Quase imediatamente, o fardo da minha vida passada foi erguido. Senti-me como se um peso enorme... houvesse desaparecido. Com o alívio e a impressão de leveza, veio uma incrível alegria. Finalmente, havia acontecido. Eu estava livre do meu passado. Eu *sabia* que Deus me havia perdoado e sentia-me limpo. Queria gritar para contar a minha experiência ao mundo todo”. Foi por intermédio da cruz que esse rapaz descobriu o caráter de Deus e a

dimensão que falta ao islamismo: “a paternidade íntima de Deus e a segurança profunda do perdão dos pecados”.

(1991a:35)

444. Uma virada dupla

Arrependimento e fé são, na verdade, os elementos essenciais da conversão, quando vistos do ponto de vista da experiência do homem. Pois o que é a conversão, senão uma “volta”? E o que é ser convertido, senão “voltar”? O verbo grego, com frequência, em contextos seculares e não teológicos do NT, é utilizado para descrever a ação de alguém voltar-se de uma direção para outra ou voltar-se de um lugar para outro. Quando utilizado em passagens mais técnicas e teológicas, o verbo tem o mesmo significado. “... e como se voltaram para Deus, deixando os ídolos a fim de servir ao Deus vivo e verdadeiro...” “Pois vocês eram como ovelhas desgarradas, mas agora se converteram ao Pastor e Bispo de suas almas” (1Ts 1.9; 1Pe 2.25).

A conversão, portanto, envolve uma dupla volta; de um lado, uma volta dos ídolos e do pecado e, de outro, uma volta para o Deus vivo e Salvador ou Pastor de nossa alma. O “voltar-se”, conforme o NT, chama-se “arrependimento”; e o “voltar-se para”, conforme o NT, chama-se “fé”. Assim, arrependimento mais fé é igual a conversão, e nenhum homem pode ousar dizer que se converteu se não se arrepender e crer.

(1959b:15)

445. O caminho mais curto

A memória é um dom precioso e abençoado. Nada pode apunhalar a consciência a ponto de despertar consideravelmente as memórias do passado. O caminho mais curto para o arrependimento é o relembrar-se. Deixe que alguém primeiro se lembre do que costumava ser, reflita no que, pela graça de Deus, poderia ser,

e ele será levado ao arrependimento, ao deixar seu pecado para ir ao encontro do Salvador.

(1990c:86)

446. Natureza preenchida

A conversão, embora sobrenatural em sua origem, é natural em seus efeitos. Ela não descarta a natureza, mas a preenche, pois me coloca no lugar a que pertencço. Ela me faz relacionar-me com Deus, com o homem e com a História. Capacita-me a responder à mais básica de todas as questões humanas: “Quem sou eu?”, e a dizer: “Em Cristo, sou filho de Deus. Em Cristo, estou unido a todas as pessoas redimidas por Deus, no passado, no presente e no futuro. Em Cristo, descubro minha identidade. Em Cristo, descubro minha base. Em Cristo, retorno para minha casa”.

(1968c:102)

447. A escravidão da antiga vida

Nossa antiga vida era de escravidão ao pecado, ao “eu”, ao medo e à culpa, bem como de escravidão aos poderes invisíveis do mal que, em razão de nosso distanciamento de Deus, aprisionou-nos. Não suspirávamos algumas vezes naqueles dias: “Se apenas eu pudesse ser libertado por Deus de minha culpa, do julgamento de meus pecados e dos poderes do mal que têm controle sobre mim”? Suspirei. Depois aprendi que o único caminho para livrar-me do pecado seria o pagamento da justa punição e que Deus fizera isso em Jesus Cristo e por meio dele, que morreu por nossos pecados na cruz. Depois, aprendi que, se nos uníssemos pessoalmente a Cristo pela fé, morreríamos com ele, sua morte se tornaria a nossa morte, de forma que a punição seria paga, o débito, acertado, e nós seríamos libertos da escravidão da antiga vida.

(1991c:67)

448. A velha vida e a nova

Acho que é útil pensar nestes termos. Nossa biografia foi escrita em dois volumes. O volume um é sobre a história do velho homem, do velho “eu” e da minha vida antes da conversão. O volume dois é sobre a história do novo homem, do novo “eu” e da minha vida depois que me tornei nova criação em Cristo. O volume um de minha biografia terminou com a morte judicial do velho “eu”. Eu era pecador. Merecia morrer. E morri. E recebi o castigo merecido em meu substituto com quem me tornei um. O volume dois de minha biografia abre-se com minha ressurreição. Após o término da minha antiga vida, uma nova vida, dedicada a Deus, começa.

(1966c:49)

449. Apocalipse 3.20

Jesus Cristo diz que bate à porta de nossa vida e que ali espera. Observe que ele está à porta, mas não a empurra. Ele fala conosco, mas não grita. Isso é ainda mais notável quando refletimos que a casa, de qualquer modo, é dele. Ele é o arquiteto; a desenhou. Ele é o construtor; a fez. Ele é o proprietário; a comprou com seu sangue. Portanto, somos seus por direito de plano, de construção e de compra. Somos apenas inquilinos em uma casa que não nos pertence. Ele poderia empurrar a porta com o ombro, mas prefere colocar a mão na maçaneta. Ele poderia ordenar que abríssimos a porta para ele, mas, ao contrário, nos convida a fazê-lo. Não força entrada na vida de ninguém. Apenas diz: “ ‘Dou-lhe este conselho...’ ” (v. 18). Ele poderia emitir ordens, mas contenta-se em apenas dar-nos conselho. Essas são as suas condescendências, a sua humildade e a liberdade que nos deu.

(1971a:124)

450. Conversão repentina?

Você pode tornar-se um cristão em um momento, mas não um cristão maduro. Em questão de segundos, Cristo pode entrar em sua vida, limpá-lo e perdoá-lo; mas levará muito mais tempo para que seu caráter seja transformado e amoldado ao desejo dele. São necessários apenas alguns minutos para declarar um casal marido e mulher; mas é na luta diária do lar, o que pode levar muitos anos, que duas vontades firmes podem se fundir em uma só. Assim, quando recebemos Cristo, esse momento de compromisso levará a um ajuste por toda a vida.

(1971a:126)

451. Batismo — o sinal de entrada

O batismo é o sinal ou sacramento de nossa união com Cristo em sua morte e ressurreição. Mas não é o meio pelo qual acontece a união. Isso fica claro à luz de uma comparação entre batismo e circuncisão. Batismo é o sinal de entrada na nova aliança, como a circuncisão era o sinal de entrada na velha aliança. A circuncisão é definida por Paulo “... como sinal, como selo da justiça que ele [Abraão] tinha *pela fé*, quando ainda não fora circuncidado” (Rm 4.11; grifos do autor). Primeiro, Abraão recebeu a justificação pela fé. Depois, recebeu a circuncisão como um sinal. É pela fé que somos unidos a Cristo e, desse modo, justificados; e, desse tipo de fé, Abraão e Davi são os melhores exemplos do AT.

(1954c:62)

452. Unidos a Cristo

Quando nos unimos a Cristo pela fé, algo tão tremendo se dá que o NT não tem uma linguagem adequada para descrever o acontecimento. É um novo nascimento, sim, mas também uma nova criação, uma ressurreição, luz a partir das trevas e vida a

partir da morte. Éramos escravos, agora somos filhos. Estávamos perdidos, agora voltamos para o lar. Estávamos condenados e sob a ira de Deus, agora fomos justificados e adotados em sua família. Que experiência subsequente pode comparar-se a essa em importância? Devemos ser cuidadosos ao descrever experiências mais profundas para não manchar a regeneração nem lançar crítica sobre essa obra primeira, decisiva e criativa do amor de Deus.

(1975b:71)

453. Uma nova pessoa

Um convertido a Jesus vive no mundo como também na igreja e tem responsabilidades no mundo como também na igreja. Acho que foi a tendência das igrejas de “eclesiastizar” seus membros que fez que muitos cristãos modernos, compreensivelmente, se mostrassem cautelosos quanto à sua conversão e filiação à igreja. A conversão não deve tirar o convertido do mundo; antes, enviá-lo de volta a ele — a mesma pessoa no mesmo mundo —, embora seja uma nova pessoa, com novas convicções e novos padrões. Se a primeira ordem de Jesus foi: “ ‘Venham!’ ”, sua segunda ordem foi: “ ‘Vão!’ ”, isto é, devemos voltar ao mundo de onde viemos, e voltar como embaixadores de Cristo.

(1975c:121)

454. Apenas o início

Em Atos 9, vemos que a conversão é apenas o começo. A mesma graça que traz a pessoa a um novo nascimento é capaz de transformá-la na imagem de Cristo. Cada novo convertido torna-se uma pessoa transformada e recebe novos títulos para comprovar isso, a saber: “discípulo” (v. 26) ou “santo” (v. 13), um novo e recente relacionamento com Deus, com o “irmão” (v. 17) ou “irmã” em Cristo; um novo relacionamento com a igreja e uma nova posição, a de “testemunha” (22.15; 26.16); um novo

relacionamento com o mundo. Se esses três relacionamentos — com Deus, com a igreja e com o mundo — não forem encontrados nos que se declaram convertidos, temos boas razões para questionar a realidade da sua conversão. Mas sempre que estiverem visivelmente presentes, temos boa razão para exaltar a graça de Deus.

(1990b:180)

455. A única evidência confiável

Apenas o Senhor é quem conhece e reconhece seu povo, e é ele o único que pode separar o verdadeiro do espúrio, pois apenas ele vê o coração. Embora não possamos ver o coração, podemos ver a vida, a única evidência confiável da condição do coração, e que é aparente a todos.

(1973b:70)

O novo nascimento

456. Não quando, mas se...

Não importa, de forma alguma, se você, embora saiba que realmente se voltou para Cristo, não lembrar a data em que se converteu. Alguns lembram; outros não. O que importa não é *quando* pusemos nossa confiança em Cristo, mas *se* assim o fizemos. Jesus chamou o início de nossa vida cristã de segundo “nascimento”, e essa analogia é útil de muitas formas. Por exemplo, não temos consciência de nosso nascimento físico nem jamais saberíamos a data quando nascemos, se nossos pais não nos passassem essa informação. A razão pela qual sabemos que nascemos, embora não nos lembremos desse acontecimento, é que hoje desfrutamos uma vida que, sabemos, começou com nosso nascimento. O mesmo acontece com o novo nascimento.

(1991e:24)

457. A visão de Deus

O verdadeiro cristão pode ser descrito tanto como alguém que vem *de Deus* (cf. 1Jo 4.4,6) quanto como alguém que *viu a*

Deus (1Jo 3.6). Nascer de Deus e ver a Deus, de alguma forma, são coisas equivalentes. Aquele que nasceu de Deus viu a Deus, com os olhos internos da fé. E essa visão de Deus afeta profundamente o comportamento desse indivíduo. Fazer o bem é dar evidência de um nascimento divino; fazer o mal é provar que jamais se viu a Deus.

(1988g:232)

458. A obra do Espírito Santo

Os quatro estágios principais no grande acontecimento que denominamos conversão são obra do Espírito Santo. Primeiro, o *convencimento do pecado*. Jesus nos disse que é o Espírito que “... convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo” (Jo 16.8-11). A seguir, *a fé em Cristo*. É o Espírito quem abre os olhos do pecador condenado para que veja Jesus como seu Salvador e Senhor, e para que creia nele, pois “... ninguém pode dizer: ‘Jesus é Senhor’, a não ser pelo Espírito Santo” (1Co 12.3). Terceiro, o *novo nascimento* é um nascimento “... do Espírito” (Jo 3.6-8). Quarto, o *crescimento cristão* ou santificação é também obra do Espírito (2Co 3.18). Portanto, o poder do Espírito Santo no evangelismo não é opcional; é indispensável.

(1975d:34)

459. Repentina ou gradual?

A conversão é repentina ou gradual? Se por “conversão” realmente queremos dizer regeneração, a resposta não pode ser “repentina”, pois, conforme seu significado, a palavra “nascimento” significa uma crise dramática e repentina. Obviamente, há meses de preparação antes que o nascimento ocorra. É claro, também, que há muitos anos de crescimento e maturação depois do nascimento, mas o nascimento em si mesmo é uma experiência quase instantânea.

Assim também acontece com o novo nascimento. Pode ser que, por meses, o Espírito Santo comece a convencer um homem de seu pecado, fazendo que seus pensamentos se voltem para Cristo como Salvador dos pecadores. Pode ser que, por meses, esse homem sinta-se atraído pelo magnetismo de Cristo. Será também preciso muitos anos de desenvolvimento na vida cristã depois do novo nascimento. “Como crianças recém-nascidas, desejem de coração o leite espiritual puro, para que por meio dele cresçam para a salvação” (1Pe 2.2). O NT fala de um crescimento em conhecimento e santidade, em fé e amor. O progresso cristão é similar ao desenvolvimento gradual de uma criança em direção à maturidade. Mas nós não devemos deixar que os meses de preparação pré-natal e os anos de crescimento pós-natal encubram a repentinidade do nascimento.

Além disso, assim como o crescimento está para o nascimento, a santificação está para a justificação. A justificação, como o nascimento, é repentina. A santificação, como o crescimento, é gradual. A justificação é uma metáfora legal e indica a sentença do juiz quando este declarou o pecador justo. O julgamento pode levar algum tempo e, quando acabar, o pecador justificado terá uma vida toda para manifestar em seu caráter a justiça que lhe foi concedida, mas a sentença de justificação dada pelo juiz foi pronunciada em questão de segundos.

A obra inicial de Deus na alma, quer a chamemos de regeneração ou justificação, quer a chamemos de experiência de um novo nascimento ou recepção de uma nova posição, é, portanto, repentina. E isso não poderia acontecer de outra forma.

(1956a:42)

460. O nascimento “do alto”

Regeneração é o novo nascimento, e seria absurdo imaginar que qualquer pessoa pudesse dar à luz a si mesma, quer física quer espiritualmente. O novo nascimento é um nascimento “do

alto”, um nascimento “do Espírito”, um nascimento “de Deus”. É Deus quem nos “gera”, ao colocar seu Espírito em nós, ao implantar vida em nossa alma e ao fazer que participemos de sua natureza divina. Tudo isso é trabalho apenas de Deus, que faz de nós uma “nova criação” em Cristo.

(1967e:104)

461. Batismo e regeneração

Deixe-me cortar o nó górdio e declarar que o batismo e a regeneração não são a mesma coisa; que um não leva ao outro, nem assegura o outro; que há pessoas batizadas que não são regeneradas espiritualmente, como também, embora isso seja (para dizer o mínimo) irregular, há algumas pessoas regeneradas que não são batizadas. Deixe-me enfatizar, ainda mais, que nem a Bíblia nem o Livro de Oração ensinam que o batismo produz regeneração. As expressões no ritual de batismo que deram origem a essa concepção (por exemplo, “ao ver agora... que esse filho/essa pessoa está regenerada”) podem ser devidamente interpretadas apenas à luz de todo o ritual do batismo. Isolar um texto de seu contexto é uma atitude irresponsável, tanto em relação ao Livro de Oração quanto em relação à Bíblia. Precisamos nos perguntar: quem é essa pessoa que, conforme a declaração, está regenerada? Não é apenas aquele que foi batizado em nome da Trindade, mas alguém que, antes de se batizar, professou publicamente seu arrependimento, fé e submissão, quer com sua própria boca quer (no caso de uma criança) por meio da boca de seu padrinho. Se, por assim dizer, os reformadores estavam certos, ao representar uma criança, é outra questão; o ponto aqui é que apenas as crianças e os adultos batizados na Igreja da Inglaterra são *crentes professos*. E essa é a razão pela qual eles são declarados pessoas regeneradas. Eles são regenerados no mesmo sentido em que são crentes penitentes em Cristo. Essa é uma linguagem hipotética, apropriada para administração de um sacramento, a qual o NT utiliza

quando atribui ao batismo o que, em outras partes, atribui-se à graça e à fé.

(1967e:110)

462. Santificação e regeneração

Dizer que a santificação é uma conseqüência *natural* da regeneração não é o mesmo que dizer que é uma conseqüência *automática*. O cristão verdadeiramente regenerado pode comportar-se mal e irrefletidamente, pecar gravemente, falhar em seus relacionamentos pessoais e defrontar-se com problemas no casamento. Isto é evidente no NT e na vida de nossos irmãos em Cristo. Sim, também sabemos que isso acontece em nossa vida. Daí as instruções morais detalhadas que nos são dadas nas cartas — sobre controlar a língua, acerca da obrigação de trabalhar arduamente para ganhar o nosso sustento, ser honesto, justo, hospitaleiro e gentil, sobre a pureza sexual e as tarefas recíprocas entre marido e mulher, pai e filho, e senhor e servo. Mas as pessoas a quem os apóstolos endereçam essas admoestações não eram cristãs? Sim, eram cristãs! Mas os apóstolos não aceitaram a santidade do regenerado como algo óbvio, líquido e certo; eles trabalharam, por meio da instrução detalhada e pela exortação, pelo exemplo e pela oração, para que essa santidade fosse alcançada.

(1970b:145)

463. Iniciação em Cristo

De acordo com o NT, a iniciação em Cristo é uma experiência de um único estágio em que nos arrependemos, cremos, somos batizados e recebemos o perdão dos pecados e o dom do Espírito Santo, e, após essa iniciação, por intermédio do poder do Espírito que habita em nós, crescemos em maturidade cristã. Nesse período de crescimento, pode haver, na verdade, muitas experiências mais profundas, mais ricas e plenas com Deus; é a

insistência no estereótipo dos dois estágios que deveríamos rejeitar. Além do mais, nenhuma imposição de mãos humanas é necessária para a realização da obra salvífica inicial de Deus. Certamente, a imposição de mãos é um gesto significativo que acompanha a oração por alguém, quer para abençoar, quer para confortar, quer para curar, quer para comissionar. E a Igreja Anglicana preservou esse símbolo na confirmação episcopal, embora seu propósito nesse contexto seja assegurar aos candidatos sua aceitação por Deus e introduzi-los na membresia plena da igreja, e não tomar uma atitude enfática para conceder-lhes o Espírito Santo.

(1990b:154)

464. A norma da iniciação cristã

A norma da experiência cristã, portanto, é um agrupamento de quatro coisas: arrependimento, fé em Jesus, batismo nas águas e o dom do Espírito. Embora a ordem percebida possa variar um pouco, essas quatro experiências juntas pertencem à iniciação cristã e são universais. A imposição de mãos pelos apóstolos, entretanto, com o falar em línguas e profetizar, foram especiais para Éfeso, como também para Samaria, a fim de demonstrar, de forma visível e pública, que grupos particulares estavam sendo incorporados em Cristo por meio do Espírito; o NT não os universaliza. Não há mais em nosso mundo atual nenhum samaritano nem discípulos de João Batista.

(1990b:305)

465. Evidência do novo nascimento

Se você realmente souber que Deus é justo, conforme João explica, então perceberá que a consequência lógica é que “... todo aquele que pratica a justiça é nascido dele” (1Jo 2.29). A criança exhibe o caráter dos pais porque ela compartilha a natureza dos

pais. Desse modo, a justiça de uma pessoa é a evidência de seu novo nascimento, e não a causa dele nem a condição para ele.

(1988g:122)

466. Novo nascimento, novo comportamento

O novo nascimento resulta em novo comportamento. O pecado é incompatível com aquele que é filho de Deus. Eles podem se encontrar às vezes; mas não podem viver juntos em harmonia.

(1988g:194)

467. Fé, esperança e amor

Todo cristão, sem exceção, tem fé, é amoroso e tem esperança (não é necessariamente um otimista, pois “otimismo” é uma questão de temperamento, e “esperança”, de teologia). Fé, esperança e amor são, assim, evidências inquestionáveis da regeneração pelo Espírito Santo. Essas qualidades juntas reorientam totalmente nossa vida, à medida que descobrimos que, pela fé, estamos sendo levados na direção de Deus, bem como, pelo amor, somos levados na direção dos outros e, pela esperança, na direção da *parousia*. O novo nascimento significa pouco, ou nada, se não nos tirar de nossa introversão decaída e nos redirecionar para Deus, Cristo e os outros seres humanos, nossos companheiros de jornada.

(1991d:30)

468. O sinal indispensável

Em uma de suas reuniões para o chá semanal, alguém perguntou a Simeon:¹ “Que característica o senhor considera a principal marca da regeneração?”. Essa foi uma pergunta investigativa. Com a atual popularidade do “movimento do novo nascimento”, uma pessoa pode chegar a imaginar como a média dos cristãos

¹Charles SIMEON (1758-1836). Ministro da Holy Trinity Church, Cambridge, 1783-1836.

evangélicos responderia a essa pergunta hoje. Esta foi a resposta de Simeon: “O primeiro sinal indispensável é a aversão e a repugnância a si mesmo. Nada aquém disso pode ser considerado como evidência de mudança real... Gostaria de ver mais entre nós esse espírito contrito, humilde e quebrantado. Esse é o espírito que pertence aos pecadores que condenaram a si mesmos... O sentar-se no pó é algo que agrada muito a Deus... Se eu puder estar com o cristão cujo coração está quebrantado, prefiro estar com ele a com todo o resto... Se eu estivesse lhe dizendo as minhas últimas palavras em vida, não lhe diria nada diferente do que acabei de dizer. Tente viver nesse espírito em que você sente repugnância por si mesmo e deixe que ele, habitualmente, marque sua vida e sua conduta”.²

“Aversão a si mesmo”, “condenação de si mesmo”, “repugnância a si mesmo”. Essas palavras ofendem os ouvidos modernos. A mania contemporânea é a busca de uma auto-imagem superior e melhor. Somos exortados, de todos os lados, a amar a nós mesmos, perdoar-nos, respeitar-nos e afirmar-nos. E, certamente, como em todas as heresias, há alguns elementos de verdade nisso. Pois devemos, cheios de gratidão, firmar-nos como criaturas feitas à imagem de Deus e como filhos de Deus redimidos por Cristo em quem o Espírito habita. Devemos regozijar-nos grandemente por essa misericórdia de Deus, nosso Criador e Salvador, e há muitos conselhos quanto a essa alegria nos sermões de Simeon.

Uma coisa, porém, é regozijar-nos em Deus, e outra é regozijar-nos em nós mesmos. O gabar-se de si mesmo e a adoração a Deus são mutuamente incompatíveis. Aqueles que se têm em alta consideração sempre têm uma visão inferior de Deus.

(1986b:xxxix)

²Citado em William Carus, ed. *Memoirs of the Life of the Reverend Charles Simeon*, London, 1848, p. 651s.



VIII. Vida cristã

- 39. Certeza cristã**
- 40. Crescer e prosseguir**
- 41. Vida no Espírito**
- 42. Oração e Bíblia**
- 43. Moralidade e santidade**
- 44. Humildade e obediência**
- 45. Vocação e serviço**
- 46. Liberdade e autoridade**
- 47. A mente cristã**

39

Certeza cristã

469. Conhecer e desfrutar

Obviamente, uma pessoa não pode desfrutar um dom, a não ser que saiba que o possui. Portanto, se Deus quer que recebamos e desfrutemos a vida eterna, deve deixar que saibamos que nós a possuímos.

(1954c:126)

470. A base fundamental

A base primeira e fundamental de nossa certeza, já que essa é a única base para nossa salvação, é “a obra consumada de Cristo”. Sempre que nossa consciência nos acusa e sentimos o peso da culpa, precisamos desviar o olhar de nós mesmos e voltá-lo para o Cristo crucificado. Assim, teremos novamente paz. Pois nossa aceitação por Deus depende não de nós mesmos e do que possamos fazer, mas totalmente de Cristo e do que ele fez por todos nós na cruz.

(1991e:29)

471. Pai, Filho e Espírito

Deus deseja que seus filhos tenham a certeza de que pertencem a ele. Não quer que permaneçamos na dúvida e incerteza. Tanto isso é verdade que cada uma das três pessoas da Trindade contribui para nossa convicção. O testemunho do Deus Espírito Santo confirma a Palavra de Deus Pai, que diz respeito à obra do Deus Filho. Os três sustentáculos firmes desse tripé fazem que ele seja realmente sólido e inabalável.

(1991e:36)

472. Certeza e humildade

Reunindo os propósitos do evangelho e das cartas de João, percebemos que o propósito do evangelista apresenta-se em quatro estágios, a saber: seus leitores podem ouvir e, ao ouvir, podem crer; ao crer, podem viver; ao viver, podem conhecer. Sua ênfase é importante, pois, hoje em dia, é comum descartar qualquer afirmação de certeza da salvação como algo presumível, ao afirmar que, deste lado da morte, nenhuma certeza é possível. Mas certeza e humildade não excluem uma à outra. Se o propósito revelado de Deus não é apenas para que nós escutemos, creiamos e vivamos, mas também para que conheçamos, então presunção é duvidar dessa palavra, em vez de confiar nela.

(1988g:187)

473. O grande perdão de Deus

Há algumas coisas que as Escrituras nos ordenam esquecer (as ofensas que nos foram feitas por outros, por exemplo). Mas há uma coisa, em particular, que nos é ordenado lembrar e jamais esquecer. É aquilo que éramos antes que o amor de Deus nos achasse e nos alcançasse. Só se nos lembrarmos de nossa antiga alienação (por mais desagradável que ela possa ser para nós), seremos capazes de lembrar a grandeza da graça que perdoa e nos transforma.

(1979e:96)

474. Promessas dramatizadas

Sua Palavra de promessa não é o único meio de segurança que Deus nos deu. Ele sabe que nossa fé é “frágil” — para usar uma palavra de Lutero —, e ela precisa ser fortalecida. Ou, para mudar a metáfora, ele sabe como é difícil para nós acreditar em uma palavra “nua”; portanto ele a “revestiu” graciosamente para que a víssemos em dois sacramentos do evangelho. Agostinho a chamou de *verba visibilia* (palavras visíveis), e o bispo Jewel acrescentou que “a substância de todos os sacramentos é a Palavra de Deus”. Eles dramatizam as promessas do evangelho a fim de evocar e confirmar nossa fé. O batismo, por ser único e irrepetível, é o sacramento da justificação, que foi feita de uma vez por todas; a ceia, a qual desfrutamos repetidamente, é o sacramento do nosso perdão diário. Por meio deles, somos certificados, de forma audível e visível, de nossa aceitação e perdão.

(1964:75)

475. A graça imutável

Paulo tem confiança na segurança eterna do cristão, apenas porque ele tem confiança na graça imutável de Deus. “Pois aqueles que de antemão conheceu, também os predestinou... E aos que predestinou, também chamou; aos que chamou, também justificou; aos que justificou, também glorificou” (Rm 8.29,30). Essa corrente da graça divina não pode ser quebrada em nenhum de seus elos.

(1954c:73)

476. Uma fundação sólida

A fundação sólida sobre a qual nossa esperança de glória repousa é o amor de Deus. Em virtude de Deus ter derramado seu amor sobre nós é que sabemos, sem a menor sombra de dúvida, que ele nos conduzirá à glória. Acreditamos que perseveraremos

até o fim e temos bons fundamentos para nossa confiança. Em parte, graças ao caráter que Deus está formando em nós, por meio do sofrimento, é que podemos estar confiantes — “sofrimento – perseverança – caráter – esperança”. Se ele, agora, nos santifica, certamente nos glorificará no futuro. Mas é principalmente por causa do “amor que ele não nos deixará escapar”.

(1966c:16)

477. A constância de Deus

Só porque Deus é constante é que podemos ser constantes também.

(1991d:175)

478. A promessa de vitória

Em Romanos 8, encontramos cinco certezas da providência de Deus (v. 28), cinco afirmações acerca de seu propósito (v. 29,30) e cinco questões sobre seu amor (v. 31-39), as quais, juntas, nos apresentam 15 convicções a respeito dele. Precisamos urgentemente delas hoje, uma vez que nada mais parece estável em nosso mundo. A insegurança está escrita em toda experiência humana. O povo cristão não tem garantia de imunidade à tentação, à tribulação ou à tragédia, mas foi-nos prometido alcançar a vitória sobre elas. A promessa de Deus não é que o sofrimento jamais nos afligirá, mas que ele jamais nos separará de seu amor.

(1994:259)

479. A perseverança dos santos

“ ‘... mas aquele que perseverar até o fim será salvo’ ” (Mc 13.13), não porque a salvação é uma recompensa para a perseverança, mas porque a perseverança é a marca da pessoa salva.

(1988g:110)

Crescer e prosseguir

480. Os filhos crescidos de Deus

Deus nunca cessa de ser nosso Pai, e nós nunca cessamos de ser seus filhos. Mas ele quer que nos tornemos seus filhos crescidos. Devemos ser sempre dependentes dele e obedientes a ele, ainda que a obediência que lhe dedicamos não deva ser escravizante, mecânica ou de má vontade, mas inteligente, alegre e livre... Deus trata seus filhos como adultos e nos dá a responsabilidade de discernir e de decidir por nós mesmos. Dessa forma, nossa obediência torna-se criativa. Ela fomenta nosso crescimento, em vez de inibi-lo.

(1977f:26)

481. Um apetite genuíno

Talvez não haja segredo maior para o progresso da vida cristã que o apetite espiritual saudável e genuíno. As Escrituras, vez após vez, endereçam suas promessas ao faminto. Deus "... sacia o sedento e satisfaz plenamente o faminto" (Sl 107.9). Se temos consciência do crescimento vagaroso, será que isso se deve ao nosso

apetite saturado? Não basta lamentar o pecado passado; temos também de ansiar pela justiça futura.

(1978f:45)

482. Um relacionamento vivo

A idéia do crescimento espiritual é estranha para muitas pessoas; e muito mais se mostra estranha nas áreas da fé e do amor. Temos a tendência de falar sobre a fé em termos estáticos, como algo que possuímos ou não. Fazemos afirmações como estas: “Gostaria de ter sua fé”; “Gostaria de ter a sua natureza”, como se isso fosse uma herança genética. Ou reclamamos: “Perdi minha fé”, da mesma forma que dizemos: “Perdi meus óculos”, como se a fé fosse um produto ou bem de consumo. Mas fé é um relacionamento de confiança em Deus e, como todos os relacionamentos, é algo vivo, dinâmico e crescente. Há graus de fé, conforme Jesus deixou implícito quando disse: “ ‘... homens de pequena fé’ ” e “ ‘Não encontrei em Israel ninguém com tamanha fé’ ” (Mt 8.26,10). O mesmo acontece com o amor. Pressupomos, de forma um tanto limitada, que ou amamos alguém ou não amamos, e que não podemos fazer nada sobre isso. Contudo, como a fé, o amor é um relacionamento vivo em que podemos dar passos para nutrir seu crescimento.

(1991d:144)

483. O que acontece se eu pecar?

“Mas o que acontece se eu pecar?”, você pode perguntar. “Quando isso acontecer, eu deixo de ser filho de Deus?”. Não. Faça uma analogia com a família humana. Um menino comporta-se de maneira ofensiva e rude para com seus pais. Uma nuvem cai sobre a casa. Há tensão no ar. Pai e filho não se falam. O que aconteceu? O menino deixou de ser filho? Não. O relacionamento deles não se alterou, mas foi a comunhão existente entre eles

que foi quebrada. O relacionamento depende do nascimento; a comunhão depende do comportamento. Assim que o menino pedir desculpas, ele será perdoado. E o perdão restaura a comunhão. Contudo, nesse processo todo, o relacionamento permanece o mesmo. Ele pode ter sido um filho desobediente e, até mesmo, desafiador por um período de tempo, mas jamais deixou de ser filho.

O mesmo acontece com os filhos de Deus.

(1971a:135)

484. Tentação e provação

Embora tenhamos de resistir às tentações, as provações são bem-vindas (Tg 1.2). A palavra grega para “tentação” e “provação” é a mesma, mas o significado é distinto. A tentação é um incitamento ao pecado, o qual brota de nosso interior. A provação é um teste para a fé, o qual se apresenta por meio de alguma circunstância externa, como, por exemplo, a perseguição. O valor dessas provações é que elas desenvolvem o caráter cristão e produzem “perseverança” (1.3,4).

(1954c:107)

485. Viver a nova vida

Precisamos aprender a conversar com nós mesmos e colocar diante de nós questionamentos: “Você ainda não sabe? Você não sabe o significado de sua conversão e batismo? Você não sabe que foi unido a Cristo em sua morte e ressurreição? Você não sabe que se tornou servo de Deus e que se comprometeu a obedecer a ele? Você não sabe essas coisas? Você não sabe quem você é?”. Devemos continuar a nos pressionar com esses questionamentos, até que respondamos a nós mesmos: “Sim, eu *realmente* sei quem sou: uma nova pessoa em Cristo e, pela graça de Deus, viverei de acordo com essa verdade”.

No dia 28 de maio de 1972, o duque de Windsor, o rei Eduardo VIII, que abdicou da coroa, morreu em Paris. Na mesma noite, um programa de televisão apresentou os principais fatos de sua vida. Trechos de filmes sobre ele foram mostrados, nos quais ele respondia às questões de sua educação, seu breve reinado e sua abdicação. Ao recordar sua infância como príncipe de Gales, ele disse: “Meu pai [o rei George V] era um disciplinador severo. Algumas vezes, quando eu fazia algo errado, me admoestava com estas palavras: ‘Meu querido filho, você deve sempre se lembrar de quem você é’ ”. Tenho a firme convicção de que nosso Pai celestial diz o mesmo para nós todos os dias: “Meu querido filho, você deve sempre se lembrar de quem você é”.

(1994:187)

486. Morto e ressuscitado

Se a morte de Cristo foi a morte para o pecado (o que realmente foi), e se sua ressurreição foi uma ressurreição para Deus (o que realmente foi), e se pela fé e pelo batismo fomos unidos a Cristo em sua morte e ressurreição (o que realmente sucedeu conosco), então nós morremos para o pecado e ressuscitamos para Deus. Devemos, portanto, morrer (BJ), considerar-nos “... mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus” (NVI, ARA, ARC, BLH, NTLH, BV), ou por meio de nossa união com ele (Rm 6.11).

Esse “considerar” não é um faz-de-conta. Não significa distorcer a nossa fé para crer no que não cremos. Não devemos fingir que nossa velha natureza morreu, quando sabemos perfeitamente bem que isso não aconteceu. Ao contrário, temos de perceber e lembrar que nosso antigo “eu” morreu com Cristo, pondo, assim, fim à sua carreira. Temos de examinar o que realmente somos: “... mortos para o pecado, mas vivos para Deus” (v. 11), como Cristo (v. 10). Assim que compreendermos isto, a saber, que nossa velha vida acabou, nossas contas foram ajustadas, a

dívida foi paga e a lei cumprida, não deveremos desejar ter nada mais que ver com a velha existência.

(1994:179)

487. O cristão integrado

Paulo gostava de comparar a vida cristã a uma corrida no estádio. Observe que o “correr bem” na corrida cristã não é apenas acreditar na verdade (como se o cristianismo não fosse nada além da ortodoxia), nem apenas comportar-se bem (como se ele fosse apenas uma retidão moral), mas significa, sim, “obedecer à verdade”, ao aplicar a crença ao comportamento. Apenas aquele que obedece à verdade é um cristão integrado. O que ele crê e como se comporta fazem apenas parte de uma peça. O credo que professa se expressa por meio de sua conduta; e sua conduta deriva-se de seu credo.

(1968c:135)

488. Em três dimensões

Um cristão integrado cresce em fé, em vida e em missão, como uma responsabilidade tridimensional.

(1981c)

489. Vida eterna

Estar “em Cristo” é uma descrição do cristão, bem característica de Paulo. Mas João a utiliza também. Estar “nele” (ou “...aquele que afirma que permanece nele”, 1Jo 2.6) é equivalente à frase conhecer a ele (v. 3,4) e amá-lo (v. 5). Em essência, ser cristão consiste em manter um relacionamento pessoal com Deus, em Cristo, conhecendo-o, amando-o e permanecendo nele como o ramo permanece na videira (Jo 15.1ss). Esse é o significado de “vida eterna”.

(1988g:96)

490. Olhar para trás

A memória é um dom precioso. Olhar para trás pode ser algo pecaminoso, mas também sensato. Olhar para trás com os olhos cheios de cobiça para os pecados de Sodoma, de onde fomos libertados — como fez a esposa de Ló — é flertar com o desastre. Olhar de forma melancólica para os confortos fáceis do mundo depois de termos colocado a mão no arado significa ser inapto para o Reino de Deus. Contudo, olhar para trás ao longo do caminho pelo qual Deus nos guiou é o mínimo que a gratidão pode fazer; e olhar para trás a fim de vislumbrar as alturas espirituais que, pela graça de Deus, já ocupamos, é dar o primeiro passo ao longo do caminho do arrependimento. Não devemos viver no passado. No entanto, recordá-lo, bem como fazer a comparação do que somos com aquilo que fomos, é uma experiência muitas vezes perturbadora, embora salutar.

(1990c:24)

491. Afirmar o progresso

Qual deveria ser nossa atitude com os cristãos que estão se saindo bem em algum aspecto de seu discipulado? Alguns recorrem às felicitações: “Muito bem! Acho que você é maravilhoso. Estou orgulhoso de você”. Outros se sentem desconfortáveis com isso e acham que é uma incongruência. Esse parabenizar está no limite da bajulação, promove o orgulho e rouba a glória de Deus. Assim, embora possam agradecer particularmente a Deus em suas orações, as pessoas elogiadas nada revelam à pessoa de quem receberam a admiração. Substituem o elogio pelo silêncio, o que a desencoraja. Há uma terceira maneira com a qual podemos fazer esse tipo de declaração, sem estragar a pessoa a quem estamos expressando apreciação? Há. Paulo exemplifica isso em 2 Tessalonicenses 1. Ele não apenas expressa gratidão a Deus pelos tessalonicenses, mas também relata que, ao assim fazer, “... devemos sempre dar graças a Deus por vocês... Por esta causa nos gloriamos em vocês” (v. 3,4).

Se seguirmos o exemplo paulino, evitaremos tanto o parabenizar, que corrompe, quanto o silêncio, que desencoraja. Ao contrário, poderemos afirmar nossa apreciação às pessoas e encorajá-las na forma mais cristã de todas: “Sou grato a Deus por você, meu irmão (ou irmã). Agradeço a ele os dons que lhe deu, a graça dele em sua vida e o amor e a gentileza de Cristo que vejo em você”. Essa forma de expressão afirma sem bajular e encoraja sem envaidecer.

(1991d:145)

492. O chamado para ser diferente

Para mim, o texto-chave do Sermão do Monte é Mateus 6.8: “ ‘Não sejam iguais a eles...’ ”. Essa afirmação nos faz lembrar imediatamente de uma palavra que Deus dirigiu a Israel na Antiguidade: “ ‘Não sigam as suas práticas’ ” (Lv 18.3). Esse é o mesmo chamado; o chamado para sermos diferentes.

(1978f:18)

41

Vida no Espírito

493. Fruto e plenitude do Espírito

Há muitos anos, recito diariamente, para mim mesmo, o fruto nônio do Espírito, citado em Gálatas 5.22,23, e oro para estar cheio do Espírito. A principal marca da plenitude do Espírito é o fruto do Espírito: amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Ao meditar todos os dias sobre essas graças, sobre esse fruto do Espírito, percebi recentemente que o primeiro é o amor, e o último, o domínio próprio. Bem, o amor é dar-se a si mesmo, e o domínio próprio, o mesmo que temperança. Santidade, portanto, diz respeito ao que fazemos com nós mesmos. É possível observá-la no domínio próprio e no dar-se a si mesmo.

(1978d:10)

494. Fruto do Espírito

O cristão deve assemelhar-se a uma árvore frutífera, e não a uma árvore de Natal! Os enfeites vistosos da árvore de Natal estão apenas *amarrados* nela, ao passo que o fruto *cresce* na

árvore frutífera. Em outras palavras, a santidade cristã não é uma adição humana artificial, mas um processo natural de dar frutos pelo poder do Espírito Santo.

(1970b:143)

495. Fé e amor

Fé e amor são sinais do novo nascimento (1Jo 5.1; 4.7). São também mandamentos. Algumas pessoas alegam que a fé e o amor não se coadunam com a disciplina e estão além do alcance de qualquer mandamento. Essas pessoas me perguntam: “Como você pode me dizer para crer naquilo em que não creio ou para amar quem eu não amo?”. A resposta a essa pergunta encontra-se na natureza da fé e do amor cristãos. Quando a fé é considerada uma intuição, e o amor, uma emoção, é que parecem estar além da esfera de qualquer obrigação. No entanto, a fé cristã é uma resposta obediente à auto-revelação de Deus em Cristo. Essa revelação tem um conteúdo moral. Se as pessoas odeiam a luz, é porque suas obras são más (Jo 3.19-21)... De modo similar, o amor cristão pertence mais à esfera da ação do que à esfera da emoção. Não é uma paixão incontrollável e involuntária, mas o serviço abnegado, realizado por escolha espontânea e intencional.

(1988g:209)

496. Um sinal de autenticidade

O amor é tanto um sinal da autenticidade cristã quanto de justiça cristã.

(1988g:164)

497. O amor de Deus e o nosso amor

Que “o Pai tenha enviado o Filho” não é apenas o teste principal da ortodoxia doutrinária, como também a evidência suprema do amor de Deus e da inspiração de nosso amor. A pessoa

divina e humana de Jesus Cristo, o amor de Deus por nós e nosso amor por Deus e pelo próximo não podem ser separados. A teologia que rouba Cristo de sua Trindade, por meio disso, também rouba Deus da glória de seu amor e rouba-nos da única crença que pode gerar um amor maduro em nós.

(1988g:168)

498. O teste mais seguro

O NT enfatiza grandemente o amor como a virtude cristã preeminente, o primeiro componente do fruto do Espírito (Gl 5.22), o sinal da realidade da fé (5.6) e a maior de todas as três graças cristãs duradouras, que jamais acabam e sem as quais somos “nada” (1Co 13.2,8,13). O amor é o teste mais seguro de existir vida...

(1988g:145)

499. Amor e Lei

O amor não é o fim da Lei (denotando a idéia que ele a torne dispensável); o amor é o cumprimento da Lei (significando que ele a obedece). O que o NT diz sobre a Lei e o amor não é que “se você ama, pode quebrar a Lei”, mas que “se você ama, guardará a Lei”.

(1970b:152)

500. O amor torna-se novo

A idéia de amor, em geral, não era nova, mas Jesus Cristo revestiu esse conceito de muitas maneiras, dando-lhe um significado mais rico e mais profundo. Primeiro, ele passou a ser novo quanto à ênfase que o Senhor lhe deu, ao reunir os mandamentos de amor de Deuteronômio 6.5 e Levítico 19.18 e declarar que todo o ensinamento da Lei e dos Profetas dependia deles. Segundo, ele passou a ser novo quanto à qualidade que o Senhor lhe

deu. Um discípulo devia amar os outros, não apenas como amava a si mesmo, mas na mesma medida que Cristo o amara, com o mesmo auto-sacrifício abnegado, o qual levou-o até a morte. Terceiro, ele passou a ser novo quanto à extensão que o Senhor lhe deu, ao mostrar na parábola do bom samaritano que o “próximo” a quem devemos amar é alguém que necessita de compaixão e ajuda, a despeito de raça e posição social, e isso inclui nosso “inimigo” (cf. Mt 5.44). Quarto, ele também passou a ser novo por nossa renovada apreensão sobre ele, “pois, embora o cristianismo doutrinário seja sempre velho, o cristianismo experimental é sempre novo”. De acordo com essa apresentação, ele era “um novo mandamento” e sempre permanecerá novo. Ele é um novo ensino para a nova era que alvoreceu, nova “... pois as trevas estão se dissipando e já brilha a verdadeira luz” (1Jo 2.8).

(1988g:98)

501. O amor é supremo

O conhecimento é vital; a fé, indispensável; a experiência religiosa, necessária; e o serviço, essencial. Mas Paulo dá precedência ao amor. O amor é a maior coisa do mundo. Pois “Deus é amor” no mais profundo de seu ser. Pai, Filho e Espírito estão eternamente unidos uns aos outros em amor abnegado. Assim, aquele que é amor e que colocou seu amor sobre nós chama-nos a amar a ele e aos outros em retribuição. “Nós amamos porque ele nos amou primeiro” (1Jo 4.19). O amor é a principal, mais importante e peculiar característica do povo de Deus. Nada pode desalojá-lo ou substituí-lo. O amor é supremo.

(1992b:148)

502. O servo do desejo

Há muito mal-entendido sobre a verdadeira natureza do amor. Podemos ter certeza de que Jesus não estipulou mandamentos a

que não pudéssemos obedecer. Ele ordenou que amássemos uns aos outros (até mesmo nossos inimigos, conforme recomendam certos textos bíblicos). Devemos, então, concluir que o amor que ele tinha em mente não é a vítima de nossas emoções, mas o servo de nosso desejo. Pode ser que não sintamos vontade de amar alguém, mas somos ordenados a fazê-lo. Temos de aprender a dar, deliberadamente, nosso amor àqueles de quem não gostamos naturalmente.

(1971b:59)

503. Relacionamentos pessoais

No capítulo 3 de Colossenses, Paulo nos dá dois princípios gerais que governam nossos relacionamentos pessoais. São eles: “Tudo o que fizerem, seja em palavra ou em ação, façam-no em nome do Senhor Jesus”. O segundo é: “Tudo o que fizerem, façam de todo o coração, como para o Senhor, e não para os homens” (v. 17 e 23). Bem, deixe-me dizer-lhe em minhas próprias palavras o que acho que esses dois princípios querem significar. Primeiro, se sou cristão, tenho de aprender a tratar as outras pessoas como se eu fosse Jesus Cristo. Isso é o que significa fazer *tudo em nome do* Senhor Jesus. Fazer algo em nome de outra pessoa é agir como representante dessa pessoa. Quando Davi levantou-se no campo de batalha para lutar contra Golias, ele disse: “ ‘... eu vou contra você em nome do SENHOR dos Exércitos’ ” (1Sm 17.45). Isto é, não vou em meu próprio nome, mas vou como representante dele. Assim, para o cristão, fazer tudo em nome de Jesus Cristo é agir como se fôssemos Jesus Cristo. Se sou cristão, tenho de aprender a tratar as outras pessoas com respeito e consideração, o cuidado e a graciosidade com que Jesus as trataria.

O segundo princípio é exatamente o oposto do primeiro. É aprender a tratar as pessoas como se *elas* fossem Jesus Cristo.

Preciso aprender a fazer tudo como para o Senhor. Os papéis estão agora invertidos, e devo aprender a tratar todas as pessoas com graciosidade, humildade, compreensão e cortesia; agora, não mais o que ele daria a elas, mas o que eu daria a ele...

Digo-lhe que esses dois princípios — tratar as pessoas como se elas fossem Cristo e como se eu fosse Cristo — são tão realistas quanto revolucionários. Isso não é uma tolice idealista. É um conselho prático sobre os relacionamentos pessoais.

(1959a:4)

504. Amor restritivo

A tentativa de restringir o espectro daqueles que temos de amar e servir é um passatempo de fariseus, e não de cristãos. Entretanto, não é verdade que, algumas vezes, há relutância em ajudar pessoas de outra fé, sejam animistas, sejam hinduístas, sejam budistas, sejam muçulmanas? Ou, pelo menos, uma relutância em servir a essas pessoas, a não ser que utilizemos nossa ajuda como uma alavanca para abrir o coração delas para receber o evangelho? Obviamente, queremos compartilhar o evangelho com elas, mas, a não ser que estejamos motivados pela preocupação genuína pelo indivíduo (preocupação que estará claramente ausente se nos recusarmos a, de outra forma, ajudar qualquer pessoa), nossos esforços serão sem valor, e até mesmo uma desonra para Deus. O amor de Cristo nos incita a compartilhar com as pessoas tanto nossas bênçãos materiais quanto nossas riquezas espirituais.

(1975f:15)

505. Amor inesgotável

O fundamento da alegria dos cristãos é *o amor inesgotável* de Deus que os envolve. A alegria humana brota do amor de Deus...

(1988e:44)

506. A busca da felicidade

Aqueles que buscam a felicidade jamais a encontram. Alegria e paz são bênçãos extremamente enganosas. A felicidade é fogo-fátuo, uma ilusão. Quando estendemos a mão para agarrá-la, ela some no ar rarefeito, pois alegria e paz não são objetivos passíveis de ser perseguidos, uma vez que são subprodutos do amor. Deus nos dá ambos os sentimentos, não quando *os* buscamos, mas quando buscamos a *ele* e aos *outros* em amor... A busca consciente da felicidade sempre acaba em fracasso. Mas quando esquecemos de nós mesmos no serviço de amor abnegado, então a alegria e a paz inundam nossa vida como bênçãos secundárias e espontâneas.

(1992b:149, 150, 151)

507. Uma visão de intimidade

Que visão de intimidade com Deus a palavra “filiação” transmite? Acesso a Deus e comunhão com Deus Pai — esses são os privilégios de seus filhos. Nem todos os seres humanos, entretanto, são filhos de Deus. Romanos 8.14 limita, de forma definitiva e deliberada, a posição daqueles que são guiados pelo Espírito, os quais estão sendo capacitados pelo Espírito para caminhar ao longo do caminho estreito da justiça. Ser guiado pelo Espírito e ser filho de Deus são praticamente termos permutáveis. Todos que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus e, portanto, todos que são filhos de Deus são guiados pelo Espírito de Deus.

(1966c:93)

508. Levante os olhos!

Levante os olhos! Você certamente é uma criatura do tempo, mas também é filho da eternidade. Você é cidadão do céu, um forasteiro exilado na terra, um peregrino que viaja para a cidade celestial.

Alguns anos atrás, li a respeito de um rapaz que encontrou uma nota de 5 dólares na rua e que “daquele tempo em diante jamais levantou os olhos enquanto caminhava. No decorrer de alguns anos, ele acumulou 29.516 botões de roupa, 54.172 grampos, 12 centavos, uma corcunda e uma disposição para a avareza”. Mas pense no que ele perdeu. Ele não pôde ver o esplendor da luz do sol, o brilho das estrelas, o sorriso na face dos amigos ou os botões da primavera, pois seus olhos estavam voltados para as sarjetas. Há muitos cristãos como ele. Temos importantes tarefas na terra, mas jamais devemos permitir que elas nos deixem preocupados de forma que esqueçamos quem somos e para onde estamos indo.

(1977d:90)

509. Fome de bênçãos

A fome é ainda uma condição indispensável para a bênção espiritual, e a auto-satisfação complacente, seu maior inimigo. O *rico* que se contenta consigo mesmo e não tem consciência de sua necessidade, Deus o despede vazio.

(1966b:48)

510. O cristão e as boas obras

Embora não possamos ser salvos pelas obras, também não podemos ser salvos sem elas. As boas obras não são o caminho da salvação, mas a evidência necessária dela e inerente a ela. A fé que não se expressa por meio de obras é morta.

(1970b:127)

511. Falar em línguas

O que dizer, então, sobre a prática contemporânea do falar particularmente em línguas como uma ajuda à devoção pessoal? Muitas pessoas afirmam que descobriram, por meio disso, um

novo grau de fluência em sua aproximação de Deus. Outros falam de um tipo de “catarse psíquica”, na qual eles descobriram algo libertador e a qual ninguém gostaria de negar. De outro lado, fundamentado em 1 Coríntios 14, é preciso dizer que, se Paulo proíbe completamente o falar em línguas em público, não havendo interpretação, ele desestimula veementemente o falar em línguas em particular, se o falante não entende o que está dizendo. Ignora-se, com frequência, o versículo 13 desse capítulo: “Por isso, quem fala em uma língua, ore para que a possa interpretar”. De outra forma, sua mente será infrutífera ou improdutiva. Portanto, o que se deve fazer? Essa é a pergunta que Paulo faz a si mesmo. Sua resposta é que ele orará e cantará “com o Espírito”, mas também fará isso com a mente. Fica claro que ele simplesmente não leva em consideração a oração e o louvor cristãos nos quais a mente não esteja ativamente envolvida.

(1975b:113)

Oração e Bíblia

512. O caminho para a maturidade

Não hesito em dizer que a Bíblia é indispensável para a saúde e o crescimento de todos os cristãos. Os cristãos que negligenciam a Bíblia simplesmente não amadurecem.

(1982a:65)

513. Crescimento por meio da Palavra

O maior segredo do desenvolvimento espiritual reside na resposta pessoal, humilde, obediente e cheia de fé à Palavra de Deus. É como se Deus falasse conosco por intermédio de sua Palavra. Seus avisos podem nos levar à convicção do pecado; suas promessas, à certeza do perdão; e seus mandamentos, à correção da vida. Vivemos e crescemos por intermédio de sua Palavra.

(1964:82)

514. Quem somos e o que somos

Precisamos nos lembrar continuamente do que temos e do que somos em Cristo. Um dos grandes propósitos da leitura diária da Bíblia, da meditação e da oração é apenas isto: fazer que

sejamos corretamente orientados, lembrar quem somos e o que somos. Precisamos dizer a nós mesmos: “Eu já fui escravo, mas Deus me tornou seu filho e pôs o Espírito de seu Filho em meu coração. Como posso retornar à antiga escravidão?”. E mais uma vez: “Antes eu não conhecia Deus, mas agora o conheço e sou conhecido por ele. Como posso retornar à antiga ignorância?”.

(1968c:110)

515. Por que lemos a Bíblia?

Não há mágica na Bíblia nem na leitura mecânica da Bíblia. Não, a Palavra escrita aponta para a Palavra viva: “Vá para Jesus”. Se não formos para Jesus, para quem a Bíblia aponta, perdemos todo o propósito da leitura bíblica.

(1982a:25)

516. A batalha do limiar

Precisamos vencer a batalha do limiar da oração. Para ajudar-me a perseverar em oração, algumas vezes imagino um muro alto, de pedras, em que o Deus vivo está do outro lado. Nesse jardim murado, ele espera por mim. Há apenas um caminho para o jardim — uma pequena porta. Do lado exterior dessa porta, está o Demônio com uma espada desembainhada, pronto para impedir-me a passagem. É nesse ponto que precisamos derrotar o Demônio em nome de Cristo. Essa é a batalha do limiar.

Penso que há muitos de nós que desistem da oração antes mesmo de tentar lutar nessa batalha. Em minha experiência, a melhor forma para vencer essa batalha é declarar as promessas das Escrituras, as quais o Demônio não pode desfazer.

(1992d:32)

517. Uma atividade autêntica

Os homens e as mulheres em oração, de joelhos, diante de Deus, estão em sua mais nobre e melhor condição. Orar não é

apenas ser verdadeiramente consagrado; é também ser verdadeiramente humano. Na oração, temos seres humanos feitos por Deus, semelhantes a Deus e para Deus, gastando tempo em comunhão com Deus. Desse modo, a oração é uma atividade autêntica em si mesma, independentemente de quaisquer benefícios que possa nos trazer. No entanto, também é um dos meios mais eficazes da graça. Duvido que alguém tenha se tornado parecido com Cristo sem ter se dedicado de forma diligente à oração.

(1991e:118)

518. Por que o progresso é lento

Algumas vezes, imagino se o progresso comparativamente lento que nos leva em direção à paz mundial, à igualdade mundial e à evangelização mundial não se dá, mais do que qualquer outra coisa, por causa da falta de oração do povo de Deus.

(1991d:125)

519. A Oração do Pai-Nosso

As três petições que Jesus pôs em nossos lábios são belas e abrangentes. Elas cobrem, em princípio, todas as nossas necessidades humanas — material (o nosso pão de cada dia), espiritual (o perdão dos pecados) e moral (o livramento do mal). O que estamos fazendo, sempre que repetimos essa oração, é expressar nossa dependência de Deus em todas as áreas de nossa vida humana. Além disso, um cristão trinitário pode ver nessas três petições uma alusão velada à Trindade, uma vez que é por meio da criação e providência do Pai que recebemos nosso pão de cada dia; e por meio da morte expiatória do Filho que somos perdoados; e por meio do poder do Espírito Santo que habita em nós que somos resgatados do Maligno. Não é de admirar que alguns manuscritos antigos (embora não sejam os melhores) terminem com a doxologia, atribuindo “o Reino, o poder e a glória” ao Deus trino, a quem isso pertence.

(1978f:150)

520. Devoção equilibrada

Para uma vida cristã saudável, hoje, é de suma importância seguir o exemplo de Paulo e manter unidos o louvor e a oração cristãos. Contudo, muitas pessoas não conseguem perseverar nesse equilíbrio. Alguns cristãos parecem fazer pouco além de orar por uma nova bênção espiritual, aparentemente esquecidos de que Deus já os abençoou em Cristo com toda bênção espiritual. Outros colocam tamanha ênfase na verdade inquestionável de que tudo já é deles em Cristo que se tornam complacentes e não parecem ter nenhum apetite para conhecer ou experimentar, mais profundamente, seus privilégios cristãos. Esses dois grupos devem ser declarados desequilibrados. Eles criaram uma polarização que as Escrituras não toleram.

(1979e:52)

521. Ação de graças

Devemos estar "... dando graças constantemente a Deus Pai por todas as coisas" (Ef 5.20). Muitos de nós dão graças apenas por algumas coisas; cristãos cheios do Espírito, constantemente, dão graças por todas as coisas. Não há momento em que não dêem graças, nem circunstâncias em que assim não façam. Eles fazem isso "em nome de nosso Senhor Jesus Cristo", e isso porque são um com Cristo e com "Deus Pai", porque o Espírito Santo testemunha com o espírito deles de que são filhos de Deus e de que o Pai celeste é totalmente bom e sábio. A murmuração, um dos pecados constantes de Israel, é algo sério, pois é um sintoma da descrença. Sempre que murmuramos e reclamamos, damos prova positiva de que não estamos cheios do Espírito. Os cristãos que estão sempre cheios do Espírito Santo agradecem ao Pai celestial o tempo todo e por todas as coisas.

(1975b:58)

522. “Pela vontade de Deus...”

A referência de Paulo à vontade de Deus, em relação à oração (Rm 15.32), é muito significativa. Anteriormente, ele orou rogando que “... finalmente, pela vontade de Deus, seja-me aberto o caminho” para que pudesse ir a Roma (1.10). Aqui, novamente ele ora para que, *pela vontade de Deus*, ele possa visitar a igreja em Roma. O uso dessa sentença explicativa lança luz tanto sobre o propósito da oração quanto sobre o caráter dela, e sobre a razão por que os cristãos devem orar e como devem fazê-lo.

O propósito da oração não é, de forma enfática, submeter a vontade de Deus à nossa; antes, alinhar nosso desejo ao dele. A promessa de que nossas orações serão respondidas é condicionada ao nosso pedir “... de acordo com a vontade de Deus” (1Jo 5.14). Por conseguinte, toda oração que fazemos deve ser uma variação do tema “... seja feita a tua vontade” (Mt 6.10).

E quanto ao caráter da oração? Apesar de Paulo ter afirmado anteriormente que “... não sabemos como orar” (Rm 8.26), algumas pessoas nos dizem que devemos sempre ser precisos, específicos e confiantes naquilo por que oramos, e que adicionar “se esta for a tua vontade” é um pretexto, bem como algo incompatível com a fé. Em resposta, precisamos distinguir entre o desejo geral e o desejo particular de Deus. Como Deus revelou seu desejo geral para todas as pessoas nas Escrituras (e.g., que precisamos nos controlar e nos tornar semelhantes a Cristo), devemos realmente orar com determinação e segurança sobre essas coisas. Mas o desejo particular de Deus para cada um de nós (e.g., em relação a nossa vida de trabalho e àqueles que fazem parte de nossa vida) não foi revelado nas Escrituras, de forma que, ao orar por orientação, é correto adicionar “pela vontade de Deus”. Se Jesus fez isso no jardim do Getsêmani — “... não seja feita a minha vontade, mas a tua” (Lc 22.42) —, e se Paulo escreveu isso duas vezes em sua carta aos Romanos, também devemos assim fazer. Isso não é descrença, mas a própria humildade.

(1994:389)

523. “Seja feita a tua vontade”

A oração não é um aparato conveniente para impor nosso desejo a Deus ou para submeter o desejo dele ao nosso. Antes, é a forma prescrita de subordinar nosso desejo ao dele. É pela oração que buscamos o desejo de Deus, o abraçamos e nos alinhamos a ele. Toda oração verdadeira é uma variação sobre o tema: “Seja feita a tua vontade”. Nosso Mestre nos ensinou a dizer isso na oração-padrão que nos deu, e adicionou esse supremo exemplo em sua oração no Getsêmani.

(1988g:188)

524. Uma nova dimensão

A oração cristã que prevalece é maravilhosamente abrangente. Nela, há quatro coisas que indicam universalidade, como aparecem em Efésios 6.18, pelo uso quádruplo da palavra “toda/todo” (ARC). Temos de orar “... em todo tempo” (tanto regular quanto constantemente), “... com toda oração e súplica” (pois isso possui muitas e variadas formas), “... com toda perseverança” (pois precisamos, como bons soldados, *ficar alertas*, e jamais desistir nem cair no sono), “... e súplica por todos os santos” (uma vez que a unidade da nova sociedade de Deus, a qual foi o foco de atenção dessa carta toda, tem de ser refletida em nossas orações). A maioria dos cristãos ora algumas vezes, com alguma oração e com algum grau de perseverança, por algumas pessoas do povo de Deus. Mas substituir “algum” por “todo” em cada uma dessas expressões seria o mesmo que nos introduzir em uma nova dimensão da oração.

(1979e:283)

525. A condição indispensável

Obediência é a condição indispensável para a oração respondida, e não a causa meritória dessa resposta.

(1988g:152)

Moralidade e santidade

526. A justiça bidimensional

É importante reconhecer que, de acordo com Jesus, a “justiça” cristã tem duas dimensões: a moral e a religiosa. Alguns falam e comportam-se como se imaginassem que a maior tarefa de um cristão está na esfera da atividade religiosa, quer pública (ir à igreja) quer particular (exercícios devocionais). Outros reagem tão veementemente contra a ênfase exagerada na piedade que chegam a falar de um cristianismo “sem religião”. Para eles, a igreja tornou-se uma cidade secular, e a oração, um encontro amoroso com seu próximo. Contudo, não há necessidade de escolher entre a piedade e a moralidade, entre a devoção religiosa na igreja e o serviço ativo no mundo, entre amar a Deus e amar ao próximo, uma vez que Jesus ensinou que a “justiça” do cristianismo inclui ambos os aspectos.

(1978f:125)

527. O cristão e a Lei

Qual é a relação entre o cristão e a Lei? A assim chamada “nova moralidade” força-nos a questionar isso com alguma urgência.

É bem verdade que Paulo nos disse que, se somos cristãos, fomos libertados da Lei, não mais estamos sob a Lei, bem como não precisamos nos submeter novamente ao “... jugo de escravidão” que é a Lei (Gl 5.1). Mas devemos nos dar ao trabalho de procurar compreender o que ele quer dizer com essas expressões. Nossa liberdade cristã em relação à Lei, a qual ele enfatiza, diz respeito ao nosso relacionamento com Deus. Isso quer dizer que nossa aceitação não depende da obediência às exigências da Lei, mas da fé em Jesus Cristo que suportou a maldição da Lei quando morreu na cruz. Isso certamente não significa que estejamos livres para desconsiderar a Lei ou desobedecer a ela.

Ao contrário, embora não possamos ser aceitos apenas por guardar a Lei, ainda assim, quando somos aceitos, devemos guardar a Lei, por amor a ele, que nos aceitou e nos deu seu Espírito para capacitar-nos a guardá-la. Na terminologia do NT, embora nossa justificação não dependa da Lei, mas de Cristo crucificado, ainda assim nossa santificação consiste no cumprimento da Lei (Rm 8.3,4).

Além disso, se amarmos uns aos outros e a Deus, descobriremos que obedecemos à Lei do Senhor, pois toda a Lei de Deus — pelo menos segundo a tábua da Lei que diz respeito a nossas responsabilidades para com nosso próximo — é cumprida neste ponto: “Você deve amar ao próximo como a si mesmo”. Então, assassinatos, adultérios, roubos, cobiça e falso testemunho são, todos eles, violações dessa Lei do amor. Paulo diz a mesma coisa em Gálatas 6.2: “Levem os fardos pesados uns dos outros e, assim, cumpram a lei de Cristo”.

(1968c:142)

528. Vida cotidiana

As cartas de Paulo, com frequência, referem-se à vida particular do cristão em casa. Ele recomenda que o marido ame à esposa, e que a esposa seja submissa ao marido; que os filhos obedeçam

aos pais, e que os pais disciplinem os filhos; que os escravos sirvam a seus senhores, e que os senhores sejam justos com seus escravos. Ele diz que os cidadãos devem respeitar a autoridade e pagarem os impostos devidos. Apresenta algumas palavras práticas e francas sobre mentir, perder a calma, roubar, usar palavras torpes e ser briguento; acerca da impunidade das ações e palavras, em perder tempo e embebedar-se; e quanto a ser alegre, compreensivo e humilde. Ele estimula seus amigos filipenses a alimentar as virtudes da humildade e do desprendimento; da alegria, da oração, da paz e do contentamento. A tarefa cristã, conforme afirma aos tessalonicenses, é trabalhar pelo próprio sustento e não ser negligente. Deixa bem claro que a vida cristã é uma vida de pureza moral. Acima de tudo, os cristãos não devem buscar a vingança, mas amar uns aos outros e a todos os homens, pois o amor é o cumprimento da Lei.

(1954c:66)

529. Honestidade escrupulosa

Furtar é privar alguém de algo que lhe pertence ou que a ele é direcionado. O furto de dinheiro ou de propriedade não é a única violação desse mandamento. A sonegação de impostos é um tipo de furto, bem como evitar a alfândega e trabalhar menos que o combinado. O que todo mundo chama de “jeitinho” ou “malandragem”, Deus chama de furto. Exigir horas extras de trabalho e pagar salários não condizentes ao empregado é não cumprir esse mandamento. Há poucos de nós, se é que há alguém, que seja realmente honesto, de forma coerente e escrupulosa, em seus negócios pessoais e no trabalho.

(1971a:68)

530. O tribunal da consciência

As Escrituras têm um conceito muito alto sobre o sacralizar a consciência. A consciência não é infalível e necessita ser ensinada.

No entanto, embora a consciência tenha de ser educada, ela nunca deve ser violada, mesmo quando equivocada.

(1991c:76)

531. Uma vida santa

À medida que o pluralismo e o relativismo se espalham pelo mundo, há uma necessidade urgente para nós: seguir o exemplo de Paulo e dar às pessoas um ensino claro, prático e ético. Os pais cristãos, em casa, devem ensinar aos filhos a lei moral de Deus. Os professores da Escola Bíblica Dominical e das escolas seculares devem certificar-se de que seus alunos conhecem pelo menos os Dez Mandamentos. Os pastores não devem ter medo de expor os padrões do comportamento bíblico no púlpito para que a congregação compreenda a relação entre Evangelho e Lei. E os convertidos, desde o início, devem receber a instrução de que a nova vida em Cristo é uma vida santa, uma guinada na vida para agradar a Deus, ao obedecer a seus mandamentos.

(1991d:77)

532. O segredo da vida santa

O maior segredo da vida santa está na mente.

(1994:180)

533. Frutos de santidade

Certamente devemos buscar a santidade com maior anseio, se estivermos convencidos de que esse é o caminho da vida e da paz.

(1994:224)

534. Compromisso moral

Amar a Deus não é uma experiência emocional tanto quanto um compromisso moral.

(1988g:176)

535. Adornando o evangelho

Existem muitos pastores hoje que, por medo de serem tachados de “legalistas”, não oferecem à sua congregação nenhum ensino ético. Como nos distanciamos dos apóstolos! O “legalismo” é a tentativa mal orientada de procurar merecer a salvação mediante a obediência à Lei. O “farisaísmo” é a preocupação indevida com o lado externo e as minudências do dever religioso. Ensinar os padrões da conduta moral que adornam o evangelho não é nem legalismo nem farisaísmo, mas simples cristianismo apostólico.

(2003:168,169)

536. Justiça cristã

Quando Jesus disse que a justiça cristã tinha de ser maior que a justiça farisaica (Mt 5.20), ele quis dizer que a justiça cristã aceita as implicações totais da Lei sem tentar evitá-las. Essa afirmação reconhece que o domínio da Lei se estende além da ação real para a palavra, bem como além da palavra para os pensamentos e motivos do coração. A justiça farisaica era uma conformidade exterior às tradições humanas. A justiça cristã é uma conformidade interna da mente e do coração ao desejo revelado de Deus.

(1970b:150)

537. Definição de santidade

Hoje, onde está a antiga ênfase evangélica na santidade?... Suspeito que ela tenha sido trocada pela ênfase na experiência. Bem, a experiência é boa, mas a santidade é melhor. Pois santidade é semelhança com Cristo, e semelhança com Cristo é o propósito eterno de Deus para seus filhos.

(1978d:8)

538. Crucificação e santidade

Na verdade, há duas formas bastante distintas nas quais o NT fala sobre a crucificação em relação à santidade. A primeira é

nossa morte para o pecado por meio de nossa identificação com Cristo; a segunda é nossa morte para o “eu” por meio de nossa imitação de Cristo. De um lado, fomos crucificados com Cristo, mas, de outro, crucificamos (repudiamos terminantemente) nossa natureza pecaminosa com todos os seus desejos, a fim de que todos os dias renovemos essa atitude, ao tomar nossa cruz e seguir a Cristo para a crucificação (Lc 9.23). A primeira é a morte legal, a morte para a punição do pecado; a segunda é a morte moral, a morte para o poder do pecado. A primeira pertence ao passado e é única e irrepetível; a segunda pertence ao presente, é repetível e, até mesmo, contínua. Eu morri para o pecado (em Cristo) uma vez; eu morro para o “eu” (como Cristo) diariamente. (1994:176)

539. A necessidade de conhecimento

O crescimento em conhecimento é indispensável para o crescimento em santidade. Na verdade, conhecimento e santidade estão até mais intimamente ligados, uma vez que o conhecimento é um meio para alcançar esse fim, a santidade. O “conhecimento” pelo qual Paulo ora é mais hebraico que grego em conceito; ele acrescenta o conhecimento da experiência ao conhecimento da compreensão. (1979e:54)

540. O discipulado não é fortuito

Santidade não é uma condição em que estamos à deriva. (1979e:193)

541. Semear para a carne

“Semear para a carne” é auxiliá-la, mimá-la, acolhê-la, agradá-la, em vez de crucificá-la. A semente que semeamos, em grande parte, são pensamentos e ações. Toda vez que permitimos que

nossa mente nutra um ressentimento, estimule uma mágoa, cultive uma fantasia impura ou mergulhe na autopiedade, estamos semeando para a carne. Toda vez que permanecemos em más companhias, a cuja influência insidiosa sabemos que não podemos resistir; toda vez que ficamos na cama, quando deveríamos levantar e orar; toda vez que lemos literatura pornográfica; toda vez que assumimos um risco que pode desequilibrar nosso domínio próprio, estamos semeando, e semeando, e semeando para a carne. Alguns cristãos semeiam para a carne todos os dias e ainda ficam imaginando por que não colhem a santidade.

(1968c:170)

542. “Morte para o pecado”

Em toda analogia, devemos avaliar em que ponto o paralelo ou similaridade está sendo traçado; não devemos pressionar a semelhança em nenhum ponto específico. Por exemplo, quando Jesus disse que devemos ser como criança, ele não quis dizer que deveríamos copiar todas as características das crianças (até mesmo a imaturidade, o capricho e o egoísmo), mas apenas uma dessas características, a saber, a dependência humilde que as crianças têm. Da mesma forma, dizer que “morremos” para o pecado não quer dizer que temos de exibir todas as características de uma pessoa morta, até sua insensibilidade para os estímulos. Devemos perguntar-nos o seguinte: em relação a que ponto essa analogia da morte está sendo feita?

Se respondermos a essas questões com base nas Escrituras, e não na analogia, e com base no ensino bíblico sobre a morte, e não nas propriedades das pessoas mortas, descobriremos prontamente uma fonte de ajuda. A morte é representada nas Escrituras mais em termos legais que em termos físicos; não tanto como um estado de alguém estirado e inerte, mas como uma penalidade justa, embora severa, para o pecado. Sempre que o pecado e a morte são associados na Bíblia, desde o seu segundo capítulo (“ ‘porque no

dia em que dela comer [i.e. pecar], certamente você morrerá' ") até os seus dois últimos capítulos (nos quais o destino do impenitente é chamado de "segunda morte"), a coerência essencial entre esses dois termos — pecado e morte — é que a morte é a punição para o pecado. Isso fica claro também em Romanos, onde Paulo ensina que aqueles que pecam "... merecem a morte" (1.32), que a morte entrou no mundo por meio do pecado (5.12) e que "... o salário do pecado é a morte" (6.23).

Considere Cristo primeiro: "Porque morrendo, ele morreu para o pecado uma vez por todas..." (Rm 6.10). O significado natural e óbvio disso é que Cristo suportou a condenação do pecado, a saber, a morte. Ele cumpriu as exigências, pagou sua punição, aceitou suas recompensas e fez isso de "uma vez por todas" (*ephapax*, advérbio que muitas vezes é empregado no NT para essa morte expiatória). Em consequência disso, o pecado não tem mais nenhuma reivindicação ou exigência para com ele. Portanto, Deus o ressuscitou dentre os mortos para demonstrar a suficiência da ação por meio da qual ele carregou o pecado e agora vive para sempre com Deus.

O que é verdade para Cristo é igualmente verdade para os cristãos que estão unidos a Cristo. Nós também "morremos para o pecado"; isso significa que, por meio da união com Cristo, pode-se dizer que também suportamos a punição. Alguns podem objetar, ao afirmar que certamente não podemos falar sobre nós suportando a punição de nossos pecados, até mesmo em Cristo, uma vez que não podemos morrer por nossos pecados; ele fez isso sozinho. Isso não é sugerir que poderíamos de forma velada justificar-nos pelas obras? Não, não é nada disso. É claro que o sacrifício de Cristo que carregou nossos pecados foi totalmente único, e não podemos compartilhar de sua oferta. Todavia, ao sermos unidos a Cristo, podemos compartilhar, e realmente assim o fazemos, de seus benefícios. Assim, o NT nos diz que Cristo não apenas morreu em nosso lugar como nosso

substituto, de forma que jamais precisaremos morrer por nossos pecados, mas também ele morreu por nós como nosso representante, de forma que é possível dizer que morremos nele e por meio dele. Conforme Paulo escreveu em outro texto: “... porque estamos convencidos de que um morreu por todos; logo, todos morreram” (2Co 5.14). Isto é, ao estarmos unidos a ele, a morte dele torna-se nossa morte.

(1994:171)

543. No mundo real

Santidade não é uma condição mística, experimentada junto a Deus, mas isolada de outros seres humanos. Você não pode ser bom no vácuo, mas apenas no mundo real das pessoas.

(1979e:184)

544. Chamados para ser diferentes

Todo cristão é chamado para ser diferente do mundo. Na verdade, se você não gosta da palavra “santo”, porque ela lhe soa muito piedosa, tente utilizar a palavra “diferente”. Isso é exatamente o que a palavra “santo” significa. Alguém que é santo é alguém diferente. Ele é separado do mundo para Deus: seu padrão não é o mundano, mas o divino. Ele é diferente.

(1969a:112)

545. A batalha na mente

Não basta *saber* o que devemos ser... Devemos ir além e estruturar nossa mente para isso. A batalha é quase sempre vencida na mente. É pela renovação de nossa mente que nosso caráter e comportamento são transformados. Assim, as Escrituras nos chamam, vez após vez, em relação a isso, à disciplina mental. Elas nos dizem: “... tudo o que for verdadeiro, tudo o que for nobre, tudo o que for correto, tudo o que for puro, tudo o que for

amável, tudo o que for de boa fama, se houver algo de excelente ou digno de louvor, pensem nessas coisas” (Fp 4.8).

Novamente elas afirmam: “Portanto, já que vocês ressuscitaram com Cristo, procurem as coisas que são do alto, onde Cristo está assentado à direita de Deus. Mantenham o pensamento nas coisas do alto, e não nas coisas terrenas. Pois vocês morreram, e agora a sua vida está escondida com Cristo em Deus” (Cl 3.1-3).

E mais uma vez afirmam: “Quem vive segundo a carne tem a mente voltada para o que a carne deseja; mas quem vive de acordo com o Espírito, tem a mente voltada para o que o Espírito deseja. A mentalidade da carne é morte, mas a mentalidade do Espírito é vida e paz” (Rm 8.5,6).

Domínio próprio é primariamente controle da mente. O que semeamos em nossa mente, colhemos em nossas ações.

(1972d:33)

546. Semear e colher

Santidade é uma colheita. É verdade; ela é “o fruto (ou “colheita”) do Espírito”, pois o Espírito é, ele mesmo, o agricultor principal que produz a boa plantação das qualidades cristãs na vida do cristão. Mas temos de fazer a nossa parte. Devemos “viver pelo Espírito” e “semear para o Espírito” (Gl 5.16; 6.8), seguindo suas sugestões e disciplinando a nós mesmos, se for para colhermos a santidade. Muitos cristãos ficam surpresos porque não estão crescendo de forma notória em santidade. Será que é porque estamos negligenciando o cultivo no campo de nosso caráter? “Pois o que o homem semear, isso também colherá” (Gl 6.7).

(1973b:56)

547. O paradoxo da vida cristã

Um dos grandes paradoxos da vida cristã é que a Igreja toda é chamada (e cada um dos seus membros) tanto para se envolver

com o mundo quanto para se separar dele, tanto para “o mundanismo” quanto para “a santidade”. Não para o mundanismo que não é santo, nem para uma santidade que não está no mundo, mas para um “santo mundanismo”, a verdadeira separação para Deus que é vivida no mundo — o mundo que ele fez e ao qual enviou seu Filho, a fim de redimi-lo.

(1970b:191)

Humildade e obediência

548. Humildade cristã

Humildade não é nada que não seja a verdade. Humildade é um sinônimo de honestidade, e não de hipocrisia. Não é uma pretensão artificial sobre mim mesmo, mas uma avaliação precisa de mim mesmo.

(1970b:125)

549. Humildade submissa

Submissão à autoridade das Escrituras é *o caminho da humildade cristã pessoal*. Nada é mais deplorável em nós, que afirmamos seguir a Jesus Cristo, do que a arrogância; e nada é mais apropriado ou atraente que a humildade. Um elemento essencial na humildade cristã é o desejo de ouvir e receber a Palavra de Deus. Talvez a maior de todas as necessidades seja tomar novamente, de forma humilde, calma e cheia de expectativa, nosso lugar aos pés de Jesus Cristo, a fim de escutar atentamente sua Palavra, crer no que ela diz e obedecer àquilo que ela manda. Nós não temos liberdade para não crer nele e para desobedecer a ele.

(1992b:184)

550. A dependência pueril

Em seu ministério de ensino público, Jesus recomendou a humildade como a característica preeminente dos cidadãos do Reino de Deus, a qual foi descrita como a humildade de uma criança...

Muitas pessoas ficam perplexas com esse ensinamento, uma vez que as crianças raramente demonstram humildade de caráter ou de conduta. Jesus, portanto, deve ter aludido à humildade de posição, e não de comportamento. As crianças são corretamente chamadas de “dependentes”. Elas dependem dos pais para tudo. Pois o que elas sabem depende do que lhes foi ensinado e o que têm depende do que lhes foi dado. Essas duas áreas, na verdade, são aquelas que Jesus especifica quando desenvolve o modelo da humildade da criança.

(1992a:118)

551. Exemplo de Cristo

A *humildade* era muito desprezada no mundo antigo. Os gregos nunca usaram a palavra cujo significado é humildade (*tapeinotēs*) em um contexto de aprovação e, muito menos, em um contexto de admiração. Ao contrário, esse termo era usado para designar uma atitude abjeta e subserviente, “a submissão aviltante de um escravo”.¹ A verdadeira humildade só foi reconhecida depois que Jesus Cristo veio ao mundo, pois ele humilhou-se a si mesmo. E apenas ele, dentre os mestres religiosos e éticos do mundo, apresentou-nos, como nosso modelo, uma criança.

(1979e:148)

¹F. F. BRUCE, in: E. K. SIMPSON & F. F. BRUCE. *Commentary on the Epistles to the Ephesians and the Colossians*, The New International Commentary on the New Testament. Marshall, Morgan and Scott and Eerdmans, 1957, p. 88, nota de rodapé.

552. A humildade da dependência

A humildade para Bash [o reverendo E. J. H. Nash] era sinônimo de dependência. Muitas vezes, ele contou sobre a severa doença que teve quando jovem. Quando seu estado de saúde piorou, e já não tinha certeza se sobreviveria, ele se lembrou de que se sentia tão debilitado que precisava ser alimentado por outras pessoas. Essa total dependência que, de certo modo, foi para ele o máximo da humilhação, parece ter sido o começo da humildade. Ele aprendeu, naquele momento, o fato inquestionável de nossa dependência humana uns dos outros e, ainda mais, de Deus. A humildade de uma criancinha, à qual Jesus aludiu muitas vezes, é a humildade da dependência. É correto referir-se às crianças como “dependentes”, pois é isso que elas são: dependentes dos pais para tudo que precisam.

(1992e:86)

553. Um chamado à humildade

Nada é mais hostil ao crescimento espiritual que a arrogância, e nada conduz mais ao crescimento espiritual que a humildade. Precisamos humilhar-nos diante do Deus infinito, reconhecendo as limitações de nossa mente humana (jamais seríamos capazes de encontrá-lo por nós mesmos), reconhecendo também nossa pecaminosidade (jamais poderíamos alcançá-lo por nós mesmos).

Jesus chamou isso de humildade de uma criança. Deus se esconde dos sábios e cultos, conforme Jesus disse, mas revela-se aos “pequeninos” (Mt 11.25). Ele não estava menosprezando nossa mente, pois foi Deus quem no-la deu. Antes, estava indicando como deveríamos usá-la. A verdadeira função da mente não é julgar a Palavra de Deus, mas sentar-se em humildade sob ela, ansioso por ouvi-la, aplicá-la e obedecer-lhe nos aspectos práticos da vida diária.

(1982a:20)

554. Vida em Cristo

Ninguém ousa afirmar que vive em Cristo e Cristo vive nele, a não ser que seja obediente aos três mandamentos fundamentais que João expôs em sua carta: crer em Cristo, amar os irmãos e amar a retidão moral (1Jo 4). Permanecer em Cristo não é uma experiência mística que alguém pode afirmar; os acompanhamentos indispensáveis desse viver em Cristo são a confissão de Jesus como Filho de Deus que se tornou carne e uma vida de santidade e amor constante.

(1988g:154)

555. Agradar a Deus

Diversos pontos podem ser colocados para defender o “agradar a Deus” como um princípio diretivo do comportamento cristão. Primeiro, ele é um conceito radical, pois afeta as raízes de nosso discipulado e desafia a realidade de nossa profissão de fé. Como podemos afirmar que conhecemos a Deus e o amamos se não buscamos agradá-lo? A desobediência tem de ser descartada. Segundo, esse princípio é flexível. Ele resgata-nos da rigidez de um cristianismo que pode ser denominado de farisaísmo cristão, que tenta reduzir a moralidade a uma lista de coisas que podem ser feitas e que não podem ser feitas... Terceiro, esse princípio é progressivo. Se nosso objetivo é ser perfeitamente agradável a Deus, jamais seremos capazes de afirmar que chegamos ao ponto desejável...

(1991d:79)

556. A prova do amor

Se quisermos convencer Jesus Cristo de que o amamos, há apenas um caminho para fazê-lo. Não é fazer declarações de nossa devoção, trabalhar nossos sentimentos de afeição em relação a ele, cantar hinos de devoção pessoal, entregar-nos ao serviço

da humanidade. O caminho é obedecer a seus mandamentos. Jesus demonstrou seu amor pelo Pai por meio de sua obediência: “ ‘... faço o que meu Pai me ordenou’ ” (Jo 14.31). Devemos demonstrar amor a Cristo por meio de nossa obediência.

(1971b:39)

557. Palavras e ações

João não mede suas palavras; apenas diz que, se a forma de uma pessoa se comportar contraria aquilo que ela diz, *ela é mentirosa*. Se afirmamos que conhecemos Deus e que temos comunhão com ele, mas caminhamos nas trevas da desobediência, estamos mentindo (1Jo 1.6; 2.4). Se afirmamos que temos o Pai, mas negamos a divindade do Filho, estamos mentindo (2.22,23). Se afirmamos que amamos a Deus, mas odiamos nosso irmão, também estamos mentindo. Estas são três mentiras horrendas, mencionadas nessa carta: a moral, a doutrinária e a social. Podemos insistir que somos cristãos, mas o pecado habitual, a negação de Cristo ou o ódio egoísta nos revelam como mentirosos. Só a santidade, a fé e o amor podem provar a verdade de nossa afirmação de que conhecemos a Deus, temo-lo e o amamos.

(1988g:173)

558. Reputação e realidade

A distinção entre reputação e realidade, entre o que os seres humanos vêem e o que Deus vê, é de grande importância para todas as épocas e lugares. Embora tenhamos responsabilidade para com os outros, temos primeiramente de prestar contas a Deus. É diante dele que nos apresentamos e é a ele que um dia teremos de prestar contas. Assim, não deveríamos ter a opinião humana em alta consideração; não deveríamos ficar deprimidos quando somos criticados, nem nos sentir orgulhosos quando somos elogiados. Precisamos nos lembrar disto: “O SENHOR, contudo, disse a Samuel: ‘Não considere sua aparência nem sua altura, pois eu o

rejeitei. O SENHOR não vê como o homem: o homem vê a aparência, mas o SENHOR vê o coração' ” (1Sm 16.7). Ele lê nossos pensamentos e conhece nossa motivação. Deus sabe quanto de realidade existe por trás de nossa profissão de fé e quanto de vida há por trás de nossa fachada.

(1990c:78)

559. Discipulado integrado

Não há princípio cristão mais integrador que esta afirmação: “Jesus Cristo é o Senhor”. A essência do discipulado integrado requer que tanto confessemos o senhorio de Jesus com os lábios quanto o entronizemos como Senhor no coração. Assumimos o jugo leve da autoridade de seu ensino. Buscamos levar “... cativo todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo” (2Co 10.5). E quando Jesus é o Senhor de nossas crenças, opiniões, ambições, padrões, valores e estilo de vida, então somos cristãos integrados, uma vez que a “integridade” marca nossa vida. Apenas quando *ele* é Senhor é que *nós* nos tornamos íntegros.

(1992b:177)

560. Discipulado seletivo

Jesus profetizou: “ ‘... aparecerão falsos cristos’ ”. E isso aconteceu. Já tivemos religiosos charlatões que declararam grandes coisas a respeito deles mesmos, e psicóticos que diziam: “Eu sou Jesus Cristo”. Também tivemos más interpretações de Cristo, caricaturas que o retratam como um zelote irascível, um superastro malsucedido ou um palhaço de circo. E, chegando mais próximo de nossa casa, há nossas próprias imagens torcidas de Jesus.

Ele disse: “ ‘Sigam-me’ ”. E nossa resposta superficial é esta: “Sim, Senhor, nós o seguiremos”. Mas que Cristo estamos seguindo? O Cristo que alguns seguem transpira amor, mas nunca julgamento; traz conforto, mas nunca desafios; embora alguns

dentre nós estejam conscientes de sua comissão para evangelizar, jamais escutaram seu chamado para cuidar dos pobres, dos doentes, dos famintos e dos destituídos.

Os apóstolos abraçaram o tema de seguir a Jesus. Temos de “imitá-los”, conforme eles escreveram: “Devemos seguir ‘seus passos’ ”. O que isso significa depende de nossa compreensão do Jesus cujos passos seguiremos. Portanto, olhem novamente para o Jesus *real*, o Jesus autêntico dos Evangelhos, que está em contraposição aos sonhos populares que homens sonharam. Certamente, nosso estilo de vida cristão depende do tipo de Cristo que concebemos e em que acreditamos.

(1975f:3)

561. Responsabilidades presentes

Não podemos adiantar o relógio de Deus. Temos de ficar contentes em esperar pelo tempo dele. E, nesse intervalo de tempo, precisamos perseguir, de forma ainda mais consciente, nossas tarefas aqui na terra. Não foi a relutância do gadareno endemoninhado de assim fazer que clamou por palavras severas de Jesus? Esse homem, que antigamente andava nu, demonstrando demência e um comportamento incontrolável, mas que agora estava “vestido e em perfeito juízo”, implorou a Jesus que fosse “*com ele*”. Esse foi um pedido fácil de ser compreendido. Ele tornara-se íntegro. Jesus o transformara em uma nova pessoa. Naturalmente, queria desfrutar uma comunhão ininterrupta e sem interferências com o seu libertador. Certamente ele não retornaria aos túmulos ou às montanhas nos quais perambulava anteriormente, atormentando-se. Tampouco ele tinha desejo de ir para o vilarejo mais próximo no qual presumivelmente nascera e fora criado. Não, ele queria ficar com Jesus. Quem poderia culpá-lo? Mas Jesus recusou-se a atender ao seu pedido e disse-lhe: “Vá para casa, para a sua família e anuncie-lhes quanto o Senhor fez por você e como teve misericórdia de você”

(v. Mc 5.1-20). Ele tinha responsabilidades em testemunhar e servir, das quais não poderia esquivar-se.

Aquele homem foi o precursor de milhões de outros seguidores de Jesus — pietistas, cristãos escapistas — os quais anseiam estar “com Jesus”, isto é, querem abandonar o mundo. Eles querem engavetar os estágios da salvação e pular diretamente para o céu. Isso é compreensível, mas também repreensível. Temos de aprender a estar “com Cristo” agora — pela fé, e não pela visão —, em meio à agitação e tribulações das tarefas terrenas, antes de sermos levados a estar “com Cristo”, na paz eterna do céu.

(1991c:63)

562. Tesouros na terra

É importante encarar honestamente a questão: o que Jesus proibiu quando nos disse que não acumulássemos tesouros para nós mesmos na terra? Talvez fazer uma lista do que ele não estava (e não está) proibindo ajude a responder a essa pergunta. Primeiro, não nos foi vetado ter bens; as Escrituras não proíbem, em lugar algum, a propriedade privada.

Segundo, economizar para os dias difíceis não é proibido ao cristão ou, relacionado a esse assunto, um seguro de vida que não passa de um tipo de economia por meio da obrigação auto-imposta. Ao contrário, as Escrituras elogiam a formiga por armazenar no verão a comida que precisará no inverno, bem como declaram que o cristão que não faz provisão para a sua família é pior que o não-cristão (Pv 6.6ss; 1Tm 5.8). Terceiro, não devemos desprezar as coisas boas que o Criador nos deu ricamente para delas desfrutarmos; antes, apreciá-las (1Tm 4.3,4; 6.17). Portanto, ter bens, fazer provisões para o futuro e desfrutar as dádivas que o bom Criador nos deu são coisas que não estão incluídas na proibição de acumular tesouros terrenos.

Então, o que nos é proibido? O que Jesus proíbe a seus seguidores é a acumulação *egoísta* de bens (“ ‘Não acumulem *para*

vocês tesouros na terra' ”; grifos do autor); um estilo de vida extravagante e luxuoso; crueldade que não sente a necessidade colossal da população carente do mundo; a tola fantasia de que a vida de uma pessoa consiste na abundância de bens (Lc 12.15); e o materialismo que amarra nosso coração à terra.

(1978f:154)

563. Um estilo de vida simples

O que significa para as pessoas de posses desenvolver um estilo de vida simples?... A verdade é que os conceitos de “pobreza”, “simplicidade” e “generosidade” são todos relativos e, possivelmente, signifiquem coisas distintas para pessoas diferentes. Por exemplo, água corrente, e ainda mais água quente sempre que precisamos, é considerado um luxo maravilhoso por aqueles que têm de fazer fila para conseguir água no poço do vilarejo, o qual às vezes está seco. Contudo, em outras partes do mundo, dificilmente isso pode ser considerado algo incompatível com “um estilo de vida simples”. As Escrituras não estabelecem nenhum padrão absoluto. De um lado, não encorajam um asceticismo negativo e austero, pois não só não proíbem a posse de propriedade privada, como nos ordenam a desfrutar com gratidão as boas dádivas que nosso Criador nos concedeu. De outro, deixam explícito que alguma medida de igualdade é mais agradável a Deus que a disparidade; e seu apelo para que os cristãos sejam generosos fundamenta-se na graça de nosso Senhor Jesus Cristo, porque graça significa generosidade (2Co 8.8-15).

(1975d:24)

564. “Jesus é Senhor”

A afirmação com estas duas palavras *Kyrios Iēsous* [Jesus é Senhor] soou bastante inofensiva na primeira vez que foi ouvida. Mas ela tem ramificações de grande alcance. Não apenas expressa

nossa convicção de que Jesus é Deus e Salvador, mas também indica nosso compromisso radical com ele. Esse compromisso tem várias dimensões: intelectual (conservar nossa mente sob o jugo de Cristo), moral (aceitar seus padrões e obedecer a seus mandamentos), vocacional (utilizar nossa vida em seu serviço de libertação), social (buscar impregnar a sociedade com seus valores), político (recusar-nos a idolatrar qualquer instituição humana) e global (ser zelosos para honra e glória do seu nome).

(1992b:98)

Vocação e serviço

565. Chamado individualmente

No NT, o verbo grego para “chamar” ocorre 150 vezes, e, na maioria dos casos, é Deus chamando os seres humanos. No AT, Deus chamou Moisés, Samuel e os profetas; no NT, Jesus chamou os Doze e, depois, chamou Saulo de Tarso. Nos dias atuais, embora não sejamos nem profetas nem apóstolos, ele ainda nos chama para seu serviço. É maravilhoso que Deus se importe conosco o suficiente para nos chamar pessoal e individualmente. Por conseguinte, Deus é aquele que chama você (e.g., Gl 5.8; 1Pe 1.15); e nós somos chamados de acordo com o propósito dele (e.g., Rm 8.28; Hb 9.15).

(1992b:132)

566. Vocação cristã

Vocação é uma das muitas palavras bíblicas cujo significado passou a ser mais restrito com o passar do tempo. Atualmente, é utilizada com um sentido muito mais restrito que o significado bíblico. Se alguém lhe perguntar qual é a sua vocação, essa é uma forma polida de indagar qual é sua ocupação; e a resposta esperada é esta:

“Sou médico”, ou: “Sou professor”, ou ainda: “Sou outra coisa”. O treinamento vocacional, por exemplo, normalmente significa o exercício prático para o desempenho de uma carreira; mas esse não é o significado bíblico da palavra. Na Bíblia, vocação tem um significado muito mais amplo e muito maior e, ousou afirmar, muito mais nobre que apenas nosso trabalho...

O ponto que a Bíblia procura levantar sobre nosso chamado ou sobre nossa vocação é que, quando Deus nos chama, ele não nos chama basicamente para fazer algo, mas para ser algo. Nosso chamado, de acordo com as Escrituras, diz muito mais respeito a nosso caráter e a que tipo de pessoa nós somos que simplesmente ao nosso trabalho.

(1980g:13)

567. A flexibilidade no serviço

Todo trabalho honrado, quer manual, quer mental, ou os dois, se assalariado ou voluntário, seja humilde, seja servil, precisa ser visto pelos cristãos como algum tipo de cooperação com Deus, por meio da qual compartilhamos, com ele, da transformação do mundo que ele criou e entregou aos nossos cuidados. Isso se aplica à indústria, ao comércio, aos serviços públicos, às profissões liberais, às tarefas domésticas e à maternidade. O grande mal do desemprego é que se nega esse privilégio a algumas pessoas. Quanto à forma particular que nossa parceria com Deus terá (i.e., em termos mais seculares, a carreira que seguiremos ou o trabalho que exerceremos), isso dependerá, mais que outra coisa, de nosso temperamento, talentos, educação e treinamento. Queremos ser flexíveis no serviço que prestamos a Deus para que tudo que somos e temos seja realizado, e não frustrado.

(1991e:148)

568. Todo chamado cristão

Já sugeri que toda igreja, em certo sentido, é um “diaconato”, porque é chamada à *diakonia*, ao serviço. “ ‘Mas eu estou entre

vocês como quem serve' ”, disse Jesus (Lc 22.27); e, a seguir, ele deu uma demonstração visual de suas palavras ao cingir-se com um avental de servo e lavar os pés dos discípulos. Depois, quando reassumiu seu lugar à mesa da ceia, disse-lhes:

Pois bem, se eu, sendo Senhor e Mestre de vocês, lavei-lhes os pés, vocês também devem lavar os pés uns dos outros. Eu lhes dei o exemplo, para que vocês façam como lhes fiz. Digo-lhes verdadeiramente que nenhum escravo é maior do que o seu senhor, como também nenhum mensageiro é maior do que aquele que o enviou (Jo 13.14-16).

Assim, todo cristão é chamado a servir...

As oportunidades para a *diakonia*, para o ministério no qual o povo cristão pode servir tanto a Deus quanto ao homem, são numerosas. Há a vocação dos pais, especialmente a da mãe, para educar os filhos “... segundo a instrução e o conselho do Senhor” (Ef 6.4) e tornar o lar cristão um local de amor, hospitalidade e paz. Há o trabalho cristão, que não deve ser encarado primariamente como uma forma de ganhar a vida, nem como uma contribuição para a estabilidade econômica do país, e, tampouco, como uma esfera útil do testemunho e evangelismo — nem, de fato, como um meio para qualquer fim calculável —, mas como um fim em si mesmo, a *diakonia* de um homem cristão, que busca cooperar com o propósito de Deus para assegurar o bem-estar dos homens. Há também aberturas em profusão para o cristão atento nos serviços públicos, nas organizações voluntárias e em meio às pessoas carentes e não aceitas da vizinhança.

Contudo, à parte da casa, do trabalho e da vizinhança, a maioria dos cristãos deseja estar de serviço na igreja local ou por meio dela, da qual são membros. Hoje em dia, está na moda, pelo menos entre os escritores mais radicais, ridicularizar a noção de “serviço na igreja”, como um tipo lamentável de egocentrismo eclesialístico, e insistir que a esfera apropriada do serviço cristão não é a igreja,

mas o mundo. Não nego a verdade dessa asserção. Nenhum cristão deveria utilizar o seu tempo livre na reclusão protegida da igreja; ele foi enviado por seu Mestre ao mundo, para ali servir aos outros humildemente, em nome dele. Contudo, ao aplicar esse princípio, não devemos ser desequilibrados quer pela negação de que algum serviço na igreja é acertadamente centrado na igreja, quer pela asserção de que todo tipo de serviço deva ser centrado na igreja.

(1969b:48)

569. Sem membros associados

Devemos esperar que todo cristão seja um membro ativo da igreja. Não conseguimos ter membros associados que querem usufruir os privilégios sem as responsabilidades.

(1952:9)

570. O coração ardendo por Cristo

A idéia do coração ardendo por Cristo faz que algumas pessoas considerem isso um perigoso emocionalismo. Elas dirão: “Certamente, não fomos criados para os extremos. Você não está pedindo que nos tornemos fanáticos, não é mesmo?”. Bem, obviamente isso depende do que você quer dizer. Se por “fanatismo” você realmente quer dizer “de todo o coração”, então o cristianismo é uma religião fanática, e todo cristão deve ser fanático. Mas “de todo o coração” não é o mesmo que “fanatismo”. Fanatismo é algo feito de todo o coração, mas de modo irracional e ininteligente. É fugir do coração com a cabeça. A última afirmação de uma apresentação preparada para uma conferência sobre ciência, filosofia e religião, na Universidade de Princeton, em 1940, utilizou estas palavras: “Compromisso sem reflexão é o fanatismo em ação; mas a reflexão sem compromisso é a paralisia de toda ação”. O que Jesus Cristo deseja e merece é a reflexão que leva ao compromisso, e o compromisso que nasce

da reflexão. Esse é o significado de todo o coração, de ser fervoroso em relação a Deus.

(1990c:115)

571. Um chamado duplo

Em termos gerais, apesar de nosso chamado especial, todo cristão é enviado ao mundo, tanto como testemunha quanto como servo. Sempre que vemos alguém em necessidade, quer essa necessidade seja espiritual, quer seja física, quer seja social, se tivermos a possibilidade de supri-la, assim devemos fazer; de outra forma, não podemos afirmar que o amor de Deus habita em nós (1Jo 3.16). Com freqüência, as pessoas têm mais que uma necessidade, e, se nós as amamos com o amor de Deus, devemos fazer o nosso melhor para aliviar suas necessidades. É desse modo, também, que elas têm mais probabilidade de crer. O testemunho verbal não é suficiente. Conforme Jesus disse, é apenas quando as pessoas vêem as nossas “boas obras” que a nossa luz brilha de forma mais intensa e dá glória ao nosso Pai celestial (Mt 5.16).

(1980e)

572. O trabalho da vida cristã

Com freqüência, damos a impressão de que, se um jovem cristão tiver realmente o desejo ardente de seguir a Cristo, inquestionavelmente se tornará um missionário no estrangeiro; se não for tão fervoroso a esse ponto, ficará em casa e se tornará um pastor; mas, se não tem a dedicação para ser um pastor, sem dúvida poderá servir como médico ou professor, ao passo que aqueles que acabam fazendo o trabalho social, na mídia ou (o pior deles todos) na política não estão muito longe de uma séria apostasia! Parece-me que é urgente ganhar uma perspectiva mais verdadeira em relação a esse assunto sobre vocação. Jesus Cristo chama todos os seus discípulos ao “ministério”, isto é, ao serviço. Ele mesmo é o servo *por excelência*, e nos chama a ser servos também.

Então, isto é certo: se somos cristãos, precisamos utilizar nossa vida no serviço a Deus e aos homens. A única diferença entre nós está na natureza de serviço que fomos chamados a prestar.

(1975c:31)

573. A inserção cristã

Os cristãos devem procurar penetrar o mundo da mídia de massa e se formarem como roteiristas, produtores e artistas de TV. É difícil nos queixarmos do baixo nível de muitos programas atuais se não tomarmos iniciativas construtivas para fornecer alternativas que não somente sejam tecnicamente iguais (se não melhores), mas também mais sadias. Nas eras anteriores, à medida que foi desenvolvido cada novo meio de comunicação (a escrita, a pintura, a música, o drama, a imprensa, o cinema, o rádio), os cristãos estavam entre os primeiros a discernir seu potencial e aproveitá-lo nas atividades de adoração e de evangelismo. Forçosamente, a mesma atitude deve ser adotada com a televisão. Em algumas partes do mundo, isso já é uma realidade.

(2003:80)

574. Testando a vocação cristã

Parece inverdade dizer que Deus raramente chama as pessoas para um ministério mais amplo antes que tenham provado que são capazes em um contexto mais restrito; e o contexto melhor e mais natural no qual somos testados quanto a esse senso de vocação incipiente é o alcance evangelístico constante da igreja local.

(1967e:88)

575. Descobrindo o desejo de Deus

Jesus mesmo orou: “ ‘... não seja feita a minha vontade, mas a tua’ ”, e nos ensinou a orar: “ ‘... seja feita a tua vontade, assim

na terra como no céu' ". Nada é mais importante na vida que descobrir e cumprir o desejo de Deus. Além disso, ao buscar descobri-lo, é essencial distinguir entre o desejo "particular" e o desejo "geral" de Deus. O primeiro é assim chamado porque se relaciona à generalidade de seu povo e é o mesmo para todos nós (e.g., tornar-nos parecidos com Cristo). Seu desejo particular, entretanto, estende-se às particularidades de nossa vida e é distinto para cada um de nós (e.g., a carreira que devemos seguir, se devemos nos casar e, se esse for o caso, com quem). Apenas depois de fazermos essa distinção, podemos pensar em descobrir "... qual é a vontade do Senhor" (Ef 5.17). Seu desejo "geral" encontra-se nas Escrituras; o desejo de Deus para seu povo foi revelado na Palavra de Deus. Contudo, não encontraremos seu desejo "particular" nas Escrituras. Certamente, ali encontraremos princípios gerais para nos guiar; mas as decisões detalhadas têm de ser tomadas após cuidadosa reflexão e oração, bem como por meio do conselho de cristãos maduros e experientes.

(1979e:203)

576. Orientação divina

Veja nossa necessidade por orientação divina. Muitas pessoas a consideram como uma alternativa ao pensamento humano, até mesmo um artifício conveniente para poupá-las do aborrecimento desse muito pensar e analisar. Elas esperam que Deus projete em sua tela interior as respostas a suas questões, bem como as soluções para seus problemas, de tal maneira que ignore sua mente. Obviamente, Deus tem liberdade para fazer isso, e, às vezes, assim ele age. Mas as Escrituras nos dão a garantia para insistir que a maneira normal de Deus nos orientar é a racional, e não a irracional, a saber, por meio dos processos mentais que ele criou em nós.

O salmo 32 deixa isso claro. O versículo 8 contém uma promessa tripla, e maravilhosa, de orientação divina, que diz: "Eu

o instruirei e o ensinarei no caminho que você deve seguir; eu o aconselharei e cuidarei de você” (“... e, sob as minhas vistas, te darei conselho” [ARA]). Mas *como* Deus cumpre sua promessa? O versículo 9 continua: “Não sejam como o cavalo ou o burro, que não têm entendimento mas precisam ser controlados com freios e rédeas, caso contrário não obedecem”. Se pusermos juntas a promessa e a proibição, o que Deus está dizendo para nós é isto: “Eu prometo que orientarei vocês e lhes mostrarei o caminho a seguir, mas não esperem que eu os guie como vocês guiam seus cavalos e mulas (pela força, e não pela inteligência), pela simples razão de vocês não serem nem cavalos nem mulas. Estes não têm ‘entendimento’, mas vocês têm. Na verdade, eu mesmo lhes dei o precioso dom do entendimento. Utilizem-no! Depois os guiarei *por meio* de sua mente”.

(1992b:117)

577. A escolha de Matias

É instrutivo observar o conjunto de fatores que contribuíram para a descoberta do desejo de Deus em relação a esse assunto. Primeiro, veio a orientação geral das Escrituras, isto é, que uma substituição deveria ser feita (At 1.16-21). Depois, eles utilizaram o bom senso para determinar que, se fosse para o substituto de Judas ter o mesmo ministério apostólico, ele também deveria ter as mesmas qualificações, até mesmo a experiência de ter sido testemunha ocular de Jesus, bem como ser selecionado pessoalmente por ele. Esse pensamento dedutivo levou à indicação de José e Matias. Terceiro, eles oraram. Pois, embora Jesus tivesse partido, ele ainda estava ao alcance deles, por meio da oração, e reconheciam que o Senhor tinha conhecimento do coração, coisa que eles não tinham. Por fim, tiraram sortes, confiando em que Jesus tornaria sua escolha conhecida. Exceto por esse quarto e último aspecto, porque o Espírito agora já nos foi dado, os outros três — as Escrituras, o bom senso e a oração — constituem

uma combinação saudável por meio da qual podemos confiar que Deus nos orientará hoje.

(1990b:58)

578. Não tenha pressa...

É um erro apressar-se ou ficar impaciente com Deus. Ele precisou de 2 mil anos para cumprir, com o nascimento de Cristo, sua promessa a Abraão. Precisou de 80 anos para preparar Moisés para sua missão de vida. Precisa de cerca de 25 anos para tornar um ser humano maduro. Portanto, se *tivermos* de tomar uma decisão até determinado prazo, temos de tomá-la sem hesitação. Caso contrário, se o caminho em frente é ainda incerto, é mais sábio esperar. Acho que Deus nos diz, hoje, o que ele disse ao casal José e Maria, quando o enviou para o Egito com o menino Jesus: “ ‘Fique lá até que eu lhe diga’ ” (Mt 2.13). Em minha experiência, mais erros são cometidos pela ação precipitada do que pela procrastinação.

(1992b:131)

579. Amar e servir

Se amor e verdade andarem juntos, e amor e dons também andarem juntos, então amor e serviço logicamente andarão juntos, uma vez que o verdadeiro amor sempre se expressa por meio do serviço. Amar é servir. Somos deixados, portanto, com estes quatro aspectos da vida cristã que formam um anel, ou um círculo, que não pode ser quebrado: amor, verdade, dons e serviço. Pois o amor resulta em serviço, o serviço usa os dons, e o mais alto dom é o ensino da verdade, mas a verdade deve ser transmitida em amor. Cada um deles envolve o outro e, por onde quer que você comece, todos eles são utilizados. “O maior deles, porém, é o amor” (1Co 13.13).

(1975b:117)

580. Sem dor, não há ganho

Por que deveríamos *esperar* que nossa vida e serviço cristãos fossem fáceis? A Bíblia jamais nos fez desenvolver tal expectativa. Muito ao contrário, a Bíblia diz, vez após vez: sem cruz, não há vitória; sem regras, não há coroa; sem dor, não há ganho. E esse princípio foi que levou Cristo, por meio de seu nascimento simples e do sofrimento de sua morte, à ressurreição e a seu Reino no céu. Esse princípio foi que levou Paulo a ser acorrentado, na cela de uma prisão, para que os eleitos pudessem alcançar a salvação em Jesus Cristo. Esse princípio é que faz que o soldado esteja disposto a enfrentar o sofrimento, o atleta, a disciplina, e o agricultor, o trabalho pesado. Não espere que o serviço cristão seja fácil.

(1969a:83)

581. Apenas duas maneiras

Por fim, há apenas duas ambições controladoras, nas quais todas as outras devem ser incluídas. Uma é a nossa própria glória, e a outra, a glória de Deus. O quarto evangelista as apresentou em oposição irreconciliável e, ao assim fazer, revelou a disputa fundamental de Cristo com os fariseus: "... pois preferiam a aprovação dos homens do que a aprovação de Deus" (Jo 12.43).

(1970b:192)

582. Ambições contrastantes

No fim, assim como há apenas duas formas de piedade, a autocentrada e a centrada em Deus, também há dois tipos de ambição: o indivíduo pode ser ambicioso ou para si mesmo ou para Deus. Não há uma terceira opção.

(1978f:172)

583. Nada se perde, tudo se usa

Parece totalmente compatível com nossas doutrinas cristãs sobre Criação e redenção que falemos o seguinte a respeito de nós

mesmos: “Eu sou uma pessoa única. (Isso não é presunção. É fato. Se cada floco de neve é único, e o mesmo ocorre com uma simples folha de grama, quanto mais com cada ser humano!) Minha singularidade é decorrente de minha herança genética, minha personalidade e temperamento herdados, meus pais, meu ambiente familiar e minha educação, meus talentos, minhas inclinações e interesses, meu novo nascimento e dons espirituais. Pela graça de Deus, eu sou quem sou. Como posso, portanto, como pessoa única que Deus fez, *alcançar* o máximo no serviço de Cristo e dos homens, para que nada que ele tenha me dado seja perdido, e tudo que ele tenha me dado seja utilizado?”.

(1992b:144)

584. A verdadeira grandeza

Por que Jesus igualou grandeza com serviço? Será que nossa resposta não deve estar relacionada ao valor intrínseco dos seres humanos, que foi a pressuposição subjacente em seu próprio ministério de amor em que ele doou-se a si mesmo, e que é um elemento essencial da perspectiva cristã? Se os seres humanos são seres semelhantes a Deus, então devem ser servidos, e não explorados; respeitados, e não manipulados.

(1990a:376)

585. “Como se Jesus Cristo...”

Uma empregada ainda jovem, a quem certa vez perguntaram como sabia que era cristã convertida, respondeu: “Veja bem, eu costumava varrer a poeira para debaixo do tapete, mas agora não faço mais isso”. É possível visitar outra pessoa como se Jesus Cristo ali morasse, redigir uma carta como se Jesus Cristo fosse lê-la, servir um cliente como se Jesus Cristo estivesse fazendo compras naquele dia, e cuidar de um paciente como se Jesus Cristo estivesse naquela cama de hospital. É possível preparar

uma refeição como se fôssemos Marta ali naquela cozinha, e Jesus Cristo fosse degustá-la.

(1991c:79)

586. Servir e esperar

“Servir” e “esperar” andam juntos na experiência do povo convertido. Na verdade, à primeira vista, isso é bastante surpreendente, uma vez que “servir” é ativo, e “esperar” é passivo. Em termos cristãos, “servir” é ocupar-se na terra como Cristo o faria, ao passo que “esperar” é buscar a Cristo para que ele venha do céu. Contudo, essas duas ações não são incompatíveis. Ao contrário, cada uma delas equilibra a outra. De um lado, por mais duro que trabalhem e sirvamos, há limites para o que posso realizar. Podemos apenas melhorar a sociedade; não podemos aperfeiçoá-la. Jamais poderemos construir uma utopia aqui na terra. Para isso, temos de esperar que Cristo venha. Ele, apenas naquele momento, garantirá o triunfo final do Reino de justiça e paz de Deus. De outro lado, embora devamos esperar cheios de expectativa pela vinda de Cristo, não temos liberdade para esperar no ócio, de braços cruzados e olhos fechados, indiferentes às necessidades do mundo à nossa volta. Ao contrário, precisamos trabalhar, mesmo enquanto esperamos, pois somos chamados a servir ao Deus vivo e verdadeiro.

Assim, trabalhar e esperar andam juntos. E, juntos, eles nos livram da presunção, que nos faz achar que podemos fazer tudo, e do pessimismo, que nos faz achar que não podemos fazer nada.

(1991d:41)

Liberdade e autoridade

587. “Quando formos livres...”

A liberdade é muito mal compreendida. Até mesmo aqueles que falam mais alto, e há mais tempo, sobre a liberdade, nem sempre pararam para definir aquilo sobre o que falam. Um exemplo notável é o orador marxista que estava discursando de forma eloqüente, em uma esquina, acerca da liberdade que desfrutaríamos depois da revolução. Ele bradava: “Quando formos livres, você será capaz de fumar charutos como aquele”. Dizia isso, enquanto apontava para um opulento senhor que estava passando.

“Eu prefiro meu cigarro”, gritou um provocador.

O marxista continuou, ignorando a interrupção e aguçando seu tema: “Quando formos livres, todos seremos capazes de dirigir carros como aquele”. E apontou para um luxuoso carro que estava passando por ali.

O provocador gritou: “Eu prefiro a minha bicicleta”.

Assim, o diálogo continuou até que o marxista não pôde mais suportar seu provocador. Virou-se, então, para ele e disse: “Quando formos livres, você fará o que lhe disserem”.

(1992b:47)

588. A verdadeira liberdade

A verdadeira liberdade não é libertar-se da responsabilidade que temos em relação a Deus e aos outros homens a fim de viver para nós mesmos, mas é a nossa própria liberdade para viver para Deus e para os outros.

(1991d:91)

589. Salvação é liberdade

Ser salvo por Jesus é ser liberto.

(1992b:47)

590. Liberdade ilusória

Segundo os dois primeiros capítulos de Gênesis, Deus criou os seres humanos, masculinos e femininos, para serem tanto moralmente responsáveis (que recebem mandamentos) quanto livres (convidados, sem coerção, à obediência amorosa). Os cristãos sabem, tanto segundo as Escrituras quanto pela experiência, que a realização humana é impossível fora de algum contexto de autoridade. A liberdade ilimitada é uma ilusão. A mente somente é livre debaixo da autoridade da verdade, e a vontade, debaixo da autoridade da justiça. É debaixo do jugo de Cristo que achamos o descanso por ele prometido, e não por meio de descartar esse jugo (Mt 11.29,30).

(2003:58)

591. As normas criadas por Deus

Não pode haver “libertação” das normas criadas por Deus; a verdadeira libertação encontra-se apenas na aceitação dessas normas.

(1990a:348)

592. Liberdade interior

Jesus Cristo nos dá liberdade interior de espírito, a qual nem mesmo o tirano mais opressor pode destruir. Pense em Paulo na prisão: ele não era livre?

(1975c:100)

593. O dom enobrecedor

“Dou-lhe este conselho...” (Ap 3.18). Talvez possamos primeiro observar o fato de que temos um Deus que fica contente em dar conselhos a suas criaturas. Não consigo ler esse versículo sem ficar estranhamente emocionado. Ele é o grande Deus do Universo em expansão. Tem um sem-número de galáxias em suas mãos. O céu e o céu dos céus não podem contê-lo. Ele é o Criador e o sustentador de todas as coisas, o Senhor Deus todo-poderoso. Ele tem o direito de nos dar ordens para que as obedeçamos. Contudo, prefere nos dar conselhos aos quais não precisamos dar atenção. Ele poderia mandar; mas escolheu aconselhar. Ele respeita a liberdade com a qual nos enobreceu.

(1990c:119)

594. Autoridade da verdade

Há apenas uma autoridade sob a qual a mente é livre. E essa é a autoridade da verdade. A mente não é livre se ela acredita em mentiras. Ao contrário, ela é escrava da fantasia e da falsidade. Ela é livre apenas quando crê na verdade, e isso acontece quer a verdade em questão seja referente à ciência quer seja referente às Escrituras.

(1991c:60)

595. A verdadeira autoridade e a falsa

Os cristãos fazem distinção entre a verdadeira autoridade e a falsa, ou seja, entre a tirania que esmaga a nossa humanidade e a autoridade racional e benevolente debaixo da qual descobrimos a nossa liberdade humana autêntica.

(2003:54)

596. Liberdade e autoridade

A tirania exclui a liberdade; portanto, é fundamentalmente oposta ao ser humano autêntico. Mas a autoridade não é idêntica

à tirania. E os cristãos gostariam de acrescentar que, se a tirania destrói a liberdade, a correta autoridade a garante... O relacionamento de submissão a Cristo, longe de esmagar nossa personalidade, capacita-nos a desenvolvê-la. Assim como as crianças alcançam mais naturalmente a maturidade com a disciplina amorosa de um lar feliz e seguro, os cristãos alcançam a maturidade em Cristo sob sua autoridade amorosa. Perder-nos no serviço a Cristo é encontrar-nos. Seu senhorio em nossa vida não significa frustração, mas realização e liberdade. Essa é a convicção cristã...
(1991c:48)

A mente cristã

597. Confiança e dúvida

A mente cristã faz perguntas, sonda problemas, confessa ignorância, sente-se perplexa, mas faz essas coisas dentro do contexto da confiança profunda e crescente da realidade de Deus e do seu Cristo. Não devemos concordar em ficar numa condição de dúvida básica e crônica, como se fosse uma característica da normalidade cristã. Não é. É, ao contrário, um sintoma de enfermidade espiritual na nossa era espiritualmente doente.

(2003:93)

598. A conversão da mente

Nenhum homem, ou mulher, é verdadeiramente convertido se não estiver intelectualmente convertido. E ninguém pode afirmar que é intelectualmente convertido se não submeter sua mente à autoridade de Jesus, como Senhor.

(1977h:22)

599. O jugo de Cristo

Trazer nossa mente sob o jugo de Cristo não é negar nossa racionalidade, mas submetê-la à sua revelação.

(1991c:53)

600. Coração cheio e cabeça vazia

O cristianismo dá grande ênfase à importância do conhecimento, rechaça qualquer antiintelectualismo como algo negativo e paralisante e salienta que muitos de nossos problemas existem por causa da nossa ignorância. Sempre que o coração estiver cheio e a cabeça, vazia, há o surgimento de um perigoso fanatismo.

(1991e:41)

601. Normas aceitas?

Essa influência moralmente “desordeira” da televisão, à qual me refiro, é mais insidiosa que a influência direta. O que acontece com todos nós, a não ser que nossos poderes de juízo moral estejam aguçados e alertas, é que nosso entendimento daquilo que é “normal” começa a ser modificado. Sob a impressão de que “todos fazem isso” e de que ninguém, hoje em dia, acredita muito em Deus ou nos absolutos da verdade e da virtude, nossas defesas se afrouxam e nossos valores ficam imperceptivelmente alterados. Começamos a tomar por certo que a violência física (quando somos provocados), a promiscuidade sexual (quando somos despertados para isso) e os gastos consumistas exagerados (quando somos tentados) são as normas aceitas da sociedade ocidental no fim do século XX. Fomos ludibriados!

(2003:78)

602. Questionamento teológico

Precisamos encorajar os estudiosos cristãos a ir até as fronteiras e participar dos debates, embora, ao mesmo tempo, mantenham

sua participação ativa na comunidade de fé. Sei que essa é uma questão delicada e que não é fácil definir os relacionamentos corretos entre a livre pesquisa e a firme fé. Com frequência, entretanto, tenho me sentido perturbado pela solidão de alguns estudiosos cristãos. Quer tenham sido eles que foram se afastando da fraternidade, quer a fraternidade tenha permitido que se afastassem, nos dois casos seu isolamento é uma condição doentia e perigosa. Como parte da própria integridade, os estudiosos cristãos precisavam tanto conservar a tensão entre a receptividade e seu compromisso quanto aceitar certa medida de prestar contas mutuamente e assumir a responsabilidade uns pelos outros no corpo de Cristo. Em semelhante comunidade de mútuo apoio, acho que poderíamos ver menos perdas, de um lado, e mais criatividade, de outro.

(2003:94)

603. Antiintelectualismo

O antiintelectualismo e o estar cheio do Espírito são mutuamente incompatíveis, pois o Espírito Santo é o Espírito da verdade.

(1990b:82)

604. O perigo do isolamento

O maior perigo ao qual qualquer estudioso está exposto é o do isolamento em sua torre de marfim.

(1978c:180)

605. Saber e constatar

O segredo do viver santificado é *saber* que nossa velha natureza foi crucificada com Cristo (Rm 6.6). E é por meio desse *saber* (v. 3) que nosso batismo em Cristo é nosso batismo em sua morte

e ressurreição. E é por constatar, isto é, perceber intelectualmente (v. 11), que em Jesus morremos para o pecado e vivemos para Deus. Devemos saber essas coisas, meditar sobre elas e perceber que são verdadeiras. Nossa mente deve compreender o fato e a importância de nossa morte e ressurreição em Cristo, de forma que o retorno à antiga vida seja impensável. Um cristão nascido de novo não deve mais pensar em voltar à antiga vida; um adulto não deve pensar em voltar à infância; um homem casado, a seus dias de solteiro; ou um ex-prisioneiro, a seus dias de encarceramento.

(1966c:50)

606. Coração e mente

A fim de incentivar as pessoas a usar a mente, não é necessário estimulá-las a suprimir os sentimentos. Digo, com frequência, a nossos alunos no Institute for Contemporary Christianity, em Londres, que nosso negócio não é a “criação de girinos”. O girino é uma pequena criatura com uma enorme cabeça e, praticamente, nada mais além dela. Certamente, há muitos cristãos girinos à nossa volta. A mente deles está inchada com teologia saudável; mas isso é tudo que têm. Não; estamos preocupados em ajudar nossos alunos, e as pessoas de modo geral, a desenvolver não apenas a mente cristã, mas também o coração cristão, o espírito cristão, a consciência cristã e o desejo cristão, a fim de que se tornem realmente pessoas cristãs completas, totalmente integradas sob o senhorio de Cristo.

(1992b:119)

607. Mente e caráter

A fé deve ser relacionada à vida. A mente cristã é ineficaz sem um caráter cristão.

(1981c)

608. Apaixonar-se

Quero estimulá-lo a tomar consciência de que você será varrido pelo sentimento que denominamos “paixão” e deve assumir que isso, em si mesmo, é um fundamento adequado para o casamento. Há outras considerações como a incompatibilidade intelectual. A pessoa por quem me apaiono é um cristão comprometido, maduro e em crescimento? Essa pessoa será um bom pai ou uma boa mãe para meus filhos? Essa pessoa será companheira? Essa pessoa merece meu respeito e meus desejos físicos? Essas são questões que a mente pergunta quando a emoção da paixão começa a brotar em meu interior. A paixão é uma emoção não confiável; ela tem de ser confrontada com a Palavra de Deus. Vários homens me procuram para aconselhamento pessoal, homens casados, e me dizem: “Preciso divorciar-me, pois me apaixonei por outra mulher, e essa mulher foi feita para mim, e eu para ela, e nós nos ajustamos perfeitamente. Errei ao me casar com minha atual esposa. Estou tão apaixonado por outra mulher que isso deve ser o certo”. Digo apenas: “Ao contrário, isso deve ser o errado. Você já tem uma esposa”.

(1980g:11)

609. A última fortaleza

Às vezes, imagino se a nossa mente não é a última fortaleza a capitular diante de Jesus, nosso Senhor. Obviamente, questões devem ser respondidas no debate hermenêutico contemporâneo. Seguramente, contudo, podemos dizer que nenhum método, ou conclusão hermenêutica, pode ser cristão se deixar de honrar a Cristo, entronizando-o como Senhor.

(1981f)

IX. A Igreja de Deus

48. A nova comunidade de Deus

49. Palavra, adoração e sacramento

50. Ministros e ministério

51. A unidade da Igreja

52. Reforma da Igreja

53. A tradição evangélica

A nova comunidade de Deus

610. Um povo “em Cristo”

Fundamental para o cristianismo do NT é o conceito da união do povo de Deus com Cristo. O que constitui a especificidade dos membros da nova sociedade de Deus? Não apenas que eles admiram e, até mesmo, adoram Jesus. Não apenas que concordam com os dogmas da Igreja. Não apenas que vivem por certos padrões morais. Não; o que os torna distintos é a nova solidariedade deles como um povo que está “em Cristo”. Por estarem em união com Cristo, eles realmente compartilham sua ressurreição, ascensão e suas reuniões. Nas “regiões celestiais”, o mundo invisível da realidade espiritual no qual os principados e poderes operam (Ef 3.10; 6.12) e no qual Cristo reina supremo (1.20), ali Deus abençoa seu povo em Cristo (1.3) e ali faz assentar esse povo com Cristo (2.6). Pois se nos assentamos com Cristo nos lugares celestiais, não pode haver dúvida de que nos assentamos em tronos! Além do mais, essa fala sobre solidariedade com Cristo em sua ressurreição e exaltação não é um fragmento de misticismo cristão sem significado. Isso dá testemunho de uma

experiência viva, que Cristo nos deu, de um lado, uma nova vida (com uma consciência sensível da realidade de Deus e um amor por ele e por seu povo) e, de outro, uma nova vitória (com crescente maldade debaixo de nossos pés). Estamos mortos, mas tornamo-nos vivos e alertas espiritualmente. Somos cativos, mas fomos entronizados.

(1979e:81)

611. Diversidade e harmonia

A Igreja, como uma comunidade multirracial e multicultural, é semelhante a uma bela tapeçaria. Seus membros são provenientes de um amplo espectro de coloridas origens. Nenhuma outra comunidade humana se assemelha a ela. Sua diversidade e harmonia são únicas. Essa é a nova sociedade de Deus. E essa comunhão multicolorida da Igreja é uma reflexão da multicolorida (ou “multiesplendorosa”, para usar um termo de Francis Thompson) sabedoria de Deus.

(1979e:123)

612. Promessas cumpridas

O verdadeiro cumprimento das promessas do AT não é literal, mas espiritual. Elas são cumpridas hoje não na nação dos judeus, conforme alguns dispensacionalistas afirmam, nem no povo britânico ou anglo-saxão, como os israelenses britânicos ensinam, mas em Cristo e no povo de Cristo que crê. Nós, os cristãos, somos a semente de Abraão e herdamos as bênçãos prometidas a seus descendentes..., e todas as promessas de Deus para o seu povo no AT tornam-se nossas, e somos de Cristo.

(1968c:128)

613. A igreja confessional

A igreja, quer universal quer local, deve ser, conforme à pretensão divina, uma igreja *confessional*. A igreja é “... coluna e

fundamento da verdade” (1Tm 3.15, literalmente). A verdade revelada, portanto, assemelha-se a um prédio, e o chamado da Igreja deve ser seu “fundamento” (para sustentá-la firmemente, a fim de que não se mova) e seu pilar (para sustentá-la nas alturas, para que todos possam vê-la).

(1970b:26)

614. Amor e aceitação

“Aceitação” é uma palavra bastante popular hoje em dia, e isso acertadamente. Nossa aceitação por Deus é, teologicamente, um termo bastante contemporâneo para justificação. Devemos, contudo, ser cautelosos quanto à fala moderna que afirma a “aceitação incondicional”, quando o conceito de uma “igreja aberta” é considerado, em que se oferece a filiação a todo mundo, sem perguntas nem condições. Embora o amor de Deus seja realmente incondicional, nossa aceitação por ele não o é, uma vez que depende de nosso arrependimento e de nossa fé em Jesus Cristo. Devemos ter isso em mente, quando considerarmos que devemos aceitar o fraco (Rm 14.1), uma vez que “Deus o aceitou” (14.3), e para aceitar uns aos outros “... da mesma forma que Cristo” nos aceitou (15.7)

(1994:359)

615. Um evangelho incorporado

Se for para uma igreja local tornar-se uma igreja do evangelho, ela não deve apenas receber o evangelho e passá-lo adiante, mas deve também incorporá-lo em uma vida comunitária de amor mútuo.

(1991d:135)

616. A Igreja de Deus e o evangelho de Deus

Para Paulo, em seu raciocínio, era natural passar da Igreja de Deus para o evangelho de Deus, porque ele não podia pensar em

um deles sem o outro. Pois é pelo evangelho que a Igreja existe, e pela Igreja que o evangelho se difunde. Cada um desses dois elementos depende do outro. Cada um deles serve ao outro.

(1991d:32)

617. Igualdade em Cristo

O que une a Igreja é uma fé comum em Cristo, um compartilhar comum no Espírito. À parte desse fundamento, os cristãos nada podem ter em comum. Diferimos uns dos outros quanto ao temperamento, à personalidade, educação, cor, cultura, cidadania, linguagem, e de inúmeras outras formas. Seja grato a Deus por sermos tão distintos. A Igreja é uma comunhão maravilhosamente abrangente, pois “Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher” (Gl 3.28). Em outras palavras, em Cristo temos igualdade.

(1970b:183)

618. Verdade e amor

O amor é a primeira marca da igreja verdadeira e viva, e a verdade, a segunda, pois as Escrituras afirmam que o amor e a verdade devem andar juntos e em equilíbrio. Alguns cristãos estão tão determinados a fazer que o amor seja o mais importante que se esquecem da sacralização da verdade revelada. Eles incentivam as pessoas com estas palavras: “Afoguemos nossas diferenças doutrinárias no oceano do amor fraternal”. Outros estão igualmente equivocados em sua busca da verdade a expensas do amor. Seu zelo pela Palavra de Deus é tão obstinado que eles se tornam duros, amargos e desamorosos. O amor torna-se sentimental, se não for fortalecido pela verdade; e a verdade torna-se dura, se não for suavizada pelo amor. Precisamos preservar o equilíbrio da Bíblia, que nos ensina a sustentar a verdade em amor, a amar os

outros em verdade e a crescer não apenas em amor, mas também em discernimento.

(1990c:44)

619. Essenciais e não-essenciais

Há dois princípios em particular que Paulo desenvolve em Romanos 14, os quais, especialmente quando combinados, são aplicáveis a todas as igrejas, em todos os lugares e em todos os tempos. Ele escreve que o primeiro é o princípio da fé. Tudo precisa ser feito "... com fé" (14.23). Novamente: "... Cada um deve estar plenamente convicto em sua própria mente" (14.5). Precisamos, portanto, educar nossa consciência por meio da Palavra de Deus, a fim de nos tornar fortes na fé, crescer nas convicções estabelecidas e, portanto, na liberdade cristã. O segundo é o princípio do amor. Tudo precisa ser feito de acordo com o amor (14.15). Devemos, portanto, lembrar quem nossos irmãos cristãos são, não nos esquecendo especialmente de que eles são nossos irmãos e irmãs por quem Cristo morreu, a fim de que honremos a eles, e não os desprezemos; a fim de que os sirvamos, e não lhes causemos danos; e, especialmente, a fim de que respeitemos a consciência deles.

Uma área na qual a distinção entre fé e amor deveria operar é na diferença entre os aspectos essenciais e os não-essenciais da doutrina e da prática cristãs. Embora não seja sempre fácil distinguir umas das outras, um guia seguro é que as verdades sobre as quais as Escrituras falam com voz clara são essenciais, ao passo que, da mesma forma, sempre que os cristãos, igualmente bíblicos e igualmente ansiosos para compreender as Escrituras e obedecer a elas, chegam a diferentes conclusões, estas devem ser consideradas como não-essenciais. Algumas pessoas gloriam-se no assim chamado "alcance" de algumas denominações. Mas há dois tipos de alcance: o fundamentado em princípios e o não fundamentado em princípios.

O dr. Alex Vidler descreveu esse último tipo de “alcance” como a decisão “de unir em justaposição as muitas variedades de fé e de prática cristã que estiverem dispostas a concordar em diferir, de forma que a Igreja seja considerada como uma liga de religiões [um tipo de ‘Religiões Unidas’ — ele poderia ter dito isso hoje]. Nada tenho a dizer a favor do sincretismo não fundamentado em princípios”. O verdadeiro princípio do alcance, no entanto, conforme ele escreve, “é que a Igreja deve se apegar aos fundamentos da fé e, ao mesmo tempo, permitir as diferenças de opinião de interpretação em relação a assuntos secundários, especialmente os rituais e as cerimônias”.¹

Nos princípios fundamentados, portanto, a fé é básica, e não podemos apelar ao amor como uma desculpa para negar a fé essencial. Nos princípios não fundamentados, entretanto, o amor é básico, e não podemos apelar ao zelo pela fé com uma desculpa para nossos equívocos em relação ao amor. A fé instrui nossa própria consciência; o amor respeita a consciência dos outros. A fé dá liberdade; o amor limita seu exercício. Ninguém afirmou isso de melhor forma que Rupert Meldenius, um nome que alguns consideram um pseudônimo usado por Richard Baxter:

Nos essenciais, unidade;
Nos não-essenciais, liberdade;
Em todas as coisas, amor.

(1994:374)

620. A igreja de duas casas

A igreja de Deus vivia em Tessalônica, e a igreja de Tessalônica vivia em Deus. Certamente, a preposição “em” apresenta uma nuance nessas afirmações, uma vez que a igreja está “em” Deus como uma fonte da qual a vida brota, ao passo que ela está “no”

¹Alec VIDLER, *Essays in Liberty*. SCM, 1957, p. 166.

mundo só como na esfera em que vive. É ainda correto, no entanto, dizer que toda igreja tem duas casas, dois ambientes, dois *habitats*. Ela mora em Deus e mora no mundo.²

(1991d:28)

621. Saleiros eclesiásticos

Quando os homens rejeitam o que conhecem de Deus, o Senhor mesmo é quem lhes dá as noções distorcidas e paixões pervertidas que têm, até que a sociedade cheire mal às narinas de Deus e de todas as boas pessoas.

Os cristãos foram postos na sociedade secular por Deus para obstruir esse processo. Deus quer que nos emaranhemos no mundo. O sal cristão não é para ficar confortavelmente guardado em um pequeno saleiro eclesial, bastante elegante; nosso lugar é na comunidade secular, como o sal deve estar na carne, evitando que ela se estrague. E quando a sociedade se estraga, nós, cristãos, temos a tendência de levantar as mãos para o alto em horror e reprovação piedosos em relação ao mundo não-cristão. Mas será que não deveríamos reprovar a nós mesmos? Ninguém poderia culpar uma carne, que não foi salgada, de estragar. Ela não poderia fazer nada diferente disso. A pergunta real é esta: onde está o sal?

(1978f:65)

622. O Espírito e a igreja

Embora não tenhamos a liberdade para negar a validade da escolha pessoal, essa escolha só é saudável e segura em relação ao Espírito e à igreja. Não há evidência de que Barnabé e Saulo tenham sido “voluntários” para o serviço missionário; eles foram “enviados” pelo Espírito, por intermédio da igreja. Ainda hoje é

²Cf. “... a todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos” (Fp 1.1); e “... aos santos e fiéis irmãos em Cristo que estão em Colossos” (Cl 1.2).

responsabilidade de toda igreja local (especialmente de seus líderes) ser sensível ao Espírito Santo, a fim de descobrir a quem ele pode dar o dom e chamar.

(1990b:218)

623. A falsa independência

Os fariseus gostavam de receber títulos respeitosos. Isso os lisonjeava. Dava-lhes um senso de superioridade sobre as outras pessoas. Ao contrário deles, Jesus disse que havia três títulos que seus discípulos não deveriam receber nem aceitar: “Rabi” (isto é, professor), “pai” e “mestre”. O que Jesus quis dizer com isso? Bem, o pai exerce autoridade sobre seus filhos pelo fato de que eles dependem dele. Eu sugiro que Jesus está dizendo que nunca devemos adotar, em relação a um companheiro na igreja, a atitude de dependência, a mesma que uma criança tem em relação a seu pai; nem devemos exigir que outros sejam espiritualmente dependentes de nós. Isto que Jesus pretendeu é confirmado pela razão que ele apresentou: “... porque vocês só têm um Pai, aquele que está nos céus” (Mt 23.9).

(1961:73)

624. Teoria não é suficiente

Considero indispensáveis a pregação e o ensino sobre temas como oração e evangelismo. No entanto, em semelhantes atividades práticas, não basta dominar a teoria. Podemos aprender a orar somente praticando a oração, especialmente num grupo de oração. E somente podemos aprender a evangelizar saindo com um cristão mais experiente, quer para testemunhar nas esquinas quer para visitar algumas casas. Além disso, é mediante a participação ativa do corpo de Cristo que aprendemos o significado da igreja conforme ela é descrita no NT. Uma reunião de confraternização é um acontecimento no qual o indivíduo é aceito, bem

acolhido e amado. É nesse momento que os conceitos abstratos do perdão, da reconciliação e da comunhão adotam uma forma concreta, e a verdade pregada passa a ter vida.

(2003:85)

625. Disciplina na igreja

O NT, porém, oferece instruções claras acerca da disciplina, de um lado, sua necessidade por causa da santidade da igreja, e, de outro, seu propósito construtivo, a saber, se possível, “ganhar” e “restaurar” o membro ofensor.

Jesus tornou bem claro que o objetivo da disciplina não era humilhar, muito menos alienar, a pessoa envolvida; antes, ganhá-la de novo. Ele determinou um procedimento que se desenvolveria por meio de estágios. O primeiro estágio é o da confrontação pessoal com o ofensor, “a sós com ele”, na qual, se ele o ouvir, será ganho. Se ele se recusar a ouvir, no segundo estágio devem-se levar várias outras pessoas a fim de estabelecer a repreensão. Se ele ainda se recusar a ouvir, deve-se levar o caso à igreja, para que ele possa ter uma terceira oportunidade de se arrepender. Se ele ainda obstinadamente se recusar a ouvir, somente aí deve ser excluído (Mt 18.15-17).

O ensino de Paulo era parecido com o de Jesus. O membro da igreja “apanhado em pecado” deve ser “restaurado” em espírito de brandura e humildade; isso seria um exemplo de levar os fardos uns dos outros e assim cumprir a lei do amor de Cristo (Gl 6.1,2). Mesmo a entrega a Satanás, mediante a qual, presumivelmente, Paulo se referia à exclusão de um flagrante ofensor, tinha um propósito positivo, “... para que aprendam a não blasfemar” (1Tm 1.20), ou, pelo menos, a fim de que o “... espírito seja salvo no dia do Senhor” (1Co 5.5). Assim, toda ação disciplinar deve exibir o amor e a justiça da cruz.

(1991a:272, 273)

626. Os pobres em espírito

A igreja consiste em pobres em espírito. A única condição para a eleição é a destituição. Os ricos são despedidos vazios. Temos de reconhecer nossa falência espiritual, de que não temos méritos a reivindicar, nenhuma corda para puxar, nenhum poder para nos salvar. A estes, Jesus disse: “ ‘Bem aventurados os pobres em espírito, pois deles é o Reino dos céus’ ” (Mt 5.3).

(1981a)

627. Ensino antes da experiência

Em dois parágrafos separados do livro de Atos, Lucas nos diz que os primeiros cristãos de Jerusalém vendiam muitos de seus bens, tinham tudo em comum e distribuíam os bens e o dinheiro conforme a “necessidade” de cada um (2.44,45; 4.32-37). Com base nessa passagem, devemos deduzir que aqueles cristãos estabeleceram um padrão que deve ser copiado por todos os cristãos e que toda propriedade privada é algo proibido aos cristãos? Alguns grupos pensaram que esse era o caso. Certamente, a generosidade e o cuidado mútuo daqueles cristãos primitivos devem ser seguidos, pois o NT, muitas vezes, nos ordena a amar e servir uns aos outros, bem como a ser generosos (até mesmo com sacrifício) em nosso doar. Mas argumentar, fundamentado na prática da igreja primitiva de Jerusalém, que toda propriedade privada tem de ser abolida entre os cristãos, não apenas não pode ser biblicamente sustentado, como é totalmente contraditado pelo apóstolo Pedro, nesse mesmo contexto (At 5.4), e pelo apóstolo Paulo, em outros textos (e.g., 1 Tm 6.17). Esse exemplo deve nos deixar em alerta. Devemos extrair nossos padrões de crença e de comportamento dos ensinamentos do NT, onde quer que eles nos sejam dados, em vez de extraí-los de práticas e experiências que eles retratam.

(1975b:16)

628. Pessoas do avesso

Tudo que temos e somos em Cristo é proveniente de Deus e retorna para ele. Começa no desejo do Senhor e acaba na glória que a ele é dada. Pois é nele que tudo começa e acaba.

Contudo, algumas falas cristãs colidem violentamente com o mundo centrado no homem e centrado no “eu”. O homem decaído, aprisionado em seu pequeno ego, tem uma confiança quase sem limites no poder de seu desejo e um apetite quase insaciável pelo louvor de sua própria glória. Mas o povo de Deus, pelo menos, começou a ser virado do avesso. A nova sociedade tem novos valores e novos ideais. Pois o povo de Deus é possessão de Deus e vive conforme o desejo de Deus e para a glória de Deus.

(1979e:50)

49

Palavra, adoração e sacramento

629. Forma e poder

A verdadeira religião combina forma e poder. Ela não é uma forma externa sem poder. Tampouco enfatiza o poder moral a fim de desprezar ou descartar formas externas apropriadas. Ela combina os dois. Promove uma adoração que é essencialmente “espiritual”, a qual nasce do coração, mas que se expressa por meio do serviço público e cooperativo, que também resulta em comportamento moral. De outra forma, ela não é apenas sem valor, mas, na verdade, é abominação ao Senhor.

(1973b:88)

630. A tarefa dupla da igreja

A vocação da igreja é ocupar-se com Deus e com o mundo. Deus constituiu sua igreja para ser uma comunidade de adoração e de testemunho.

(1967e:59)

631. Exaltação cristã

A exaltação cristã em Deus inicia-se com o reconhecimento acanhado de que não temos nenhuma reivindicação a fazer a ele, continua com a adoração em meditação sobre o fato de Cristo ter morrido por nós enquanto ainda éramos seus inimigos, e termina com a humilde confiança de que ele completará o trabalho por ele mesmo iniciado. Assim, exultar em Deus é regozijar-se, não em nossos privilégios, mas em suas misericórdias; não em nós o possuímos, mas na certeza de que ele nos possui.

(1994:147)

632. Adoração e Escrituras

A igreja precisa constantemente escutar a Palavra de Deus. Daí o local central que a pregação ocupa na adoração pública. Pregar não é uma intrusão nessa adoração; antes, é algo indispensável a ela. Pois a adoração a Deus é sempre uma resposta à Palavra do Senhor.

(1982a:57)

633. Uma religião da Palavra

A pregação é indispensável para o cristianismo. Sem a pregação, ele perde algo necessário que lhe confere autoridade. Isso porque o cristianismo é, essencialmente, uma religião da Palavra de Deus... Essa relação trinitária do Pai, do Filho e do Espírito Santo, que falam mediante a Palavra de Deus, bíblica, encarnada e contemporânea, é fundamental para a religião cristã. É a fala de Deus que torna necessária a nossa fala. Devemos transmitir aquilo que ele tem falado.

(2003:15,16)

634. A natureza da exposição

A pregação cristã se orgulha de ventilar as opiniões humanas. Ela é a exposição humilde da Palavra de Deus. Os expositores

bíblicos retiram das Escrituras o que ali está; eles se recusam a introduzir no texto o que não está ali. Esmiúçam o que parece vedado, tornam claro o que parece obscuro, desembaraçam o que parece intrincado e desdobram o que está cerrado. Na pregação expositiva, o texto bíblico não é uma introdução convencional a um sermão em um tópico grandemente diferente, nem um prendedor em que se podem pendurar os retalhos de vários pensamentos; mas a Bíblia é o mestre que dita e controla o que é dito. (1981d)

635. Uma ponte para a verdade

O pregador expositivo é construtor de pontes, que busca transpor o abismo entre a Palavra de Deus e a mente do homem. Ele deve dar o seu melhor para interpretar as Escrituras de forma precisa e clara, bem como para aplicá-las tão rigorosamente que a verdade atravessasse a ponte.

(1961:25)

636. O verdadeiro segredo

O verdadeiro segredo da pregação expositiva não é dominar certas técnicas, mas ser dominado por certas convicções.

(1978e:159)

637. Estudo e púlpito

Alguém pode argumentar: “Não é preciso que eu me prepare antes da pregação. Confiarei no Espírito Santo para que ele me dê as palavras certas. Jesus mesmo prometeu que ele nos daria naquela hora o que deveríamos dizer”. Essa palavra soa bastante plausível, até que nos lembremos que uma citação equivocada das Escrituras é jogo do Diabo. Jesus estava se referindo à hora da perseguição, e não à da proclamação; e ao prisioneiro diante de um tribunal, e não ao púlpito de uma igreja. Confiar no Espírito

Santo não significa poupar-nos da preocupação com a preparação. O Espírito Santo pode realmente nos dar a Palavra, se formos repentinamente chamados a falar, sem que haja qualquer oportunidade de nos preparar para isso. Mas o Senhor também pode clarificar e direcionar nosso pensamento em nosso estudo. Na verdade, a experiência sugere que ele faz melhor trabalho no estudo que no púlpito.

(1975c:126)

638. O coração preparado

Não há nada de que o pregador mais precise do que conhecer a Deus. Não me importo com sua falta de eloquência e talento artístico, com seu discurso mal construído ou sua mensagem pobremente enunciada, se apenas ficar evidente que Deus é uma realidade para ele e que ele aprendeu a permanecer em Cristo. A preparação do coração é de muito mais importância que a preparação do sermão. As palavras do pregador não soarão como verdade, por mais claras e vigorosas que sejam, a não ser que ele fale com a convicção que nasce da experiência.

(1961:68)

639. A centelha da autenticidade

Parece-me que alguém pode separar a novidade da experiência espiritual como a primeira qualidade indispensável do pregador eficaz. Nem todas as técnicas de homilética podem compensar a ausência de um caminhar pessoal com Deus e próximo a ele. A não ser que haja uma nova canção em nossos lábios, até mesmo o mais brilhante dos sermões não terá a centelha da autenticidade.

(1986b:xxix)

640. A necessidade de ouvir

Os melhores pregadores sempre são pastores diligentes, que conhecem as pessoas de seu bairro e de sua congregação,

e que compreendem o cenário humano com toda a sua dor e prazer, glória e tragédia. E o modo mais rápido de conquistar semelhante entendimento é fechar a boca (tarefa difícil para os pregadores compulsivos) e abrir os olhos e os ouvidos. Tem sido dito, de modo sábio, que Deus nos deu dois ouvidos e dois olhos, mas somente uma boca, de modo que sua intenção óbvia é que olhemos e escutemos duas vezes mais do que falamos.

(2003:205)

641. “Ele nos compreende”

O amor ajudará o pregador a ser compreensivo em sua abordagem, não só porque, desse modo, ele se dará ao trabalho de conhecer seu povo e seus problemas, mas também porque estará mais bem capacitado para avaliá-los quando os conhecer bem. O amor tem uma faculdade intuitiva bastante estranha. Jesus, nosso Senhor, era perfeito em relação a isso. Diz-se de nosso Salvador, vez após vez, que ele conhecia os pensamentos das pessoas. O apóstolo João, realmente, escreveu: “... conhecia a todos. Não precisava que ninguém lhe desse testemunho a respeito do homem, pois ele bem sabia o que havia no homem” (Jo 2.24,25). Os homens sentiam intuitivamente que ele os compreendia. Ele tinha grande *kardiognōstēs*, ou conhecimento do coração, aquele que sonda “a mente e o coração”, e devemos buscar com ele as inspirações para ser assim e fazer o mesmo. O amor, o cuidado abnegado que anseia por compreender e, portanto, por ajudar, é um dos maiores segredos da comunicação. Apenas quando o pregador ama seu povo é que este pode dizer isto a respeito dele: “Ele nos compreende”.

(1961:79)

642. Autoridade e humildade

É por essa razão que não é aconselhável dizer: “Assim diz o Senhor” (já que não possuímos a autoridade de um profeta

inspirado do AT), nem declarar: “Eu digo a vocês” (uma vez que não possuímos a autoridade de Jesus Cristo e dos apóstolos dele); ao contrário, devemos, na maior parte do tempo, empregar o pronome “nós”. Pois assim deixaremos claro que nada pregamos aos outros que não pregamos também, e em primeiro lugar, a nós mesmos, e que a autoridade e a humildade não são mutuamente excludentes.

(2003:61)

643. Texto e pretexto

Embora não haja, estritamente falando, profetas nem apóstolos hoje em dia, temo que haja falsos profetas e falsos apóstolos. Eles falam suas próprias palavras, em vez de falar a Palavra de Deus. A mensagem deles origina-se em sua própria mente. Esses são os homens que gostam de ventilar suas próprias opiniões sobre religião, ética, teologia ou política. Podem ser bastante convencionais na apresentação do sermão com o texto das Escrituras, mas o texto tem pouca ou nenhuma relação com o sermão que vem a seguir e, muito menos, com qualquer tentativa de interpretar o texto em seu contexto. Já foi dito, acertadamente, que um texto sem seu contexto é um pretexto.

(1961:13)

644. O critério da saúde

A saúde de toda congregação depende, mais que qualquer coisa, da qualidade de seu ministério de pregação.

(1982a:62)

645. Santidade e humildade

Quais são as condições nas quais os pregadores podem esperar ser veículos do poder divino? Devemos ser fiéis ao lidar com a Palavra de Deus, expondo as Escrituras e pregando a cruz, pois há

poder na Palavra de Deus e na cruz de Cristo. Mas como podemos nos tornar canais do poder do Espírito Santo? Como a promessa de João, de que de nosso interior brotaria "... uma fonte de água a jorrar para a vida eterna" (Jo 4.14), pode ser cumprida na vida de outras pessoas? Creio que há duas condições essenciais: santidade e humildade.

(1961:107)

646. A glória da pregação

Tenho pena do pregador que sobe ao púlpito sem a Bíblia nas mãos, ou com uma Bíblia que não passa de retalhos e fragmentos da Palavra de Deus. Ele não pode expor as Escrituras, porque não tem Escritura para expor. Ele não pode falar, porque não tem nada que valha a pena falar. No entanto, subir ao púlpito com a confiança de que Deus falou, fez que suas palavras fossem escritas e que temos esse texto inspirado em nossas mãos — ah! —, assim, com a completa glória de termos a Palavra de Deus nas mãos e nos lábios, nossa mente começa a navegar, nosso coração, a bater, nosso sangue, a pulsar, e nossos olhos, a faiscar.

(1992b:210)

647. Pregação e adoração

A Palavra e a adoração, portanto, pertencem indissolivelmente uma à outra. Toda adoração é uma reação favorável, inteligente e amorosa à revelação de Deus, porque é a adoração do seu Nome. É impossível, portanto, adoração aceitável sem pregação. Isso porque a pregação é tornar conhecido o Nome do Senhor, e a adoração é louvar o Nome do Senhor assim revelado. A leitura e a pregação da Palavra, longe de serem intrusão estranha na adoração, são realmente indispensáveis a esta. Não pode haver divórcio entre elas. E, realmente, é o divórcio entre elas, contrário à natureza, que explica o baixo nível de boa parte

da adoração contemporânea. Nossa adoração é fraca porque nossos conhecimentos de Deus são fracos, e nossos conhecimentos de Deus são fracos porque nossa pregação é fraca. Quando, porém, a Palavra de Deus é exposta em sua plenitude, e a congregação começa a ter um vislumbre da glória do Deus vivo, todos se curvam em reverente temor solene e admiração jubilosa diante de seu trono. É a pregação que realiza isso — a proclamação da Palavra de Deus no poder do Espírito de Deus. É por isso que a pregação é incomparável e insubstituível.

(2003:88,89)

648. Forma e liberdade

A adoração pública é uma parte vital da vida da igreja local. É até mesmo essencial para sua identidade. Contudo, para prestigiar os cultos de adoração “espontâneos”, estes, com frequência, perdem tanto em conteúdo quanto em forma, e assim tornam-se desleixados, descuidados, irreverentes ou mortos. Muitas igrejas podem dispor de mais tempo para a preparação de sua adoração e dedicar-se mais a isso. É um engano imaginar que a liberdade e a forma excluem uma à outra, ou que o Espírito Santo seja o amigo da liberdade de tal modo que seja inimigo da forma.

(1991d:124)

649. Louvor incondicional?

Ganha popularidade em alguns círculos cristãos a estranha noção de que o maior segredo da liberdade e vitória cristãs é o louvor incondicional; de que um marido deve louvar a Deus pelo adultério da esposa, e a esposa, pelo alcoolismo do marido; e que até mesmo as calamidades mais assustadoras da vida devem se tornar motivo de gratidão e louvor. Essa sugestão é, na melhor das hipóteses, uma perigosa meia-verdade, e, na pior das hipóteses, algo ridículo ou até mesmo blasfemo. Obviamente, os filhos

de Deus aprendem a não argumentar com ele em seu sofrimento, mas a confiar nele e, realmente, ser-lhe grato por sua amorosa providência, por meio da qual ele pode transformar até mesmo um mal em algum propósito bom (e.g., Rm 8.28). Mas isso é louvar a Deus por ele ser Deus, e não louvá-lo pelo mal. Fazer isso seria reagir de forma insensível à dor das pessoas (quando as Escrituras nos dizem que devemos chorar com os que choram) e até mesmo desculpar e encorajar o mal (quando as Escrituras nos dizem que devemos odiá-lo e resistir ao Demônio). Deus abomina o mal, e não podemos louvá-lo nem render-lhe graças por aquilo que ele abomina.

(1979e:207)

650. Perda de uma dimensão

Alguns de nossos cultos são muito formais, reverentes e mortos. Ao mesmo tempo, em algumas reuniões modernas, a quase total perda da dimensão da reverência incomoda-me. Parece que alguns partem do pressuposto de que a principal evidência da presença do Espírito Santo é o barulho. Será que nos esquecemos que a pomba é tanto um emblema do Espírito Santo quanto o vento e o fogo também o são? Quando ele visita seu povo em poder, algumas vezes traz a quietude, o silêncio, a reverência e o maravilhamento. Sua voz calma e suave pode ser ouvida. Os homens prostram-se e ficam em adoração maravilhados diante da majestade do Deus vivo. “ ‘O SENHOR, porém, está em seu santo templo; diante dele fique em silêncio toda a terra’ ” (Hc 2.20).

(1975a:39)

651. Coração e mente

A primeira característica da adoração do coração é que ela é racional; a mente está totalmente envolvida nessa adoração. Pois, nas Escrituras, o “coração” não equivale apenas às emoções, como

geralmente é comum na linguagem de hoje. No pensamento bíblico, o “coração” é o centro da personalidade humana, e é usado habitualmente de tal forma que a mente é mais enfatizada que as emoções. Assim, a exortação em Provérbios 23.26 — “Meu filho, dê-me o seu coração” — tem sido, com frequência, interpretada como uma súplica por nosso amor e devoção. Essa exortação serviu como um texto bastante conveniente para muitos sermões sobre o discipulado de todo o coração. Contudo, na realidade, essa é uma ordem para escutar, para prestar atenção, para sentar-se e tomar conhecimento; um apelo mais para a concentração do que para a consagração.

(1970b:162)

652. Escrituras e sacramento

Deus fala a seu povo por meio de sua Palavra, tanto quando ela é lida e exposta quanto quando ela é dramatizada nos dois sacramentos do evangelho: o batismo e a ceia. Talvez “palavra e sacramento” não seja a melhor forma de unir essas duas idéias nem a mais precisa, embora seja a mais comum. Pois, estritamente falando, o sacramento em si é uma palavra, uma “palavra visível”, de acordo com Agostinho. O que mais edifica a igreja é o ministério da Palavra de Deus, como ela chega até nós, isto é, por intermédio das Escrituras e do sacramento (e essa é a união correta), de forma audível e visível em declaração e drama.

(1990b:321)

653. Sermão e sacramento

Estritamente falando, os sacramentos não são em si mesmos uma forma de adoração, da mesma forma que o sermão não é adoração. Sermão e sacramento caminham na direção do homem, e não na de Deus. Eles apresentam — um de forma audível, e o outro de forma visível — a glória da graça de Deus na salvação dos pecadores. Assim, embora não sejam em si mesmos

atos de adoração, eles levam à adoração — a adoração do Deus que deu a si mesmo por seu povo na Antiguidade e dá-se a si mesmo a ele hoje.

(1970b:164)

654. O olho e o ouvido

Tanto a Palavra quanto o sacramento dão testemunho de Cristo. Eles prometem salvação em Cristo e nos capacitam a alimentarmos de Cristo em nosso coração. A diferença principal entre eles é que a mensagem do sacramento é dirigida ao olho, e a da Palavra, ao ouvido. Os sacramentos, portanto, precisam da Palavra a fim de interpretá-los. O ministério da Palavra e do sacramento é um único ministério, pois a Palavra proclama as promessas de Deus, e os sacramentos as dramatizam. No entanto, a Palavra é primária, visto que, sem ela, o sinal fica obscuro quanto ao seu significado, até mesmo mudo.

(2003:120,121)

655. Sinais e promessas

Os sacramentos dramatizam a salvação e, em si mesmos, não a concedem automaticamente. Agostinho chamava os sacramentos de *verba visibilia*, “palavras visíveis”, e Hooker chamava-os de “sinais aos quais estão anexadas as promessas”. Portanto, não é apenas pela simples administração exterior da água no batismo que somos limpos e recebemos o Espírito, nem pelo mero dom do pão e do vinho na ceia que nos alimentamos do Cristo crucificado; mas pela fé nas promessas de Deus, as quais são expressas visivelmente dessa forma, a fé que em si mesma deve servir para ilustrar nossa aceitação, humilde e crédula, desses sinais. Mas não precisamos confundir os sinais com as promessas que eles representam. É possível receber o sinal sem receber a promessa, e receber a promessa independentemente de receber o sinal.

(1970b:121)

656. Batismo em Cristo

O batismo representa nossa união com Cristo, especialmente com o Cristo crucificado e ressurreto. Ele tem outros significados, como o de limpar-nos do pecado e como o dom do Espírito Santo; mas seu significado essencial é que ele nos une a Cristo. Daí a utilização da preposição grega *eis* — “para dentro”. É verdade que, na instituição do batismo, foi dito que ele deveria ser ministrado no nome único do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Mt 28.19). Outro texto, entretanto, diz que ele deve ser realizado “... em nome do Senhor Jesus” (At 8.16; 19.5) ou simplesmente “... em Cristo” (Gl 3.27; Rm 6.3). Ser batizado em Cristo significa entrar em relacionamento com ele.

(1994:173)

657. Batismo, a doutrina evangélica

O clérigo evangélico afirma que sua doutrina do batismo é *a doutrina bíblica*. De qualquer modo, ele não poderia vislumbrar a existência de uma doutrina *evangélica* de batismo distinta da doutrina *bíblica*; uma vez que sua preocupação básica é compreender a doutrina bíblica e conformar seu pensamento e sua prática a ela. Se a assim chamada doutrina “evangélica” do batismo for demonstrada como uma doutrina não-bíblica, o clérigo evangélico está pronto a abandoná-la a favor de qualquer outra doutrina que possa ser demonstrada como mais bíblica... Suponho que todos nós concordamos com a definição de sacramento dado no catecismo: “O batismo é o sacramento no qual o lavar com água em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo significa e sela a nossa união com Cristo, a participação das bênçãos do pacto da graça, e a promessa de pertencermos ao Senhor”. É o sinal exterior e visível de uma graça espiritual e interna que nos foi dada.

O ponto de vista evangélico é que o sinal não apenas representa o dom, mas sela ou garante esse dom; e o garante de tal forma que transmite não o dom em si mesmo, mas o título do dom

— a pessoa batizada recebendo o dom (assim selada com ele) *pela fé*, que pode acontecer antes, durante ou depois da administração do sacramento.

(1963:87)

658. Recipientes da graça de Deus

O movimento primário que os sacramentos do evangelho envolvem é de Deus para o homem, e não do homem para Deus. A aplicação da água no batismo representa a purificação do pecado e o derramamento do Espírito (se ministrado por aspersão) ou a participação na morte e ressurreição de Cristo (se feito por imersão) ou ambos. Não nos batizamos a nós mesmos. Submetemo-nos ao batismo, e o ato simboliza a obra salvadora de Cristo por nós. Na ceia do Senhor, de igual modo, a essência do drama consiste em tomar, abençoar, partir e distribuir o pão, e tomar, abençoar, servir e distribuir o vinho. Não administramos (ou não deveríamos administrar) os elementos a nós mesmos. Eles nos são dados; nós os recebemos. E, assim como comemos o pão e bebemos o vinho fisicamente, da mesma forma espiritualmente, pela fé, alimentamo-nos do Cristo crucificado em nosso coração. Assim, nos dois sacramentos, somos mais ou menos passivos, receptores, e não doadores; beneficiários, e não benfeitores.

(1991a:235)

659. Nosso oferecimento e o de Cristo

Os autores do NT jamais expressaram o conceito de que a nossa oferta fosse unida à de Cristo. O que realmente devemos fazer é exortar-nos a dar-nos a nós mesmos (como sacrifício) em obediência amorosa a Deus, de três modos. Primeiro, “como” Cristo: “... vivam em amor, como também Cristo nos amou e se entregou por nós como oferta e sacrifício de aroma agradável a Deus” (Ef 5.2). A auto-oferta de Cristo deve ser o modelo da nossa.

Segundo, os sacrifícios espirituais que oferecemos a Deus devem ser oferecidos “por meio” de Cristo (1Pe 2.5), nosso Salvador e Mediador. Visto que todos estão manchados com a centralização do ego, é somente por meio dele que se tornam aceitáveis.

Terceiro, devemos dar a nós mesmos em sacrifício “por” Cristo ou “para” ele, constrangidos, por seu amor, a viver somente para ele a nova vida extraída da morte que ele nos deu (2Co 5.14,15). Assim, devemos oferecer-nos a nós mesmos “como” Cristo, “por meio” dele e “para” ele. São essas as preposições que o NT usa; ele jamais sugere que nossas ofertas possam ser feitas “em” Cristo ou “com” ele.

(1991a:245,246)

660. Sacrifícios espirituais

A singularidade do sacrifício de Cristo não significa, pois, que não temos sacrifícios a oferecer, mas somente que a natureza deles e o seu propósito são diferentes. Não são materiais, mas espirituais, e seu objetivo não é propiciatório, mas eucarístico, a expressão de uma gratidão responsiva. É esse o segundo apoio bíblico da posição de Cranmer. O NT descreve a Igreja como uma comunidade sacerdotal, um “sacerdócio santo” e um “sacerdócio real”, do qual todos os filhos de Deus partilham igualmente como sacerdotes. É esse o famoso “sacerdócio dos crentes”, ao qual os reformadores deram grande ênfase. Em consequência desse sacerdócio universal, o NT jamais aplica a palavra “sacerdote” (*hiereus*) ao ministro ordenado, visto que ele partilha do oferecimento da oferta do povo, mas não possui oferta distintiva que seja diferente da deles.

(1991a:239)

661. Justificação e a ceia do Senhor

Por serem teólogos coerentes, os reformadores ingleses tinham resolvido que a doutrina da justificação e a doutrina da ceia do Senhor que eram por eles apresentadas deveriam ser compatíveis

uma com a outra. Eles negaram exaustivamente a transubstanciação (“a mudança não é na natureza, mas na dignidade” — Latimer), a presença real de Cristo nos elementos (“seu verdadeiro corpo está genuinamente presente para eles que o recebem de forma verdadeira, mas espiritualmente” — Cranmer), e a noção de que a missa poderia ser um sacrifício propiciatório (pois assim “esse sacramento assume a missão da paixão de Cristo, por meio do qual pode-se concluir que Cristo morreu em vão” — Ridley). Eles também foram coerentes (como também devemos ser) em relação ao vocabulário e acreditavam que o presbítero é um ministro que serve a ceia sacramental em uma mesa, e não um padre que oferece um sacrifício em um altar.

(1983c:xiv)

662. Transignificação

Os sacramentos nos foram dados a fim de estimular nossa fé. Na verdade, eles são meios de graça, principalmente porque são meios para fé. E a ceia do Senhor é um meio para fé, porque apresenta um simbolismo visual dramático das boas-novas de que Cristo morreu por nossos pecados para que pudéssemos ser perdoados. Hugh Latimer, o grande pregador da Reforma inglesa, explicou esse simbolismo em seu julgamento em Oxford, antes de ir para a fogueira.

Há uma mudança no pão e no vinho, e essa mudança nenhum poder pode efetuar, exceto o do Deus onipotente, pois aquilo que antes era pão deve ter agora dignidade de exibir o corpo de Cristo. Contudo, o pão é ainda pão, e o vinho é ainda vinho. Pois a mudança não é de natureza, mas de dignidade.

Algumas vezes, isso é chamado de “transignificação”, em distinção à “transubstanciação”, pois a mudança que se tem em mente é de significado, e não de substância. À medida que o celebrante

oferece o pão e o vinho ao nosso corpo, Cristo oferece seu corpo e sangue à nossa alma. Nossa fé vislumbra, além dos símbolos, a realidade que eles representam, e, até mesmo, quando tomamos o pão e o vinho e os colocamos em nossa boca para comer e beber, também nos alimentamos pela fé no Cristo crucificado em nosso coração. O paralelo é muito surpreendente, e as palavras correspondentes para a administração são muito pessoais, de forma que esse momento de recepção se torna, para muitos comungantes, um encontro de fé diretamente com Jesus Cristo.

(1991e:134)

663. Nossa participação

Participamos no sacrifício de Cristo apenas com o significado de que compartilhamos os benefícios dele, não denotando que compartilhamos a oferta dele.

(1991e:138)

664. A imagem de um cristão

Confesso que amo ver um comungante ajoelhar-se no genuflexório. Essa é uma imagem suave de um cristão: não é a imagem de um soldado brandindo a espada, nem de um atleta tirando o agasalho para a corrida, nem de um agricultor enfrentando corajosamente o vento e a chuva, com suas mãos no arado sem olhar para trás — embora todas essas figuras sejam verdadeiras. Mas amo a visão de um pecador penitente, de joelhos, com a cabeça inclinada, os olhos semicerrados, e as mãos vazias, mas abertas, e levantadas para receber a dádiva.

(1970b:131)

665. Adoração e missão

A adoração que não gera missão é hipocrisia. Não podemos aclamar o valor de Deus se não tivermos o desejo de proclamá-lo.

(1967e:28)

Ministros e ministério

666. A Igreja de Deus

Ao delegar seu cuidado pela Igreja ou a sua supervisão aos homens, ou disciplinando-a por meio deles, Deus, ele próprio, não a abandona. Ele criou a Igreja, comprou-a, é proprietário dela e supervisiona essa sua Igreja. Esta continua a ser um novo Israel, a herança de Deus, o rebanho de Deus, o povo de Deus.

(1966a:11)

667. Guardiões e mensageiros

Paulo afirmou categoricamente que sua mensagem era proveniente de Deus, e que “seu” evangelho era, na verdade, o evangelho “de Deus”. Ele não o inventou. Ele era apenas o mordomo encarregado dele e um mensageiro comissionado para proclamá-lo. Acima de tudo, ele tinha de ser fiel.

Todo ministério cristão autêntico começa aqui, com a convicção de que fomos chamados, como guardiões e mensageiros do Senhor, para lidar com a Palavra de Deus. Não podemos nos satisfazer com “os rumores de Deus” como um substituto para

“as boas-novas de Deus”. Pois, conforme João Calvino apresenta essa idéia, “o evangelho está tão distante das conjecturas quanto o céu está distante da terra”.¹ Obviamente, não somos apóstolos de Cristo, como Paulo o foi. Mas acreditamos que o ensino dos apóstolos foi preservado no NT e que agora este nos foi legado em sua forma definitiva. Somos, portanto, curadores dessa fé apostólica, que é a Palavra de Deus, que trabalha poderosamente naqueles que acreditam nela. Nossa tarefa é preservá-la, estudá-la, expô-la e obedecer a ela.

(1991d:68)

668. Nenhum outro Cristo

Pusemos nossa confiança em Cristo e fizemos isso por meio do ensino dos apóstolos. Se os apóstolos não tivessem dado seu testemunho único sobre Jesus Cristo, e se esse testemunho único dado por eles, e em primeira mão, não tivesse sido registrado e preservado no NT, jamais poderíamos acreditar em Jesus. É verdade que chegamos provavelmente a crer nele por meio do testemunho de alguns cristãos contemporâneos — um pregador, um parente ou um amigo —, mas o testemunho destes foi secundário, um endosso da experiência pessoal que se encontra nos testemunhos dos apóstolos. O Cristo que essas pessoas contemporâneas testemunham é o Cristo dos apóstolos, o Cristo do testemunho do NT. Não há outro.

(1971b:82)

669. Três significados de “apóstolo”

A palavra “apóstolo” tem três significados principais no NT. Apenas uma vez parece ser aplicada a todos os indivíduos

¹John CALVIN. *The Epistles of Paul the Apostle to the Romans and to the Thessalonians*. Trad. Ross Mackenzie. Oliver and Boyd, 1961, p. 347.

cristãos, quando Jesus diz: “... nenhum escravo é maior do que o seu senhor, como também nenhum mensageiro [*apostolos*] é maior do que aquele que o enviou” (Jo 13.16). Assim, todo cristão é tanto um servo quanto um apóstolo. O verbo *apostellō* significa “enviar”, e todo povo cristão é enviado ao mundo como embaixador e testemunha de Cristo, para participar da missão apostólica de toda a Igreja.

Segundo, há “apóstolos das igrejas”, mensageiros enviados pela Igreja como missionários ou para fazer outra tarefa. E terceiro, havia os “apóstolos de Cristo”, um grupo muito pequeno e particular, o qual consistia nos Doze (até mesmo Matias, que substituiu Judas), Paulo e Tiago, o irmão de Jesus, e possivelmente um ou dois outros mais. Eles foram pessoalmente escolhidos e autorizados por Jesus e tinham de testemunhar do Senhor ressurreto.

(1979e:160)

670. Uma singularidade quádrupla

Os apóstolos de Jesus parecem ter uma singularidade quádrupla. Primeiro, receberam o chamado pessoal de Jesus e foram autorizados pelo Senhor. Isso fica claro no caso dos Doze, e Paulo afirmava ter algo comparável com isso. Ele declarou veementemente sua autoridade apostólica e a defendeu, insistindo que recebera sua comissão para ser um apóstolo “... não da parte de homens nem por meio de pessoa alguma, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai, que o ressuscitou dos mortos” (Gl 1.1)...

Segundo, eles tiveram uma experiência com Jesus e foram testemunhas oculares dele. Os Doze foram designados, conforme Marcos diz, “... para que estivessem com ele, os enviasse a pregar” (3.14). O verbo “enviar” é novamente *apostellein*, e a qualificação essencial deles para o trabalho de apostolado era estar “com ele”. De modo similar, pouco antes de sua morte, Jesus lhes disse:

“ ‘E vocês também testemunharão, pois estão comigo desde o princípio’ ” (Jo 15.27).

Em terceiro lugar, eles tiveram uma inspiração extraordinária do Espírito Santo. Vimos [no capítulo anterior] que o privilégio de o Espírito Santo habitar em nós e nos iluminar é de todos os filhos de Deus. Esse privilégio não se restringiu aos apóstolos. No entanto, o ministério do Espírito, que Deus prometeu aos apóstolos, era algo único, conforme deve ficar claro com estas palavras:

Tudo isso lhes tenho dito enquanto ainda estou com vocês. Mas o Conselheiro, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, lhes ensinará todas as coisas e lhes fará lembrar tudo o que eu lhes disse...

Tenho ainda muito que lhes dizer, mas vocês não o podem suportar agora. Mas quando o Espírito da verdade vier, ele os guiará a toda a verdade (Jo 14.25,26; 16.12,13).

Em quarto lugar, eles tinham o poder de operar milagres. O livro de Atos é corretamente intitulado de “Atos dos Apóstolos”, e Paulo afirma que “sinais, maravilhas e milagres” que ele realizou são as “... marcas de um apóstolo” (2Co 12.12). Além disso, o propósito do poder miraculoso dado aos apóstolos era para autenticar a comissão e a mensagem apostólicas dele...

Essas são as quatro maneiras pelas quais os apóstolos parecem ter sido únicos.

(1984d:149,150)

671. Uma autoridade única

É extremamente importante recuperar hoje uma compreensão da autoridade única dos apóstolos de Cristo. Pois não há apóstolos na Igreja contemporânea. Certamente, há missionários e líderes de igreja dos mais distintos tipos, cujos ministérios podem

ser descritos como “apostólicos”, mas não há apóstolo como os Doze e Paulo, testemunhas oculares do Senhor ressurreto.

(1982a:32)

672. O testemunho único

O que sustentamos, portanto, é isto: o testemunho dos apóstolos sobre Cristo foi preciso (não distorcido), autorizado por Cristo (não pela Igreja), e único (irrepetível). Hoje, a Igreja precisa afirmar não apenas a singularidade de Cristo, mas também o testemunho apostólico a respeito de Cristo. Não sabemos nada de Cristo, a não ser aquilo que os apóstolos nos transmitiram. Não podemos reconhecer Cristo nem alcançá-lo de outra forma, exceto por intermédio dos apóstolos. É por meio do testemunho deles que viemos a crer em Cristo e, desse modo, receber vida em seu nome.

(1967b:58)

673. Autoridade em tudo

A autoridade de um apóstolo não cessa quando ele começa a ensinar verdades impopulares. Não podemos ser seletivos em nossa leitura da doutrina apostólica do NT. Não podemos defender um apóstolo, quando gostamos do que ele ensina, como se ele fosse um anjo, nem podemos odiá-lo e rejeitá-lo, quando não gostamos do que ele ensina, como se fosse um inimigo. Não, os apóstolos de Jesus têm autoridade em tudo que ensinam, quer gostemos de seus ensinados quer não.

(1968c:115)

674. O início da supervisão pastoral

Embora nenhuma ordem ministerial fixa tenha sido apresentada no NT, alguma forma de supervisão pastoral (*episkopē*), indubitavelmente adaptada às necessidades locais, é considerada

indispensável para a saúde da igreja. Observamos que essa supervisão é tanto local quanto plural — local porque os presbíteros foram escolhidos dentro da congregação, e não impostos de fora; e plural, pois o padrão moderno mais conhecido de “um pastor, uma igreja” era totalmente desconhecido. Ao contrário, eles tinham uma equipe pastoral, que provavelmente incluía (dependendo do tamanho da igreja) ministros de tempo integral e de tempo parcial, trabalhadores pagos e voluntários, presbíteros, diáconos e diaconisas. Paulo deixou por escrito posteriormente a qualificação exigida (1Tm 3; Tt 1). Esses eram principalmente assuntos que diziam respeito à integridade moral, mas a lealdade ao ensino dos apóstolos e o dom para o ensino eram também essenciais (Tt 1.9; 1Tm 3.2). Assim, os pastores cuidariam do rebanho de Cristo, alimentando esse rebanho, ou, em outras palavras, cuidando desse rebanho por meio do ensino.

(1990b:236)

675. Dom e ofício

A ordenação ao ministério pastoral de qualquer igreja deve significar pelo menos (1) o reconhecimento público de que Deus chamou e deu dons à pessoa em questão; (2) a autorização pública, com oração, dessa pessoa para obedecer ao chamado e exercitar o dom, bem como para possibilitar que a graça do Espírito Santo atue por seu intermédio. Não podemos separar o que Deus uniu. De um lado, a igreja deve reconhecer os dons que Deus concedeu às pessoas, bem como autorizar publicamente essas pessoas e também encorajá-las a exercer o ministério. De outro lado, o NT nunca considera a situação grotesca na qual a igreja comissiona e autoriza pessoas a exercerem um ministério para o qual lhes faltam tanto o chamado divino quanto a capacitação divina. Não, dom e ofício, capacitação divina e comissionamento eclesiástico, caminham de mãos dadas.

(1979e:165)

676. O pastor cristão

O pastor é basicamente um mestre. Essa é a razão pela qual duas qualificações para o presbitério são selecionadas nas cartas pastorais. Primeiro, o candidato deve ser "... apto para ensinar" (1Tm 3.2). Segundo, deve apegar-se "... firmemente à mensagem fiel, da maneira como foi ensinada, para que seja capaz de encorajar outros pela sã doutrina e de refutar os que se opõem a ela" (Tt 1.9). Essas duas qualificações caminham de mãos dadas. Os pastores têm de ser leais ao ensino apostólico (o *didachē*) e têm de possuir o dom de ensinar (*didaktikos*). E, quer ensinem uma multidão (ou grupo), quer uma congregação, quer um indivíduo (Jesus ensinou nesses três contextos), o que distingue a obra pastoral é que ela é sempre um ministério da Palavra.

(1992b:286)

677. Uma tarefa dupla

Os pastores do rebanho de Cristo têm uma tarefa dupla: alimentar as ovelhas (ao ensinar a verdade) e protegê-las dos lobos (ao adverti-las do erro). Conforme Paulo explica a Tito, os presbíteros devem apegar-se firmemente à palavra conforme o ensino apostólico, de forma que sejam capazes "... de encorajar outros pela sã doutrina e de refutar os que se opõem a ela" (Tt 1.9). Essa ênfase é impopular hoje em dia. Dizem-nos, com freqüência, que devemos ser sempre positivos em nosso ensinamento, sem jamais ser negativos. Mas aqueles que dizem isso ou têm de ler o NT ou, após tê-lo lido, discordam dele. Pois o Senhor Jesus e seus apóstolos refutam os erros e incitam-nos a fazer o mesmo. É possível até imaginar se o negligenciar dessa obrigação é a maior causa da confusão teológica de hoje. Se, quando o falso ensinamento aparece, os líderes cristãos sentam-se ociosamente e não fazem nada, ou dão as costas e batem em retirada, ganham o terrível epíteto de "assalariados" que não cuidam do rebanho de Cristo (Jo 10.12ss). Assim, isso também será dito dos cristãos, como

também foi dito de Israel, que eles foram dispersos “... ‘porque não há pastor algum’ ” e, quando foram dispersos, “... ‘se tornaram comida de todos os animais selvagens’ ” (Ez 34.5).

(1990b:328)

678. Lealdade à mensagem apostólica

A atitude da congregação em relação a seus ministros deve ser determinada pela lealdade deles em relação à mensagem apostólica. Nenhum ministro, por mais alta que seja sua posição na igreja visível, é apóstolo de Jesus Cristo. No entanto, se ele é fiel ao ensino que os apóstolos nos deixaram, uma congregação piedosa receberá humildemente a mensagem dele e se submeterá a ela. Essa congregação jamais se ressentirá desse ensino ou o rejeitará. Ao contrário, acolherá esse ensino até mesmo com a deferência que demonstraria a um anjo de Deus, a Cristo Jesus mesmo, porque reconhece que a mensagem do ministro não é a mensagem do ministro, mas a mensagem de Jesus Cristo.

(1968c:118)

679. A principal prioridade

A primeira coisa que precisa ser dita aos ministros cristãos de todos os tipos é que eles estão “abaixo” do povo (pois são servos desse povo), e não “acima” dele (como líder ou senhor desse povo). Jesus deixou isso absolutamente claro. A principal característica dos líderes cristãos, conforme o Senhor salientou muitas vezes, é a humildade, e não a autoridade; a gentileza, e não o poder.

(1991d:120)

680. O verdadeiro modelo

“Ministério” significa “serviço” — serviço inferior, humilde. É, portanto, particularmente perverso reverter isso para que seja

uma ocasião para gabar-se. Jesus, especificamente, distinguiu entre “governo” e “serviço”, “autoridade” e “ministério” e acrescentou que, embora governo e autoridade fossem características dos pagãos, ministério e serviço deveriam caracterizar seus servos:

Vocês sabem que aqueles que são considerados governantes das nações as dominam, e as pessoas importantes exercem poder sobre elas. Não será assim entre vocês. Ao contrário, quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo; e quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo de todos. Pois nem mesmo o Filho do homem veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos (Mc 10.42-45).

Assim, o ministro cristão deve tomar como exemplo não os gentios (ou os fariseus), que preferiam ser senhores, mas Cristo, que veio para servir.

Isso não é negar que alguma autoridade esteja vinculada ao ministério; antes, serve para definir o ministério e circunscrevê-lo. A autoridade é inerente ao ensino firme e ao exemplo sólido.

(1970b:195)

681. Os melhores mestres

Não existe nenhuma dúvida de que os melhores mestres em qualquer campo do conhecimento são os que permanecem na condição de estudantes a vida inteira.

(2003:191)

682. Aconselhamento cristão

O verdadeiro pastor é sempre um bom teólogo, e o que torna “cristão” um conselheiro pastoral é sua habilidade para aplicar a Palavra de Deus.

(1991d:115)

683. Episcopado: mais de uma forma

Qualquer que seja a defesa *histórica* para um episcopado monárquico particular, não há nenhuma autorização *bíblica* expressa para isso. O mais longe que podemos ir é dizer que há esboços disso no NT — do ofício sem o título — na supervisão mais ampla exercida por alguns apóstolos residentes em regiões específicas, como Tiago (se ele realmente foi um apóstolo), na Palestina, e João, na Ásia, bem como os delegados apostólicos como Timóteo, em Éfeso, e Tito, em Creta. Por conseguinte, o desenvolvimento posterior do episcopado monárquico pode ser também reconhecido como uma flor que cresceu de uma semente bíblica. Essa é, contudo, apenas uma forma de *episkopē*, e não é possível reafirmar que seja a única. O *episkopē* mais comum do NT era congregacional, e não diocesano; plural, e não monárquico.

(1966a:12)

684. O episcopado histórico

Os evangélicos anglicanos podem ter considerado o episcopado histórico como uma forma bíblica aceitável de *episkopē* (embora eles, de forma alguma, estivessem sempre em conformidade com as idéias escriturísticas sobre supervisão pastoral). Podem, também, valorizar isso como um símbolo de continuidade e como um foco de unidade da Igreja. Mas reconhecer seu valor potencial, como uma instituição nacional, é uma coisa; insistir nisso, como uma condição inegociável em relação a todas as outras igrejas, é outra coisa, totalmente distinta. Aqueles que assim procedem não apenas obstruem o avanço da Igreja para a unificação, mas infringem o princípio que o Senhor da Igreja deixou para nós. Estão ensinando um preceito de homens como se fosse doutrina. Falham, pois não submetem a tradição às Escrituras.

(1970b:89)

685. Sacerdote ou pastor?

Seria útil, ao mesmo tempo, recuperar para esses superintendentes a designação neotestamentária de “pastor”. “Ministro” é um termo confuso, que induz a engano por ser mais genérico que específico, e sempre, portanto, requer um adjetivo qualificador para indicar a que tipo de ministério se refere. “Sacerdote”, infelizmente, é uma palavra ambígua. Quem conhece a etimologia das palavras em inglês, sabe que *priest* (“sacerdote”) é uma simples contração de *presbyter* (“presbítero”), que significa “ancião”. Mas *priest* também é usado para traduzir a palavra grega *hiereus*, sacerdote sacrificante, que nunca é usada para ministros cristãos no NT. Chamar os clérigos de “sacerdotes” (por mais comum que seja essa prática nos círculos católicos romanos, luteranos e anglicanos) dá a falsa impressão de que o seu ministério se dirige primariamente a Deus, ao passo que o NT o retrata primariamente como dirigido à igreja. “Pastor”, portanto, permanece sendo o termo mais exato. A objeção de que a palavra se refere aos que “pastoreiam” os rebanhos ovinos nos campos, e que as ovelhas e os pastores são irrelevantes nas cidades hiperativas do século XX, pode ser mais bem refutada por meio da lembrança de que o Senhor Jesus se chamava “o Bom Pastor”, e que até mesmo os cristãos que habitam nas cidades sempre pensarão nele assim, e que seu ministério pastoral (com suas características de íntimo conhecimento, de sacrifício, de liderança, de proteção e de cuidado) continua sendo o modelo permanente para todos os pastores.

(2003:123,124)

686. Sacerdote ou presbítero?

Pode-se perguntar a razão pela qual algumas igrejas reformadas do século XVI retiveram a palavra “sacerdote” como uma designação para seus ministros; até mesmo a Igreja da Inglaterra. A resposta é basicamente etimológica. O termo inglês *priest* [sacerdote] deriva-se de “presbítero”, e é uma contração dessa palavra.

Ela, portanto, deve ser traduzida como *presbyteros* (“presbítero”, “ancião”), e não *hiereus* (*priest* [sacerdote]). O termo *priest* [sacerdote], portanto, foi mantido apenas porque seu significado era teologicamente irrepreensível, e porque “presbítero” não era ainda uma palavra de uso corrente na língua inglesa. Ao mesmo tempo, há evidência de que os reformadores teriam preferido a palavra “presbítero”, que não era ambígua, pois, conforme escreveu o professor Norman Sykes, “mesmo em questões de nomenclatura havia considerável concordância” entre eles.² Por exemplo, Calvino acusou em *As Institutas* que os bispos romanos por meio de sua ordenação não criaram “presbíteros para liderar e alimentar o povo, mas sacerdotes para realizar sacrifícios”.³ Na Inglaterra, Richard Hooker, em resposta aos puritanos que criticaram a retenção da palavra *priest* [sacerdote] no Livro de Oração, expressou uma clara preferência por “presbítero”, uma vez que, “na verdade, a palavra *presbyter* parece mais adequada, e, quanto à propriedade da fala, mais agradável que *priest* [sacerdote] e mais de acordo com todo o evangelho de Jesus Cristo”.⁴ Se isso era assim no fim do século XVI, é ainda muito mais no fim do século XX. Pois, hoje em dia, poucas pessoas sabem que *priest* [sacerdote] é uma contração de “presbítero”, e ainda menos pessoas são capazes de fazer a ginástica mental de, quando disserem *priest* [sacerdote], pensarem em “presbítero”. Seria útil tanto para a clareza teológica quanto para a fidelidade bíblica eliminar a palavra *priest* [sacerdote] totalmente do vocabulário eclesiástico da língua inglesa. Poderíamos, assim, seguir a sabedoria das igrejas unidas do sul da Índia, do norte da Índia e do Paquistão, e referir-nos às três ordens de ministros ordenados como “bispos, presbíteros e diáconos”.

(1992b:274)

²Norman SIKES. *Old Priest, New Presbyter*. Cambridge University Press, 1956, p. 43.

³CALVIN. *Institutes*, IV, v.4.

⁴Richard HOOKER. *Laws of Ecclesiastical Polity*, 1593-97, Livro V.lxxviii.3.

687. Pastores do rebanho de Cristo

Em Atos 20, os líderes aos quais Paulo se dirige são chamados de “presbíteros” (v. 17) e de “bispos” (v. 28a) para “pastorearem a igreja de Deus” (v. 28b), e fica evidente que esses termos se referem à mesma pessoa. “Pastores” é um termo genérico que descreve a função deles. Hoje em dia, em que há muita confusão sobre a natureza e o propósito do ministério pastoral, bem como muito questionamento sobre os clérigos serem basicamente assistentes sociais, psicoterapeutas, educadores, facilitadores ou administradores, é importante reabilitar o nobre termo “pastores”, que são aqueles que pastoreiam o rebanho de Cristo, os quais foram chamados para cuidar do rebanho do Senhor, alimentá-lo e protegê-lo. Essa responsabilidade pastoral sobre a congregação local parece ter sido compartilhada tanto pelos diáconos (embora em um papel de apoio) quanto por aqueles que são chamados ou de *presbyteroi* (presbíteros), uma palavra emprestada da sinagoga judaica, ou de *episkopoi* (bispos),⁵ uma palavra emprestada dos contextos gregos. Esses são com frequência — e acertadamente — denominados de “bispos-presbíteros”, a fim de indicar que, no período apostólico, os dois títulos referiam-se ao mesmo ofício. Naquela época, havia apenas “bispos-presbíteros e diáconos”. Aqueles de nós que pertencem às igrejas que são episcopalmente ordenadas, ou organizadas, e crêem que a ordem tripla (bispos, presbíteros e diáconos) pode ser defendida e recomendada com base nas Escrituras, não fundamentam seu argumento na palavra *episkopoi*, mas nas pessoas como Timóteo e Tito que, embora não fossem chamados de “bispos”, receberam a

⁵*episkopoi*: (ἐπίσκοπος, ου, ό) o uso no NT, em referência aos líderes, parece menos técnico do que uma tradução como “bispo” sugeriria; daí *superintendente*, *supervisor*. In: F. Wilbur GINGRICH & Frederick W. DANKER. *Léxico do NT grego/português*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1984 (2003), p. 83 [N. do T.].

jurisdição e supervisão de várias igrejas e tinham autoridade para selecionar e ordenar os presbíteros e diáconos.

(1990b:323)

688. A prestação de contas do ministro

Nenhum segredo do ministério cristão é mais importante que sua centralidade fundamental em Deus. Os administradores do evangelho não prestam fundamentalmente contas à igreja, nem aos sínodos, nem aos líderes, mas a Deus. De um lado, este é um fato desconcertante, pois Deus sonda nosso coração e os segredos que ali existem, e o padrão do Senhor é muito alto. De outro lado, isso é maravilhosamente libertador, pois Deus é um juiz mais bem informado, imparcial e misericordioso que qualquer ser humano, corte ou conselho eclesiástico. Prestar contas ao Senhor é estar livre da tirania da crítica humana.

(1991d:50)

689. O desafio dos falsos mestres

Tanto o Senhor quanto seus apóstolos, quando necessário, não se eximiam da tarefa de denunciar um falso ensinamento e destroná-lo. Não podemos conscientemente evitar fazer essa mesma tarefa, por mais desagradável ou perigosa que seja. Na verdade, na igreja de hoje, assolada por muitos lobos atroz, há uma grande necessidade de bons pastores que sejam fiéis, que não apenas alimentem o rebanho, mas também afugentem os lobos.

(1966a:15)

690. A especificidade do ministério

Os ministros cristãos são pastores que apascentam o rebanho de Cristo. Essa é a única e essencial especificidade deles. Obviamente, também são ovelhas de Cristo; no entanto, foram chamados a ser pastores. A Igreja é um sacerdócio universal; e também

um diaconato universal, pois todo o povo de Deus é chamado à *diakonia*. Mas a Igreja não é um pastorado universal. Todo o povo de Deus é sacerdote; todos são ministros ou servos, mas “...ele designou *alguns* para... pastores e mestres” (Ef 4.11; grifo do autor).

(1969b:45)

691. A função do leigo

Há três razões pragmáticas para uma maior participação do leigo na vida e no trabalho da igreja — necessidade, medo e a mentalidade da época. Essas também são, até onde se sabe, razões importantes, mas inadequadas. A razão real para esperar que os leigos sejam membros da igreja responsáveis, ativos e construtivos é bíblica, e não pragmática; é uma razão fundamentada em um princípio teológico, e não em conveniência. Não é nem porque os clérigos precisam que os leigos os ajudem, nem porque os leigos querem ser úteis, tampouco porque o mundo pensa hoje dessa forma, mas porque Deus mesmo revelou isso como seu desejo. Além do mais, a única maneira pela qual os leigos poderão ver e aceitar seus direitos e tarefas inalienáveis na igreja é que eles voltem a reconhecer esses direitos e tarefas na Palavra de Deus como o desejo do Senhor para o seu povo.

(1969b:12)

692. Ovelhas, lobos e pastores

Ninguém deve seguir a tendência não-bíblica de desprezar o ofício e o trabalho de um pastor ou declarar o clero como algo desnecessário, pois a supervisão pastoral é um aspecto permanente da igreja. Embora o NT não apresente um plano detalhado para o pastorado, Cristo, que ascendeu aos céus, entretanto, dá pastores e mestres para sua Igreja.

Eles são extremamente necessários hoje em dia. Como as ovelhas se multiplicam em muitas partes do mundo, há uma necessidade urgente de mais pastores que as alimentem e as ensinem. E como os lobos se multiplicam, há necessidade igualmente urgente de mais pastores que, ao oferecer uma refutação ao erro que eles apresentam, os expulsem dali. Assim, quanto mais ovelhas houver, mais lobos haverá, e mais pastores serão necessários para alimentar e proteger o rebanho.

(1989b:10)

693. Igreja e clero

Uma visão muito inferior do laicato é conseqüência de uma visão muito superior do clero, e uma visão muito superior do clero é conseqüência de uma visão muito inferior da Igreja.

(1969b:13)

694. O escândalo do clericalismo

É apenas em um ambiente de igualdade e unidade do povo de Deus que o escândalo real do clericalismo pode ser contemplado. O que o clericalismo também faz, ao concentrar poder e privilégio na mão do clero, é, pelo menos, obscurecer e, na pior das hipóteses, anular a unidade essencial do povo de Deus. Formas extremas de clericalismo ousam introduzir a noção de privilégio na única comunidade humana na qual esse foi abolido. Onde Cristo fez de dois um, a mente clerical faz deles dois novamente, um superior e outro inferior, um ativo e outro passivo, um realmente importante porque é vital à Igreja, e outro que não é vital e, portanto, é menos importante. Eu não hesito em dizer que interpretar a Igreja em termos de uma casta clerical privilegiada ou de uma estrutura hierárquica é o mesmo que destruir a doutrina do NT sobre a Igreja.

(1969b:19)

695. Um ministério capacitador

O conceito de pastor do NT não é de uma pessoa que detém todo o ministério em suas mãos e, com bastante sucesso, esmaga todas as iniciativas leigas; mas o NT diz que o pastor é aquela pessoa que ajuda e encoraja o povo de Deus a descobrir, desenvolver e exercitar seus dons. Seus ensinamentos e treinamentos são direcionados para este objetivo: capacitar o povo de Deus a ser um povo servil e, em um mundo de alienação e dor, ministrar ativamente, mas de forma humilde, de acordo com seus dons. Assim o pastor, em vez de monopolizar todo ministério, na verdade, multiplica esses ministérios.

(1979e:167)

696. Uma independência firme

Há o perigo constante de que o clero amarre as pessoas nas tiras de seu avental, em vez de encorajá-las a desenvolver uma independência firme e saudável, à medida que confiam mais e mais em Deus. Certamente, Jesus referiu-se a isso quando nos advertiu a não chamar nenhum outro homem de “pai”, “mestre” e “senhor” na terra (Mt 23.8-12). Não devemos adotar ninguém na igreja, nem exigir que os outros nos adotem, pois essa atitude de dependência é como o relacionamento de um filho para com o pai, de um aluno para com o mestre, de um servo para com seu senhor. Somos todos irmãos. Devemos depender de Deus como nosso Pai, de Cristo como nosso Senhor e do Espírito Santo como nosso Mestre. A ambição de todo ministro para sua congregação deveria ser a de alertar e ensinar todos os homens sobre a sabedoria, para que apresente “todo homem” não como alguém dependente de seu ministério, mas “... perfeito em Cristo” (Cl 1.28). Embora consultas ocasionais possam realmente ser boas, não posso compreender que visitas freqüentes ao pastor, quer para “confissão” quer para “conferências”, sejam produtivas para a verdadeira maturidade espiritual.

(1964:82)

697. Todo cristão é bispo?

É um erro supor que Deus entrega a supervisão de seu povo apenas aos ministros e que os leigos nada têm que ver com isso. O texto de Hebreus 12.15 contém esta exortação: “Cuidem que ninguém se exclua da graça de Deus...”. A palavra “cuidem” é uma tradução do termo *episkopountes*. Essa é uma exortação geral aos membros da igreja local, a saber, para que aceitem a responsabilidade espiritual uns dos outros e cuidem uns dos outros. Moulton e Milligan citam exemplos do uso desse verbo, encontrados em papiros, como uma saudação comum no fim de cartas, da mesma forma que dizemos: “Cuide-se”. Ou: “Cuide de fulano e sicrano”. Nesse sentido, todo cristão é também um bispo.

(1966a:13)

698. “Entrar no ministério”

Prestamos um desserviço à Igreja sempre que nos referimos ao pastorado como o “ministério”, quando, por exemplo, falamos da ordenação em termos de “entrar no ministério”. Esse uso do artigo definido implica que a ordenação pastoral é o único ministério existente. No entanto, *diakonia* é uma palavra genérica para serviço; ela não tem especificidade até que um adjetivo descritivo seja acrescentado; por exemplo, “pastoral”, “social”, “político”, “médico” ou outro. Todos os cristãos, sem exceção, por serem seguidores daquele “que não veio para ser servido, mas para servir”, são, eles mesmos, chamados ao ministério; na realidade, são chamados para dar sua vida no ministério. No entanto, a expressão “ministro cristão de tempo integral” não deve ser restrita ao trabalho da igreja e ao serviço missionário; esse tipo de ministério também pode ser exercido no governo, na mídia, nas profissões liberais, nos negócios, na indústria e em casa. Precisamos recuperar essa visão da ampla diversidade de ministérios para os quais Deus chama o seu povo.

(1990b:122)

699. O cristão sem dons

O fato de todo cristão ter um dom e, portanto, uma responsabilidade, e de nenhum cristão ser ignorado e deixado sem dons, é fundamental na doutrina do NT sobre a Igreja.

(1975b:105)

700. O propósito dos dons

Há muito mal-entendido em relação ao propósito para o qual Deus distribui dons espirituais na igreja. Alguns se referem a eles como “dons de amor”, como se seu propósito principal fosse enriquecer o receptor e que devêssemos usá-los em nosso próprio benefício. Outros se referem a eles como “dons de adoração”, como se seu propósito principal fosse a adoração a Deus e sua principal esfera de operação a direção da adoração pública. Mas as Escrituras afirmam que há “dons de serviço”, cujo propósito principal é “edificar” ou construir a igreja.

(1975b:111)

701. O ministério de escrever cartas

Não conheço nenhum líder cristão moderno que compartilhe a convicção do apóstolo Paulo no que diz respeito ao valor de escrever cartas. Bash [o reverendo E. J. H. Nash] jamais se separou de seu material de escrita, especialmente em suas “jornadas missionárias”. Ele continuou a viajar durante a guerra e, às vezes, dirigia por muitos quilômetros para visitar um pequeno grupo ou, até mesmo, um único garoto; outras vezes, utilizava o errático serviço ferroviário. Uma de minhas memórias mais características dele é a visão de sua figura, em uma estação de trem mal iluminada em um blecaute, com sua inseparável maleta sobre os joelhos e, em cima dela, seu caderno de anotações. Bash “remia o tempo” escrevendo cartas.

(1992e:84)

51

A unidade da Igreja

702. Um Pai, uma família

A unidade espiritual fundamental da Igreja é a indestrutibilidade, como acontece com a unidade fundamental da Trindade. Não é possível dividir a unidade da Igreja, da mesma forma que não é possível dividir a unidade da Trindade. O Pai, o único Pai, criou uma só família; o Senhor Jesus, o único Senhor Jesus, criou uma só fé, uma só esperança e um só batismo; e o Espírito Santo, o único Espírito Santo, criou um só corpo.

(1972c:209)

703. Que tipo de cristianismo?

De acordo com minha convicção, a unidade visível da Igreja (em cada região ou país) é tanto bíblicamente correta quanto praticamente desejável, e devemos buscá-la ativamente. Ao mesmo tempo, devemos nos fazer esta pergunta simples, mas penetrante: Se for para ir de encontro aos inimigos de Cristo, como uma linha de frente cristã unida, com que tipo de cristianismo devemos enfrentá-los? A única arma com a qual poderemos derrotar os

adversários do evangelho é o próprio evangelho. Seria uma tragédia se, com nosso desejo de derrotá-los, a única arma eficaz em nosso arsenal caísse de nossas mãos. O cristianismo unido que não é o verdadeiro cristianismo não será vitorioso sobre as forças não-cristãs, mas sucumbirá a elas.

(1970b:20)

704. A verdade e a vida em comum

A unidade cristã pela qual Cristo orou em João 17.20-23 não era uma unidade primária de uns com os outros, mas a unidade com os apóstolos (uma verdade em comum) e a unidade com o Pai e com o Filho (uma vida em comum). A unidade visível e estrutural da Igreja é um objetivo apropriado. Contudo, ela só será agradável a Deus se for a expressão visível de algo mais profundo, a saber, a unidade em verdade e em vida. Portanto, em nossa preocupação ecumênica, nada é mais importante que a busca por mais verdade apostólica e mais vida divina por meio do Espírito Santo. William Temple explica: “O caminho para a união da cristandade não está nas salas de reuniões, embora haja uma tarefa de formulação que deva ser feita. Essa união só se dará por meio da união pessoal com o Senhor, tão profunda e real, de forma que seja comparável com a união de Jesus com o Pai”.¹

(1992b:267)

705. Lealdade ao evangelho

Só a lealdade ao evangelho pode assegurar a unidade da Igreja.

(1994:25)

706. Unidade em verdade

Os evangélicos têm pontos de vista distintos em relação à natureza da unidade cristã, bem como quanto à união da Igreja

¹William TEMPLE. *Readings in St. John's Gospel*. Macmillan, 1947, p. 327 (inicialmente publicado em dois volumes, 1939 e 1940).

orgânica e visível ser um objetivo desejável ou não. Todos concordariam, no entanto, que nenhum movimento em direção à união pode agradar a Deus ou ser benéfico para a Igreja se, ao mesmo tempo, também não for movimento em direção à reforma. A verdadeira unidade será sempre a unidade em verdade, e verdade significa a verdade bíblica. Se os líderes da Igreja apenas se sentassem com a Bíblia, distinguiriam claramente entre as tradições apostólicas (que são bíblicas) e as tradições eclesiásticas (que não o são) e concordariam em subordinar as últimas às primeiras; concordariam, ainda, em exigir as primeiras uns dos outros, dando, porém, liberdade uns aos outros em relação às segundas. Dessa forma, um avanço imediato e sólido poderia ser conquistado.

(1970b:87)

707. Fundamentado na verdade

Como o amor cristão está fundamentado na verdade cristã, não devemos aumentar o amor que existe entre nós diminuindo a verdade que temos em comum. Em movimentos contemporâneos na direção da união da Igreja, não devemos nunca expor a perigo a verdade sobre a qual o amor e a unidade verdadeiros repousam.

(1988g:206)

708. A verdadeira sucessão apostólica

Estamos quase ensurdecidos pela babel de vozes na Igreja contemporânea; portanto, como podemos decidir a quem seguir? A resposta é esta: devemos testar todas elas pelo ensinamento dos apóstolos de Jesus Cristo. “Paz e misericórdia” estarão com a Igreja quando ela andar “... conforme essa regra” (Gl 6.16). Na verdade, esse é o único tipo de sucessão apostólica que podemos aceitar — não uma linhagem de bispos que, ao longo do tempo, assumem ser os sucessores dos apóstolos (pois os apóstolos eram únicos tanto em relação à autoridade quanto em relação à inspiração que

receberam), mas apenas a lealdade à doutrina apostólica do NT. O ensino dos apóstolos, agora permanentemente preservado no NT, serve para regular as crenças e as práticas da Igreja em todas as gerações. Essa é a razão pela qual a Bíblia está sobre a Igreja, e não a Igreja sobre a Bíblia. Os autores apostólicos do NT foram comissionados por Cristo, e não pela Igreja; e escreveram com a autoridade de Cristo, e não com a autoridade da Igreja. Conforme os bispos anglicanos disseram em 1958, na Conferência de Lambeth: “A Igreja jamais deve se inclinar àquela autoridade (dos apóstolos)”. Imagine se fosse assim! Os únicos esquemas da Igreja que podem ser agradáveis a Deus e benéficos para a Igreja são aqueles que primeiro distinguem entre as tradições apostólicas e as tradições eclesásticas, para depois sujeitar as últimas às primeiras.

(1968c:186)

709. O caminho a seguir

Se apenas pudéssemos concordar que as Escrituras são a “Palavra escrita de Deus” (artigo anglicano XX); que elas são supremas em sua autoridade sobre todas as tradições humanas, por mais veneráveis que estas sejam; e que se deve permitir que elas reforcem e renovem a Igreja, daríamos um salto imediato em direção aos relacionamentos ecumênicos. A reforma, de acordo com a Palavra de Deus, é indispensável à união.

(1992b:182)

710. O Senhor da Igreja

Se for para a Igreja, ao final, unir-se sob a liderança de Cristo (Ef 1.10), nesse meio tempo, ela não será unida de nenhuma outra forma. Será que a fragmentação contínua da Igreja acontece basicamente em virtude deste único fator: sua falha em não estar unida “... à Cabeça” (Cl 2.19)? Sem dúvida, muitos descartariam essa idéia como uma simplificação exagerada e ridícula. Mas não

abandono meu princípio tão facilmente. O obstinado obstáculo para a união das igrejas é ou a exaltação das tradições que não estão na Bíblia (a característica da Igreja Católica Romana) ou o abandono das doutrinas que estão na Bíblia (a característica do protestantismo liberal). Retorno sempre a esta simples questão: Jesus Cristo é o Senhor da Igreja, de forma que esta se submete aos ensinamentos dele, por mais intoleráveis que sejam, ou a Igreja é a senhora de Jesus Cristo, de forma que ela manipula os ensinamentos dados por ele para que se tornem mais toleráveis? A Igreja ouvirá, de forma humilde e obediente, a Jesus Cristo, ou se comportará como um adolescente impetuoso, o que, com frequência, parece ser o caso, contradizendo seu senhor e corrigindo os erros que este cometeu? A Igreja está “acima” ou “abaixo” de Cristo?

(1991c:58)

711. Nova unidade por meio de uma nova compreensão

Devemos voltar ao texto bíblico reconhecendo nossos preconceitos culturais e desejando que estes sejam desafiados e modificados. Se buscarmos as Escrituras com a pressuposição orgulhosa de que nossas crenças e práticas herdadas são corretas, obviamente descobriremos na Bíblia apenas aquilo que queremos descobrir, a saber, a confortável confirmação do *status quo*. Como consequência disso, devemos descobrir também que nós mesmos discordamos veementemente das pessoas que vêm às Escrituras com históricos e convicções distintos apenas para confirmá-los. Provavelmente, não há fonte mais comum de discordância que essa. Apenas quando formos corajosos e humildes o suficiente para permitir que o Espírito de Deus, por meio da Palavra, questione radicalmente nossas opiniões mais estimadas é que teremos a possibilidade de encontrar uma nova união por meio de uma nova compreensão.

(1982a:50)

712. Apenas uma Igreja santa, universal e apostólica

Em certo sentido, a Igreja não está dividida, nem poderia estar. Até mesmo nossas divisões externas não a separam em fragmentos, pois o Espírito único habita nela. A ponte de atracação em um porto pode dividir-se em seções, de forma que os barcos estejam separados uns dos outros, embora o mesmo mar eleve-se e flua abaixo deles. Nossas denominações, feitas por homens, também nos separam externa e visivelmente, mas a maré do Espírito nos une interna e invisivelmente. O Credo Niceno caracteriza a Igreja “una, santa, universal e apostólica”, as clássicas quatro “marcas” ou “notas” da Igreja. E elas são verdadeiras. A Igreja é una e santa, porque o Espírito Santo a uniu e a santificou, separando-a para que pertencesse a Deus, embora na prática, com frequência, apresente-se como desunida e profana. A Igreja é também universal (englobando todos os cristãos e toda a verdade) e apostólica (afirmando o ensino dos apóstolos e engajando-se na missão), embora na prática, com frequência, negue a fé que deveria professar e a missão que deveria desempenhar.

(1991e:83)

713. Protestantes e católicos romanos

A atividade apropriada para os cristãos professos que discordam uns dos outros não deve ser ignorar nem calar e, tampouco, minimizar as diferenças, mas debatê-las. Considere, por exemplo, a Igreja de Roma. Acho desagradável ver protestantes e católicos romanos unidos em algum ato comum de adoração ou testemunho. Por quê? Porque, para aqueles que observam o ato, ele dá a impressão de que as discordâncias entre eles estão praticamente resolvidas. O espectador, sem sofisticação, pode dizer: “Olha aí! Eles agora podem orar e pregar o evangelho juntos. O que mais pode dividi-los?”.

No entanto, essa demonstração pública de unidade é um jogo de faz-de-conta; não é algo vivo no mundo real. Certamente,

podemos ficar muito agradecidos por alguns sinais de afrouxamento na rigidez da Igreja Católica, bem como de uma maior consciência bíblica dessa Igreja hoje em dia. Em consequência disso, muitos indivíduos católicos romanos passaram a abraçar mais a verdade bíblica, que antes haviam apenas compreendido, e outros, por causa da consciência, abandonaram sua Igreja. O Concílio Vaticano II deixou a Escritura tão livre que ninguém pode adivinhar qual será o resultado final...

À luz dessas coisas, hoje em dia, o que é preciso existir entre protestantes e católicos romanos não é uma prematura demonstração de unidade exterior, mas um “diálogo” sincero e sério. Alguns protestantes consideram essas conversações com os católicos romanos algo transigente, mas isso não precisa ser encarado desse modo. O verbo grego do qual essa palavra origina é utilizado em Atos para significar “arrazoar com pessoas com base nas Escrituras”. Para o protestante, o propósito disso é duplo: primeiro, que, por meio do ouvir cuidadoso, ele possa compreender o que o católico romano está dizendo e, a partir daí, evitar meras lutas com oponentes imaginários; e, segundo, que ele possa ser uma testemunha clara e firme da verdade bíblica, conforme lhe foi dado ver essa verdade.

(1970b:22,23)

714. A necessidade de diligência

A unidade indestrutível da Igreja não é desculpa para aquiescer à tragédia de sua real desunião. Ao contrário, o apóstolo nos diz que devemos fazer “... todo o esforço para conservar a unidade do Espírito” (Ef 4.3). A palavra grega para “esforço” (*spoudazontes*) é enfática. Ela significa que devemos fazer “tudo para conservar” (NTLH) essa unidade, e o tempo verbal utilizado indica um chamado a uma atividade contínua e diligente.

(1979e:53)

Reforma da Igreja

715. Adoração madura

O amante divino ainda lamenta quando seu amor não é correspondido e anseia por nossa adoração contínua, profunda e madura. O amor, portanto, é a primeira marca de uma igreja verdadeira e viva. Na verdade, a igreja não é, de forma alguma, viva, a não ser que seja uma igreja amorosa. A vida cristã é essencialmente um relacionamento de amor com Jesus Cristo. Wilson Carlile, fundador e “chefe” do Exército de Salvação, escreveu: “Jesus capturou-me. Para mim, conhecer a Jesus é um caso de amor”. (1990c:23)

716. As imperfeições da Igreja

Devemos ter em nossa consciência as falhas da Igreja, para sentir a ofensa que essas falhas são para Cristo e para o mundo; para chorar a ausência de credibilidade, isto é, a distância que existe entre a fala da Igreja e o caminho da Igreja; para arrependermos de nossa rapidez, para desculpar e até mesmo fechar os olhos a nossas falhas; e para ter a determinação de fazer algo em relação a isso. Imagino se, para a honra de Cristo e a disseminação do

evangelho, há algo mais urgente a ser feito hoje que isto: o que a Igreja deveria ser e como deveria ser vista; o que, pelo propósito de Deus e a conquista de Cristo, ela já é — uma humanidade única e nova, um modelo de comunidade humana, uma família de irmãos e de irmãs reconciliados que amam o Pai e amam uns aos outros, o local de habitação evidente de Deus por intermédio de seu Espírito. Apenas quando isso acontecer, é que o mundo crerá em Cristo como o pacificador. Apenas quando isso acontecer, Deus receberá a glória devida a seu nome.

(1979e:111)

717. Relacionamentos autênticos

As pessoas jovens anseiam por relacionamentos de amor autêntico. Hobart Mowrer, professor emérito de psiquiatria na Universidade de Illinois e crítico conhecido de Freud, embora de acordo com sua própria declaração não seja cristão nem teísta, certa vez descreveu a si mesmo como alguém que tinha “brigas de amante com a igreja”. Quando lhe perguntaram o que ele queria dizer com isso, retrucou que a igreja falhara com ele quando ele era adolescente e continuava a falhar com seus pacientes ainda hoje. Como assim? “Porque a igreja jamais aprendeu o segredo da comunidade”, disse ele. Talvez isso seja injusto, pois algumas igrejas *são* comunidades genuínas; no entanto, essa era sua opinião, que nasceu, sem dúvida alguma, de uma experiência amarga. Acho que essa foi a crítica mais danosa que já ouvi com referência à igreja.

(1977a)

718. Jesus e os jovens

Com seu desprezo veemente por tudo que não é autêntico, os jovens detectam rapidamente qualquer dicotomia entre a Igreja e seu fundador. Jesus jamais deixou de atraí-los. Eles o vêem como o homem radical que ele era, impaciente com as tradições dos

mais velhos e com as convenções da sociedade, um crítico atroz das autoridades religiosas. Eles gostam disso, mas, e a Igreja? De alguma forma, os jovens sentem que ela perdeu o “perfume” de Cristo. E muitos deles tomam esta decisão: a abandonam.

(1977a)

719. Ideal e realidade

O que você acha da Igreja? Sua resposta provavelmente depende daquilo que você pensa: o ideal ou a realidade? Quanto ao ideal, a Igreja é a nova e mais maravilhosa criação de Deus. Ela é a nova comunidade de Jesus que desfruta uma harmonia multirracial, multinacional e multicultural, a qual é única na História e na sociedade contemporânea. A Igreja é até mesmo a “nova humanidade”, a vanguarda da raça humana redimida e renovada. É o povo que passa sua vida terrena no serviço amoroso a Deus e aos outros (como também gastarão dessa forma seu tempo na eternidade). Que ideal nobre e belo! Quanto à realidade, entretanto, a Igreja é nós (se vocês me perdoarem essa estranha gramática) — os cristãos, essa turba desordenada e pecadora, rasa, encenqueira, obtusa, petulante, falível e pecadora, que constantemente está aquém do ideal de Deus e, com muita frequência, falha em até mesmo se aproximar dele.

(1982a:53)

720. Uma contradição de identidade

Quando a igreja se conforma ao mundo, e essas duas comunidades parecem ser, para aqueles que observam, meramente duas versões da mesma coisa, a igreja está contradizendo sua verdadeira identidade. Nenhum comentário poderia ser mais danoso para o cristão que estas palavras: “Mas você não é diferente de mais ninguém”.

(1978f:17)

721. Não deve ser abandonado

Algumas pessoas construíram um cristianismo que consiste totalmente em um relacionamento pessoal com Jesus Cristo que não tem praticamente nenhuma relação com a igreja. Outros fazem uma concessão de má vontade à necessidade de filiação à igreja, mas acrescentam que desistiram da instituição eclesial como algo incorrigível. Bem, é compreensível, e até mesmo inevitável, que sejamos críticos de muitas das estruturas e tradições herdadas da igreja. Toda igreja — em todos os lugares, em todos os tempos — necessita de reforma e de renovação. Mas precisamos ter consciência disso a fim de que não desprezemos a Igreja de Deus e fiquemos cegos em relação à obra do Senhor na História. Podemos seguramente dizer que Deus não abandonou sua Igreja, por mais desgostoso que ele esteja com ela. Ele ainda a está construindo e refinando. E se Deus não a abandonou, como poderíamos fazer isso?

(1979e:126)

722. Reforma bíblica paciente

A forma mediante a qual o Espírito Santo trabalha com a igreja institucional tem mais relação com a reforma bíblica paciente que com a rejeição impaciente.

(1977g:163)

723. A Igreja e a Palavra

Que a Igreja dependa da Palavra não é uma doutrina facilmente aceitável a todos. Nos dias antigos da Igreja Católica Romana, por exemplo, seus defensores insistiriam que “a Igreja escreveu a Bíblia”, e por isso tem autoridade sobre ela. Ainda hoje, às vezes ouvimos esse argumento um pouco simplório. Ora, é claramente certo que os dois Testamentos foram escritos dentro do contexto da comunidade de fiéis, e que a substância do NT, segundo a providência de Deus, conforme já notamos, foi até certo ponto

determinada pelas necessidades das congregações cristãs locais. Por conseguinte, a Bíblia não pode ser destacada do meio ambiente no qual se originou nem ser isolada dele. Mesmo assim, conforme os protestantes sempre têm enfatizado, é enganoso e inexato dizer que a “Igreja escreveu a Bíblia”; a verdade é quase o inverso: “A Palavra de Deus criou a Igreja”. Isso porque podemos dizer que o povo de Deus veio a existir quando a sua Palavra chegou a Abraão, o chamou e fez uma aliança com ele. Semelhantemente, foi mediante a pregação apostólica da Palavra de Deus no poder do Espírito Santo no dia de Pentecoste que o povo de Deus passou a ser o corpo de Cristo, cheio do Espírito Santo.

(2003:116)

724. A igreja surda

Uma igreja surda é uma igreja morta; esse é um princípio inalterável. Deus, mediante sua Palavra, vivifica, alimenta, inspira e guia seu povo. Isso porque, sempre quando a Bíblia é exposta, de modo genuíno e sistemático, Deus a emprega para dar ao seu povo a visão sem a qual este pereceria.

(2003:120)

725. A Igreja e a Bíblia

Uma das questões perenes que a Igreja de todas as épocas enfrenta, e com a qual deve se preocupar, diz respeito ao seu relacionamento com a Bíblia. Como o povo de Deus e a Palavra de Deus se relacionam um com o outro? A Palavra criou a Igreja, ou a Igreja criou a Palavra? A Igreja está acima da Bíblia, ou abaixo dela? As Igrejas Católica Romana, Ortodoxa e Protestante respondem a essas perguntas de modo distinto, e nossa divisão, nesse ponto, é defensavelmente mais profunda e ampla que em relação a qualquer outro aspecto.

O texto de 2 Tessalonicenses 3 lança uma clara luz sobre essa controvérsia, uma vez que dá preeminência à Palavra. Sua oração

de abertura é esta: “... para que a palavra do Senhor se propague rapidamente e receba a honra merecida”, e faz que todo paroquialismo seja envergonhado, desafiando-nos a desenvolver uma visão global, bem como um compromisso para a evangelização do mundo. E as ordens repetidas de Paulo, cuja expectativa era de obediência a elas, também condenam essas igrejas cuja atitude em relação à Palavra de Deus parece ser subjetiva e seletiva. Elas vagueiam randomicamente ao longo das Escrituras, escolhendo um versículo aqui e descartando um versículo ali, como um jardineiro colhe flores em um canteiro. Elas não têm conceito de um estudo detalhado da Bíblia ou de uma submissão conscienciosa aos ensinamentos das Escrituras. Não permita que essa igreja imagine que receberá a bênção do Senhor! Pois desprezar a Palavra do Senhor é desprezar o Senhor da Palavra; é suspeitar de sua fidelidade e desconsiderar sua autoridade.

(1991d:198)

726. Uma igreja adolescente

Se a Igreja tem uma característica óbvia hoje em dia, eu consideraria que essa é a incerteza, a ausência de segurança. Realmente, acho que seria verdade dizer que a Igreja visível e nominal manifesta uma insegurança que em muito se assemelha à do adolescente. As igrejas hoje são como os adolescentes — inseguras de si mesmas, equivocadas, sem saber o que realmente são, por que estão aqui ou para onde vão.

(1971d:4)

727. A raiz da dissensão

O amor-próprio vicia todos os relacionamentos. ... A vaidade pessoal está na raiz da maioria das dissensões de todas as igrejas locais de hoje em dia.

(1988g:231)

728. Uma igreja heterogênea

Os especialistas em crescimento de igreja revelam que, obviamente, as pessoas gostam de realizar a adoração com seus próprios amigos e parentes e com aqueles que lhes são afins. Talvez seja necessário, em congregações distintas, concordar no que concerne à linguagem, a barreira mais descomunal de todas. Mas a heterogeneidade faz parte da essência da igreja, uma vez que esta é a única comunidade no mundo na qual Cristo quebrou todos os muros divisórios. A visão que nos foi dada da Igreja triunfante é de um grupo originário "... de todas as nações, tribos, povos e línguas" que estão cantando, em uníssono, louvores a Deus (Ap 7.9ss). Devemos declarar, portanto, que a igreja homogênea é uma igreja defeituosa que precisa trabalhar por meio da penitência e perseverança da heterogeneidade.¹

(1994:397)

729. Como a igreja decide

Se uma igreja local desejar ser um sinal do Reino, e dar evidência de que é Cristo quem a governa, isso será refletido na maneira comum com que toma suas decisões e nos processos que emprega para isso. Cada igreja local deve ser capaz (não graças a uma piedade dissimulada, mas graças a uma realidade humilde) de dizer: "Isso pareceu bom para o Espírito Santo e para nós". Como, então, o Rei guia seu povo? Menciono como condições necessárias apenas a oração e a paciência; mas, com frequência, basta apenas o reconhecimento formal e só parcialmente sincero de que desejamos descobrir a vontade de Deus. E que tal um período de oração em vez disso? Será que uma comissão cristã pode discutir em conjunto, se não aprendeu a orar em conjunto? Será que já interrompemos a reunião de uma comissão, quando nos vemos

¹Veja *The Pasadena Consultation in the Homogeneous Unit Principle*. Lausanne Occasional Paper, n. 1, 1978.

frente a um impasse, a fim de orar novamente em busca de luz e sabedoria sobre o assunto? Em segundo lugar, paciência. Um grupo verdadeiramente cristão jamais determinará que deva esmagar as opiniões da minoria. Encerrar um debate, ao fazer uma rápida votação, e decidir questões, ao aceitar a mera maioria, enquanto a mente ainda está confusa e a consciência perturbada, é uma forma mundana de conduzir os negócios da igreja. Isso expressa uma desconfiança em Deus e um desrespeito pelos dissidentes. Não acreditamos no Espírito Santo da unidade? Se realmente cremos nele, devemos esperar pacientemente a fim de escutar uns aos outros e esforçar-nos para compreender as preocupações e os escrúpulos uns dos outros, até que o Espírito nos traga uma mente comum. A igreja local é tanto uma teocracia (não naquele sentido especial que Israel foi, mas no sentido geral de submeter-se a Deus como Rei) quanto uma irmandade. Toda tentativa para ignorar ou eliminar os desacordos dos irmãos em Cristo viola essas verdades e é, portanto, incompatível com a natureza da igreja. Isso é usar o poder do mundo e esquecer “a mansidão” e a “bondade de Cristo” (2Co 10.1).

(1979b)

730. A Igreja e o evangelho

O que é de particular interesse, pois se aplica a todas as comunidades cristãs de todas as épocas e lugares, é a interação entre a Igreja e o evangelho, que se vê retratada pelo apóstolo. Ele mostra como o evangelho cria a Igreja e como a Igreja difunde o evangelho; como o evangelho modela a Igreja à medida que esta busca viver de forma que seja digna ao evangelho.

(1991d:20)

731. A religião da ressurreição

A Igreja de Jesus Cristo enfrenta hoje uma das maiores crises de fé. O que está em jogo não é nada menos que o caráter essencial

do cristianismo: a religião cristã é natural ou sobrenatural? Várias tentativas são feitas para livrar o cristianismo de seu sobrenaturalismo, para reconstruí-lo sem os milagres embaraçosos. Mas esses esforços são inúteis, pois são mal direcionados. Você não pode reconstruir algo sem primeiro destruí-lo.

Cristianismo autêntico — o cristianismo de Cristo e de seus apóstolos — é o cristianismo sobrenatural. Não é uma ética domesticada e inofensiva; não consiste em alguns chavões morais, temperados com uma pitada de religião. Antes, ele é a religião da ressurreição, o viver pelo poder de Deus.

(1970b:63)

732. Mundanidade santa

Em toda a história da Igreja, ela sempre esteve propensa a abraçar os extremos. Algumas vezes, em sua determinação para ser santa, retirou-se do mundo e perdeu o contato com ele. Em outros momentos, em sua própria determinação para não perder o contato com o mundo, conformou-se a ele e tornou-se praticamente indistinta dele. Mas a visão de Cristo para a santidade da Igreja não é nem o retirar-se do mundo nem o conformar-se com ele.

(1992b:262)

733. Reforma, reavivamento e renovação

Precisamos ter uma visão holística, ou integrada, em todas as dimensões da vida da Igreja.

A palavra da Igreja Católica Romana para isso, pelo menos desde o Concílio Vaticano II (1963-65), é *aggiornamento*, o processo de atualizar a Igreja a fim de que esta possa ir ao encontro dos desafios do mundo moderno. Isso implica que o mundo está mudando rapidamente e que, se for para a Igreja sobreviver, ela deve manter-se alinhada a essas mudanças, embora sem comprometer seus próprios padrões nem se conformar aos padrões do mundo.

Os protestantes usam um vocabulário distinto para descrever essa restauração e essa renovação, necessárias à igreja, as quais devem ser contínuas. Nossas duas palavras favoritas são “reforma”, indicando que o tipo de reforma da fé e da vida deve ser de acordo com as Escrituras, conforme ocorreu no século XVI; e “reavivamento”, denotando uma visitação sobrenatural de Deus a uma igreja ou comunidade, a qual trará a convicção, o arrependimento, a confissão, a conversão de pecadores e a recuperação dos desviados. “Reforma” geralmente enfatiza o poder da Palavra de Deus, e “reavivamento” enfatiza o poder do Espírito de Deus em sua obra de restauração da Igreja. Talvez devamos manter a palavra “renovação” para descrever um movimento que combine o reavivamento pelo Espírito de Deus com a reforma por intermédio de sua Palavra. Como a Palavra é a espada do Espírito, é possível que haja uma assimetria se considerarmos uma coisa sem a outra.

(1992b:258)

A tradição evangélica

734. O histórico da fé cristã

Gostaria de argumentar, embora corra o risco de simplificar em demasia e de ser acusado de arrogante, que a fé evangélica não é outra senão a fé cristã histórica. O cristão evangélico não é aquele que diverge, mas que busca ser leal em sua procura pela graça de Deus, a fim de ser fiel à revelação que Deus fez de si mesmo em Cristo e nas Escrituras. A fé evangélica não é uma versão peculiar ou esotérica da fé cristã — ela *é* a fé cristã. Não é uma inovação recente. A fé evangélica é o cristianismo original, bíblico e apostólico.

(1983b:3)

735. Comprometido de antemão

A marca dos evangélicos não é tanto um conjunto impecável de palavras quanto um espírito submisso, a saber, a resolução *a priori* de crer e de obedecer ao que quer que seja que as Escrituras ensinem. Eles estão, de antemão, comprometidos com as Escrituras, independentemente do que se possa descobrir que elas

digam. Eles afirmam não ter liberdade para lançar seus próprios termos para sua crença e comportamento. Percebem essa perspectiva de humildade e de obediência como uma implicação essencial do senhorio de Cristo sobre eles.

(1988d:104)

736. As tradições católica e liberal

As tradições católica e liberal tendem a exaltar a inteligência e a bondade humana e, portanto, esperam que os seres humanos contribuam de alguma forma para a iluminação e salvação deles mesmos. Os evangélicos, de outro lado, embora afirmem veementemente a imagem divina que a nossa humanidade carrega, têm a tendência de enfatizar nossa finitude humana e queda e, portanto, de insistir que sem a revelação não podemos conhecer Deus e sem a redenção não podemos alcançá-lo.

Essa é a razão pela qual os aspectos essenciais do evangelho focam a Bíblia e a cruz, bem como a indispensabilidade delas, uma vez que foi por meio delas que a Palavra de Deus nos foi comunicada e que a obra de Deus em favor de nós foi realizada. Na verdade, sua graça apresenta a forma trinitária. Primeiro, Deus tomou a iniciativa em ambas as esferas, ensinando-nos o que não poderíamos saber de outra forma, bem como dando-nos o que não poderia nos ser dado de outra maneira. Segundo, em ambas as esferas o Filho desempenha um papel singular, como o único mediador por meio de quem a iniciativa do Pai foi tomada. Ele é a Palavra que se fez carne, por meio de quem a glória do Pai foi manifestada. Ele é o imaculado que se tornou pecado por nós para que o Pai pudesse nos reconciliar com ele mesmo. Além disso, a Palavra de Deus falada por meio de Cristo e a obra de Deus realizada por intermédio de Cristo eram ambas *hapax*, completadas de uma vez por todas. Nada pode ser acrescentado a nenhuma delas, sem que com isso se deprecie a perfeição da palavra e da obra de Deus realizada por meio de Cristo. Depois,

em terceiro lugar, tanto na revelação quanto na redenção, o ministério do Espírito Santo é essencial. É ele que ilumina nossa mente para compreender o que Deus revelou em Cristo, e é ele quem move nosso coração para receber o que Deus alcançou por meio de Cristo. Assim, nessas duas esferas, o Pai agiu por meio do Filho e continua a agir por meio do Espírito Santo.

(1988d:336)

737. O cristianismo maior

Os evangélicos consideram essencial crer não apenas no evangelho revelado na Bíblia, mas também em toda a revelação da Bíblia; crer não apenas que “Cristo morreu por nós”, mas também que ele morreu “por nossos pecados” e, em algum sentido, “suportou-os” objetivamente em nosso lugar, de forma que Deus, em amor santo, pode perdoar os crentes penitentes; crer não apenas que recebemos o Espírito, mas também que ele faz uma obra sobrenatural em nós, algo que, de variadas formas, foi retratado no NT como “regeneração”, “ressurreição” e “recriação”.

Eis aqui três aspectos da iniciativa divina: Deus revelou-se em Cristo e no testemunho bíblico total sobre Cristo; Deus redimiuiu o mundo por meio de Cristo e tornou-se pecado e maldição por nós; e Deus transformou radicalmente os pecadores pela operação interna de seu Espírito. A fé evangélica, assim afirmada, é o cristianismo histórico, maior e trinitário, e não um desvio excêntrico dele. Pois não vemos a nós mesmos oferecendo um novo cristianismo, mas chamando a Igreja ao cristianismo original.

(1988d:39)

738. Cristão evangélico anglicano

Acima de tudo, pela misericórdia de Deus, sou cristão porque busco seguir a Jesus Cristo. Depois, sou cristão evangélico graças à minha convicção de que os princípios evangélicos (especialmente

os princípios *sola scriptura* e *sola gratia*) são fundamentais para o cristianismo autêntico, e de que para ser cristão evangélico é necessário ser um cristão neotestamentário, e *vice-versa*. Terceiro, sou cristão evangélico anglicano porque a Igreja da Inglaterra é a tradição histórica ou a denominação específica à qual pertença. Contudo, não sou primeiro anglicano, uma vez que é difícil defender o denominacionalismo. Parece-me mais correto alguém se denominar de evangélico anglicano (em que evangélico é o substantivo, e anglicano, o adjetivo descritivo), em vez de anglicano evangélico (em que anglicano é o substantivo, e evangélico, o adjetivo descritivo).

(1986d:17)

739. Teologia evangélica

Se “evangélico” descreve uma teologia, essa teologia é a teologia bíblica. Os evangélicos argumentam que são cristãos bíblicos plenos e que, para ser um cristão bíblico, é necessário ser cristão evangélico. Explicando dessa forma, isso pode soar como arrogância e exclusivismo, mas essa é uma crença sincera. Certamente, o desejo sincero dos evangélicos é não ser um cristão mais ou menos bíblico. A intenção deles não é ser sectário. Isto é, eles não se apegam a certos princípios apenas para manter a identidade deles como um “grupo”. Ao contrário, sempre expressaram sua prontidão para modificar, até mesmo abandonar, quaisquer das crenças que estimam, ou, se necessário, todas elas, se lhes for demonstrado que não são bíblicas.

Os evangélicos, portanto, consideram como a única possível via para a reunião das igrejas a via da reforma bíblica. De acordo com o ponto de vista deles, a única esperança firme para as igrejas que desejam se unir é a disposição comum para se sentarem juntas sob a autoridade da Palavra de Deus, a fim de serem julgadas e reformadas por ela.

(1970b:32)

740. A Igreja nominal

A perseguição da verdadeira Igreja, os crentes cristãos que traçam a sua descendência espiritual de Abraão, nem sempre é empreendida pelas pessoas do mundo, que são estranhas e não têm nenhum relacionamento conosco. Mas essa perseguição normalmente é levada a cabo por nossos meios-irmãos, as pessoas religiosas, a Igreja nominal. Isso sempre foi assim. O Senhor Jesus foi amargamente combatido, rejeitado, humilhado e condenado por sua própria nação. Os oponentes mais ferrenhos do apóstolo Paulo, que perseguiam obstinadamente seus passos e que instigavam brigas contra ele, foram os judeus, a Igreja oficial. A estrutura monolítica do papado medieval perseguiu todas as minorias cristãs com ferocidade implacável e de maneira infatigável. E os maiores inimigos da fé evangélica, hoje em dia, não são os não-cristãos, que quando ouvem o evangelho geralmente o aceitam, mas é a Igreja, a corrente majoritária, a hierarquia.

(1968c:127)

741. “Realizar a verdade”

Nós, evangélicos, temos a tendência de ser fortes em relação à piedade, mas fracos em relação à práxis. Todos concordamos que a reflexão teológica é indispensável; espero que concordemos que ela seja igualmente indispensável para traduzir nossa teologia em ação, pois o conhecimento das Escrituras jamais pode ser um fim em si mesmo. Fomos chamados não apenas para “crer” na verdade, mas para “realizá-la” e “obedecer a ela”.

(1978c:181)

742. Estudiosos ou pensadores?

Uma das flechas envenenadas e mais bem direcionadas de James Barr, em seu livro *Fundamentalism* [Fundamentalismo], tem como alvo a ausência de teologia nos meios evangélicos.

Nós, evangélicos, temos uma tradição antiquada, conforme ele sugere, e não uma teologia nova. “Fundamentalismo é um movimento sem teologia” (e, assim, ele praticamente não parece se distinguir do evangelicalismo). Ele prossegue com seu argumento: “Se temos uma teologia, ela é ou ‘formalizada’ ou ‘fossilizada’”. Essa crítica é uma generalização muito ampla e tão imprecisa quanto todas as generalizações o são. Contudo, ela contém certo, e desconfortável, grau de verdade. O ressurgimento do movimento evangélico produziu estudiosos bíblicos, mas não pensadores criativos.

(1978c:180)

743. A vida toda

Nós [os evangélicos] temos a tendência de ter uma boa doutrina da redenção e uma má doutrina da Criação. Obviamente, defendemos a verdade de que Deus é o Criador de todas as coisas, mas parece que somos cegos acerca das implicações disso. Nosso Deus é muito “religioso”, como se o seu principal interesse fosse apenas os cultos de adoração e as reuniões de oração frequentadas pelos membros da igreja. Não me entenda mal: Deus *realmente* se deleita com as orações e os louvores de seu povo. Mas agora começamos a vê-lo também (conforme a Bíblia sempre o retratou) como Criador, o Deus que está preocupado tanto com o mundo secular quanto com a Igreja; que ama todos os homens, e não apenas os cristãos; e que se interessa por todos os aspectos da vida, e não simplesmente pela religião.

(1975a:45)

744. Evangélicos “conservadores”

O significado da palavra “conservador”, quando aplicada aos evangélicos, é que nos apegamos veementemente aos ensinamentos de Cristo e dos apóstolos, conforme apresentados no NT, e que estamos determinados a “conservar” toda a fé bíblica. Isso foi o

que o apóstolo determinou que Timóteo fizesse: “Guarde o que lhe foi confiado”, conserve isso, preserve isso, jamais abandone seu apego a isso, nem deixe que isso caia de suas mãos.

(1967a)

745. Discipulado empobrecido

Não estou dizendo que é impossível ser discípulo de Jesus sem um alto conceito das Escrituras, pois isso com toda a certeza não é o caso. Há seguidores genuínos de Jesus Cristo que não são “evangélicos” e cuja confiança nas Escrituras é pequena, até mesmo mínima, e que põem mais fé nas tradições passadas e nos ensinamentos presentes da Igreja ou em sua própria razão ou experiência pessoal. Não desejo negar a autenticidade da profissão cristã dessas pessoas. Ouso acrescentar, no entanto, que o discipulado delas certamente é empobrecido, em virtude da atitude que têm para com a Bíblia. Um discipulado cristão pleno, equilibrado e maduro é impossível quando os discípulos não se submetem à autoridade do ensino de seu Senhor, à medida que ela é mediada pelas Escrituras.

(1992b:173)

746. Evangélico e evangelístico

Não é incomum ouvir as pessoas usarem o termo “evangélico” como se fosse um sinônimo para “evangelístico”. Um de meus colegas recebeu recentemente uma carta com instruções sobre uma palestra que teria de fazer em breve. O correspondente informou-lhe que, como todos eram cristãos naquele grupo, eles “não queriam nada evangélico”! Obviamente, ele quis dizer que não estavam buscando uma apresentação evangelística. Mas as palavras “evangélico” e “evangelístico” não devem ser confundidas. O adjetivo “evangelístico” descreve uma atividade, a difusão do evangelho, de forma que falamos de campanhas evangelísticas

e cultos evangelísticos. “Evangélico”, contudo, descreve uma teologia, aquela que o apóstolo Paulo chamou de “... a verdade do evangelho” (Gl 2.5,14).

(1970b:27)

747. O que realmente importa?

No fim, o que mais importa para um evangélico não é o rótulo nem o epíteto. Não é a ficha de inscrição em um partido, nem mesmo, no final das contas, a Bíblia e o evangelho. O que realmente importa é a honra e a glória de Jesus Cristo.

(1977i:14)

X. A todo o mundo

54. A missão cristã

55. A igreja serve

56. O chamado para evangelizar

57. A proclamação do evangelho

A missão cristã



748. Um Deus que envia

“Missão” é uma atividade de Deus que surge da sua própria natureza. O Deus vivo da Bíblia está enviando Deus — isto é o que “missão” significa. Ele enviou os profetas a Israel. Enviou seu Filho ao mundo. Seu Filho enviou os apóstolos, e os Setenta, e a Igreja. Ele também enviou o Espírito à Igreja e o envia ao nosso coração hoje em dia.

(1975e:66)

749. As bases para a missão

O monoteísmo continua sendo a base essencial para a missão. A razão suprema pela qual Deus “... deseja que *todos os homens* sejam salvos e cheguem ao conhecimento da [mesma] verdade”, isto é, que “... há *um só Deus* e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus, o qual se entregou a si mesmo como resgate por todos” (1Tm 2.4-6; grifos do autor). A lógica dessa passagem repousa na relação existente entre “todos os homens” e “um só Deus”. Nossa garantia para buscar a submissão de

“todos os homens” é que há apenas “um só Deus e um só mediador” entre ele e os homens. Sem a unidade de Deus e a singularidade de Jesus, não poderia haver missão cristã.

(1967e:23)

750. Uma religião missionária

Há cinco partes na Bíblia. O Deus do AT é um Deus missionário, chamando uma família a fim de abençoar todas as famílias da terra. O Cristo dos Evangelhos é um Cristo missionário; ele enviou a Igreja para que desse testemunho dele. O Espírito de Atos é um Espírito missionário; ele tirou a igreja de Jerusalém e a levou para Roma. A igreja das cartas é uma igreja missionária, uma comunidade mundial, com uma vocação mundial. O fim de Apocalipse é um fim missionário, um sem-número de pessoas de todas as nações. Portanto, acho que devemos dizer que a religião da Bíblia é uma religião missionária. A evidência é esmagadora e irrefutável. A missão não pode ser considerada um lapso lamentável da tolerância ou da decência. Missões não podem ser consideradas um entretenimento de alguns fanáticos excêntricos da Igreja. A missão repousa na essência de Deus e, portanto, na essência da Igreja. Uma Igreja sem missão não é mais uma Igreja. Ela contradiz uma parte essencial de sua identidade. A Igreja é missão.

(1980g:46)

751. A missão da Igreja

Nossa missão para a evangelização do mundo encontra-se em toda a Bíblia. Encontra-se na Criação de Deus (pela qual todos os seres humanos são responsáveis perante ele), no caráter de Deus (compassivo, amoroso e gregário, que não deseja que ninguém pereça e quer que todos cheguem ao arrependimento), nas promessas de Deus (de que todas as nações serão abençoadas por meio da semente de Abraão e se tornarão herança do Messias), no

Cristo de Deus (agora exaltado com autoridade universal e para receber aclamação universal), no Espírito de Deus (que nos convence do pecado, dá testemunho de Cristo e impele a Igreja a evangelizar) e na Igreja de Deus (que é uma comunidade multinacional e missionária que recebeu ordens para evangelizar até que Cristo retorne).

(1981h:4)

752. Jesus é para todos

Jesus é a luz do *mundo*. Não podemos, portanto, guardá-lo para nós mesmos. Não deveríamos ousar tentar monopolizá-lo. O cristianismo é a fé missionária da qual não podemos escapar nem nos desembaraçar.

(1966b:54)

753. Autoridade universal de Cristo

A base fundamental de toda agência missionária cristã é a autoridade universal de Jesus Cristo, “na terra como no céu”. Se a autoridade de Jesus estivesse circunscrita à terra, se ele fosse um dos muitos mestres religiosos, um dos muitos profetas judeus, uma das muitas encarnações divinas, não teríamos a missão de apresentá-lo aos poucos como Senhor e Salvador do mundo. Se a autoridade de Jesus fosse limitada ao céu, se ele não tivesse destronado, com toda a certeza, os principados e poderes, poderíamos ainda proclamá-lo aos povos, mas jamais seríamos capazes de “... convertê-los das trevas para a luz, e do poder de Satanás para Deus” (At 26.18).

Só porque toda a autoridade na terra pertence a Cristo, ousamos ir a todas as nações. Só porque toda a autoridade no céu também é dele é que temos alguma esperança de sucesso. Deve ter parecido bastante ridículo enviar aquele núcleo minúsculo de camponeses palestinos para ganhar o mundo para Cristo. Pois, hoje em dia, a tarefa é igualmente gigantesca para a Igreja de Cristo, cujo número de fiéis é tão desesperadamente inferior às centenas de

milhões de pessoas que não o reconhecem nem o conhecem. É a autoridade de Jesus Cristo, única e universal, que nos dá o direito e a confiança de buscar fazer discípulos em todas as nações. Todas as nações precisam prostrar-se diante da autoridade do Senhor aqui na terra, e nenhum demônio pode impedi-las de assim fazê-lo diante da autoridade dele no céu.

(1967d:46)

754. O Espírito e a Igreja

É o Espírito Santo que convence os pecadores de seu pecado e culpa, que abre seus olhos para que vejam Cristo, que os atrai para ele, que os capacita a se arrepender e a crer e que implanta vida na alma morta dessas pessoas. Antes de Cristo enviar a Igreja ao mundo, ele enviou o Espírito à Igreja.

(1967d:56)

755. O testemunho do Espírito

Jesus, no cenáculo, enfatizou que a obra específica do Espírito que o Pai lhes enviaria seria em relação a ele, o Filho; que o Espírito, acima de tudo, se deleitaria em glorificar ou em manifestar o Filho (Jo 16.14); e que, portanto, na propagação do evangelho, o Espírito Santo seria a principal testemunha. “ ‘Ele testemunhará a meu respeito.’ ” Só depois de dizer isso foi que Jesus acrescentou o seguinte a seus apóstolos: “ ‘E vocês também testemunharão...’ ” (Jo 15.26,27). Assim que compreendermos o significado dessa ordem, não teremos dificuldade em concordar que *sem o testemunho dele, o nosso testemunho é inútil.*

(1975d:34)

756. Estilo de vida cristão

Missão é nossa resposta humana à comissão divina. É todo um estilo de vida cristão, que inclui o evangelismo e as responsabilidades sociais, o qual é dominado pela convicção de que Cristo

nos envia ao mundo da mesma forma que o Pai o enviou ao mundo e que devemos, portanto, ir ao mundo — para viver e trabalhar para ele.

(1990a:15)

757. Participar da missão de Deus

O chamado de Deus é para participarmos de sua missão no mundo. Primeiro, ele enviou seu Filho. Depois, enviou seu Espírito. Agora, envia sua Igreja, isto é, nós. Ele, por meio do Espírito, envia-nos ao mundo para anunciar a salvação de seu Filho. Ele trabalhou por intermédio de seu Filho para alcançá-la e trabalha por nosso intermédio para torná-la conhecida.

(1967e:18)

758. O nome e a glória de Deus

Se Deus deseja que todos os joelhos se dobrem diante de Jesus e que toda língua o confesse, também devemos desejar isso. Devemos ser “zelosos” (conforme as Escrituras algumas vezes expressam essa idéia) para a honra de seu nome — preocupados quando seu nome permanece desconhecido; condoídos quando ele é ignorado; indignados quando ele é blasfemado; e, o tempo todo, ansiosos e determinados para que ele receba a honra e a glória que lhe são devidas. O mais sublime de todos os motivos missionários não é nem a obediência à Grande Comissão (por mais importante que ela seja), nem o amor pelos pecadores que estão separados dele e perecem (por mais forte que esse incentivo seja, especialmente quando contemplamos a ira de Deus); antes, o zelo — zelo ardente e apaixonado — para a glória de Jesus Cristo.

Algumas formas de evangelismo, certamente, não são melhores que uma forma de imperialismo sutilmente disfarçada, quando nossa ambição real é a honra de nossa nação, ou igreja, ou organização, ou a nossa própria honra. Entretanto, apenas um imperialismo é cristão, e este diz respeito à Sua Majestade Imperial

Jesus Cristo, e existe para a glória do Império ou Reino divinos. Os cristãos primitivos, conforme João nos relata, saíam mundo afora “... por causa do Nome” (3Jo 7). Ele nem mesmo especifica a que nome se refere, mas nós sabemos. E Paulo nos diz qual é esse nome. É o incomparável nome de Jesus. Diante desse objetivo supremo de toda missão cristã, todos os motivos indignos definham e morrem.

(1994:53)

759. A Igreja e a Palavra de Deus

Quando Paulo e Barnabé, em sua primeira viagem missionária, saíram rumo ao desconhecido, descobriram (como Abraão, José e Moisés descobriram antes deles) que Deus estava com eles. Foi exatamente isso que eles relataram quando retornaram (At 14.27; 15.12). Na verdade, essa segurança é indispensável à missão. A mudança é penosa para todos nós, especialmente quando afeta nossos estimados prédios e costumes, e não devemos buscar mudar por mudar. Ainda assim, o verdadeiro radicalismo cristão está aberto a mudanças. Ele sabe que Deus se comprometeu com sua Igreja (prometendo que jamais a abandonaria) e com sua Palavra (prometendo que ela jamais passará). Mas a Igreja de Deus significa pessoas, e não prédios; e a Palavra de Deus significa a Escritura, e não tradições. Desde que esses aspectos essenciais sejam preservados, os prédios e as tradições, se necessário, podem passar. Não devemos permitir que os prédios e as tradições aprisionem o Deus vivo ou impeçam que sua missão se propague ao mundo.

(1990b:143)

760. O chamado para a missão

O chamado cristão é, ao mesmo tempo, o chamado para o mundano (significando viver no mundo), para a santidade (sendo mantido separado do mal do mundo) e para a missão (com o

objetivo de ir ao mundo, em nome de Jesus e como servos e testemunhas dele).

(1971b:81)

761. Missão autêntica

O Filho de Deus não ficou na imunidade segura de seu céu, distante do pecado e da tragédia humanos. Verdadeiramente, ele entrou em nosso mundo. Esvaziou-se a si mesmo de sua glória e humilhou-se para nos servir. Ele assimilou nossa natureza, viveu nossa vida, suportou nossas tentações, experimentou nossas dores, sentiu nossas feridas, suportou nossos pecados e morreu nossa morte. Ele assumiu profundamente nossa humanidade. Ele nunca foi indiferente em relação às pessoas que, conforme se esperaria, deveria evitar. Ele fez amigos entre todos os excluídos da sociedade. Ele até mesmo tocou os intocáveis. Ele não poderia ter se tornado mais um conosco do que o fez. A identificação dele conosco era a identificação total do amor...

Ainda assim, quando Cristo se identificou conosco, ele, de forma alguma, abandonou sua própria identidade ou a alterou, pois, embora tenha se tornado um conosco, ainda continuou a ser ele mesmo. Ele se tornou humano, mas sem deixar de ser Deus.

Agora, ele nos envia ao mundo, como o Pai o enviou ao mundo. Em outras palavras, nossa missão é modelada conforme a dele. Na verdade, toda missão autêntica é uma missão encarnada. Ela exige identificação sem perda de identidade. Isso significa entrar no mundo das outras pessoas, como ele entrou no nosso, sem, contudo, comprometer nossas convicções, valores ou padrões cristãos.

(1992b:357)

762. O contexto de missão

Sair “para o mundo” não significa necessariamente viajar para um país distante ou uma tribo primitiva. “O mundo” é a sociedade

secular e sem Deus; ele está ao nosso redor. Cristo nos envia “ao mundo”, quando nos põe em qualquer grupo que não o conhece nem o honra. Isso pode ser em nossa rua, em um escritório, em uma loja, em uma escola, em um hospital, em uma fábrica ou até mesmo em nossa família; e, aqui no mundo, somos chamados a amar, a servir e a oferecer a amizade sacrificial e genuína. Paradoxalmente, o único contexto verdadeiramente cristão no qual é possível testemunhar é o mundo.

(1967e:67)

A igreja serve

763. Evangelismo autêntico

Quando Deus falou conosco nas Escrituras, utilizou linguagem humana; quando ele falou conosco em Cristo, tornou-se carne. A fim de revelar-se, esvaziou-se a si mesmo e humilhou-se. Esse é o modelo de evangelismo que a Bíblia nos oferece. Há a humilhação de nós mesmos e o esvaziamento de nós mesmos em todo evangelismo autêntico. Sem isso, contradizemos o evangelho e representamos mal o Cristo que proclamamos.

(1981h:7)

764. A missão de Jesus

A missão de Jesus foi uma missão de compaixão. As palavras *missão* e *compaixão* deveriam estar sempre ligadas, realmente quase unidas por hífen, pois pertencem intimamente uma à outra. Nos Evangelhos, vez após vez, lemos que Jesus “teve compaixão” — ou pela multidão faminta e sem liderança, ou pelo doente, ou por um único sofredor leproso, ou pela viúva que perdera seu único filho. O que despertava sua compaixão era sempre a necessidade humana em qualquer forma que ele a encontrasse, e ele

agia por compaixão em favor de seu povo. Ele pregou o evangelho, ensinou o povo, alimentou o faminto, curou o leproso e os doentes, ressuscitou os mortos. Tudo isso era parte de sua missão. Ele não veio para ser servido, conforme mesmo disse, mas para servir (Mc 10.45). Obviamente, o apogeu de seu serviço de doar-se a si mesmo foi sua morte expiatória, por meio da qual assegurou nossa salvação. Sua lição de compaixão, no entanto, não se limitou a isso, pois a necessidade humana não se limita a isso. Ele foi enviado para servir, e seu serviço foi adaptado, com sensibilidade compassiva, à necessidade dos seres humanos.

(1977d:54)

765. O amor que serve

Jesus nos envia, conforme ele nos diz, como o Pai o enviou. Nossa missão, como a dele, portanto, deve ser a de servir. Ele esvaziou-se a si mesmo de sua posição e assumiu a forma de servo, e a mente humilde que ele tinha deve estar em nós (Fp 2.5-8). Ele nos supre com o modelo de serviço perfeito, e envia sua Igreja ao mundo para ser uma Igreja que serve. Será que não é necessário que recuperemos essa ênfase bíblica? Em muitas de nossas atitudes e em muitas agências cristãs, temos a tendência (especialmente aqueles de nós que moram na Europa e nos Estados Unidos) de sermos mais patrões que servos. Ainda assim, parece que é em nosso papel de servo que podemos encontrar a síntese correta do evangelismo e da ação social. Pois ambos devem ser para nós, como inquestionavelmente foram para Cristo, expressões autênticas do amor que serve.

(1975c:25)

766. Duas instruções

Aventuro-me a dizer que algumas vezes damos um destaque muito proeminente, em nosso pensamento cristão, à Grande Comissão, talvez porque ela tenha sido a última instrução que Jesus

nos deu antes de retornar ao Pai. Por favor, não me compreenda mal. Eu acredito firmemente que toda igreja tem a obrigação de obedecer à comissão de seu Senhor, a saber, levar o evangelho a todas as nações. Contudo, preocupo-me também para que não consideremos essa instrução como a única que Jesus nos deixou. Ele também citou Levítico 19.18 — “... ‘ame cada um o seu próximo como a si mesmo’ ” —, o que ele denominou de o segundo e grande mandamento (segundo em importância apenas em relação ao mandamento supremo de amar a Deus “ ‘... de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento’ ”), algo que explanou com esmero no Sermão do Monte. Ali, ele insistiu que, no vocabulário de Deus, nosso próximo inclui nosso inimigo, e que amar significa “fazer o bem”, isto é, dar-nos a nós mesmos, de forma ativa e construtiva, para servir ao bem-estar de nosso próximo.

Aqui, portanto, estão duas instruções de Jesus — o grande mandamento: “amar o seu próximo”, e a Grande Comissão: “ir e fazer discípulos”.

(1975c:29)

767. Verdadeiros incentivos

Os incentivos são importantes em todas as esferas. Por sermos seres humanos racionais, precisamos saber não apenas o que estamos fazendo, mas por que estamos fazendo. E a motivação para a missão é especialmente importante, não menos nos dias de hoje, quando o estudo comparativo das religiões levou muitas pessoas a negar o caráter decisivo e singular de Jesus Cristo e a rejeitar o conceito preciso de evangelização e de conversão das pessoas. Como, portanto, os cristãos, diante da crescente oposição à evangelização, podem justificar a continuidade da evangelização mundial? A resposta mais comum é apontar para a Grande Comissão, e, na verdade, a obediência a ela é um grande estímulo. A compaixão, entretanto, é mais sublime que

a obediência: o amor pelas pessoas que não conhecem Jesus Cristo e que, por causa disso, estão alienadas, desorientadas e realmente perdidas. Mas o maior incentivo, o mais sublime de todos, é o zelo pela glória de Cristo, ou o cuidado com ela. Deus prometeu dar a Jesus um lugar supremo de honra para que todo joelho e língua reconheçam seu senhorio. Então, sempre que seu lugar de direito for negado na vida das pessoas, devemos nos sentir feridos internamente e nos mostrar zelosos pelo seu nome.

(1990b:279)

768. Serviço e sofrimento

Raramente ensina-se hoje o lugar do sofrimento no serviço e o da paixão na missão. Mas o maior segredo da eficácia evangelística ou missionária é a disposição de sofrer e morrer. Pode ser uma morte para a popularidade (mediante a pregação fiel de um evangelho bíblico não popular), ou para o orgulho (por meio de métodos modestos de acordo com o Espírito Santo), ou para o preconceito racial ou nacional (mediante a identificação com outra cultura), ou para o conforto material (adotando um estilo de vida mais simples). Mas o servo, se quiser levar luz às nações, deve sofrer, e a semente, a fim de se multiplicar, deve morrer.

(1991a:297)

769. A primazia do evangelismo

Acho que deveríamos concordar com a declaração do Lausanne Covenant [Pacto de Lausanne] de que “na missão de serviço sacrificial da Igreja, o evangelismo é fundamental” (parágrafo 6, *The Church and Evangelism* [A Igreja e o evangelismo]). Os cristãos devem sentir uma aguda dor de consciência e compaixão quando outros seres humanos são oprimidos ou negligenciados de qualquer maneira, se o que lhes tiver sendo negado for liberdade civil, respeito racial, educação, remédios, emprego ou alimentação,

roupa e habitação adequadas. Tudo que mine a dignidade humana deve ser uma ofensa para nós. Mas será que existe algo tão destrutivo para a dignidade humana quanto a alienação de Deus em virtude da ignorância em relação ao evangelho ou da rejeição a ele? E como podemos seriamente sustentar que a libertação política e econômica é tão importante quanto a salvação eterna?

(1975c:35)

770. Evangelismo e ação social

Se formos pressionados, *se alguém tiver de escolher*, a salvação eterna é mais importante que o bem-estar temporal. Isso parece algo inquestionável para mim. Gostaria, contudo, de acrescentar imediatamente que, normalmente, ninguém tem de fazer essa escolha. Willian Temple afirma: “Se tivermos de escolher entre tornar os homens cristãos e tornar a ordem social mais cristã, devemos escolher o primeiro. Mas essa antítese é inexistente”.

(1979c:21)

771. Motivo e fonte

O evangelismo nasce do amor.

(1967f:5)

O chamado para evangelizar

772. A Palavra de Deus para o mundo de Deus

Acredito que somos chamados para a difícil, e até mesmo dolorosa, tarefa de “escutar duplamente”. Isto é, devemos ouvir cuidadosamente, embora, é óbvio, com diferentes graus de respeito, o mundo antigo e o mundo moderno, a fim de relacionar um com o outro em uma combinação de fidelidade e sensibilidade... Tenho a firme convicção de que, se apenas pudermos desenvolver nossa capacidade de “um duplo escutar”, evitaremos as armadilhas opostas da infidelidade e da irrelevância e seremos capazes de falar hoje em dia a Palavra de Deus para o mundo de Deus com eficácia.

(1992b:13)

773. A essência do evangelho

A palavra “evangelismo” deriva-se do termo grego que significa literalmente “trazer ou anunciar as boas-novas”. É impossível, portanto, falar sobre evangelismo sem falar sobre o conteúdo das

boas-novas. O que é isso? Definindo da forma mais simples possível, é *Jesus*. Jesus Cristo é a essência do evangelho.

(1975d:12)

774. Fato, doutrina e evangelho

Não basta “proclamar Jesus”. Pois há muitos “Jesuses” distintos apresentados hoje em dia. De acordo com o evangelho do NT, entretanto, ele é *histórico* (ele realmente viveu, morreu, ressuscitou e ascendeu em um contexto histórico), *teológico* (sua vida, morte, ressurreição e ascensão têm todas elas um significado salvífico) e *contemporâneo* (ele vive e reina para conceder salvação àqueles que respondem a ele). Os apóstolos, portanto, contam a mesma história de Jesus em três esferas — como um acontecimento histórico (do qual eles foram testemunhas oculares), como um fato de significância teológica (interpretado pelas Escrituras) e como uma mensagem contemporânea (a confrontação dos homens e das mulheres com a necessidade de uma decisão). Temos também, na atualidade, a mesma responsabilidade de contar a história de Jesus como fato, doutrina e evangelho.

(1990b:81)

775. Definição de evangelismo

Evangelismo não é converter pessoas, nem ganhá-las e, tampouco, trazê-las para Cristo, embora este seja realmente o primeiro objetivo do evangelismo. Evangelismo é pregar o evangelho.

(1975c:39)

776. A honra devida

O maior incentivo em todo evangelismo não é a necessidade dos seres humanos, mas a glória de Deus; não é o fato de que a humanidade precisa receber salvação, mas que ela deva dar a Deus

a honra que é devida a seu nome, reconhecendo-o e adorando-o para sempre.

(1988e:69)

777. Permita que Deus seja Deus

Nossa maior necessidade no evangelismo hoje em dia é a humildade para permitir que Deus seja Deus. Isso está longe de empobrecer nosso evangelismo, pois nada mais foi tão calculado para enriquecê-lo, aprofundá-lo e dar-lhe poder.

Nosso motivo deve ser a preocupação com a glória de Deus, e não a glória da Igreja ou nossa glória pessoal.

Nossa mensagem deve ser o evangelho de Deus, conforme dado por Cristo e seus apóstolos, e não as tradições dos homens ou nossas opiniões pessoais.

Nosso poder humano deve ser a Igreja de Deus e todo membro dela, e não alguns privilegiados que querem reter o evangelismo como se fossem suas prerrogativas pessoais.

Nossa dinâmica deve ser o Espírito de Deus, e não o poder da personalidade humana, da organização ou da eloquência.

Sem essas prioridades, o melhor seria calar-nos, quando nossa obrigação moral é falar.

(1967e:117)

778. Mantendo distância

Um contato íntimo com as pessoas envolve uma exposição desconfortável de nós mesmos a elas. É muito mais fácil, tanto em nossa comunhão quanto em nosso testemunho, manter distância, pois é mais provável que ganhemos a admiração de outras pessoas se assim o fizermos. É apenas na proximidade que vemos que os ídolos têm pés de barro. Estamos dispostos a permitir que as pessoas cheguem próximo o bastante de nós para descobrir como realmente somos e nos conhecer como realmente somos? O verdadeiro testemunho, que nasce da amizade, exige um

grande grau de santidade em nós, bem como de amor. Quanto mais próximos chegamos das pessoas, mais difícil é falar de Cristo. Não é essa a razão por que os membros de nossa família são as pessoas mais difíceis de todas às quais testemunhar? Eles nos conhecem muito bem.

(1962g:16)

779. “Ninguém pode...”

É um grave erro sugerir que o propósito do evangelismo é induzir os pecadores a fazer o que eles podem perfeitamente fazer, se resolverem refletir sobre o assunto em sua mente e reunirem forças para tanto. Isso a Bíblia nega enfaticamente. Considere estas duas afirmações: “... ninguém pode dizer: ‘Jesus é Senhor’, a não ser pelo Espírito Santo” (1Co 12.3). “ ‘Ninguém pode vir a mim, se o Pai... não o atrair...’ ” (Jo 6.44). Na igreja, precisamos escutar muito mais esse “ninguém pode”, essa incapacidade natural dos homens para crer em Cristo ou chegarem até ele. Apenas o Espírito pode revelar Cristo aos homens; apenas o Pai pode trazer os homens a Cristo. E sem essa tarefa dupla do Pai e do Espírito, ninguém pode alcançar o Filho. É bem verdade que Jesus também disse: “ ‘... contudo, vocês não querem vir a mim para terem vida’ ” (Jo 5.40; e isso literalmente), e que a mente humana ache impossível resolver claramente a tensão existente entre o “não pode” e o “não querem”. Mas essas duas atitudes são verdadeiras, e a recusa do homem em vir não cancela sua incapacidade para fazer isso sem a graça.

(1967e:113)

780. O principal evangelista

Bem, quem será o mensageiro?

A primeira e fundamental resposta a essa pergunta é: “Deus mesmo”. O evangelho é o evangelho de Deus. Ele o concebeu.

Ele forneceu seu conteúdo. Ele o anunciou. O fato é que ele entregou a nós "... o ministério da reconciliação" e "... a mensagem da reconciliação" (2Co 5.18,19). Ele agiu "por meio de Cristo" para alcançar a reconciliação, e agora age "por meio de nós" para anunciá-la. Mas ele ainda permanece como o reconciliador e pregador.

Ele usou outras agências, e mais elevadas, por meio das quais anunciou a salvação antes de delegar parcialmente a obra à Igreja. À parte dos profetas do NT, o primeiro mensageiro do evangelho foi um anjo, e o primeiro anúncio dele foi acompanhado de uma demonstração da glória do Senhor, a qual foi aclamada em adoração por uma grande multidão do exército celestial.

A seguir, Deus enviou seu Filho, e ele mesmo foi o mensageiro e a mensagem. Pois Deus enviou uma "... mensagem... ao povo de Israel, que fala das boas novas de paz por meio de Jesus Cristo" (At 10.36). Jesus, portanto, não apenas "fez a paz" entre Deus e os homens, judeus e gentios, mas também "... anunciou paz" (Ef 2.14-17). Ele percorreu toda a Palestina anunciando as boas novas do Reino.

Depois, Deus enviou seu Espírito para dar testemunho de Cristo. Assim, o Pai dá testemunho do Filho por meio do Espírito. E apenas agora ele dá à Igreja o privilégio de compartilhar esse testemunho: "'E vocês também testemunharão...'" (Jo 15.27; e isso literalmente).

É essencial lembrar essas verdades simples. O principal evangelista é Deus Pai, e ele proclamou o evangelho por meio de seu anjo, de seu Filho e de seu Espírito antes que confiasse qualquer parte dessa tarefa aos homens. Essa foi a ordem em que tudo aconteceu. A Igreja está em último lugar na lista. E o testemunho da Igreja sempre será subordinado ao do Espírito.

(1967e:57)

781. Paulo, o persuasivo

A apresentação do evangelho feita por Paulo era séria, bem racional e persuasiva. Porque ele acreditava ser o evangelho verdadeiro, não tinha medo de fazer que seus ouvintes utilizassem a mente. Ele não apenas proclamou sua mensagem de um modo “pegue-a ou deixe-a”; mas também apresentou argumentos para apoiar e demonstrar seu caso. Ele estava procurando convencer a fim de converter, e, de fato, conforme Lucas deixa claro, muitos foram “persuadidos”. Além disso, Lucas indica que esse era o método de Paulo, até mesmo em Corinto. O que ele renunciou em Corinto (veja 1Co 1 e 2) foi a sabedoria do mundo, e não a sabedoria de Deus; a retórica dos gregos, e não a utilização de argumentos. Obviamente, argumentos não substituem a obra do Espírito Santo. A confiança no Espírito Santo, no entanto, também não é um substituto para os argumentos. Não devemos colocá-los um ao lado do outro, como se fossem alternativas. Não, o Espírito Santo é o Espírito da verdade e ele traz pessoas à fé em Jesus, não apesar das evidências, mas por causa delas, quando abre a mente dessas pessoas para responder a essas evidências.

(1990b:312)

782. O consentimento da mente

Com muita freqüência, a pregação evangelística consiste em um prolongado apelo por uma decisão, quando a congregação não recebeu nenhuma substância sobre que decisão deve ser tomada. Mas o evangelho não é fundamentalmente um convite para que os homens façam qualquer coisa. É uma declaração do que Deus fez em Cristo na cruz para a salvação dos homens. O convite não pode ser propriamente feito antes que a declaração seja proferida. Os homens precisam compreender a verdade antes que lhes peçam que responda a ela. É verdade que o intelecto do homem é finito e decaído, mas jamais lhe pediram que ele o

matasse. Se o homem vem a Jesus em arrependimento e fé, isso deve acontecer com o consentimento total de sua mente. A razão do grande desaparecimento de decididos depois de campanhas evangelísticas é que os evangelistas desconsideraram esse fato. Se for dito que não podemos analisar a mente do homem em nossa pregação evangelística, pois ela está obscurecida, posso apenas responder que os apóstolos tinham uma opinião diferente.

(1961:48)

783. Jesus no tribunal

Jesus Cristo agora não enfrenta o tribunal diante do Sinédrio, nem de Pôncio Pilatos, o procurador, nem de Herodes Antipas, mas está no banco dos réus da opinião mundial. O “mundo” que, na linguagem bíblica, significa a sociedade secular, não-cristã e sem Deus, às vezes sem compromissos com o evangelho, outras vezes com hostilidade, desempenha o papel de juiz. O mundo julga a Jesus continuamente e o sentencia de várias maneiras. O Diabo o acusa com muitas mentiras horrendas e reúne centenas de falsas testemunhas. O Espírito Santo é o *Paraklētos*, o advogado de defesa, e ele nos chama como testemunhas para substanciar sua causa. Os pregadores cristãos são privilegiados ao testificar para e por Jesus Cristo, defendendo-o, recomendando-o e trazendo diante da corte a evidência que precisa ouvir e pensar a respeito antes que apresente sua sentença.

(1961:54)

784. O verdadeiro testemunho

Hoje em dia, muito daquilo que se chama “testemunho” é realmente uma autobiografia e, muitas vezes, até mesmo uma autopropaganda disfarçada. Assim, é preciso recuperar a perspectiva bíblica correta. Todo testemunho verdadeiro é testemunho de Jesus Cristo, apesar de ele estar no tribunal diante do mundo.

(1961:57)

785. Testemunho de Cristo

As palavras “testemunha” e “testemunho” foram muito esvaziadas e, algumas vezes, empregadas para descrever o que é um pouco mais que um ensaio literário sobre autobiografia religiosa. Mas o testemunho cristão é testemunho de Cristo. E o Cristo de quem temos a responsabilidade de testemunhar não é meramente o Cristo de nossa experiência pessoal, mas o Cristo histórico, o Cristo do testemunho apostólico. Não há outro Cristo. Portanto, se as Escrituras levam ao testemunho, o testemunho também depende das Escrituras.

(1984d:191)

786. Silêncio culposo

Veza após veza, apresenta-se uma oportunidade para falarmos sobre nosso Senhor Jesus Cristo, mas apegamo-nos à nossa paz. E o que é verdade para nós, como cristãos individuais, parece caracterizar e paralisar a Igreja toda.

Quais são as causas de nosso silêncio culposo?

Sem dúvida, qualquer resposta a essa pergunta teria a tendência de ser uma supersimplificação, porque há milhares de razões para isso. Mas eu creio que há quatro razões principais. Ou não temos um incentivo estimulante até mesmo para tentar falar, ou não sabemos o que falar, ou não estamos convencidos de que isso faça parte de nossa tarefa, ou não acreditamos que faremos algum bem, pois já esquecemos qual é a fonte de poder.

(1967e:14)

787. O propósito de Deus

O NT torna todo cristão, por mais jovem e imaturo que seja, uma testemunha e ganhador de almas... O propósito de Deus é que toda congregação cristã local seja organizada para

testemunhar, bem como adorar, e que todo indivíduo cristão participe desse trabalho.

(1954b:xiv)

788. Evangelismo e a Bíblia

O grau de compromisso da Igreja com a evangelização do mundo é medido pelo grau de sua convicção sobre a autoridade da Bíblia, e esse é um fato histórico, tanto passado quanto contemporâneo, observável. Sempre que os cristãos perdem a confiança na Bíblia, eles perdem o zelo pelo evangelismo. De modo inverso, sempre que eles estão convencidos sobre a Bíblia, têm a determinação de evangelizar.

(1981b)

789. Diálogo e evangelismo

Diálogo não é sinônimo nem substituto para o evangelismo. Diálogo é uma conversa séria na qual somos preparados para escutar e aprender, bem como falar e ensinar. É, portanto, um exercício para nossa integridade.

(1992b:111)

790. Dar a Palavra

A igreja primitiva compreendia que sua tarefa era a proclamação diligente e sistemática de uma mensagem. Se a parte de Deus dizia respeito a conceder o poder, a parte dela era dar a Palavra.

(1973a:4)

791. Evangelismo unido

Como evangelismo é compartilhar as boas-novas, e essa é a definição mais simples e mais básica, o evangelismo unido é impossível sem uma concordância anterior a respeito das boas-novas a ser compartilhadas.

(1980f)

792. O desejo de Deus para salvar

Que ninguém diga que a doutrina da eleição pela vontade e misericórdia soberanas de Deus, por mais misterioso que isso seja, torna desnecessário ou o evangelismo ou a fé. O oposto é que deve ser verdadeiro. É apenas porque o desejo gracioso de Deus é salvar que o evangelismo tem alguma esperança de sucesso e a fé torna-se possível. A pregação do evangelho é o meio que Deus designou e por meio do qual liberta da cegueira e da escravidão aqueles que ele escolheu em Cristo antes da fundação do mundo, torna-os livres para crer em Jesus e, assim, faz que sua vontade seja cumprida.

(1979e:48)

793. Evangelismo e eleição

A doutrina da eleição, longe de tornar o evangelismo desnecessário, o faz indispensável. Pois é apenas por meio da pregação do evangelho e da recepção deste que o propósito secreto de Deus pode ser revelado e conhecido.

(1991d:31)

794. Evangelismo em Éfeso

Todas as estradas da Ásia convergiam para Éfeso, e todos os habitantes da Ásia visitavam Éfeso, de tempos em tempos, para comprar ou vender, ver um parente, frequentar os banhos, assistir aos jogos nos estádios, assistir a um drama no teatro, ou adorar a deusa. E, enquanto estavam em Éfeso, eles ouviram falar desse pregador cristão chamado Paulo, que estava falando e respondendo a perguntas por cinco horas diárias. Evidentemente, muitos que foram dar uma espiada, ouviram e se converteram. Depois, retornaram para suas cidades e vilarejos como nascidos de novo. Assim o evangelho deve ter se espalhado pelo vale do Lico e suas principais cidades — Colossos, Laodicéia e Hierápolis — que

Epafras visitara, mas Paulo não, e talvez para as cinco das sete igrejas restantes de Apocalipse 2 e 3, a saber, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes e Filadélfia. Essa é uma boa estratégia para a grande academia e capitais do mundo. E se o evangelho for revelado, explicado, de maneira racional, sistemática e detalhada, no centro da cidade, os visitantes o escutarão, abraçarão a Palavra e a levarão para suas casas.

Quando contrastamos muito do evangelismo contemporâneo com o de Paulo, a superficialidade atual vem imediatamente à tona. Nosso evangelismo tem a tendência de ser muito eclesiástico (convidar as pessoas para ir à igreja), ao passo que Paulo também levava o evangelho ao mundo secular. Somos muito emocionais (apelos para uma decisão sem um fundamento adequado para a compreensão), ao passo que ele ensinava, arrazoava e tentava persuadir; e somos também muito superficiais (fazendo breves encontros e esperando resultados rápidos), ao passo que ele ficou em Corinto e Éfeso por cinco anos plantando fielmente a semente do evangelho e fazendo a colheita no tempo devido.

(1990b:314)

795. A necessidade por fidelidade

Deus tem a intenção de que toda igreja seja uma plataforma firme de onde sejam lançadas as vibrações do evangelho, ou, como nos satélites de telecomunicações, primeiro recebam para depois transmitir as mensagens. Na verdade, este é o plano mais simples de Deus para a evangelização do mundo. Se toda igreja tivesse sido fiel, o mundo teria sido evangelizado há muito tempo.

(1991d:43)

796. “Fofoca santa”

Somos uma geração muito consciente da mídia. Sabemos o poder que a mídia de massa exerce na mente das pessoas. Por

consequinte, queremos usar a mídia no evangelismo. Gostaríamos de impregnar o mundo com as boas-novas por meio da impressão de livros, folhetos e fitas cassetes de áudio e vídeo, bem como pelo rádio e a televisão. E isso acertadamente. Em princípio, ninguém jamais deveria combater essa ambição. Deveríamos equipar-nos para o serviço do evangelho com todos os meios de comunicação modernos que nos estão disponíveis.

Há outra forma, contudo, que (se for para comparar as duas), é ainda mais eficiente. Ela não exige nenhum aparelho eletrônico complicado; é muito simples. Não é organizada nem computadorizada, mas espontânea. Não é cara mas totalmente grátis. Podemos chamar essa técnica de “fofoca santa”. É a transmissão boca a boca e empolgante do impacto que as boas-novas estão causando nas pessoas. “Você ouviu o que aconteceu com fulano e sicrano? Você sabia que tais pessoas passaram a crer em Deus e foram completamente transformadas? Algo extraordinário está acontecendo”.

(1991d:37)

797. A perda da fé

A principal razão, de acordo com meu julgamento, pela qual há tão pouco evangelismo efetivo hoje em dia é que nós, os clérigos, em muitos casos, já não mais acreditamos nele. Já não esperamos ver milagres morais.

(1952:4)

798. O maior impedimento

Afirmamos conhecer, amar e seguir a Jesus Cristo. Dizemos que ele é nosso Salvador, nosso Senhor e nosso amigo. O mundo pergunta de modo perspicaz: “Que diferença Jesus faz na vida desses cristãos? Onde está o Deus deles?”. Pode-se dizer, sem o menor medo de contradizer-se, que o maior impedimento para o evangelismo no mundo de hoje é a falha da Igreja em

apresentar evidência do poder salvífico de Deus em sua própria vida e obra.

(1988e:68)

799. O Senhor ressurreto

A maior razão, e única, para a desobediência evangelística da Igreja reside nas dúvidas que ela tem. Não temos certeza de que nossos pecados foram perdoados. Não temos certeza de que o evangelho é verdadeiro. E assim, porque duvidamos, emudecemos. Necessitamos ouvir novamente a palavra de paz de Cristo; ver novamente suas mãos e seu lado. Assim que ficarmos felizes por termos visto o Senhor, e assim que o reconhecermos claramente como nosso Salvador crucificado e ressurreto, então nada nem ninguém será capaz de nos silenciar.

(1967d:39)

A proclamação do evangelho

800. O poder de Jesus Cristo

Jesus ilustrou a condição humana de perdição com a linguagem da incapacidade física. Por nós mesmos, somos cegos diante da verdade de Deus e surdos para não ouvir a sua voz. Mancos, não conseguimos andar nos seus caminhos. Mudos, não podemos louvá-lo com cântico nem falar em seu favor. Estamos mesmo mortos em nossos delitos e pecados. Além disso, somos enganados e escravizados pelas forças demoníacas. É óbvio que se achamos exagerados, “mitológicos” ou francamente falsos esses conceitos, não veremos necessidade de poder sobrenatural. Consideraremos adequados os nossos próprios recursos. Mas se os seres humanos estão de fato moral e espiritualmente cegos, surdos, mudos, mancos e até mortos e, ainda, prisioneiros de Satanás, é extremamente ridículo supor que, por conta própria e com nossa pregação meramente humana, poderemos alcançar ou resgatar pessoas em condição tão lastimável... Somente Jesus Cristo, pelo seu Espírito Santo, pode abrir os olhos dos cegos e os ouvidos dos surdos, fazer os mancos andar e os mudos falar, despertar a

consciência, iluminar a mente, fazer arder o coração, afetar a vontade, dar vida aos mortos e resgatar os escravos do domínio de Satanás. Tudo isso Jesus pode fazer, e o faz, conforme o pregador deve saber por sua própria experiência.

(2003:353,354)

801. A doutrina de Deus

Por detrás do conceito e do ato da pregação, acha-se uma doutrina de Deus, uma convicção a respeito da sua existência, da sua atuação e do seu propósito. O tipo de Deus em quem cremos determinará o tipo de sermão que pregaremos.

(2003:98)

802. A Palavra tornou-se carne

O verdadeiro evangelismo, o evangelismo modelado pelo ministério de Jesus, não é proclamação sem identificação, como também não é identificação sem proclamação. O evangelismo envolve esses dois aspectos. Jesus Cristo é a Palavra de Deus, a proclamação de Deus; entretanto, para ser proclamada, a Palavra tornou-se carne.

(1967d:41)

803. Através das culturas

Imaginemos um americano que é enviado como missionário a um país africano. Ele teria de fazer a si mesmo esta pergunta: “Como posso eu, um produto da cultura anglo-saxônica, retirar o evangelho da Bíblia, que foi escrito na cultura judaica, no mundo greco-romano, e comunicá-lo aos africanos, que pertencem ao Terceiro Mundo, sejam da religião islâmica, sejam da religião africana tradicional, sem falsificar a mensagem nem torná-la ininteligível?”. É essa interação entre três culturas — a

da Bíblia, a do missionário e a de seus ouvintes — que constitui a empolgante, mas exata, disciplina de comunicação transcultural. (1981g:40)

804. Significado e mensagem

Descobrir o *significado* do texto é de interesse puramente acadêmico, a não ser que passemos a discernir a *mensagem* para hoje, ou (conforme alguns teólogos preferem dizer), a “relevância”. Mas procurar a mensagem contemporânea sem primeiramente descobrir seu significado original é tentar fazer um atalho proibido. Desonra a Deus (desrespeita o modo que ele escolheu de revelar-se em contextos históricos e culturais específicos), abusa da Palavra (tratando-a como almanaque ou livro de magias) e engana o povo (confundindo-o quanto ao modo de interpretar as Escrituras). (2003:237)

805. A importância das palavras

Não devemos concordar com o desencantamento contemporâneo com as palavras. As palavras têm importância. Elas estruturam blocos de sentenças por meio dos quais nos comunicamos uns com os outros. E o evangelho tem um conteúdo específico. Essa é a razão por que ele precisa ser articulado e verbalizado. Obviamente, pode e deve ser dramatizado também. Pois imagens, algumas vezes, são mais poderosas que palavras. As imagens também têm, no entanto, de ser interpretadas pelas palavras. Assim, em todo nosso evangelismo, quer na pregação pública quer no testemunho particular, devemos nos preocupar com a escolha de nossas palavras. (1991d:33)

806. Sensibilidade na pregação

A pregação bíblica exige sensibilidade ao mundo moderno. Embora Deus tenha falado ao mundo antigo por meio das

línguas e culturas então existentes, ele quer que sua Palavra seja para todos. Isso significa que o expositor é mais que um exegeta. O exegeta explica o significado original do texto; o expositor vai além e o aplica ao mundo contemporâneo. Temos de lutar, portanto, para compreender o mundo que passa por transformações rápidas, no qual Deus nos chamou a viver; compreender os principais movimentos de pensamento que o moldaram; ouvir as muitas vozes discordantes, as questões, os protestos e os lamentos de dor; e sentir a medida de sua desorientação e desespero. Pois tudo isso faz parte de nossa sensibilidade cristã.

(1992b:213)

807. Administradores e mensageiros

Somos administradores do que Deus disse, mas mensageiros do que ele fez. Nossa administração é da revelação consumada; mas a redenção consumada são as boas-novas que proclamamos como mensageiros.

(1961:30)

808. Pregação e eleição

A doutrina da eleição não dispensa a necessidade da pregação. Ao contrário, ela a torna essencial. Pois Paulo prega e sofre, literalmente, por ela "... para que também eles alcancem a salvação que está em Cristo Jesus, com glória eterna" (2Tm 2.10). O eleito alcança a salvação em Cristo, não separada da pregação a respeito de Cristo, mas por meio dela.

(1973b:62)

809. O preço da pregação

Parece que a única pregação que Deus honra, por meio da qual sua sabedoria e poder são expressos, é a pregação de um homem que está disposto a ser, ele mesmo, louco e fraco. Deus não apenas escolhe as pessoas fracas e loucas para salvar, mas os pregadores

fracos e loucos por meio dos quais ele as salva, ou pelo menos pregadores que estão dispostos a ser fracos e loucos aos olhos do mundo. Nem sempre estamos prontos a pagar esse preço.

(1961:109)

810. Pregando a Lei

Antes de pregar o Evangelho, devemos pregar a Lei. Na verdade, isso nunca foi tão necessário quanto hoje em dia, quando testemunhamos uma revolta generalizada contra a autoridade. O Evangelho só pode justificar a quem a Lei condena. Essas são as funções respectivas da Lei e do Evangelho. Conforme Martinho Lutero expressa essa idéia, a tarefa da Lei é “aterrorizar”, e a tarefa do Evangelho é “justificar”.¹ Assim, toda história espiritual do homem torna-se um microcosmo da forma mediante a qual Deus lida com a raça humana. Deus não enviou imediatamente seu Filho; não podemos, também, pregá-lo imediatamente. Um longo programa de educação e preparação deve acontecer antes; em particular, a doação da Lei, para expor o fato e a gravidade do pecado. E a Lei ainda exerce essa mesma função. Dietrich Bonhoeffer escreveu na prisão: “É apenas quando alguém se submete à Lei que pode falar da graça... Não acho que seja uma atitude cristã querer chegar ao NT de forma muito rápida ou muito direta”.² Ignorar a Lei é baratear o Evangelho. Temos de encontrar Moisés antes de estar prontos para encontrar Cristo.

(1967e:98)

811. Lei e consciência

Diz-se com freqüência que devemos nos dirigir às necessidades conscientes das pessoas, mas sem tentar induzi-las a sentimentos de culpa que não têm. Entretanto, esta é uma concepção

¹*Commentary on the Epistle to the Galatians* (Clarke, 1953), p. 423.

²*Letters and Papers from Prison* (ET SCM Press, 1959), p. 50.

equivocada. Os seres humanos são seres morais por criação. Isso quer dizer que não apenas experimentamos um impulso interno para fazer o que cremos ser o certo, mas também temos um sentimento de culpa e remorso quando sabemos que fizemos o errado. Esse é um aspecto essencial de nossa humanidade. Obviamente, há aquilo que pode ser denominado de falsa culpa. Mas os sentimentos de culpa despertados pelos maus procedimentos são saudáveis. Eles nos censuram por trair nossa humanidade e nos impelem a buscar perdão em Cristo. Assim, a consciência é nossa aliada. Em todo evangelismo, sou constantemente encorajado quando digo a mim mesmo: “A consciência da outra pessoa está do meu lado”.

(1994:88)

812. A pregação da cruz

Disto temos clareza: a salvação do homem encontra-se apenas na cruz, e não na interpretação desse fato pelo pregador, nem na compreensão a respeito dele pelo ouvinte. Nosso desejo é que os homens acreditem nesse fato, e não que aceitem nossas explicações. “Cristo morreu por nossos pecados” é suficiente e não precisa de nenhuma outra elucidação. Além disso, nosso apelo nunca é que os homens devam aceitar uma teoria a respeito da cruz, mas que recebam a Pessoa que morreu por eles. Para esse fim, devemos continuar a pregar a Cristo crucificado, porque o que é loucura para o intelectualista e pedra de tropeço para o moralista é sabedoria e poder de Deus (1Co 1.23,24).

(1956a:37)

813. História passada e realidade presente

É por meio da pregação que Deus torna a história passada uma realidade presente. A cruz foi, e sempre continuará a ser, o único fato histórico do passado. E ali ela permanece, no passado, nos livros, a não ser que Deus mesmo a torne real e relevante para

os homens de hoje. É por meio da pregação, na qual ele faz apelos aos homens por meio de homens, que Deus consuma seu milagre. Ele abre os olhos dos homens para que vejam seu verdadeiro significado, seu valor eterno e seu mérito permanente.

(1961:46)

814. A ofensa da cruz

A “pedra de tropeço da cruz” ainda permanece. Os pecadores a odeiam, pois ela lhes diz que eles não podem salvar-se a si mesmos. Os pregadores são tentados a evitá-la, pois ela é ofensiva ao orgulhoso. É mais fácil pregar os méritos dos homens que Cristo, pois os homens preferem muito mais as coisas dessa forma.

(1967e:40)

815. A marca da verdadeira pregação

Perseguição ou oposição é a marca de todo verdadeiro pregador cristão... Os profetas do AT, homens como Amós, Jeremias, Ezequiel e Daniel, também achavam isso. Da mesma maneira, os apóstolos do NT. E os pregadores cristãos, ao longo dos séculos de existência da Igreja até agora, que se recusam a distorcer ou diluir o evangelho da graça têm de sofrer por sua fidelidade. As boas-novas do Cristo crucificado são, ainda, um “escândalo” (do grego, *skandalon*, pedra de tropeço), altamente ofensivo para o orgulho dos homens.

(1968c:137)

816. O apelo do evangelho

Deus concluiu a obra de reconciliação na cruz; contudo, ainda é necessário que os pecadores se arrependam e creiam para que assim sejam “reconciliados com Deus”. Repito, os pecadores necessitam ser “reconciliados com Deus”; não obstante, não devemos nos esquecer de que, do lado de Deus, a obra da reconciliação já foi feita.

Se essas duas coisas devem ser mantidas separadas, também devem ser conservadas juntas em toda pregação do evangelho autêntico. Não é suficiente explicar uma doutrina inteiramente ortodoxa da reconciliação sem jamais apelarmos às pessoas para que venham a Cristo.

(1991a:180,181)

817. O calor interior

Alguns pregadores têm grande horror ao emocionalismo. Eu também, se isso significar o incitamento artificial das emoções por meio de truques retóricos ou de outros artifícios. Mas não devemos temer a emoção genuína. Se pregarmos o Cristo crucificado e ficarmos totalmente impassíveis, devemos ter um coração realmente duro. O profissionalismo frio, seco, que separa as falas de um discurso, sem que o coração e a alma estejam envolvidos com elas, é algo que deve ser mais temido que a emoção. Será que o risco de vida que o homem corre e a salvação em Cristo querem dizer tão pouco para nós, a ponto de, quando pensamos sobre esses fatos, não sentirmos nenhum calor brotar em nosso interior?

(1961:51)

XI. O pensamento cristão quanto às questões sociais

58. Evangelismo e ação social

59. Cristianismo, religião e cultura

60. Política e Estado

61. Guerra, violência e pacificação

62. Trabalho, saúde, pobreza e direitos humanos

63. Gênero, sexualidade, casamento e divórcio



Evangelismo e ação social

818. Um dualismo não-bíblico

Um recente debate sobre os méritos antagonistas do evangelismo e da responsabilidade social não seria jamais necessário. Isso expressa um dualismo não-bíblico entre corpo e alma, este mundo e o vindouro. De qualquer modo, somos chamados a testemunhar e a servir; e as duas coisas fazem parte de nosso ministério e missão, como cristãos.

(1991e:145)

819. Quem é meu próximo?

Até anos recentes, nossa negligência evangélica com relação à preocupação social, bem como todo argumento sobre evangelismo e ação social, eram tão inadequados quanto desnecessários. Obviamente, os cristãos evangélicos rejeitaram, acertadamente, o assim chamado “evangelho social” (que substitui as boas-novas da salvação por uma mensagem de melhoramento social), mas é incrível que tenhamos possibilitado que a obra evangelística e social fossem consideradas como alternativas antagônicas. Elas devem

ser expressões autênticas do amor ao próximo. Pois quem é meu próximo, aquele a quem devo amar? Não é nenhuma alma sem corpo nem um corpo sem alma e, tampouco, um indivíduo separado de seu ambiente social. Deus fez o homem como um ser físico, espiritual e social. Meu próximo é um corpo-alma-na-comunidade.

(1975f:16)

820. Um parceiro no evangelismo

Há uma forma de afirmar a relação entre evangelismo e ação social, que creio ser verdadeiramente cristã, a saber, que a ação social é *parceira do evangelismo*. Como parceiros, os dois pertencem um ao outro e, ainda assim, são independentes um do outro. Cada um deles firma-se sobre seu próprio pé, em sua própria prerrogativa, ao lado do outro. Nenhum é um meio para alcançar o outro, nem uma manifestação do outro. Pois cada um é um fim em si mesmo. Os dois são expressões do amor verdadeiro.

(1975c:27)

821. Não um “evangelho social”

O Reino de Deus não é uma sociedade cristianizada. Ele é o governo divino na vida daqueles que reconhecem Cristo. Ele mesmo revelou que o Reino tem de ser “recebido” ou “herdado” ou ainda ser “nele introduzido”, por meio da fé humilde e penitente. E sem um novo nascimento é impossível vê-lo e, muito menos, nele entrar. Aqueles que o recebem como uma criança, entretanto, descobrem-se membros de uma nova comunidade do Messias, a qual é chamada para exibir os ideais de seu governo no mundo e de apresentar ao mundo uma realidade social alternativa. Esse desafio social do evangelho do Reino é bem diferente do “evangelho social”. Quando Rauschenbusch politizou o Reino de Deus, a reação a ele foi compreensível (embora lamentável), a saber, que os evangélicos se concentraram no

evangelismo e na filantropia cultural e se mantiveram a distância da ação sociopolítica.

(1990a:7)

822. Um aspecto da conversão

A responsabilidade social torna-se um aspecto não apenas da missão cristã, mas também da conversão cristã. É impossível converter-se verdadeiramente a Deus sem, por meio disso, converter-se ao nosso próximo.

(1975c:53)

823. Amor e justiça

A cruz é uma revelação da justiça divina como também do seu amor. É por isso que a comunidade da cruz deveria se interessar pela justiça social como também pela filantropia amorosa. Jamais é suficiente ter pena das vítimas da injustiça, se nada fizermos a fim de mudar a situação injusta. Os bons samaritanos serão necessários para socorrer os que são assaltados e atacados; contudo, seria ainda muito melhor tirar os assaltantes da estrada que desce de Jerusalém para Jericó.

(1991a:267)

824. Uma simples compaixão

Fomos enviados ao mundo, como Jesus o foi, para servir. Pois essa é a expressão natural de amor pelo nosso próximo. Nós amamos. Nós vamos. Nós servimos. E não temos (ou não deveríamos ter) outro motivo ulterior para isso. É verdade que o evangelho não tem visibilidade se apenas o pregarmos, e não tem credibilidade se nós que o pregamos temos interesses apenas nas almas sem demonstrar qualquer preocupação pelo bem-estar do corpo, da situação e da comunidade das pessoas. A razão para nossa aceitação da responsabilidade social, no entanto, não é primeiramente a de dar visibilidade ou credibilidade ao evangelho,

que ele não teria de outra forma, mas apenas demonstrar simples compaixão. O amor não tem necessidade de justificar a si mesmo. Ele meramente expressa a si mesmo em serviço sempre que vê a necessidade.

(1975c:30)

825. Palavras e obras

No ministério de Jesus, as palavras e obras, pregação do evangelho e serviço compassivo, andam de mãos dadas. As ações de Jesus expressavam suas palavras, e suas palavras explicavam suas ações. O mesmo deveria acontecer conosco. As palavras são abstratas; elas precisam ser materializadas em ações de amor. As obras são ambíguas; elas precisam ser interpretadas pela proclamação do evangelho. Mantenha as palavras e obras juntas no serviço e testemunho da Igreja.

(1980i:23)

826. Um instrumento de mudança

O evangelismo é o maior instrumento de mudança social. Pois o evangelho muda as pessoas, e pessoas modificadas podem mudar a sociedade.

(1990a:71)

827. Não há sociedade perfeita

Os seguidores de Jesus são otimistas, mas não utópicos. É possível melhorar a sociedade; mas a sociedade perfeita está à espera do retorno de Cristo.

(1989d)

828. Igreja e comunidade

Ao realçar que devemos evitar uma escolha bastante ingênua entre evangelismo e ação social, não deixo implícito que todo

indivíduo cristão deva estar igualmente envolvido com ambas. Isso seria impossível. Além disso, precisamos reconhecer que Deus chama pessoas diferentes para ministérios distintos e lhes concede dons apropriados ao chamado de cada uma delas...

Embora todo indivíduo cristão deva descobrir como Deus o chamou e o preparou como um todo, aventuro-me a sugerir que também a igreja local, como um todo, deve preocupar-se com a comunidade secular local.

(1975a:46)

829. Polarização e especialização

Sugiro a necessidade de um reconhecimento tríplice em relação ao evangelismo e à ação social:

- (a) O reconhecimento de que há dois parceiros na missão cristã..., parceiros “distintos, embora iguais”. Nenhum é uma desculpa para o outro, um pretexto para o outro ou um meio para o outro. Cada um existe em sua própria prerrogativa, como uma expressão do amor cristão. Ambos devem ser incluídos, até certo ponto, em todo programa da igreja local.
- (b) O reconhecimento de que ambos são responsabilidades individuais cristãs. Todo cristão é uma testemunha e deve aproveitar qualquer oportunidade que lhe seja dada. Todo cristão é também um servo e deve responder aos desafios para servir sem considerá-los como meras oportunidades para evangelismo. No entanto, a situação existencial, com frequência, aponta as prioridades de uma ou de outra dessas duas responsabilidades. Por exemplo, o ministério do bom samaritano para com a vítima do saltador não foi de encher os bolsos daquele homem com folhetos, mas de derramar óleo sobre suas feridas. Isso era o que a situação exigia.

- (c) Devemos reconhecer que, embora ambos façam parte das tarefas da Igreja e do cristão, Cristo, no entanto, chama pessoas diferentes para ministérios diferentes e capacita-as com os dons apropriados. Essa dedução é inevitável, se considerarmos a natureza da Igreja como o corpo de Cristo. Embora devamos resistir à *polarização* entre evangelismo e ação social, não devemos resistir à *especialização*. Nem todos podem fazer tudo. Alguns são chamados para ser evangelistas, outros para ser assistentes sociais, e outros, ainda, para ser ativistas políticos. Em toda igreja local, o corpo de Cristo na localidade, que estiver comprometida com o evangelismo e a ação social, há um lugar apropriado para os especialistas individuais e para os especialistas grupais.

(1979c:22)

59

Cristianismo, religião e cultura

830. Histórica e experimental

O cristianismo é a religião histórica e experimental. Na verdade, uma de suas maiores glórias é o casamento entre história e experiência, entre o passado e o presente. Jamais devemos tentar separá-los. Não podemos caminhar sem a obra de Cristo nem sem o testemunho de Cristo que foi dado pelos apóstolos, se quisermos desfrutar a graça e a paz de Cristo hoje.

(1968c:19)

831. Antigo e novo

O cristianismo é antigo e, a cada ano, fica mais velho. Ainda assim, ele também é novo; novo a cada manhã. Conforme João afirma: “Amados, não lhes escrevo um mandamento novo, mas um mandamento antigo, que vocês têm desde o princípio... No entanto, o que lhes escrevo é um mandamento novo, o qual é verdadeiro nele e em vocês, pois as trevas estão se dissipando e já brilha a verdadeira luz” (1Jo 2.7,8). O que ele escreveu acerca dos mandamentos é igualmente aplicável a todo o cristianismo. Ele

é, ao mesmo tempo, antigo e novo..., o Jesus da História é o Cristo da fé, a quem conhecemos e amamos, em quem confiamos e a quem obedecemos.

(1970b:37)

832. Os duplos fundamentos

As duas plataformas do fundamento da religião cristã são a graça de Deus e a morte de Cristo. O evangelho cristão é o evangelho da graça de Deus. A fé cristã é a fé do Cristo crucificado.

(1968c:66)

833. Final e universal

Se Lucas ensina a universalidade do evangelho, e Paulo, sua gratuidade, o autor da carta aos Hebreus ensina sua finalidade. O grande tema dessa última carta é que Jesus é a última palavra de Deus para o mundo, é o testemunho de que ele cumpriu todas as profecias do AT e de que não há nada mais, do que foi profetizado no AT, para acontecer. O cristianismo é a religião perfeita; jamais será superado. Cristo, por meio de seu sacerdócio eterno e sacrifício único, trouxe para nós a "... salvação eterna" (Hb 5.9).

(1954c:79)

834. Cristianismo é Cristo

A palavra "cristão" ocorre apenas três vezes na Bíblia. Graças a seu mau uso corriqueiro, poderíamos ficar sem ela, algo que nos seria muito proveitoso. Jesus Cristo e o apóstolo Paulo jamais utilizaram a palavra, ou, pelo menos, em seus ensinamentos registrados. O que distingue o verdadeiro seguidor de Jesus não é o credo, nem o código de ética, nem as cerimônias, nem a cultura, mas Cristo. O que, com frequência, equivocadamente se chama de "cristianismo" não é, em essência, uma religião nem um sistema, mas uma pessoa: Jesus de Nazaré.

(1983a)

835. A ênfase única

A união com Cristo é uma ênfase única entre as religiões do mundo. Nenhuma outra religião oferece a seus adeptos uma união pessoal com seu fundador. O budista não afirma conhecer Buda; nem o confucionista, Confúcio; nem o muçulmano, Maomé; nem o marxista, Karl Marx. Mas os cristãos afirmam — espero que de forma humilde, mas de modo confiante e seguro — conhecer a Jesus Cristo.

(1991c:38)

836. Há três tipos de tolerância

O que devemos pensar a respeito das outras religiões? A palavra que brota imediatamente na mente das pessoas é “tolerância”, mas elas nem sempre param para definir o que querem dizer com esse termo. Talvez seja útil distinguirmos entre três tipos de tolerância. O primeiro pode ser chamado de tolerância *legal*. É o que garante que o direito de existência de toda religião minoritária e os direitos políticos (geralmente resumidos pela liberdade de “professar, praticar e propagar”) sejam adequadamente protegidos pela lei. Isso é obviamente correto. O segundo tipo é a tolerância *social*, que encoraja o respeito por todas as pessoas, quaisquer que sejam os pontos de vista que elas sustentem, e busca compreender e avaliar com precisão a posição delas. Essa é também uma virtude que os cristãos desejam cultivar; ela brota naturalmente de nosso reconhecimento de que todos os seres humanos são criação de Deus e trazem a sua imagem, bem como de que o Senhor espera que vivamos juntos em harmonia. E quanto à tolerância *intelectual*, o terceiro tipo? Cultivar uma mente tão abrangente que tolere toda opinião, sem jamais detectar nada nela que seja passível de ser rejeitado, não é uma virtude; esse é um vício da mente irresoluta. Isso pode degenerar-se em uma confusão inescrupulosa da verdade com o erro e da bondade com o mal. Os cristãos que crêem que a verdade e a bondade foram

reveladas em Cristo não podem de forma alguma ser coniventes com essa forma de pensamento.

(1985:69)

837. Religiões não-cristãs

O que dizer sobre aquelas pessoas que ignoram o evangelho? Devemos dizer que essas pessoas ignoram totalmente Deus, até mesmo aquelas que aderem às religiões não-cristãs? Não. *Reconhecemos que todos os homens têm algum conhecimento de Deus.* Esse conhecimento universal (embora parcial) é alcançado graças à auto-revelação do Senhor, que os teólogos chamam de *sua revelação geral*, pois é feita a todos os homens; também é conhecida como sua revelação “natural”, pois é feita *na natureza*, tanto externa, no Universo, quanto internamente, na consciência humana. Esse conhecimento de Deus, entretanto, não é o conhecimento salvífico. *Negamos que isso possa salvar*, porque, em parte, essa é uma revelação do poder, da divindade e da santidade de Deus, mas não de seu amor pelos pecadores nem de seu plano de salvação, e porque, em parte, os homens não vivem de acordo com o conhecimento que eles têm.

(1975d:10)

838. Jesus, o incomparável

A situação religiosa do mundo não mudou grandemente. A verdade é que os antigos deuses da Grécia e de Roma já foram desacreditados e descartados muito tempo atrás. No lugar deles, no entanto, novos deuses surgiram e outras crenças antigas experimentaram um ressurgimento. Como resultado da comunicação moderna da mídia e a facilidade de viajar, muitos países estão se tornando cada vez mais pluralistas. O que as pessoas querem é um sincretismo fácil, uma trégua na competição entre as religiões, uma mixórdia do melhor de todas elas. Mas nós, os cristãos, não podemos ceder quanto à finalidade ou à singularidade

de Jesus Cristo. Simplesmente, não há ninguém mais como ele; sua encarnação, expiação e ressurreição não têm paralelos na história da humanidade. Por conseguinte, ele é o único mediador entre Deus e a raça humana. As pessoas ressentem-se, de forma firme e amarga, dessa afirmação exclusiva. Muitas pessoas a consideram intoleravelmente intolerante. Por mais ofensa que isso possa causar, no entanto, as afirmações da verdade nos compelem a mantê-la.

(1992b:64)

839. Caminhos alternativos?

Nós, no entanto, não negamos que há elementos de verdade em sistemas não-cristãos, resultantes dos vestígios da revelação geral de Deus na natureza. O que negamos, de forma veemente, é que esses vestígios de verdade sejam suficientes para a salvação; e, de forma ainda mais veemente, que a fé cristã e as fés não-cristãs sejam caminhos alternativos e igualmente válidos para Deus. Embora haja um importante local para o “diálogo” com homens de outras fés..., há também a necessidade de “encontros” com eles, até mesmo para a “confrontação”, nos quais buscamos desvelar as inadequações e falsidades da religião não-cristã e demonstrar a adequação e a verdade, bem como a imprescindibilidade e finalidade do Senhor Jesus Cristo.

(1975c:69)

840. “Nenhum outro mediador...”

Afirmar que Jesus Cristo é único não é o mesmo que dizer que não haja nenhuma verdade nas outras religiões e ideologias. Obviamente, essas verdades existem. Acreditamos na revelação geral e na graça comum de Deus. O *Logos* de Deus é ainda “a verdadeira luz” que veio ao mundo e iluminou todos os homens (Jo 1.9). Todos os homens conhecem algo da glória de Deus, por

causa da Criação, e algo da lei de Deus, pela sua própria natureza, conforme Paulo argumenta em Romanos 1 e 2. Mas como esse argumento prossegue? Não que o conhecimento de Deus os salve, mas exatamente o oposto! Esse conhecimento os condena porque eles o suprimiram. Na verdade, "... porque, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe renderam graças..." (Rm 1.21).

É contra esse obscuro cenário da rebelião universal, culpa e julgamento da humanidade que as boas-novas de Jesus brilham com esplendorosa beleza. Não há salvação em ninguém mais, pois não há nenhum outro mediador entre Deus e os homens, mas apenas Jesus Cristo que morreu como resgate dos pecadores (At 4.12; 1Tm 2.5,6).

Finalmente, rejeitar todo sincretismo dessa forma e afirmar a singularidade e finalidade de Jesus Cristo não é "superioridade doutrinária" nem imperialismo, como já foi denominado. Convicção sobre a verdade revelada não é arrogância. O nome apropriado dessa convicção é "administração", a administração humilde e obediente da igreja que sabe que o "evangelho lhe foi confiado".

(1976a)

841. A religião Nova Era

Seria fácil para os cristãos descartar os pensamentos da Nova Era como uma aberração ingênua e inofensiva. Mas ela deve ser levada a sério. O movimento Nova Era, do início ao fim, expressa uma preocupação e, até mesmo, uma obsessão com o eu. Mais que isso, e não hesito em dizer, seu egocentrismo fundamental é blasfêmia. Ele põe o "eu" no mesmo lugar de Deus e até declara que somos Deus. Os proponentes da Nova Era cederam à tentação primeva de ser como Deus, o mesmo que aconteceu no jardim do Éden. Deus foi efetivamente destronado. O movimento Nova Era dispensa a Trindade. Primeiro, dispensa Deus Pai, o

Criador transcendente, ao identificá-lo com o Universo. Para nós, é essencial, no entanto, distinguir a criação de seu Criador e afirmar nossa dependência humana nele.

Em segundo lugar, o movimento Nova Era dispensa Deus Filho, nosso único redentor. Nosso predicado humano não é a ignorância, mas o pecado. A solução para ele não está dentro de nós, mas fora de nós. A verdadeira boa-nova não é que podemos despertar para o nosso “eu” verdadeiro, como um ser divino, mas que Cristo veio ao mundo para salvar os pecadores.

Os adeptos da Nova Era, algumas vezes, falam de “expição”. Contudo, distorcem tanto o significado que mal o podemos reconhecer. Eles estão certos ao dizer que expiação iguala-se a “ex-pia-a-ção”. Mas eles interpretam isso como a “unidade com o Uno”, em vez de uma reconciliação pessoal por meio de Jesus Cristo que morreu por nós.

Em terceiro lugar, o movimento Nova Era dispensa Deus Espírito Santo, o santificador que habita em nós. Para os adeptos da Nova Era, a “transformação” não tem nenhuma relação com a moralidade ou o comportamento das pessoas. Ela refere-se à transformação da consciência, à descoberta de seu próprio potencial e ao desenvolvimento desse potencial.

Para os seguidores de Jesus Cristo, entretanto, “transformação” não é descobrir a nós mesmos, mas tornar-nos como Cristo. Paulo escreveu: “... segundo a sua imagem estamos sendo transformados com glória cada vez maior, a qual vem do Senhor, que é o Espírito” (2Co 3.18). Contra as especulações egocêntricas e imoderadas do movimento Nova Era, que dispensa a Trindade — e, portanto, a Criação, a redenção e a santificação — é um alívio professar novamente a fé batismal e fundamental dos cristãos.

Temos de escolher entre dois evangelhos incompatíveis. Por um lado, há o falso evangelho do movimento Nova Era que se centra no “eu”, em minha identidade e em meus potenciais. Por

outro lado, há o verdadeiro evangelho que se centra em Deus — no Pai que nos ama, no Filho que morreu por nós e no Espírito que habita em nós e nos transforma. Não há possibilidade de concessões entre esses dois evangelhos. A verdadeira Nova Era foi inaugurada por Jesus Cristo em sua primeira vinda. O assim chamado movimento “Nova Era” é uma imitação e uma fraude.

(1989a)

842. Cultura e religião

Uma aceitação respeitosa da diversidade de *culturas* não implica uma igual aceitação da diversidade de *religiões*. A riqueza de cada cultura em particular deve ser apreciada, mas não a idolatria que está em seu âmago. Pois não podemos tolerar a existência de nenhum rival para Jesus Cristo se cremos, como cremos, que Deus falou de forma plena e final por meio dele e que ele é o único Salvador, que morreu e ressuscitou e voltará um dia ao mundo para ser seu Juiz.

(1990a:224)

843. A ambigüidade da cultura

A cultura é ambígua porque o homem é ambíguo. O homem é nobre, porque foi feito à imagem de Deus; é ignóbil, porque é decaído e pecador. E sua cultura reflete fielmente esses dois aspectos.

(1975d:26)

844. Avaliação da cultura

A cultura pode ser comparada a uma tapeçaria, intrincada e, com freqüência, bela, tecida por determinada sociedade, a fim de expressar sua identidade coletiva. As cores e padrões da tapeçaria são as crenças e os costumes comuns da comunidade, herdados do passado e enriquecidos pela arte contemporânea, os

quais unem toda a comunidade. Cada um de nós, sem exceção, nasceu e foi criado em uma cultura específica. Esta, por fazer parte de nossa criação e ambiente, faz também parte de nós mesmos, e achamos difícil posicionar-nos fora dela e avaliá-la de forma cristã. No entanto, isso é o que precisamos aprender a fazer. Pois se Jesus é o Senhor de todos, nossa herança cultural não pode ser excluída de seu senhorio. E isso se aplica tanto às igrejas como também aos indivíduos.

(1975d:26)

Política e Estado

845. A autoridade do Estado

Confesso que acho extremamente impressionante Paulo escrever acerca da “autoridade” e do “ministério” do Estado; que três vezes ele afirme que a autoridade do Estado é a autoridade de Deus; que três vezes ele descreva o Estado e seus ministros como ministros de Deus, usando duas palavras (*diakonos* e *leitourgos*) que em outro lugar aplicou a seu próprio ministério de apóstolo e evangelista e, até mesmo, ao ministério de Cristo.¹ Não acho que há uma forma de escaparmos a essa verdade, por exemplo, mediante a interpretação do parágrafo como uma aquiescência de má vontade às realidades do poder político. Não. A despeito dos defeitos do governo romano, dos quais ele tinha conhecimento pessoal, Paulo enfaticamente declarou que a autoridade

¹Exemplos de *diakonos* utilizado em relação a Cristo: Romanos 15.8; a Paulo: 2Coríntios 6.4. *Leitourgos* utilizado em relação a Cristo: Hebreus 8.2; a Paulo: Romanos 15.16.

e o ministério desse governo pertenciam a Deus. É a origem divina da autoridade do Estado que torna a submissão cristã uma questão de “consciência” (v. 5).

O fato, entretanto, de que a autoridade do Estado foi delegada por Deus e, portanto, não ser ela intrínseca mas derivada, significa que jamais deve ser absolutista. A adoração pertence a Deus somente, e a seu Cristo, que é o Senhor de todo poder e autoridade (Ef 1.21,22) e “o soberano dos reis da terra” (Ap 1.5; cf 19.16). O Estado deve ser respeitado como instituição divina, mas prestar-lhe fidelidade irrestrita e absoluta seria idolatria. Os cristãos primitivos recusaram-se a chamar César de “Senhor”; esse título pertencia a Jesus somente.

(1991a:280)

846. O conceito bíblico

“Autoridade”, conforme o uso bíblico, não é sinônimo de “tirania”. Todos aqueles que ocupam posição de autoridade na sociedade são responsáveis perante Deus, que lhes delegou essa autoridade, e perante a pessoa ou às pessoas em benefício das quais lhes foi concedida essa autoridade. Em uma palavra, o conceito bíblico de autoridade não tem relação com tirania, mas com responsabilidade.

(1979e:219)

847. Modelos de Igreja e Estado

O relacionamento entre a Igreja e Estado tem sido, de forma notória, controverso ao longo dos séculos cristãos. Para simplificar, quatro modelos foram experimentados — o erastianismo (em que o Estado controla a Igreja), a teocracia (em que a Igreja controla o Estado), o constantinianismo (o acordo em que o Estado favorece a Igreja, e a Igreja acomoda-se ao Estado para reter o favor que este lhe oferece) e a parceria (a Igreja e o Estado reconhecem um ao outro, em um espírito de colaboração

construtivo, com responsabilidades distintas dadas por Deus, e encorajam um ao outro a agir de acordo com isso). O quarto parece estar mais de acordo com os ensinamentos de Paulo em Romanos 13.

(1994:339)

848. Ministros tanto de Deus quanto do Estado

Se buscamos desenvolver uma compreensão bíblica do Estado, é fundamental reconhecer a verdade de que as autoridades e ministros do Estado foram instituídos por Deus. Além disso, Paulo, ao escrever a respeito do ministério do Estado, utiliza duas vezes exatamente a mesma palavra que usou em outro lugar para referir-se aos ministros da Igreja, a saber, *diakonoi* (embora na terceira vez ele utilize *leitourgoi*, um termo que usualmente significava “sacerdotes”, mas também poderia significar “servidores públicos”)... *Diakonia* é um termo genérico que pode abranger uma grande variedade de ministérios. Aqueles que servem ao Estado, como legisladores, servidores públicos, magistrados, autoridades policiais, agentes sociais ou fiscais são tão “ministros de Deus” quanto aqueles que servem na Igreja como pastores, mestres, evangelistas ou administradores.

(1994:343)

849. Limites da autoridade

Sempre que for decretada uma lei que contradiga a lei de Deus, a desobediência civil torna-se um dever cristão. Há notáveis exemplos disso nas Escrituras. Quando o faraó ordenou que as parteiras hebréias matassem os meninos que nascessem, elas se recusaram a obedecer. “Todavia, as parteiras temeram a Deus e não obedeceram às ordens do rei do Egito; deixaram viver os meninos” (Êx 1.17). Quando o rei Nabucodonosor emitiu um decreto de que todos os seus súditos deveriam prostrar-se e adorar sua imagem de ouro, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego recusaram-se a obedecer

(Dn 3). Quando o rei Dario emitiu um decreto de que por 30 dias ninguém deveria orar "... a qualquer deus ou a qualquer homem", exceto a ele mesmo, Daniel recusou-se a obedecer (6.7). E quando o Sinédrio banuiu a oração em nome de Jesus, os apóstolos recusaram-se a obedecer (At 4.18ss). Todas essas recusas foram heróicas, apesar das ameaças que acompanhavam esses editos. Em cada um desses casos, a desobediência civil envolvia um risco pessoal muito grande, além da possível perda da vida. Em cada caso, o propósito era "demonstrar sua submissão a Deus, e não desafiar o governo".²

(1994:342)

850. "Antes a Deus do que aos homens"

A preocupação dos apóstolos não era defender a si mesmos, mas exaltar a Cristo. Eles disseram: "É preciso obedecer antes a Deus do que aos homens!" (At 5.29), e eles, ao assim fazer, lançaram o princípio da desobediência civil e eclesiástica. Certamente, os cristãos são chamados para ser cidadãos conscientes e, de modo geral, para submeter-se às autoridades humanas. No entanto, se a autoridade em questão utiliza mal o poder que Deus lhe deu para comandar o que ele proíbe ou para proibir o que ele ordena, então a tarefa cristã é desobedecer à autoridade humana a fim de obedecer à autoridade de Deus.

(1990b:116)

851. Desobediência civil cristã

O discipulado algumas vezes exige a desobediência. Na verdade, a desobediência civil é uma doutrina bíblica, pois há quatro ou cinco exemplos notáveis disso nas Escrituras. Ela brota

²Charles W. COLSON. *Kingdoms in Conflict, An Insider's Challenging View of Politics, Power and the Pulpit*. William Morrow/Zondervan, 1987, p. 251.

naturalmente da afirmação de que Jesus é Senhor. O princípio é claro, embora sua aplicação deva envolver cristãos cuja consciência esteja em agonia. Ele é isso aí. Devemos nos submeter ao Estado, pois ele é a autoridade proveniente de Deus, e a seus oficiais, pois são ministros de Deus, até o ponto em que a obediência ao Estado não nos leve à desobediência a Deus. Nesse ponto, nossa tarefa cristã é desobedecer ao Estado a fim de obedecer a Deus, pois se o Estado utiliza mal a autoridade que Deus lhe deu e toma a liberdade de ordenar o que Deus proíbe, ou de proibir o que Deus ordena, temos de dizer “não” ao Estado, a fim de poder dizer “sim” a Cristo. Assim Paulo expressa isso: “É preciso obedecer antes a Deus do que aos homens!”. Ou nas palavras de Calvino: “A obediência aos homens não deve se tornar desobediência a Deus”.

(1992b:96)

852. O que Deus deseja

Deus, porque ele mesmo é Deus de justiça, deseja justiça em toda comunidade humana, não apenas em toda comunidade cristã.

(1978f:171)

853. Perdão e punição

Em Romanos 12 e 13, Paulo traça uma distinção vital entre a tarefa do cidadão de amar e de servir o malfeitor, e a tarefa dos servidores públicos, como agentes oficiais da ira de Deus, para trazê-lo a julgamento e, se condenado, puni-lo. Esses dois princípios, longe de um ser incompatível com o outro, podem ser observados em operação com Jesus na cruz. De um lado, “quando insultado, não revidava”. De outro, “... entregava-se àquele que julga com justiça”, na certeza de que a justiça de Deus prevaleceria (1Pe 2.23; cf. Sl 37.5ss).

(1994:337)

854. Justiça social

Seria um equívoco supor que a palavra bíblica “justiça” significa, de um lado, apenas relacionamento correto com Deus e, de outro, justiça moral de caráter e de conduta. Pois a justiça bíblica é mais que um assunto particular e pessoal; ela também inclui a justiça social. E a justiça social, conforme aprendemos com a Lei e os profetas, diz respeito à busca da liberação do homem da opressão, com a promoção dos direitos civis, da justiça nos tribunais, da integridade nas transações comerciais e da honra nos assuntos familiares e caseiros. Assim, os cristãos estão comprometidos a ter fome de justiça em toda comunidade humana, pois isso é algo que agrada à justiça de Deus.

(1978f:45)

855. Definição de democracia

Democracia é a expressão política da persuasão pelo argumento. Se o absolutismo, por ser pessimista, impõe a lei arbitrariamente, e a anarquia, por ser otimista, dispensa totalmente a lei, então a democracia, por ser realista em relação ao homem como um ser criado e decaído, envolve cidadãos na estruturação de suas próprias leis. Pelo menos, essa é a teoria. Na prática, especialmente em países com um grande número de analfabetos, a mídia pode também facilmente manipulá-los. E, em toda democracia, há o constante perigo de ignorar as minorias.

(1990a:59)

856. Jesus e a política

A palavra “política” pode receber uma definição ampla ou estreita. Em termos amplos, “política” denota a vida da cidade (*polis*) e a responsabilidade do cidadão (*politēs*). Ela, portanto, diz respeito a toda a nossa vida na sociedade humana. Política é a arte de vivermos juntos em uma comunidade. De acordo com a definição estreita, entretanto, política é a ciência do governo.

Ela diz respeito ao desenvolvimento e à adoção de políticas específicas com a visão de que elas têm de ser conservadas em legislação. Diz respeito, portanto, à aquisição de poder para a transformação social.

Uma vez que essa distinção fique clara, podemos perguntar se Jesus envolveu-se com a política. No sentido estreito, a resposta é claramente negativa. Ele nunca formou um partido político, não adotou um programa político, nem organizou um protesto político. Ele não deu nenhum passo para influenciar as políticas de César, de Pilatos ou de Herodes. Ao contrário, ele renunciou à carreira política. No outro sentido da palavra, entretanto, o mais amplo, todo seu ministério foi político. Pois ele veio ao mundo a fim de compartilhar da vida da comunidade humana e enviou seus seguidores ao mundo a fim de que fizessem o mesmo.

(1990a:11)

857. Reformadores sociais

Os líderes mais influentes na História, os reformadores sociais e os pioneiros, foram homens e mulheres de *ação*, porque eles foram homens e mulheres de *opinião* e com *paixão*.

(1978c:182)

858. A influência política do cristão

Embora dificilmente seja a responsabilidade de uma igreja ou denominação em si ocupar-se na atuação política direta, mesmo assim os indivíduos cristãos e os grupos cristãos devem fazer isso, e devem receber encorajamento do púlpito nesse sentido. Os cristãos, pois, devem evitar os dois erros opostos, o do *laissez-faire* (não fazer nenhuma contribuição ao bem-estar político da nação) e o da imposição (procurar impor um ponto de vista minoritário a uma maioria que não o queira, como no caso das leis antialcoolismo nos Estados Unidos, no período do proibicionismo). Em vez disso, lembremos-nos de que a democracia

significa governar com o consentimento dos governados, que o “consentimento” é questão da opinião pública majoritária e que a opinião pública é uma coisa volátil, que está aberta à influência cristã. Os pessimistas responderão que a natureza humana é depravada (e é mesmo), que a utopia está fora do alcance (e está mesmo), e que, portanto, a atividade sociopolítica é perda de tempo (mas não é). É realmente absurdo dizer que é impossível a melhoria social por meio da influência cristã. Isso porque o registro histórico demonstra o contrário. Por onde quer que o evangelho cristão tem ido e triunfado, tem trazido em sua esteira uma nova solicitude pela educação, uma nova disposição de escutar dissidentes, novos padrões de imparcialidade na administração da justiça, uma nova mordomia do meio ambiente natural, novas atitudes para com o casamento e o sexo, novo respeito para com as mulheres e as crianças, e uma nova resolução compassiva que significa providenciar alívio para os pobres, curar os enfermos, reabilitar os presos e cuidar dos idosos e doentes. Além disso, esses novos valores passam a ser expressados, à medida que a influência cresce, não somente nos empreendimentos filantrópicos, mas também na legislação humanitária.

(2003:177)

859. Compaixão e justiça

A compaixão precisa de diretrizes morais; pois sem o ingrediente de justiça, ela certamente se desviará.

(1980d)

61

Guerra, violência e pacificação

860. Pacifismo e armas nucleares

Converti-me a Jesus Cristo no fim da minha adolescência, pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial, e eu descreveria a mim mesmo, naquela época, como um pacifista instintivo. Ao ler o Sermão do Monte cuidadosamente pela primeira vez, pareceu-me claro que Jesus proibia a retaliação, que trazia consigo o banimento de qualquer participação na guerra. Contudo, à medida que aprendi a comparar passagem com passagem, o assunto ficou menos claro para mim. Foi o estudo cuidadoso de Romanos 12.17—13.5 que me convenceu da autoridade dada por Deus ao Estado para punir os malfeitores e usar a força para assim fazê-lo. Isso levou-me a renunciar a Anglican Pacifist Fellowship [Comunidade Pacifista Anglicana]. Todavia, a seguir, veio o desenvolvimento e proliferação de armas nucleares, e descobri que era incapaz de acomodá-las nas categorias do pensamento da guerra justa que já aceitara. Minha consciência condenou o uso indiscriminado de armas convencionais (como o bombardeio generalizado das cidades alemãs) e todo uso indiscriminado

de armas (químicas e biológicas, bem como nucleares). Pois essas coisas contradizem as Escrituras, que proíbem o derramamento de sangue inocente. Elas infringem os princípios da guerra justa, a saber, os de controle e de proporção, bem como o de diferenciação. E essas armas foram consideradas fora da lei pelo consentimento de todos na Convenção de Haia e pelo Protocolo de Genebra. Quando Escrituras, tradição e senso comum estão unidos na condenação de algo, o caso é fragoroso e avassalador.

(1986a:xi)

861. Moralidade e realismo

Encontro-me em um dilema, pois, ao mesmo tempo que sou um pacifista nuclear, creio em uma abordagem multilateral para o desarmamento nuclear. A moralidade cristã leva-me a crer que o uso de armas nucleares seria imoral; mas o realismo cristão leva-me a defender a posse condicional delas. Unilateralismo (pelo menos do tipo que defende o total e imediato desmantelamento de nosso arsenal nuclear) pode tornar a guerra nuclear mais provável. Nesse caso, a renúncia de um mal, aceito como tal (o arsenal nuclear), causaria um mal ainda maior (o holocausto nuclear). Portanto, a busca premente para o desarmamento equilibrado, multilateral, verificável, com o que o papa João Paulo II chamou de “gestos audaciosos de paz” (i.e., gestos unilaterais cuja intenção é interromper a paralisação completa), parece ser uma instância mais prudente e, nesse caso, mais moral que o unilateralismo.

(1988f:46)

862. Questões morais na guerra moderna

As três armas — atômica, biológica e química — são algumas vezes referidas como as armas “ABC”;¹ elas certamente formam

¹C de *chemical*, química, em inglês [N. do T.].

o alfabeto mais repulsivo jamais concebido. A invenção e o aprimoramento das armas “ABC”, principalmente os artefatos nucleares, transformou radicalmente o contexto em que alguém deve pensar sobre a moralidade da guerra. Essas armas desafiam a relevância da teoria de “guerra justa”. Uma guerra pode ter uma causa justa e um objetivo justo. Todavia, no mínimo, se “macroarmas” (“estratégicas” ou “táticas”) forem utilizadas, não haverá nenhum prospecto razoável de alcançar-se o objetivo (uma vez que não há vitoriosos em guerras nucleares), e os meios não seriam justos, pois as armas nucleares não são nem proporcionais, nem discriminadas, nem controladas. Milhões de não-combatentes seriam mortos. Em um holocausto nuclear, muito sangue inocente seria derramado. A consciência cristã, portanto, tem de declarar imoral o uso indiscriminado de armas nucleares, bem como de armas químicas e bacteriológicas. Uma guerra nuclear jamais poderia ser uma guerra justa.

(1990a:95)

863. Vencer o mal com o bem

Sempre que um agressor ameaça a segurança do Estado, os cristãos tendem a polarizar. Os teóricos da guerra justa, de um lado, concentram-se na necessidade de resistir e punir o mal e tendem a esquecer que há outras injunções bíblicas para “dominá-lo”. Os pacifistas, de outro lado, concentram-se na necessidade de dominar o mal com o bem e tendem a esquecer que, de acordo com as Escrituras, o mal precisa ser punido. Será que é possível reconciliar essas duas ênfases bíblicas? Pelo menos, devemos ser capazes de concordar com isto: se uma nação crê que se justifica declarar guerra, a fim de resistir e punir o mal, os cristãos devem enfatizar a necessidade de olhar além da derrota e da rendição do inimigo nacional para que eles cheguem ao arrependimento e à reabilitação. A punição do mal é uma parte essencial do governo moral de Deus no mundo. Mas a justiça retributiva e a reformativa

podem andar de mãos dadas. E a mais sublime e nobre de todas as atitudes em relação ao mal é buscar vencê-lo com o bem.

(1984c:55)

864. Retaliação e vingança

Retaliação e vingança são totalmente proibidas aos seguidores de Jesus. Ele jamais revidou a uma agressão, nem em palavras nem em ações. Todavia, apesar de nossa tendência retributiva inata, cujo espectro vai desde o pagar na mesma moeda da criança até a determinação mais sofisticada do adulto de ficar quite com seu adversário, Jesus nos chama a imitá-lo. Certamente, há um local para a punição dos malfeitores nos tribunais, e Paulo ensina isso em Romanos 13. Na conduta pessoal, no entanto, jamais devemos retribuir por nós mesmos, causando danos àqueles que nos causaram danos. A não retaliação foi um dos primeiros aspectos da tradição ética do cristianismo, cuja origem remonta aos ensinamentos de Jesus e à literatura de sabedoria do AT.

A ética cristã nunca é puramente negativa, e, no entanto, cada um dos quatro imperativos negativos de Paulo, em Romanos 12, é acompanhado por um correlato positivo. Assim, não devemos amaldiçoar, mas abençoar (v. 14); não devemos retribuir mal por mal, mas fazer o que é correto e viver em paz com todos (v. 17,18); não devemos nos vingar, mas deixar essa vingança nas mãos de Deus e servir a nossos inimigos (v. 19,20); e não devemos nos deixar vencer pelo mal, mas vencer o mal com o bem (v. 21).

(1994:334)

865. Violência e não-violência

O Deus da Bíblia é o Deus da salvação e do julgamento. Mas não de forma igual, como se essas fossem expressões paralelas de sua natureza. Pois as Escrituras chamam seu julgamento de "... obra muito estranha" (Is 28.21); sua obra característica, na qual ele se deleita, é a salvação e a pacificação. Jesus, de modo

similar, reagiu à perversidade obstinada com ira, proferindo denúncias rigorosas contra os hipócritas, quando expulsou os cambistas do templo e derrubou as mesas deles. Mas ele também suportou a humilhação e as barbáries dos açoites e da crucificação, sem resistência. Assim, vemos no ministério do mesmo Jesus tanto a violência quanto a não-violência. Embora a utilização que fez da violência, por meio de palavras e de ações, tenha sido ocasional, escassa e não característica, sua especificidade era a não-violência; o símbolo de seu ministério não é o chicote, mas a cruz.

(1983d:56)

866. A qualquer preço?

“Paz a qualquer preço” não é uma paz bíblica. Pois a paz bíblica não é apaziguamento, mas paz com honra, paz com justiça. Essa é a razão pela qual a paz tem de ser “feita” e a razão pela qual Jesus veio para fazê-la. Ele rompeu as barreiras da separação, “fazendo a paz”. É nosso privilégio participar dessa obra de reconciliação, ao anunciarmos aos outros as boas-novas da paz por meio de Jesus Cristo e, desse modo, sermos pacificadores.

(1970a:11)

867. Chamados a ser pacificadores

Todo cristão é chamado a ser pacificador. As bem-aventuranças não formam um conjunto de oito opções, de forma que algumas pessoas possam escolher ser humildes; outras, misericordiosas; e outras, ainda, pacificadoras. Juntas, elas são a descrição que Cristo fez dos membros de seu Reino. É verdade que jamais teremos sucesso no estabelecimento de uma utopia na terra, tampouco o Reino de justiça e de paz de Cristo se tornará universal na História. Só quando Cristo voltar, as espadas serão derrotadas pelos arados, e as lanças, pelas podadeiras. Esse fato, no entanto, não nos dá o direito de fazer que as fábricas para manufaturas de espadas e lanças proliferem. Será que a profecia sobre a fome, que Cristo

fez, inibe-nos de buscar uma distribuição mais justa dos alimentos? Tampouco suas profecias de guerra inibem nossa busca de paz. Deus é um pacificador. Jesus Cristo é um pacificador. Assim, se quisermos ser filhos de Deus e discípulos de Cristo, devemos também ser pacificadores.

(1990a:108)

868. Um chamado custoso

O incentivo à pacificação é o amor, mas ele se degenera em apaziguamento sempre que a justiça é ignorada. Perdoar e pedir perdão são dois exercícios custosos. Toda pacificação cristã autêntica exibe o amor e a justiça — e, portanto, também a dor — da cruz.

(1991a:271)

869. “Paz barata”

Outros exemplos de pacificação são as obras de reunião e as obras de evangelismo, isto é, de um lado, buscar a união das igrejas e, de outro, trazer os pecadores a Cristo. Nessas duas atividades, a verdadeira reconciliação pode se degenerar em uma paz barata. A unidade visível da Igreja é uma busca cristã, e essa busca cristã é apropriada, mas apenas se essa unidade não for à custa da doutrina. Jesus orou pela união de seu povo. Ele também orou para que este pudesse ser preservado do mal e vivesse na verdade. Não temos nenhum mandado de Cristo para buscar a unidade sem pureza, isto é, a pureza tanto da doutrina quanto da conduta. Se há algo que possa ser chamado de “reunião barata”, há também o “evangelismo barato”, a saber, a proclamação do evangelho sem o preço do discipulado, a exigência de fé sem o preço do arrependimento. Esses são atalhos proibidos. Fazem que o evangelista seja uma fraude. Barateiam o evangelho e danificam a causa de Cristo.

(1978f:51)

62

Trabalho, saúde, pobreza e direitos humanos

870. A origem do trabalho

O trabalho não é consequência da Queda. É consequência da Criação.

(1980g:20)

871. Parte essencial do ser humano

Duas sentenças em Gênesis 1.26 andam juntas: “ ‘Façamos o homem à nossa imagem’ ” e “ ‘Domine ele...’ ”. É porque temos a imagem de Deus que participamos do domínio de Deus. Nosso potencial para o trabalho criativo, portanto, é parte essencial de nossa humanidade semelhante a Deus.

(1979a)

872. O pecado do rico

Todos nós somos tentados a utilizar a enorme complexidade da economia internacional como uma desculpa para não fazer nada. No entanto, esse foi o pecado do rico. Não há sugestão de

que o rico seja responsável pela pobreza de Lázaro, quer por roubá-lo quer por explorá-lo. A culpa do rico está ligada ao fato de ele ter ignorado o mendigo à sua porta e não ter feito absolutamente nada para aliviar sua pobreza. Ele concordou com a situação da calamitosa desigualdade econômica que levava Lázaro a ter uma condição bastante desumana, a qual ele poderia ter aliviado. Os cães que lambiam as feridas de Lázaro demonstraram mais compaixão que o rico. Este foi para o inferno por causa de sua indiferença.

(1980b)

873. Nossa cegueira

É fácil criticar nossos ancestrais cristãos por sua cegueira. É muito mais difícil descobrir a nossa. O que a posteridade verá como a principal cegueira do cristão dos últimos 25 anos do século XX? Eu não sei. Mas suspeito que isso será algo relacionado com a opressão econômica do Terceiro Mundo, bem como com a facilidade com que os cristãos ocidentais a toleram e até mesmo concordam com ela. Nossa consciência cristã está sendo despertada vagarosamente para as grandes desigualdades econômicas entre os países do Atlântico Norte e o mundo do Hemisfério Sul — América Latina, África e a maior parte da Ásia. Igualitarismo total pode não ser um ideal bíblico. Mas será que não deveríamos declarar abertamente que o luxo e a extravagância são males indefensáveis quando grande parte das pessoas de nosso mundo é mal-nutrida e desprivilegiada? Muito mais cristãos devem alcançar as qualificações econômicas e políticas para unir-se à busca por justiça na comunidade mundial; entretanto, devem buscar um estilo de vida menos afluente, em quaisquer termos que possamos defini-lo, pois essa certamente é uma obrigação que as Escrituras impõem sobre nós, tanto quanto a solidariedade compassiva para com o pobre. Obviamente, podemos resistir a essas coisas e até mesmo utilizar (ou utilizar mal) a Bíblia para defender nossa

resistência. O horror da situação é que nossa cultura afluente nos drogou; não mais sentimos a dor das privações de outros povos. O primeiro espaço para a recuperação de nossa integridade cristã, no entanto, é estar consciente de que nossa cultura nos cega, nos ensurdece e nos dopa. Devemos, portanto, começar a clamar a Deus para que ele abra nossos olhos, desobstrua nossos ouvidos e fira nossa consciência para que ela desperte, até que possamos ver, ouvir e sentir o que ele, por meio de sua Palavra, esteve nos dizendo o tempo todo. Depois, devemos partir para a ação.

(1981g:36)

874. O princípio da simplicidade

O materialismo é uma obsessão com os bens materiais. O asceticismo é a negação das boas dádivas do Criador. O farisaísmo é o nosso aprisionamento e o de outras pessoas às regras. Em lugar disso tudo, devemos apegar-nos aos princípios. O princípio da simplicidade é claro. A simplicidade é prima em primeiro grau do contentamento. Seu lema é: “Não trouxe nada para este mundo e, certamente, não podemos carregar nada para fora dele”. A simplicidade, portanto, reconhece que somos peregrinos.

A simplicidade também se concentra naquilo que *precisamos* e mede isso por aquilo que *usamos*. Ela se regozija nas boas coisas da Criação, mas odeia o desperdício, a cobiça e o acúmulo. Ela reconhece facilmente que a semente da Palavra é sufocada pela “preocupação desta vida e o engano das riquezas”. Ela quer estar livre de distrações, para amar e servir a Deus e aos outros.

(1981a)

875. Injustiça crescente

O AT reconhece que a pobreza é, algumas vezes, resultante da preguiça, da glotonaria ou das extravagâncias. Todavia, geralmente, ele atribui a pobreza aos pecados de outras pessoas. Além disso,

a injustiça tem tendência a piorar, porque o pobre não tem poder para mudá-la.

(1981e)

876. Três formas de abordar a pobreza

Como os cristãos devem abordar o fato cruel da pobreza no mundo contemporâneo?

Primeiro, poderíamos abordar o problema *racionalmente*, com distanciamento impassível e estatístico. Na verdade, é aí que devemos começar. Há mais de 5 bilhões de habitantes no planeta Terra, um quinto dos quais são destituídos... Enquanto um quinto dos habitantes do mundo não tem o suprimento das necessidades básicas para a sobrevivência, outro quinto dessa população vive com abundância e consome cerca de quatro quintos da renda mundial. Em 1988, o “total das despesas” desses países ricos com as nações do Terceiro Mundo chegou a 92 bilhões de dólares (menos que 10% do gasto mundial com armamentos); mas esse valor foi mais que compensado pelo serviço do débito total de 142 bilhões de dólares, resultando em uma transferência negativa líquida de 50 bilhões de dólares do Terceiro Mundo para os países desenvolvidos.¹ A tremenda disparidade entre a riqueza e a pobreza constitui uma injustiça social com a qual a consciência cristã não pode se coadunar.

Segundo, poderíamos abordar o fenômeno da pobreza *emocionalmente*, com a indignação veemente que brota das visões, dos sons e dos cheiros da necessidade humana. Na última vez que visitei o aeroporto de Calcutá, o sol já havia se posto. Sobre a cidade toda pairava uma cortina de fumaça malcheirosa, proveniente da queima de esterco em uma miríade de fogueiras. Do lado de fora do aeroporto, uma mulher esquelética, segurando um bebê

¹The World Bank Annual Report 1989, p. 27.

esquálido, estendeu uma das mãos para receber uma *esmola*. Um homem, cujas pernas foram amputadas acima do joelho, arrastava-se com as mãos ao longo da calçada. Depois, fiquei sabendo que há mais de 250 mil desabrigados que dormem nas ruas à noite, e, durante o dia, penduram o cobertor — o único bem material que têm — em alguma grade, a que for mais conveniente para eles. Minha experiência mais comovente foi ver homens e mulheres escarafunchando montes de lixo da cidade como se fossem cães. A pobreza extrema é aviltante, pois ela reduz os seres humanos a animais. Certamente, os cristãos devem ser afrontados pela *idolatria* de uma cidade hindu, como Paulo foi pelos ídolos de Atenas, o que deve motivá-los a evangelizar. Contudo, como Jesus, quando viu as multidões famintas, também devemos ser movidos pela compaixão para alimentá-las.

Em terceiro lugar, a forma que deve estimular simultaneamente nossa razão e emoção é abordar o problema da pobreza *biblicamente*. Quando voltamos ao livro no qual Deus revelou a si mesmo e a seu desejo, devemos perguntar: de acordo com as Escrituras, como devemos conceber a riqueza e a pobreza? Deus está do lado do pobre? Também deveríamos estar do lado dele? O que as Escrituras dizem sobre isso? Além disso, à medida que fazemos essas perguntas, temos de escutar atentamente a Palavra de Deus, e não manipulá-la. Não temos liberdade para evitar esse desafio desconfortável, para manter nossos preconceitos ou de concordar, de maneira acrítica, com as últimas interpretações populares.

(1990a:230)

877. O coração compassivo

Sentimos o que Jesus sentiu — a angústia da fome, a da alienação dos destituídos e a das indignidades dos indigentes da terra. Pois, no final das contas, as desigualdades inaceitáveis entre o Hemisfério Norte e o Hemisfério Sul não são nem políticas nem econômicas, mas, em vez disso, morais. Se não sentirmos a

indignação moral em relação à injustiça social do mundo, e se não tivermos forte compaixão pelo sofrimento humano no mundo, realmente tenho dúvida de que seremos levados a tomar uma atitude.

(1980c)

878. Um estilo de vida cristão

Devemos ser agradecidos a Deus, nosso Criador e Pai, pelas boas coisas que ele nos deu para desfrutar. O asceticismo negativo — a autonegação como um fim em si mesma — é uma contradição da doutrina bíblica da Criação, pois ignora a generosidade de Deus que “... de tudo nos provê ricamente, para nossa satisfação” (1Tm 6.17). Ao mesmo tempo, temos de nos lembrar de numerosas advertências bíblicas contra os perigos da riqueza (pois ela facilmente produz o orgulho, o materialismo e um falso senso de segurança), contra os males da cobiça e contra a injustiça do fechar os olhos para as desigualdades do privilégio... A maioria de nós (e nisso me incluo) deve dar mais generosamente para a ajuda e o desenvolvimento do mundo, tanto quanto para a evangelização dele. E, para fazer isso, devemos desenvolver ainda mais um estilo de vida simples. As duas sentenças mais discutidas no Lausanne Covenant [Pacto de Lausanne] (1974) são estas: “Todos nós estamos chocados com a pobreza de milhões de pessoas e perturbados com as injustiças que a causam. Aqueles de nós que vivem em condições abastadas aceitam a tarefa de desenvolver um estilo de vida simples, a fim de contribuir generosamente tanto para o alívio da pobreza quanto para o evangelismo”.

(1980c)

879. Humanidade e raça

Considere estas cinco bases de nossa humanidade comum. Todos nós, de qualquer raça ou posição, de qualquer credo, cor ou cultura, temos o mesmo Criador que fez todas as nações de

um só homem; temos o mesmo Senhor, o qual dispõe a história de toda nação; temos o mesmo Deus, que está próximo e tem a intenção de que o busquemos e o encontremos; temos o mesmo doador da vida, o qual nos sustém; e temos o mesmo juiz, que nos irá chamar, no fim, à prestação de contas.

Quer olhemos para o início (a Criação), quer para o fim (o julgamento), quer pesquisemos os intervalos da história do mundo, nossa conclusão é a mesma. Se estudamos antropologia (as origens da raça humana), história, religião, filosofia ou medicina, todas essas áreas do conhecimento humano apontam na mesma direção. Todas elas declaram a unidade da raça humana — tudo, exceto o pecado, o eu, o orgulho e o preconceito... Ouso dizer que nenhum homem é totalmente livre de alguma mancha de orgulho racial, pois nenhum homem é livre do pecado. Um senso de superioridade racial é natural para todos nós, mesmo que isso seja secreto e não seja descoberto. Além disso, há o racismo negro, bem como o branco. Todos assumem que sua própria raça e cor são a norma, e que os outros é que fogem a ela... Isso é simplesmente o egocentrismo do pecado. Mas não há norma para a cor da pele humana, como também não há para a cor da plumagem das aves. A norma é a humanidade: as raças são variantes disso.

Isso significa que todas as formas de racismo são um equívoco. Todas são uma ofensa contra Deus, o Deus da Criação e da História, o Deus da natureza e do julgamento.

(1968b)

880. Revelação e raça

Só a verdadeira teologia, a revelação bíblica de Deus, pode livrar-nos do orgulho e do preconceito raciais. Porque ele é o Deus da Criação, afirmamos a unidade da raça humana. Porque ele é o Deus da História, afirmamos a diversidade de grupos étnicos. Porque ele é o Deus da revelação, afirmamos a finalidade de

Jesus Cristo. E porque ele é o Deus da redenção, afirmamos a glória da Igreja. Qualquer que seja a política para integração racial a ser desenvolvida, devemos tentar garantir que ela reflita essas doutrinas. Por causa da unidade da humanidade, exigimos direitos iguais e respeitos iguais pelas minorias raciais. Por causa da diversidade dos grupos étnicos, renunciamos ao imperialismo cultural e buscamos preservar todas as riquezas da cultura inter-racial, desde que sejam compatíveis com o senhorio de Cristo. Por causa da finalidade de Cristo, afirmamos que a liberdade religiosa inclui o direito de propagar o evangelho. Por causa da glória da Igreja, devemos buscar livrar a nós mesmos de qualquer resquício de racismo e lutar para termos um modelo de harmonia entre as raças, em que o sonho multirracial torne-se verdade.

(1990a:225)

881. Uma parábola direcionada

O principal ponto da parábola do bom samaritano é sua guinada racial. O amor ao próximo não apenas ignora as barreiras raciais e nacionais, mas também aponta para o fato de que, na história de Jesus, um samaritano fez por um judeu o que um judeu jamais sonharia em fazer por um samaritano.

(1990a:140)

882. O direito à vida

Visto que a vida do feto humano é uma vida humana, com potencial de tornar-se um ser humano maduro, temos de aprender a pensar na mãe e na criança que ainda não nasceu como dois seres humanos em estágios distintos de desenvolvimento. Os médicos e as enfermeiras precisam pensar que eles têm dois pacientes, e não apenas um, e devem buscar o bem-estar de ambos. Advogados e políticos precisam pensar de forma similar. Conforme as Nações Unidas afirmam na “Declaração dos Direitos da

Infância” (1959), a criança “precisa de proteção e cuidados especiais, até mesmo de proteção legal apropriada, antes e depois do nascimento”. Os cristãos gostariam de acrescentar “cuidados extras antes do nascimento”. Pois a Bíblia tem muito a dizer a respeito da preocupação de Deus em relação aos indefesos, e as mais indefesas de todas as pessoas são as crianças ainda não nascidas. Elas não têm voz para clamar por sua própria causa e são indefesas para proteger sua própria vida. Nossa responsabilidade, portanto, é fazer por elas o que não podem fazer por si mesmas.

(1990a:327)

883. O vocabulário do aborto

Os eufemismos populares tornam mais fácil, para nós, encobrir a verdade de nós mesmos. O ocupante do ventre materno não é “produto da concepção” nem “material gamético”, mas uma criança não nascida. Até mesmo o termo “gravidez”, no inglês moderno, por exemplo — *pregnancy* —, apenas transmite a idéia de que uma mulher foi “impregnada”, ao passo que a verdade é mais bem transmitida pela linguagem fora de moda, em que se diz que ela está *with child*, isto é, “com filho”. Como podemos falar sobre “o término da gravidez” quando esse término não significa apenas o término da gravidez da mãe, mas também da vida da criança? E como podemos descrever a média de abortos “terapêuticos” hoje em dia (uma palavra a princípio utilizada apenas quando a vida da mãe estava em jogo), quando a gravidez não é uma doença que precise de terapia, e quando não se podem chamar os efeitos do aborto na atualidade de cura, mas de assassinato? Como as pessoas podem pensar em aborto mais como um tipo de contraceptivo, quando o que ele faz não é prevenir a concepção, mas destruir o embrião? Precisamos ter a coragem de usar a linguagem precisa. Aborto induzido é feticídio — a destruição deliberada de uma criança não nascida, o derramamento de sangue inocente.

(1990a:328)

884. Igualdade, e não identidade

A igualdade que a Bíblia recomenda não é igualitarismo total e absoluto. Não é uma situação na qual todos nós nos tornamos idênticos, recebemos salários idênticos, vivemos em casas idênticas e com mobiliário idêntico, e usamos roupas idênticas. Igualdade não é identidade. Sabemos disso fundamentados na doutrina da Criação. Pois Deus, que nos fez iguais em dignidade (uma vez que todos partilhamos de sua vida e fomos feitos à sua imagem e semelhança), nos fez desiguais em habilidade (intelectual, física e psicológica). A nova criação aumentou essa disparidade, conferindo-nos, a nós que somos “um em Jesus Cristo”, dons ou talentos espirituais distintos para o serviço.

Então, como podemos unir essa unidade e diversidade bíblicas, essa igualdade e desigualdade? Como todos temos valor igual, embora capacidade diversa, talvez devamos assegurar oportunidades iguais para que cada um possa desenvolver seu potencial particular para a glória de Deus e o bem dos outros. A desigualdade de privilégio tem de ser abolida a favor da igualdade de oportunidades. Atualmente, milhões de pessoas feitas à imagem de Deus são incapazes de desenvolver seu potencial humano por causa do analfabetismo, da fome, da pobreza ou das doenças. Buscar igualdade de oportunidades para todas as pessoas, portanto, é uma busca fundamentalmente cristã — igualdade de oportunidades na educação (educação universal é indiscutivelmente o principal meio para a justiça social), no comércio (acesso igual aos mercados mundiais) e na distribuição de poder (representação nas importantes corporações mundiais que determinam as relações econômicas internacionais).

(1980b)

63

Gênero, sexualidade, casamento e divórcio

885. Beneficiários iguais

É essencial começar do início, isto é, com o primeiro capítulo de Gênesis:

Então disse Deus: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão”.

Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

Deus os abençoou, e lhes disse: “Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra” (1.26-28).

Se pusermos a resolução divina (“‘Façamos o homem... Domine ele...’”), a Criação divina (“Criou Deus o homem...”) e a bênção divina (“‘Sejam férteis... Encham e subjuguem a terra!’”),

vemos que a ênfase parece estar em três verdades fundamentais sobre os seres humanos: Deus os fez (e os faz) à sua imagem; ele os fez (e os faz) homem e mulher, dando-lhes a alegre tarefa de reproduzir; ele lhes deu (e lhes dá) domínio sobre a terra e suas criaturas. Assim, os seres humanos, desde o início, eram “homem e mulher”, e homens e mulheres são igualmente beneficiários da imagem divina e do governo da terra. Não há nenhuma sugestão no texto de que qualquer um dos sexos é mais semelhante a Deus que o outro. Não. Sua semelhança com Deus e a administração da terra do Senhor (fatores que não devem ser confundidos, embora estejam intimamente relacionados) foram desde o início igualmente compartilhados, uma vez que ambos os sexos foram igualmente criados por Deus e são semelhantes a Deus.

(1990a:257)

886. O evangelho das mulheres

O evangelho de Lucas é o evangelho que mais discorre sobre a condição da mulher. Mais que qualquer outro, ele relata a atitude graciosa e cortês com que Jesus tratou as mulheres e a posição que ele permitiu que elas ocupassem em seu ministério. É ele quem relata, com enorme delicadeza e reserva, a história da concepção e do nascimento miraculosos de Jesus. Maria, a mãe de Jesus, e Isabel, a mãe de João Batista, eram primas, e a história deve ter se originado, direta ou indiretamente, de Maria em pessoa. Os outros evangelistas relatam histórias da mulher que sofria de hemorragia, da filha de Jairo, da sogra de Pedro que estava doente e a unção em Betânia; apenas Lucas escreve sobre a profetisa Ana, a viúva de Naim, a mulher pecadora, as mulheres que ministravam, Marta e Maria, a mulher a quem Satanás aprisionara por 18 anos e as filhas de Jerusalém que choraram. De modo similar, em Atos dos Apóstolos, ele se refere muitas vezes ao fato de que em “número cada vez maior, homens e mulheres” abraçavam o evangelho. Ele também relata a respeito de Tabita, a quem

Pedro, em Jope, trouxe de volta à vida, bem como fala de Lídia e da escrava que se converteram na missão em Filipos.

(1954c:32)

887. Um princípio fundamental

É apenas fundamentado nos fatos da Criação que Paulo baseia sua defesa do marido como “o cabeça da mulher”. Já que seu argumento tem validade permanente e universal, não deve ser descartado como culturalmente limitado. Os elementos culturais de seu ensino são encontrados nas aplicações do princípio: na exigência de “cobrir a cabeça”, e penso que também na exigência de que as mulheres permanecessem “em silêncio nas igrejas”. A “autoridade” do homem (e especialmente a do marido), porém, não é uma aplicação cultural de um princípio; é um princípio fundamental. Isso não é machismo, mas criacionismo. A nova criação em Cristo nos liberta da distorção, causada pela Queda, dos relacionamentos entre os sexos (e.g., Gn 3.16), mas estabelece a intenção original da Criação. Foi a esse “início” que Jesus voltou (e.g., Mt 19.4-6). Ele confirmou os ensinamentos de Gênesis 1 e 2. E, desse modo, também devemos fazer isso. O que a Criação estabeleceu, nenhuma cultura é capaz de destruir.

(1979e:221)

888. Autoridade masculina

Toda tentativa de se livrar do ensinamento de Paulo sobre a autoridade [masculina] (com base no fato de que é um engano, de que é confusa e de que é limitada culturalmente ou específica de uma cultura) deve ser declarada malsucedida. Ela permanece teimosamente ali; está enraizada na revelação divina, e não na opinião humana; na criação divina, e não na cultura humana. Em essência, ela deve, portanto, ser preservada, pois tem autoridade permanente e universal.

(1990a:269)

889. A parte do marido

Visualizamos o marido “autoritário” como a figura dominadora que toma todas as decisões, dá as ordens e espera obediência, bem como a figura que inibe e reprime sua mulher e, desse modo, impede que ela cresça ou se realize como pessoa. Essa não é, no entanto, de forma alguma, o tipo de “autoridade” que o apóstolo Paulo descreve e cujo modelo é Jesus Cristo. Certamente, “autoridade” implica um grau de liderança e de iniciativa, ou seja, aquela que foi demonstrada em Cristo quando ele veio cortejar e conquistar sua noiva. Contudo, mais especificamente, implica sacrifício, autodoação para o bem da pessoa amada, da mesma forma que Cristo entregou-se por sua noiva. Se, em algum sentido, “autoridade” significa “poder”, então esse é o poder para cuidar, e não para massacrar; poder para servir, e não para dominar; poder para facilitar a realização pessoal, e não para frustrá-la nem destruí-la. E, em tudo isso, o padrão para o amor do marido deve ser a cruz de Cristo, na qual ele se entregou a si mesmo até a morte, por meio do amor abnegado, em prol de sua Igreja.

(1979e:232)

890. Autoridade e responsabilidade

De um lado, a autoridade deve ser compatível com a igualdade. Pois se “o cabeça da mulher é o homem” como “o cabeça de Cristo é Deus”, então o homem e a mulher devem ser iguais, como o Pai e o Filho são iguais. Autoridade, contudo, implica algum grau de liderança que, entretanto, deve ser expresso não em termos de “autoridade”, mas de “responsabilidade”.

(1990a:271)

891. Submissão e obediência

Em minha concepção, a celebração do casamento do Livro de Oração, de 1662, está equivocada ao incluir a palavra “obedecer”

nos votos da noiva. O conceito de um marido que emite ordens e de uma mulher que lhe dedica obediência não se encontra no NT. O mais próximo que podemos chegar disso é o exemplo de Sara, que foi ali citado: "... que obedecia a Abraão e o chamava de senhor...". A real instrução do apóstolo Pedro, no entanto, até mesmo nessa passagem, é a mesma de Paulo: "... mulheres, sujeite-se cada uma a seu marido" (1Pe 3.1-6). E... a submissão da esposa é algo bastante diferente de obediência. Ela é a autodoação a um amante cuja responsabilidade é definida em termos de cuidado construtivo; é a resposta do amor ao amor.

(1979e:238)

892. Ministério de mulheres

Se Deus concede dons espirituais às mulheres (e ele o faz) e, por meio disso, as chama para exercitar seus dons para o bem comum (e ele o faz), então a Igreja tem de reconhecer os dons e chamados de Deus, tem de criar esferas apropriadas de serviço disponíveis às mulheres, e deve "ordená-las" (isto é, comissioná-las e autorizá-las), a fim de que exerçam o ministério que lhes foi dado por Deus, pelo menos em situações de trabalho em equipe. Nossas doutrinas cristãs da Criação e da redenção revelam um Deus que deseja ver seu povo, que recebeu dons, realizado, e não frustrado, e sua Igreja enriquecida pelo serviço dessas pessoas.

(1990a:280)

893. Alguns princípios bíblicos

A Bíblia contém princípios que são relevantes a questões específicas. Considere o casamento como um exemplo. As Escrituras fornecem orientações gerais e estabelecem algumas questões de antemão. Elas nos dizem que o casamento é um bom propósito de Deus para os seres humanos e que ser solteiro é a exceção, e não a regra; que um de seus propósitos primários, ao instituir o casamento, é o companheirismo, em que se conclui que essa é

uma qualidade importante para se buscar um cônjuge; que um cristão tem liberdade para se casar apenas com outro cristão; e que o casamento (como um compromisso amoroso monogâmico e heterossexual para a vida toda) é o único contexto ordenado por Deus para o relacionamento sexual. Essas diretrizes gerais são claramente estipuladas na Bíblia. Mas a Bíblia não dirá a nenhum indivíduo se Deus o está chamando para o casamento ou para ficar solteiro, ou (se eles quiserem se casar) quem deve ser o cônjuge escolhido.

(1992b:130)

894. Casamento — uma invenção de Deus

A Bíblia ensina que o casamento é uma idéia de Deus, e não nossa, que é uma provisão amorosa e geral para os seres humanos e que envolve estes aspectos: deixar os pais (ainda que de grande importância psicológica, mesmo que o jovem tenha “deixado sua casa” fisicamente anos antes); ser um relacionamento heterossexual monogâmico e, de forma ideal, uma parceria que dure a vida toda, a qual expresse amor e companheirismo; ser o contexto providenciado por Deus para o desfrute sexual, a procriação e o sustento dos filhos. Esses aspectos do casamento são criacionistas, e não culturais.

(1988d:269)

895. Quatro características do casamento

Gênesis 2.24 deixa implícito que a união matrimonial tem pelo menos quatro características: é um relacionamento de exclusividade (“o homem... sua mulher”); é publicamente reconhecido em algum acontecimento (“deixará pai e mãe”); é permanente (“e se unirá à sua mulher”); é consumado no relacionamento sexual (“e eles se tornarão uma só carne”). Uma definição bíblica de casamento, portanto, pode ser esta: “Casamento é uma aliança

heterossexual exclusiva entre um homem e uma mulher, ordenada e selada por Deus, precedida pelo deixar pai e mãe publicamente, consumada na união sexual, resultando em uma parceria permanente e mutuamente incentivadora, a qual, normalmente, é coroada pela dádiva de ter filhos”.

(1990a:289)

896. Mais que um contrato humano

O enlace matrimonial é mais que um contrato humano: é um jugo divino. Deus põe esse jugo sobre um casal não por meio da criação de uma união mística, mas da declaração de seu propósito em sua Palavra. O rompimento matrimonial, e até mesmo a assim denominada “morte” de um relacionamento, não pode ser considerado em si mesmo um fundamento para a dissolução do matrimônio. Pois a base da união não é a experiência humana oscilante (“Eu te amo, eu não te amo”), mas o desejo divino e a Palavra (“e eles se tornarão uma só carne”).

(1990a:292)

897. Casamento, reconciliação e divórcio

Reconciliação encontra-se no âmago do cristianismo. Tenho seguido, já há alguns anos, uma regra simples: sempre que alguém me faz uma pergunta sobre divórcio, recuso-me a responder até que primeiro possa falar sobre dois outros assuntos — casamento e reconciliação. Essa é uma tentativa simples de seguir Jesus conforme as prioridades que ele denotou ter. Quando os fariseus lhe perguntaram sobre os fundamentos para o divórcio, ele os remeteu à instituição primeira do casamento. Se permitirmos nos tornar ocupados com o divórcio e seus fundamentos, em vez de ocupar-nos do casamento e de seus ideais, cairemos no farisaísmo. Pois o propósito de Deus é o casamento, e não o

divórcio, e seu evangelho são as boas-novas da reconciliação. Precisamos ver as Escrituras como um todo, em vez de analisar o tópico sobre divórcio isoladamente.

(1990a:303)

898. Jesus e o divórcio

Divórcio por causa da imoralidade é permissível, e não uma ordenança. Jesus não ensinou que a parte inocente *tem de* se divorciar do cônjuge infiel, e muito menos que a infidelidade sexual *ipso facto* dissolva o casamento. Ele nem encorajou nem recomendou o divórcio quando há infidelidade. Ao contrário, toda sua ênfase foi sobre a permanência do casamento no propósito de Deus e a inadmissibilidade do divórcio e de um novo casamento. A razão do Senhor para adicionar uma cláusula de exceção foi clarificar que um novo casamento, depois do divórcio, só não é adultério quando o cônjuge foi sexualmente infiel, pois nesse caso a infidelidade já foi cometida pelo cônjuge culpado. O propósito de Jesus, de forma enfática, não foi o encorajamento do divórcio por essa razão; antes, a proibição dele em consequência de todos os outros motivos.

(1990a:294)

899. A condição homossexual

Os cristãos sabem que a condição homossexual, por ser um desvio da norma de Deus, não é um sinal da ordem criada, mas da desordem da Queda.

(1990a:357)

900. O chamado para ser solteiro

A aceitação ou tolerância de relacionamentos entre o mesmo sexo repousa na pressuposição de que o relacionamento sexual é “psicologicamente necessário”. Isso certamente é o que diz nossa cultura contemporânea, obcecada por sexo. Mas isso é verdade?

Os cristãos certamente devem responder que é uma mentira. Há o chamado para ser solteiro, no qual a realização humana autêntica é possível, mesmo sem a experiência sexual. Nosso testemunho cristão é que Jesus mesmo, embora não tenha se casado, era perfeito em sua humanidade. Amizades entre pessoas do mesmo sexo devem, obviamente, ser encorajadas, e elas podem ser próximas, profundas e afetivas. Mas a união sexual, o mistério de “uma só carne”, pertence apenas ao casamento heterossexual.

(1988d:272)

901. Totalmente humano

Se o sexo é para o casamento, o que a Bíblia diz sobre o ser solteiro? Primeiro, ela afirma que Jesus mesmo era solteiro, embora ele também tenha se apresentado para nós como o modelo de Deus para a humanidade.

Isso não deve nos levar a glorificar o ser solteiro (uma vez que o casamento é o desejo geral de Deus para os seres humanos — Gn 2.18), mas, ao contrário, deve nos levar a afirmar que é possível ser, ao mesmo tempo, solteiro e totalmente humano! O mundo pode dizer que a experiência sexual é indispensável ao ser humano, mas a Bíblia discorda completamente disso.

Segundo, tanto Jesus quanto o apóstolo Paulo referem-se ao ser solteiro como uma vocação divina para alguns (Mt 19.10-12; 1Co 7.7). Paulo acrescenta que tanto o casamento quanto o ser solteiro são um *charisma*, um dom da graça de Deus.

Terceiro, Paulo indica que uma das bênçãos da vida de solteiro é que ela libera a pessoa para doar-se em “devoção completa”, sem estar dividido, ao Senhor Jesus (1Co 7.32-35).

A verdade é esta: embora as pessoas solteiras possam achar solitário seu estado de solteiro (e, em alguns momentos, sintam isso de forma muito intensa), não teremos um distúrbio neurótico se aceitarmos o desejo de Deus para nossa vida. A infelicidade acontece apenas quando nos revelamos contra o desejo do Senhor.

(1993a:3)

XII. O temporal e o eterno

64. Tempo, História e profecia

65. Milagres, cura e sofrimento

66. A realidade do mal

67. A esperança de glória

Tempo, História e profecia

902. Cristo no centro

Todos nós estudamos História na escola e podemos achá-la (como eu achei) abominavelmente entediante. Talvez, tivéssemos de memorizar listas de datas ou de reis e rainhas que governaram o país. Mas qual é o objetivo da História? Será que Henry Ford estava certo quando disse, em 1919, no processo judicial por difamação, contra o *Chicago Tribune*, que “História é bobagem”? Será que a História é apenas uma sucessão randômica de acontecimentos, em que cada efeito tem sua causa, e cada causa, seu efeito, e o todo não revela nenhum padrão geral, mas parece ser mais um desenvolvimento sem significado da história humana? Será que Marx estava certo em sua compreensão dialética do processo histórico? Ou a História tem outro mistério?

Os cristãos afirmam, ao contrário de todos os outros pontos de vista, que a História é a história de Deus, pois o Senhor, de acordo com um plano concebido na eternidade, trabalha por meio de uma exteriorização e revelação históricas, até atingir o ápice dentro da História e depois ir além dela para outra eternidade no futuro. A Bíblia tem essa compreensão linear de tempo. E ela afirma que

no centro do plano eterno e histórico está Jesus Cristo, com seu povo redimido e reconciliado.

(1979e:127)

903. O Deus da História

Certa vez, alguém sugeriu que “a forma mais acurada para demonstrar o significado de História é um conjunto de trilhas feitas por meio de um vôo trôpego dos pés cobertos com tinta, em que estes caminham de forma titubeante ao longo de um pedaço de papel em branco. Esses passos não levam a lugar algum e não refletem nenhum padrão do qual possamos extrair algum significado”. Rudolf Bultmann, de forma similar, escreveu que “a questão do significado na História tornou-se sem sentido”.¹

Os cristãos, que consideram as Escrituras como fonte de autoridade, discordam profundamente dessas afirmações sombrias. Pois o Deus da Bíblia é o Deus da História. Ele se intitulou como “o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó”. Ele escolheu Israel dentre as nações para ser o povo da aliança e levou cerca de 2 mil anos para prepará-lo para o cumprimento de sua promessa feita a Abraão, com a vinda do Messias. Acima de tudo, ele veio para nós, em Jesus Cristo, quando Augusto era imperador de Roma, e “padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado”. Depois, no terceiro dia, ressuscitou e, após enviar seu Espírito, tem empurrado por mais dois milênios sua Igreja para que ela saia mundo afora e leve as boas-novas até os confins da terra. Um dia (que só o Pai conhece), quando o evangelho tiver sido “... pregado em todo o mundo..., então virá o fim” (Mt 24.14). Pois Cristo retornará em glória, porá fim ao processo histórico e aperfeiçoará seu Reino.

(1991c:139)

¹Citado de Bultmann's *History and Eschatology*. George Eldon LADD. In: *The Gospel of the Kingdom*. 1959; Eerdmans, 1973, p. 131.

904. A história da Igreja

A história da Igreja é a história da incrível paciência de Deus para com seu povo desviado.

(1992b:388)

905. O significado de História

Se tivéssemos de resumir em uma única e breve sentença o que a vida é, por que Jesus veio a este mundo para viver, morrer e ressuscitar e qual o propósito de Deus neste longo processo histórico, tanto antes de Cristo quanto depois de Cristo, seria difícil encontrar uma explicação mais sucinta que esta: *Deus está tornando os seres humanos mais humanos ao torná-los mais parecidos com Cristo*. Pois Deus, no início, criou-nos à sua imagem, que foi posteriormente deteriorada e distorcida por nossa desobediência. Agora, ele está ocupado com a restauração dessa imagem. Ele está fazendo isso ao nos tornar parecidos com Cristo, pois Cristo é tanto o homem perfeito quanto a imagem perfeita de Deus (Cl 1.15; 2Co 4.4).

(1991c:100)

906. A história da “salvação”

Jamais devemos comparar a teologia e a História, uma vez que as Escrituras se recusam a assim fazer. A história que elas registram é “a história da salvação”, e a salvação que elas proclamam foi conquistada por meio de acontecimentos históricos.

(1985:21)

907. O propósito eterno de Deus

Parece que algumas pessoas acham que a Bíblia é como uma floresta sem trilhas, cheia de contradições. Um conjunto de idéias não relacionadas como se fosse um emaranhado de vegetação

rasteira. Na verdade, é basicamente o oposto, pois uma das principais glórias da Bíblia é sua coerência. A Bíblia toda, de Gênesis a Apocalipse, relata a história do propósito da graça soberana de Deus, seu plano mestre para a salvação por meio de Cristo.

O apóstolo Paulo, com uma amplitude de visão muito superior à nossa, reúne Abraão, Moisés e Jesus Cristo. Em apenas oito pequenos versículos (Gl 3.15-22), ele abrange cerca de 2 mil anos de história. Ele examina praticamente todo o cenário do AT. Ele o apresenta como se fosse uma cordilheira, cujos picos mais altos são Abraão e Moisés e cujo Everest é Jesus Cristo. Ele mostra como a promessa de Deus a Abraão foi confirmada por Moisés e cumprida por Cristo. Ele ensina a unidade da Bíblia, especialmente a do AT com o NT.

Hoje em dia, na Igreja, há uma grande necessidade de uma filosofia da História, que seja cristã e bíblica. A maioria de nós tem visão curta e a mente estreita. Ficamos tão preocupados com os assuntos da atualidade, do século XX, que nem o passado nem o futuro apresentam um grande interesse para nós. Não podemos ver o todo se nos ativermos aos detalhes. Devemos dar um passo atrás para tentar alcançar todo o conselho de Deus, seu propósito eterno para redimir um povo para si, por meio de Jesus Cristo. Nossa filosofia da História deve abrir espaço não apenas para os séculos após Cristo, mas também para os séculos antes dele; não apenas para Abraão e Moisés, mas também para Adão, por meio de quem o pecado e o julgamento entraram no mundo, e para Cristo, por meio de quem a salvação chegou para nós. Se incluirmos o início da História, devemos também incluir sua consumação, quando Cristo retorna em poder e grande glória, para tomar posse de seu poder e Reino. O Deus revelado na Bíblia está trabalhando de acordo com um plano. Ele "... faz todas as coisas segundo o propósito da sua vontade" (Ef 1.11).

(1968c:91)

908. As duas eras

A Bíblia divide a História em duas eras ou “éons”. Da perspectiva do AT, elas são chamadas de “era presente” (que é má) e “era que há de vir” (que seria a época do Messias). Além disso, as duas eras foram algumas vezes retratadas em termos de noite e de dia. A era presente era como uma longa e obscura noite, mas, quando o Messias viesse, o sol brilharia, e o dia irromperia, e o mundo seria inundado de luz.

A Bíblia também ensina que Jesus Cristo é o muito esperado Messias e que, portanto, a nova era começou quando ele veio. Ele foi o despertar da nova era. Ele anunciou o dia. Ele proclamou a irrupção do Reino de Deus. Ao mesmo tempo, a antiga era ainda não chegou ao seu término. Conforme João explica, “... as trevas estão se dissipando e já brilha a verdadeira luz” (1Jo 2.8). Por ora, portanto, as duas eras se sobrepõem. Os não-cristãos pertencem à antiga era e ainda estão nas trevas. Mas aqueles que pertencem a Jesus Cristo foram transferidos para a nova era, para a luz. Em Cristo, nós já experimentamos “... os poderes da era que há de vir” (Hb 6.5). Deus já nos “... chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1Pe 2.9). Apenas quando Cristo vier em glória é que a atual sobreposição terminará. O período de transição chegará ao fim. A antiga era será finalmente extinta, e aqueles que pertencem a ela serão destruídos. A nova era será consumada, e aqueles que pertencem a ela serão por fim totalmente redimidos.

(1991d:111)

909. O Reino que veio e o Reino que está por vir

A essência do período intermediário entre o “agora” e o “ainda não”, entre o Reino que veio e o Reino que está por vir, é a presença do Espírito Santo no povo de Deus. Por um lado, o dom do Espírito é a bênção evidente do Reino de Deus, e, assim, o sinal principal da nova era já despontou no horizonte. Por outro lado,

como o seu habitar em nós é apenas o começo de nossa herança do Reino, isso é apenas a garantia de que o resto um dia será nosso. O NT usa três metáforas para ilustrar isso. O Espírito Santo é as “primícias”, uma garantia de que a colheita total virá depois; o “depósito”, uma garantia, ou a primeira parcela, de que o pagamento total será feito; e a antecipação, a garantia de que desfrutaremos um dia a festa completa. Dessa forma, o Espírito Santo é “tanto o cumprimento da promessa quanto a promessa do cumprimento: ele é a garantia de que o novo mundo de Deus já se iniciou, bem como um sinal de que este novo mundo ainda está por vir”.²

(1992b:382)

910. A História é mudança

Talvez jamais tenha havido uma geração mais desconfiada em relação ao que é velho e mais confiante em relação ao novo que a geração atual. Essa geração rebela-se contra o que herdou do passado (em muitos casos, isso é compreensível e justificável). Ela odeia a tradição e ama a revolução. Qualquer coisa que tenha o sabor de institucionalismo rígido, do *status quo* ou do sistema, ou da sociedade, desperta sua calorosa indignação.

Tal repúdio indiscriminado ao que é velho é, no mínimo, extremamente ingênuo. A tendência oposta, no entanto, a saber, a resistência a toda mudança é igualmente um erro. O tempo não pára. História é mudança. Os cristãos, longe de impedir o progresso, por exemplo, em relação às descobertas científicas e à justiça social, deveriam estar na vanguarda desses avanços.

(1970b:36)

²Johannes BLAUW. *The Missionary Nature of the Church*. 1962; Eerdmans, 1974, p. 89. [Publicado em português sob o título *A natureza missionária da igreja*. Trad. Jovelino Pereira Ramos. São Paulo: ASTE, 1966.].

911. Os últimos dias

Quando Paulo se refere “aos últimos dias”, pode parecer natural aplicar essa expressão a uma época futura, aos dias que precedem imediatamente o fim, isto é, o retorno de Cristo. Mas o uso bíblico não permite que façamos isso. Pois a convicção dos autores do NT é de que a nova era (prometida no AT) chegou com Jesus e que, portanto, com sua vinda, a antiga era começou a se dissipar, e os últimos dias já irromperam. Assim, Pedro, no dia de Pentecoste, citou a profecia de Joel de que “nos últimos dias” Deus derramaria seu Espírito “sobre todos os povos”, e declarou que essa profecia foi então cumprida. Ele disse: “... isto é o que foi predito pelo profeta Joel”. Em outras palavras, “os últimos dias”, aos quais a profecia se referia, haviam chegado (At 2.14-17). De modo similar, a carta aos Hebreus começa com a afirmação de que Deus antigamente havia falado aos antepassados, por meio dos profetas e, “... nestes últimos dias”, falou conosco por meio de seu Filho (1.1,2). Assim, estamos vivendo nos últimos dias. E estes foram anunciados por Jesus Cristo, o Filho de Deus.

(1973b:82)

912. O último dos “últimos dias”

Os autores do NT não têm um vocabulário exato para descrever a cronologia dos últimos tempos ou do fim, e nem sempre é fácil discernir a que período ou acontecimento escatológico eles estão aludindo. O que fica claro é que eles consideram a primeira vinda de Cristo como a inauguração da nova era e a condenação da antiga. “A era por vir” já chegou, e “a presente era” está, portanto, chegando a seu término. Obviamente, não se antecipou que esse período duraria para sempre. Ele era um estágio de transição chamado tanto de “os últimos dias” como de “últimos tempos”. Os autores do NT que descrevem seu início já estão olhando na direção de sua consumação. Os “últimos dias” terão, eles mesmos,

os seus “últimos dias”, um período de atroz decadência moral e religiosa. Os “últimos tempos”, de modo similar, terão um “último tempo”, em que os escarnecedores ímpios se levantarão. Mas isso não é tudo. O “último tempo” dos “últimos tempos” terá um “último tempo” quando nossa herança eterna será revelada. Da mesma forma, “os últimos dias” dos “últimos dias” também terão um “último dia” final, quando Jesus ressuscitará os mortos e julgará o mundo.

(1988g:112)

913. O programa de Deus

Agora é um tempo do *controle*, em que o poder secreto das transgressões está sob controle. Depois virá o tempo da *rebelião*, em que o controle da lei será removido e o transgressor será revelado. Por fim, virá o tempo da *retribuição*, no qual o Senhor Jesus derrotará e destruirá o anticristo, e aqueles que acreditaram na mentira do anticristo serão condenados. Esse é o programa de Deus. A História não é uma série randômica de fatos sem significados. Antes, ela é a sucessão de períodos e acontecimentos que estão debaixo do governo soberano de Deus, que é o Deus da História.

(1991d:173)

914. O Juiz da História

O Deus Senhor da História é também o Juiz da História. É ingênuo aclamar todos os movimentos revolucionários como sinais da revelação divina. Depois da revolução, o novo *status quo* abriga, algumas vezes, mais injustiça e opressão que aquele regime que ele depôs.

(1975c:18)

915. Cristo, o fundamento

A mensagem de Pedro, como a de Paulo, focava a morte e ressurreição de Jesus. Os dois acontecimentos eram reais, objetivos e

históricos. E, certamente, a resposta correta à tendência existencial de hoje em dia não é criar um existencialismo cristão paralelo que despreza a História, a favor da experiência, e demitologiza a ressurreição, ao dizer que esta é um encontro interno com a realidade; antes, devemos oferecer à mente moderna, que se enleia nas areias movediças da subjetividade, o fundamento objetivo, Jesus Cristo, cuja morte e ressurreição são fatos históricos inquestionáveis.

(1975c:45)

916. Três cumprimentos da profecia

Toda a questão do cumprimento da profecia do AT é difícil, uma vez que, com freqüência, é mal compreendida e apresenta uma discordância bastante profunda. O princípio que os autores do NT compreenderam, a saber, que a profecia do AT não tinha um *único* cumprimento, mas, de modo geral, um cumprimento *triplo* — passado, presente e futuro — é de particular importância. O cumprimento passado foi o cumprimento histórico, ou imediato, na vida do povo de Israel. O presente é o cumprimento do evangelho, ou intermediário, em Cristo e em sua Igreja. O futuro será o cumprimento derradeiro, ou escatológico, no novo céu e na nova terra.

(1979f:24)

917. Porta-vozes de Deus

Profeta, no sentido básico em que a Bíblia utiliza o termo, era uma pessoa que “esteve no conselho do Senhor”, viu ou ouviu sua Palavra e, por conseguinte, fala o que vem “... da boca do SENHOR” e fala sua Palavra “... com fidelidade” (cf. Jr 23.16-32). Em outras palavras, o profeta era o porta-voz de Deus, o veículo de sua revelação direta. *Nesse sentido*, precisamos insistir que não há profetas hoje. Ninguém pode atrever-se a declarar que tem uma inspiração comparável à dos profetas canônicos, ou a usar a

fórmula introdutória com que apresentavam a profecia: “Assim diz o SENHOR...”. Se isso fosse possível, teríamos de acrescentar suas palavras às Escrituras, e a Igreja toda necessitaria ouvi-las e obedecer a elas.

(1979e:161)

918. O Estado de Israel

Há alguma discordância entre os cristãos bíblicos quanto a se devemos esperar que as promessas do AT sobre o futuro de Israel sejam totalmente cumpridas ou não, ou se o Estado moderno de Israel, com sua ocupação da terra santa, é, pelo menos, um cumprimento parcial delas ou não. Certamente, Deus tem um grande futuro para os judeus, o qual é figurativamente apresentado por Paulo como um enxerto na oliveira dos ramos naturais que foram separados dela (Rm 11.13-27). Todavia, no NT, não há nenhuma menção de qualquer retorno literal dos judeus à terra prometida. A ênfase fortíssima do NT é que a Igreja é agora “o Israel de Deus”, a “circuncisão”, a “geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo exclusivo de Deus”, e que as grandes promessas de Deus feitas a Abraão, tanto em relação à posteridade quanto à terra, são cumpridas espiritualmente em Cristo e em sua Igreja.

(1984d:181)

Milagres, cura e sofrimento

919. Deus trabalhando

Há uma necessidade urgente para todos nós compreendermos a revelação bíblica do Deus vivo que trabalha primariamente na natureza, e não no sobrenatural; na História, e não no milagre. Ele é o Deus mais alto que governa o reino dos homens (Dn 4.32), para quem "... as nações são como a gota que sobra do balde" e para quem "as ilhas não passam de um grão de areia" (Is 40.15); e é ele "... quem julga: Humilha a um, a outro exalta" (Sl 75.7); é ele que faz o sol se levantar e envia-nos a chuva (Mt 5.45); quem mantém a regularidade das estações (Gn 8.22; At 14.17), quem domina "... o revoltoso mar" (Sl 89.9), quem alimenta as aves do céu e veste a erva do campo (Mt 6.26,30), e quem "... sustenta em suas mãos" a nossa vida (Dn 5.23).

Assim que começamos a ver o Deus vivo trabalhando incessantemente por meio de processos da História e da natureza, começamos (por exemplo) a reconhecer que *toda* cura é uma cura divina, quer não utilize nenhum meio específico para curar quer utilize os meios físicos, psicológicos ou cirúrgicos. No primeiro

caso, provavelmente, isso deve ser denominado de “cura miraculosa”, enquanto, no último caso, ela não é miraculosa, mas ambas são igualmente “curas divinas”.

(1975b:96)

920. Milagres nas Escrituras

A Bíblia não é primariamente um livro de milagres, uma vez que o Deus da Bíblia não é primariamente um Deus de milagres. Obviamente, a Bíblia contém relatos de milagres, conforme sabemos, mas eles não acontecem uniformemente ao longo dos livros da Bíblia, e trechos inteiros da história bíblica não os possuem. É porque eles aparecem em grupos que é possível propor uma doutrina bíblica dos milagres. Pois esses grupos relacionam-se a quatro épocas principais da redenção reveladora de Deus e são associados às figuras principais dessas épocas — primeiro Moisés, o Êxodo e a entrega da Lei; segundo, Elias e Eliseu, os pioneiros da irrupção de profecias na monarquia e os campeões da disputa entre o Senhor e as divindades cananéias, isso para não mencionar alguns dos profetas posteriores; terceiro, nosso Senhor Jesus Cristo e sua inauguração do Reino de Deus; e quarto, os apóstolos a quem ele apontou e autorizou para fundar e ensinar sua Igreja. Essa é a razão pela qual nos referimos corretamente a Atos como os Atos dos Apóstolos, e a razão pela qual Paulo chamou seus milagres de as “marcas de um apóstolo”.

(1988d:217)

921. Casos especiais

A força da Bíblia é que os milagres são agrupados ao redor dos principais veículos de revelação em épocas cheias de revelação, particularmente Moisés, a quem a Lei foi entregue; o novo testemunho profético que foi iniciado com Elias e Eliseu; o ministério messiânico de Jesus; e os apóstolos, de forma que Paulo referiu-se a seus milagres como as “... marcas de um apóstolo” (2Co 12.12).

Pode haver situações em que os milagres sejam apropriados hoje em dia; por exemplo, na linha de frente das missões e em uma atmosfera de descrença difundida que chama por um poderoso encontro entre Cristo e o anticristo. Mas as Escrituras sugerem que esses são casos especiais, e “não parte da vida cotidiana”.

(1990b:102)

922. Milagres nos Evangelhos

Os milagres de Jesus nos Evangelhos canônicos são sérios, comédidos, discretos e espiritualmente importantes... Além disso, são uniformemente distribuídos ao longo de quatro Evangelhos, e de suas fontes, de forma que eles são amplamente atestados; o lapso de tempo entre o ministério público de Jesus e a publicação dos Evangelhos não foi longo o suficiente para o desenvolvimento de lendas; e muitas testemunhas oculares ainda estavam vivas e podiam refutar (se as histórias não fossem verdadeiras), por exemplo, a cura da orelha direita de Malco, que fora decepada, e a restauração da visão a Bartimeu.

(1988d:221)

923. O “já” e o “ainda não”

Não seria a forma mais útil de abordar os milagres do evangelho se os colocássemos na tensão familiar e inescapável do “já” e do “ainda não”, o Reino que veio e o Reino que está por vir, a nova era inaugurada e a nova era consumada? Para o cético (que duvida de todos os milagres), quero dizer: “Mas nós *já* experimentamos os poderes da era por vir”. Para o crédulo (que crê que as curas miraculosas são um acontecimento corriqueiro do dia-a-dia), gostaria de dizer: “Mas nós *ainda não* recebemos o corpo ressurreto que está livre da doença, da dor, da enfermidade, da deficiência física e da morte”. Neste período entre o início e o fim, esses dois grupos devem olhar em retrospectiva para a irrupção

de milagres no ministério de Jesus e de seus apóstolos e para a frente, a saber, para a ressurreição do corpo e do Universo.

(1988d:233)

924. Milagres hoje?

Há muito no livro de Atos dos Apóstolos que provavelmente não deveremos esperar testemunhar em nossa época, uma vez que os apóstolos ainda viviam e trabalhavam em uma atmosfera envolvida pelo miraculoso. “Sinais e maravilhas” são mencionados com frequência em suas páginas. Ananias e Safira têm uma morte dramática, e Tabita é ressuscitada. As portas da prisão são abertas por um anjo, e correntes são rompidas por um terremoto. Os lenços e os aventais de Paulo curavam doenças, e os doentes eram levados às ruas para que a sombra de Pedro se projetasse sobre alguns, enquanto ele passava. Pedro teve uma estranha visão e escutou a voz de Deus no terraço de uma casa em Jope, enquanto Paulo, a caminho de Damasco, ficou cego por uma luz mais brilhante que o sol e ouviu a voz de Jesus se dirigindo a ele em hebraico...

Duas posições extremas são, com frequência, adotadas, mas nenhuma delas pode ser defendida com base nas Escrituras. A primeira é afirmar que milagres não ocorrem nem podem ocorrer nos dias de hoje, o que nega a liberdade e soberania de Deus. A outra é afirmar que eles ocorrem com a mesma frequência que ocorriam no ministério de Cristo e de seus apóstolos, o que, de acordo com as Escrituras, ignora o propósito principal dos milagres, a saber, autenticar um novo estágio da revelação. Paulo descreve seus milagres como as “... marcas de um apóstolo” (2Co 12.12), porque eles confirmam sua autoridade apostólica.

(1973a:1)

925. Criação e milagre

A atual controvérsia sobre sinais e maravilhas não nos deveria levar a uma polarização ingênua entre aqueles que são a favor

deles e os que são contra eles. Ao contrário, devemos iniciar nosso debate na ampla área de concordância que existe entre nós. Todos os cristãos bíblicos acreditam que, embora a fidelidade do Criador seja revelada na uniformidade e na regularidade de seu Universo, as quais são as bases indispensáveis para o empreendimento científico, ele também desvia-se algumas vezes das normas da natureza e adota um fenômeno anormal que denominamos de “milagres”. Mas pensar neles como “desvios da natureza” não é descartá-los (como fizeram os deístas do século XVIII), como se fossem “violações da natureza” que não podem acontecer e, portanto, não aconteceram e não acontecem. Não! Nossa doutrina bíblica da Criação, a saber, que Deus fez tudo do nada inicial, é incompatível com esse tipo de ceticismo. Conforme Campbell Morgan afirma: “Partindo-se do pressuposto de que o primeiro versículo da Bíblia é verdade, então não há nenhuma dificuldade em aceitar os milagres”.

(1990b:101)

926. Aberto para Deus

Se aceitarmos as Escrituras como nosso guia, evitaremos opostos extremos. Não descreveremos os milagres como algo que “nunca ocorre”, nem como “ocorrências cotidianas”, nem como “impossíveis”, nem como “normais”. Ao contrário, estaremos totalmente abertos para o Deus que trabalha por meio da natureza e por meio do milagre. E esperamos, quando se afirma uma cura miraculosa, que ela se assemelhe àquelas dos Evangelhos e de Atos e, desse modo, que seja uma cura completa e instantânea de uma condição orgânica, sem o uso de meios médicos nem cirúrgicos, convidando a uma investigação e persuadindo até mesmo os não-cristãos.

(1990b:104)

927. A salvação hoje

Não nego que a morte e a doença sejam intrusões estranhas no bom mundo de Deus; nem que Deus cure por meios naturais e,

algumas vezes, sobrenaturais, pois toda cura é divina; nem que nossa nova vida em Cristo possa trazer um novo bem-estar físico e emocional, uma vez que as condições psicossomáticas que causam o estresse, o ressentimento e a ansiedade são curadas; nem de que na consumação, quando recebermos um novo corpo e entrarmos em uma nova sociedade, nos livraremos da doença e da morte para sempre. O que estou dizendo é que a salvação, oferecida em Jesus Cristo e por meio dele, hoje ainda não é uma completa integridade psicofísica; sustentar isso é antecipar a ressurreição.

(1975e:73)

928. Antecipando a ressurreição

Que a vida de Jesus deve ser revelada constantemente em nosso corpo; que Deus colocou processos terapêuticos maravilhosos no corpo humano, os quais lutam contra a doença e restauram a saúde; que toda cura é divina; que Deus pode curar e às vezes cura miraculosamente (sem meios, instantânea e permanentemente) — essas coisas devemos, alegre e confiantemente, afirmar. Mas esperar que os doentes sejam curados e os mortos ressuscitados tão regularmente quanto esperamos que os pecadores sejam perdoados é ressaltar o “já” a expensas do “ainda não”, pois é antecipar a ressurreição. Só então nosso corpo será inteiramente livre da doença e da morte.

(1991a:222)

929. O novo horizonte

A cura completa do corpo, da mente e do espírito não acontecerá nesta vida. Algum grau de *déficit* ou desordem permanece em cada um de nós. Mas não para sempre! Pois os horizontes cristãos não são limitados por este mundo. Jesus virá novamente; nosso corpo será redimido; o pecado, a dor e a morte serão abolidos; e nós e o Universo seremos transformados. Depois, seremos

finalmente libertados de tudo que degrada e distorce nossa personalidade. E essa certeza cristã ajuda-nos a suportar nossa dor presente, qualquer que seja ela. Pois há dor em meio à paz.

(1990a:359)

930. O Deus da cruz

Há limites à esfera na qual a mente finita do homem pode trabalhar. Os homens podem realmente investigar a natureza da doença, as causas, a incidência, os sintomas e a cura, mas nenhum laboratório jamais testemunhará a descoberta de seu significado e de seu propósito. Até acreditaria que uma das razões pelas quais Deus não revelou esse mistério é manter a nós, mortais orgulhosos, humildes. Nossos horizontes amplos são tão estreitos para Deus! Nosso vasto conhecimento é tão pequeno para ele! Nosso grande cérebro é tão limitado diante dele! Ele nos diz o mesmo que disse a Jó: “Onde você estava quando lancei os alicerces da terra?... Acaso você entrou nos reservatórios de neve...? Você pode amarrar as lindas Plêiades? Pode afrouxar as cordas do Órion?... É você que envia os relâmpagos, e eles lhe dizem: ‘Aqui estamos’?” (Jó 38.4,22,31,35).

A única atitude correta para com o sofrimento é a adoração ou a humilde entrega de si mesmo. Essa não é a humildade aviltante, mas a humildade serena. Fazer isso não é o mesmo que cometer suicídio intelectual e moral; é reconhecer os limites de nossa mente finita. Isso é, em uma palavra, deixar Deus ser Deus e ficarmos contentes por sermos meros homens. Isso também é razoável quando temos a revelação de Deus como Jó a teve. O crítico diz: “Mas nós não a temos”. Alto lá! Nós a temos, e você sabe disso muito bem. Nós tivemos a melhor e a mais completa de todas as revelações! Somos muito mais agradados que Jó. Ele apenas conheceu o Deus da natureza; mas nós conhecemos o Deus da graça. Ele apenas conheceu o Deus da terra, do céu e do mar; mas nós conhecemos o Deus de Jesus

Cristo. Ele apenas conheceu o Deus da Lei; mas nós conhecemos o Deus da cruz. Se era certo e razoável que Jó o adorasse, é ainda mais razoável e certo que nós o adoremos. Nós vimos a cruz. O céu não é nem silencioso nem sombrio. O céu abriu-se, e Cristo desceu, e Deus revelou a si mesmo no Cristo da cruz. A cruz é o compromisso e a garantia do amor de Deus.

(1956b:10)

931. A perspectiva essencial

Temos de aprender a subir o monte chamado Calvário e, dessa posição vantajosa, contemplar todas as tragédias da vida. A cruz não soluciona o problema do sofrimento, mas proporciona a perspectiva essencial da qual podemos examiná-lo. Visto que Deus demonstrou seu santo amor e justiça amorosa em um fato histórico (a cruz), nenhum acontecimento histórico (quer pessoal quer global) pode superá-lo ou desaprová-lo. Certamente deve ser por isso que o rolo (o livro da história e destino) encontra-se agora nas mãos do Cordeiro que foi morto, e é por isso que somente ele é digno de abrir seus selos, revelar seu conteúdo e controlar o fluxo do futuro.

(1991a:303)

932. Santidade e sofrimento

O ensino bíblico e a experiência pessoal se unem com o propósito de ensinar que o sofrimento é o caminho para a santidade ou maturidade. Sempre há algo indefinido acerca das pessoas que sofreram. Possuem certa fragrância que falta nas outras. Exibem a mansidão e a ternura de Cristo. Uma das declarações mais admiráveis que Pedro faz em sua primeira carta é que "... aquele que sofreu em seu corpo rompeu com o pecado" (4.1). A aflição física, ele parece estar dizendo, na realidade tem o efeito de fazer que paremos de pecar. Sendo assim, às vezes indago se o teste real de nossa fome por santidade não é a disposição de experimentar o

sofrimento, em qualquer grau, se tão-somente Deus, por meio dele, nos tornar santos.

(1991a:294)

933. “Jesus chorou”

Em sete ocasiões distintas nos Evangelhos, Jesus foi movido pela compaixão; por exemplo, em relação às multidões famintas e sem liderança, à viúva de Naim, aos leprosos e a um pedinte cego. Lemos em João 11 que “Jesus chorou” (v. 35) — não lágrimas de ira diante da morte, mas lágrimas de solidariedade pelas irmãs desoladas. Não é bonito ver Jesus, quando confrontado pela morte e pela desolação, profundamente emocionado? Ele sentiu indignação diante da morte e compaixão em relação às vítimas dela.

(1992b:124)

934. Cristo com seu povo

Há boa evidência bíblica de que Deus não apenas sofreu em Cristo, mas que também em Cristo ainda sofre com o seu povo. Não está escrito a respeito de Deus que, nos primeiros dias do amargo cativeiro de Israel no Egito, ele não apenas viu a sua miséria e ouviu o seu gemido, mas também “em toda a angústia deles foi ele angustiado”? Não perguntou Jesus a Saulo de Tarso por que o perseguia, revelando assim solidariedade com a sua Igreja? É maravilhoso que possamos participar dos sofrimentos de Cristo; e mais maravilhoso ainda é que ele participe dos nossos.

(1991a:309)

66

A realidade do mal

935. O infortúnio humano

“Morte” é uma palavra que resume nosso infortúnio humano, o resultado do pecado. Pois a morte é o “salário” do pecado, sua punição austera (Rm 6.23). E isso é verdade em relação a cada forma que a morte assume. Pois a Escritura fala da morte de três maneiras. Há a morte física, a separação da alma do corpo. Há a morte espiritual, a separação da alma de Deus. E há a morte eterna, a separação da alma e do corpo de Deus para sempre. Todas elas são resultantes do pecado; elas são a recompensa do pecado, embora uma terrível recompensa.

(1973b:37)

936. Morte como um evento penal

A Bíblia toda vê a morte humana não como um fato *natural*, mas *penal*. É uma invasão alienígena no bom mundo de Deus, e não faz parte de sua intenção original para a humanidade. É certo que o registro fóssil indica que a predação e a morte existiam no reino animal antes da criação do homem. Parece, contudo, que

Deus tinha em mente um fim mais nobre para os seres humanos portadores de sua imagem, fim talvez semelhante ao traslado que Enoque e Elias experimentaram e à “transformação” que ocorrerá com aqueles que estiverem vivos por ocasião da volta de Jesus. Através de toda a Escritura, pois, a morte (tanto física quanto espiritual) é vista como juízo divino sobre a desobediência humana. Daí as expressões de horror com relação à morte, a sensação de anomalia de que o homem tivesse se tornado “como os animais, que perecem”, uma vez que “o mesmo destino os aguarda”. Daí também a violenta indignação de que Jesus foi alvo em seu confronto com a morte ao lado do túmulo de Lázaro. A morte era um corpo estranho. Jesus resistiu-lhe; ele não pôde aceitá-la.

(1991a:55, 56)

937. O nada e a morte

Nada nos surpreende mais, a nós seres humanos, que o nada e a morte. A “angústia” dos existencialistas do século XX é, em sua forma mais aguda, o medo do abismo do nada. E a morte é um acontecimento sobre o qual (no fim das contas) não temos controle e do qual não podemos escapar... Mas o nada e a morte não são um problema para Deus. Ao contrário, foi do nada que ele criou o Universo e foi da morte que ele ressuscitou Jesus. A Criação e a ressurreição foram e continuam sendo as duas principais manifestações do poder de Deus.

(1994:133)

938. Merecer a morte

Penso que alguns têm a tendência para louvar a bondade que eles vêem nos outros; eu tenho a tendência de refletir sobre o mal. Mas a razão, no meu caso, é que eu creio que conheço a mim mesmo. Certamente, eu saúdo e afirmo todos esses nobres dons de Deus, que são parte da sua imagem em mim (a racionalidade, a curiosidade, as aspirações morais, a primazia do amor,

a criatividade artística, o ímpeto para adorar), mas é exatamente a glória que salienta a degradação — a vaidade, a obstinação, o egoísmo, a inveja, a impaciência, a malícia e a ausência de domínio próprio. As percepções que tenho de Deus e de mim mesmo, embora sejam distorcidas, convencem-me de que em mim mesmo sou completamente inadequado para passar a eternidade na presença do Senhor. Preciso tornar-me “adequado” para participar da herança dos santos na luz. Sem que as vestes se lavem no sangue do Cordeiro, eu jamais poderia ficar diante do trono de Deus. “O pecador que merece o inferno” soa como uma frase absurdamente antiquada, mas creio que ela é a solene verdade. Sem Cristo, eu “pereço” e mereço perecer.

(1988d:322)

939. Escrituras e universalismo

É impossível ser simultaneamente cristão bíblico e universalista.

(1975e:76)

940. Não sem lágrimas...

O evangelho traz exortações, bem como promessas; tanto a de retenção dos pecados quanto a da remissão dos pecados. O apóstolo Paulo exortou-nos: “ ‘Cuidem para que não lhes aconteça o que disseram os profetas: ‘Olhem, escarnecedores, admirem-se e pereçam’...’ ” (At 13.40,41). “Perecer” é uma palavra terrível. E “inferno” também. Podemos, e acho que devemos, preservar certo agnosticismo reverente e humilde acerca da natureza precisa do inferno, bem como da natureza precisa do céu. Tanto um quanto o outro estão além de nossa compreensão. Devemos, no entanto, sem sombra de dúvida, saber que o inferno é uma realidade tenebrosa e eterna. Não é o dogmatismo que é inconveniente ao falar sobre a realidade do inferno; mas a loquacidade e a frivolidade o são. Como podemos pensar no inferno sem chorar?

(1975c:113)

941. A expectativa do anticristo

Como podemos reagir ao que F. W. Farrar [em referência às tentativas para identificar o anticristo] chamou de “vasto limbo da exegese desacreditada”?¹ Certamente isso não se dá com a recusa desdenhosa da profecia, da “lenda” do anticristo, a qual “agora apenas encontramos em meio às classes mais baixas da comunidade cristã, das seitas e de indivíduos excêntricos e fanáticos”.² Se esse fosse o caso, eu ficaria feliz de ser contado com “as classes mais baixas” dos excêntricos e fanáticos! Devemos, em vez disso, estudar cuidadosamente o desenvolvimento da expectativa do anticristo na própria Escritura: como Daniel referiu-se a Antíoco Epifanes; como Jesus, Paulo e João, no livro de Apocalipse, reaplicaram a profecia de Daniel, isto é, como eles reconheceram a personificação sucessiva do ateísmo e da ilegalidade; e como João, em suas cartas, considerou os muitos falsos mestres como “muitos anticristos” que espalhavam sua heresia, exatamente como Jesus já nos prevenira que aconteceria com a chegada dos “falsos cristos”. Hendriksen afirma: “a história... repete-se a si mesma. Melhor, a profecia atinge múltiplos cumprimentos”³ Ainda assim, tudo isso, com outros líderes maléficos ao longo dos séculos, são prenúncios ou antecipações do derradeiro “homem da ilegalidade”, uma pessoa escatológica ainda que humana, a manifestação decisiva da ilegalidade do ateísmo, o líder da rebelião suprema, o precursor da *parousia* e o sinal dela. Concordo com Geerhardus Vos:

¹F. W. FARRAR. *The Life and Work of St Paul*. Cassell, 1981, p. 350. Edição popular.

²W. BOUSSET. “Antichrist”. In: *The Encyclopaedia of Religion and Ethics*, v. 1. Ed. James Hastings, T. and T. Clark, 1908.

³W. HENDRIKSEN. *Exposition of I and II Thessalonians*. Baker, 1955, p. 177. C. G. BERKOUWER, in: *The Return of Christ*, ET Eerdmans, 1972, desenvolve o conceito de “reinterpretação contínua, na qual não se sacrifica nada da promessa escatológica” e por meio da qual “a contínua atualidade da promessa escatológica” é preservada (p. 246-252).

“devemos partir do pressuposto... que o anticristo será um ser humano”.⁴ E se ainda acreditamos ou não na vinda do anticristo, isso, em grande medida, depende de se ainda acreditamos ou não na vinda de Cristo.

(1991d:116,167)

942. O poder secreto da iniquidade

Nesse ínterim, mesmo no período de limitação, e antes do perverso ser revelado, “... o mistério da iniquidade já está em ação” (2Ts 2.7). “O mistério” é uma tradução da palavra grega *to mystērion*. Nos escritos de Paulo, ela não pode ter o significado mais corriqueiro sobre “a verdade encoberta, mas agora revelada”, uma vez que ela ainda é secreta e contrastada com a “revelação” do anticristo. Antes que ele seja revelado abertamente, entretanto, a iniquidade que ele incorpora já opera secretamente. Seu movimento anti-social, contra a Lei e contra Deus, atualmente está em grande parte encoberto. Detectamos sua influência subversiva ao nosso redor hoje — na instância ateuista do humanismo secular, nas tendências totalitárias das ideologias extremistas de esquerda e de direita, no materialismo da sociedade de consumo que põe as coisas no lugar de Deus, naquelas assim denominadas “teologias” que proclamam a morte de Deus e o fim dos absolutos morais e na permissividade social que banaliza a vida humana, o sexo, o casamento e a família santificados, todos eles criados ou instituídos por Deus.

Não fosse por algumas restrições remanescentes (as quais preservam certa medida de justiça, liberdade, ordem e decência), essas coisas irromperiam com muito mais perversidade. E um dia isso acontecerá. Pois, quando as restrições forem removidas, a subversão secreta se tornará uma rebelião aberta sob a liderança

⁴G. Vos. *The Pauline Eschatology*. 1930; Baker, 1979, p. 113.

inescrupulosa, e “... será revelado o perverso” (v. 8). Depois, podemos esperar um período (misericordiosamente curto) de caos político, social e moral, no qual tanto Deus quanto a Lei serão impudentemente zombados, até que, repentinamente, o Senhor Jesus virá e o “... matará com o sopro de sua boca e [o] destruirá pela manifestação de sua vinda” (v. 8).

(1991d:170)

943. O ensinamento claro de Jesus

Hoje em dia, na Igreja (mesmo enquanto o satanismo floresce lá fora), não está na moda acreditar nem em um demônio pessoal nem em inteligências demoníacas que estão debaixo de seu comando. Mas não há nenhuma razão óbvia para que a moda da Igreja seja a orientadora da teologia, enquanto o ensino claro de Jesus e de seus apóstolos (isso para não mencionar a Igreja dos séculos subseqüentes) endossa sua existência malévola.

(1979e:73)

944. O reino das trevas

Devemos nos desfazer, em nossa mente, da caricatura medieval de Satanás. Ao descartarmos os chifres, os cascos e a cauda, ficaremos com o retrato bíblico de um ser espiritual altamente inteligente, extremamente poderoso e totalmente inescrupuloso. Jesus não apenas acreditava em sua existência, mas alertou-nos acerca de seu poder. Ele o chamou de “príncipe deste mundo”, como Paulo também o chamou de “governante do reino dos ares”. Ele, portanto, tem um trono e um reino, e há um exército de espíritos malignos sob seu comando, os quais são descritos nas Escrituras como “... dominadores deste mundo de trevas” e “... as forças espirituais do mal nas regiões celestiais” (Jo 12.31; Ef 6.12).

(1990c:50)

945. A astúcia do Demônio

A “astúcia do Demônio” apresenta-se de várias formas, mas sua astúcia maior é quando ele é bem-sucedido ao persuadir as pessoas de que não existe. Negar sua realidade é expor-nos ainda mais à sua sutileza.

(1979e: 265)

946. Oposição satânica

A oposição do mundo é forte e sutil. E por trás dessas coisas está o Demônio, inclinado a pegar os homens vivos e mantê-los prisioneiros. Pois o Demônio odeia o evangelho e utiliza toda sua força e esperteza para obstruir seu progresso, ou para pervertê-lo na boca daqueles que os pregam, ou para amedrontar esses pregadores fazendo-os silenciar por meio da perseguição ou do ridículo, ou para persuadi-los a avançar além dele para criar uma novidade fantasiosa, ou para torná-los tão ocupados com a defesa do evangelho que eles não tenham tempo para proclamá-lo.

(1973b:126)

947. O julgamento agora

O julgamento, como a vida eterna, inicia-se agora. Conforme respondemos a Cristo, assim somos julgados. O julgamento final não será nada além da declaração pública de um destino já colhido.

(1951:8)

A esperança de glória

948. O retorno de Cristo em glória

A razão por que acreditamos que Cristo voltará é que ele disse que voltaria. Algumas pessoas sustentam que ele esperava que sua *parousia* (“vinda”) aconteceria no período de vida de seus contemporâneos e que, portanto, ele se enganou. Mas como ele confessou que não sabia a data de sua volta, é extremamente improvável que ele lhes ensinasse quando isso aconteceria. O que ele certamente tinha intenção, com suas previsões prementes, era persuadir seus seguidores a “vigiar”, porque eles não sabiam quando isso ocorreria. À medida que olhamos na direção da *parousia*, não devemos nem “demitologizá-la” (negando que será um fato histórico) nem “enfeitá-la” (decorando-a com nossas especulações fantasiosas). Ao contrário, se somos sábios e humildes, reconheceremos que muito desse acontecimento permanece misterioso e, desse modo, devemos ser cuidadosos para não ir além do ensino claro das Escrituras. Enquanto recusamos dogmatizar a respeito dos detalhes, podemos afirmar pelo menos que a vinda do Senhor será pessoal (“‘Este mesmo Jesus’”, “... o próprio

Senhor”, At 1.11; 1Ts 4.16), visível (“... e todo olho o verá”, Ap 1.7), universal e indiscutível (“... como o relâmpago”, Lc 17.24), bem como gloriosa (“... da majestade do seu poder”, 2Ts 1.9). “Virá outra vez com glória”, diz o Credo Nice-no. Sua segunda vinda será tão espetacular quanto a sua primeira vinda foi humilde e obscura.

(1991d:73)

949. Um inimigo derrotado

Portanto, qual deve ser a atitude do cristão para com a morte? Ela ainda é um inimigo, desnaturado, desagradável e indigno — de fato “o último inimigo a ser destruído”. Contudo, é um inimigo derrotado. Visto que Cristo tirou os nossos pecados, a morte perdeu o seu poder de causar-nos dano e, portanto, de nos apavorar. Jesus resumiu essa idéia em uma de suas maiores afirmações: “ ‘Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá; e quem vive e crê em mim, não morrerá eternamente’ ” (Jo 11.25,26). Isto é, Jesus é a ressurreição dos cristãos que morrem, e a vida dos cristãos que vivem. Sua promessa aos primeiros é: “Vocês viverão”, o que quer dizer que não apenas sobreviverão, mas que também serão ressuscitados. Sua promessa aos últimos é: “Vocês jamais morrerão”, o que quer dizer que não apenas escaparão da morte, mas também que a morte provará ser um episódio trivial, uma transição à plenitude da vida.

(1991a:220)

950. Palavras de conforto

Nada conforta e sustenta os desolados como as palavras de verdade cristã. Ao proferi-las, não devemos esquecer uma das lições do livro de Jó. A condição já desolada de Jó foi agravada, e não amenizada, pelos seus assim chamados “consoladores” negligentes e insensíveis. Eles começaram bem, pois se sentaram ao

lado dele, em silêncio e em solidariedade a ele, por sete dias. Seria desejável que, após o término da primeira semana, eles tivessem continuado de boca calada. Ao contrário, eles inundaram Jó em uma torrente verborrágica, falsa, fria e convencional, para dizer-lhe que ele estava sendo punido por seus pecados, até que, por fim, Deus mesmo, cheio de ira, os contradisse e os acusou de não falar o que era certo a respeito dele (Jó 42.7,8). Entretanto, o erro deles não foi o fato de falarem, mas de falarem “loucuras”. De modo geral, as palavras podem confortar, e realmente confortam, se forem verdadeiras e gentis, e se forem ditas no momento certo.

(1991d:106)

951. Triunfo e lágrimas

Certamente, é apropriado nos sepultamentos cristãos celebrar alegremente a vitória decisiva de Cristo sobre a morte. Mas assim fazemos em meio a lágrimas da tristeza pessoal. Se Jesus chorou à beira do túmulo de seu querido amigo Lázaro, seus discípulos certamente têm liberdade de fazer o mesmo.

(1991d:94)

952. O estado intermediário

No pensamento bíblico, a morte consiste na separação da alma do corpo. Na morte, o corpo cessa de ser a habitação do espírito humano e, assim, começa a decair ou “ao pó voltará”. Mas a alma ou o espírito sobrevive a essa crise e passa a viver em uma condição desincorporada até o dia da ressurreição, quando Cristo retorna. Por essa razão, o período entre a morte e a ressurreição é chamado pelos teólogos de o “estado intermediário” — não porque é uma terceira alternativa intermediária entre o céu e a terra, mas porque é um estado intermediário entre a morte e a ressurreição.

(1977c:22)

953. Cristo aboliu a morte

Um dos testes mais perscrutadores para aplicar a qualquer religião diz respeito à atitude para com a morte. E, se medido por esse teste, muito do assim chamado cristianismo encontra-se deficiente com a excessiva demonstração de pesar, com suas roupas negras, com seus cânticos tristes e com suas missas para os mortos, também chamados réquiens. Obviamente, a morte pode ser muito desagradável, e a perda pode trazer uma tristeza amarga. Mas a morte mesma já foi destruída. “Felizes os mortos que morrem no Senhor” (Ap 14.13). O epitáfio apropriado para um cristão não é uma petição incerta e lúgubre, “R.I.P.” (*requiescat in pace* — repouse em paz), mas uma afirmação alegre e cheia de certeza é “C.A.M.” (Cristo aboliu a morte).

(1973b:39)

954. No último dia

Assim como na Criação Deus disse e “as coisas vieram à existência”, e assim como, à beira do túmulo, Jesus falou com firmeza: “ ‘Lázaro, venha para fora!’ ” e ele veio, também assim no último dia os mortos ouvirão a voz firme e criadora de Deus e obedecerão.

(1991d:102)

955. “Um corpo de glória”

A ressurreição não é o mesmo que a ressuscitação. Aqueles a quem Jesus ressuscitou dos mortos em seu ministério terreno foram ressuscitados. Eles voltaram da morte, retomaram a antiga forma de vida e, depois, morreram uma segunda vez. Ressurreição significa, entretanto, o início de uma nova vida, diferente e imortal. Assim, o corpo ressurreto, embora retenha algum tipo de continuidade com nosso corpo presente, também será transformado. Paulo disse que esse corpo será tão diferente quanto a

planta é distinta da semente da qual brotou. Ele estará livre tanto da deterioração quanto da “carne”, a natureza decaída que, de alguma forma, pertence a esse corpo. Ele também terá novos poderes. Na verdade, nosso corpo ressurreto será um “corpo de glória”, como o de Cristo.

(1984d:134)

956. O que é e o que será

O Reino de Deus já foi inaugurado e está avançando; mas ainda não foi consumado. A nova era (o mundo vindouro) já chegou, de modo que temos provado “os poderes do mundo vindouro”; mas a era antiga ainda não passou completamente. Já somos filhos de Deus, e não mais escravos; mas ainda não entramos na “liberdade da glória dos filhos de Deus”. A ênfase exagerada no “já” conduz ao triunfalismo, à reivindicação de perfeição — moral (falta de pecado) ou física (saúde completa) — que pertence somente ao Reino consumado, o “ainda não”. A ênfase exagerada no “ainda não” leva ao derrotismo, uma aquiescência à continuação do mal, incompatível com o “já” da vitória de Cristo.

(1991a:240)

957. Temores quanto ao futuro

À medida que nos aproximamos do fim do segundo milênio depois de Cristo, o coração da maioria das pessoas ao nosso redor está traindo essas pessoas por causa do medo. Não é a falta de recursos naturais o problema principal, mas a falta de recursos espirituais e morais. As pessoas de opinião sabem que os problemas que enfrentamos — desconcertantes em virtude da quantidade, magnitude e complexidade — estão além de nossa capacidade. Apenas o retorno do Deus vivo — que nos criou, que nos sustenta e que pode nos refazer por intermédio de Cristo — e a restauração de nossa fé cristã autêntica — em sua relevância bíblica,

plena e contemporânea — podem capacitar-nos, com confiança e sem temor, para olhar na direção do ano 2000 d.C.

(1983e:viii)

958. A ressurreição do corpo

A esperança cristã não é a imortalidade da alma (uma existência desincorporada e sombria), mas a ressurreição do corpo (o instrumento perfeito para a expressão de nossa nova vida).

(1985:51)

959. Nossa confiança cristã

Os cristãos estão confiantes quanto ao futuro, e nossa “esperança” cristã (uma expectativa indubitável) é tanto individual quanto cósmica. Individualmente, à parte de Cristo, o medo da morte e da dissolução pessoal é quase universal. Para nós, os ocidentais, o humorista e ator Woody Allen tipifica esse terror. Isso se tornou uma obsessão para ele. É verdade que ele ainda faz piadas sobre isso. Ele diz: “Não é que eu tenha medo de morrer. Eu só não quero estar ali quando isso acontecer”.¹ Ele, basicamente, está cheio de temores. Em 1977, em um artigo para a revista *Esquire*, ele disse: “A coisa fundamental por detrás de *toda* motivação e *toda* atividade é a briga constante contra a aniquilação e contra a morte. Ela é absolutamente espantadora em seu terror e faz que as realizações das pessoas pareçam sem significado”.

Jesus Cristo, entretanto, resgata seus discípulos desse horror. Nós não apenas sobreviveremos à morte, mas ressuscitaremos, receberemos um novo corpo como o corpo ressurreto de Jesus, com poderes novos e jamais sonhados. Pois ele é chamado tanto de “as primícias” da colheita quanto de “primogênito dentre os mortos”. Essas duas metáforas nos dão a mesma garantia. Ele foi

¹Graham McCANN. *Woody Allen, New Yorker*. Polity Press, 1990, p. 43 e 83.

o primeiro a ressuscitar; e todo seu povo o seguirá. Teremos um corpo como o dele. “Assim como tivemos a imagem do homem terreno [Adão], teremos também a imagem do homem celestial [Cristo]” (1Co 15.49).

Entretanto, nossa esperança para o futuro é também cósmica. Acreditamos que Jesus Cristo voltará em magnificência, a fim de trazer a História ao seu cumprimento na eternidade. Ele não apenas ressuscitará os mortos, mas regenerará o Universo; ele fará novas todas as coisas. Estamos certos de que toda a criação será libertada de sua escravidão presente, da deterioração e da morte; que os gemidos da natureza são as dores de parto que prenunciam o nascimento de um novo mundo; e de que haverá um novo céu e uma nova terra, que será a casa dos justos.

(1992b:83)

960. A escravidão da natureza e a esperança futura

Paulo ensina, em Romanos 8, que a criação “será *libertada da escravidão da decadência*” (v. 21, grifos do autor). *Phthora* (decadência) parece denotar não apenas que o Universo está decaindo (como diríamos), mas que a natureza está também escravizada, presa em um ciclo sem-fim, de modo que a concepção, o nascimento e o crescimento são implacavelmente seguidos pelo declínio, decadência, morte e decomposição. Além disso, pode haver uma referência passageira à predação e à dor, especialmente essa última, que é mencionada no versículo seguinte. Portanto, futilidade, prisão, decadência e dor são palavras que o apóstolo utiliza para indicar que a criação está fora de prumo porque está sob julgamento. Ela ainda funciona, pois os mecanismos da natureza são ajustados precisamente e têm um equilíbrio delicado. E muito daquilo que é surpreendentemente belo revela a mão do Criador. Mas ela é também escrava da desintegração e da frustração. No fim, entretanto, será “libertada da escravidão da decadência

em que se encontra”, “redimida do cativeiro da corrupção” (ARA)... A sujeição da criação à inutilidade estava *na esperança* (v. 20). A escravidão da decadência dará lugar à liberdade da glória (v. 21). As dores de parto serão seguidas pelas alegrias do nascimento (v. 22). Haverá, portanto, tanto a continuidade quanto a descontinuidade na regeneração do mundo, bem como na ressurreição do corpo. O Universo não será destruído; antes, liberto, transformado e coberto com a glória de Deus.

(1994:239, 241)

961. Para a frente e para trás

A razão pela qual olhamos para a frente, para a consumação de todas as coisas, é que olhamos para trás, para a ressurreição com confiança. A esperança cristã já começou a ser cumprida.

(1985:49)

962. Com Cristo e como Cristo

Para nós, basta saber que, no último dia e por toda a eternidade, estaremos com Cristo e seremos como Cristo; e ficamos contentes em esperar pela revelação mais plena do que viemos a ser.

(1988g:124)

963. O que mais precisamos saber?

Para nós, não há necessidade de especular sobre a natureza precisa do céu. Temos certeza na autoridade de Jesus Cristo, a saber, que ele é a casa de seu Pai e a nossa também (há 23 referências ao Pai em Jo 14); de que sua casa é um local preparado que contém muitos aposentos ou locais de descanso; e de que ele mesmo ali estará. O que mais precisamos saber? Temos a certeza de que onde ele está também estaremos tempo suficiente para satisfazer nossa curiosidade e aquietar nossos temores.

(1971b:34)

964. Não apenas alegrias negativas

A devoção cristã popular talvez tenha se concentrado muito no que não haverá no céu, isto é, nas promessas do Apocalipse, a saber: que não haverá mais fome nem sede; não haverá mais calor ardente nem insolação; não haverá mais lágrimas nem dor; não haverá mais maldição nem morte. Graças a Deus por essas ausências. Mas muito mais graças a Deus pela razão disto tudo: a presença — central e dominadora — do trono de Deus!

(1984d:135)

965. Responsabilidade e governo

As Escrituras contêm muitas indicações de que o novo céu e a nova terra serão para o cristão não apenas um local de privilégios, mas de responsabilidade. O servo “bom e fiel”, que foi “fiel no pouco”, será posto “sobre o muito” e participará “... da alegria do seu senhor” (Mt 25.21,23). De modo similar, o nobre diz ao bom servo da parábola das dez minas: “ ‘Por ter sido confiável no pouco, governe sobre dez cidades’ ” (Lc 19.17). E Paulo acrescenta aos coríntios: “Vocês não sabem que os santos hão de julgar o mundo?” (1Co 6.2). Parece certo que isso será assim. Aqueles que aprenderam a fazer a obra de Cristo nesta vida continuarão a fazê-la na próxima. Aqueles que aprenderam a governar suas paixões na terra governarão as pessoas no céu.

(1990c:72)

966. Amor no céu

A nova era será habitada por novos seres que vivem uma nova vida sob novas condições. Os seres humanos serão como anjos — seres mortais que serão transformados em imortais. Para tomar emprestada uma frase do apóstolo Paulo, “... os mortos ressuscitarão incorruptíveis” (1Co 15.52-54). Por conseguinte, a necessidade de propagar a raça não mais existirá. A ordem dada na

Criação: “Sejam férteis e multipliquem-se!” (Gn 1.28), será anulada. E, como a reprodução é um dos principais propósitos do casamento, os seres humanos não mais se casarão. Não que o amor cessará, pois o “... amor nunca perece” (1Co 13.8), mas a sexualidade será transcendida, e os relacionamentos pessoais não serão nem exclusivos em seu caráter nem físicos em sua expressão. (1970b:56)

967. A grande multidão

Sempre fui bastante confortado com a afirmação de Apocalipse 7.9: o grupo de redimidos nos céus será “... uma grande multidão que ninguém podia contar”. Não professo que saiba como isso se dará, uma vez que parece que os cristãos fazem sempre parte de uma pequena minoria. Mas as Escrituras afirmam isso para nosso conforto. Embora nenhum cristão bíblico possa ser universalista (acreditar que toda a humanidade será por fim salva), uma vez que as Escrituras ensinam a terrível realidade do inferno e a eternidade dele, um cristão bíblico pode — e deve — afirmar que os redimidos serão uma multidão internacional tão imensa que será impossível contá-la. Pois a promessa de Deus será cumprida, e a semente de Abraão será tão inumerável quanto “o pó da terra”, e “as estrelas do céu”, e “areia das praias do mar”.

(1979f:31)

968. Segurança eterna

No centro do Universo, há um trono. Os planetas que se movem recebem suas ordens desse trono. As galáxias gigantes dedicam-lhe sua devoção. Nele, o mais minúsculo dos organismos encontra vida. Diante dele, anjos e seres humanos e todas as coisas criadas no céu e na terra inclinam-se e rendem-lhe adoração. Circundando o trono, está o arco-íris da aliança de Deus,

e, ao redor dele, existem 24 outros tronos, ocupados por 24 anciãos, que indubitavelmente representam as 12 tribos do AT e os 12 apóstolos do NT e, portanto, a Igreja completa e perfeita...

Esses capítulos de Apocalipse (4—7) não deixam a menor dúvida sobre a segurança do povo de Deus. O Pai Eterno senta-se no trono, rodeado pelas multidões de adoradores do céu. O Livro do Destino está na mão de Cristo, e nenhuma calamidade pode sobrevir à humanidade sem que ele abra seus selos. Além disso, não se permitirá que os ventos do julgamento soprem sobre aqueles que forem selados com o Espírito Santo. Esses são os símbolos da soberania divina. A Santa Trindade garante a segurança da Igreja.

(1990c:126)

Índice de fontes

1951

“The Coming Judge”. In: *All Souls Church Magazine*, fev., 1951.
Sermão sobre Jo 12.48.

1952

Parochial Evangelism by the Laity. London: Church Information Board, 1952 (Central Board of Finance of the Church of England).

1954

- a. “The Exaltation of Jesus”. In: *All Souls Church Magazine*, jul., 1954. Sermão sobre Fp 2.9-11.
- b. Prefácio. In: Leslie T. LYALL. *John Sung*. London: China Inland Mission, 1954.
- c. *Men with a Message*. London: Longmans, 1954 = *Basic Introduction to the New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans; Downers Grove: IVP, 1965. Edição ilustrada, revisada por

Stephen Motyer, Grand Rapids: Eerdmans, 1994. Os sumários são da primeira edição.

1956

- a. *Fundamentalism and Evangelism*. London: Crusade Booklets, 1956; Grand Rapids: Eerdmans, 1959.
- b. *Why do the Innocent Suffer?* London: Crusade Booklets, 1956. Também publicado em *Crusade*, jan., 1956.

1959

- a. *The Doctor – a Person*. Cape Town: Medical Christian Fellowship, 1959.
- b. “Must Christ be Lord and Savior?”. *Eternity*, set., 1959. (Evangelical Ministries, Inc.).

1961

The Preacher's Portrait. London: Tyndale Press; Grand Rapids: Eerdmans, 1961. [Publicado em português pela Editora Sepal, *O perfil do pregador*.]

1962

- a. *Father and Creator*.
- b. *He Shall Come to Judge*.
- c. *I Believe in God*.
- d. *Suffered under Pontius Pilate*.

Os textos mencionados são da Episcopal series. Atlanta: The Episcopal Radio-TV Foundation, 1962; transcritos de programas de rádio do Credo Apostólico.

- e. “The Calling of the Church: Studies in 1 Corinthians 1—6”. In: *The Keswick Week 1962*. Ed. H. F. STEVENSON. London: Marshall, Morgan e Scott, 1962.

- f. "The Meat of the Gospel". *Decision*, jan., 1962 (Billy Graham Evangelistic Association).
- g. *Motives and Methods in Evangelism*. London: IVF, 1962 = *Evangelism: Why and How*. Downers Grove: IVP, 1967. Essa última edição foi levemente adaptada.

1963

"The Evangelical Doctrine of Baptism". In: *The Anglican Synthesis*. Ed. W. R. F. BROWNING. Derby: Peter Smith, 1963.

1964

Confess your Sins. London: Hodder and Stoughton; Waco: Word, 1964.

1965

"Teacher and Lord". *Decision*, mar., 1965 (Billy Graham Evangelistic Association). Reimpresso em *His*, jan., 1966.

1966

- a. "The New Testament Concept of Episkope: An Exposition of Acts 20.17-38". In: *Bishops in the Church*. Ed. R. P. JOHNSTON. London: Church Book Room Press, 1966.
- b. *The Canticles and Selected Psalms*. London: Hodder and Stoughton, 1966. Veja também 1988e.
- c. *Men Made New*. London: IVF, Downers Grove: IVP, 1966. Reimpressão, Grand Rapids: Baker, 1984.

1967

- a. "That Word 'Radical' ". *Church of England Newspaper*, 24 de fev. de 1967.
- b. "Jesus Christ Our Teacher and Lord". In: *Guidelines*. Ed. J. I. PACKER. London: Falcon, 1967.

- c. "Was it Necessary for Jesus to Die on the Cross?". In: *Hard Questions*. Ed. Frank COLQUHOUN. London: Falcon, 1967.
- d. "The Great Commission". In: *One Race, One Gospel, One Task*. Ed. C. F. HENRY & W. S. MOONEYHAM. Minneapolis: World Wide Publications, 1967.
- e. *Our Guilty Silence*. London: Hodder and Stoughton, 1967; Grand Rapids: Eerdmans, 1969.
- f. Prefácio. In: *You in Your Small Corner*. Ralph CAPENERHURST. London: IVF, 1967.

1968

- a. *The Call to Preach*. London: London Baptist Preachers' Association, 1968.
- b. "Racialism v. Our Common Humanity". *Church of England Newspaper*, 10 de mai. de 1968. Reimpresso em *InterVarsity*, outono, 1968.
- c. *The Message of Galatians*. The Bible Speaks Today series. London and Downers Grove: IVP, 1968. Por algum tempo intitulado *Only One Way*.

1969

- a. "God's Man: Studies in 2 Timothy". In: *The Keswick Week 1969*. Ed. H. F. STEVENSON. London: Marshall, Morgan and Scott, 1969. [Publicado em português pela Editora Cultura Cristã, *Estudos bíblicos*: II Timóteo.]
- b. *One People*. London: Falcon 1969; Downers Grove: IVP, 1970; Old Tappan: Revell, 1982. Essa edição foi revisada.

1970

- a. "Genuine Peace". *All Souls Church Magazine*, mai., 1970. Sermão sobre At 10.36.
- b. *Christ the Controversialist*. London: Tyndale Press; Downers Grove: IVP, 1970.

1971

- a. *Basic Christianity*. London: IVP; Grand Rapids: Eerdmans, and Downers Grove: IVP, 1971. Essa edição foi revisada. A primeira publicação foi em 1958. [Publicado em português pela Edições Vida Nova, *Cristianismo básico*.]
- b. "The Upper Room Discourse". In: *Christ the Liberator*. John STOTT et alii. Downers Grove: IVP, 1971; London: Hodder and Stoughton, 1972.
- c. "Reverence for Human Life." *Church of England Newspaper*, 29 de out. e 5 de nov. de 1971. Posteriormente publicado como *Reverence for Human Life*. Fellowship Paper 278, London: Church Pastoral Aid Society, 1972.
- d. *Following Christ in the Seventies*. Cingapura: James Wong, 1971; Homebush West, NSW: Anzea, 1972.

1972

- a. *Becoming a Christian*. London e Downers Grove: IVP, 1972. Essa edição foi revisada. A primeira publicação foi em 1950.
- b. *The Bible and the Crisis of Authority*. London: Falcon, 1972.
- c. "Christ's Portrait of a Christian: Studies in Matthew 5, 6 and 7". In: *The Keswick Week 1972*. Ed. H. F. STEVENSON. London: Marshall, Morgan and Scott, 1972.
- d. *Your Mind Matters*. London: IVE, 1972; Downers Grove: IVP, 1973. Reeditado em Brisbane: Australian Fellowship of Evangelical Students, 1994.

1973

- a. *The Meaning of Evangelism*. London: Falcon, 1973. Essa edição foi revisada. A primeira publicação foi em *Christian Graduate*, jun., 1956.
- b. *The Message of 2 Timothy*. The Bible Speaks Today series. London e Downers Grove: IVP, 1973. Título original *Guard*

the Gospel. [Publicado em português pela ABU Editora, *A mensagem de 2 Timóteo*.]

1975

- a. *Balanced Christianity*. London: Hodder and Stoughton; Downers Grove: IVP, 1975. [Publicado em português pela CPAD, *Cristianismo equilibrado*.]
- b. *Baptism and Fullness*. London: IVP, 1975; Downers Grove: IVP, 1976. Edição revisada e ampliada de *The Baptism and Fullness of the Holy Spirit* (1964). [Publicado em português pela Edições Vida Nova, *Batismo e plenitude do Espírito Santo*.]
- c. *Christian Mission in the Modern World*. London: Falcon; Downers Grove: IVP, 1975. Reeditado por Eastbourne: Kingsway, 1986.
- d. *The Lausanne Covenant: An Exposition and Commentary*. Minneapolis: World Wide Publications; Charlotte: Worldwide Publications, 1975. Também publicada, sob o mesmo título, como Lausanne Occasional Paper 3. Charlotte: Lausanne Committee for World Evangelization, 1975, dos quais os sumários citados fazem parte, e como *Explaining the Lausanne Covenant*. London: Scripture Union, 1975. [Publicado em português pela Publicações Visão Mundial, *John Stott comenta o pacto de Lausanne*.]
- e. "The Biblical Basis of Evangelism". In: *Let the Earth Hear His Voice*. Ed. J. D. Douglas. Minneapolis: World Wide Publications, 1975.
- f. *Walk in His Shoes*. London: IVP, 1975 = *Who is My Neighbor?* Downers Grove, IVP, 1976.

1976

- a. "Response to Bishop Mortimer Arias." *International Review of Mission*, jan., 1976.

- b. "The Authority and Power of the Bible". In: *The New Face of Evangelicalism*. Ed. R. PADILLA. London: Hodder and Stoughton; Downers Grove: IVP, 1976.

1977

- a. "Unhooked Christians". *Christianity Today*, 7 de out. de 1977.
- b. "Is the Incarnation a Myth?". *Christianity Today*, 4 de nov. de 1977.
- c. "Beyond the Divide". In: *Death: Jesus Made it All Different*. Ed. M. G. MERAN. New Canaan: Keats Publishing, Inc., 1977. De um sermão sobre All Souls, fev., 1964.
- d. "The Biblical Basis for Declaring God's Glory". In: *Declare His Glory Among the Nations*. Ed. D. M. HOWARD. Downers Grove: IVP, 1977.
- e. "The Living God is a Missionary God". In: *Declare His Glory Among the Nations* (veja entrada anterior).
- f. "Obeying Christ in a Changing World". In: *Obeying Christ in a Changing World*, v. 1: *The Lord Christ*. Ed. John Stott. London: Collins, 1977. John Stott também escreveu a introdução geral. Usado com permissão de HarperCollins Publishers Limited.
- g. "The Sovereign God and the Church". In: *Our Sovereign God*. Ed. J. M. Boice. Grand Rapids: Baker, 1977.
- h. "The Sovereignty of God the Son". In: *Our Sovereign God* (veja entrada anterior).
- i. *What is an Evangelical?* London: Falcon, 1977. [Publicado em português pela Editora Ultimato, *Por que sou cristão.*]

1978

- a. "Truth, Heresy and Discipline in the Church". *Christianity Today*, 10 de mar. de 1978.
- b. "Must I Really Love Myself?". *Christianity Today*, 5 de mai. de 1978.

- c. "Tasks Which Await Us", *Essays in Evangelical Social Ethics*, ed. D. F. Wright. Exeter: Paternoster, 1978. Foi usado como epílogo para a obra citada.
- d. *Essentials for Tomorrow's Christians*. London: Scripture Union, 1978.
- e. "Biblical Preaching is Expository Preaching". In: *Evangelical Roots*. Ed. K. S. Kantzer. Nashville: Thomas Nelson, 1978.
- f. *The Message of the Sermon on the Mount*, The Bible Speaks Today series: Leicester e Downers Grove: IVP, 1978. Título original *Christian Counter-Culture*. [Publicado em português pela ABU Editora, *A mensagem do Sermão do Monte*.]
- g. *The Uniqueness of Jesus Christ*. Chicago: Chicago Sunday Evening TV Club, 1978. Transcrito do programa de TV.

1979

- a. "Reclaiming the Biblical Doctrine of Work". *Christianity Today*, 4 de mai. de 1979.
- b. "The Kingdom and Community: Can the Kingdom of God Satisfy Man's Search for Love?", *Crux*, set., 1979.
- c. *Evangelism, Salvation and Social Justice*, R. J. SIDER. 2. ed. Nottingham: Grove Books, 1979. Com uma resposta de John Stott. Primeira publicação nesse formato em 1977.
- d. Prefácio. In: *The Gospel and Culture*. Os papéis de Willowbank Consultation, 1978. Pasadena: William Carey Library, 1979.
- e. *The Message of Ephesians*. The Bible Speaks Today series. Leicester: IVP, 1979; Downers Grove: IVP, 1980. Título original: *God's New Society*.
- f. "The Living God is a Missionary God". In: *You Can Tell the World*. Ed. J. E. Berney. Downers Grove: IVP, 1979.

1980

- a. "The Messenger and God: Studies in Romans 1—5". In: *Believing and Obeying Jesus Christ*. Ed. J. W. ALEXANDER. Downers Grove: IVP, 1980.

- b. "Economic Equality Among Nations: A Christian Concern?". *Christianity Today*, 2 de mai. de 1980.
- c. "The Just Demands of Economic Inequality". *Christianity Today*, 23 de mai. de 1980.
- d. "Does Life Begin Before Birth?". *Christianity Today*, 5 de set. de 1980.
- e. "Saving Souls and Serving Bread". *Christianity Today*, 7 de nov. de 1980.
- f. "Reviving Evangelism in Britain". *Christianity Today*, 12 de dez. de 1980.
- g. "The Whole Christian". In: *Proceedings of the International Conference of Christian Medical Students*. Ed. Lee MOY NG. London: ICCMS e Christian Medical Fellowship, 1980.
- h. "The Gospel." *Southern Cross*, mai., 1980.
- i. "Evangelism and Social Responsibility". *Southern Cross*, out., 1980.

1981

- a. *The Christian and the Poor*. All Souls Paper: London: All Souls Church, 16 de fev. de 1981.
- b. "Scripture: The Light and Heat for Evangelism". *Christianity Today*, 6 de fev. de 1981.
- c. "Seminarists are not Tadpoles". *Christianity Today*, 6 de fev. de 1981.
- d. "Paralyzed Speakers and Hearers". *Christianity Today*, 13 de mar. de 1981.
- e. "Who, Then, Are the Poor?". *Christianity Today*, 8 de mai. de 1981.
- f. "Jesus is Lord! Has Wide Ramifications". *Christianity Today*, 12 de jun. de 1981.
- g. *The Authority and Relevance of the Bible in the Modern World*. Canberra: The Bible Society in Australia, 1979 = *Culture and the Bible*. Downers Grove: IVP, 1981, dos quais são os resumos citados. Também publicado em *The Bible in Perspective*. London: Bible Society, 1981.

- h. "The Bible in World Evangelization". In: *Perspectives on the World Christian Movement*. Ed. R. D. Winter e S. C. Hawthorne. Pasadena: William Carey Library, 1981. Adaptado e condensado de "The Living God is a Missionary God". In: *Declare His Glory Among the Nations* (veja 1977d).

1982

- a. *I Believe in Preaching*. London: Hodder and Stoughton, 1982 = *Between Two Worlds*. Grand Rapids: Eerdmans, 1981.
- b. *The Bible: Book for Today*. Leicester: IVP, 1982 = *God's Book for God's People*. Downers Grove: IVP, 1983, reeditado como *You Can Trust the Bible*. Grand Rapids: Discovery House, 1991. [Publicado em português pela ABU Editora, *A Bíblia: o livro para hoje*.]
- c. *True Wisdom*. Chicago: Chicago Sunday Evening TV Club, 1982. Transcrito do programa de TV.

1983

- a. *In Christ*. Washington: National Prayer Breakfast, 1983.
- b. *Make the Truth Known*. Leicester: IVP, 1983.
- c. Prefácio. In: *Masters of the English Reformation*. M. L. LOANE. 2. ed. London: Hodder and Stoughton, 1983.
- d. "John R. W. Stott: An Anglican Clergyman". In: *Peacemakers*. Ed. J. WALLIS. New York: Harper and Row; Toronto: Fitzhenry and Whiteside, 1983.
- e. *The Year 2000 AD*. Ed. John STOTT. London: Marshalls, 1983 = *The Year 2000*. Downers Grove: IVP, 1983. Também com prefácio de John Stott.

1984

- a. "Am I Supposed to Love Myself or Hate Myself?". *Christianity Today*, 20 de abr. de 1984.

- b. *Free to Be Different*. Ed. John STOTT. London: Marshalls, 1984. Também com prefácio de John Stott.
- c. "Christian Responses to Good and Evil: A Study of Romans 12.9—13.10." In: *Perspectives on Peacemaking*. Ed. J. A. BERNBAUM. Ventura: Regal Books, 1984.
- d. *Understanding the Bible*. London: Scripture Union, 1976, 1984; Grand Rapids: Zondervan, 1980. Essa edição foi revista. A primeira publicação foi em 1972.

1985

The Authentic Jesus. London: Marshalls; Downers Grove: IVP, 1985. Usado com permissão de HarperCollins Publishers Limited.

1986

- a. *The Cross of Christ*. Leicester e Downers Grove: IVP, 1986.
- b. Prefácio. In: *Decide for Peace*. Ed. D. MILLS-POWELL. London: Marshall Pickering, 1986.
- c. Introdução. In: *Evangelical Preaching*. Portland: Multnomah, 1986. Sermões de Charles Simeon.
- d. "I Believe in the Church of England". In: *Hope for the Church of England?* Ed. Gavin REID. Eastbourne: Kingsway, 1986.

1988

- a. "The World's Challenge to the Church." *Bibliotheca Sacra*, abr./jun., 1988.
- b. "Biblical Meditation: God in Christ". In: *Christian Faith and Practice in the Modern World*. Ed. M. A. NOLL & D. F. WELLS. Grand Rapids: Eerdmans, 1988.
- c. "Biblical Meditation: True Wisdom". In: *Christian Faith and Practice in the Modern World* (veja entrada anterior).

- d. *Essentials*. David L. EDWARDS & John STOTT. London: Hodder and Stoughton, 1988 = *Evangelical Essentials*. Downers Grove: IVP, 1989.
- e. *Favourite Psalms*. Milton Keynes: Word UK; Chicago: Moody; Willowdale, Ontario: R. G. Mitchell Family Books, 1988. Edição revisada e ilustrada de *The Canticles and Selected Psalms* (veja 1966b).
- f. "Nuclear Weapons Change the Possibility of War". In: *Handling Problems of Peace and War*. Ed. A. Kirk. London: Marshall Pickering, 1988.
- g. *The Letters of John*. Tyndale New Testament Commentaries: Leicester: IVP; Grand Rapids: Eerdmans, 1988. Essa edição foi revisada, A primeira publicação foi em 1964, como *The Epistles of John*.

1989

- a. "Conflicting Gospels". *Church of England Newspaper*, 8 de dez. de 1989, reimpresso como "New Age". *All Souls Yearbook* (= *All Souls Church Magazine*, ago., 1990), de onde os resumos são citados.
- b. "Ideals of Pastoral Ministry". *Bibliotheca Sacra*, jan./mar., 1989.
- c. *God's Word for Our Time*. London: Hodder and Stoughton, 1989). [Publicado em português pela Editora Cultura Cristã, *A Palavra de Deus para o crente hoje*.]
- d. *What is Man?* London: National Prayer Breakfast Committee, 1989. Também publicado como "The Glory and the Shame". *Third Way*, dez., 1990/jan., 1991.

1990

- a. *Issues Facing Christians Today*. London: Collins/Marshall Pickering, 1990. Essa edição foi revisada e ampliada. Usado

com permissão de HarperCollins Publishers Limited. = *Decisive Issues Facing Christians Today*. Old Tappan; Revell, 1990. A primeira publicação foi em 1984 (UK) e 1985 (USA).

- b. *The Message of Acts*. The Bible Speaks Today series. Leicester: IVP, 1990 = *The Spirit, The Church and The World*. Downers Grove: IVP, 1990. [Publicado em português pela ABU Editora, *A mensagem de Atos*.]
- c. *What Christ Thinks of the Church*. Milton Keynes: Word UK; Wheaton: Harold Shaw, 1990. Essa edição foi revisada e ilustrada. A primeira publicação foi em 1958 (UK) e 1959 (USA). [Publicado em português pela Editora United Press Ltda., *O que Cristo pensa da igreja*.]

1991

- a. *A cruz de Cristo*, São Paulo: SP, Editora Vida.
- b. Prefácio. In: *For Christ and the University*. K. & G. HUNT. Downers Grove: IVP, 1991.
- c. *Life in Christ*. Eastbourne: Kingsway; Wheaton: Tyndale House, 1991. Edição revisada e ilustrada de *Focus on Christ*. London e Cleveland, Ohio: Collins, 1979 = *Understanding Christ*. Grand Rapids: Zondervan, 1981.
- d. *The Message of Thessalonians*. The Bible Speaks Today series. Leicester: IVP, 1991 = *The Gospel and the End of Time*. Downers Grove: IVP, 1991.
- e. *Your Confirmation*. London: Hodder and Stoughton, 1991. Essa edição foi revisada = *Christian Basics*. US: Grand Rapids: Baker, 1991. Adaptado por um leitor interdenominacional. A primeira publicação foi em 1958.

1992

- a. "Pride, Humility and God". In: *Alive to God*. Ed. J. I. PACKER & L. WILKINSON. Downers Grove: IVP, 1992.

- b. *The Contemporary Christian*. Leicester and Downers Grove, 1992.
- c. "Manufacturing Truth". *In Touch*, n. 2, 1992.
- d. "Maintaining Spiritual Freshness". *InterVarsity's Student Leadership*, inverno, 1992.
- e. "The Counsellor and Friend". In: *A Study in Spiritual Power*. Ed. J. Eddison. Guildford: Highland, 1992. Essa é uma edição revisada. A primeira publicação foi "Bash": *A Study in Spiritual Power*. London: Marshalls, 1983.

1993

- a. "Let's Talk About Sex". *In Touch*, n. 2, 1993.
- b. Prefácio. In: *Under the Bright Wings*. Peter HARRIS. London: Hodder and Stoughton, 1993.

1994

The Message of Romans. The Bibles Speaks Today series. Leicester: IVP, 1994 = *Romans: God's Good News for the World*, Downers Grove: IVP, 1994. [Publicado em português pela ABU Editora, *Romanos*.]

2003

Eu creio na pregação. Trad. Gordon Chown. São Paulo, SP: Editora Vida.

Para detalhes complementares sobre todas as obras e escritos de John Stott, veja Timothy DUDLEY-SMITH. *John R. W. Stott: A Comprehensive Bibliography*. Leicester and Downers Grove: IVP, 1995.

Índice de assuntos

Os números referem-se aos verbetes, e não às páginas do livro.

- Aborto, 883
- Abraão, 22, 58, 169, 192, 224, 385, 412, 433, 451, 612, 723, 891, 903, 907, 918, 967
- Absolvição, 354, 379
- Ação de graças, 521
- Aceitação, 614, 842
- Adão, 286, 325, 395, 907
e Eva, 225, 297
- Administração, administradores, (mordomia), 18, 175, 292, 315, 807, 840, 858, 885
- Adoração, 6, 42, 43, 84, 137, 170, 250, 338, 434, 468, 629-632, 647, 648, 650, 651, 653, 665, 728, 845, 930, 968
- Alegria, 369, 505, 506
- Aliança, 2, 22, 58, 134, 277, 278, 451, 968
- Alienação, 288, 362, 877
- Ambição, 581, 582
- Amor, 44, 45, 81, 95, 100, 141, 211, 286, 291, 292, 298, 300, 315, 334, 336, 369, 433, 467, 482, 493, 495-502, 504-506, 527, 528, 534, 554, 556, 557, 579, 608, 615, 618, 619, 641, 766, 771, 819, 820, 823-825, 829, 868, 891, 966; v. tb. Deus; Jesus Cristo
- Amor-próprio, 331, 336, 727
- Analogia, 115, 202, 223, 542
- Anglicanismo (anglicano), 231, 463, 684, 738
- Anticristo, 913, 921, 941, 942, 943
- Antigo Testamento (AT), 189, 191-193, 208, 211, 219, 224, 360, 612, 750, 833, 864, 907, 908, 968
- Apóstolos, 132, 179, 180, 191, 200, 204, 231, 235, 241, 351, 421, 667-674, 678, 689, 708, 712, 731, 744, 774, 782, 815, 830, 920, 921, 923, 924, 943, 968
testemunho dos, 65, 113, 132, 140, 183, 212, 241, 253, 255
- Arrependimento, 7, 58, 163, 350, 444, 445, 463, 464
- Autocomplacência, 332
- Autodesejo, 14, 332
- Auto-imagem, 286, 293, 468
- Auto-indulgência, 101
- Autojustificação, 101, 340
- Autonegação, 286, 315, 878
- Autoridade, 207, 216, 344, 366, 590, 594-596, 623, 642, 680, 845-848, 850, 851, 887-890, v. tb. Deus; Jesus Cristo; Escritura(s)
- Batismo (água), 8, 134, 355, 371, 377, 381, 419, 432, 451, 461, 463, 464, 474, 485, 652, 655-658; v. tb. Espírito Santo, batismo com
- Behaviorismo, 290
- Bíblia, 9, 18, 22, 169, 170, 179, 191, 195, 199, 202, 203, 207, 211, 215, 218, 239, 240, 242-245, 257, 276, 277, 279-282, 299, 338, 512, 515, 646, 723, 725, 736, 737, 739, 750, 751, 788, 882, 893, 901, 907, 919-921; v. tb. Escritura(s); Palavra de Deus. "erros"/problemas na, 222, 226
- Buscar a Deus, 14, 287
- Cabeça, 887-890
- Calvino, João, 329, 686, 851
- Carne, 541

- Casamento, 60, 129, 462, 608, 858, 887, 889, 891, 893-898, 901, 942, 966
- Catolicismo romano, 230, 400, 710, 713, 723, 725, 736
- Ceia, 419, 474, 655, 658, 661, 662, 664
- Céu, 561, 930, 940, 952, 959, 963-968
- Chamado, v. eleição; vocação
- Ciência, 4, 16, 18, 19, 40, 171, 226, 229, 277, 296, 594, 910, 925
- Clero, 691-694, 696
- Compaixão, 45, 764, 767, 769, 824, 859, 876, 877, 933
- Compromisso, 570
- Comunhão, 27, 99, 137, 263, 305, 379, 507, 624
- Comunidade, 66, 129, 284, 300, 315, 602, 615, 716, 717, 750, 819, 821, 828, 852, 854, 856
- Confiança, 106, 173, 433, 437, 469-472, 474, 478, 726, 929
- Confissão, 319, 320
- Conhecimento, 38, 387, 501, 539, 600, 840
- Consciência, 67, 99, 217, 281, 298, 300, 310-312, 369, 445, 530, 619, 769, 811, 837, 845, 851, 860, 862, 873, 876
- Conservadorismo (teológico), 229, 252, 744
- Conversão, 49, 255, 380, 421, 426, 430, 443, 444, 446, 448, 453, 454, 458, 459, 485, 598, 822
- Crescimento, cristão, 480-482, 488, 512, 513, 596
- Criação, 2, 109, 167, 186, 225, 277, 285, 286, 293, 302, 307, 310, 315, 405, 583, 743, 840, 870, 874, 878-880, 884, 887, 888, 892, 894, 925, 937, 954, 959, 960, 966; v. tb. Deus, Criador
- Cristão, características do, 419, 420, 425, 431, 432, 440, 489, 492, 508, 528, 557, 559, 586
- Cristianismo, 830-834 nominal, 438
- Cruz, 36, 38, 78-102, 316, 348, 355, 360, 368, 374, 402, 431, 441, 443, 538, 645, 736, 782, 812, 815, 823, 853, 865, 868, 889, 930, 931; veja também Jesus Cristo, morte de
- Culpa, 83, 129, 277, 311, 369, 371, 442, 447, 754, 811, 840
- Cultura, 212-217, 219, 280, 300, 711, 803, 842-844, 873, 880, 887, 888, 894
- Cura, 919, 926-929
- Democracia, 855, 858
- Demônio, 197, 252, 257, 261, 285, 649, 783, 943, 945, 946; v. tb. Satanás
- Depravação total, 312
- Depressão, 394
- Desejo, (humano), 38, 98, 174
- Desobediência civil, 849-851
- Desumanização, 288, 305
- Deus, 1-36, 278, 345, 356, 361, 378, 477, 558, 628, 653, 748, 751, 757, 779, 780, 813, 880, 890, 902-904, 919, 920, 930, 934, 957, 964
- amor de, 29-31, 35, 36, 98, 102, 129, 226, 290, 354, 402, 476, 478, 497, 614, 823, 837, 930, 931
- atos de, 3, 186, 736
- autoridade de, 165, 196, 725, 845, 850
- coerência de, 28, 218
- constância de, 13, 16
- Criador, 7, 10, 15, 17, 20, 169, 171, 238, 288, 297, 298, 562, 593, 743, 841; v. tb. Criação

- glória de, 167, 581, 776, 777, 960
 iniciativa de, 1, 19, 36, 88, 406, 434, 436, 440, 736, 737
 ira de, 30, 31, 33-36, 318, 354, 853
 juiz, 32, 354, 383, 418, 688, 865, 914; v. tb. julgamento
 justiça de, 823, 853, 931
 misericórdia de, 31, 354
 onipotência de, 28, 354
 paternidade de, 20, 21, 521, 623
 poder de, 2, 24, 28, 61, 98, 104, 107, 109, 182, 434
 santidade de, 26, 322
 ser de, 37, 169
 soberania de, 5, 301, 913
 transcendência de, 39
 unidade de, 8, 749
 visão de, 2, 250, 457
 vontade de, 17, 434, 522, 575, 729, 792
 zelo de, 23
 Deus das lacunas, 19
 Diálogo, 713, 789, 839
 Direitos, 292, 302, 854, 880, 882
 Disciplina, 162, 495, 545, 625
 Discipulado, 170, 491, 555, 745
 Dives e Lázaro, 872
 Divórcio, 897
 Doença, 923, 924, 927, 928, 930
 Domínio, 296-298, 871, 885
 Domínio próprio, 159, 493, 545
 Dor, 369, 929, 960
 Dúvida, 394, 498, 471, 472, 597, 799
 Economia, 872, 873, 884
 Egocentrismo, egoísmo, 330, 332, 334, 340, 369, 371, 430, 582, 628, 659, 841
 Eleição, 422, 433-437, 439, 792, 793, 808
 Episcopado, bispado, 683, 684, 687
 Equilíbrio, 255, 257, 520, 618
 Erro, 251, 252, 255, 265, 268, 677, 836
 Escritura(s), 13, 52, 67, 160, 183, 184, 187, 190, 192, 193, 205, 209, 216, 226, 227, 229-232, 234, 237-239, 250, 265, 267, 274, 280, 402, 575, 577, 711, 734, 735, 745, 804, 926; v. tb. Bíblia, Palavra de Deus
 autoridade da, 50, 53, 182, 188, 189, 204, 207, 208, 216, 217, 231, 283, 549, 594, 709, 739
 cânon da(s), 204, 205, 231
 exposição da, 210, 634-636, 806
 inspiração da, 50, 167, 179, 189, 195, 198-203
 interpretação da, 206, 212, 218, 220, 227, 229, 234, 643
 testemunho da, 9, 37, 86, 192, 229, 279, 388, 737
 “escutar duplamente”, 772
 Espírito Santo, 8, 10, 78, 114, 117, 132-163, 166, 169, 188, 200, 203, 227, 233, 255, 277, 280, 345, 371, 414, 415, 421, 458-460, 463, 464, 471, 622, 637, 645, 648, 650, 670, 723, 733, 736, 737, 748, 750, 751, 754, 755, 777, 779, 781, 841, 909, 968
 batismo com, 134, 151-153, 155
 cheio do, 152-155, 158, 493, 521, 603
 dons do, 146, 147, 579, 700, 892; v. tb. profecia; línguas
 fruto do, 150, 159, 162, 163, 493, 494, 498, 546
 testemunho do, 65, 140, 143, 345, 471, 521, 755
 Estado, 845-851, 860, 863
 Estilo de vida, 60, 560, 563, 756, 768, 873, 878
 Estudiosos, academia, 602, 604
 Evangelho, 80, 87, 89, 243, 345, 347-353, 355, 358, 365, 371, 373, 401, 404, 412, 415, 442, 615, 616, 667, 703, 705, 730, 773,

- 775, 777, 780-782, 792-796, 810, 824, 826, 832, 833, 841, 858, 869, 903, 940, 946
- Evangelhos, 37, 191, 211, 219, 221, 279, 922
- Evangelho social, 819, 821
- Evangelicalismo, evangélicos, 206, 208, 219, 235, 246, 367, 657, 684, 706, 734-747, 819
- Evangelismo, evangelização, 8, 137, 412, 458, 624, 746, 751, 756, 763, 767, 769, 771, 773, 775-779, 782, 788, 791-799, 802, 805, 811, 818-821, 826, 828, 829, 869, 876, 878
- Evolução, 17
- Existencialismo, 183, 187, 290, 915, 937
- Experiência, 29, 40, 67, 105, 142, 143, 151, 157, 270, 272, 277, 378, 537, 610, 638, 639, 745, 785, 830, 915, 932
- Expição, 36, 70, 72, 95, 368, 841
- Família, 60, 562, 778, 942
- Fé, 2, 10, 20, 170, 226, 266, 271, 348, 355, 360, 373, 377, 386-397, 400, 406, 444, 464, 467, 482, 488, 495, 498, 557, 607, 619, 655, 657, 662, 832, 839, 957
- Filiação, 142, 483, 507
- Freud, Sigmund, 308
- Fundamentalismo, 206
- Graça, 96, 147, 277, 348, 360, 361, 372-374, 384, 390, 401-410, 412, 430, 434, 437, 454, 473, 475, 517, 662, 736, 779, 832, 840, 930
- Grande Comissão, 758, 766, 767
- Guerra, 860-863, 867
- Heresia, 247, 248, 268
- Hinduísmo, 68, 69, 259
- História, 2, 7, 41, 105, 129, 774, 813, 830, 831, 879, 902-908, 910-915, 919, 931; v. tb. igreja, história
- Humildade, 223, 326, 437, 468, 522, 528, 548-553, 642, 645, 679, 777, 930
- Idolatria, 3, 7, 23, 43, 169, 250, 842, 845, 876
- Igreja, 2, 133, 137, 169, 217, 233, 242, 248, 252, 262, 264, 280, 319, 419, 454, 568, 569, 574, 611, 613-620, 622-626, 630, 666, 685, 690, 693, 699, 715-716, 728-733, 740, 750, 751, 759, 777, 780, 790, 795, 798, 828, 829, 880, 892, 918, 968
- e Estado, 847
- história, 217, 247, 905
- marcas da, 712
- reforma da, 706, 709, 721, 722, 733, 739
- renovação da, 733
- unidade da, 702-714, 739, 869
- Igualdade, 884, 885, 890
- Imagem de Cristo, 99, 367; v. tb. semelhança com Cristo
- Imagem de Deus, 171, 277, 285, 290, 292, 293, 295, 297, 298, 315, 325, 468, 836, 843, 871, 884, 885, 905, 938
- Imortalidade, 367, 369, 958, 966
- Inferno, 938, 940, 952, 967
- Iniciação cristã, 134, 463, 464
- Integridade, 559, 602, 606, 789, 873
- Islamismo, 68, 79, 217, 443, 835
- Jesus Cristo, 37-131, 169, 236, 272, 276, 284, 285, 289, 315, 318, 343, 345, 364, 371, 381, 384, 398, 430, 432, 442, 449, 568, 580, 692, 747, 750, 752, 756, 773, 774, 779, 780, 783-786, 799, 800, 831, 834, 841, 853, 864, 866, 867, 880, 889, 898, 902, 903, 905, 908, 932, 933, 936, 963; v. tb. Messias, Palavra de Deus
- amor de, 45, 584, 641
- aparência de, 111

- ascensão de, 115-118, 121, 122
- atemporal, 124
- atitude, 77
- autoridade de, 49, 50, 188, 189, 207, 208, 283, 598, 753
- controversista, 51
- divindade de, 46, 63, 127, 130, 140, 202
- em outras religiões, 68
- encarnação de, 2, 43, 47, 72, 126, 167, 202, 238, 248, 761
- ensino de, 191, 192, 235, 273, 306, 308, 500, 550, 943
- exaltação de, 70, 116 131, 277
- fonte de bondade, 71, 405
- humanidade de, 74, 126, 127, 140, 202, 900
- imaculado, 73, 356
- inerrante, 73
- justiça de, 74, 392
- mediação de, 39, 72, 88, 96, 134, 736, 749, 838, 840
- ministério de, 44, 63, 78, 132, 141, 192, 685, 825, 856, 865, 886, 921, 923, 924
- missão de, 761, 764, 765
- morte de, 36, 38, 39, 103, 105, 107, 110, 116, 129, 277, 324, 325, 355, 359, 361, 392, 404, 415, 447, 542, 832, 915, 937; veja também cruz
- nascimento de, 44, 70, 116
- no AT, 224
- nome de, 131, 758
- obra de, 10, 72, 359, 366, 470, 471, 736, 830
- palavras e ações, 54
- pessoa de, 40, 43, 72
- presença de, 139
- radical e conservador, 53
- reino/governo de, 60, 129
- ressurreição de, 70, 87, 103-118, 129, 915, 937, 961
- retorno de, 119-123, 129, 172, 323, 467, 586, 827, 842, 903, 929, 941, 942, 948, 959
- revelador de Deus, 6, 172, 184, 280, 405
- sacerdócio de, 833
- salvador, 75, 96, 118, 125, 277, 316, 358, 360, 458, 842
- senhorio de, 49, 50, 55, 56, 118, 128, 458, 559, 564, 596, 609, 710, 735, 767, 844, 845, 851, 913
- singularidade de, 69, 70, 72, 342, 660, 749, 838, 840
- sofrimento de, 45, 95, 278, 934
- transfiguração de, 325
- união com, 355, 377, 380, 432, 447, 451, 452, 485, 486, 542, 610, 656, 704, 835
- vitória de, 108, 128, 951, 956
- Jó, 930, 950
- João (apóstolo), 141, 172, 211, 263, 472, 489, 758
- Judeus, 68, 83, 740, 918
- Julgamento, 13, 19, 30, 34, 91, 98, 104, 277, 322, 348, 355, 369, 373, 383, 412, 417, 840, 879, 912, 936, 947, 960, 968
- Justiça, 25, 26, 287, 414, 465, 481, 496, 526, 536, 554, 590, 852, 854, 959; v. tb. Deus; Jesus Cristo
- Justiça própria, 101, 340
- Justiça social, 323, 823, 854, 884, 910
- Justificação, 225, 368, 372-385, 390, 395, 400, 406, 411, 412, 417, 459, 474, 527, 661
- Laicidade, leigos, 691, 693, 697
- Legalismo, 413, 535
- Lei, 377, 849, 855, 942
 - de Deus, 24, 85, 195, 278, 299, 300, 324, 358, 411-415, 499, 527, 536, 810, 840, 849, 920
- moral, 287, 299, 531
- natural, 15, 16

- Liberalismo (teológico), 206, 229, 246, 249, 710, 736
 Liberdade, 258, 266, 324, 334, 369, 371, 377, 413, 416, 427-429, 436, 587-590, 592-596, 648, 649
 Libertação, 370, 406, 591, 769, 854, 929, 960
 Líderes, liderança, 679, 687, 857, 890
 Línguas, 138, 147, 464, 511
 Louvor, 511, 649
 Lucas, 211, 781, 886
 Lutero, Martinho, 385, 400, 474, 810
 Mal, 33, 34, 36, 38, 95, 225, 251, 252, 261, 285, 300, 308, 320, 323, 362, 519, 649, 863, 864
 Maria, Virgem, 230, 249, 886
 Marx, Karl, 284, 288, 835, 902
 Materialismo, 562, 874, 942
 Meio ambiente, 18, 217, 315, 858
 Mente, 174, 178, 181, 184, 312, 326, 533, 545, 553, 564, 576, 594, 597-599, 605-609, 651, 781, 782, 930
 Messias, 135, 192, 224, 272, 278, 821, 908, 921
 Mestres, ensino, 137, 531, 624, 674, 676-678, 680, 681, 692
 falsos, 41, 235, 248, 260, 262, 268, 269, 677, 689
 tentação, 484
 Mídia, 573, 601, 796, 855
 Milagres, 63, 115, 249, 670, 731, 797, 919-926
 Ministros, ministério, 574, 654, 667, 674, 675, 679, 680, 685, 688, 695, 697, 698, 845, 848, 892
 Missões, 138, 217, 488, 665, 748-753, 756-762, 764-769, 822
 Moisés, 22, 172, 192, 195, 224, 384, 412, 810, 907, 920, 921
 Moralidade, 60, 339, 392, 401, 526, 527, 555
 Mordomia, v. administração, administradores
 Morte, 24, 86, 225, 325, 362, 369, 377, 403, 927, 933, 935-938, 949, 951-955, 959, 960; v. tb. Jesus Cristo, morte de
 espiritual, 321, 325, 393, 935, 937
 para o "eu", 538
 para o pecado, 90, 324, 486, 542, 605
 "morte de Deus", 19, 944
 Mulheres, 886, 892
 e homens, 304, 885, 890
 Mundo, 362, 453, 454, 547, 561, 567, 620, 621, 628, 720, 732, 740, 760, 762, 772, 783, 806, 821
 Natal, 42, 132
 Natureza, 7, 15, 18, 39, 104, 184, 229, 307, 446, 837, 839, 919, 925, 926, 930
 Nihilista, 289, 369
 Nova Era, 841
 Novo nascimento, 157, 456-462, 465-468, 737, 821
 Obediência, 2, 6, 64, 77, 170, 176, 209, 300, 348, 396, 415, 480, 487, 525, 527, 556, 735, 767, 851, 891
 Objetivo e subjetivo, 29, 40, 165, 183, 255, 378, 915
 Obras, 361, 373, 384, 407, 417, 510, 825
 Oração, 26, 511, 514, 516-525, 577, 624, 729
 Oradores, pregação, 97, 624, 632-647, 783, 801, 805, 806, 808-810, 812-817, 825
 Orgulho, 85, 174, 326, 327, 335, 340, 382, 398, 433, 768, 815, 879, 880
 Orientação, 576, 577
 Pacifismo, 860, 861, 863
 Palavra de Deus (Jesus Cristo), 39, 180, 181, 207, 736, 802
 (Escritura[s]), 53, 144, 170, 171, 179, 181, 182, 184, 186-188,

- 195, 199, 202, 203, 207, 209,
216, 218, 226, 227, 230, 232,
255, 274, 281-283, 366, 513,
645, 647, 652, 654, 723-725,
733, 739, 759, 772, 873, 874,
876, 896; v. tb. Bíblia, Escritura(s)
- Palavras, 805, 825
- Parábolas, 61
- Páscoa, 42, 132, 272
- Pastores, 674-677, 682, 685, 687,
690, 692, 698
- Paulo, 7, 84, 87, 97, 134, 172, 193,
211, 225, 269, 307, 345, 355,
384, 385, 413, 430, 489, 580,
592, 625, 667, 740, 758, 759,
781, 794, 845, 853, 889, 907,
915, 924
- Paz, 506, 780, 869
com Deus, 95, 378, 407, 408, 437
mundo, 518, 861, 866-868
- Pecado, 19, 23, 24, 26, 58, 85, 90, 91,
102, 145, 148, 252, 278, 306,
309, 310, 313, 316-325, 330,
331, 333, 335, 336, 350, 354,
356, 357, 359, 377, 398, 399,
412, 436, 442, 447, 458, 466,
483, 625, 754, 841, 932, 935
- Pedro, 134, 141, 211, 269, 915, 924
- Pentecoste, 132, 136-138, 723
- Perdão, 79, 85, 134, 278, 317, 350,
367, 371, 373, 381, 403, 443,
463, 474, 483, 519, 868
- Perseguição, 740, 815, 946
- Pluralismo, 342, 531, 838
- Pobreza, 875, 876, 878, 884
- Política, 564, 856, 858, 882
- Preconceito, 14, 768, 880
- Pregação, pregadores, 97, 624, 632-
647, 783, 801, 805, 806, 808-
810, 812-817, 825
- Preocupação social etc., 370, 756, 770,
818-824, 828, 829, 857, 858
- Prestar contas, 294, 558, 602, 688
- Profecia, profetas, bíblico, 50, 53, 120,
179, 192, 195, 199, 200, 219,
224, 233, 267, 338, 464, 815,
916, 917, 920, 921, 941
contemporâneo, 146, 147, 267
falso, 260, 262, 269, 643
- Promessa, 22, 58, 135, 138, 145, 224,
394, 412, 516, 612, 655, 751,
909, 918
- Propiciação, 35, 36, 368
- Propriedade, 562, 563, 627
- Protestantismo, 230, 710, 713, 723,
725, 740
- Punição, 863, 864
- Queda, 277, 286, 293, 315
- Raça, racismo, 217, 225, 879-881
- Razão, racionalidade, 4, 174, 184, 188,
227-237, 298, 315, 386-388,
576, 599, 745, 876
- Reavivamento, 132, 733
- Reconciliação, 95, 96, 305, 368, 378,
736, 780, 816, 866, 897
- Recordação, 445, 473, 490
- Redenção, 18, 74, 285, 293, 315, 368,
583, 736, 743, 807, 841, 880,
892, 908, 929
- Reforma, reformadores, 242, 366, 384,
400, 461, 661, 662, 686
- Regeneração, v. novo nascimento
- Reino, 2, 57-62, 64, 66, 550, 729, 821,
867, 908, 909, 920, 923, 956
- Relacionamento, 288, 462, 503, 717,
727
- Religião, 6, 337-342, 344, 346, 366,
373, 426, 526, 629, 731, 743,
830, 833-840, 842, 953
- Responsabilidade, 22, 176, 292, 301,
334, 480, 488, 569, 588, 590,
699, 890, 965
- Responsabilidade final, 294, 558, 602,
688
- Ressurreição, 377, 731, 737, 913, 923,
927, 928, 949, 952, 954, 955,
958-960; v. tb. Jesus Cristo, res-
surreição de

- Retaliação, 860, 864
- Revelação, 2, 7, 11, 12, 18, 26, 30, 37, 40, 67, 76, 164-187, 228-249, 264, 267, 277, 347, 389, 736, 737, 837, 839, 840, 880, 888, 920, 921, 924
- Sabedoria, 38, 98, 174
- Sacerdócio, 319, 660, 685, 686, 690
- Sacramentos, 97, 474, 652-655, 657, 658, 662; v. tb. batismo; ceia
- Sacrifício, 500, 659, 660, 889
de Cristo, 97, 351, 660, 833, 889
na missa, 661
- Salmos, 278
- Salvação, 85, 86, 102, 186, 260, 277, 305, 357-361, 363-371, 390, 393, 401, 406-408, 434, 435, 479, 510, 589, 769, 812, 833, 839, 840, 865, 906, 907, 927
- Santidade, 148, 380, 433, 439, 494, 532, 537-541, 543, 546, 547, 557, 605, 645, 732, 760, 778, 932; v. tb. Deus, santidade de
- Santificação, 380, 403, 404, 406, 411, 413, 458, 459, 462, 527, 841
- Satanás, 261, 625, 800, 944; v. tb. Demônio
- Seitas, 130, 269
- Semelhança com Cristo, 162, 367, 380, 517, 537, 575, 905, 962; v. tb. imagem de Cristo
- Senso moral, 310, 315
- Seres humanos, humanidade, 284-287, 290-293, 295-299, 306, 307, 309, 310, 314, 315, 328, 329, 340, 584, 719, 800, 811, 843, 855, 871, 879, 880, 885, 899, 901, 936; v. tb. imagem de Deus
- Serviço, 415, 561, 564-568, 571, 572, 579, 580, 583-586, 596, 680, 698, 764, 765, 818, 824, 829, 892
- Sexo, sexualidade, 858, 893-895, 900, 901, 942, 966
- Sociedade, 119, 293, 298, 300, 309, 323, 601, 621, 827, 844, 846, 856
- Sofrimento, 478, 649, 768, 877, 930-932, 934
- Solteiro, 893, 900, 901
- Subjetivo, v. objetivo e subjetivo
- Substituição, 9-95, 357, 368, 377, 542
- Teologia, 18, 226, 229, 238-250, 253, 497, 602, 606, 682, 739, 741, 742, 746, 774, 880, 906, 942
- Terceiro Mundo, 873, 876
- Testemunha (igreja/cristãos), 50, 60, 113, 129, 132, 169, 433, 561, 571, 624, 630, 755, 762, 778, 780, 785, 787, 805, 818, 825, 829
- Testemunho, 784, 785
- Tiago (apóstolo), 210, 385
- Tolerância, 251, 259, 836
- Trabalho, 128, 293, 462, 567, 568, 870, 871
- Tradição, 52, 53, 113, 188, 227, 230-237, 366, 684, 706, 710, 745
- Trindade, 8-10, 471, 519, 633, 736, 737, 841, 968
- Última ceia, v. ceia
- Últimos dias, 911, 912
- União com Cristo, v. Jesus Cristo, união com
- Verdade, 10, 14, 175, 243, 247, 248, 254, 255, 257, 261, 262, 265, 266, 270-273, 280, 421, 579, 590, 594, 603, 618, 706, 707, 741, 782, 836, 838, 840
- Vida cotidiana, 60, 429, 528, 921
- Violência, 865
- Visão de, 2, 250, 457
- Vocação, 565, 566, 572, 574, 630, 750, 757, 828, 829, 901
- Vontade própria, v. autodesejo

Conheça as obras de John Stott publicadas por Editora Vida

Eu creio na pregação

John Stott lembra-nos da herança gloriosa da pregação e seu efeito poderoso, por ser um elemento “indispensável no cristianismo”. O autor contesta os ataques que a pregação sofre nos dias atuais, examina os fundamentos teológicos que a sustentam e destaca a importância da aplicação da verdade bíblica no cotidiano cristão. Além disso, apresenta um programa eficaz e uma proposta de elaboração de sermões que transborda em sabedoria e experiência. Esse livro desafiará o leitor a viver e pregar com consciência a Palavra de Deus e a preparar-se continuamente.

A cruz de Cristo

O símbolo universal da fé cristã não é a manjedoura, mas a rude cruz. Mesmo assim, muitos cristãos não entendem o significado da cruz nem o motivo por que Cristo precisou morrer. Stott deixa claro que após a compreensão, o homem sente necessidade de ter um relacionamento íntimo com Deus marcado pela adoração. Essa obra, considerada um clássico moderno, combina exposição bíblica excelente, estudo criterioso da fé cristã e o chamado para uma vida aos pés da cruz.

“Há homens de Deus que influenciam de modo decisivo sua época e mudam o curso da História da Igreja. Podemos denominá-los de Estadistas do Reino de Deus. John Stott é um desses homens. Em um tempo de desconhecimento da História e de relativismo pós-moderno, a atual geração de leitores é desafiada a renovar o seu conhecimento e compromisso com o Sagrado Depósito da fé apostólica.”

ROBINSON CAVALCANTI, *bispo anglicano em Recife (PE), mestre em Ciências Políticas pelo Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro e colunista do site Vida Acadêmica.*

“Nesse livro, encontramos não um baú de tesouros, mas um armazém recheado de jóias teológicas que resplandecem com a perspicácia, humildade e autenticidade espiritual do exímio teólogo britânico. A leitura dessa obra será um referencial muito útil para leigos, pastores e estudantes de teologia.”

RICHARD L. HOOVER, *pastor, coordenador teológico e professor do Instituto Bíblico das Assembléias de Deus em Pindamonhangaba (SP).*

*“Nada inflama mais o coração que
novos vislumbres da verdade.”*

(JOHN STOTT)

Esta seleção de Timothy Dudley-Smith apresenta vários vislumbres da verdade que John Stott explorou em seus mais de 50 anos de escritor. Uma maneira didática e útil de conhecer a vitalidade espiritual e intelectual do renomado teólogo inglês.

A organização em tópicos de quase mil temas que tratam desde a crucificação de Jesus até o casamento e o divórcio revela a paixão de John Stott, um autor que sempre esclarece com notável habilidade as preocupações centrais do cristianismo autêntico.

“Cristianismo autêntico — o cristianismo de Cristo e de seus apóstolos — é o cristianismo sobrenatural. Não é uma ética domesticada e inofensiva; não consiste em alguns chavões morais, temperados com uma pitada de religião. Antes, ele é a religião da ressurreição, o viver pelo poder de Deus” (n.º 731).

TIMOTHY DUDLEY-SMITH, ex-bispo de Thetford, Norfolk, Inglaterra, e renomado compositor de hinos, está atualmente envolvido na produção de uma abrangente biografia de John Stott.



Vida

ACADÊMICA

ISBN 85-7367-858-5

